



MENTES SOMBRIAS

THE DARKEST MINDS



ALEXANDRA BRACKEN





MENTES SOMBRIAS

THE DARKEST MINDS



ALEXANDRA BRACKEN

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



MENTES SOMBRIAS

THE DARKEST MINDS

ALEXANDRA BRACKEN

Tradução de
Mariana Zambon





PRÓLOGO

QUANDO O RUÍDO BRANCO DISPAROU, ESTÁVAMOS no jardim, arrancando ervas daninhas.

Eu sempre reagia mal a ele. Não importava se eu estava do lado de fora, comendo na Sala de Cerimônias, ou trancada em minha cabana. Quando ele disparava, os tons agudos explodiam como uma bazuca dentro dos meus ouvidos. Outras garotas em Thurmond conseguiam recompor-se após alguns minutos, espantando a náusea e a desorientação, como fazíamos com a grama que grudava nos uniformes do acampamento. Mas eu? Horas se passariam antes que eu pudesse me recompor.

Dessa vez não teria por que ser diferente.

Mas foi.

Eu não vi o que aconteceu para provocar a punição. Estávamos trabalhando tão perto da cerca elétrica do acampamento, que era possível sentir o cheiro do ar chamuscado e a voltagem que ela emanava vibrando em meus dentes. Talvez, alguém tenha tomado coragem e decidido sair dos limites do Jardim. Ou ainda, sonhando alto, alguém tenha realizado todas as nossas fantasias e atirado uma pedra na cabeça do soldado das Forças Especiais Psi mais próximo. Isso teria valido a pena.

A única coisa que eu sabia ao certo era que os alto-falantes suspensos haviam soltado dois estrondos de aviso: um curto e um longo. A pele do meu pescoço ficou arrepiada quando me inclinei para a frente na terra úmida, com as mãos apertadas contra as orelhas e os ombros tensos para levar o golpe.

O som que saiu dos alto-falantes não foi bem um ruído branco. Não era o zumbido estranho que o ar às vezes solta quando se está sozinho em silêncio, ou o murmúrio vago do monitor de um computador. Para o governo dos Estados Unidos e seu Departamento da Juventude Psi, era o cruzamento de um alarme de carro com uma broca de dentista, num volume alto o bastante para fazer nossas orelhas sangrarem.

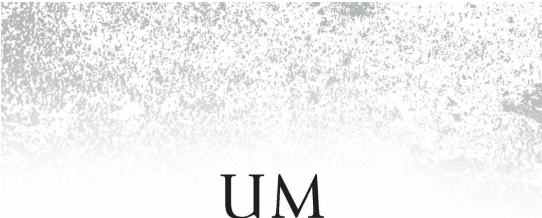
Literalmente.

O som saiu como um grito dos alto-falantes e rasgou cada nervo do meu corpo. Forçou seu caminho através das minhas mãos, rugindo sobre os gritos de centenas de aberrações adolescentes, e acomodou-se no centro de meu cérebro, onde eu não podia enfiar a mão para arrancá-lo.

Meus olhos se inundaram de lágrimas. Tentei enfiar o rosto no chão — tudo o que pude sentir na boca foi o gosto de sangue e terra. Uma garota caiu de cara perto de mim, com a boca aberta, num grito que eu não conseguia escutar. Todo o resto saiu de foco.

Meu corpo sacudia no compasso dos estouros de estática, curvando-se nele mesmo como um pedaço de papel velho e amarelado. As mãos de alguém chacoalhavam meus ombros; ouvi alguém dizer meu nome — Ruby —, mas eu estava longe demais para responder. Longe, longe, longe, afundando até que não houvesse nada, como se a terra tivesse me engolido numa única e profunda respiração. Então, a escuridão.

E o silêncio.



UM

GRACE SOMERFIELD FOI A PRIMEIRA A MORRER.

A primeira da minha classe de quarta série, afinal. Tenho certeza de que, até então, milhares, talvez até centenas de milhares de crianças já tinham partido da mesma forma que ela. As pessoas demoravam a juntar as peças — ou, pelo menos, tinham descoberto a maneira certa de nos deixar no escuro por muito tempo desde que as crianças começaram a morrer.

Quando as mortes finalmente vieram à tona, minha escola primária proibiu estritamente os professores e funcionários de falarem conosco sobre o que era, então, chamado de Doença de Everheart, por causa de Michael Everheart, o primeiro garoto morto em decorrência dela. Logo, alguém em algum lugar decidiu dar a ela um nome adequado: Neurodegeneração Aguda Idiopática Adolescente — NAIA, para encurtar. E, então, não era mais a doença de Michael. Era a doença de todos nós.

Todos os adultos que eu conhecia enterraram o que sabiam por trás de sorrisos e abraços mentirosos. Eu ainda estava presa em meu próprio mundo ensolarado, com pôneis e minha coleção de carrinhos de corrida. Olhando para trás, não consigo acreditar em como fui ingênua, quantas pistas deixei passar. Até mesmo coisas grandes, como quando meu pai, um policial, começou a trabalhar por longas horas e mal podia aguentar olhar para mim quando finalmente chegava em casa. Minha mãe começou a me submeter a um regime estrito de vitaminas e recusava-se a me deixar sozinha, mesmo que por alguns minutos.

Por outro lado, os meus pais eram ambos filhos únicos. Eu não tinha nenhum primo falecido para quem pudesse enviar bandeiras vermelhas, e havia a recusa de minha mãe em deixar meu pai instalar um “vórtice de lixo e entretenimento negligente sugador de almas” — aquela coisa comumente chamada de televisão —, o que significava que nenhum noticiário assustador agitava meu mundo. Isso, combinado com os controles paternos, no nível da CIA,

de meu acesso à internet, garantia que eu ficasse muito mais preocupada com a disposição de meus bichinhos de pelúcia sobre a cama do que com a possibilidade de morrer antes de meu décimo aniversário.

Eu também estava despreparada, por completo, para o que aconteceria no dia quinze de setembro.

Chovera na noite anterior, então meus pais me mandaram para a escola usando galochas vermelhas. Na sala de aula, falamos sobre dinossauros e praticamos caligrafia antes de a srta. Port nos dispensar para o almoço com seu usual olhar de alívio.

Eu me lembro com clareza de cada detalhe do almoço daquele dia, não porque estava sentada em frente à Grace na mesa, mas porque ela foi a primeira, e porque aquilo não deveria ter acontecido. Ela não era velha como o Vovô. Não tinha câncer, como a amiga da Mamãe, Sara. Não tinha alergias, tosse, nem machucados na cabeça — nada. Quando ela morreu, aconteceu do nada, e nenhum de nós entendeu o que isso significava até que fosse tarde demais.

Grace estava presa num debate profundo sobre se uma mosca estava presa ou não dentro de seu copo de gelatina. A massa vermelha tremia enquanto ela a sacudia, saindo pela borda do recipiente quando ela o apertava um pouco mais. Naturalmente, todos queriam dar sua opinião sobre se era uma mosca ou um pedaço de doce que Grace empurrara ali dentro. Incluindo eu.

— Não sou mentirosa — Grace disse. — Eu só...

Ela parou. O copo de plástico escorregou de seus dedos, batendo na mesa. Sua boca estava aberta, com os olhos fixos em algo logo atrás da minha cabeça. A sobrancelha de Grace estava franzida, quase como se ela ouvisse alguém explicar algo muito difícil.

— Grace? — lembro-me de ter dito. — Você está bem?

Seus olhos reviraram para trás, tornando-se brancos no segundo em que suas pálpebras amoleceram. Grace soltou um leve suspiro, que não foi forte o bastante para sequer espantar as mechas de cabelo marrom presas em seus lábios.

Todos nós que estávamos sentados perto dela congelamos, embora possamos ter tido o mesmo pensamento: ela desmaiou. Uma semana ou duas antes, Josh Preston tinha desmaiado no *playground* porque, conforme a Srta. Port explicara, ele não tinha açúcar suficiente em seu organismo — algo estúpido assim.

Uma freira enfermeira apressou-se até a mesa. Ela era uma das quatro senhoras com viseiras brancas e apitos que se revezavam no turno do almoço e no *playground* durante a semana. Eu não fazia ideia se ela tinha certificação médica além de uma vaga noção de primeiros socorros, mas, mesmo assim, ela levou o corpo molenga de Grace até o chão.

Ela tinha uma plateia absorta enquanto pressionava o ouvido contra a camiseta rosa de Grace, escutando as batidas do seu coração, que não estavam lá. Eu não sei o que a velha pensou, mas ela começou a gritar e, de repente, viseiras brancas e rostos curiosos nos cercaram. Só quando Ben Cho cutucou a mão flácida de Grace com seu tênis é que percebemos que ela estava morta.

Os outros garotos começaram a gritar. Uma menina, Tess, estava chorando tanto que não conseguia respirar. Pequenos pés debandaram na direção da porta do refeitório.

Eu só fiquei sentada, cercada por almoços abandonados, olhando para o copo de gelatina e deixando o terror rastejar por mim até que meus braços e pernas parecessem congelados à mesa para sempre. Se o oficial de segurança da escola não tivesse vindo e me carregado para fora, eu não sei por quanto tempo teria ficado ali.

Grace está morta, eu estava pensando. *Grace está morta? Grace está morta.*

E a coisa piorou.

Um mês mais tarde, após as primeiras grandes ondas de morte, os Centros de Controle e Prevenção de Doenças lançaram uma lista de sintomas, com cinco etapas, para ajudar os pais a identificar se seus filhos apresentavam risco de NAIA. Até então, metade da minha classe estava morta.

Minha mãe escondeu a lista tão bem que só a encontrei por acidente, quando subi no balcão da cozinha para procurar pelo chocolate que ela guardava em segredo atrás dos ingredientes para bolo.

Como identificar se seu filho apresenta risco, dizia o panfleto. Eu reconheci o tom laranja brilhante do papel: era o folheto que a srta. Port mandara para a casa dos poucos alunos remanescentes, dias antes. Ela o dobrara duas vezes e o prendera com grampos para evitar que o lêssemos. SOMENTE PARA OS PAIS DE RUBY estava escrito do lado de fora, sublinhado três vezes. Três vezes era sério. Meus pais me deixariam de castigo por abri-lo.

Para minha sorte, já estava aberto.

1. Seu filho subitamente se torna taciturno e isolado e/ou perde o interesse pelas atividades que costumava apreciar.
2. Ele/a começa a ter dificuldade anormal em concentrar-se ou torna-se subitamente hiperconcentrado/a em tarefas, resultando na perda de noção do tempo e/ou negligência consigo mesmo ou com os outros.
3. Ele/a sofre de alucinações, vômitos, enxaquecas crônicas, perda de memória e/ou desmaios.
4. Ele/a torna-se propenso/a a explosões violentas, comportamento imprudente, incomum ou automutilação (queimaduras, machucados e cortes que não podem ser explicados).

5. Ele/a desenvolve comportamentos ou habilidades que são inexplicáveis, perigosos ou causam danos físicos a você ou a outrem.

SE O SEU FILHO DEMONSTRAR QUALQUER UM DOS SINTOMAS ACIMA, REGISTRE-O/A EM NAIA.GOV E ESPERE PELO CONTATO INFORMANDO O HOSPITAL LOCAL PARA O QUAL ELE/A DEVERÁ SER LEVADO/A.

Quando terminei de ler o panfleto, dobrei-o de volta com cuidado, coloquei-o exatamente onde o encontrei e vomitei na pia.

Vovó telefonou mais tarde naquela semana e, com sua forma usual, direta ao ponto, explicou tudo para mim. Crianças estavam morrendo a torto e a direito, todas mais ou menos da minha idade. Mas os médicos estavam trabalhando nisso e eu não deveria ter medo, porque eu era a neta *dela* e ficaria bem. Eu deveria ser boazinha e contar aos meus pais se sentisse algo estranho, entendeu?

As coisas mudaram de ruins para aterrorizantes muito rapidamente. Uma semana depois que três das quatro crianças de minha vizinhança foram enterradas, o presidente fez um pronunciamento formal à nação. Mamãe e Papai assistiram à transmissão ao vivo pelo computador e eu escutei do lado de fora da porta do escritório.

— Meus amigos norte-americanos — o Presidente Gray começou. — Hoje nós enfrentamos uma crise devastadora, que ameaça não só a vida de nossas crianças, mas o próprio futuro de nossa grande nação. Quero confortá-los para que saibam que, nesse momento de necessidade, nós em Washington estamos desenvolvendo programas tanto para apoiar as famílias afetadas por essa terrível aflição quanto para cuidar das crianças, abençoadas o bastante para sobreviver a ela.

Eu gostaria de poder ter visto seu rosto enquanto ele falava, pois acho que ele sabia — tinha que saber — que essa ameaça, a mácula em nosso suposto glorioso futuro, não tinha nada a ver com as crianças que morreram. Enterradas no subsolo ou queimadas em cinzas, elas não podiam fazer nada além de assombrar as lembranças das pessoas que as amaram. Elas se foram. Para sempre.

E aquela lista de sintomas, que foi enviada para casa, dobrada e grampeada pelos professores, que foi transmitida centenas de vezes nos noticiários, enquanto os rostos dos mortos passavam no rodapé da tela? Eles nunca temeram pelas crianças que poderiam morrer ou pelos espaços vazios que elas deixariam.

Eles tinham medo de nós — aqueles que viviam.



DOIS

CHOVEU NO DIA EM QUE NOS LEVARAM A THURMOND, e continuou chovendo durante toda a semana, e na semana seguinte. Chuva gelada, do tipo que seria neve se estivesse cinco graus mais frio. Eu me lembro de olhar as gotas traçando caminhos frenéticos pela extensão da janela do ônibus da escola. Se eu tivesse voltado para casa, dentro do carro de um dos meus pais, teria acompanhado suas rotas sinuosas ao longo do vidro frio com meus dedos. Agora, minhas mãos estavam amarradas atrás das costas, e os homens vestindo uniformes pretos tinham agrupado quatro de nós num único assento. Quase não havia espaço para respirar.

O calor de cento e poucos corpos embaçava as janelas e agia como uma tela para o mundo exterior. Mais tarde, as janelas dos ônibus amarelos brilhantes que usavam para trazer as crianças seriam pintadas com tinta preta. Eles só não tinham pensado nisso ainda.

Eu era a mais próxima da janela no caminho que durava cinco horas, então pude discernir partes da paisagem que passava sempre que a chuva amenizava um pouco. Tudo parecia o mesmo para mim — fazendas verdes, densas vastidões de árvores. Podíamos ainda estar na Virgínia, até onde eu sabia. A garota sentada ao meu lado, que mais tarde seria classificada como Azul, pareceu reconhecer um sinal num certo ponto, pois ela se inclinou sobre mim para poder olhar melhor. Ela era familiar para mim, como se eu tivesse visto seu rosto em minha cidade, ou como se ela fosse da cidade vizinha. Acho que todas as crianças ali comigo eram da Virgínia, mas não tinha como ter certeza, pois só havia uma única grande regra: e esta era *Silêncio*.

Depois de me buscarem em casa no dia anterior, eles me mantiveram, junto com as outras crianças, em um tipo de armazém durante a noite. A sala estava inundada com um brilho que não era natural; eles nos fizeram sentar num aglomerado sobre o chão de cimento sujo e apontaram três refletores em nossa

direção. Não estávamos autorizados a dormir. Meus olhos lacrimejavam tanto por causa da poeira que eu não conseguia enxergar os rostos grudentos e pálidos ao meu redor, muito menos os rostos dos soldados que estavam de pé, logo após o círculo de luz, observando. De alguma forma esquisita, eles deixaram de ser homens e mulheres. Na névoa cinzenta do quase sono, eu os processei em pequenos e aterrorizantes pedaços: o fedor de gasolina da cera de sapatos, o ranger do couro rígido, a distorção de desgosto em seus lábios. A ponta de uma bota ao se enfiar no meu lado, forçando-me a acordar de novo.

Na manhã seguinte, a viagem foi em completo silêncio, exceto pelos rádios dos soldados e pelas crianças que choravam no fundo do ônibus. O garoto que sentava na outra ponta de nosso assento molhou as calças, mas ele não ia contar aquilo à FEP de cabeça vermelha que estava ao seu lado. Ela batera no menino quando ele reclamara de não ter comido nada o dia todo.

Pressionei meus pés descalços contra o chão, tentando manter as pernas paradas. A fome fazia minha cabeça ficar estranha também, borbulhando de vez em quando e oprimindo até mesmo os picos de terror que me atravessavam. Era difícil manter o foco e, mais difícil ainda, ficar parada; eu sentia que estava encolhendo, tentando esvaecer no assento e desaparecer por completo. Minhas mãos estavam começando a perder o tato após ficarem amarradas na mesma posição por tanto tempo. Quando eu tentava esticar a tira de plástico que ataram em volta delas não conseguia aliviar nada, só cortava ainda mais a pele macia.

Forças Especiais Psi — era assim que o motorista do ônibus chamara a si mesmo e aos outros ao nos recolherem do armazém. *Vocês devem vir conosco, sob a autoridade do comandante das Forças Especiais Psi, Joseph Traylor.* Ele levantou um papel para prová-lo, então acho que era verdade. Ensinaaram-me a não discutir com adultos, de qualquer forma.

O ônibus deu um mergulho profundo ao sair da estreita estrada rumo a um caminho de terra ainda menor. As novas vibrações acordaram aqueles que tiveram sorte ou estavam exaustos o bastante para adormecer. Eles também colocaram os uniformes pretos em ação. Os homens e as mulheres se endireitaram ainda mais e sua atenção voltou-se para o para-brisa.

Eu vi a cerca elevada primeiro. O céu cinza escurecido tingia tudo com um azul mal-humorado e intenso, mas não aquilo. Era de um prateado brilhante, conforme o vento assoviava por suas fendas abertas. Logo abaixo da minha janela havia dezenas de homens e mulheres vestindo uniforme completo, escoltando o ônibus para dentro, numa rápida corrida. Os FEPs na cabine de controle do portão levantavam-se e saudavam o motorista, conforme ele passava.

O ônibus guinou até uma parada e fomos todos forçados a permanecer mortalmente imóveis enquanto o portão do acampamento era trancado atrás de nós. Suas fechaduras estalaram através do silêncio, como trovão, ao fecharem-se

novamente. Não éramos o primeiro ônibus a passar por ele — isso ocorrera um ano antes. Não seríamos também o último. Isso ocorreria por mais três anos, até que a ocupação do acampamento chegasse ao seu limite máximo.

Houve um único sopro de quietude antes que um soldado, vestindo um poncho preto de chuva, batesse na porta do ônibus. O motorista estendeu a mão e puxou a alavanca — acabando com a esperança de todos de que essa seria uma parada breve.

Ele era um homem enorme, do tipo que você esperaria atuar no papel de um gigante malvado em um filme, ou de um vilão de desenho animado. O FEP manteve o capuz, mascarando seu rosto, cabelo e qualquer coisa que me permitiria reconhecê-lo mais tarde. Acho que não importava. Ele não falava em seu nome. Ele falava em nome do acampamento.

— Vocês vão se levantar e sair do ônibus de forma organizada — ele gritou.

O motorista tentou dar-lhe o microfone, mas o soldado o derrubou com sua mão.

— Vocês serão divididos em grupos de dez e levados para testes. Não tentem fugir. Não falem. Não façam *nada* além do que for pedido a vocês. Se não cumprirem essas instruções, serão punidos.

Aos dez anos de idade, eu era uma das crianças mais jovens do ônibus, embora certamente houvesse algumas mais novas. A maioria parecia ter doze, até mesmo treze anos. O ódio e a desconfiança ardendo nos olhos dos soldados podiam ter esmagado minha coluna, mas só causaram revolta nas crianças mais velhas.

— Vá se ferrar! — alguém gritou do fundo do ônibus.

Todos nós viramos de uma vez, bem a tempo de ver a FEP com o cabelo vermelho flamejante atirar a traseira do rifle na boca do adolescente. Ele soltou um guincho de dor e surpresa quando a soldada o fez mais uma vez, e eu vi um leve jorro de sangue irromper de sua boca, quando ele inspirou com raiva de novo. Com as mãos nas costas, não havia como bloquear o ataque. Ele só podia aguentá-lo.

Eles começaram a tirar as crianças do ônibus, um assento com quatro por vez. Mas eu ainda observava aquele garoto, a forma como ele parecia nublar o ar em torno de si com uma fúria silenciosa e tóxica. Não sei se ele percebeu que eu o estava encarando ou o quê, mas o garoto virou-se e encontrou meu olhar. Ele acenou para mim com a cabeça, como um estímulo. E quando ele sorriu, foi em meio aos dentes ensanguentados. Eu me senti sendo içada para fora do assento e, antes de perceber o que estava acontecendo, já estava deslizando pelos degraus molhados do ônibus e cambaleando na chuva. Outro FEP ergueu-me e guiou-me na direção de duas garotas, mais ou menos da minha idade. Suas roupas se prendiam nelas como uma pele velha, translúcida e flácida.

Havia cerca de vinte FEPs no chão, enxameando as impecáveis pequenas filas de crianças. Meus pés haviam sido totalmente engolidos pela lama e eu tremia em meu pijama, mas ninguém notou e ninguém veio cortar a tira de plástico de nossas mãos. Esperamos, em silêncio, com as línguas grampeadas entre os dentes. Eu olhei para as nuvens, virando meu rosto para a chuva dura. Parecia que o céu estava caindo, pedaço por pedaço.

Os últimos grupos de quatro estavam sendo retirados do ônibus e atirados ao chão, incluindo o garoto com o rosto quebrado. Ele foi o último a sair, logo após uma garota alta e loira com um olhar vazio. Eu quase não conseguia distingui-los através da cortina de chuva e das janelas embaçadas do ônibus, mas tinha certeza de que vi o garoto inclinar-se para a frente e sussurrar algo no ouvido da menina, assim que ela deu o primeiro passo para fora do ônibus. Ela acenou com uma rápida sacudida do queixo. No instante em que seus sapatos tocaram a lama, ela correu para a direita, desviando-se das mãos do FEP mais próximo. Um dos FEPs gritou um aterrorizante “*Pare!*”, mas ela continuou correndo, direto para os portões. Com a atenção de todos voltada para ela, ninguém pensou em olhar para o garoto que ainda estava no ônibus — ninguém além de mim. Ele veio escorregando pelos degraus, com a parte da frente de seu suéter com capuz branco manchada pelo próprio sangue. A mesma FEP que o atingira antes, agora o ajudava a descer, como fizera com o resto de nós. Eu observei os dedos dela se fecharem em torno do cotovelo dele e senti o eco de sua pegada em minha própria pele recém-machucada; eu o observei virar-se e dizer algo a ela; em seu rosto, uma máscara de perfeita calma.

Eu vi a FEP soltar o braço dele, tirar a arma de seu coldre e, sem uma palavra — sem sequer piscar —, enfiar o cano em sua própria boca e puxar o gatilho.

Não sei se gritei em voz alta ou se o som estrangulado veio da mulher despertando para o que estava fazendo, dois segundos tarde demais para parar. A imagem do seu rosto — o maxilar frouxo, os olhos saltando do crânio, a distorção da pele solta de súbito — permaneceu queimando o ar como um negativo de foto, muito mais do que a explosão de sangue rosa, nublado, e pedaços de cabelo contra o ônibus.

A garota ao meu lado caiu desfalecida, e então não havia nenhum de nós que não estivesse gritando.

A FEP caiu no chão no exato momento em que a garota foi derrubada na lama. A chuva lavava o sangue da soldada pela janela do ônibus e pelos painéis amarelos, alargando as linhas escuras e intumescidas, enxaguando-as até que desapareceram por completo. Foi rápido assim.

O garoto olhava só para nós.

— *Corram!* — ele gritou, através dos dentes quebrados. — O que vocês estão fazendo? *Corram, corram!*

E a primeira coisa que passou pela minha mente não foi *O que é você?* nem mesmo *Por quê?*

Foi *Mas eu não tenho para onde ir.*

Ele podia ter explodido todo o ônibus com o pânico que causou. Alguns garotos o ouviram e tentaram correr para a cerca, somente para terem seu caminho bloqueado pela fileira de soldados de preto que parecia surgir do nada. A maioria só ficava ali e gritava, e gritava, e gritava, a chuva caindo por todos os lados, a lama sugando seus pés para baixo firmemente no lugar. Uma garota me derrubou no chão com o ombro enquanto os outros FEPs corriam em direção ao menino, que ainda permanecia na porta do ônibus. Os outros soldados gritavam para sentarmos no chão, para ficarmos parados ali. Eu fiz exatamente o que mandaram.

— Laranja! — eu ouvi um deles gritar em seu *walkie-talkie*. — Temos uma situação no portão principal. Preciso de algemas para um Laranja!

Só quando eles nos cercaram de novo e colocaram o garoto com o rosto quebrado no chão foi que eu me arrisquei a olhar para cima. E só então comecei a me perguntar, com o pavor percorrendo minha coluna, se ele era o único que podia causar algo assim. Ou se todos ao meu redor estavam ali porque também podiam fazer alguém se machucar daquela forma.

Eu não — as palavras atravessavam minha mente — *eu não, eles cometeram um erro, um erro...*

Eu observei, com uma sensação de vazio no meio do peito, enquanto um dos soldados pegava uma lata de tinta em *spray* nas mãos e pintava um enorme X laranja nas costas do garoto. O garoto só tinha parado de gritar porque dois FEPs puxaram uma estranha máscara preta até a parte inferior de seu rosto — como se estivessem amordaçando um cachorro.

A tensão gotejava em minha pele como suor. Eles fizeram nossas filas marcharem pelo campo até a enfermaria para triagem. Enquanto caminhávamos, vimos crianças andando no sentido oposto, saindo de uma coluna de patéticas cabines de madeira. Todas estavam usando uniformes brancos, com um X colorido diferente marcado em cada uma de suas costas e com um número escrito em preto acima dele. Eu vi cinco diferentes cores no total — verde, azul, amarelo, laranja e vermelho.

As crianças com os X verdes e azuis podiam caminhar livremente, com as mãos soltas. As que tinham um fraco X amarelo, ou laranja ou vermelho, eram forçadas a pelejar pela lama com mãos e pés presos em algemas de metal, com uma longa corrente conectando-as em linha. Aqueles marcados com manchas laranjas usavam máscaras semelhantes a mordidas sobre o rosto.

Fomos levados às pressas para um lugar com as luzes brilhantes e o ar escuro, onde um cartaz de papel rasgado rotulava de ENFERMARIA. Os médicos e as enfermeiras revestiam o longo corredor, observando-nos com

caretas e cabeças balançando. O chão, com pisos quadriculados, tornou-se escorregadio com a chuva e a lama e eu precisei de toda concentração para não escorregar. Meu nariz estava preenchido com o cheiro do álcool e limão falso.

Apresentamo-nos um a um, subindo uma escada de cimento escuro no fundo do primeiro andar, que estava repleta de camas vazias e cortinas brancas molengas. *Laranja não. Vermelho não.*

Eu podia sentir minhas entranhas se revirando profundamente na minha barriga. Não conseguia parar de ver o rosto daquela mulher, bem na hora em que ela puxou o gatilho, ou a massa de seu cabelo sangrento que pousou perto dos meus pés. Não conseguia parar de ver o rosto da minha Mãe, quando ela me trancou na garagem. Não conseguia parar de ver o rosto da Vovó.

Ela virá, eu pensei. Ela virá. Ela consertará a Mamãe e o Papai e virá me buscar. Ela virá, ela virá, ela virá...

Lá em cima, eles finalmente cortaram a amarra de plástico de nossas mãos e nos dividiram de novo, mandando metade para a direita do corredor gelado e metade para a esquerda. Ambos os lados pareciam exatamente iguais — não mais do que poucas portas fechadas e uma pequena janela bem ao final. Por um instante, não fiz nada além de observar a chuva bombardear aquele pequeno e embaçado painel de vidro. Então, a porta à esquerda abriu-se com um gemido baixo e o rosto de um homem roliço de meia-idade apareceu. Ele lançou um olhar em nossa direção antes de sussurrar algo ao FEP líder do grupo. Uma a uma, mais portas se abriram e mais adultos apareceram. A única coisa que tinham em comum, além de seus casacos brancos, era um olhar compartilhado de suspeita.

Sem uma única palavra como explicação, os FEPs começaram a puxar e empurrar as crianças na direção de cada um dos casacos brancos e seu escritório associado. A explosão de ruídos confusos e estressados que irrompiam das filas era silenciada com uma campainha penetrante. Caí de costas sobre os calcanhares, observando as portas se fecharem, uma a uma, imaginando se eu veria aquelas crianças novamente.

O que há de errado conosco? Parecia que minha cabeça estava cheia de areia molhada, conforme eu olhava sobre meu ombro. O garoto com o rosto quebrado não estava em lugar algum, mas sua lembrança me perseguia por todo o acampamento. Eles nos trouxeram aqui porque pensavam que tínhamos a doença de Everheart? Pensavam que íamos morrer?

Como aquele garoto conseguiu que a FEP fizesse o que ela fizera? O que ele disse a ela?

Eu senti uma mão deslizando sobre a minha enquanto eu ficava ali parada, tremendo forte o bastante a ponto de doerem minhas juntas. A garota — a mesma que tinha me empurrado na lama lá fora — lançou-me um olhar feroz. Seu cabelo louro-escuro estava colado contra seu crânio, emoldurando uma

cicatriz cor-de-rosa que se curvava entre o lábio superior e o nariz. Seus olhos escuros piscavam e, quando ela falou, vi que tinham cortado os fios de seu aparelho dental, mas deixaram os quadradinhos de metal colados aos dentes da frente.

— Não tenha medo — ela sussurrou. — Não deixe que eles vejam.

O rótulo escrito à mão na etiqueta do casaco dela dizia SAMANTHA DAHL. Estava preso à nuca dela como uma ideia tardia.

Ficamos ombro a ombro, perto o bastante para que nossos dedos entrelaçados ficassem escondidos entre o tecido das calças do meu pijama e da jaqueta roxa acolchoada dela. Eles a pegaram a caminho da escola na mesma manhã que me buscaram. Isso fora um dia atrás, mas eu me lembrei de ver seus olhos escuros brilhando forte, com ódio, no fundo da van na qual eles nos prenderam. Ela não gritou como os outros.

As crianças que desapareceram através das portas agora voltavam, levando casacos cinzas e *shorts* em suas mãos. Em vez de retornar para nossa fila, eles marcharam escada abaixo, antes que qualquer pessoa pudesse pensar em falar uma palavra ou lançar um olhar de questionamento.

Eles não parecem machucados. Eu sentia o cheiro de caneta permanente e algo que poderia ser álcool, mas ninguém estava sangrando ou chorando.

Quando finalmente foi a vez da garota, o FEP no início da fila nos separou com um puxão forte. Eu queria entrar com ela, encarar o que tivesse atrás da porta. Qualquer coisa deveria ser melhor do que ficar sozinha de novo, sem ninguém ou nada em que me ancorar.

Minhas mãos estavam tão trêmulas que eu tive que cruzar os braços e agarrar meus cotovelos para fazê-las parar. Fiquei na frente da fila, olhando para o vão brilhante do piso quadriculado entre as botas pretas do FEP e meus dedos manchados de lama. Eu já estava morta de cansaço pela noite anterior de insônia, e o odor da graxa da bota do soldado levou minha cabeça a uma névoa ainda mais profunda.

E então eles me chamaram.

Quando dei por mim, estava num escritório a meia-luz, da metade do tamanho do meu quarto apertado, em casa, sem me lembrar de ter entrado nele.

— Nome?

Eu estava olhando para uma cama dobrável e para a estranha e cinzenta máquina em formato de auréola que havia sobre ela.

O rosto do casaco branco apareceu de trás do *laptop* sobre a mesa. Ele era um homem de aparência frágil, cujos finos óculos prateados pareciam estar em sério perigo de deslizar de seu nariz a cada movimento rápido. Sua voz era anormalmente aguda e ele não falava as palavras, mas, sim, as guinchava. Pressionei as costas contra a porta fechada, tentando criar um espaço entre mim, o estranho e a máquina.

O casaco branco seguiu meu olhar até a cama dobrável.

— É um *scanner*. Não precisa ter medo.

Eu não devo ter parecido convencida, pois ele continuou:

— Você já quebrou algum osso ou bateu a cabeça? Você sabe o que é uma máquina de tomografia?

Foi a paciência em sua voz que me atraiu mais um passo à frente. Eu sacudi a cabeça.

— Em um minuto, vou deitá-la e usar essa máquina para verificar se está tudo bem com a sua cabeça. Mas, primeiro, você precisa me dizer o seu nome.

Verificar se está tudo bem com a sua cabeça. Como ele sabia?

— *Seu nome* — ele disse, com as palavras um pouco mais afiadas.

— Ruby — respondi, e tive que soletrar meu sobrenome.

Ele começou a digitar no *laptop*, distraído por um momento. Meus olhos desviaram de volta para a máquina, imaginando o quão doloroso seria ter o interior da cabeça inspecionado. Imaginando se ele poderia, de alguma forma, enxergar o que eu fiz.

— Caramba, estão ficando preguiçosos — o casaco branco resmungou, mais para si mesmo do que para mim. — Eles pré-classificaram você?

Eu não tinha ideia do que ele estava falando.

— Quando eles te pegaram, fizeram perguntas? — ele indagou, em pé. A sala não era nem um pouco grande. Em dois passos, ele estava ao meu lado e eu entrei em pânico total em duas batidas do meu coração. — Seus pais reportaram seus sintomas aos soldados?

— Sintomas? — guinchei em voz alta. — Não tenho sintomas. Eu não tenho...

Ele balançou a cabeça, parecendo mais irritado do que outra coisa.

— Calma; você está segura aqui. Não vou te machucar. — O casaco branco continuou falando, com a voz estável, com algo tremeluzindo em seus olhos. As falas pareciam ensaiadas.

— Existem muitos tipos diferentes de sintomas — ele explicou, inclinándose para olhar em meus olhos. Tudo o que pude ver foram seus dentes da frente tortos e os círculos escuros cercando seus olhos. Seu hálito cheirava café e hortelã. — Muitos tipos diferentes de... crianças. Vou tirar uma foto do seu cérebro e isso nos ajudará a colocá-la junto com os outros que são como você.

Eu balancei a cabeça.

— Eu não tenho sintoma nenhum! A Vovó está vindo, está sim, eu juro. Ela vai te contar, por favor!

— Diga-me, querida, você é muito boa em matemática e quebra-cabeças? Os Verdes são incrivelmente inteligentes e possuem memória surpreendente.

Minha mente voltou para os garotos do lado de fora, para o X colorido nas costas de suas camisetas. *Verde*, pensei. Quais eram as outras cores? *Vermelho*,

Azul, Amarelo e...

E Laranja. Como o garoto com a boca sangrando.

— Tudo bem — ele disse, respirando bem fundo. — Apenas deite-se naquela cama e vamos começar. Agora, por favor.

Eu não me movi. Os pensamentos corriam muito depressa na minha cabeça. Era uma luta até mesmo olhar para ele.

— *Agora* — ele repetiu, dirigindo-se até a máquina. — Não me faça chamar um dos soldados. Eles não serão nem um pouco legais, acredite. — Uma tela no painel ao lado ganhou vida com um único toque e, então, a máquina se iluminou. No centro do círculo cinza havia uma luz brilhante, piscando, enquanto se ajustava para outro teste. Exalava ar quente em baforadas e chiados que pareciam pinicar todos os poros do meu corpo.

Tudo o que eu conseguia pensar era, *Ele vai saber. Ele vai saber o que fiz com eles.*

Minhas costas estavam encostadas na porta mais uma vez, minha mão buscava pela maçaneta às cegas. Todos os sermões que meu pai tinha dado sobre estranhos pareciam tornar-se realidade. Esse não era um lugar seguro. Esse homem não era bonzinho.

Eu estava tremendo tanto que ele deve ter pensado que eu ia desmaiar. Ou isso, ou ele iria me forçar a deitar na cama e me segurar ali até que a máquina descesse e se travasse sobre mim.

Eu não estava pronta para correr antes, mas estava agora. Enquanto meus dedos apertavam a maçaneta, senti a mão dele avançar através da desgovernada massa cinza do meu cabelo e apanhar a minha nuca. O choque de suas mãos geladas sobre minha pele ruborizada me fez recuar, mas foi a explosão de dor na base do meu crânio que me fez gritar.

Ele me encarou, sem piscar, com os olhos subitamente desfocados. Mas eu estava vendo tudo — coisas impossíveis. Mãos batucando no volante de um carro, uma mulher com um vestido preto inclinando para me beijar, uma bola de beisebol voando em direção à minha cara, uma vastidão infindável de campo verde, uma mão passando pelo cabelo de uma garotinha... As imagens passavam atrás dos meus olhos fechados como um velho filme caseiro. Os formatos das pessoas e dos objetos queimavam em minhas retinas e ficavam ali, flutuando atrás das pálpebras como fantasmas famintos.

Não são minhas, minha mente gritou. *Elas não pertencem a mim.*

Mas como poderiam ter sido dele? Cada uma das imagens... seriam memórias? Pensamentos?

Então eu vi mais. Um garoto, a mesma máquina escaneadora acima dele piscando e fumegante. *Amarelo*. Eu senti as palavras nos meus lábios, como se eu estivesse ali para dizê-las. Vi uma garotinha ruiva do outro lado de uma sala, bem parecida com esta; eu a vi levantar um dedo, e a mesa e o *laptop* na frente dela

se ergueram bem acima do chão. *Azul* — de novo, a voz do homem na minha cabeça. Vi um garoto segurando um lápis entre as mãos, estudando-o com aterrorizante intensidade — o lápis irrompendo em chamas. *Vermelho*. Cartas com imagens e números nelas, seguradas na frente do rosto de uma criança. *Verde*.

Fechei os olhos com força, mas não consegui me afastar das imagens que vinham a seguir — as filas de monstros marchando, amordaçados. Eu estava em pé, bem acima, olhando para baixo através de um vidro respingado pela chuva, mas vi as algemas e as correntes. Eu vi tudo.

Não sou um deles. Por favor, por favor, por favor..

Caí de joelhos, apoiando as mãos contra o piso, tentando não vomitar em mim e no chão. A mão do casaco branco ainda segurava minha nuca.

— Eu sou Verde — solucei, com as palavras meio perdidas por causa do zumbido da máquina. Antes a luz estava brilhante, mas agora só amplificava o pulsar atrás dos meus olhos. Encarei o olhar vazio dele, desejando que ele acreditasse em mim. — Eu sou Verde... por favor, *por favor..*

Mas eu vi o rosto da minha mãe, o sorriso que o garoto da boca quebrada me dera, como se tivesse reconhecido algo de si mesmo em mim. Eu sabia o que eu era.

— Verde...

Olhei para cima, em direção ao som da voz que flutuava até mim. Olhei e ele me encarou de volta, com os olhos desfocados. Ele murmurava algo agora, com a boca empapada, como se mastigasse as palavras.

— Eu sou...

— Verde — ele disse, balançando a cabeça. Sua voz soava mais forte. Eu ainda estava no chão, quando ele foi desligar a máquina, e fiquei tão chocada quando ele voltou para sentar-se à mesa que, de fato, nem consegui chorar. Mas foi só no momento em que ele pegou o *spray* verde e desenhou aquele enorme X nas costas da camiseta do uniforme para me entregar que lembrei de começar a respirar.

Tudo ficaria bem, eu disse a mim mesma, enquanto voltava pelo corredor frio, descendo as escadas até as garotas e os homens uniformizados que me aguardavam lá embaixo. Foi naquela noite, enquanto estava deitada, acordada, em meu beliche, que percebi que só tive uma chance de correr — e eu não a aproveitara.



TRÊS

SAMANTHA — SAM — E EU FOMOS COLOCADAS na Cabana 27, junto com as demais garotas do nosso ônibus que foram classificadas como Verdes. Catorze, no total, embora, até o dia seguinte, houvesse mais vinte. Eles subiram o número para trinta após uma semana, e continuaram enchendo a próxima estrutura de madeira ao longo do sempre ensopado e pisoteado caminho principal do acampamento.

Beliches eram atribuídos em ordem alfabética, o que colocou Sam diretamente acima de mim — uma pequena misericórdia, já que o resto das garotas não era nada como ela. Elas passaram a primeira noite petrificadas, em silêncio ou soluçando. Eu não tinha mais tempo para lágrimas. Eu tinha perguntas.

— O que vão fazer com a gente? — sussurrei para ela. Estávamos na última ponta à esquerda da cabana, nosso beliche empurrado contra o canto. As paredes da estrutura foram erguidas em tão pouco tempo que não haviam sido completamente vedadas. De vez em quando, uma lufada gélida ou um floco de neve assoviava do exterior silencioso.

— Não sei — ela disse baixinho. Algumas camas adiante, uma das garotas, enfim, entrara no esquecimento do sono, e seus roncoss ajudavam a acobertar nossa conversa. Quando um FEP nos acompanhou até nossa nova residência, o fez com diversos alertas: nada de falar após as luzes se apagarem, nada de ir embora, nada de usar habilidades bizarras — intencionais ou acidentais. Era a primeira vez que eu ouvia alguém se referir ao que podíamos fazer como “habilidades bizarras” em vez da alternativa educada, “sintomas”.

— Acho que vão nos deixar aqui até encontrarem uma cura — Sam continuou. — Foi o que meu pai disse, pelo menos quando os soldados foram me buscar. O que seus pais disseram?

Minhas mãos não haviam parado de tremer desde antes, e sempre que

tentava fechar os olhos, tudo o que eu conseguia ver eram os olhos vazios do cientista olhando bem dentro dos meus. A menção dos meus pais só piorou o pulsar da minha cabeça.

Não sei por que menti. Foi mais fácil, eu acho, do que dizer a verdade; ou talvez porque alguma pequena parte daquilo parecia *ser* verdade, de fato.

— Meus pais estão mortos.

Ela inspirou forte por entre os dentes.

— Queria que os meus estivessem também.

— Você não está falando sério!

— Foram eles que me mandaram para cá, não foram? — era perigoso o modo como sua voz se erguia. — É óbvio que eles queriam se livrar de *mim*.

— Eu não acho — comecei, apenas para me interromper. Meus pais também não quiseram se livrar de mim?

— Deixa para lá, tá tudo bem — ela disse, embora, era claro, não estivesse e nunca estaria tudo bem. — Vamos ficar aqui, juntas, e, quando sairmos, poderemos ir para onde quisermos, sem ninguém para nos impedir.

Minha mãe costumava dizer que, às vezes, só o fato de dizer algo em voz alta era o bastante para que fosse verdade. Eu não tinha certeza daquilo, mas da forma como Sam disse, com uma queimação suave por trás de suas palavras, comecei a repensar. De repente, parecia possível que funcionaria daquele jeito — que, se eu não pudesse ir para casa, eu ainda ficaria bem no final das contas, se eu ficasse ao lado dela. Era como se, a qualquer lugar que Sam fosse, um caminho se abria atrás dela; tudo o que eu tinha a fazer era ficar atrás de sua sombra, fora da linha de visão dos FEPs, evitando fazer qualquer coisa que pudesse chamar atenção para mim.

Funcionou assim por cinco anos.

Cinco anos parece uma vida quando um dia escorre para o próximo e seu mundo não se estende para além da cerca elétrica cinza, que rodeia dois quilômetros de prédios ordinários e lama. Eu nunca fui feliz em Thurmond, mas era tolerável porque Sam estava lá para que fosse assim. Ela estava lá com o revirar de olhos quando Vanessa, uma de nossas companheiras de cabana, tentou cortar o próprio cabelo com tesouras de jardinagem para parecer mais “estilosa” (“Para quem?”, Sam murmurara, “para o reflexo dela no espelho do vestiário?”); com a tola expressão estrábica, pelas costas do FEP, dando-lhe um sermão por ter falado novamente fora de sua vez; e o firme — porém gentil — choque de realidade quando a imaginação das garotas começava a correr solta ou quando surgiam rumores sobre os FEPs nos deixarem ir embora.

Sam e eu éramos realistas. Sabíamos que não seríamos libertadas. Sonhar levava à decepção, e a decepção a um tipo de depressão que não era fácil de curar. Melhor ficar na penumbra do que ser devorado pela escuridão.

Após dois anos em Thurmond, os controladores do acampamento começaram a trabalhar na Fábrica. Eles falharam em reabilitar aqueles que eram perigosos e os rebocaram à noite, mas as “melhorias” não pararam por aí. Ocorreu-lhes que o acampamento precisava ser totalmente “autossuficiente”. Daquele momento em diante, cultivaríamos e cozinharíamos a própria comida, limparíamos os vestiários, confeccionaríamos nossos uniformes, e até mesmo os deles.

A estrutura de tijolo ficava no final do lado oeste do acampamento, contido numa extremidade do longo retângulo de Thurmond. Eles nos fizeram cavar a fundação para a Fábrica, mas os controladores do acampamento não confiaram em nós para, de fato, construí-la. Nós a observamos crescer, andar por andar, imaginando para o que serviria, e o que eles fariam conosco ali. Isso foi quando todos os tipos de rumores estavam flutuando como dentes-de-leão ao vento — alguns pensavam que os cientistas voltariam para mais experimentos; outros pensavam que o novo prédio era para onde mandariam os Vermelhos, Laranjas e Amarelos se e quando voltassem; e alguns pensavam que era onde se livrariam de nós, de uma vez por todas.

— Vamos ficar bem — Sam me dissera uma noite, logo antes de desligarem as luzes. — Não importa o que aconteça, você entendeu?

Mas não ficou tudo bem. Não estava tudo bem naquela época, e não está tudo bem agora.

Não se podia conversar na Fábrica, mas sempre havia meios de contornar isso. Na verdade, o único momento em que *podíamos* falar uns com os outros era em nossa cabana, antes de as luzes se apagarem. Em todos os outros lugares, era só trabalho, obediência, silêncio. Mas não se pode durar por anos sem desenvolver um tipo diferente de linguagem, formada por sorrisinhos furtivos e olhares rápidos. Hoje nos fizeram polir e recolocar os cadarços das botas dos FEPs e apertar os botões dos uniformes deles, mas o simples balançar de um cadarço preto solto e um olhar na direção da garota à sua frente — a mesma que a tinha chamado de uma palavra horrível na noite anterior — falava em alto volume.

A Fábrica não era bem uma fábrica. Armazém provavelmente teria sido um nome melhor, porque o prédio consistia de apenas uma grande sala, com uma passarela suspensa sobre o chão de trabalho. Os construtores pensaram bastante ao instalarem quatro janelas grandes nas paredes leste e oeste, mas, como não havia aquecimento no inverno, nem ar-condicionado no verão, elas tendiam a deixar entrar mais intempéries do que luz do sol.

Os controladores do acampamento tentavam manter as coisas da forma mais simples possível; organizaram fileiras e fileiras de mesas em todo o comprimento do chão de concreto. Havia centenas de jovens trabalhando na Fábrica naquela manhã, todos em uniformes Verdes. Dez FEPs patrulhavam as passarelas acima de nós, cada um deles com seu rifle preto. Outros dez estavam

conosco no chão.

Não era mais enervante do que sentir a pressão comum dos olhos deles vindo de todas as direções. E eu não tinha dormido bem na noite anterior, mesmo após um dia repleto de trabalho no Jardim. Fui para a cama com dor de cabeça e acordei com uma névoa brilhante de febre sobre o meu cérebro e, para piorar, com dor de garganta. Até mesmo minhas mãos pareciam letárgicas, meus dedos estavam duros como lápis.

Eu sabia que não estava mantendo o ritmo. De certa forma, era como se me afogasse. Quanto mais eu tentava trabalhar, manter minha cabeça acima da água, mais cansada eu me sentia e mais lenta eu me tornava. Após um tempo, até mesmo sentar-me ereta era muito esforço e eu tive que me segurar na mesa para evitar mergulhar dentro dela. Na maioria dos dias, eu conseguia me safar com um ritmo lento. Eles não nos colocavam para fazer trabalhos importantes, também não tínhamos prazos para cumprir. Todas as tarefas que nos atribuíam eram apenas uma atividade bendita para manter nossas mãos em movimento, nossos corpos ocupados e nossas mentes mortas de tédio. Sam chamava isso de “recesso forçado” — eles nos deixavam sair de nossas cabanas e o trabalho não era difícil ou exaustivo como era no Jardim, mas ninguém queria estar ali.

Especialmente quando os valentões vinham para o *playground*.

Eu sabia que ele estava em pé, atrás de mim, muito antes de ouvi-lo contar os sapatos acabados e brilhantes na minha frente. Ele cheirava a carne temperada e óleo de carro, o que já era uma combinação perturbadora antes de uma borrifada de fumaça de cigarro ser adicionada à mistura. Tentei endireitar as costas sob o peso do seu olhar, mas parecia que ele tinha fechado os punhos e os cravado fundo entre minhas omoplatas.

— Quinze, dezesseis, dezessete... — como era possível que eles faziam até mesmo os números soarem afiados?

Em Thurmond, não podíamos tocar uns nos outros e estávamos muito mais do que proibidos de tocar nos FEPs, mas isso não significava que eles não podiam nos tocar. O homem deu dois passos para a frente; suas botas — exatamente como as que estavam sobre a mesa — cutucaram a parte de trás das minhas sapatilhas padronizadas. Como não respondi, ele passou o braço sobre meu ombro, sob o pretexto de analisar meu trabalho, e me pressionou contra seu peito. *Encolha*, eu disse a mim mesma, enrolando a coluna para baixo, virando o rosto para a tarefa à minha frente, *encolha e desapareça*.

— Indigno — escutei o FEP grunhir atrás de mim. Seu corpo soltava calor suficiente para aquecer todo o prédio. — Você está fazendo tudo errado. Olhe, veja, garota!

Dei a primeira olhada real para ele pelo canto do olho, enquanto ele arrancava o pano manchado de cera da minha mão e movia-se para meu lado. Ele era baixo, apenas um centímetro ou dois mais alto do que eu, com um nariz

gorducho e bochechas que pareciam farfalhar sempre que respirava.

— Assim — ele dizia, polindo a bota que pegara. — *Olhe* para mim!

Um truque. Também não podíamos olhar diretamente nos olhos deles.

Ouvi alguns risinhos ao meu redor — não das garotas, mas dos FEPs reunidos atrás dele.

Senti como se estivesse fervendo de dentro para fora. Era dezembro, e não havia como a fábrica estar mais quente do que quatro graus, mas fileiras de suor corriam pelas curvas das minhas bochechas, e senti uma dura e forte tosse subindo pela garganta.

Houve um leve toque no meu lado. Sam não podia tirar os olhos de seu próprio trabalho, mas eu vi os olhos dela deslizarem sobre mim, tentando avaliar a situação. Uma onda vermelha furiosa caminhava da garganta dela até o rosto, e eu só podia imaginar os tipos de palavras que ela estava guardando. Seu cotovelo ossudo encostou mais uma vez no meu, como se fosse para me lembrar de que ela ainda estava ali.

Então, com lentidão agonizante, senti o FEP mover-se atrás de mim de novo, tocando meu ombro e braço com o braço dele enquanto depositava a bota, com gentileza, de volta na mesa à minha frente.

— Essas botas — ele disse com uma voz baixa, ronronante, enquanto batia na caixa de plástico contendo todo o meu trabalho acabado —, você passou o cadarço nelas?

Se eu não soubesse o tipo de punição que receberia por isso, teria explodido em lágrimas. Quanto mais ficava ali, mais me sentia estúpida e envergonhada, mas não podia falar nada. Não podia me mover. Minha língua havia inchado para o dobro de seu tamanho normal atrás dos meus dentes cerrados. Os pensamentos que passavam pela minha cabeça eram leves e envoltos numa estranha qualidade leitosa. Meus olhos mal podiam focar agora.

Mais risinhos atrás de nós.

— Os cadarços estão todos errados.

O outro braço dele envolveu meu lado esquerdo, até que não havia um centímetro de seu corpo que não estivesse pressionado contra o meu. Algo novo surgiu em minha garganta e tinha um forte gosto de ácido.

As mesas em volta de nós tornaram-se totalmente quietas e silenciosas.

Meu silêncio só o agitou. Sem avisar, ele pegou o cesto de botas e o virou, deixando dezenas de botas espalhadas pela mesa e fazendo uma quantidade terrível de ruído. Agora todos na Fábrica estavam olhando. Todos me viam, colocada sob a luz.

— Errado, errado, errado, errado, *errado*! — ele cantou, derrubando as botas. Mas elas não estavam erradas. Estavam perfeitas. Eram apenas botas, mas eu sabia os pés que as vestiriam. Eu sabia que não podia estragar tudo.

— Você é tão surda quanto é burra, Verde?

E, então, claro como o dia, grave como trovão, escutei Sam dizer:

— Essa era minha caixa.

Tudo o que pude pensar foi *Não. Ah, não.*

Senti o FEP virar-se atrás de mim, recuando de surpresa. Eles sempre agiam assim — surpresos, por lembrarmos como usar as palavras e como usá-las contra eles.

— O que você disse? — ele berrou.

Dava para ver o insulto subindo aos lábios dela. Ela o estava revirando em sua língua, como um pedaço de bala dura de limão.

— Você me ouviu. Ou inalar essa cera matou os poucos inúteis neurônios que te sobraram?

Eu sabia o que ela queria quando olhou para mim. Sabia o que ela estava esperando. Era exatamente o que ela me deu: apoio.

Dei um passo para trás, cruzando os braços sobre o estômago. *Não faça isso*, disse a mim mesma, *não. Ela consegue se virar*. Sam não tinha nada a esconder e ela era corajosa, mas, sempre que fazia isso, sempre que me defendia, eu encolhia de medo, sentia como se a estivesse traindo. Mais uma vez, minha voz ficava presa atrás de camadas de precaução e medo. Se eles fossem olhar meu arquivo, se vissem as brechas nele e comesçassem a tentar preenchê-las, nenhuma punição que dessem a Sam *jamaís* se compararia à que me dariam.

Ao menos foi isso que disse a mim mesma.

O lado direito do lábio do cara se ergueu, transformando a linha de um sorriso num risinho jocoso.

— Temos uma viva.

Vamos lá, vamos lá, Ruby. Tudo se resumia à inclinação da cabeça dela, à rigidez de seus ombros. Ela não entendia o que aconteceria comigo. Eu não era corajosa como ela.

Mas eu queria ser. Eu queria muito, muito ser.

Não posso. Não precisava dizer em voz alta. Ela leu com facilidade em meu rosto. Eu a vi perceber isso atrás de seus olhos, antes mesmo de o FEP dar um passo à frente e agarrar seu braço, arrancando-a da mesa, de mim.

Vire-se, implorei. O rabo de cavalo loiro dela estava balançando a cada passo, erguendo-se sobre os ombros dos FEPs que a escoltavam para fora. *Vire-se.* Eu precisava que ela visse como eu estava arrependida, entender que o aperto em meu peito e a náusea em meu estômago não tinham nada a ver com a febre. Todos os pensamentos desesperados que passaram pela minha cabeça fizeram com que eu me sentisse enojada. Os olhos que estavam sobre mim se ergueram, dois a dois, e o soldado nunca voltou para terminar sua marcação pessoal de tormento. Não restava ninguém para me ver chorar; eu aprendera a fazê-lo em silêncio, sem nenhum barulho, anos atrás. Eles não tinham motivo nem sequer para olhar para mim de novo. Eu estava de volta na grande sombra que Sam

deixara para trás.

A punição por falar fora do turno era um dia de isolamento, algemada a um dos postes do portão no Jardim, a despeito da temperatura ou das condições climáticas. Eu vi garotos sentados sobre um monte de neve, com o rosto azul, e sem um cobertor sequer para cobri-los. Muitos mais queimados pelo sol, cobertos em lama, ou tentando coçar picadas de mosquito com a mão livre. Não era surpresa que a punição por responder a um FEP ou controlador do acampamento fosse a mesma, só que também não se recebia comida e, às vezes, nem mesmo água.

A punição por um crime repetido era algo tão terrível que Sam não falou, ou não conseguiu falar sobre ela, quando voltou para nossa cabana dois dias depois. Ela entrou, molhada e trêmula por causa da chuva de inverno, parecendo que tinha dormido não mais do que eu. Escorreguei do meu beliche e corri para o seu lado, antes mesmo que ela chegasse à metade da cabana.

Fechei a mão em torno de seu braço, mas ela se afastou, com a mandíbula cerrada de uma forma que a fazia parecer quase feroz. Suas bochechas e seu nariz haviam sido cortados pelo vento, num vermelho brilhante, mas ela não tinha machucados ou ferimentos. Seus olhos nem estavam inchados por chorar, como os meus estavam. Talvez houvesse um mancar sutil em seu andar, mas, se eu não soubesse o que havia acontecido, eu poderia imaginar que ela estava chegando de uma longa tarde de trabalho no Jardim.

— Sam — eu disse, odiando o modo como minha voz tremia. Ela não parou nem se dignou a olhar para mim, até chegarmos ao nosso beliche e ela enrolar o punho nos lençóis, pronta para subir para a cama de cima.

— Fale alguma coisa, por favor! — implorei.

— Você ficou parada lá — a voz de Sam era baixa e rouca, como se não a tivesse usado por dias.

— Você não devia...

Ela descansou o queixo contra o peito. Longas e emaranhadas madeixas de cabelo caíram sobre seus ombros e bochechas, escondendo sua expressão. Senti então... como o laço que eu tinha com ela se desatara. Tive a estranha sensação de estar flutuando, afastando-me para mais e mais longe, com nada nem ninguém em quem me segurar. Eu estava bem do seu lado, mas a distância entre nós tinha formado um abismo, do tipo que não dava para transpor.

— Você está certa — Sam disse, afinal. — Eu não devia — ela respirou, trêmula. — Mas o que teria acontecido com você? Você teria ficado lá e deixado que ele fizesse *aquilo* e não teria se defendido de jeito nenhum.

Então, ela estava olhando para mim, e tudo o que eu queria era que ela desviasse o olhar de novo. Seus olhos brilhavam mais escuros do que nunca.

— Eles podem dizer coisas horríveis, machucar você, mas você nunca se defende. E eu sei, Ruby, eu *sei* que esse é seu jeito, mas às vezes me pergunto se

você ao menos se importa. Por que você não se defende, pelo menos uma vez?

Sua voz não passava de um sussurro, mas sua rouquidão me fez pensar que ela iria gritar ou irromper em lágrimas histéricas. Olhei para baixo, onde suas mãos apertavam a barra de seus *shorts*, movendo-se tão rápidas e frenéticas que eu quase não vi as nervosas marcas vermelhas que circundavam seus pulsos.

— Sam... Samantha...

— Eu quero... — ela engoliu com força. Suas lágrimas ficaram presas nos cílios, mas não caíram. — Quero ficar sozinha, agora. Só por um tempo.

Eu não devia ter tocado nela naquele momento, não com a febre e exaustão que me acometiam. Não enquanto eu tremia com profundo ódio de mim mesma. Mas pensei, então, que se pudesse contar a verdade a ela, se pudesse explicar, ela não me olharia daquela forma de novo. Ela saberia que a última coisa — absolutamente a *última* coisa — que eu queria era que ela se machucasse por minha causa. Ela era a única coisa que eu tinha ali.

Mas, no momento em que meus dedos tocaram seus ombros, o mundo desabou sobre mim. Senti um incêndio começar nas pontas dos meus cabelos, queimando até o crânio. A febre, que pensei ter curado, de repente pintou o mundo de um tom cinza embaçado. Eu vi o rosto vazio de Sam, e ela se fora, substituída por lembranças brancas e quentes, que não pertenciam a mim — uma lousa na escola repleta de problemas de matemática, um *Golden Retriever* cavando num jardim, o mundo subindo e descendo, da perspectiva de um balanço, as raízes dos vegetais no Jardim, sendo colhidos, a parede de tijolos atrás da Sala de Cerimônias contra o meu rosto, enquanto outro punho vinha na minha direção — uma investida rápida de todos os lados, como uma série de *flashes* de câmeras.

E, quando enfim voltei a mim, ainda estávamos olhando uma para a outra. Por um instante, pensei ter visto meu rosto aterrorizado refletido em seus olhos escuros e vítreos. Sam não estava olhando para mim; ela não parecia estar olhando para nada além da poeira que flutuava preguiçosa e livre pelo ar à minha direita. Eu conhecia aquele olhar vazio. Eu vira este olhar na minha mãe há alguns anos.

— Você é nova aqui? — ela perguntou, de repente, defensiva e assustada. Seus olhos piscavam, iam do meu rosto até meus joelhos ossudos, depois subindo de novo. Ela respirou fundo, como se subisse buscando ar depois de um longo tempo sob as águas escuras. — Você tem um nome, pelo menos?

— Ruby — sussurrei. Foi a última palavra que falei por quase um ano.

QUATRO

ACORDEI COM ÁGUA FRIA E A VOZ SUAVE DE UMA MULHER.

— Você está bem — ela dizia. — Você vai ficar bem.

Não sei quem ela pensava que estava enganando com aquela doce besteira, mas com certeza não era a mim.

Eu a deixei levar a toalha mais uma vez até meu rosto, saboreando seu calor conforme ela se aproximava. Ela tinha cheiro de alecrim e coisas do passado. Por um instante, só um, sua mão descansou contra a minha e foi mais do que eu poderia suportar.

Eu não estava em casa e essa mulher não era minha mãe. Comecei a engasgar, desesperada para manter tudo dentro de mim. Não conseguia chorar, não na frente dela nem de nenhum dos outros adultos. Não lhes daria esse prazer.

— Você ainda está com dor?

O único motivo pelo qual abri meus olhos foi porque ela os abriu. Um por vez, brilhando uma luz intensa em cada um. Tentei levantar as mãos para protegê-los, mas eles tinham me amarrado com tiras de velcro. Era inútil lutar contra as amarras.

A mulher estalou a língua e deu um passo para trás, levando consigo a fragrância floral. O cheiro de antisséptico e peróxido inundava o ar e eu sabia exatamente onde estava.

Os sons da enfermaria de Thurmond surgiam e desapareciam em ondas desiguais. Algum garoto chorando de dor, botas batendo contra o chão de piso branco, o ranger de cadeiras de rodas... Senti como se estivesse em um túnel, com a orelha contra o chão, escutando o murmúrio dos carros passando embaixo de mim.

— Ruby?

A mulher vestia avental azul e um casaco branco. Com sua pele pálida e cabelo loiro branco, ela quase desaparecia na fina cortina que fora puxada ao

redor da minha cama. Ela me pegou olhando e deu um belo e largo sorriso.

Ela era a médica mais jovem que eu já vira em Thurmond — embora eu pudesse contar numa mão minhas viagens à enfermaria. Eu fui para lá uma vez com diarreia e desidratação, depois do que Sam chamou de meu Espetáculo de Vômito das Tripas, e outra por causa de um pulso torcido. Ambas as vezes, eu me senti muito pior depois de ser apalpada por duas mãos enrugadas do que me sentia antes de chegar. Nada cura um resfriado mais rápido do que a ideia de ser examinada por um velho pervertido, usando perfume de álcool e sabonete de limão nas mãos.

Essa mulher — ela era irreal. Tudo a respeito dela.

— Meu nome é dra. Begbie. Sou voluntária da Leda Corporation.

Eu mexi a cabeça, olhando para a insígnia de cisne dourada no bolso de seu casaco.

Ela se inclinou mais perto.

— Somos uma empresa que faz pesquisas e envia médicos para ajudar a cuidar de vocês nos acampamentos. Se você se sentir mais confortável, pode me chamar de Cate e deixar de lado essa coisa de doutora.

Claro que eu me sentia. Olhei para a mão que ela estendeu na minha direção. Um silêncio pairou entre nós, pontuado pelo pulsar na minha cabeça. Após um instante constrangedor, dra. Begbie enfiou a mão de volta no bolso de seu jaleco, mas não antes de passear sobre a amarra que prendia minha mão esquerda à grade da cama.

— Você sabe por que está aqui, Ruby? Você se lembra do que aconteceu?

Antes ou depois da Torre tentar fritar meu cérebro? Mas eu não consegui falar em voz alta. Quando se tratava de adultos, era melhor não falar. Eles tinham uma forma de escutar uma coisa e processá-la como se fosse outra. Não havia por que dar motivo para machucarem você.

Fazia oito meses desde a última vez em que eu usara minha voz. Não sabia se me lembrava de como fazê-lo.

A doutora, de alguma forma, adivinhou a pergunta que estava na ponta da minha língua.

— Eles ligaram o Controle de Calma após um incêndio que ocorreu na Sala de Cerimônias. Parece que as coisas... saíram um pouco do controle.

Isso era falar pouco. O Ruído Branco — Controle de Calma, como os poderosos o chamavam — era usado para nos acalmar, por assim dizer, enquanto não fazia absolutamente nada com eles. Era como um apito para cachorros, com o tom ajustado perfeitamente, de forma que só nossos cérebros bizarros podiam captá-lo e processá-lo.

Eles o ligavam por um monte de razões, às vezes por coisas tão bobas como uma criança que usava sua habilidade acidentalmente ou para acabar com a bagunça numa das cabanas. Mas, em ambos os casos, eles direcionavam o

ruído diretamente para o prédio onde as crianças estavam. Se o tivessem usado em todo o acampamento, explodindo-o nos alto-falantes para todos nós ouvirmos, então as coisas teriam saído *mesmo* do controle. Eles deviam estar preocupados de que houvesse uma fagulha que colocaria fogo no resto de nós.

Não havia um pingo de hesitação no rosto da dra. Begbie enquanto ela desamarrava meus pulsos e tornozelos. A toalha que ela utilizara para limpar meu rosto estava pendurada na grade, pingando água. Manchas vermelhas brilhantes encharcavam o tecido branco.

Ergui a mão e toquei minha boca, minhas bochechas, meu nariz. Quando afastei os dedos, fiquei só meio surpresa de vê-los cobertos com sangue escuro. Estava incrustado entre minhas narinas e meus lábios, como se alguém tivesse me acertado bem na fuça.

Tentar sentar-me foi a pior ideia que me passou pela cabeça. Meu peito gritava de dor e eu deitei de novo, antes mesmo de registrar a queda. dra. Begbie veio para meu lado num instante, levantando a cama de metal para uma posição ereta.

— Você está com algumas costelas machucadas — ela disse.

Tentei respirar fundo, mas meu peito estava muito apertado para inalar qualquer coisa além de um suspiro engasgado. Ela não deve ter notado, pois estava olhando para mim com aqueles olhos dóceis, mais uma vez, dizendo:

— Posso fazer algumas perguntas?

O fato de ela ter pedido minha permissão era incrível, por si só. Eu a estudei, buscando pelo ódio escondido por trás da camada de gentileza em seu rosto, pelo medo flutuando em seus olhos suaves, o desgosto preso no canto de seu sorriso. Nada. Nem mesmo irritação.

Algum pobre garoto começou a vomitar na tenda à minha direita; eu conseguia ver sua silhueta escura como uma sombra contra a cortina. Não havia ninguém sentado com *ele*, ninguém segurando *sua* mão. Só ele e sua bacia de vômito. E aqui estava eu, com o coração descompassado, com medo de que a princesa de contos de fadas ao meu lado fosse me sacrificar como um cão raivoso. Ela não sabia o que eu era — ela não poderia saber.

Você está sendo paranoica, disse a mim mesma. *Controle-se.*

Dra. Begbie puxou uma caneta de seu coque emaranhado.

— Ruby, quando eles ligaram o Controle de Calma, você se lembra de cair para a frente e bater seu rosto?

— Não — eu disse. — Eu já... estava no chão — não sabia o quanto devia contar a ela. O sorriso em seu rosto se alargou e havia algo... presunçoso nele.

— Você geralmente experimenta esse tanto de dor e sangramento do Controle de Calma?

De repente, a dor no meu peito não tinha nada a ver com minhas costelas.

— Vou entender como um não... — eu não conseguia ver o que ela estava

escrevendo, só que sua mão e a caneta estavam voando pelo papel, rabiscando como se sua vida dependesse disso.

O Ruído Branco sempre me afetou mais do que às outras garotas da cabana. Mas sangue? Nunca.

A dra. Begbie estava cantarolando de leve sob sua respiração, enquanto escrevia, alguma música que eu pensei ser dos Rolling Stones.

Ela está do lado dos controladores do acampamento, lembrei a mim mesma. Ela é um deles.

Mas... em outro mundo, ela poderia não ser. Embora estivesse usando jaleco e casaco branco, a dra. Begbie não parecia muito mais velha do que eu. Ela tinha um rosto jovem, e isso provavelmente era uma maldição para ela no mundo exterior.

Sempre pensei que as pessoas que nasceram antes da Geração Bizarra eram as sortudas. Elas viviam sem medo do que poderia acontecer quando pisassem na fronteira entre a infância e a adolescência. Até onde eu sabia, se você tivesse mais de treze anos quando eles começaram a recolher as crianças, você poderia ir para casa — poderia passar pelo Acampamento das Aberrações no jogo de tabuleiro da vida e seguir direto para a Normalândia. Mas, olhando para a dra. Begbie agora, vendo as profundas rugas entalhadas no seu rosto, as quais ninguém deveria ter aos vinte anos, não tinha tanta certeza de que eles tinham saído totalmente livres. No entanto, eles conseguiram um acordo melhor do que nós.

Habilidades. Poderes que desafiavam a explicação, talentos mentais tão bizarros que os médicos e cientistas reclassificaram toda nossa geração como *Psi*. Não éramos mais humanos. Nossos cérebros quebraram a fôrma.

— Eu vejo, pelos seus gráficos, que você foi classificada como “inteligência anormal” na triagem — dra. Begbie disse após um tempo. — O cientista que fez sua triagem... ele fez todos os testes?

Algo muito frio revirou em meu estômago. Eu podia não entender muitas coisas sobre o mundo, podia ter estudado só até a quarta série, mas conseguia ver quando alguém estava tentando pescar informações. Os FEPs tinham mudado para táticas assustadoras anos atrás, mas houve um tempo em que todos os seus questionamentos eram feitos em vozes suaves. Simpatia falsa fedia como mau hálito.

Ela sabe? Talvez ela tivesse feito alguns testes enquanto eu estava inconsciente e escaneado meu cérebro, ou testado meu sangue, ou algo. Meus dedos se curvaram, um a um, até que minhas duas mãos fossem punhos cerrados. Tentei trabalhar naquela linha de raciocínio, mas continuava presa na possibilidade. O medo tornava as coisas nubladas e leves.

Sua pergunta pairou no ar, suspensa em algum lugar entre a verdade e a mentira.

O bater de botas contra o piso impecável forçou meus olhos para cima, desviando do rosto da médica. Cada passo era um aviso e eu sabia que eles viriam antes que a dra. Begbie virasse sua cabeça. Ela se moveu para sair da maca, mas eu não deixei. Não sei o que deu em mim, mas a peguei pelo punho, e a lista de punições por tocar uma figura de autoridade ficou passando pela minha mente como um CD riscado, cada arranhão mais afiado do que o próximo.

Não podíamos tocar ninguém, nem mesmo uns aos outros.

— Foi diferente dessa vez — sussurrei, com as palavras doendo na minha garganta. Minha voz soava diferente aos meus ouvidos. Fraca.

Dra. Begbie só teve tempo o bastante para acenar com a cabeça. Um movimento muito sutil, quase imperceptível, antes de uma mão puxar a cortina.

Eu já vira esse oficial das Forças Especiais Psi antes — Sam o chamara de *Grinch*, pois ele parecia ter saído direto do filme, salvo por não ter a pele verde.

O Grinch lançou um olhar para mim, com o lábio superior contraído de irritação, antes de dispensar a médica. Ela soltou um suspiro e pousou a prancheta no meu colo.

— Obrigada, Ruby — ela disse. — Se sua dor piorar, chame ajuda, ok?

Ela estava drogada? Quem iria me ajudar — o garoto vomitando todo o estômago do meu lado?

Eu me despedi acenando com a cabeça, vendo-a virar-se para ir embora. A última visão que tive dela foi a de sua mão arrastando a cortina de volta. Foi gentil da parte dela me dar privacidade, mas um pouco ingênuo, dadas as câmeras pretas penduradas entre as camas.

As câmeras estavam instaladas por toda Thurmond, olhos sem pálpebras, sempre observando, nunca piscando. Havia duas câmeras só na nossa cabana, uma em cada canto do quarto, bem como uma do lado de fora da porta. Parecia exagero, mas quando me trouxeram para o acampamento, havia tão poucos de nós que eles de fato conseguiam nos observar o dia todo, todos os dias, até que nossos cérebros estivessem prontos para explodir de tédio.

Era preciso apertar os olhos para ver, mas uma pequena luz vermelha dentro do olho preto era a única pista de que a câmera tinha parado em você. Ao longo dos anos, conforme mais e mais crianças foram trazidas para Thurmond nos velhos ônibus escolares, Sam e eu começamos a notar que as câmeras em nossa cabana não tinham mais as luzes vermelhas piscando — não todos os dias. O mesmo acontecia com as câmeras na lavanderia, nos Vestiários e na Sala de Cerimônias. Acho que, com três mil crianças espalhadas por um quilômetro quadrado, era impossível observar todas o tempo inteiro.

Ainda assim, eles vigiavam o bastante para colocar o medo de Deus em nós. Você tinha uma chance acima da média de ser pego se praticasse suas habilidades, mesmo sob a proteção da escuridão.

Aquelas luzes que piscavam eram exatamente do mesmo tom da faixa que os FEPs usavam na parte superior de seu braço direito. O símbolo Ψ estava bordado no tecido carmim, indicando seu papel infeliz de cuidar das crianças aberrações do país.

A câmera sobre minha cabeça não tinha luz vermelha. O alívio que me acometeu ao perceber isso fez o ar ter um gosto doce, de verdade. Por apenas um instante, eu estava só e não era observada. Em Thurmond, isso era quase um luxo desconhecido.

Dra. Begbie — Cate — não fechara a cortina por completo. Quando outro médico passou depressa, o fino tecido branco recuou, permitindo que um brilho azul familiar tocasse meu olho. O retrato de um jovem, de não mais de doze anos de idade, olhou para mim. Seu cabelo tinha o mesmo tom que o meu, marrom-escuro, quase preto, mas, enquanto meus olhos eram verde-pálidos, os dele eram tão escuros que queimavam de longe. Ele estava sorrindo, como sempre, com as mãos cruzadas no colo, o uniforme escolar escuro sem uma nesga. Clancy Gray, o primeiro interno de Thurmond.

Havia ao menos duas fotos dele emolduradas na Sala de Cerimônias, uma na cozinha e diversas pregadas do lado de fora das casas externas Verdes. Era mais fácil lembrar do rosto dele do que do da minha mãe.

Esforcei-me para desviar o olhar de seu sorriso orgulhoso, resoluto. Ele pode ter saído, mas o resto de nós ainda está aqui.

Enquanto eu tentava reajustar meu corpo, derrubei a prancheta da dra. Begbie do meu colo até meu braço esquerdo.

Eu sabia que havia uma chance de que eles estivessem observando, mas eu não me importava. Não naquele momento, quando tinha respostas a alguns centímetros de distância dos meus dedos. Por que ela a deixaria ali, bem debaixo do meu nariz, se ela não quisesse que eu a visse? Por que não a levava com ela, como todos os outros médicos teriam feito?

O que havia de diferente no Ruído Branco?

O que eles descobriram?

As luzes fluorescentes acima de mim estavam expostas, brilhando no formato de longos e nervosos ossos. Elas soltavam um zumbido, soando cada vez mais como uma nuvem de moscas girando em torno de minhas orelhas. Ficava cada vez pior, conforme eu virava a prancheta.

Não era um histórico médico.

Não eram meus machucados atuais ou a falta deles.

Não eram as minhas respostas às perguntas da dra. Begbie.

Era um bilhete, e dizia: *Novo CC estava testando As, Ls e Vs não detectados. Sua reação significa que eles sabem que você não é V. A menos que faça exatamente o que eu disser, eles a matarão amanhã.*

Minhas mãos estavam trêmulas. Eu tive que repousar a prancheta no meu

colo para ler o resto.

Posso tirar você daqui. Tome as duas pílulas que estão sob esse bilhete antes de dormir, mas não deixe os FEPs te verem. Se não, vou manter seu segredo, mas não posso te proteger enquanto estiver aqui. Destrua isso.

Estava assinado, *Uma amiga, se quiser.*

Eu li o bilhete mais uma vez antes de arrancá-lo debaixo do clip de metal e enfiá-lo na boca. Tinha gosto do pão que nos serviam no almoço.

As pílulas estavam num pequeno pacote preso no topo do meu histórico médico real. Rabiscado com a péssima caligrafia da dra. Begbie, havia o bilhete: *Sujeito 3.285, bateu a cabeça no chão e perdeu a consciência. O nariz foi fraturado quando o sujeito 3.286 a cotovelou. Possível concussão.*

Meus olhos estavam coçando para olhar para cima, espiar no olho preto da câmara, mas não me permiti. Peguei as pílulas e as enfiei no top esportivo padronizado com o qual os controladores do acampamento nos presentearam quando perceberam que garotas adolescentes de quinze anos de idade não teriam doze anos nem seriam como tábuas para sempre. Eu não sabia o que estava fazendo; não sabia mesmo. Meu coração batia tão rápido que, por um instante, fiquei sem ar.

Por que a dra. Begbie fizera isso por mim? Ela sabia que eu não era Verde, mas me acobertou, mentiu no relatório — seria isso só um truque? Para ver se eu me incriminaria?

Pressionei o rosto contra as mãos. O pacote de pílulas queimava contra minha pele.

... eles vão te matar amanhã.

Por que eles se davam ao trabalho de esperar? Por que não me levavam nos ônibus e me matavam agora? Não foi isso que fizeram com os outros? Os Amarelos, Laranjas e Vermelhos? Eles os mataram, pois eram muito perigosos.

Eu sou muito perigosa.

Eu não sabia como usar minhas habilidades. Não era como os outros Laranjas, que conseguiam soltar comandos ou enfiar pensamentos ruins na mente das outras pessoas. Eu tinha todo o poder, mas nenhum controle — toda a dor e nenhum benefício.

Pelo que consegui descobrir, eu tinha que tocar alguém para que minhas habilidades se manifestassem e, mesmo assim... era mais como olhar de *relance* em seus pensamentos, em vez de ferrar com eles. Eu nunca havia tentado empurrar um pensamento para dentro da cabeça de outra pessoa, e não foi por não ter tido a oportunidade ou o desejo. Cada escorregada da minha mente, intencional ou não, fazia da minha cabeça um amontoado de pensamentos e imagens, palavras e dor. Demoravam horas para me sentir eu mesma novamente.

Imagine alguém estender a mão até o seu peito, passar pelos ossos, sangue

e entranhas e dar uma bela e firme pegada em sua espinha. Agora, imagine que essa pessoa comece a chacoalhar você tão rápido que o mundo se deforme sob você. Imagine não conseguir distinguir, mais tarde, se o pensamento em sua mente era mesmo seu ou uma lembrancinha involuntária da mente de outra pessoa. Imagine a culpa em saber que você descobriu o medo ou o segredo mais profundo e sombrio de alguém. Imagine ter que enfrentar essa pessoa na manhã seguinte e fingir que não viu coisas como o pai lhe espancando, o vestido rosa brilhante usado na festa de aniversário de cinco anos, as fantasias sobre um rapaz ou uma garota, os animais da vizinhança mortos por diversão.

E, então, imagine a enxaqueca avassaladora que sempre vinha em seguida, durando horas e até dias. *Assim* é que era. Era *por isso* que eu tentava evitar minha mente, tanto quanto esbarrar em alguém, a todo custo. Eu sabia as consequências. Todas elas.

E agora eu sabia com certeza o que aconteceria se eles me descobrissem.

Virei a prancheta no meu colo bem a tempo. O mesmo soldado FEP estava de volta à minha cortina, puxando-a para o lado.

— Você voltará para sua cabana agora — ele disse. — Venha comigo.

Minha cabana? Busquei qualquer sinal de mentira no rosto dele, mas não vi nada além da irritação de costume. Um aceno com a cabeça foi tudo o que consegui esboçar. Meu corpo inteiro era um terremoto de pavor e, no instante em que meus pés tocaram o chão, a parte de trás da minha cabeça desarrolhou. Tudo foi derramado, todos os pensamentos, medos e imagens. Desmoronei contra a grade, segurando firme na lucidez.

Os pontos pretos ainda estavam deslizando na frente dos meus olhos quando o FEP gritou:

— Anda logo! Não pense que você vai ficar outra noite aqui só por causa desse teatrinho.

A despeito das palavras ríspidas, vi um leve brilho de medo em seu rosto. Naquele momento, a transição de medo para fúria poderia resumir os sentimentos de todos os soldados de Thurmond. Ouvimos rumores de que o serviço militar não era mais voluntário, e que todos, nas idades entre vinte e dois e quarenta anos, tinham que servir, a maioria na nova divisão Psi do exército.

Rangi os dentes. O mundo inteiro girava sob mim, tentando puxar-me para seu centro escuro. Relembrei as palavras do FEP.

Outra noite? pensei. Quanto tempo eu ficara ali?

Ainda tonta, segui o soldado pelo corredor. A enfermaria só tinha dois andares, pequenos. O teto era tão baixo que eu tinha medo de raspar o topo da cabeça nos batentes das portas. As camas de tratamento ficavam no primeiro andar. O segundo era reservado para crianças que precisavam do que chamávamos de Folga. Às vezes, tinham algo que o resto de nós podia pegar, mas, geralmente, eram crianças que estavam totalmente fora de órbita, com

cérebros quebrados, quebrados ainda mais por Thurmond.

Tentei continuar focada no movimento das omoplatas do FEP por trás de seu uniforme preto, mas foi difícil, pois a maioria das cortinas fora deixada aberta para qualquer um espiar. A maior parte eu consegui ignorar, ou lançar um breve olhar na direção delas, mas a penúltima, antes da porta da saída...

Meus pés desaceleraram por conta própria, dando aos meus pulmões tempo para inspirar o aroma de jasmim.

Consequia ouvir a voz gentil da dra. Begbie conforme ela falava com outro garoto de Verde. Eu o reconheci — sua cabana ficava diretamente do outro lado da minha. Matthew? Talvez Max? Tudo o que eu sabia era que havia sangue em seu rosto também; encrustado em torno do nariz e dos olhos, manchando suas bochechas. Uma pedra caiu no meu estômago. Esse Verde também tinha sido marcado? A dra. Begbie estava lhe fazendo a mesma proposta? Eu podia não ter sido a única a descobrir como driblar o sistema de triagem — quem influenciar, quando mentir. Talvez ele e eu tivéssemos a mesma cor sob nossa pele. E talvez estivéssemos ambos mortos até amanhã.

— Acompanhe-me — explodiu o FEP. Ele não tentava esconder sua irritação enquanto eu mancava atrás dele, mas ele não precisava se preocupar; nem se me pagassem eu ficaria na enfermaria, não enquanto estivesse consciente. Nem mesmo com a nova ameaça pairando sobre minha cabeça. Eu sabia o que faziam lá.

Sabia o que havia sob as camadas de tinta branca.

As primeiras crianças que trouxeram para cá, as primeiras cobaias, foram submetidas a toda sorte de terrores de eletrochoque e cortes cerebrais. As histórias eram passadas pelo acampamento com reverência doentia, quase sagrada. Os cientistas procuravam maneiras de arrancar as habilidades das crianças — “reabilitá-las” — mas, grande parte das vezes, só lhes arrancavam a vontade de viver. Os que conseguiram sair, receberam cargos de administradores quando a primeira pequena onda de crianças foi trazida ao acampamento. Foi por uma estranha sorte e *timing* que eu vim durante a segunda onda. Cada onda tornava-se cada vez maior, conforme o acampamento expandia, até que, três anos atrás, ficou sem espaço por completo. Não houve ônibus depois disso.

Eu ainda não estava andando rápido o bastante para o soldado. Ele me empurrava para a frente, para o corredor de espelhos. O sinal de saída lançava sua luz sombria sobre nós. O FEP me empurrou novamente, mais forte, e sorriu quando caí. A raiva me invadiu, ultrapassando a dor insistente dos meus membros e qualquer medo que eu tivesse de que ele me levaria para algum lugar a fim de terminar o serviço.

Logo estávamos do lado de fora, inspirando o úmido ar da primavera. Respirei bem fundo a névoa da chuva e engoli a amargura. Precisava pensar.

Avaliar. Se ele estava me levando para fora para me matar, e estava sozinho, eu poderia facilmente dominá-lo. Não era esse o problema. Mas, na verdade, eu não tinha como passar pela cerca elétrica — e não tinha ideia de onde diabos eu estava.

Quando me trouxeram para Thurmond, a familiaridade do cenário fora mais um conforto do que uma lembrança dolorosa. West Virgínia e Virgínia não eram tão diferentes, embora os nascidos na Virgínia façam crer o contrário. As mesmas árvores, o mesmo céu, o mesmo clima horrível — ou eu estava molhada de chuva ou ensopada pela umidade. De qualquer forma, poderia não ser a West Virgínia. Mas uma garota da cabana jurou de pés juntos que vira uma placa BEM-VINDO A WEST VIRGÍNIA em sua viagem de vinda, então essa era uma teoria na qual estávamos trabalhando.

O FEP diminuíra a velocidade consideravelmente, igualando-se ao meu ritmo patético. Ele se atrapalhou uma ou duas vezes pela grama enlameada, quase tropeçando em si mesmo na frente de todos os soldados que estavam no alto da Torre de Controle.

No momento em que a Torre apareceu, todo um novo peso foi acrescentado à bola e à corrente de terror que eu arrastava atrás de mim. O prédio, em si, não era tão imponente; só era chamado de Torre porque se destacava como um dedo quebrado num mar de barracos térreos de madeira ordenados em anéis. A cerca elétrica era o anel exterior, protegendo o mundo de nós, as aberrações. As cabanas dos Verdes compunham os dois próximos anéis. As dos Azuis, os dois anéis seguintes. Antes de serem levados embora, os poucos Vermelhos e Laranjas viviam nos próximos anéis. Eles ficavam mais perto da Torre — melhor, os controladores pensavam, para ficar de olho neles. Mas, após um Vermelho explodir sua cabana, eles levaram os Vermelhos para ainda mais longe, usando os Verdes como barricada, caso uma das verdadeiras ameaças tentasse fugir para a cerca.

Número de tentativas de fuga?

Cinco.

Número de tentativas de fuga *bem-sucedidas*?

Zero.

Não conheço nenhum Azul ou Verde que tenha tentado fugir. Quando as crianças armaram fugas desesperadas e patéticas, foram em pequenos grupos de Vermelhos, Laranjas e Amarelos. Depois de pegos, nunca retornaram.

Mas isso foi no início, quando tínhamos mais interação com as outras cores e antes de nos misturarem. As cabanas vazias dos Vermelhos, Laranjas e Amarelos tornaram-se habitações dos Azuis. Os Verdes recém-chegados, o maior grupo de todos, encheram as velhas cabanas dos Azuis. O acampamento cresceu tanto que os controladores bagunçaram nossas agendas, então comíamos por cor e gênero, e, mesmo assim, ainda era difícil espremer todos nas mesas.

Eu não via um garoto da minha idade, de perto, há anos.

Só comecei a respirar aliviada de novo quando a Torre estava nas nossas costas, deixando claro, sem sombra de dúvida, para onde estávamos indo.

Obrigada, eu pensei, para ninguém em particular. O alívio alojou-se na minha garganta como uma pedra.

Chegamos à Cabana 27 alguns minutos depois. O FEP acompanhou-me até a porta e apontou para a torneira à esquerda. Eu fiz que sim com a cabeça e usei a água fria para lavar o sangue do meu rosto. Ele esperou, em silêncio, mas sem paciência. Após alguns segundos, senti sua mão agarrar a parte de trás da minha camiseta e me erguer. Usando a outra mão, ele passou o cartão de acesso pela fechadura da porta.

Ashley, uma das garotas mais velhas da minha cabana, manteve a porta aberta pelo resto do caminho com o ombro. Ela tomou meu braço com a mão e acenou com a cabeça na direção do FEP. Aquilo pareceu suficiente para ele. Sem outra palavra, ele saiu pelo caminho.

— Jesus Cristo! — ela chiou, enquanto me arrastava para dentro. — Eles não podiam ficar com você mais uma noite? Ah não, tinham que te trazer de volta mais cedo. Isso é *sangue*?

Eu afastei suas mãos, mas Ashley passou por elas e moveu meu longo cabelo escuro sobre os ombros. Primeiro, não entendi por que ela me olhava daquele jeito — com olhos bem abertos, rodeados por um rosa bruto. Ela sugou o lábio inferior entre os dentes.

— Eu realmente... pensei que você fosse...

Ainda estávamos na porta, mas pude sentir o frio que havia tomado conta da cabana, assentando-se sobre minha pele como seda fria.

Ashley estava por aqui há muito tempo para, de fato, desabar, mas eu ainda estava surpresa por vê-la tão fragilizada e sem saber o que dizer. Ela e algumas outras garotas eram líderes honorárias de nosso triste e descompensado grupo, nomeadas em grande parte por terem atingido determinados estágios corporais antes do resto de nós e por poderem nos explicar o que estava acontecendo sem rir nas nossas caras.

Ofereci um sorriso fraco e encolhi os ombros, de repente, sem palavras mais uma vez. Mas ela não parecia convencida e não soltou meu braço. A cabana estava escura e úmida, com o usual cheiro de mofo grudado em todas as superfícies, mas eu preferia aquilo ao fedor limpo e estéril da enfermaria a qualquer momento.

— Me fale... — Ashley respirou fundo. — Me fale se você não for, entendeu?

E o que você poderia fazer a respeito? Eu queria perguntar.

Em vez disso, virei-me para o canto esquerdo de nossa cabana abarrotada. Sussurros e olhares acompanhavam meu caminho em zigue-zague em torno das

fileiras de beliches. As pílulas presas contra meu peito apertado pareciam estar pegando fogo.

— ... ela estava morta — ouvi alguém dizer.

Vanessa, que dormia na parte de baixo do beliche à direita do meu, tinha se enfiado na cama de Sam. Quando apareci, elas pararam no meio da conversa para me encarar. Com os olhos abertos, as bocas mais abertas ainda.

Vê-las juntas fazia-me mal, mesmo após um ano. Quantos dias e noites eu tinha passado empoleirada lá com Sam, fielmente ignorando as tentativas de Vanessa de nos arrastar para alguma conversa estúpida e sem sentido?

A posição de melhor amiga de Sam estava vaga por não menos de duas horas quando Vanessa a ocupou — e não passava um dia sem Vanessa me lembrar disso.

— O que... — Sam encostou-se na beirada de sua cama. Ela não parecia perversa ou hostil, como de costume. Ela parecia... preocupada? Curiosa? — O que aconteceu com você?

Balancei a cabeça, com o peito oprimido por todas as coisas que queria dizer.

Vanessa soltou uma risada afiada.

— Legal, muito legal. E você se pergunta por que ela não quer mais ser sua melhor amiga?

— Eu não... — Sam murmurou. — Deixa para lá.

Às vezes, eu imaginava se havia alguma parte de Sam que se recordava não só de mim, mas da pessoa que ela era antes de eu arruiná-la. Incrível como eu conseguira apagar todas as partes boas de Sam ou, ao menos, as partes que eu amava. Um toque, e ela se fora.

Algumas garotas perguntaram o que acontecera entre nós duas. A maioria, eu acho, acreditava que Sam estava sendo cruel quando alegou que nunca, nunquinha, tínhamos sido amigas e que nunca seríamos. Tentei deixar isso de lado, dando com os ombros, mas Sam era a única coisa que tornava Thurmond suportável. Sem ela, não havia vida alguma.

Sem vida alguma.

Apalpei o pacote de pílulas.

Nossa cabana era marrom, sobre marrom e marrom. A única cor diferente era o branco de nossos lençóis, e a maioria tinha envelhecido num amarelo feio. Não havia prateleiras de livros, nenhum pôster, nenhuma foto. Apenas nós.

Eu rastejei até minha cama, deixando meu rosto cair primeiro nos lençóis gastos. Inspirei o aroma familiar — alvejante, suor e algo com cheiro distinto de terra — e tentei não escutar a conversa acima de mim.

Uma parte de mim esperava, eu acho, desesperada para ver se eu poderia consertar o que fizera com minha amiga. Mas estava feito. Estava acabado e ela

se fora, e a única culpada era eu. O melhor que eu poderia fazer por ela era desaparecer; mesmo se a dra. Begbie estivesse me enganando e eles fossem mesmo se livrar de mim, eles não nos conectariam. Não interrogariam ou puniriam Sam por pensar que ela tinha ajudado a me esconder, como o fariam se ainda fôssemos amigas. Havia mais de três mil de nós em Thurmond, e eu era a última Laranja — talvez em todo o mundo. Ou uma entre dois, se o garoto na enfermaria fosse como eu. Seria apenas uma questão de tempo até descobrirem a verdade.

Eu era perigosa, e sabia o que eles faziam com os perigosos.

A rotina do acampamento se exauria, como sempre, agitando-nos até a Sala de Cerimônias para o jantar, depois até o Vestiário e de volta à cabana para dormir. A luz era diminuta e evanescente do lado de fora, agarrando-se aos primeiros vestígios da noite.

— Muito bem, gatinhas — a voz de Ashley. — Dez minutos até as luzes se apagarem. É a vez de quem?

— Minha — devo retomar de onde paramos? — Rachel estava no outro lado do quarto, mas sua voz guinchante propagava-se bem.

Eu praticamente podia ouvir Ashley revirando os olhos.

— Sim, Rachel. Não é isso o que sempre fazemos?

— Certo... então... então, a princesa? Ela estava em sua torre, e ainda estava muito triste.

— Garota — Ashley interrompeu — você vai ter que apimentar isso ou vou pular sua chatice e passar para a próxima pessoa.

— Tá bom — Rachel guinchou. Virei-me de lado, tentando dar uma olhadela nela através das fileiras de beliches. — A princesa estava com uma dor terrível — uma dor terrível, terrível...

— Ai, Deus — foi o único comentário de Ashley. — Próxima!

Macey continuou com as partes soltas da história, o melhor que pôde.

— Enquanto a princesa estava trancada na torre, só conseguia pensar no príncipe.

Eu perdi como a história terminou, minhas pálpebras estavam muito pesadas para ficarem abertas.

Se eu for sentir falta de alguma coisa em Thurmond, pensei enquanto pegava no sono, *será disso*. Dos momentos silenciosos, quando podíamos falar sobre coisas proibidas.

Tínhamos que encontrar uma forma de divertimento, pois não tínhamos histórias — nem sonhos, nem futuro —, a não ser as que criávamos.

As luzes da cabana estavam apagadas há três horas, e Sam estava roncando faziam duas.

Tirei o lacre do pacote e joguei as pequenas pílulas na minha mão. Engoli

as duas, uma por vez, com o gosto de caldo de frango ainda em minha língua.

O pacote transparente voltou para dentro do meu sutiã assim que a primeira pílula entrou na boca. Estava quente, por ter ficado tão próxima da minha pele por tanto tempo, o que não a tornou mais fácil de engolir. Tomei a outra, antes que perdesse a coragem, e guinchei conforme descia pela garganta.

E, então, esperei.



CINCO

NÃO ME LEMBRAVA DE TER DORMIDO, APENAS DE acordar. E como eu lembrava! — meu corpo tremia tanto que virei da cama e bati a cabeça contra o beliche ao lado.

Vanessa deve ter se apavorado com a batida repentina e o movimento da cama dela, pois a ouvi dizer:

— Que diabos... *Ruby*? É você?

Não consegui me levantar. Senti as mãos dela em meu rosto e registrei que agora ela gritava meu nome, e não só o sussurrava.

— Ah meu *Deus*! — alguém disse. Parecia Sam, mas eu não conseguia abrir os olhos.

— ... botão de emergência!

O peso de Ashley apoiou-se sobre minhas pernas; eu sabia que era ela, mesmo enquanto meu cérebro ganhava e perdia consciência e uma luz branca e quente queimava por trás de minhas pálpebras. Alguém enfiou algo na minha boca — de borracha e duro. Eu senti gosto de sangue, mas não tinha certeza de que vinha da minha boca, dos lábios ou...

Dois pares de mãos levantaram-me do chão, largando-me numa outra superfície. Eu ainda não conseguia abrir os olhos; meu peito estava pegando fogo. Não conseguia parar de tremer e os meus membros pareciam desmoronar sobre eles mesmos.

E, então, senti cheiro de jasmim. Senti mãos suaves e frias pressionando contra meu peito e, depois, mais nada.

A vida voltou a mim na forma de um tapa bruto no rosto.

— Ruby — alguém disse. — Vamos, eu sei que pode me escutar. Você tem que acordar.

Abri um pouco os olhos, tentando não me encolher conforme a luz penetrava neles. Uma porta se abriu e rangeu, ao fechar-se em algum lugar ali

perto.

— É ela? — uma nova voz perguntou. — Você vai sedá-la?

— Não, não esta aqui — a primeira voz retornou. Eu conhecia aquela voz. Era tão doce quanto antes, só que dessa vez tinha uma agitação afiada. As mãos da dra. Begbie passaram por baixo dos meus braços e ergueram-me. — Ela é forte. Ela aguenta.

Algo tinha um cheiro *horrível*. Ácido e pútrido. Meus olhos abriram-se rápido.

Dra. Begbie estava ajoelhada ao meu lado, balançando algo sob meu nariz.

— O que...?

A segunda voz que escutei pertencia a outra jovem. Ela tinha cabelo marrom-escuro e a pele pálida, mas isso era tudo o que tinha de notável. Sem perceber que eu a observava, ela despiu-se de seu avental azul e lançou-o para a dra. Begbie.

Não sabia onde estávamos. A sala era pequena, repleta de prateleiras com garrafas e caixas, e eu não conseguia sentir nada além do que a dra. Begbie usara para me acordar.

— Vista isso — ela disse, erguendo-me sobre meus pés, estivessem eles prontos ou não. — *Vamos*, Ruby, temos que correr.

Meu corpo estava pesado, estalando em todas as juntas. Mas eu fiz o que ela mandou, e coloquei o avental sobre meu uniforme. Enquanto me vestia, a outra mulher pôs as mãos para trás e esperou, enquanto a dra. Begbie as prendia com uma espessa fita adesiva. Terminando isso, a doutora amarrou os pés da outra mulher.

— Você os encontrará em Harvey. Vá pela Rota 215.

— Eu sei, eu sei — disse a dra. Begbie, enquanto rasgava com os dentes outro pedaço de fita e o colocava sobre a boca da outra mulher. — Boa sorte.

— O que você está fazendo? — perguntei. Minha garganta estava raspando e a pele em torno da minha boca parecia rachar enquanto eu falava. A doutora puxou meus cabelos para trás, torcendo-o num coque bagunçado, o qual prendeu com um elástico de borracha. A outra mulher observou enquanto seu cartão de identidade era colocado em meu pescoço, e a dra. Begbie colocou uma máscara cirúrgica no meu rosto.

— Vou explicar tudo quando sairmos, mas não podemos perder tempo. Eles vão fazer a ronda em vinte minutos — ela disse. — Você não pode falar nada, entendeu? Entre no jogo.

Eu fiz que sim com a cabeça e deixei que ela me empurrasse para fora da sala escura até a penumbra do corredor da enfermaria. Mais uma vez, as pernas pareciam falhar, mas a médica me ajudou. Ela passou um dos meus braços por sobre seu ombro e suportou a maior parte do meu peso.

— Estamos indo — ela murmurou — Retorne as câmeras ao normal.

Olhei para cima, mas ela não estava falando comigo. Estava sussurrando com seu broche de cisne dourado.

— Nem uma palavra — ela me lembrou, enquanto virávamos para outro corredor. Estávamos andando tão rápido que agitávamos as cortinas brancas das cabines de exame ao passarmos por elas. Os FEPs pelos quais passamos eram borrões pretos ao saírem do nosso caminho.

— Desculpe, desculpe! — a dra. Begbie gritava. — Tenho que levar essa daqui para casa.

Mantive os olhos nas fileiras retas de piso passando sob meus pés. Minha cabeça ainda girava tanto que não percebi que estávamos saindo, até ouvir o bipe do cartão dela passando pelo leitor da fechadura e sentir as primeiras gotas de chuva fria baterem na minha cabeça.

Eles mantinham as enormes luzes de estádio do acampamento acesas até altas horas da noite; as luzes impunham-se como gigantes por todo o lugar, mas elas só me lembravam dos jogos de futebol, o cheiro da grama recém-cortada e as costas do casaco vermelho do Spartan do meu pai, enquanto ele gritava para o seu velho time do colégio, *vai com tudo ao ataque*, a plenos pulmões.

Era uma caminhada curta e um tropeção dos fundos da enfermaria até o estacionamento de pedras. Na verdade, eu não tinha certeza se estava alucinando ou não — minha visão perdia e ganhava foco, mas era impossível não ouvir o som do pedregulho esmagado e a voz que gritava: “Tudo bem aí?”.

Eu sentia, mas não via, que a dra. Begbie estava tensa. Tentei continuar me mexendo, usando seu ombro para me erguer, mas minhas pernas não estavam mais funcionando.

Quando abri os olhos de novo, estava em pé, olhando para as botas padrão de um soldado FEP. Ele estava ajoelhado na minha frente. A dra. Begbie falava alguma coisa para ele, com a voz tão calma como da primeira vez que encontrei com ela.

— ... tão doente, que ofereci levá-la para casa. Coloquei a máscara nela para garantir que não infecte mais ninguém.

A voz do soldado ganhou foco.

— Odeio o fato de sempre ficarmos doentes por causa dessas crianças.

— Você se importa em me ajudar a levá-la até meu jipe? — dra. Begbie perguntou.

— Se ela está doente...

— Só vai levar um minuto — a doutora interrompeu. — E eu prometo que, se você começar a sentir o nariz escorrendo amanhã, eu mesma vou cuidar de você.

Essa era a voz que eu reconhecia — tão doce que soava como sininhos. O soldado deu um risinho, mas eu o senti me levantando assim mesmo. Tentei não me apoiar nele, não ranger os dentes com o movimento, mas mal podia evitar

que minha cabeça caísse para trás.

— Banco da frente? — ele perguntou.

A dra. Begbie estava prestes a responder quando o rádio do FEP estalou e ganhou vida.

— *O controle está te vendo na câmera. Precisa de assistência?*

Ele esperou até a dra. Begbie abrir a porta do passageiro e sentar-me no banco antes de responder.

— Tudo certo. A doutora... — ele pegou meu crachá nas mãos, levantando-o do meu peito. — A dra. Rogers tem o vírus que está circulando. A doutora...

— Begbie — veio a resposta rápida. Ela sentou no banco do motorista e fechou a porta em seguida. Eu olhei de relance, observando enquanto ela se atrapalhava para colocar a chave na ignição. Foi a primeira vez que notei suas mãos tremendo.

— A dra. Begbie a está levando para casa esta noite. O carro da dra. Rogers ficará aqui — por favor, informe os guardas da manhã quando eles fizerem a contagem.

— *Câmbio, entendido. Fale para elas seguirem direto até o portão, vou notificar a patrulha para deixá-las passar.*

O jipe gaguejou e ganhou vida, numa série de protestos estridentes. Olhei para fora, através do para-brisa, para a cerca elétrica e a floresta escura e familiar atrás dela. A dra. Begbie estendeu a mão para apertar meu cinto de segurança.

— Cara, ela está *apagada* — o FEP estava de volta, encostado contra a janela da dra. Begbie.

— Eu dei a ela uma coisa bem forte — a dra. Begbie riu. Senti meu peito apertar.

— Então, e amanhã...

— Passe para dar um oi, ok? — disse a dra. Begbie. — Tenho intervalo perto das três horas.

Ela nem lhe deu a chance de responder. Os pneus giraram contra o cascalho e os limpadores de para-brisa guincharam, ganhando vida. A dra. Begbie subiu a janela, com um aceno amigável, usando a outra mão para girar o carro para trás e sair da vaga. Os pequenos números verdes no painel indicavam 2h45 da manhã.

— Tente cobrir seu rosto o máximo possível — ela murmurou antes de ligar o rádio. Não identifiquei a música, mas reconheci a voz de David Gilmore e a ondulação e o fluxo dos sintetizadores do Pink Floyd.

Ela abaixou o volume, respirando fundo ao sair do estacionamento. Seus dedos batucavam um ritmo nervoso no volante.

— Vamos, vamos — ela sussurrou, olhando de relance para o relógio mais uma vez. Havia uma fila de dois carros à nossa frente, cada um deles liberados

com uma lentidão agonizante. Pensei que ela fosse surtar na hora em que o último carro saiu noite adentro.

A dra. Begbie pisou no acelerador com muita força e o jipe guinou para a frente. O cinto de segurança travou quando ela pisou nos freios, arrancando o ar do meu peito.

Ela abaixou a janela, mas eu estava muito cansada para sentir medo. Pressionei a mão contra os olhos e respirei fundo. A máscara cirúrgica roçou nos meus lábios.

— Estou levando a dra. Rogers para casa. Deixe-me pegar o passe dela...

— Está tudo bem. Você está na agenda para as três da tarde amanhã, está certo?

— Sim. Obrigada. Por favor, indique que a dra. Rogers não virá.

— Entendido.

Eu estava cansada demais para tentar controlar os dedos divagantes do meu cérebro. Quando a dra. Begbie me tocou de novo, afastando o cabelo do meu rosto, uma imagem ganhou vida por trás dos meus olhos. Um homem de cabelos escuros, sorrindo abertamente, com os braços em volta da dra. Begbie, rodando-a, e rodando-a, e rodando-a, até que eu pude ouvir sua risada de deleite em meus ouvidos.

Cate abriu nossas janelas e o ar que passava correndo trouxe um cheiro de chuva, que me fez adormecer rapidamente!



SEIS

AINDA ESTAVA ESCURO LÁ FORA QUANDO ABRI OS OLHOS.

O ar-condicionado soprava pelas saídas, batendo a pequena árvore amarela de cartolina pendurada no retrovisor. Sua fragrância de baunilha era enjoativamente doce e tão arrebatadora que revirou meu estômago vazio. Mick Jagger cantava próximo ao meu ouvido, sobre guerra e paz e abrigo — esse tipo de mentira. Tentei desviar meu rosto de onde quer que a música estivesse escapando, mas só consegui bater o nariz contra a janela e distender o pescoço.

Sentei-me direito e quase me enforquei com o cinto de segurança cinza. Não estávamos mais no jipe.

A noite voltou como uma respiração profunda, completa e poderosa, tudo de uma vez. O brilho do painel verde iluminava o avental que eu usava, e isso era o suficiente para encher minha mente com a realidade do que acontecera.

Manchas de árvores e vegetação rasteira ladeavam uma estrada que estava escura por completo, salvo pelos pequenos e fracos faróis amarelos do carro. Pela primeira vez em anos, pude ver as estrelas que as monstruosas luzes de Thurmond haviam feito sumir. Elas eram tão brilhantes, tão claras, que não podiam ser reais. Eu não sabia o que era mais chocante — a infundável extensão de estrada ou o céu. Lágrimas formigavam meus olhos.

— Não se esqueça de respirar, Ruby — disse a voz ao meu lado.

Abaixei a máscara cirúrgica da minha boca enquanto olhava para cima. O cabelo louro da dra. Begbie estava circundando seu rosto, varrendo seus ombros. No tempo que levamos para sair de Thurmond para... onde quer que estivéssemos, ela despira o avental e vestira camiseta e jeans. A noite manchava a pele sob seus olhos como machucados. Eu não havia notado os ângulos agudos que compunham seu nariz e queixo.

— Você não entra num carro há muito tempo, hein? — ela riu, mas estava certa. Eu prestava mais atenção às guinadas de aceleração do carro do que às batidas do meu próprio coração.

— Dra. Begbie...

— Me chame de Cate — ela interrompeu, um pouco mais áspera do que antes. Não sei se reagi à abrupta mudança de tom ou não, mas ela imediatamente seguiu com “Sinto muito, foi uma noite muito longa e me cairia bem uma xícara de café”.

De acordo com o painel, eram 4h30 da manhã. Eu só tinha dormido por duas horas, mas me sentia mais alerta do que durante todo o dia. Toda a semana. Toda a minha vida.

Cate esperou até que os Rolling Stones terminassem a música, antes de desligar o rádio.

— Eles só tocam músicas antigas agora. Pensei que fosse uma piada, a princípio, ou algo que Washington quisesse, mas parece que é só o que pedem nos últimos tempos.

Ela olhou para mim com o canto do olho.

— Não consigo imaginar o porquê.

— Dra... Cate — eu disse. Até mesmo minha voz estava mais forte. — *Onde estamos?* O que está acontecendo?

Antes que ela pudesse responder, surgiu uma tosse do banco de trás. Eu me virei, apesar da dor no pescoço e no peito. Enrolado ali, numa bolinha protetora, havia outro garoto, mais ou menos da minha idade, ou talvez um ano mais novo. *Aquele* outro garoto. Max — Matthew — sei lá — da enfermaria, e ele parecia muito melhor do que eu me sentia enquanto dormia.

— Acabamos de deixar Harvey, em West Virgínia — disse Cate. — Foi onde encontramos alguns amigos que me ajudaram a trocar de carro e a tirar o Martin detrás do baú médico, no qual tivemos que escondê-lo.

— Espere...

— Ah, não se preocupe — Cate disse, depressa. — Nós garantimos que ele tivesse entradas de ar.

Como se essa fosse minha maior preocupação.

— Eles simplesmente a deixaram levá-lo para o carro? — perguntei. — Sem nem verificar?

Ela olhou para mim de novo e eu me orgulhei do olhar de surpresa.

— Os médicos em Thurmond usam aqueles baús para transportar resíduos médicos. Os controladores do acampamento começaram a forçar os médicos a jogar fora os resíduos eles mesmos quando o orçamento foi cortado. Sarah e eu estávamos encarregadas esta semana.

— Sarah? — interrompi. — Dra. Rogers?

Ela hesitou por um instante, antes de acenar com a cabeça.

— Por que você a amarrou? — Por que ela... — Por que *vocês* estão nos ajudando?

Ela respondeu minha pergunta com outra.

— Você já ouviu falar da Liga das Crianças?

— Algumas partes — disse. — E somente em sussurros. Se os rumores fossem verdadeiros, essa liga seria um grupo antigovernamental. Eram aqueles que as crianças mais jovens — que chegaram mais tarde em Thurmond — alegaram que estavam tentando dominar o sistema do acampamento. Aqueles que, supostamente, escondiam as crianças para que não fossem pegas. Eu sempre imaginei que fossem a versão de um conto de fadas da nossa geração. Nada assim tão bom poderia ser verdade.

— Nós — disse Cate, deixando aquela palavra se afundar antes de continuar — somos uma organização dedicada a ajudar as crianças afetadas pelas novas leis do governo. John Alban — já ouviu falar dele? Ele costumava ser um assessor de inteligência de Gray.

— Ele começou a Liga das Crianças?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Depois que a filha dele morreu, ele percebeu o que aconteceria com as crianças que sobrevivessem. Então, ele saiu de D.C. e tentou expor todos os testes que aconteciam nos acampamentos. O *New York Times*, o *Post* — nenhum deles queria publicar a história porque, naquele momento, as coisas estavam tão ruins que Gray os tinha sob controle por motivos de “segurança nacional” e os jornais menores desistiram com a economia.

— Então... — eu estava tentando aceitar isso, imaginando se eu a havia escutado mal. — Então, ele criou a Liga das Crianças para... nos ajudar?

O rosto de Cate iluminou-se num sorriso.

— Sim, é isso mesmo.

Então, por que você ajudou só a mim?

A questão surgiu como uma erva solitária, feia e com a raiz profunda. Esfreguei a mão sobre meu rosto, tentando afugentar as ruminações do meu cérebro, mas não conseguia espantá-las. Havia um sentimento estranho de ansiedade no meu peito, como se algo pesado estivesse tentando subir a partir do meu centro. Podia ser um grito.

— E os outros? — eu não reconheci minha própria voz.

— Os outros? Você quer dizer as outras crianças? — Os olhos de Cate estavam focados na estrada à nossa frente. — Eles podem esperar. A situação deles não é tão urgente quanto a sua. Quando chegar o momento certo, com certeza vamos voltar para buscá-los, mas, enquanto isso, não se preocupe. Eles viverão.

Eu recuei quase que de forma instantânea ao tom da voz dela, mais do que por suas palavras. A forma como ela disse aquilo — *eles viverão* — foi tão desdenhosa que eu quase esperava ver uma mão surgir no ar para me dispensar. *Não se preocupe*. Não se preocupe com a forma como foram maltratados, não se preocupe com suas punições, não se preocupe com as armas constantemente

apontadas para suas costas. Deus, eu queria vomitar.

Eu os deixara para trás, todos eles. Eu deixara Sam, mesmo depois de prometer que sairíamos juntas. Depois de tudo o que ela fizera para me proteger, eu simplesmente a *abandonara* ali...

— Ah... não, Ruby. Sinto muito, nem percebi como isso soaria — ela disse, alternando entre mim e a estrada. — Eu só quis dizer... Eu nem sei o que estou dizendo. Estive lá por semanas e ainda nem consigo começar a imaginar como deve ter sido. Não devia agir como se soubesse pelo que você passou.

— Eu só... Eu os abandonei — disse a ela, e não importava que minha voz estivesse tremendo, ou que minhas mãos tivessem agarrado meus cotovelos para evitar agarrá-la. — Por que você só trouxe a mim? Por que você não salvou os outros? Por quê?

— Eu já disse — ela falou, com suavidade — Tinha que ser você. Do contrário, eles teriam te matado. Os outros não estão em perigo.

— Eles *sempre* estão em perigo — eu disse, e me perguntei se ela tinha ao menos pisado na enfermaria. Como ela poderia não ter visto? Como ela não tinha ouvido falar, sentido, respirado isso? O ar em Thurmond era tão revestido de medo que você podia sentir seu gosto como vômito na garganta.

Precisei de menos de um dia naquele lugar para ver que o ódio e o terror vinham em círculos e alimentavam-se um do outro. Os FEPs nos odiavam, então tinham que nos fazer sentir medo deles. E nós sentíamos medo deles, o que nos fazia odiá-los ainda mais. Havia um entendimento velado de que estávamos em Thurmond por causa uns dos outros. Sem os FEPs, não existiria acampamento, mas sem as aberrações Psi não haveria necessidade de FEPs.

Então, a culpa era de quem? De todo mundo? De ninguém? Nossa?

— Você devia ter me deixado — devia ter pego outra pessoa, alguém que fosse melhor. — Eles vão ser punidos por causa disso, eu sei, eu sei disso, vão machucá-los e é minha culpa, por ter ido embora, por deixá-los para trás... — Eu sabia que não estava fazendo sentindo, mas eu parecia não conseguir conectar os pensamentos à minha língua. Aquele sentimento, a culpa avassaladora, a tristeza que tomou conta e que nunca se deixou ser libertada — como dizer aquilo a alguém? Como colocar aquilo em palavras?

Os lábios de Cate abriram-se, mas nenhum som saiu deles por diversos instantes. Ela segurou firme na direção e guiou o carro para a lateral da estrada. Quando seu pé saiu do acelerador, ela permitiu que o carro rodasse para uma parada hesitante. Quando as rodas enfim pararam de girar, busquei a maçaneta, com uma espinhada de dor total e completa me atravessando.

— O que você está fazendo? — Cate perguntou.

Ela tinha parado porque queria que eu soubesse, não era? Eu teria feito o mesmo se a situação fosse inversa. Eu entendi.

Inclinei-me para trás, longe do braço dela conforme ela estendia a mão,

mas em vez de empurrar a porta para abri-la, ela a fechou com força e deixou seus dedos pousados sobre meu ombro. Eu me encolhi, apertando meu corpo contra o assento o mais forte que pude, tentando evitar o toque dela. Isso era o pior que eu sentira em anos. Minha cabeça estava murmurando, um sinal certo de que eu estava perdendo o controle sobre ela. Se ela tinha alguma intenção de me abraçar, ou de acariciar meu braço, ou qualquer coisa que minha mãe teria feito, minha reação foi mais que suficiente para convencê-la a não tentar.

— Escute com muita atenção — ela disse, e não parecia importar a ela que, a qualquer momento, um carro ou um FEP pudesse vir correndo pela estrada. Ela esperou até que eu a estivesse olhando nos olhos. — A coisa mais importante que você já fez foi aprender a sobreviver. Não deixe *ninguém* fazer você se sentir como se não desse ter feito isso, como se merecesse estar naquele acampamento. Você é importante, você importa. Você importa para mim, importa para a Liga, para o futuro... — a voz dela falhou. — Eu nunca vou machucar você, ou gritar com você, ou deixar você passar fome. Vou te proteger pelo resto da minha vida. Nunca vou entender totalmente pelo que você passou, mas eu sempre vou escutar quando você precisar desabafar. Entendeu?

Algo quente floresceu em meu peito enquanto a respiração formava um nó em minha garganta. Eu queria dizer algo em resposta, agradecê-la, pedir que ela repetisse aquilo, só para ter certeza de que eu não tinha entendido errado ou escutado mal o que ela havia dito.

— Não consigo fingir que nada aconteceu — disse a ela. Eu ainda sentia as vibrações da cerca sob minha pele.

— Você nem deve... nunca deve esquecer. Mas faz parte da sobrevivência aprender a seguir em frente. Existe uma palavra — ela continuou, virando-se para estudar seus dedos que agarravam o volante. — Não existe nada igual na língua inglesa. É em português. *Saudade*. Você conhece?

Balancei a cabeça. Eu não sabia nem metade das palavras em minha própria língua.

— É mais como... não há uma definição perfeita. É mais uma expressão de sentimento, de tristeza terrível. É o sentimento que se tem quando se percebe que algo que você perdeu está perdido para sempre, e que você nunca mais poderá recuperar. — Cate respirou fundo. — Eu pensava nessa palavra com frequência em Thurmond. Porque as vidas que tinham antes — que todos nós tínhamos antes — nunca poderemos recuperá-las. Mas existe um começo no final, sabe? É verdade que não se pode recuperar o que tinha, mas é possível deixá-lo para trás. Começar de novo.

Eu entendia o que ela estava falando, e sentia que suas palavras vinham de um lugar verdadeiro e afetuoso, mas, depois de ter tido minha vida quebrada em rotações por tanto tempo, pensar em dividi-la ainda mais era inimaginável.

— Aqui — ela disse, enfiando a mão dentro da gola da blusa. Ela puxou um longo cordão de prata sobre sua cabeça, e a última coisa a se revelar foi um pingente preto circular, um pouco maior do que o tamanho de um dedão, pendurado nele.

Estendi minha mão e ela deixou o colar cair dentro dela. A corrente ainda estava quente por ter ficado contra a sua pele, mas fiquei surpresa ao descobrir que o pingente não passava de plástico.

— Chamamos isso de botão de pânico — ela disse. — Se você o apertar por vinte segundos, ele se ativa e quaisquer agentes que estiverem por perto responderão. Não imagino que você vá precisar usá-lo, mas gostaria que você ficasse com ele. Se sentir medo, ou se nos separarmos, quero que você o aperte.

— Vai me rastrear? — algo sobre aquela ideia deixou-me vagamente desconfortável, mas eu coloquei a corrente mesmo assim.

— Não, a menos que você o ative — Cate prometeu. — Nós os projetamos de uma forma que os FEPs não sejam capazes de, acidentalmente, captar um sinal transmitido por eles. Eu prometo, você está no controle aqui, Ruby.

Puxei o pingente para cima e o segurei entre os dedos polegar e indicador. Quando percebi como meus dedos estavam sujos e quanta terra ainda havia depositada sob minhas unhas, eu o larguei. Eu não combinava com coisas boas.

— Posso fazer outra pergunta? — esperei até que ela enfim tivesse levado o carro de volta à estrada e, mesmo assim, precisei de algumas tentativas para conseguir soltar as palavras. — Se a Liga das Crianças foi formada para acabar com os acampamentos, por que vocês se deram ao trabalho de pegar a mim e ao Martin? Por que não explodiram a Torre de Controle enquanto estavam lá?

Cate passou a mão sobre os lábios.

— Não estou interessada nesses tipos de operações — ela disse. — Eu prefiro me concentrar no problema real, que é ajudar vocês. Se você destruir uma fábrica, eles vão construir outra. Mas, se você destrói uma vida, acabou. Nunca se recupera aquela pessoa.

— As pessoas têm alguma ideia? — eu soltei. — Sabem que não estão nos recuperando, de jeito nenhum?

— Não tenho certeza — Cate disse. — Alguns sempre viverão em negação sobre os acampamentos e acreditarão no que quiserem acreditar a respeito deles. Acho que a maioria das pessoas sabe que existe algo errado, mas está muito envolvida com seus próprios problemas para questionar como o governo está lidando com as coisas no acampamento. Acho que querem confiar que todos vocês estão sendo bem tratados. Sinceramente... sobram poucos de vocês agora.

Sentei-me direito de novo.

— O quê?

Dessa vez, Cate não conseguiu olhar para mim.

— Não queria ser a pessoa a te dizer isso, mas as coisas estão muito piores agora do que estavam antes. A última estimativa da Liga dizia que dois por cento da população do país, de dez a doze anos de idade, estava em acampamentos de recuperação.

— E quanto ao resto? — eu disse, mas já sabia a resposta. — Os noventa e oito por cento?

— A maioria foi vítima da NAIA.

— Eles morreram — eu corrigi. — Todas as crianças? Em todos os lugares?

— Não, não em todos os lugares. Houve alguns casos reportados em outros países, mas aqui na América... — Cate respirou fundo. — Não sei quanto devo contar a você agora, porque não quero assustá-la, mas parece que o início da NAIA ou dos poderes Psi está ligado à puberdade...

— Quantos? — eles realmente não tinham aprendido nada de novo em todos os anos em que estive presa em Thurmond? — Quantos de nós restaram?

— De acordo com o governo, aproximadamente um quarto de milhão de crianças abaixo de dezoito anos de idade, mas nossa estimativa é de quase um décimo disso.

Eu ia passar mal. Despreendi o cinto de segurança e inclinei-me para a frente, colocando a cabeça entre as pernas. Do canto do meu olho, vi a mão de Cate descendo, como se ela fosse repousá-la em minhas costas, mas eu desviei de novo. Por um bom tempo, o único som entre nós foi o dos pneus rodando pela estrada.

Continuei com o rosto para baixo e os olhos fechados por tempo suficiente para que Cate se preocupasse.

— Você ainda está se sentindo enjoada? Tivemos que dar a você uma dose de penicilina alta o bastante para induzir sintomas convulsivos. Confie em mim, se pudéssemos ter feito de qualquer outra forma, teríamos feito, mas precisávamos de algo sério o suficiente para que os FEPs levassem você para a enfermaria.

Martin roncava atrás de nós, até que, enfim, até mesmo isso se esvaiu com o som dos pneus rolando pela velha estrada. Meu estômago revirava só de pensar em perguntar exatamente a quantos quilômetros estávamos de Thurmond, quanto longe o passado estava de fato.

— Eu sei — eu disse, após um tempo. — Obrigada... de verdade.

Cate estendeu o braço e, antes mesmo que eu pudesse pensar em impedi-la, sua mão desceu suavemente do meu ombro até meu braço. Senti algo quente coçando por trás da minha mente e reconheci a vibração de aviso. O primeiro clarão branco e quente de sua mente veio e se foi tão depressa que vi a cena como um negativo de foto. Uma jovem garota, com cabelo louro branco numa cadeira alta, com a boca congelada num sorriso banguela. A próxima

permaneceu paralisada o bastante para que eu reconhecesse que estava vendo fogo. *Fogo* — por todos os lados, subindo pelas paredes do quarto, queimando com toda a intensidade do sol. Essa... lembrança? Tremia, estremecia com tanta força que eu tive que cerrar os dentes para evitar ficar enjoada. Dentro da memória de Cate, uma porta prateada com o número 456B em letras pretas estampadas sobre ela apareceu na visão. Uma mão surgiu, buscando pela maçaneta — os dedos pálidos e esbeltos de Cate, esticados — e logo se afastando ao toque quente e fundido. Uma mão irrompeu da madeira, depois um pé. A imagem fraquejou, enrolando nas bordas conforme a porta desaparecia atrás da fumaça escura que jorrava através de suas fendas e juntas.

A mesma porta escura fechou-se e eu pulei para trás, puxando meu braço de debaixo do dela.

Que diabos? pensei, com o coração pulsando nas orelhas. Apertei os olhos para fechá-los.

— Ainda? — Cate disse.— Ah, Ruby, eu sinto muito. Quando trocarmos de carro, vou pedir algo para ajudar a acalmar seu estômago.

Ela, como todos os outros, não fazia ideia.

— Sabe... — Cate disse após um tempo, mantendo os olhos na estrada escura, onde ela se encontrava com o céu brilhante. — Você foi corajosa em tomar as pílulas e vir comigo. Eu sabia que havia mais em você do que a garota quieta que encontrei na enfermaria.

Eu não sou corajosa. Se eu fosse, teria confessado o que eu realmente era, não importa quão terrível. Teria trabalhado, comido e dormido junto com os outros Laranjas, ou ao menos saído da sombra dos Amarelos e Vermelhos.

Aquelas crianças tiveram tanto orgulho de seus poderes. Elas estavam determinadas a atormentar os controladores do acampamento a cada turno, ferindo os FEPs, ateando fogo nas suas cabanas e vestiários, tentando persuadi-los a saírem dos portões ou enlouquecendo os adultos, colocando imagens de famílias assassinadas ou esposas adúlteras em suas mentes.

Era impossível deixar de percebê-los, não sair do caminho ou desviar quando eles passavam. Eu me permitira ficar como uma covarde na fila insossa e interminável de cinza e verde, nunca chamando atenção, nunca, nem uma vez, me permitindo acreditar que eu podia ou devia escapar. Acho que tudo o que eles queriam era encontrar uma saída, e fazê-lo eles mesmos. Eles brilharam tanto e lutaram muito para ficar livres.

Mas nenhum deles chegara aos dezesseis anos.

Há milhares de maneiras de descobrir se alguém está mentindo para você. Não precisa ser capaz de ler suas mentes para captar todos os pequenos sinais de insegurança e desconforto. Mais frequentemente, tudo o que é preciso fazer é olhar para eles: se desviarem os olhos para a esquerda enquanto estiverem

falando com você, se acrescentarem muitos detalhes a uma história, se responderem a uma pergunta com outra pergunta. Meu pai, um policial, ensinou isso para mim e para mais vinte e quatro crianças na segunda série, quando fez sua apresentação sobre Perigosos Estranhos.

Mas Cate não tinha sinais. Ela contou coisas sobre o mundo que não pareciam possíveis, não até conseguirmos sintonizar uma estação de rádio e uma voz solene vazar pelos alto-falantes para confirmar tudo.

— Sim! — ela gritou, batendo a palma da mão contra o volante. — Finalmente!

— *O presidente supostamente recusou um convite do primeiro ministro britânico para discutir possíveis medidas de auxílio para a crise econômica mundial e como trazer a vida de volta aos desestimulados mercados de ações globais. Quando questionado sobre sua decisão, o presidente citou o papel do Reino Unido nas sanções da ONU contra os Estados Unidos.*

Cate mexeu de novo na sintonia. A voz do radialista aparecia e sumia. Ao primeiro sinal de estática, eu pulei.

— *... quarenta e cinco mulheres foram presas em Austin, Texas, ontem, por tentarem escapar do registro de nascimento. As mulheres serão detidas numa instituição correcional até que seus filhos nasçam e, em seguida, as crianças serão removidas, para a segurança de suas mães e do estado do Texas. O procurador-geral disse...* — Outra voz apareceu, profunda e rouca. — *De acordo com a Nova Ordem 15, o presidente Gray emitiu um mandado de prisão para todas as pessoas envolvidas com essa perigosa atividade...*

— Gray? — eu disse, olhando para Cate. — Ele ainda é o presidente?

Ele tinha sido recém-eleito quando os primeiros casos de NAIA apareceram, e eu não me lembrava de nada a respeito dele, a não ser o fato de que tinha olhos e cabelos escuros. E, até mesmo isso, eu só sabia porque os controladores penduraram fotos do seu filho, Clancy, em todo o acampamento, como uma prova para nós de que também poderíamos ser reformados. Tive uma recordação repentina e aguda da última vez em que estive na enfermaria, e da forma como a foto dele parecia me observar.

Ela balançou a cabeça, visivelmente indignada. — Ele concedeu a si mesmo uma prorrogação do mandato, até que a situação dos Psi estivesse, e eu cito, *resolvida de forma a garantir que os Estados Unidos estejam seguros de atos telecinéticos de terror e violência*. Ele até mesmo suspendeu o Congresso.

— Como ele conseguiu isso? — perguntei.

— Com seus famosos poderes de guerra — disse Cate. — Talvez um ano ou dois após você ter sido capturada, alguns garotos Psi quase conseguiram explodir o Capitólio.

— Quase? O que isso significa?

Cate olhou de novo para mim, estudando meu rosto.

— Isso significa que eles só conseguiram explodir a parte do Senado. O

controle do presidente Gray sobre o governo só deveria durar até que novas eleições do congresso pudessem ser realizadas, mas, então, as revoltas começaram quando os FEPs passaram a arrancar as crianças das escolas sem a permissão dos pais. Daí, é claro, a economia cambaleou e o país parou de pagar sua dívida. Você ficaria surpresa sobre quão pouca voz se tem quando se perde tudo.

— E todos simplesmente deixaram? — o pensamento revirou meu estômago.

— Não, ninguém simplesmente *deixou*. Está o caos lá fora agora, Ruby. Gray continua tentando endurecer seu controle e, todos os dias, mais e mais pessoas estão se revoltando ou violando as leis que ainda temos, só para colocar comida na mesa.

— Meu pai foi morto num tumulto.

Cate virou-se para o banco de trás tão rápido que o carro de fato desviou para a outra pista. Eu sabia que Martin estava acordado há pelo menos dez minutos; sua respiração havia tornado-se muito mais leve e ele havia parado com aquelas estranhas lambidas nos lábios e com os grunhidos. Eu só não queria falar com ele ou interromper Cate.

— As pessoas na nossa vizinhança roubaram a loja dele para pegar comida, e ele sequer conseguiu se defender.

— Como está se sentindo? — as palavras de Cate eram revestidas de açúcar, quase tão doces quanto o aroma do purificador de ar de baunilha rodopiando à nossa frente.

— Bem, eu acho — ele sentou-se, tentando arrumar seu desajeitado cabelo marrom para algo mais apresentável. Martin era todo redondo; suas bochechas pendiam e a camiseta do seu uniforme devia ser uns dois números menores, mas ele ainda não tinha começado a crescer como os outros garotos em sua cabana. Eu deveria ser um ou dois centímetros mais alta que ele, sendo que eu tinha a estatura baixa, mediana. Ele não podia ter mais do que um ano a menos do que eu.

— Fico feliz — disse Cate. — Tem uma garrafa de água aí atrás, se você precisar. Vamos parar daqui a mais ou menos uma hora para trocar de carro de novo.

— Para onde estamos indo?

— Vamos encontrar um amigo em Marlinton, West Virgínia. Ele terá uma troca de roupa e papéis de identificação para vocês dois. Já estamos quase lá.

Eu tinha certeza de que Martin tinha voltado a dormir até ele perguntar: — Aonde vamos depois disso?

O rádio piscou e ganhou vida, soltando pedaços de Led Zeppelin, antes de perder a sintonia mais uma vez para a estática e o silêncio.

Eu sentia os olhos de Martin perfurando minha nuca. Tentei não virar para

trás para olhar de volta, mas eu não estivera tão perto de um garoto da minha idade desde que fomos separados. Após anos vivendo em lados opostos da trilha principal de Thurmond, era enervante de repente estar na presença de todos seus pequenos detalhes. As sardas que não tinha notado no rosto dele, por exemplo, ou a forma como suas sobrancelhas pareciam se fundir em uma.

O que eu devia dizer a ele? *Estou tão feliz de ter te encontrado? Somos os últimos de nós?* Uma delas era verdade e a outra não podia estar mais longe disso.

— Vamos nos reagrupar com a Liga na sede do sul. Depois de chegarmos lá, vocês podem decidir se querem ficar — ela disse. — Sei que passaram por muita coisa, então não precisam fazer escolhas agora. Apenas saibam que estarão seguros se ficarem comigo.

A sensação de liberdade subiu tão rápido dentro de mim que tive de espantá-la para baixo, para esmagá-la junto com meu coração inchado. Ainda era muito perigoso. Havia uma chance de os FEPs nos alcançarem, de eu estar de volta ao acampamento ou morrer antes mesmo de chegarmos à Virgínia.

Martin espiava-me com seus olhos escuros espremidos. Eu observava enquanto suas pupilas pareciam encolher, e senti um formigamento na minha mente. A mesma sensação que eu sempre pressentia quando minhas habilidades queriam sair e serem usadas.

Que diabos? Meus dedos enfiaram-se nos descansos de braço, mas eu não virei para ver se ele ainda estava ali. Olhei para o espelho retrovisor uma vez, observando enquanto ele se encostava no assento e cruzava os braços sobre o peito, bufando. Um machucado no canto de sua boca estava vermelho, como se ele tivesse coçado uma ferida.

— Quero ir para onde eu possa fazer o que não podia em Thurmond — Martin disse, enfim.

Eu não quis saber o que ele quis dizer com aquilo.

— Sou muito mais poderoso do que você pensa — ele continuou. — Você não vai precisar de ninguém depois de ver o que posso fazer.

Cate sorriu.

— É com isso que estou contando. Eu sabia que você entenderia.

— E você, Ruby? — ela perguntou, virando-se para mim. — Você está disposta a fazer a diferença?

Se eu dissesse que não, eles me deixariam ir? Se eu pedisse para ir para a casa dos meus pais, em Salem, eles me levariam para lá — sem fazer perguntas? Para Virgínia Beach, se eu quisesse ver minha avó? Sair do país, se fosse isso o que eu realmente quisesse?

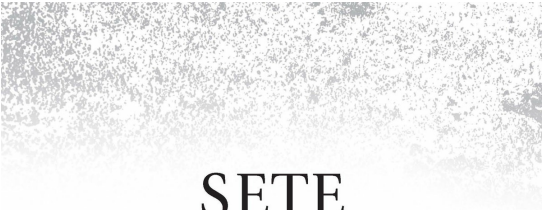
Ambos me olhavam, com a aparência espelhada de urgência e excitação. Eu queria ter sentido isso. Queria ter compartilhado da segurança que eles sentiam a respeito de sua escolha, mas eu não tinha certeza absoluta do que

queria. Eu só sabia o que não queria.

— Me leve para qualquer lugar — eu disse. — Qualquer lugar que não a minha casa.

Martin cutucou o machucado com unhas encardidas até aparecer sangue, e lambeu os lábios e a ponta dos dedos. Observando-me, como se esperasse que eu lhe pedisse um gostinho.

Eu virei de volta para Cate, com uma pergunta morrendo em meus lábios. Porque por um instante, apenas um, eu só conseguia pensar na visão de fogo e fumaça subindo pelas linhas agudas dos ombros dela e a porta que ela não conseguiu abrir.



SETE

CHEGAMOS AOS LIMITES DA CIDADE DE MARLINTON às 7 horas da manhã, assim que o sol decidiu reaparecer por trás da espessa camada de nuvens. Ele coloria as árvores próximas com uma fraca cor violeta e cintilava da parede de névoa que se juntava sobre o asfalto. Até o momento, tínhamos passado por diversas saídas da estrada que tinham barricadas de lixo, trilhos ou carros abandonados, feitas pela Guarda Nacional, para conter cidades e vilarejos hostis, ou pelos próprios moradores, para manter os saqueadores e visitantes indesejados longe de áreas já muito atingidas. A própria estrada, no entanto, estivera silenciosa por horas a fio, o que significava que teríamos algum tipo de interação humana mais cedo ou mais tarde.

Foi mais cedo, na forma de uma carreta vermelha. Abaixei-me no meu banco enquanto ela passava por nós, levando consigo suas rodas e seu motor barulhento. Estava obviamente indo para a direção oposta, mas tive uma visão perfeita do cisne dourado pintado em sua lateral.

— Eles estão por todos os lados — disse Cate, seguindo minha linha de visão. — Isso provavelmente é um carregamento para Thurmond.

Foi o primeiro sinal real de vida que vimos em todo o caminho — provavelmente porque estávamos passando pela Estrada Homem Morto, no Meio do Nada —, mas aquele único caminhão foi o bastante para assustar Cate.

— Vá para trás — ela disse — e fique abaixada.

Eu fiz o que ela mandou. Soltando o cinto de segurança, fiquei espremida entre os bancos da frente e enrosquei as pernas neles.

Martin olhava com olhos vidrados. Num momento, senti sua mão escorregar contra meu braço, como se estivesse tentando me ajudar. Eu recuei, escorregando no espaço entre o banco de trás e o do passageiro. Minhas costas estavam contra a porta e meus joelhos contra o peito, mas ainda estávamos muito perto. Quando ele sorriu, foi o bastante para minha pele se arrepiar.

Havia garotos em Thurmond. Muitos deles, na verdade. Mas qualquer atividade que envolvesse mistura dos sexos — comer juntos, partilhar cabanas ou até mesmo passar uns pelos outros, a caminho dos vestiários — era estritamente proibida. Os FEPs e controladores do acampamento aplicavam a regra com o mesmo nível de severidade que faziam com as crianças que — intencionalmente ou sem querer — usavam suas habilidades. O que, é claro, só enlouquecia ainda mais a cabeça de todos, já entorpecida de hormônios, e transformava algumas das minhas colegas de cabana numa raça de elite de espreitadoras.

Talvez eu não me lembrasse da forma “certa” de interagir com alguém do sexo oposto, mas tenho certeza de que Martin também não.

— Divertido, hein? — ele disse. Pensei que ele estava brincando, até que vi um olhar muito ávido em seus olhos. A comichão veio de novo, a sensação formigante de outra tentativa de bisbilhotar na minha cabeça, o pavor correndo pela minha coluna como um dedo petrificado. Eu me espremi contra a porta e mantive os olhos em Cate, mas não era longe o bastante.

Não somos nada parecidos, percebi. Tínhamos sido trazidos para o mesmo lugar, vivíamos o mesmo tipo de terror, mas ele... ele era tão...

Eu precisava mudar o assunto e distraí-lo seja lá do que ele estivesse tentando fazer. O ar-condicionado estava ligado, mas não dava para saber pelo calor que estava fazendo.

— Você acha que Thurmond já notou que fomos embora? — perguntei, quebrando o silêncio.

Cate desligou os faróis.

— Acho que sim. Os FEPs não têm contingente para sair numa caçada atrás de nós, mas tenho certeza de que se tocaram do que vocês são.

— O que você quer dizer? — perguntei. — Que somos Laranjas? Eu pensei que você tivesse dito que eles já sabiam. Por isso que tivemos que sair tão depressa.

— Eles estavam prestes a descobrir vocês — Cate explicou. — Eles estavam testando as frequências Laranja e Vermelha naquele Controle de Calma. Não acho que nenhum deles esperava que funcionasse tão rápido, *por isso* tivemos que tirar vocês de lá imediatamente.

Frequências — Martin repetiu. — Você quer dizer que colocaram algo naquilo?

— É isso mesmo — Cate sorriu para ele pelo retrovisor. — A Liga ficou sabendo do novo método deles para tentar eliminar as crianças que foram rotuladas de forma incorreta quando haviam sido levadas ao acampamento. Vocês sabem que os adultos não conseguem escutar o Controle de Calma, tenho certeza.

Nós dois acenamos negativamente com a cabeça.

— Os cientistas de lá têm trabalhado em frequências que só algumas

crianças da juventude Psi conseguem distinguir e processar. Há alguns cumprimentos de onda que todos vocês podem ouvir, e outros que só Verdes, Azuis ou — neste caso — Laranjas podem detectar.

Fazia sentido, mas não tornava aquilo menos horripilante.

— Sabe, estive pensando — Cate começou. — Como *vocês* dois fizeram isso? Especialmente você, Ruby. Você chegou naquele acampamento tão nova. Como driblou a triagem?

— Eu... simplesmente driblei — disse. — Eu falei ao homem que fez meus testes que eu era Verde. Ele escutou.

— Isso é chato — Martin interrompeu, olhando direto para mim. — Você provavelmente nem teve que usar seus poderes.

Eu não gostava de pensar neles como *poderes*, isso parecia ser algo a comemorar. E decerto não era.

— Mandeí alguém trocar de lugar comigo quando começaram a separar os Ls e Vs. Não queria me ferrar com eles, sabe? — Martin inclinou-se para a frente. — Então, puxei de lado um dos novos Verdes, que era mais ou menos da minha idade, e fiz ele e o supervisor pensarem que ele era eu. Fiz o mesmo com qualquer um que perguntasse. Um a um. Legal, né?

A repulsa revirava-se em minhas entranhas. Ele não se sentiu arrependido por ter feito nada disso, isso estava claro. Talvez eu tenha mentido sobre o que eu era, mas não tinha condenado outra criança a fazê-lo. Era nisso que você se transformava ao ter o controle sobre seus poderes Laranjas? Um tipo de monstro — alguém que podia fazer o que quisesse porque ninguém era capaz de impedi-lo?

Era assim que era ser poderoso?

— Então, você consegue fazer as pessoas acreditarem que são alguém que não são? — Cate disse. — Pensei que os Laranjas pudessem somente mandar alguém fazer algo. Algum tipo de hipnose.

— Que nada — disse Martin. — Posso fazer muito mais do que isso. Levo as pessoas a agirem como eu quero, fazendo com que elas sintam o que eu desejar que elas sintam. Tipo aquele garoto com quem troquei de lugar. Eu fiz com que ele ficasse com muito medo de permanecer na própria cabana, fiz com que sentisse que seria uma boa ideia fingir ser eu. Qualquer um que me questionasse... eu fazia morrer de vontade de fazer isso. Então, eu meio que consigo mandar as pessoas fazerem as coisas, mas é mais como... Se eu quero que alguém machuque outra pessoa, tenho que fazer com que se sinta muito, muito bravo e nervoso em relação à pessoa que eu quero que ele ataque.

— Ah — disse Cate. — É o mesmo para você, Ruby?

Não. De jeito nenhum, na verdade. Eu olhei para as minhas mãos, para a lama escura ainda acumulada sob minhas unhas. A ideia de revelar exatamente o que eu podia fazer fez minhas mãos tremerem de uma forma que eu não

esperava.

— Eu não jogo sentimentos nas pessoas, eu só vejo coisas.

Pelo menos, até onde eu sabia.

— Uau... eu... uau. Eu sei que falo isso sempre, mas vocês dois são mesmo incríveis. Fico pensando em todas as coisas que vocês podem fazer, em quanto poderão nos ajudar. Incrível.

Virando para o lado, ergui a cabeça o bastante para olhar para a estrada. Atrás de mim, senti Martin apanhar algumas mechas soltas do meu cabelo e começar a enrolar em seus dedos. Pude ver o reflexo do meu rosto redondo no espelho retrovisor — os grandes olhos que pareciam quase sonolentos, sobranceiras espessas e escuras, lábios fartos. Pude ver a repulsa nele.

Não deveria ter feito isso, mas mordi a isca. Martin quase teve tempo de se preparar antes que eu rodopiasse e estapeasse aquela mesma mão pegajosa de volta ao seu colo. Minha respiração seguinte ficou presa na garganta. *Não me toque*, eu queria dizer; *não pense que não vou quebrar cada um dos dedos desta mão*. Mas ele estava rindo para mim, com a língua em sua ferida fria, erguendo a mão mais uma vez. Só que, desta vez, ele sacudiu os dedos na minha direção, provocando-me. Inclinei-me para a frente, pronta para apanhar aquele mesmo punho, para matar aquele porco, com frieza, com força e rapidez.

Mas era isso mesmo o que ele queria. A percepção fluíu por mim, densa e devagar, aproximando-se das minhas entranhas. Ele queria que eu mostrasse o que podia fazer, que eu desejasse alimentar minhas habilidades com o mesmo tipo de crueldade que pulsava nele.

Virei as costas para ele de novo, cerrando os punhos com suas risadinhas triunfantes.

A raiva era minha ou ele a tinha jogado em mim?

— Tudo bem aí atrás? — Cate olhou por sobre o ombro. — Segurem firme, estamos quase chegando.

Seja lá como Marlinton fosse normalmente, era muito pior sob nuvens cinzas e uma camada de chuva brumosa. Estranha e terrível o bastante para distrair até mesmo Martin dos jogos que estava fazendo com minha mente.

Os shoppings centers desertos com vitrines quebradas já eram perturbadores antes mesmo de entrarmos na primeira vizinhança de pequenas casas marrons, cinzas e brancas. Passamos por diversos carros vazios ao longo das ruas e calçadas, alguns com brilhantes placas cor de laranja escritas À VENDA ainda presas no vidro traseiro, mas todos cobertos por uma película espessa de folhas marrons e apodrecidas. Os carros estavam cercados por pilhas de lixo e caixas — móveis, tapetes, computadores. Salas inteiras, repletas de aparelhos eletrônicos enferrujados e inúteis.

— O que houve aqui? — perguntei.

— É meio difícil de explicar, mas você se lembra do que eu disse sobre a

economia? Após o ataque em D.C., o governo entrou em decadência e uma coisa levou à outra. Não conseguimos pagar a dívida nacional nem enviar dinheiro aos Estados, não pudemos fornecer benefícios, não pagamos funcionários do governo. Nem mesmo as cidades pequenas como esta escaparam. As pessoas ficaram sem seus empregos quando as empresas foram à falência e, então, perderam suas casas, pois não conseguiam mais pagar por elas. Tudo isso é terrível.

— Mas onde está todo mundo?

— Em acampamentos, fora das cidades grandes, como Richmond e D.C., à procura de trabalho. Sei que muitas pessoas estão tentando ir para o Oeste, pois acham que lá há mais trabalho e comida disponíveis, mas... bem, eu imagino que será mais seguro. Tem muitos grupos de saqueadores e vigilantes vagando por aqui.

Eu quase tive medo de dizer.

— E a polícia? Por que não os impedem?

Cate mordeu o lábio inferior.

— É como eu disse, os Estados não conseguiram pagar seus salários, então foram dispensados. A maior parte do trabalho policial agora é feita por voluntários ou pela Guarda Nacional. É por isso que você precisa ficar perto de mim, ok?

Ficou muito pior ao passarmos pela escola infantil.

O trepa-trepa em tom pastel, ou o que havia restado dele, estava manchado de preto e retorcido em direção ao chão. Grupos de pássaros estavam empoleirados ao longo de sua estrutura, observando-nos enquanto cruzávamos correndo o semáforo e virávamos a esquina.

Passamos pelo que deveria ter sido o refeitório, mas todo o lado direito do prédio havia cedido. O mural colorido de rostos e sóis pintados do outro lado do prédio era visível logo após a emaranhada teia de fita policial amarela bloqueando os escombros.

— Alguém colocou uma bomba no refeitório pouco antes da primeira Coleta — Cate disse. — Disparou durante o horário do almoço.

— O governo? — Martin pressionou, mas Cate não tinha uma resposta para ele. Ela ligou a seta ao virar outra vez para a direita, sinalizando a curva para ninguém em especial.

Uma cidade sem pessoas.

Minha respiração embaçou a janela ao deixarmos aquela vizinhança para trás e acelerarmos na direção de outra calçada de lojas. Passamos por uma Starbucks, um salão de manicure, um McDonald's e outro salão de manicure, antes de Cate, enfim, parar num posto de gasolina.

Eu vi o outro carro imediatamente — uma caminhonete parda, de um tipo que nunca tinha visto antes. O homem encostado nela não estava colocando

gasolina. Todas as bombas estavam destruídas, com as mangueiras e os bocais espalhados pelo concreto.

Cate buzinou, mas o homem já tinha nos visto e estava acenando. Ele também era jovem, pelo menos tão jovem quanto Cate, com estatura baixa e cabelo castanho-escuro, que caía sobre sua testa. Conforme nos aproximamos, o sorriso no seu rosto desabrochou em algo brilhante e eu o reconheci, então, como o homem dos pensamentos de Cate. Aquele que ela imaginava em cores e luzes deslumbrantes ao deixarmos Thurmond.

Cate mal estacionara o carro antes de abrir sua porta e disparar direto até ele. Eu a ouvi soltar uma risada aguda ao lançar os braços em torno do pescoço dele, batendo nele com tanta força que os óculos escuros voaram de seu rosto.

A palma da mão suada de Martin tocou o ponto onde meu pescoço se encontrava com o colarinho da camiseta, dando um leve apertão, e isso foi a gota d'água para mim. Abri a porta do carro e saí, quisesse Cate ou não.

O ar estava úmido, com uma fina bruma de chuva iluminando as árvores e a grama num verde elétrico. Agarrava-se às minhas bochechas e ao meu cabelo, o que era um alívio de boas-vindas, após passar as últimas horas confinada com Martin, o Respirador pela Boca, que parecia estar revestido de algo perpetuamente grudento.

— ... eles encontraram Norah cerca de meia hora depois que você foi embora — o homem disse enquanto me aproximava. — Eles mandaram duas unidades atrás de vocês. Tiveram problemas?

— Nenhum — Cate tinha um braço ao redor da cintura dele. — Mas não me surpreende. Eles estão apertados agora. Mas, onde estão seus...

Rob balançou a cabeça com força, com uma sombra passando por seu rosto.

— Não consegui tirá-los.

O corpo inteiro de Cate pareceu desmoronar.

— Ah... sinto muito.

— Tudo bem. Parece que você teve mais sucesso que eu. Ela está bem? — Os dois viraram-se para olhar para mim.

— Ah, Rob, essa é a Ruby — ela disse. — Ruby, esse é o meu... esse é Rob.

— Que apresentação mais chata! — Rob reclamou. — Estou vendo que eles escondem as meninas bonitas em Thurmond.

Ele estendeu a mão para mim. Uma palma grande, cinco dedos, juntas peludas. Normal. Pelo jeito que olhei, poderia pensar que a pele dele estava coberta de escamas. Minha mão continuou pressionada contra minha coxa. Dei um passo mais para perto de Cate.

Não havia uma arma na mão dele, ou faca, ou uma máquina de Ruído Branco, mas eu podia ver machucados e cortes, alguns recentes, cruzando as costas da sua mão até o punho, onde as linhas vermelhas nervosas desapareciam

por baixo das mangas de sua camisa branca. Foi só quando ele puxou a mão de volta que notei pequenos pontos vermelhos no punho direito da camisa.

O rosto de Rob ficou tenso quando ele viu para onde eu estava olhando. Aquela mesma mão desapareceu atrás das costas de Cate, apertando a cintura dela.

— Uma total doçura, não é? — Cate olhou para ele. — Ela será perfeita para trabalhos internos. Quem podia dizer não para este rosto? Uma *Laranja*.

Rob soltou um assvio de apreciação.

— Caramba.

Pessoas que valorizavam Laranjas. Imagine só.

— Sarah está bem? — pressionei.

Rob pareceu confuso.

— Ela quer dizer Norah Jenkins — Cate disse. — O nome Sarah era apenas o disfarce dela.

— Ela está bem — Rob disse, colocando a mão em meu ombro. — Até onde sei, ainda a estão interrogando. Tenho certeza de que nossos olhos em Thurmond vão nos atualizar caso algo mude.

Minhas mãos de repente ficaram adormecidas.

— *Seu* nome é Cate?

Ela riu.

— Sim, mas meu sobrenome é Conner, não Begbie.

Eu fiz que sim com a cabeça, só porque não sabia mais o que fazer ou dizer.

— Você não disse que eles eram dois? — Rob estava olhando por sobre meu ombro. Na mesma hora, ouvi uma porta se abrir e fechar com força atrás de mim.

— Lá está ele — disse Cate. — Martin, venha cá. Quero que conheça nosso novo camarada. Ele nos levará até a Geórgia.

Martin apressou-se em pegar a mão do homem, antes mesmo que Rob tivesse a chance de oferecê-la.

— Agora — Cate disse, batendo as mãos — não temos muito tempo, mas preciso que se lavem e vistam algo menos suspeito.

A caminhonete soltou um som estável, conforme Rob abriu uma de suas portas traseiras. Quando se virou, alguns raios de sol dispersos bateram no cabo de metal da arma enfiada no cós de seu jeans. Dei um passo para trás enquanto ele tentava alcançar algo que eu não conseguia ver lá dentro.

Foi estúpido da minha parte não esperar que um deles, ou os dois, estivesse carregando armas, mas meu estômago se apertou mesmo assim. Desviei o olhar, observando as manchas de óleo velho tatuadas no asfalto, e esperei até que a porta do carro se fechasse novamente.

— Aqui está — Rob disse, passando a cada um de nós uma mochila preta.

Meu companheiro de aberração pegou a dele, verificando seu conteúdo como se fosse uma sacola de lembrança de festa.

— Parece que os banheiros do posto ainda têm água corrente. Eu não tentaria beber, no entanto — Rob continuou. — Tem uma muda de roupas e outras coisas úteis aí. Não demorem um milhão de anos, mas fiquem à vontade para se lavar do acampamento.

Lavar-me de Thurmond? Esfregar como uma mancha de lama? Eu podia conseguir apagar as lembranças de todo mundo, mas não conseguia apagar as minhas.

Peguei minha mala sem dizer uma só palavra, com o início de uma dor de cabeça borbulhando na base do crânio. Eu sabia o que aquilo significava, o bastante para dar um passo para trás. Meu salto ficou preso no cimento desigual, lançando-me cambaleante na direção do chão duro. Joguei meus braços para a frente, numa tentativa patética de recuperar meu equilíbrio, mas a única coisa sólida que encontrei foi o braço de Rob.

Ele pode ter pensado que estava sendo um cavalheiro ao me segurar, mas deveria ter me deixado cair. Meu cérebro soltou um breve suspiro de prazer ao tropeçar pelos pensamentos de Rob. De uma só vez, a pressão que se formara no fundo da minha mente libertou-se, enviando um formigamento que descia pela minha espinha. Cerrei os dentes por causa da sensação de estar afundando, com a raiva inundando meu sistema, enquanto eu tentava me arrancar dali.

Diferente das memórias de Cate, que iam e vinham como cílios que piscavam, os pensamentos de Rob pareciam quase letárgicos... aveludados e obscuros. Eles não se juntavam, mas se fundiam uns com os outros, como se fossem tinta gotejada num copo d'água, com a massa negra se alongando e afinando até, enfim, poluir tudo o que já fora limpo.

Eu era Rob e Rob estava olhando para duas formas escuras, dois sacos escuros cobriam as cabeças delas, mas era óbvio que uma delas era um homem e a outra era uma mulher. Foi esta última que fez meu coração pulsar nas orelhas. A força do soluçar dela sacudia todo seu corpo, mas ela não parava de lutar contra as amarras de plástico que prendiam seus pés e mãos.

A chuva caía ao nosso redor como uma ideia tardia, escorrendo pelas calhas dos prédios vizinhos. Pelo filtro da mente de Rob, parecia estática. Duas enormes caçambas de lixo pretas entraram no campo de visão, pelo canto dos meus olhos, e foi só então que percebi que estávamos num beco, e estávamos sozinhos.

A mão de Rob — minha mão — estendeu-se e arrancou o capuz da mulher, fazendo seu cabelo escuro voar por sobre o rosto dela.

Mas não era uma mulher, de jeito nenhum. Era uma garota, que não era mais velha do que eu, vestindo um conjunto de roupas verde-escuras. Um uniforme. Um uniforme de acampamento.

Lágrimas se misturavam à chuva, escorrendo por suas bochechas até a boca, seus lábios sem cor formavam as palavras *por favor* e seus olhos pareciam gritar *não*, mas havia uma arma em minha mão, prateada e brilhante, apesar da luz fraca. A mesma arma que estava enfiada na parte de trás do jeans de Rob. A mesma que agora apontava para a testa da garota.

A arma pulou na minha mão ao disparar, mas, naquele instante, o disparo iluminou o rosto aterrorizado da garota, um grito inacabado, afogado pelo *bangue*. Um jato de sangue explodiu por sobre minha mão conforme o rosto dela parecia erodir nele mesmo, manchando a jaqueta escura que eu vestia... e a borda do punho branco por baixo dela.

O garoto morreu da mesma forma, só que Rob não se deu ao trabalho de sequer tirar o capuz antes de acabar com a vida dele. Os corpos foram levantados e jogados nas caçambas. Eu me encolhi para trás, para longe da cena, vendo-a diminuir, diminuir, e diminuir até que a névoa escura e nublada da mente de Rob a engoliu por completo.

Reboquei-me de lá, saindo da piscina negra com um arfar agudo.

Rob soltou meu braço instantaneamente, mas Cate veio para a frente e teria tomado o lugar dele se eu não tivesse erguido ambas as mãos para impedi-la.

— Você está bem? — ela perguntou. — Você ficou pálida.

— Estou bem — disse, tentando manter a voz calma e firme. — Ainda estou um pouco tonta por causa do remédio.

Martin soltou um suspiro irritado atrás de mim. Ele pulava de um pé para o outro, resmungando com impaciência. Lançou um olhar suspeito na minha direção e, por meio segundo, tive medo de que ele soubesse exatamente o que acontecera. Mas não, conexões como aquela eram rápidas e duravam por apenas alguns segundos, não importa quão longas parecessem para mim.

Mantive meus próprios olhos no chão, evitando com cuidado os rostos de ambos os adultos. Eu não conseguia olhar para Rob, não após ter visto o que ele fizera, e eu sabia que, se olhasse para Cate, eu me entregaria num instante. Ela me perguntaria o que havia de errado e eu não conseguiria mentir, não de forma convincente. Teria que lhe dizer que seu namorado ou companheiro, ou o que quer que ele fosse, havia deixado os miolos de duas crianças espalhados no chão de um beco.

Rob tentou oferecer-me uma garrafa plástica de água do banco da frente, com a boca esticada numa linha fina. Meus olhos pousaram mais uma vez nos pequenos pontos vermelhos manchando seu punho.

Ele os matou. As palavras ecoaram na minha cabeça. Podia ter acontecido há dias, talvez até semanas atrás, mas não parecia provável. Ele não poderia ter trocado sua camisa ou tentado limpá-la? *E então ele veio aqui — para nos matar também?*

Rob sorriu para mim, mostrando todos os dentes. *Sorriu*. Como se não tivesse acabado de tirar duas vidas à queima-roupa e observado a chuva carregar o sangue delas para os bueiros.

Minhas mãos tremiam tanto que tive que fechá-las contra a mochila para evitar que fossem percebidas. Pensei que tivesse escapado dos monstros, que os deixara trancados atrás de uma cerca elétrica. Mas as sombras estavam vivas e tinham me seguido até aqui.

Eu sou a próxima.

Engoli o grito que tentava sair pela minha garganta e sorri de volta para ele, com minhas entranhas se revirando. Porque eu não tinha dúvida, nem um raio de incerteza, de que se ele soubesse o que eu acabara de ver, Cate passaria os próximos dias limpando meu sangue da blusa dele também.

Ela sabe, pensei, seguindo Martin para dentro do posto de gasolina. Cate, que tinha perfume de jasmim, que me carregou pelo corredor, que salvou minha vida. *Ela deve saber*.

E ela o beijou, mesmo assim.

O interior do posto de gasolina parecia ter sido destruído por animais selvagens e havia uma boa chance de realmente ter sido assim. Trilhas de patas enlameadas, de todos os formatos e tamanhos, criavam padrões estonteantes no chão, atravessando manchas pegajosas vermelhas e marrons até as prateleiras de comida.

A loja tinha cheiro de leite azedo, embora as caixas de bebidas ainda estivessem piscando com eletricidade intermitente. A maioria — de refrigerantes e cerveja — tinha sido esvaziada, mas havia sobrado uma quantidade surpreendente, e não era sem motivo. A loja marcara o leite a dez dólares a caixa. O mesmo aconteceu com a comida. Algumas prateleiras tinham filas de pacotes de batatas e chocolates intocados, todos com preços como se fossem produtos em extinção, preciosos. Outras tinham sido limpas ou explodiam com pipoca e *pretzels*, após seus pacotes serem abertos.

Eu tinha um plano antes mesmo de perceber isso.

Enquanto Martin se entretinha brincando com a máquina de refrigerante, apanhei alguns pacotes de salgadinhos e barras de chocolate. Um lapso de culpa me atravessou enquanto eu os enfiava na minha mala, mas, de verdade, de quem eu estava roubando? Quem ia chamar a polícia para mim?

— Só tem um banheiro — Martin anunciou. — Vou usar primeiro. Se você tiver sorte talvez sobre um pouco de água para você.

Se eu tiver sorte, talvez você se afogue nela.

Ele fechou a porta com força atrás dele e qualquer culpa que eu pudesse ter sentido por deixá-lo para trás desapareceu. Talvez fosse crueldade da minha parte, talvez eu passasse o resto da vida sentindo-me culpada por abandoná-lo

sem sequer avisar, mas de jeito nenhum eu podia contar-lhe o que estava prestes a fazer sem alertar Cate e Rob. Eu não confiava nele o bastante para saber que não os chamaria ou tentaria me segurar ali.

Não perdi tempo em tirar o avental de Sarah — Norah — deixando-o amontoado no chão. O uniforme que eu vestia por baixo dele me entregava de cara, mas o avental era muito folgado para correr. Eu precisava fugir depressa.

Martin deve ter ligado a torneira no máximo, porque eu podia ouvir a água cuspidando, conforme eu caminhava ao redor do vidro quebrado das janelas grandes da loja.

Encontrei uma prateleira bem a tempo de ver Rob separando-se de Cate após beijá-la. Ele apalpou os bolsos da jaqueta de onde saiu um celular. Seja lá quem fosse, não estava nem um pouco feliz por falar com eles. Depois de um minuto, ele jogou o telefone para Cate e se dirigiu para o banco do motorista do carro. Ela virou as costas para mim, espalhando o que parecia ser um mapa sobre o capô da caminhonete. Quando Rob apareceu de novo, ele tinha um objeto longo e preto enfiado sob um braço e segurava o outro pelo cano. Cate pegou o rifle dele, sem nem mesmo olhar para a arma, e jogou a alça sobre o ombro. Como se estivesse acostumada a isso.

Eu os reconheci — é claro que sim. Todos os oficiais FEPs que caminhavam pelo perímetro da cerca elétrica carregavam um rifle M16, e eu tinha certeza de que todos os controladores do acampamento que nos vigiavam do alto da Torre também tinham um a seu alcance. Era isso que iam usar em nós? Eu imaginei. Ou eles esperam que eu use um também?

A parte racional do meu cérebro finalmente acendeu, pisoteando sobre o caos de pânico e terror que haviam tomado conta de mim. Talvez houvesse um motivo para Rob ter matado aquelas crianças. Talvez eles tivessem tentado machucá-lo, embora estivessem amarrados, ou talvez...

... talvez tivessem recusado a se juntar à Liga.

Essa percepção subiu pelo meu peito como fogo, queimando tudo em seu caminho. Só o pensamento, a *imagem* de ter que tocar numa daquelas armas, de que esperassem que eu *atirasse* com uma delas... era isso que seria necessário para fazer parte da família deles?

Ou eu teria que ser como Martin e, eu mesma, tornar-me a arma?

Meu pai havia servido como policial por mais de sete anos antes que tivesse que atirar em alguém. Ele nunca contara a história toda para mim. Tive que ouvi-la em segunda mão, dos garotos da minha classe, que leram no jornal. Uma situação com reféns, eu acho.

Isso acabou com ele. Papai não conseguiu sair do quarto até que a vovó o levou até Virgínia Beach para me pegar. Quando voltei para casa, algumas semanas depois, ele agiu como se nada tivesse acontecido.

Não sei o que me forçaria a pegar uma arma assim, mas não seria um

grupo de estranhos.

Eu tinha que sair. Fugir. Para onde não importava naquele momento. Eu era muitas coisas, coisas terríveis, mas eu não queria acrescentar assassina à lista.

Houve um som, como vidro esmagado, alto o bastante para se ouvir sobre a água corrente do banheiro e o zumbido das geladeiras de bebidas. A água se fechou e foi só então que ouvi o esmigalhar mais uma vez. Rodopiei, bem a tempo de ver a porta com a placa SOMENTE FUNCIONÁRIOS abrir e fechar detrás das prateleiras inferiores de comida.

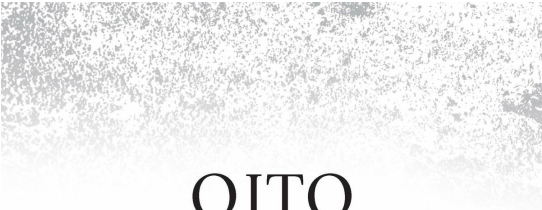
Uma saída.

Olhei de volta para fora da janela, uma última vez, para ter certeza de que Cate e Rob ainda estavam de costas para mim, antes de correr pela vitrine de carne-seca e passar direto por aquela porta.

É só um guaxinim, pensei, ou ratos. Não era a primeira vez na minha breve vida em que ratos eram uma opção preferível a seres humanos.

Mas o som de estilhaço surgiu de novo, mais alto, e, quando empurrei a porta, não estava olhando para um grupo de ratos saqueando um pacote de comida.

Era outra criança.



OITO

ELE — NÃO, ELA — ABRIU A BOCA, COM OS LÁBIOS se separando num arfar silencioso. À primeira vista, eu não soube dizer, mas definitivamente era uma menina, e pequenina. Oito, talvez dez anos de idade, no máximo, a julgar pelo seu tamanho. Apenas um bebê, afogada numa camiseta larga da Indy 500, estampada com bandeiras quadriculadas e um carro de corrida verde brilhante. Ainda mais estranho, seus braços e mãos, até os cotovelos, estavam cobertos por luvas de borracha amarelas brilhantes, do tipo das que minha mãe costumava usar ao limpar o banheiro ou lavar a louça.

O cabelo escuro da garota asiática estava raspado, num corte serrado, e ela vestia calças jeans masculinas folgadas, mas seu rosto era tão lindo que ela poderia ser uma boneca. Seus lábios espessos, em formato de coração, abriram-se, formando um perfeito O de choque, e sua pele empalideceu de forma tão drástica que as sardas no nariz e nas bochechas destacaram-se ainda mais.

— De onde você surgiu — consegui falar, engasgada.

O olhar pasmo em seu rosto transformou-se num olhar de terror. A mão que não estava enfiada num pote de Twizzlers bateu a porta, fechando-a num rastro amarelo.

— Ei! — abri de novo a porta, a tempo de vê-la correndo até a outra ponta do depósito, saindo na chuva. Eu estava bem atrás dela, jogando a mochila por sobre os ombros, enquanto corria pelas prateleiras. A porta tinha ficado presa numa pedra grande e abriu-se com força conforme eu a chutei e corri através dela.

— Ei!

Pacotes de *pretzels* e batatas fritas em tamanho de aperitivo saíam pelos bolsos da menina e por baixo de sua camiseta.

Ela tinha todo o direito de estar apavorada com a garota meio maluca correndo atrás dela; eu podia perder tempo, sentindo-me mal com isso mais

tarde; mas, por enquanto, minha mente tinha recebido um sopro de esperança e não o deixaria escapar por um estacionamento. Ela tinha que ter vindo de algum lugar e se ela tivesse um jeito de sair dessa cidade, ou um lugar onde pudesse me esconder até que Cate e os outros desistissem de mim, eu queria conhecê-la.

O estacionamento dos fundos do posto de gasolina tinha só quatro vagas, e uma delas estava tomada por uma caçamba de lixo capotada. Ouvi animais passeando dentro dela ao correr atrás da garota, mantendo os olhos nas costas de sua camiseta cinza. Suas pernas batiam tão depressa atrás dela, que ela tropeçou onde o asfalto solto do estacionamento se encontrava com uma faixa de grama selvagem. Meus braços voaram para apanhá-la, mas a garota recuperou-se bem a tempo.

Eu estava a dois passos de conseguir agarrar a parte de trás da sua camiseta quando ela, de repente, recuperou a velocidade, zarpando pelo pequeno aglomerado de árvores que separava o posto do que parecia ser outra estrada.

— Eu só... só quero falar com você! — gritei. — *Por favor!*

O que eu devia ter dito era *Eu não vou te machucar*, ou *Eu não sou um FEP*, ou algo que tivesse dado uma pista a ela de que eu estava tão ferrada no departamento da segurança quanto ela. Mas meu peito estava pegando fogo e meus pulmões estavam apertados, bem esticados e inúteis pela dor em minhas costelas. O botão de pânico estava pulando no ar, batendo contra meu queixo e ombros. Eu o arranquei com tanta força que a corrente arrebentou.

A garotinha pulou por sobre um galho de árvore caído, com os tênis chapinhando pelo húmus da floresta. Os meus não eram muito mais silenciosos, mas a voz de Martin atraíu a nós duas.

— *Ruby!*

Meu sangue correu tão friamente que parecia ter parado de circular pelo meu corpo. Eu nunca deveria ter me virado para olhar sobre meu ombro, mas eu o fiz, mais por instinto do que por medo. Eu não percebi que meus pés tinham parado de correr até que o formato redondo de Martin apareceu do outro lado das árvores. Ele estava perto o bastante para que eu visse a vermelhidão que tomara conta do seu rosto, mas ele não me viu. Ainda não.

— *Ruby!*

Eu não imaginava encontrar nada além de árvores e ar esperando por mim conforme eu retomava minha corrida, mas lá estava ela, a uma curta distância. A garota metera-se atrás de uma árvore, sem se esconder, mas também sem me chamar para a frente. Sua boca fechava-se numa linha apertada, os olhos dardejando, indo e voltando entre mim e a voz de Martin. Quando parti em sua direção, ela saiu correndo tão rápido que ambos os pés saltaram do chão. Assustada como um coelhinho.

— *Por favor* — arfei, batendo os braços a meu lado. — Eu só quero...

Cortamos pelas árvores, caindo num trecho de estrada deserto. Do outro

lado da rua sem saída havia uma linha de pequenas casas dilapidadas, com as janelas emadeiradas como olhos pretos. Pensei, com certeza, que ela iria para a mais próxima — a casa com cerca cinza e porta verde —, mas ela virou com tudo para a direita e correu para a minivan estacionada na lateral da estrada.

O carro estava irreparavelmente amassado, não só nos para-lamas, mas nas portas laterais e no teto. Isso sem contar os buracos de tiros e as lanternas rachadas, além da tinta preta que estava descascando. A coisa mais legal nele era o logotipo espiralado, em manuscrito, que alguém pintara ao longo da porta de correr: LAVADORA BETTY JEAN.

Mas era um *carro*. Uma forma de escapar. Eu não estava pensando em logística naquele momento — sobre se ele tinha gasolina ou se o motor sequer iria ligar. Acho que meu coração ganhou um par de grandes e fofas asas só de olhar para ele, e nada mataria isso.

A garota corria tanto, que bateu contra a lateral de madeira da minivan e quicou. Ela caiu com força no chão, mas se recuperou mais rápido do que eu teria. Com as duas mãos cobertas pelas luvas amarelas na maçaneta, ela abriu a porta deslizante com um barulho alto o bastante para espantar os pássaros dos telhados ao redor.

Cheguei lá bem a tempo de escutá-la fechando a porta e batendo a mão no trinco.

Eu podia ver a garotinha através de meu próprio reflexo no vidro fumê; ver como ela devia ter me visto. Olhos escancarados e ferozes, uma massa emaranhada de cabelo escuro, roupas que seriam muito pequenas se o acampamento não tivesse me tornado tão magrela a ponto de eu conseguir ver ossos no meu peito, os quais eu nem sabia que existiam. Corri para o outro lado do carro, colocando a minivan entre mim e qualquer um que pudesse vir cortando pelas árvores.

— *Por favor!* — minha voz estava rouca. A voz estridente de Martin estava ecoando na minha mente ou, de fato, estava se aproximando. O vidro fumê da janela era claro o bastante para que eu pudesse ver através dela e examinar as árvores por qualquer rastro de sua pele cerosa. Se ele estava chegando perto, então Cate e Rob não estariam muito atrás. Eles devem tê-lo ouvido gritar a essa altura.

Duas escolhas, Ruby, pensei. Voltar ou correr.

Minha cabeça e meu coração concordavam com o *correr*, mas o resto do meu corpo — as partes que foram atormentadas pelo Ruído Branco, envenenadas e maltratadas pelas pessoas que alegavam ter apenas as melhores intenções — permanecia parado com teimosia. Curvei-me contra a minivan, esgotada. Era como se alguém tivesse esmagado meu peito num torno, girando a manopla até que todo sopro de ar e coragem fossem espremidos para fora de mim.

Os anos em Thurmond ensinaram-me a parar de acreditar que eu podia me safar da vida, que as pessoas eram ávidas a definirem para mim. Não sei por que pensei que seria diferente do lado de fora.

Escutei passos abrindo caminho pelas árvores e pela vegetação, mais altos a cada segundo. Quando olhei de novo para cima, o cabelo espantosamente loiro de Cate estava subindo e descendo por cima das árvores, brilhando sob as chuvas de garoa como um vaga-lume.

— Ruby! — eu a ouvi chamar. — Ruby, onde você está?

E, então, lá estava Rob, bem ao lado dela, com a arma em suas mãos. Olhei direto para as casas na rua sem saída. Bem para baixo do lado oposto da rua, vi placas com símbolos que não reconhecia, mas aquilo, o desconhecido, devia ser melhor do que voltar para Cate.

A garotinha dentro do carro olhou para mim, depois virou-se para olhar para as árvores. Seus lábios se espremeram, formando uma cara triste. Uma mão estava agarrada na maçaneta, a outra no descanso do assento. Ela começou a se levantar de uma vez, e logo se sentou e olhou de novo na minha direção.

Limpei o rosto com as costas da mão e dei um passo para trás. Felizmente, a garota sabia bem como se esconder quando Cate e Rob correram atrás de mim. Eu os conduziria para o mais longe que conseguisse — era o mínimo que poderia fazer após assustá-la desse modo.

Eu não tinha me virado totalmente para ir embora quando ouvi a porta rolando para abrir atrás de mim. Um par de mãos estendeu-se para fora e agarrou as costas da camiseta do meu uniforme, girando o tecido para segurar melhor. Quando ela puxou, eu caí para trás, sobre o assento mais próximo. Meu pescoço bateu contra o descanso de braço e rolei para o carpete áspero atrás do assento do passageiro. A porta rugiu e fechou-se.

Pisquei, tentando limpar os pontos escuros que nadavam na minha visão, mas a outra garota não ia esperar que eu me recompusesse. Ela subiu pelas minhas pernas cruzadas para ir ao assento do fundo, agarrando o colarinho da minha camiseta e puxando com força.

— Tá bom, tá bom — eu disse, rastejando na sua direção. Meus dedos deslizaram contra o carpete cinza da minivan. Com exceção de alguns jornais empilhados e sacolas de compras amarradas, enfiadas sob o assento do fundo, a parte de dentro da minivan estava muito bem conservada.

Ela fez um movimento para que eu me abaixasse atrás dos assentos do meio. Enquanto apertava os joelhos contra meu peito, percebi que, apesar de eu ter seguido à risca suas ordens, ela ainda não tinha dirigido uma única palavra a mim.

— Qual é o seu nome? — perguntei. Ela se enrolou no topo do banco traseiro, com os pés chutando o ar, enquanto procurava por algo no porta-malas. Se ela me escutou, fingiu que não.

— Está tudo bem; você pode falar comigo...

Seu rosto estava avermelhado quando ela emergiu, com um lençol branco manchado de tinta na mão. Ela pressionou um dedo nos lábios e eu sabiamente fechei a boca. A garota chacoalhou o tecido dobrado e o jogou sobre minha cabeça. O cheiro falso de limpador de limão e alvejante agrediu minhas narinas, enquanto o lençol se enrolava ao meu redor. Abri a boca para protestar, estendendo a mão para cima para arrancá-lo para longe do meu rosto, mas algo me impediu.

Alguém estava vindo. Não, mais do que uma pessoa. Ouvi fragmentos do ir e vir deles, ouvi seus pés baterem contra o asfalto. O som de uma porta se abrindo parou meu coração, como se estivesse morto em meu peito.

— ... juro por Deus que era ela, Liam! — a voz era profunda, mas não parecia com a de um adulto. — E, olha, eu disse que ela nos atrasaria. Suzume, você teve problemas?

A porta do outro carro se abriu. Outra pessoa — Liam? — soltou um suspiro aliviado.

— Graças a Deus — ele disse, com uma pintada do falar arrastado do sul. — Vamos, vamos, vamos, entre. Não sei o que está acontecendo, mas não quero ficar muito tempo para descobrir. Os rastreadores já foram ruins demais...

— Por que você não admite que era ela? — a outra voz disse com pressa.

— ... porque nós a despistamos em Ohio, por isso...

Por sobre o som da voz de Liam e o sangue pulsando entre minhas orelhas, ouvi outra voz.

— Ruby! *Ruby!*

Cate.

Pressionei as duas mãos contra minha boca e fechei os olhos com força.

— Que diabos? — a primeira voz disse. — Isso é o que eu penso que é?

O primeiro tiro estourou como fogos de artifício. Deve ter sido a distância, ou o exército de árvores e vegetação camuflando-o, mas ele parecia inofensivo. Um aviso. O seguinte teve dentes muito mais afiados.

— *Pare!* — ouvi Cate gritar. — Não atire... !

— LEE!

— Eu sei, eu sei! — o motor cuspiu e ganhou vida, e o guincho dos pneus não demorou muito. — Zu, cinto de segurança!

Tentei me segurar, mas o carro jogou meu corpo para a frente e para trás por entre os bancos. Num momento, minha cabeça bateu contra o painel lateral e o porta-copos de plástico, mas ninguém prestou atenção aos estranhos ruídos no banco de trás enquanto alguém estava atirando com uma arma.

Imaginei se Rob tinha dado o outro rifle para Martin.

— Zu, algo aconteceu no posto de gasolina? — a voz, identificada como Liam,

pressionou. Havia um pouco de agitação em suas palavras, mas nada de pânico. Já estávamos dirigindo por mais de dez minutos até aquele momento e nos encontrávamos bem longe das armas. Seu outro companheiro, no entanto, era uma história diferente.

— Ah meu Deus, mais rastreadores? O que houve, eles fizeram uma maldita *convenção*? Você tem ideia do que teria acontecido se tivéssemos sido pegos, não é? — ele ralhou. — E eles estavam atirando em nós! *Atirando!* Com uma *arma!*

Em algum lugar à minha direita, a garotinha gargalhou.

— Ora, estou feliz que você tenha achado isso engraçado! — o outro disse. — Você sabe o que acontece quando você leva um tiro, Suzume? A bala corta...

— Bolota! — a voz do outro garoto era afiada o suficiente para interromper qualquer história sangrenta a qual ele estava prestes a compartilhar. — Fica calmo, ok? Estamos bem. Essa passou mais perto do que eu gostaria, mas ainda assim só temos que tentar cometer erros melhores amanhã, certo, Zu?

A primeira voz soltou um gemido estrangulado.

— Desculpe-me pelo que houve antes — disse Liam. Sua voz era gentil, o que era o bastante para que eu entendesse que ele estava falando com a garota e não com o rapaz que tinha passado a gemer em consternação. — Da próxima vez, vamos te arranjar comida. Você não está machucada, né?

As vibrações da estrada abafaram as vozes. Uma moeda solta estava chacoalhando tão alto no porta-copos que eu quase estendi as mãos por baixo do lençol para pegá-la. Quando o primeiro garoto falou de novo, tive que forçar os ouvidos para escutá-lo.

— Você acha que eles estavam procurando por alguém?

— Não, parecia que eles *estavam atirando em nós!*

O tato fugiu das minhas mãos, escoando pelas pontas dos meus dedos.

Você está a salvo, disse a mim mesma. Eles também são crianças.

Crianças que, sem querer, tinham se colocado na linha de fogo por mim.

Eu devia saber que isso aconteceria. *Isso*, não o meu medo de acabar sozinha numa cidade deserta, devia ter sido minha primeira preocupação. Mas eu tinha entrado em pânico e era como se meu cérebro tivesse derretido numa poça brilhante de terror.

— ... diversas coisas — Liam estava dizendo —, mas vamos tentar manter o foco em encontrar East River...

Eu precisava sair agora. Agora mesmo. Essa tinha sido uma ideia terrível, talvez até a pior das que tive. Se eu fosse embora agora, eles ainda tinham uma chance de escapar de Cate e Rob. *Eu* ainda teria a chance de escapar deles também.

Coloquei as alças da mochila sobre os ombros novamente e chutei o lençol. Inspirei com força o ar-condicionado bolorento e gélido e usei o banco dos

fundos para me levantar.

Dois garotos adolescentes estavam no banco da frente olhando para a estrada. Chovia mais forte agora; as gotas gordas estavam caindo muito rápido para que os limpadores conseguissem acompanhá-las, fazendo parecer que estávamos caminhando direto para uma visão impressionista de West Virginia. Céus prateados acima e uma estrada preta, e algo no meio, o brilho luminescente das árvores com suas novas coberturas de primavera.

Liam, nosso motorista, vestia uma jaqueta de couro surrada, mais escura nos ombros, onde a chuva a havia ensopado. Ele tinha cabelo loiro-claro, cinzento, que ficava em pé quando ele passava a mão. De vez em quando, ele olhava para o adolescente de pele escura no banco do passageiro, mas só quando deu uma olhada rápida no retrovisor eu vi que seus olhos eram azuis.

— Não consigo ver pela janela de trás com você... — Suas palavras engasgaram quando ele olhou de novo.

A minivan guinou para a direita quando ele girou para trás no banco, levando o volante consigo. O outro garoto soltou um ruído reprimido, conforme o carro virava para a direita, na direção do acostamento da estrada. A garota olhou para trás sobre o ombro, para mim, com uma expressão que se enquadrava entre surpresa e exasperação.

Liam pisou com força nos freios. Os dois outros passageiros do carro arfaram, enquanto seus cintos de segurança travaram sobre seus peitos, mas eu não tinha nada que me impedisse de voar por entre os dois bancos do meio. Após o que pareceu ser uma breve eternidade, mas que, provavelmente, foi apenas um rápido segundo, a minivan tremeu e parou de uma vez, soltando um longo guincho de dor.

Os dois garotos me olhavam, com expressões totalmente diferentes. O rosto bronzeado de Liam tornara-se pálido como porcelana, com a boca aberta de uma forma quase cômica. O outro garoto apenas me fitava através de seus óculos finos e com moldura prateada, com os lábios espremidos em desaprovação, da mesma forma que minha mãe costumava fazer quando descobria que eu ficara acordada após minha hora de dormir. Suas orelhas, que eram um pouco grandes demais para sua cabeça, destacavam-se do crânio; tudo entre elas, desde a vastidão de sua testa, passando pela estreita ponte de seu nariz, até seus lábios fartos, parecia escurecer de raiva. Por meio segundo, tive medo de que ele fosse um Vermelho, porque, a julgar por seu olhar, ele não queria nada mais do que me queimar.

Garotos. Por que tinham que ser garotos?

Eu me livreí do carpete e corri para a porta lateral. Meus dedos espremeram a maçaneta, mas não importava quão forte eu a puxasse, a porta não cedia.

— *Zu!* — Liam gritou, alternando o olhar entre nós. Ela só cruzou as mãos

sobre o colo, com as luvas de borracha guinchando, e piscou para eles com inocência. Como se ela não tivesse ideia de como eles tinham se deparado com a passageira clandestina, que agora estava jogada aos seus pés.

— Todos concordamos: *sem fugitivos* — o outro garoto sacudiu a cabeça.
— Foi por isso que não pegamos os gatinhos!

— Ah, pelo amor de... — Liam caiu no banco, pressionando o rosto nas mãos. — O que a gente ia fazer com uma caixa de gatinhos abandonados?

— Talvez, se esse seu coração negro não estivesse a fim de deixá-los lá para *morrer de fome*, podíamos encontrar novos e carinhosos lares para eles.

Liam lançou ao garoto um olhar de puro espanto.

— Você nunca vai esquecer esses gatos, não é?

— Eles eram gatinhos inocentes, indefesos, e você os deixou do lado de fora da caixa de correio de alguém. Uma *caixa de correio*!

— Bolota — Liam grunhiu. — Fala *sério*.

Bolota? Aquilo tinha que ser uma piada. O garoto era magro como um graveto. Tudo nele, desde seu nariz até seus dedos, era esguio e comprido.

Ele colocou Liam em seu lugar com um olhar fulminante. Não sei o que me espantou mais, o fato de eles estarem discutindo sobre gatinhos ou terem conseguido esquecer que eu estava no carro.

— *Com licença!* — interrompi, batendo a mão contra a janela. — Você pode, por favor, destrancar a porta?

Isso os calou, ao menos.

Quando Liam, enfim, virou-se na minha direção, sua expressão era totalmente diferente de antes. Ele parecia sério, mas não de todo infeliz ou suspeito. O que era muito mais do que eu poderia dizer de mim mesma, se estivéssemos na situação contrária.

— Você é quem eles estavam procurando? — ele perguntou. — Ruth?

— Ruby — Bolota corrigiu.

Liam sacudiu a mão.

— Certo. Ruby.

— Só destranque a porta, por favor! — eu puxei a maçaneta de novo. — Eu cometi um erro. Isso foi um erro! Fui egoísta, sei disso, então você tem que me deixar sair antes que eles nos alcancem.

— Antes que quem nos alcancem? Rastreadores? — Liam perguntou. Seus olhos dardejavam sobre mim, desde meu rosto extenuado até meu uniforme verde-floresta e meus sapatos manchados de lama. Ao número Psi, que fora escrito em seus dedos de tela, com caneta permanente. Um olhar de horror cintilou sobre seu rosto. — Você acaba de vir de um acampamento?

Senti os olhos escuros de Suzume — Zu — sobre mim, mas parei no olhar de Liam e fiz que sim com a cabeça.

— A Liga das Crianças me tirou de lá.

— E você fugiu deles? — Liam insistiu. Ele olhou de novo para Zu, para confirmação. Ela moveu a cabeça.

— O que isso tem a ver com alguma coisa? — Bolota interrompeu. — Você a ouviu — destranque essa porcaria de porta! Já temos os FEPs e rastreadores atrás de nós; não precisamos acrescentar a Liga à lista! Eles provavelmente pensam que a pegamos, e se eles espalharem a notícia de que existem aberrações vagando por aí numa minivan preta surrada... — Ele não conseguiu terminar.

— Ei — Liam disse, erguendo um dedo — não fale da Black Betty desse jeito.

— Ah, *desculpe* se feri os sentimentos de uma minivan de vinte anos de idade.

— Ele tem razão — eu disse. — Sinto muito, por favor, não quero mais problemas para vocês.

— Você quer voltar para eles? — Liam estava me encarando de novo, com a boca numa linha de sorriso. — Escuta, não é da minha conta, Verde, mas você tem o direito de saber que, seja lá quais forem as histórias que te fizeram engolir, provavelmente não são verdades. Eles não são nossa rede de anjos. Eles têm sua própria pauta e se arrancaram você do acampamento, significa que têm um plano para você.

Eu sacudi a cabeça.

— Você acha que eu não sei disso?

— Ok — ele respondeu, com a voz calma. — Então, por que você está com tanta pressa de voltar?

Não havia nada de crítico ou acusador na pergunta, então por que eu ainda me sentia como uma idiota? Algo quente e pinicante borbulhou na minha garganta, navegando até se acomodar atrás dos meus olhos. Meu Deus, o garoto estava olhando para mim com toda a simpatia e pena requerida de alguém que observa um cachorrinho perdido sendo sacrificado. Eu não sabia se a emoção que se revirava dentro de mim era raiva ou constrangimento, mas eu não tinha tempo para descobrir.

— Não, mas eu não posso... eu não quero arrastar vocês nisso... quer dizer, eu não queria, mas...

Vi Zu mover-se pelo canto do meu olho, tentando me tocar. Eu desviei, engolindo duro. Uma expressão ferida cruzou o rosto dela, permanecendo tempo o bastante para que eu me sentisse culpada. Ela tentara me ajudar — ser gentil comigo. Ela não sabia que tipo de monstro tinha salvado.

Se soubesse, jamais destrancaria a porta.

— Você quer voltar para eles?

Bolota estava olhando para Liam, e Liam olhava para mim. Ele me prendera com seus olhos, e eu sequer percebera.

— Não — eu disse, e essa era a verdade. — Não quero.

Ele não disse nada, apenas mudou a marcha da minivan. A van rodou para a frente.

O que você está fazendo, Ruby? Eu quis que minha mão alcançasse a porta, mas a porta parecia muito longe, e minha mão, muito pesada. *Saia. Saia agora.*

— Lee, não ouse — Bolota começou. — Se a Liga vier atrás de nós...

— Vai dar tudo certo — Liam disse. — Só a estamos levando até a rodoviária mais próxima.

Eu pisquei. Isso era até mesmo mais do que eu esperava.

— Você não precisa fazer isso.

Liam me despachou com as mãos.

— Tudo bem. Desculpe não podermos fazer mais. Não podemos arriscar.

— Sim, você está certo — disse Bolota. — Então, me explica, por que não a levamos até uma das estações de trem, que são mais próximas?

Quando olhei para cima de novo, Liam estava me estudando, com as sobrancelhas claras unidas com força por algum pensamento não dito. Tentei não me contorcer sob o olhar dele.

— Deixe-me lembrar de novo. Ruby, certo? Tenho certeza que já deve ter percebido a este ponto, mas eu sou Liam, a adorável dama atrás de mim é Suzume.

Ela abriu um tímido sorriso. Virei-me e ergui uma sobrancelha na direção do outro garoto.

— Posso adivinhar que seu nome de verdade não é Bolota.

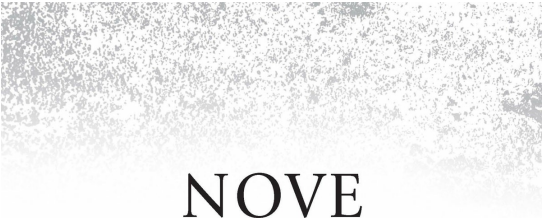
— Não — ele fungou. — Liam me deu esse nome no acampamento.

— Ele era meio gorducho. — Liam tinha um leve sorriso no rosto. — Acontece que, trabalho no campo e dieta restrita são melhores do que acampamento para gordos. Zu pode me apoiar nessa.

Mas Zu não estava prestando atenção, não em nenhum de nós. Ela puxara o capuz por sobre as orelhas e virara-se no banco, para olhar por sobre ele para fora da janela traseira. Seus lábios estavam separados, mas ela não conseguia levar as palavras até eles. A cor sumiu de seu rosto redondo.

— Zu? — Liam disse. — O que houve?

Ela não precisou apontar. Mesmo se não tivéssemos visto a caminhonete dourada vindo direto na nossa direção, teria sido impossível não perceber a bala que explodiu através da janela traseira e a estilhaçou.



NOVE

A ÚNICA BALA ABRIU UM CAMINHO BEM NO CENTRO da minivan, saindo pelo para-brisa. Por um instante, nenhum de nós fez nada, além de encarar o buraco e a teia espalhada de rachaduras que radiavam dele.

— Puta m...! — Liam jogou o carro para a frente, enfiando o pé no acelerador até o final. Ele parecia ter esquecido de que estávamos num Dodge Caravan e não num BMW, porque ela foi de zero a sessenta no que pareceram ser trinta minutos. O corpo de Black Betty começou a sacudir, chacoalhando além dos buracos e das rachaduras da estrada.

Virei para os lados, procurando pela caminhonete de Rob, mas o carro atrás de nós era um caminhão vermelho brilhante e o homem saindo pela janela do passageiro, com o rifle nas mãos, não era Rob.

— Eu te disse! — Bolota gritou. — *Eu disse que eram rastreadores!*

— Sim, você estava certo — Liam gritou de volta. — Mas você pode tentar ser útil, também?

Ele desviou o carro para a esquerda, assim que o homem disparou outro tiro. Deve ter passado longe, pois não acertou o carro, não que eu pudesse dizer. Ele atirou de novo, e aquela bala teve muito mais sorte; atingiu o para-choque da Black Betty. Sentimos uma batida, como um tijolo nas costas; cada um de nós soltou um suspiro agudo. No caso do Bolota, ele gemeu e fez o sinal da cruz.

Zu estava encolhida no banco, com o peito pressionado contra os joelhos. O capuz escondia seu rosto, mas não podia mascarar a forma como todo o seu corpo tremia. Coloquei uma mão nas suas costas, mantendo-a abaixada.

Outro banguete soou atrás de nós, mas, dessa vez, não era um tiro.

— Que diabos... — Liam arriscou olhar para trás por sobre o ombro. — Tá brincando comigo!

Meu coração parecia uma pedra dentro do estômago. O caminhão vermelho correu para a frente e vi o motorista — uma mulher de cabelos

escuros e óculos, que puxou com força o volante para o lado, tentando soltar o caminhão da caminhonete dourada que tinha batido nele. Eu não precisava ver quem estava dirigindo para saber a quem aquele veículo pertencia: Cate e Rob. Mas, então, quem estava no caminhão?

— É *ela*! — Bolota gritou. — Eu disse! Ela nos encontrou!

— Então quem é o cara com a arma? — Liam gritou. — O namorado dela?

O homem que atirara em nós voltou sua atenção para derrubar a caminhonete atrás dele, virando-se para os lados na janela. Ele não durou nem um suspiro. Um tiro da caminhonete o acertou no peito e mandou um jato explosivo de sangue pelo ar. O estalo da próxima bala fez o corpo sem vida do atirador deslizar para fora da janela do passageiro do caminhão. O motorista — a mulher — não fez nada além de olhar para ele.

Eu vi o caminhão vermelho enfim soltar-se do para-choque dianteiro da caminhonete. Com ambos os pneus traseiros estourados, ele guinou para a outra pista, girando, até parar bruscamente no acostamento da estrada.

— Lá se vai um — ouvi Liam dizer. Virei-me para trás, esperando ver a arma de Rob apontando para mim pelo vidro traseiro estourado da van. Só que Rob estava atrás do volante.

Cate era quem estava no banco do passageiro, com um rifle firme entre suas mãos.

— Por favor, só *me* deixe ir — eu disse, pegando no ombro de Liam. — Eu volto com eles. Ninguém precisa se machucar.

— Isso! — disse Bolota. — Encosta, deixa ela sair!

— Vocês dois calem a boca! — disse Liam, jogando a Black Betty para a pista da direita e depois de volta para a esquerda. A caminhonete nos seguia, mais do que acompanhando. Não sabia se tínhamos diminuído a velocidade ou se tinham, de alguma forma, atirado mais forte nela, porque, na respiração seguinte, a caminhonete bateu em nós e nem mesmo os cintos de segurança puderam evitar que fôssemos para a frente.

Liam murmurou algo sob a respiração, que se perdeu no ataque súbito de chuva pesada. Ele baixou a janela e atirou a mão para fora, como se indicasse para que a caminhonete desse a volta por nós.

— Faça alguma coisa! — Bolota gritou, segurando as mãos contra o volante.

— Estou tentando! — ele disse. — Não consigo me concentrar!

Ele está tentando usar suas habilidades. A percepção atravessou o meu terror.

As gotículas gordas chapinhando a janela embaçavam a visão das árvores ao nosso redor, mas Liam não se preocupou com os limpadores. Se ele tivesse feito isso, talvez visse o outro carro irrompendo na nossa direção, no sentido

oposto. Sua buzina ganhou vida e acordou Liam de seu transe.

A minivan desviou de volta para a pista da direita, escapando por pouco de uma colisão frontal com o sedã. Se aquele carrinho não tivesse freado com tudo, a caminhonete teria se enfiado bem no meio dele também. Zu e eu viramos bem a tempo de ver a caminhonete girar de volta para a pista da direita. Cate conseguiu se recuperar depressa, e eles aceleraram na nossa direção de novo, antes que tivéssemos chance de recuperar o fôlego.

— Liam — implorei. — Por favor, só encoste. Não vou deixar que façam nada com vocês!

Não quero voltar.

Não quero voltar.

Não quero ...

Fechei os olhos com força.

— Verde! — a voz de Liam interrompeu meus pensamentos. — Você sabe dirigir?

— Não...

— Ótimo! — ele disse, alcançando meu braço. — Venha para o banco do capitão.

Ele resfolegou, mesmo quando outra bala tilintou na pele metálica da Black Betty. — Vamos, é como andar de bicicleta. O pedal da direita é o acelerador, o da esquerda é o freio, direcione com o volante. É tudo o que você precisa saber.

— Espera! — mas, aparentemente, eu não tinha opinião sobre o assunto. Ele desviou de volta para a pista da esquerda bem na hora em que a caminhonete aproximou-se para bater de novo. Em vez de acelerar, seu pé bateu com força no freio. Black Betty derrapou numa parada brusca e a caminhonete passou correndo direto por nós.

Aconteceu rápido demais para que eu tentasse lutar de qualquer maneira. Ele soltou o cinto de segurança e colocou-me no banco do motorista assim que saiu dele. O carro deslizava para a frente em seu próprio ritmo e eu entrei em pânico, enfiando o pé com força no que eu pensava ser o pedal do freio. Black Betty saltou para a frente e, dessa vez, fui eu quem gritou.

— O freio é à esquerda! — Liam voou contra o painel, enquanto a caminhonete se recuperava. Eu ouvi os pneus gritarem conforme Rob girava o caminhão e ganhava velocidade. — Pise no acelerador!

— Por que ele não pode dirigir? — perguntei, com a voz contida.

Bolota empurrou o banco do passageiro bem para trás, o bastante para que ele pulasse para a parte traseira e Liam pegou o lugar de Bolota.

— Porque — ele disse, baixando a janela — ele mal consegue ver dois palmos à frente. Confie em mim, você não vai querer que ele dirija, querida. Agora — *pisa fundo!*

Eu fiz o que mandaram. O carro saltou para a frente mais uma vez,

mandando meu coração até a garganta. As rodas giravam contra o asfalto molhado.

Liam estava meio pendurado para fora da janela, meio sentado nela. — Mais rápido! — ele disse.

A chuva parecia pesada e espessa, mas os faróis da caminhonete perfuravam a névoa enquanto eu dirigia a van bem na direção deles. Estávamos tão rápido que o volante chacoalhava nas minhas mãos, balançando de um lado para outro, como se tivesse vida própria. Engoli um grito frustrado e tentei soltar o acelerador, mas Liam não deixou.

— Não, continue indo!

— Lee — Bolota estava arqueado sobre seu assento. — Isso é insano! O que você está fazendo?

Ele estivera tão quieto que eu quase me esquecera de que ele também estava na van. Com o velocímetro passando por oitenta, noventa, noventa e cinco, eu não me lembrava de muita coisa.

E foi assim que virou um inferno.

Houve uma batida horrível — mil vezes pior do que o som de um balão explodindo — e a van estava girando, com o volante dançando para fora das minhas mãos.

— Reto! — Liam gritava, — Endireite!

— Mer... ! — o ar foi nocauteado do meu peito pelo cinto de segurança, mas eu lutei contra o girar natural do volante o bastante para nos fazer ir para a frente de novo. O carro inclinou-se novamente, deixando uma trilha de faíscas na estrada atrás de nós. Estávamos encarando a caminhonete mais uma vez, fazendo outra passagem cara a cara por eles.

— Continue indo na direção deles. Não pare! — Liam gritou.

Mas o pneu, pensei, com as mãos estrangulando o volante, o pneu...

Bolota alcançara as pernas de Liam, estabilizando-o antes que ele pudesse sair voando pela janela. — Vamos! — ele disse, com pressa. — Estou bem, eu consigo agora!

Eu não sabia o que Liam quis dizer com — conseguir —, não até olhar pelo retrovisor e ver o corpo preto de uma árvore correndo de dentro da floresta, guiado até a frente da caminhonete por nada além de um aceno da mão de Liam.

Com sua atenção voltada para a minivan voando na direção deles, Rob sequer teve tempo de desviar o carro do caminho da árvore. Girei as mãos em torno do volante cegamente, até estarmos longe do estrago. Ouvi o som de vidro estilhaçando e metal esmagando enquanto Rob tentava dar uma guinada, apenas para ficar sobre duas rodas. Quando olhei de novo no espelho lateral, a caminhonete estava de lado, numa pilha fumegante. Ao lado dela, havia o corpo despedaçado de uma árvore, ainda rolando, até parar após a colisão.

— O que você fez? — tive que gritar por sobre o barulho do vento e da estrada. — Eu pensei...

Bolota foi quem respondeu, com o rosto cinzento.

— Agora você entende? Eles não iam parar.

Liam deslizou para dentro da janela, caindo no banco com um longo suspiro. Seu cabelo estava em pé, em todas as extremidades, empoeirado com folhas e pequenos galhos.

— Tudo bem, Verde. — ele disse, sem uma única palavra vacilante. — Eles explodiram o pneu traseiro, então você está dirigindo na roda. Só continue andando reto e comece a diminuir. Saia na próxima rampa.

Prendi a mandíbula com tanta força que doeu.

— Tudo bem, Zu? — ele perguntou. A garota levantou ambos os dedos para ele, em suas luvas amarelas, o único ponto de cor brilhante na van.

— Bom, eu estou bem, obrigado por perguntar — Bolota disse. Seus pequenos óculos estavam tortos no seu rosto, enquanto ele alisava sua camisa azul abotoada até o fim. Para completar, ele inclinou para a frente e deu um tapa na nuca de Liam. — E, a propósito, você pirou de vez? Sabe o que acontece quando um corpo é atirado de um carro em alta velocidade?

— Não — Liam interrompeu —, mas eu imagino que não seja algo bonito, nem adequado para o ouvido de uma pessoa de onze anos.

Olhei de volta para Zu. Onze? Isso não podia estar certo...

— Ah, então, você pode jogá-la no caminho das balas, mas ela não pode ouvir uma história assustadora? — Bolota cruzou os braços sobre o peito.

Liam estendeu a mão para baixo e puxou o banco de volta para a posição reta. Quando se recostou, o fez com uma careta e punhos cerrados. Havia um corte recente acima do seu olho. O sangue pingava pelo seu queixo.

Vi o sinal verde da estrada através da névoa da chuva. Não importava a cidade ou o número de saída que indicava. Eu só queria sair da estrada e do banco do motorista.

Meu corpo inteiro estava adormecido, exausto, quando tirei o pé do acelerador. A minivan seguiu a curva da rampa apenas com um leve toque e, na hora que chegamos à estrada, ela parou naturalmente. Pressionei a mão contra o peito para ter certeza de que meu coração não tinha me abandonado.

Liam estendeu a mão e puxou o freio de mão.

— Você se saiu bem — ele começou. Sua voz estava mais calma do que eu esperava. Infelizmente, ela não fez nada para acalmar a cobra raivosa que estava enrolada no meu estômago.

Estendi a mão e dei-lhe um soco no braço. *Forte*.

— Ai! — ele gritou, afastando-se de mim com olhos escancarados. — Para que isso?

— Isso *não* foi como andar de bicicleta, seu idiota!

Ele me encarou por um momento, com os lábios tremendo. Foi Suzume que irrompeu, num ataque de riso silencioso, uma interminável cadeia de arfadas e sacolejos, que tornou o rosto dela rosado e a deixou sem respiração. Segundos se passaram com isso sendo o único som capaz de flutuar por sobre a chuva — ao menos até Bolota colocar o rosto nas mãos e soltar um longo grunhido.

— Ah, sim — Liam disse, abrindo a porta —, você vai se encaixar direitinho.

A chuva diminuiu para uma garoa na hora em que Liam foi mexer no pneu traseiro. Eu ficara exatamente onde estava, no banco do motorista, principalmente porque não tinha certeza do que deveria fazer. Os outros dois saíram do carro atrás dele, Suzume dirigindo-se para a parte de trás da van com Liam e Bolota na direção exatamente contrária. Eu observei pelo para-brisa estilhaçado, enquanto ele se dirigia a uma placa que apontava para a Floresta Nacional Monongahela. Após um instante, ele tirou algo — um livro de capa mole — de seu bolso traseiro e sentou-se às margens da estrada. Por causa de mais do que uma leve inveja, espremi os olhos, tentando decifrar o título do livro, mas metade da capa estava faltando e a outra metade estava coberta pela mão dele. Eu não sabia se ele estava mesmo lendo ou só olhando para o texto.

Eu havia parado em Slaty Fork, West Virginia, se as placas da estrada fossem confiáveis. O que eu pensava ser alguma estradinha caipira era, na verdade, a Estrada 219, no meio do nada. Marlinton podia ter perdido sua população, mas não parecia que Slaty Fork tinha gente para começo de conversa.

Levantei-me do banco do motorista e fui para o fundo da minivan. Minhas mãos ainda estavam trêmulas, como se tentassem espantar o último resquício de adrenalina que cantava no meu sangue. A mochila preta que Rob e Cate me deram fora jogada para o banco de trás, coberta com algumas folhas soltas de jornal e garrafas vazias de limpador de vidros.

Limpei a mochila e a coloquei do meu lado no banco. O jornal tinha mais de três anos e estava endurecido pela idade. Havia um anúncio de meia página de um novo creme facial que alguém, muito brilhantemente, batizara de Eternamente Jovem.

Virei a folha, procurando por notícias reais. Passei os olhos sobre um artigo de opinião que celebrava os campos de reabilitação e achei mais graça do que me ofendi ao ver que as crianças Psi agora estavam sendo chamadas de “bombas-relógios mutantes”. Havia também um breve artigo sobre tumultos, que o repórter alegava ser “resultado direto das tensões crescentes entre o governo do Leste e do Oeste sobre a nova legislação dos nascimentos”. Bem ao final da página, passando por uma história banal sobre o aniversário de alguma greve de condutores de trem, havia uma foto de Clancy Gray.

— O Filho do Presidente Participa da Audiência da Liga das Crianças —

era o que a manchete dizia. Eu não precisava ler mais do que as duas ou três primeiras linhas para captar a essência básica: o presidente era muito covarde para sair de seu esconderijo, após uma tentativa de assassinato fracassada, então ele mandava seu filho bizarro fazer o trabalho sujo. Perguntava-me quantos anos teria Clancy agora. As fotos em Thurmond eram idênticas a essa, e eu nunca pensara nele como tendo mais de onze ou doze anos. Mas ele devia ter dezoito, ou algo assim, agora. Quase um velhote, para nossos padrões.

Joguei o papel para o lado, enojada, e busquei de novo minha mochila. Rob dissera que havia uma troca de roupas dentro dela e, se este era o caso, eu tiraria meu uniforme de Thurmond de uma vez por todas.

Uma blusa branca comum, jeans, um cinto e um casaco de zíper. Eu podia encarar aquilo.

O toque na janela assustou-me tanto, que eu quase arranquei minha língua fora. O rosto de Liam apareceu ali, desenhado em linhas tensas.

— Pode trazer essas roupas para mim por um segundo? Preciso te mostrar algo.

No mesmo instante que eu soube que os olhos dele estavam sobre mim, cada osso, músculo e junta do meu corpo se firmaram em atenção. Com o gosto vago de sangue na boca, saltei para fora da porta de correr, absorvendo a visão da van. Parecia impossível, mas o carro ficou pior do que antes — como um modelo de brinquedo que alguém enfiara pela pia e passara pelo triturador de lixo. Meus dedos rastream uma das recentes perfurações no painel lateral, onde uma bala batera contra o fino metal.

Liam ajoelhou-se ao lado de Zu, que estava se segurando no estepe com tudo o que tinha, e começou a trabalhar, içando a van para cima sobre o macaco e retirando o pneu traseiro direito demolido. Fiquei de pé, atrás deles, bem a tempo de ver Liam acenar em frente ao capô. Os parafusos e as porcas desenroscaram-se ao comando dele, formando uma impecável pilha no chão.

Azul, registrei. Liam era Azul. O que isso dizia sobre os outros?

— Ok — ele começou. Soprou uma mecha de seu cabelo claro dos olhos. — Pegue a camiseta que você ia vestir.

— Eu... eu não vou me trocar aqui fora — eu disse.

Ele revirou os olhos.

— Mesmo? Você está preocupada com sua modéstia quando estamos prestes a ter agentes da Liga na nossa cola em questão de horas? Prioridades, Verde. Pegue a camiseta.

Eu o observei por um instante, mas nem mesmo eu sabia o que estava procurando.

— Apalpe o colarinho — disse Liam. Ele colocou outro parafuso no chão perto de seu pé. — Você vai encontrar um carão.

Eu encontrei. Era pequeno, do tamanho de uma ervilha, costurado na

desinteressante camiseta.

— O Bolota tem um kit feminino chique debaixo do banco da frente — ele disse. — Se você vai vesti-la, precisa cortar o rastreador desta camiseta.

O “kit feminino chique” era uma caixa de linha, tesouras e um pequeno pedaço de bordado. Num retalho de tecido, alguém — Bolota? — tinha costurado um quadrado preto perfeito. Eu encarei a marcação, esfregando meu dedo sobre sua superfície elevada.

— De qualquer forma, talvez seja melhor você trocar o uniforme — Liam continuou. — Mas certifique-se de verificar as calças e o casaco também. Eu não duvido que usem mais de um.

Ele estava certo mais uma vez. Encontrei outro costurado na cintura da calça jeans, um na barra do capuz e até mesmo um colado na parte de dentro da fivela do cinto — quatro rastreadores para uma garota, mais um que fora costurado no forro da própria mochila.

Liam terminou de trocar o pneu pelo estepe mais rápido do que eu pensava ser possível. Zu ajudou-o a colocar os parafusos de volta nos encaixes e baixou o carro devagar. Quando ele entregou-lhe as ferramentas, ela sabia exatamente onde colocá-las no porta-malas.

— Aqui — ele disse, estendendo a mão para mim. — Vou cuidar deles. Minhas mãos tremiam enquanto eu entregava os rastreadores para ele. Ele os jogou no chão e os esmagou debaixo do salto do sapato.

— Não entendo... — comecei. Mas eu entendia, de certa forma. Eles não passariam por todo aquele trabalho para me soltar se não tivessem um método de me rastrear, caso eu fosse recapturada ou me separasse deles.

A mão de Liam veio na minha direção e o pânico absoluto em pensar em seu toque me fez saltar para trás, tentando colocar o máximo de espaço possível entre nós. Ainda não era longe o bastante; a mão dele caiu entre nós, mas senti o calor de sua palma virada para cima passar pelo meu ombro, como se tivesse de fato pousado ali. Meus braços ergueram-se e cruzaram-se contra o peito e uma miscelânea bagunçada de ansiedade e culpa subiu do fundo das minhas entranhas. Tentei me concentrar nos números de identificação Psi no topo dos meus sapatos para evitar que eu pulasse para longe mais uma vez.

Você está agindo como uma criança nervosa de cinco anos de idade, disse para mim mesma. *Pare com isso. Ele é só outro garoto.*

— Eles contam muitas mentiras na Liga das Crianças, a maior delas é dizer que você está livre — ele disse. — Eles falam de amor e respeito e de *família*, mas eu não conheço nenhuma família que coloque um rastreador em alguém e depois o mande para levar tiros e explodir.

— Mas não precisávamos matá-los — eu disse. Meus dedos apertaram-se em torno das alças da mochila. — Tinha outro garoto lá dentro. Martin. Ele não... ele não merecia...

— Você quer dizer... — Liam limpou a graxa e a sujeira de suas mãos na frente de seu jeans. — O tipo de... — ele fez um vago movimento com suas mãos, que eu acho que seria para indicar a estatura rechonchuda de Martin. — Aquele cara?

Fiz um gesto com a cabeça.

— A árvore não os atingiu, na verdade — disse Liam, encostando-se à porta de correr da minivan. — Eles devem estar vivos ainda.

Liam guiou-me até o banco do passageiro e assoviou para conseguir atenção do Bolota. Em algum lugar atrás de mim, ouvi Zu subir de volta na Black Betty.

— Olha — ele continuou —, todos eles usam rastreadores. Tenho certeza de que outro agente da Liga vai aparecer daqui a pouco para ajudá-los. Você pode voltar, se quiser, ou podemos levá-la até a rodoviária, como eu disse que faria.

Minhas mãos estavam paradas ao meu lado, meu rosto branco como um céu límpido, mas eu não o enganava. Ele sintonizou minha culpa como se eu a estivesse vestindo bem na minha cara. — Isso não te torna uma pessoa ruim, sabe — querer viver sua própria vida.

Meu olhar ia e voltava, da estrada para o rosto dele, mais confusa agora do que nunca. Não fazia sentido ele querer me ajudar, não quando já tinha duas outras pessoas contando com ele. As quais ele queria proteger.

Liam abriu a porta dos fundos para mim, inclinando a cabeça na direção do assento vazio lá dentro. Mas, antes mesmo que eu pudesse considerar o risco de ficar com eles, mesmo que por pouco tempo, Bolota estendeu o braço e fechou a porta de correr com tudo bem na minha cara.

— Bolota... — Liam avisou.

— Por que — Bolota começou — você estava com a Liga das Crianças?

— Ora, vamos — Liam disse. — Essa é uma operação não-pergunte-não-conte. Verde, você...

— Não — disse Bolota —, *você* decidiu isso. Você e Suzume. Se vamos ter que aturá-la, quero saber quem é essa pessoa e por que fomos perseguidos por lunáticos com armas tentando tomá-la de volta.

Liam ergueu as mãos em rendição.

— Eu... — O que eu poderia contar a eles que não soaria como uma completa e total mentira? Sentí minha cabeça leve; eu estava quase cansada demais para pensar. — Eu era...

Zu acenou para mim, como encorajamento, com os olhos brilhantes.

— Eu era uma corredora na Torre de Controle — disse sem pensar. — Vi os códigos de acesso aos servidores de computadores nos quais a Liga quer entrar. Tenho memória fotográfica, e sou boa com números e códigos.

Isto deve ter sido exagero, mas aparentemente eu os convenci.

— E o seu amigo? Qual é a dele?

Quanto mais olhavam para mim, mais difícil ficava não ter um ataque.
Segura a onda, Ruby.

— Você quer dizer Martin — eu disse, com a voz soando aguda até para minhas próprias orelhas. — Ontem foi a primeira vez que o vi. Não sei qual era a história dele. Não perguntei.

Eu queria não saber qual era a história de Martin.

Bolota bateu na lateral da minivan.

— Não me diga que você acredita nisso, Lee. A gente conhecia todo mundo quando escapou.

Escapou. Eles escaparam, mesmo? O choque deixou-me sem fala por diversos momentos até que, enfim, perguntei.

— Mesmo? Todos os três mil?

Os garotos deram um passo para trás, ao mesmo tempo.

— Havia três mil crianças no seu acampamento? — Liam perguntou.

— Por quê? — olhei entre eles, enervada. — Tinha quantas no seu?

— Trezentas, no máximo — disse Liam. — Tem certeza? Três mil?

— Bem, eles não deram um número oficial. Havia trinta crianças por cabine, e cerca de cem cabines. Costumava ter mais, mas mandaram embora os Vermelhos, Laranjas e Amarelos.

Aparentemente, eu fizera a mente dele explodir. Liam soltou um ruído abafado no fundo da garganta.

— Puta merda — ele, enfim, conseguiu soltar. — Que acampamento era?

— Não é da sua conta — disse. — Não estou perguntando onde vocês estavam.

— Estávamos em Caledônia, Ohio — disse Bolota, ignorando um olhar afiado de Liam. — Eles nos enfiaram numa escola de ensino fundamental abandonada. Nós fugimos. Sua vez.

— Por quê? Para você me reportar na estação FEP mais próxima?

— Claro, porque *é lógico* que iríamos conseguir chegar lá e registrar um relatório de reconhecimento.

Depois de um instante, soltei a respiração com força.

— Tá bom. Eu estava em Thurmond.

O silêncio que se seguiu pareceu estender-se mais do que a estrada abaixo de nós.

— Você está falando sério? — Liam, enfim, perguntou. — A Thurmond Maluca, com as Frankencrianças?

— Eles pararam de fazer testes — eu disse, sentindo-me estranhamente defensiva.

— Não, eu só... eu só... — Liam atrapalhou-se com as palavras — pensei que estavam todos lotados, sabe? Por isso nos levaram para Ohio.

— Quantos anos você tinha quando foi para o acampamento? — a voz de Bolota estava comedida, mas eu vi seu rosto baixar mesmo assim. — Você era jovem, não é?

A resposta saiu antes mesmo que eu pudesse interromper.

— No dia seguinte ao meu décimo aniversário.

Liam soltou um assovio baixo e eu indaguei o quanto da reputação de Thurmond vazara durante o tempo que eu estivera lá. Quem estava falando sobre o lugar — os antigos FEPs nomeados para lá?

E, se as pessoas sabiam, por que ninguém tinha vindo nos ajudar?

— Por quanto tempo vocês ficaram em Caledônia?

— Suzume ficou lá por quase dois anos. Eu fiquei lá por um ano e meio, e Lee ficou lá por mais ou menos um ano.

— Só... — uma voz baixinha e feia dentro da minha cabeça sussurrou *Só isso?*, mesmo que a melhor parte de mim soubesse muito bem que não importava se eles estiveram lá por um dia ou um ano — um minuto num desses acampamentos era o bastante para quebrar você em pedaços.

— E você, tem quantos anos, dezesseis? Dezesete?

— Não sei — eu disse, e o pensamento quase me derrubou contra a van. Eu, de fato, *não tinha* certeza. Sam dizia que foram seis anos, mas ela podia ter se enganado. Nós não controlávamos o tempo em Thurmond da maneira comum; eu reconhecia as estações passando, mas, em algum momento, parei de tentar acompanhar. Eu cresci, sabia que a cada inverno eu estava um ano mais velha, mas nada disso... parecia importar até agora. — Em que ano estamos?

Bolota resfolegou, revirando os olhos em direção ao céu. Ele abriu a boca para dizer algo, mas parou assim que deu uma bela olhada no meu rosto. Não sei ao certo que tipo de expressão eu estava fazendo, mas ela apagou sua exasperação em dois segundos. Seus olhos estreitos arregalaram-se em algo que se parecia muito com pena.

E Liam... sua expressão pareceu dissolver-se por inteiro.

Senti o cabelo da minha nuca começar a se arrepiar e meus dedos torcerem o tecido do *shorts* do meu uniforme. A última coisa — *a última coisa* — que eu queria era que um bando de estranhos sentisse pena de mim. O arrependimento tomou conta de mim, afogando até mesmo minha ansiedade e meu medo. Eu não deveria ter dito nada; deveria ter mentido ou fugido da pergunta. O que quer que eles pensavam que Thurmond era, seja lá o que acreditavam que eu tenha sofrido, era ruim o bastante para me marcar como patética aos seus olhos. Eu podia ver nos rostos deles, e a ironia atingiu-me ainda mais do que eu esperava. Eles aceitaram um monstro, pensando que eu era um rato.

— Dezesesseis, então — eu disse, depois que Liam confirmou o ano. Sam estava certa, afinal.

Algo mais me incomodava.

— Eles ainda estão criando novos campos e mandando crianças para lá?

— Não tanto mais — disse Liam. — O grupo mais jovem era da idade da Zu. Eles foram os mais atingidos. As pessoas ficaram com medo, e a taxa de natalidade caiu antes mesmo de o governo tentar banir novos nascimentos. A maioria das crianças que ainda está sendo mandada para os campos é como nós. Eles escaparam da detecção durante os recolhimentos ou tentaram fugir.

Acenei com a cabeça, matutando sobre isso.

— Em Thurmond — Bolota começou — eles faziam mesmo...

— Acho que já chega — Liam interrompeu. Ele passou pelo braço estendido de Bolota e abriu a porta de correr para mim mais uma vez. — Ela respondeu suas perguntas, nós respondemos as dela, e agora temos que pegar a estrada enquanto ainda podemos.

Zu entrou primeiro e, sem olhar para nenhum dos garotos, eu a segui, em direção ao assento do fundo, onde podia me esticar e esconder-me de quaisquer outras perguntas indesejadas.

Bolota sentou no banco de passageiro da frente, lançando um último olhar para mim. Seus lábios carnudos estavam pressionados com tanta força que estavam sem cor. Enfim, voltou a atenção para o livro no seu colo e fingiu que eu sequer estava ali.

Black Betty roncou quando Liam pisou no acelerador e todo o meu corpo vibrou junto com ela. Ela era a única que estava disposta a falar por um bom tempo.

A chuva ainda estava caindo, lançando uma luz cinza em torno do carro. As janelas estavam embaçadas e, por um instante, não fiz nada além de observar a chuva. Faróis de carros cortavam o para-brisa frontal, mas não estava escuro em nenhum lugar por perto.

Bolota, enfim, ligou o rádio, preenchendo o espaço silencioso com uma notícia sobre a crise de combustível dos Estados Unidos e as perfurações que aconteciam no Alasca como resultado. Se eu não estivesse quase dormindo, a lenga-lenga do radialista sem graça teria me feito dormir.

— Ei, Verde — Liam gritou de volta. — Você tem sobrenome?

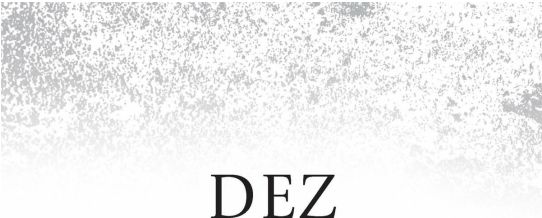
Pensei em mentir, sobre me transformar em alguém que não era, mas não parecia certo. Mesmo que eu deixasse essas pessoas entrarem, elas me esqueceriam em breve.

— Não — eu disse. Eu tinha um número Psi e o nome que eu herdara da minha avó. O resto não importava.

Liam virou-se de volta para a estrada, com os dedos tamborilando no volante.

— Entendi.

Joguei-me de volta no banco, pressionando as mãos contra o rosto. O sono, enfim, chegou para mim, assim que as nuvens de tempestade afastaram-se para revelar um céu noturno impecável. Sem o som da chuva, só conseguia distinguir o som suave fluando pelos alto-falantes do carro e a voz profunda de Liam cantando junto.



DEZ

BOLOTA FOI QUEM ME ACORDOU. FOI UM TAPA rápido no meu ombro, como se ele não pudesse tocá-lo durante o tempo necessário para me sacudir, mas foi o suficiente. Eu estava enrolada como um camarão num dos bancos apertados, mas, com seu toque, pulei para fora dele, batendo a cabeça contra a janela. Senti o toque frio na minha nuca quando tropecei no espaço estreito entre o banco da frente e o meu. Por um único e nebuloso instante, não conseguia me lembrar onde estava, muito menos como eu chegara ali.

O rosto de Bolota apareceu de novo em meu campo de visão, com uma sobranceira levantada olhando para meus membros emaranhados. E, então, tudo me sobreveio, como um soco na garganta.

Maldição, maldição, maldição, pensei, tentando tirar o cabelo do meu rosto. Eu quis apenas descansar meus olhos por alguns minutos — e quem sabe por quanto tempo fiquei apagada? A julgar pela expressão do Bolota, não fora uma soneca breve.

— Você não acha que já dormiu bastante? — ele bufou, cruzando os braços sobre o peito. A van parecia mais quente e eu não percebi, até me sentar e ver o tecido azul-escuro que havia sido preso para cobrir o para-brisa traseiro.

A realidade da situação atingiu-me de uma vez, com uma torção afiada em meu lado. Eu baixei a guarda numa van de estranhos, a ponto de não impedir que Bolota colocasse a mão em mim. Deus, eu não sabia qual de nós teve mais sorte, no fim das contas — ele, por não ter seu cérebro varrido, ou eu, por ter evitado ainda outro desastre em potencial. Como eu podia ter sido tão estúpida? Assim que eles soubessem o que eu era, eu seria expulsa e, então, onde eu estaria? Falando nisso...

— Onde estamos? — endireitei-me no banco. — Onde estão os outros?

Bolota sentou-se num dos bancos do meio, dividindo seu tempo entre o livro em seu colo e o mundo de árvores bem do lado de fora da janela fumê do carro. Eu me movi, tentando seguir o olhar dele, mas não havia nada para ver.

— Em algum lugar perto da adorável cidade de Kingwood, West Virginia. Lee e Suzume estão conferindo algo — ele disse.

Eu me debruçara para a frente, sem perceber, tentando ver o que ele estava lendo. Há anos que não via um livro, muito menos lia um. Porém, Bolota não iria tolerar isso. No momento em que meu ombro esbarrou no dele, ele fechou o livro com tudo e virou-se para me olhar com a cara mais feia que conseguia exibir. Mesmo com seus óculos muito pequenos e meu conhecimento de seu *kit* feminino chique debaixo do banco, lembrei-me de que havia uma possibilidade distinta de ele ser capaz de me matar com seu cérebro.

— Por quanto tempo dormi?

— Um dia — disse Bolota. — O general quer você acordada e pronta para apresentar-se para o serviço. Ele está em clima de vamos-vamos-vamos. Você pode só ser uma Verde, mas ele está esperando que você ajude.

Escolhi minhas palavras seguintes com cuidado, ignorando o olhar convencido no rosto dele. Deixe-o pensar assim, se isso fazia com que ele se sentisse melhor. Ele era mais esperto; não havia como questionar isso. Ele provavelmente tinha muitos anos de educação à minha frente, lera centenas de livros a mais e podia lembrar-se de matemática o bastante para que fosse útil. Porém, por mais inferior e estúpida que ele me fizesse sentir, não havia como ignorar o fato de que só bastava um toque, e eu poderia ler o conteúdo do seu cérebro.

— Liam é Azul, certo? — comecei. — Você e Zu também são Azuis?

— Não — ele fez uma careta e levou diversos momentos para decidir se deveria ou não revelar sua próxima informação. — Suzume é Amarela.

Sentei-me um pouco mais reta.

— Havia Amarelos no seu acampamento?

Bolota grunhiu.

— Não, Verde, acabei de mentir para você — *sim*, havia Amarelos.

Mas isso não fazia sentido — afinal, se levaram os Amarelos para fora de Thurmond, por que não teriam levado de todos os acampamentos?

— Eles... — eu comecei, incerta sobre como perguntar isso. Quando ela me puxou para a van, pensei que ela só ficava tímida e agitada perto de estranhos. Porém não a ouvira pronunciar uma única palavra em todo o tempo que estive ali. Nem para mim, nem para Bolota, nem mesmo para Liam. — Eles... fizeram algo com os Amarelos? Com ela?

A atmosfera da van só teria sido eletrificada mais depressa se eu tivesse atirado um fio elétrico numa banheira cheia.

Bolota virou-se com rapidez na minha direção, levantando os braços, cruzando-os na frente de seu peito. O olhar que mandou para mim, por sobre seus óculos, teria transformado uma alma mais fraca em pedra.

— Isso — ele disse devagar, com precisão, pensei, para ter certeza de que

eu tinha entendido — não é da sua conta.

Ergui as mãos, em retratação.

— Você ao menos pensou no que poderia ter acontecido com ela quando a seguiu? — ele pressionou. — Você sequer se importa que seus amigos na caminhonete verde poderiam tê-la raptado por prazer?

— As pessoas na caminhonete verde... — comecei, e teria terminado se a porta não tivesse de repente rolado e aberto atrás de nós. Bolota soltou um ruído que só podia ser descrito como um guinchado e quase voou para o banco do passageiro da frente. No momento em que ele se acomodou, seus olhos estavam quase tão arregalados quanto os de Zu, que ficou olhando-o da porta.

— Não *faça* isto! — ele arfou, pressionando o peito. — Nos dê um aviso, pode ser?

Zu ergueu uma sobrancelha na minha direção e eu ergui outra de volta para ela. Após um momento, ela pareceu lembrar-se do motivo de ter vindo e começou a acenar para nós do lado de fora, com sua luva brilhante, cor do sol.

Bolota desajustou o cinto de segurança com um suspiro agravado.

— Eu disse a ele que era uma perda de tempo. Eles disseram *Virgínia* e não *West Virgínia* — ele virou o olhar de volta para mim. — Aliás — ele disse —, aquela caminhonete era dourada. Que pouca memória fotográfica você tem.

Uma desculpa saltou até a minha garganta, mas ele me cortou com um olhar astuto e bateu a porta atrás dele.

Eu saltei para fora da van e segui Zu. Conforme meus pés afundavam na lama e na grama triste e amarelada, dei minha primeira boa olhada ao redor.

Uma placa grande de madeira, inclinada para trás como se alguém quase a tivesse atropelado, dizia: LOTE DE ACAMPAMENTO EAST RIVER, mas não havia rio e, decerto, não era o típico local para acampamentos. Se isso fosse alguma coisa, era — ou já havia sido — um antigo estacionamento de *trailers*.

Quanto mais caminhávamos para longe da minivan, mais nervosa eu ficava. Não estava chovendo, mas minha pele parecia pegajosa e fria ao toque. Ao nosso redor, até onde meus olhos podiam alcançar, havia cascas queimadas, prateadas e brancas de antigos veículos e casas. Diversos *trailers*, maiores e mais permanentes, tinham paredes inteiras arrancadas ou chamuscadas, revelando cozinhas e salas de estar com o interior ainda intacto, se não alagadas e infestadas com animais e folhas, que apodreciam lentamente, das árvores vizinhas. Era como um enorme cemitério de vidas passadas.

Embora as portas de tela tivessem sido arrancadas e estivessem empenadas e alguns *trailers* estivessem apoiados em pneus rasgados, ainda havia sinais de vida em toda a parte. Paredes estavam decoradas com imagens de famílias felizes e sorridentes, um relógio antigo ainda marcava o tempo, havia painéis sobre os fogões, um pequeno balanço permanecia intacto e solitário nos

fundos do lote.

Zu e eu navegamos em torno de um *trailer* que agora estava tombado de lado, seguindo um caminho de pegadas profundas na lama. Olhei para seus ossos enferrujados e imediatamente me afastei, com a mão apertada nas suas luvas. Ela olhou para mim com olhar de questionamento, mas só sacudi a cabeça e disse:

— Assustador.

Quando a chuva chegou, ela martelava contra os corpos de metal à nossa volta, chocalhando alguns dos telhados e telas mais fracas. Pulei para trás, com um urro, quando a porta de um trailer caiu em nosso caminho. Zu apenas pulou sobre ela e apontou para a frente, para onde Bolota e Liam estavam absortos numa conversa.

Levei um instante para reconhecer Liam. Sob a jaqueta, ele vestia um casaco azul com o capuz cobrindo o que parecia um boné dos Redskins. Eu não tinha ideia de onde ele os tinha pego, mas um par de óculos escuros, estilo aviador, obscurecia boa parte do seu rosto.

— ... não é? — disse Bolota. — Eu *falei* para você.

— Eles disseram que era na fronteira leste do Estado — Liam insistiu. — E pode ser que tenham se referido a West Virgínia Ocidental...

— Ou eles podem ter sacaneado a gente — Bolota completou por ele. Ele deve ter ouvido nossa aproximação, pois deu um pulo e virou-se. No momento em que fechou o olhar sobre mim, falou com ousadia.

— Bom dia, raio de sol! — Liam gritou. — Dormiu bem?

Zu saiu correndo à minha frente, mas pude sentir meus pés arrastando um peso invisível, conforme eu ia em direção a eles. Cruzei os braços no peito, estabilizando-me o bastante para perguntar:

— O que é este lugar?

Dessa vez, foi Liam que soltou um suspiro.

— Bem, esperávamos que fosse East River. O East River, quero dizer.

— Isso fica na Virgínia — eu disse, olhando para os sapatos. — A península. Ela deságua na Chesapeake Bay.

— Obrigada, Detetive Besta — Bolota balançou a cabeça. — Estamos falando do East River do Fugitivo.

— Ei! — a voz de Liam era aguda. — Pega leve, cara. Nós também não sabíamos nada disso até sairmos do acampamento.

Bolota cruzou os braços no peito e desviou o olhar.

— Tanto faz.

— O que foi?

Senti Liam voltar sua atenção para mim, o que imediatamente me instigou a voltar a atenção para Zu, que só parecia confusa. *Controle-se, ordenei a mim mesma, pare com isso.*

Eu não estava com medo deles, nem mesmo do Bolota. Talvez um pouco, ao pensar muito em como eu poderia facilmente arruinar suas vidas, ou ao imaginar suas reações aterrorizadas caso descobrissem, de verdade, o que eu era. Eu só não sabia o que dizer ou como agir perto deles. Cada movimento e palavra da minha parte pareciam desconfortáveis, exagerados, ásperos, e eu estava começando a me preocupar que os sentimentos de hesitação e estranheza nunca desaparecessem. Eu já me sentia como a aberração das aberrações, sem a percepção de que não tinha a habilidade básica de me comunicar normalmente com outros seres humanos.

Liam suspirou, coçando a nuca.

— Nós soubemos de East River por uns garotos do nosso acampamento. Parece que — e eu quero dizer que *parece* — é um lugar onde todas as crianças do lado de fora podem ir para viverem juntas. O Fugitivo, que comanda o show, pode colocar você em contato com os seus parentes sem os FEPs descobrirem. Tem comida, um lugar para dormir, bem, você entendeu. O problema é encontrar esse lugar. Acharmos que fica em alguma parte dessa área, graças a alguns Azuis meio inúteis que encontramos em Ohio. É o tipo de coisa que ...

— Se você conhece, não deve falar sobre isso — concluí. — Mas quem é o Fugitivo?

Liam encolheu os ombros.

— Ninguém sabe. Ou... bem, acho que as pessoas *sabem*, elas só não falam. Mas os boatos sobre ele são bem incríveis. Os FEPs deram esse apelido porque ele — *supostamente* — escapou umas boas quatro vezes.

Eu estava muito pasma para dizer qualquer coisa sobre aquilo.

— Dá um pouco de vergonha para o resto de nós, não é? Eu estava me sentindo muito mal comigo mesmo, até que alguém me contou os boatos sobre ele — Liam tremeu. — Parece que ele é um daqueles — um *Laranja*.

Aquela única palavra ecoou como um trovão ao meu redor, congelando-me no lugar. Liam foi dizer mais alguma coisa, com muito menos desgosto, mas não consegui escutá-lo por sobre o rugido nos meus ouvidos. Eu não escutava uma palavra do que ele estava dizendo.

Fugitivo. Alguém que podia ajudar as crianças a irem para casa, se elas tivessem uma casa para retornar, e pais que se lembrassem delas e as quisessem. Uma vida para recuperar.

E era possível que fosse um dos últimos Laranjas por aí.

Fechei os olhos bem apertados, pressionando as pontas das palmas das mãos contra eles, para garantir. Eu não me qualificava para a ajuda dele, não da forma tradicional. Mesmo que pudesse entrar em contato com meus pais, eles não iriam acolher de braços abertos uma garota que consideravam uma estranha. Tinha a vovó, mas eu não tinha como saber onde ela estava agora. Após descobrir o que eu fizera, será que ela iria me querer?

— Por que vocês precisam da ajuda desse cara? — interrompi, ainda me sentindo avoada. — Vocês não podem só ir para casa?

— Use seu cérebro, Verde — disse Bolota. — Não podemos ir para casa porque os FEPs devem estar de olho em nossos pais.

Liam sacudiu a cabeça, tirando, enfim, os óculos escuros. Ele parecia exausto, com a pele sob seus olhos inchada e machucada.

— Você vai precisar ter muito cuidado, ok? Quer mesmo que eu a deixe numa rodoviária? Porque ficaríamos felizes...

— *Não!* — Bolota disse. — Com certeza *não* ficaríamos. Já perdemos muito tempo com ela, e por causa dela a Liga está atrás de nós também.

Uma dor aguda brotou no lado esquerdo do meu peito, bem acima do coração. Ele estava certo, é claro. A melhor opção para todos seria me deixar na rodoviária mais próxima e acabar com isso.

Isso não significava que eu não queria, ou precisava, achar esse Fugitivo tanto quanto eles queriam. Mas não podia pedir para ficar. Eu não podia impor sobre eles nada mais do que já havia imposto, ou arriscar arruiná-los com os dedos invisíveis que pareciam estar dilacerando todas as conexões que eu conseguia fazer. Se a Liga nos alcançasse e os pegasse, eu nunca me perdoaria. Nunca.

Se eu fosse encontrar o Fugitivo, teria que fazê-lo sozinha. Você poderia pensar que me acostumaria a viver, cada dia, sem ninguém ao meu lado, que seria como um alívio não estar em constante perigo de entrar na mente de alguém. Mas eu não queria. Não queria sair sob o céu cinzento sozinha e sentir o frio penetrar na minha pele.

— Então — eu disse, olhando para o próximo *trailer* — esse não é o East River.

— Pode ter sido, no passado — Liam disse. — Eles podem se mudar de tempos em tempos. Eu não havia considerado isso.

— Ou — Bolota resmungou — eles podem ter sido levados sob a custódia dos FEPs. Talvez esse fosse o East River, e agora não existe mais East River, e vamos ter que encontrar uma maneira de entregar a carta do Jack e ir para casa sozinhos, só que não vamos conseguir por causa dos rastreadores e seremos todos levados de volta para o acampamento, só que desta vez eles vão...

— Obrigada, Risadinha — Liam interrompeu —, por esse estimulante sopro de otimismo.

— Eu posso estar certo — ele disse. — Você tem que reconhecer isso.

— Mas você também pode estar errado — Liam disse, levando uma mão reconfortante sobre a cabeça de Zu. — De qualquer forma, é isso que faremos agora: aqui foi só um alarme falso. Vamos ver se encontramos alguma coisa útil, depois colocamos o pé na estrada.

— *Finalmente.* Estou cansado de perder tempo com coisas que não

importam. — Bolota enfiou as mãos nos bolsos de sua calça e seguiu na minha direção. Se eu não tivesse saído do caminho, seu ombro teria batido no meu e me faria cair de costas.

Virei-me, com os olhos seguindo o caminho dele enquanto ele chutava o lixo e as pedras para fora do caminho. Liam de repente estava ao meu lado, com os próprios braços cruzados no peito.

— Não leve para o lado pessoal — ele disse. Eu devo ter feito um som de descrença, porque ele continuou. — Quer dizer... ok, o garoto é basicamente um homem velho rabugento de setenta anos, preso no corpo de um garoto de dezessete, mas ele só está sendo insuportável assim para tentar afastar você.

É, pensei, *está funcionando*.

— E sei que não é desculpa, mas ele está tão estressado e apavorado quanto o resto de nós e... O que estou tentando dizer é, todo esse ácido que ele está jogando na sua direção? Está vindo de um lugar bom. Se você aguentar, juro que não vai encontrar um amigo mais leal. Mas ele está assustado para caramba sobre o que vai acontecer, especialmente com Zu, se formos pegos de novo.

Com isso, olhei para cima, mas Liam já estava se afastando, na direção de uma fileira de *trailers* detonados, ao longe. Por um instante maluco, pensei em segui-lo, mas vi Zu com o canto do olho, com suas alegres luvas amarelas brilhantes ao seu lado. Ela entrava e saía dos *trailers*, ficava nas pontas dos pés para espiar pelas janelas quebradas e, até mesmo, num momento, começou a rastejar para dentro dos destroços de um veículo, que parecia ter sido quebrado ao meio por um tornado. O telhado de metal, que estava pendurado pelo que pareciam duas frágeis dobradiças, estava balançando e quicando sob as forças combinadas da chuva e do vento.

Embora ela estivesse com o capuz de seu enorme casaco bem colocado sobre a cabeça, observei quando uma das mãos das luvas de Zu subiu e roçou na lateral de seu rosto — como se ela puxasse uma mecha de cabelo dos olhos. Não pareceu estranho até que ela fez isso de novo, empalidecendo de leve ao perceber.

A conversa que tentei ter com Bolota na van me sobreveio de forma esmagadora.

— Ei, Zu... — comecei, para logo parar. Como eu deveria perguntar para uma garotinha se alguém tinha brincado de retalhar o cérebro dela sem passar por uma lembrança que já era dolorosa?

A verdade era que eles só raspavam as cabeças das crianças em Thurmond quando queriam enfiar algo dentro dos crânios delas; eles tinham parado de vez com isso quando eu cheguei, mas demorou algum tempo para que o cabelo das crianças mais velhas crescesse de novo. Em algum lugar da minha mente, eu imaginara se esse não era o caso dela, afinal, se o motivo de ela não poder falar era porque eles tinham cruzado alguns fios que não deveriam, ou ido

longe demais em nome de encontrar uma... cura.

— Por que eles cortaram seu cabelo? — perguntei, enfim.

Eu conhecia muitas garotas que teriam preferido um cabelo mais curto — incluindo eu mesma —, mas, tirando o corte de cabelo anual, não tínhamos muito a opinar sobre o assunto. A forma como Zu parecia pentear o fantasma do seu cabelo me fez pensar que ela também não teve muito a opinar.

Se ela se aborrecera com minha pergunta, não demonstrou. Zu levou as mãos até a cabeça e começou a esfregá-la, fazendo uma cara de agudo desconforto. Vendo que eu não estava entendendo, ela despiu a luva de uma mão e começou a coçar o couro cabeludo.

— Ah — eu disse — *ah!* Você quer dizer que o seu grupo teve piolhos?

Ela acenou afirmativamente com a cabeça.

— Credo! — eu disse. Fazia sentido, mas ainda não explicava porque ela não podia abrir a boca e me responder. — Sinto muito.

Zu deu de ombros, depois se virou e amarrou-se ao veículo mais próximo.

A porta oscilou e protestou quando eu a segui para dentro, guinchando conforme suas dobradiças trabalhavam. Zu fez uma careta e eu devolvi outra para ela, concordando. A casa inteira tinha um cheiro doce, mas... não era agradável. Quase como fruta podre.

Comecei pelo pequeno espaço central da saleta, abrindo e fechando as pálidas portas dos armários. As almofadas dos bancos eram revestidas de um roxo repulsivamente gritante, mas elas, assim como a pequena TV pendurada na parede em frente, estavam revestidas de poeira e sujeira. A única coisa que havia sobre o balcão era uma caneca de café. A área de dormir, nos fundos, estava igualmente vazia — algumas almofadas, um abajur e um armário com um vestido vermelho, uma camisa branca com botões e vários cabides vazios.

Assim que estendi a mão para pegar a camisa, percebi algo em minha visão periférica.

Alguém afixara aquilo ao para-brisa do veículo no lugar do espelho retrovisor. Não era nada que parecesse estranho do lado de fora, ou que chamasse atenção, a menos que você estivesse mesmo, de verdade, olhando para aquilo. Mas, do lado de dentro, a poucos passos de distância, eu estava tão perto que pude ver a luz vermelha em sua base, perto o bastante para enxergar que a câmera ali dentro estava apontando para tudo e para todos que passavam na estrada à sua frente.

E se eu conseguia ver a Black Betty de onde eu estava, a câmera também conseguiria.

O formato da câmera era um pouco diferente das que havia em Thurmond, mas parecido o bastante para me fazer pensar que as mesmas pessoas estavam por trás dela. Olhei para Zu e ela olhou para mim.

— Fique bem aí — eu disse, buscando o bule de café sobre a mesa.

Atravessei o *trailer* em três passos, com o bule à minha frente como uma espada. Chutei para o lado algumas caixas vazias e lixo e vi, misturada ao entulho de sacolas plásticas, uma pequena luva vermelha. Muito pequena para a mão de qualquer adulto.

Não notei que o bule ainda estava na minha mão, até jogá-lo contra o dispositivo e esmagá-lo. O corpo de vidro barato quebrou-se e caiu no chão, fiquei segurando apenas o suporte. O bulbo preto ficou empoleirado bem onde estava, só que, agora, o olho da câmera virou-se para me encarar.

Está ligada, pensei por entre a névoa de pânico, procurando por alguma outra coisa para quebrá-la. *Está gravando*.

Eu não me lembro de tê-la chamado, mas Zu apareceu ao meu lado num instante, enfiando algo na frente de seu enorme moletom. Ela deve ter reconhecido aquilo, também, porque, antes mesmo que eu pudesse dizer outra palavra, ela já estava tirando uma de suas luvas amarelas para alcançá-la.

— Não!

Eu nunca vira um Amarelo usar suas habilidades antes. Eu sofrera os efeitos colaterais, é claro — quedas de energia pelo acampamento, Ruído Branco quando os controladores do acampamento pensavam que um deles tinha feito isso de propósito. Mas fazia tanto tempo que eles haviam partido de Thurmond que eu tinha parado de imaginar como devia ser para eles falar o idioma misterioso da eletricidade.

Os dedos de Zu mal roçaram nela e a câmera começou a soltar um ganido agudo. Houve um raio azul-claro, que pareceu ter saltado de seu dedo nu até o invólucro da câmera. Este mesmo fio crepitante chicoteou sobre o plástico, fazendo-o soltar fumaça e curvar-se sob o calor.

Sem aviso, todas as luzes do veículo acenderam, fulgurando tanto que estilhaçaram. O veículo começou a tossir e cuspir, balançando sob nossos pés, conforme seu motor reviveu por milagre após um longo sono.

Zu enfiou a mão de volta na luva e cruzou os braços sobre o peito. Fechou os olhos com força, como se desejasse que tudo aquilo parasse. Mas não tínhamos tempo para esperar. Caminhei em direção à porta, agarrando a frente do moletom dela para arrastá-la para fora do *trailer* de uma vez. Ela ainda estava tropeçando quando a puxei para a ponta que dava para a estrada e para Black Betty.

— Vamos — disse, não deixando que ela desacelerasse. O brilho havia sumido do seu rosto, apagado como uma vela. — Está tudo bem — menti. — Só precisamos buscar os outros...

Havia uma câmera instalada no para-brisa de cada trailer naquela fileira da frente; eu as vi, uma a uma, conforme corríamos na direção de Betty. Não havia sentido em tentar nos livrar delas agora. Quem quer que fosse nos ver, é provável que já nos tivesse visto. Só tínhamos que sair dali, e rápido.

Elas podem ser antigas, tentei dizer para mim mesma, abrindo a porta de Betty com tudo. Elas podem ter sido instaladas há anos, em caso de assaltos. Quem sabe para onde estava sendo enviado o vídeo que elas gravavam? Talvez para lugar nenhum.

E, ao mesmo tempo, meu coração estava batendo num ritmo totalmente diferente. *Eles estão vindo, eles estão vindo, eles estão vindo.*

Pensei em gritar e chamar os outros, mas eles podiam estar em qualquer lugar do estacionamento. Subi na van após Zu e fiz a única coisa que parecia fazer sentido naquele momento: bati a ponta da palma da mão contra a parte carnuda do volante. O choro agudo da buzina de Betty acordou a paisagem adormecida. Um aglomerado de pássaros voou das árvores próximas, atingindo o céu no mesmo instante em que comecei a bater num ritmo mais rápido e mais insistente.

Bolota apareceu primeiro, correndo abaixado por um corredor de *trailers*, e Liam um segundo mais tarde, algumas fileiras acima. Quando viram que éramos apenas nós, ambos reduziram a velocidade. Um olhar irritado cruzou o rosto de Bolota.

Debrucei para fora da janela lateral do motorista e gritei:

— Temos que ir embora — *agora!*

Liam não disse nada a Bolota que eu não tenha ouvido, mas fizeram o que foi pedido. Permaneci agachada entre os dois bancos da frente, enquanto os garotos pulavam para dentro.

— O quê? — Liam estava quase sem fôlego. — O que foi?

Apontei para o *trailer* mais próximo.

— Eles têm câmeras instaladas — minha voz esganiçou. — Em cada um deles...

Bolota respirou fundo.

— Tem certeza? — a voz de Liam estava calma, muito calma. Dava para ver que ele estava forçando, ainda mais quando seus dedos se atrapalharam para colocar a chave na ignição.

Os pneus traseiros da van giraram contra a lama conforme ele engatou a ré. Cambaleei para trás com a força da aceleração.

— Ah, meu Deus! — Bolota dizia. — Não acredito. Nós somos como João e Maria. Ah, meu Deus! Você acha que era ela?

— *Não* — Liam disse. — Não. Ela é sorrateira para uma rastreadora, mas isso... isso é outra coisa...

— Elas podem estar aí faz tempo — eu disse, assim que encontramos a estrada mais uma vez. Ela estava vazia e aberta à nossa frente, uma boca escancarada, pronta para nos engolir inteiros. — Eles podiam estar espionando as pessoas que viviam ali. Talvez aquilo fosse mesmo o East River...

Ou era só uma armadilha para as crianças procurando pelo verdadeiro

East River.

Liam apoiou o cotovelo no painel da porta e o queixo contra a palma da mão. Quando ele falou, as centenas de rachaduras serpenteantes no para-brisa cortaram seu reflexo. Ele forçou a minivan para uma velocidade mais rápida, fazendo o vento assoviar pelo buraco de bala. — Só fiquem de olhos abertos e me digam se virem algo ou alguém agindo de forma suspeita.

Defina suspeito. As fileiras de casas com persianas? Uma minivan cheia de tiros?

— Sabia que devíamos ter esperado até escurecer — Bolota disse, batucando os dedos contra a janela do banco do passageiro. — Eu *sabia*. Se essas câmeras estavam ligadas, elas provavelmente pegaram o número da placa e tudo...

— Eu cuido das placas — Liam prometeu.

Os lábios de Bolota se separaram, mas ele não falou nada, só descansou a cabeça contra a janela.

— Devo procurar por FEPs? — perguntei, enquanto passávamos sobre outro trilho de trem.

— Pior — Bolota suspirou — rastreadores. Caçadores de recompensa...

— Os FEPs estão em pouco número, em todo caso — Liam explicou. — O mesmo acontece com a Guarda Nacional e o que restou da polícia local. Não sei se enviariam uma unidade até aqui só com uma pista. E, a menos que, por acaso, tenha um caçador de recompensas residente nessas bandas da floresta, vamos ficar bem...

Essas eram palavras finais famosas, se é que eu já as tinha ouvido.

— A recompensa por entregar uma criança é dez mil dólares. — Bolota virou-se para olhar para mim. — E o país inteiro está falido. Nós *não* vamos ficar bem...

Ouvi um trem a distância, com a buzina muito semelhante às que passavam por Thurmond a altas horas da noite. Foi o bastante para eu cravar as unhas na pele das coxas e fechar os olhos com força até a náusea passar. Eu nem percebi que a conversa tinha se desenrolado sem mim, até que ouvi Liam perguntar:

— Você está bem, Verde?

Estendi o braço e limpei o rosto, imaginando se a umidade dali era da chuva ou se eu estivera chorando sem notar. Eu não disse nada ao engatinhar para o banco de trás. Não entrei na conversa deles sobre como encontraríamos o East River, embora eu quisesse. Havia centenas, milhares, milhões de lugares onde o Fugitivo poderia ter montado acampamento, e eu queria ajudá-los a descobrir. Queria fazer parte daquilo.

Mas eu não podia perguntar e precisava parar de mentir para mim mesma. Porque, a cada segundo que eu ficava com eles, havia outra chance de que

descobrissem que rastreadores e FEPs não eram os verdadeiros monstros do mundo. Não. Ele estava sentado no banco de trás deles.

Para variar, a música estava desligada.

Foi o silêncio dos alto-falantes que me deixou nervosa, mais do que as estradas desertas ou as cascas vazias de casas repossuídas. Liam era um fluxo constante de movimento. Olhando em volta para as pequenas cidades abandonadas pelas quais passávamos, olhando de relance para o nível da gasolina, mexendo na seta, os dedos dançando no volante. Em certo ponto, seus olhos piscaram na direção dos meus no espelho retrovisor. Foi só por um instante, mas eu senti a leve ferroadinha no meu estômago, tão forte quanto se ele tivesse pegado um dedo macio e corrido pela parte de dentro da palma da minha mão.

Meu rosto ficou ruborizado, mas algo dentro de mim ficara muito frio. Durou meio segundo, não mais do que isso, mas foi tempo suficiente para eu notar a forma como os olhos dele tinham escurecido com algo que podia ser frustração.

Bolota estava no banco da frente, dobrando e desdobrando algo em seu colo, diversas vezes, quase como se ele não percebesse o que estava fazendo.

— Pode parar com isso? — Liam explodiu, agitado. — Você vai rasgar isso...

Bolota parou de imediato.

— Não podemos só... tentar? Precisamos do Fugitivo para isso?

— Você quer mesmo arriscar?

— Jackteria se arriscado.

— Certo, mas Jack.. — a voz de Liam sumiu. — Vamos só prevenir. Ele vai nos ajudar quando chegarmos lá...

— Se chegarmos lá — Bolota bufou.

— Jack? — eu não percebi que havia dito em voz alta, até que os olhos de Liam olharam para mim pelo retrovisor.

— Não é da sua conta — Bolota disse, e deixou por isso mesmo.

Liam foi um pouco mais comunicativo.

— Ele era nosso amigo, em nosso quarto do acampamento, quero dizer. Estamos tentando... só estamos tentando entrar em contato com o pai dele. É uma das razões pelas quais precisamos encontrar com o Fugitivo...

Acenei com a cabeça na direção da folha de papel.

— Mas antes de vocês se separarem, ele escreveu uma carta?

— Cada um de nós escreveu — Liam disse. — Caso algum de nós desistisse no último minuto e não quisesse ir ou... não conseguisse sair...

— Jack não conseguiu... — a voz de Bolota poderia ter cortado aço. Atrás dele, casas que antes foram lindas casas coloniais passavam em sucessão de disparo rápido, com suas cores piscando para nós através da janela.

— Enfim. — Liam pigarreou. — Estamos tentando colocar essa carta nas mãos do pai dele. Tentamos ir até o endereço que Jack nos deu, mas a casa foi retomada. Ele deixou um bilhete dizendo que ia procurar trabalho na Capital, mas não deixou nenhum endereço novo ou número de telefone. É por isso que precisamos do Fugitivo, para nos ajudar a descobrir onde ele está agora.

— Não dá só para mandar pelo correio?

— Eles começaram a investigar as cartas por essa mesma razão cerca de dois anos depois que você foi para Thurmond — Liam explicou. — O governo lê tudo, fala de tudo, escreve tudo. Eles criaram uma história adorável sobre como estamos sendo salvos e reprogramados para queridinhos nos acampamentos, e não querem que ninguém descubra a verdade...

Sinceramente, não tinha ideia do que dizer sobre isto.

— Sinto muito — murmurei. — Não quis incomodar com esse assunto.

— Tudo bem. — Liam disse, depois que o silêncio se estendeu até quase se quebrar. — Está tudo bem...

Não havia uma forma de explicar como eu sabia. Talvez fosse a forma como as mãos de Liam se apertavam contra o volante, ou como ele continuava olhando para o espelho lateral durante a conversa, muito depois que um carro prateado passou por nós pela outra direção. Pode ter sido o modo como seus ombros estavam tensos, inclinando-se para baixo de um jeito tão derrotado. Eu simplesmente sabia, muito antes de flagrar seus olhos preocupados no espelho retrovisor.

Devargar, sem perturbar Zu e Bolota, enquanto eles olhavam para uma corrente interminável de floresta passar pelas janelas laterais, agachei-me entre os dois bancos da frente de novo.

Liam encontrou meu olhar por uma fração de segundo, acenando com a cabeça na direção de seu espelho lateral. *Veja por si mesma*, ele parecia dizer. Então eu o fiz.

Caminhando atrás de nós, mais ou menos à distância de dois carros para trás, havia uma velha caminhonete branca. Com a chuva nublando o ar entre os dois veículos, eu não conseguia dizer se havia um ou dois homens lá dentro. Eles pareciam pouco mais que duas pequenas formigas pretas de onde eu estava sentada.

— Interessante — disse, mantendo a voz estável.

— Sim — ele disse, com o maxilar travado. Seus músculos do pescoço ficaram tensos. — Temos que amar a West Virgínia. Glorioso Estado montanhoso. Terra de muitas canções de John Denver...

— Talvez... — comecei lentamente — você devesse parar e olhar um mapa.

Era uma forma de sentir a situação. Liam estava prestes a fazer a curva

para a Estrada George Washington — pouco mais ampla do que a pista sinuosa que estávamos deixando. Se os homens no caminhão estivessem nos seguindo, eles não seriam capazes de parar sem revelar isso. Em todo caso, seja lá quem estivesse dirigindo a caminhonete, não estava sendo agressivo sobre isso. Se eram caçadores de recompensas, como Liam parecia pensar, é provável que estivessem nos sentindo também.

Continuamos pela Estrada Gorman, seguindo sua curvatura natural. Black Betty desacelerou, antecipando a curva iminente. Liam hesitou por uma fração de segundo, antes de ligar a seta. Olhei no espelho, com o coração pulando quando vi a caminhonete ligar a outra seta. Eles estavam virando à direita. Nós estávamos indo para a esquerda.

Liam soltou um longo suspiro, enfim, recostando-se contra o banco, conforme a minivan chegava à intersecção da rodovia com a estrada. Havia outro carro saindo da rodovia, um pequeno Volkswagen prateado. Tanto Liam quanto eu erguemos uma mão para bloquear o lampejo do sol contra suas janelas.

— Tudo bem, Old Man River. — Liam acenou com impaciência para o carro. — Vá e vire antes do próximo século. Não, não se apresse, faça a barba, contemple o universo...

Lynyrd Skynyrd estava estourando pelas janelas abertas da caminhonete quando ela parou ao nosso lado, guinchando e chiando como todos os carros velhos parecem fazer. — *Free Bird*. É claro. Tinha que ser a música favorita do papai. Dois segundos ouvindo a maldita música e era como se eu estivesse no banco da frente de seu carro do esquadrão, passeando pela cidade. Esse era o único momento em que eu podia ouvir música boa — quando éramos apenas nós dois, passeando. Mamãe odiava aquilo.

Uma risada borbulhou dentro de mim, enquanto eu observava o motorista balançar a cabeça no tempo da música. Ele uivou as palavras com toda força, exalando cada letra com uma baforada de cigarro.

E, então, foi substituído por um som diferente — um tipo de guincho. Olhei para cima, bem a tempo de ver o Volkswagen pisar nos freios bem na nossa frente, parando com um solavanco e mandando outro brilho ofuscante de luz solar na nossa direção.

— Só pode ser brincadeira! — Liam fez como se fosse enfiar a mão na buzina, mas não antes que o motorista do Volkswagen baixasse o vidro da janela e apontasse algo preto e reluzente na nossa direção.

Não. O mundo ganhou um foco afiado. O som evaporou ao meu redor. *NÃO.*

Estendi a mão e bati no botão do rádio da Black Betty, ligando-o o mais alto possível. Liam e Bolota começaram a gritar, mas eu tirei a mão de Liam para longe, antes que ele pudesse desligá-lo.

O Ruído Branco atravessou a música direto pelos alto-falantes, rasgando nossos ouvidos. Não tão alto ou tão poderoso quanto eu estava acostumada, nem tão ruim quanto fora da última vez, mas ainda estava lá, agonizante. Meu truque do rádio não conseguiu cobri-lo, não por completo.

Os outros desmoronaram ao meu redor, encolhendo-se com o primeiro guincho perfurante.

Liam caiu para a frente, contra o volante, esmagando as mãos contra os ouvidos. Bolota bateu a cabeça na janela do passageiro, como se tentasse golpear o ruído para fora da cabeça. Senti Black Betty desviar para a frente, chacoalhando até parar, quando Liam bateu o pé nos freios em vez do acelerador.

A porta abriu-se ao meu lado e um par de braços agarrou a cintura de Bolota, tentando desamarrá-lo do cinto de segurança. Eu me ergui do chão e lancei a mão para a frente, pegando na bochecha do homem e raspando as unhas para baixo, o mais forte que pude. Foi o bastante para alarmar o motorista da caminhonete, o mesmo que balançava a cabeça ao som de *Free Bird*, dois segundos antes, e fazê-lo soltar Bolota. O garoto ficou meio pendurado no banco, meio pendurado para fora.

O motorista da caminhonete cambaleou de volta, contra a parte de trás de seu carro, com as palavras afogadas pela tempestade de barulho que se assentara sobre os carros. Foi quando vi o distintivo pendurado no pescoço dele, num cordão de prata, e o Ψ vermelho-vivo costurado nele. Eles não eram rastreadores.

Psi. FEP. Acampamento. Thurmond. Captura.

O homem do Volkswagen abriu a porta do lado do motorista e tentava soltar o cinto de segurança de Liam. Ele não era grande, em nenhum sentido da palavra — parecia que podia ser um contador, com óculos fundo de garrafa e ombros curvados por passar muitas horas numa mesa. Mas ele não precisava de força, não enquanto segurava o megafone preto nas mãos.

Alguns dos FEPs em Thurmond carregavam máquinas de ruído com eles, detonando-as em pequenos e tumultuados grupos, ou só para verem algumas crianças contorcendo-se. Por que eles se importariam? Eles não conseguiam escutá-lo.

Cada nervo do meu corpo estava gritando, mas lancei meu cotovelo no peito do motorista da caminhonete. Ele caiu para trás de novo e fechei a porta, trancando-a. Eu só tinha um segundo para olhar para trás, para Zu, ao mergulhar pelo corpo de Liam, com os punhos primeiro. Peguei o homem do Volkswagen pelos óculos, derrubando-os do rosto dele. Em algum lugar atrás de mim, o caminhoneiro movera-se para a porta de correr, e desta vez ele não estava de mãos vazias.

Zu não recuou enquanto o rifle estava apontado para a cara dela — pela

forma como ela estava gemendo, com os olhos esmagados e as luvas amarelas curvadas sobre as orelhas em agonia, não acho que ela estivesse vendo com clareza.

Eu não sabia o que fazer. Minhas mãos estavam em Liam, tentando fazê-lo ganhar consciência. Seus olhos piscaram e abriram, límpidos e tão azuis, mas foi só por um instante. O megafone estava, de repente, a dois centímetros de distância do meu rosto e o Ruído Branco afundou meu cérebro como um machado. Meus ossos viraram geleia. Não registrei o fato de que tinha me apaixonado por Liam até aquele momento. A única coisa mais alta do que o Ruído Branco, do que o rádio, do que os gritos de Bolota, era o som do coração de Liam, batendo em suas costas.

Fechei os olhos, apertando-os de novo, com os dedos curvando-se no couro macio do casaco de Liam. Metade de mim queria se afastar, deixar uma distância suficiente entre nós para que eu não tivesse chance de entrar na mente dele — mas a outra metade, a parte desesperada, já estava tentando entrar, ancorar-me nele e desejar que ele se *movesse*. Se eu podia machucar alguém, isso não significava que podia ajudar também?

Levante-se, implorei, levante-se, levante-se, levante-se, levante-se...

Houve um lamento agudo, um som que não poderia ter vindo de um humano. Forcei meus olhos para abri-los. O caminhoneiro tinha seu rifle numa mão e o colarinho da camiseta de Zu na outra, e arrastava ambos na direção da caminhonete. Tentei gritar para ela, mesmo sentindo as mãos do homem do Volkswagen em meu cabelo, arrancando-me para fora através da porta. Caí com força no chão, com as pedrinhas soltas cortando minhas pernas e a palma da minha mão.

Revirei para a lateral, tentando fugir do alcance do FEP. Debaixo da Betty, vi tremulações amarelas caindo na estrada, como dois pássaros pequenos, e ouvi uma porta bater.

— Stewart, confirmado o número 42755 visualizado — o homem do Volkswagen abriu a porta lateral do motorista de novo, puxando algo laranja e brilhante de seu bolso.

Limpei os olhos, tentando forçar a imagem dupla que eu estava vendo dele de volta para uma. O dispositivo de cor laranja na mão livre do FEP não era maior do que um telefone celular, fácil o bastante para manobrar na frente do rosto de Liam, de onde estava pressionado contra o volante da minivan.

Golpear o tornozelo do FEP com minha mão foi em vão — ele estava tão envolvido com seja lá o que estivesse fazendo, que sequer notou.

Liam! Minha boca não se movia, não estava funcionando. Liam!

O dispositivo de cor laranja piscou e, um instante depois, acima até mesmo do uivo do Ruído Branco, eu ouvi o homem do Volkswagen dizer:

— Temos identificação positiva em Liam Stewart...

Algo quente e afiado rasgou o ar, crescendo por debaixo de Betty como uma nuvem espessa de areia. Eu a senti roçar minha pele e tive que virar o rosto para longe da luz ofuscante que veio em seguida — um *flash* ardente que apagou tudo e todos que estavam em seu caminho. Ouvi o homem do Volkswagen xingar em cima de mim, antes de ser afogado pelo som de metal raspando contra metal, vidro explodindo com tanta força, tão rápido, que pequenos cacos caíam como granizo no chão à minha frente.

E, então, ele se foi. O Ruído Branco foi interrompido depressa, como se algo fosse derrubado no chão e caísse a uma curta distância. O megafone.

Estiquei meu braço para fora, com a mão tentando alcançar a alça do megafone. O homem do Volkswagen estava gritando algo que eu não conseguia ouvir acima do zunido em meus ouvidos e eu estava muito concentrada em pegar o megafone para, de fato, importar-me em escutar. Uma mão agarrou o meu tornozelo despido e o puxou de novo pelo chão, mas não antes de meus dedos agarrarem a alça do megafone.

— Levanta, seu mer... ! — houve um chiado digital, como um alarme, e o homem soltou minha perna na mesma hora.

— *Aqui é Larson, solicitando reforço imediato...*

Levantei-me sobre os joelhos com um grunhido, depois sobre os pés. O homem ficou de costas para mim por muito tempo e, quando ele, enfim, percebeu seu erro e olhou sobre o ombro, foi recompensado, ficando cara a cara com o metal enquanto eu balançava o megafone.

Seu rádio chocou-se contra o asfalto, e eu o chutei para longe do alcance dele. Suas duas mãos ergueram-se, tentando proteger o rosto de outra pancada, mas eu não ia pegar leve com ele. Eu não o deixaria me levar de volta para Thurmond.

Minha mão fechou-se sobre seu antebraço exposto e eu o puxei para baixo, forçando-o a olhar para mim. Observei as pupilas dele encolherem em seus olhos cor de avelã, antes de se expandirem para o tamanho normal. O homem tinha um pé de altura a mais do que eu, mas não daria para saber pela maneira como ele caiu sobre os joelhos na minha frente. Ele nem foi capaz de retomar o fôlego, muito menos de me impedir de entrar direto na mente dele.

Vá embora! Tentei dizer. Minha mandíbula estava fechada, os músculos apertados, como se o Ruído Branco ainda estivesse correndo por eles, como uma corrente de eletricidade pulsante. *Vá embora!*

Eu nunca tinha feito isso antes, e não havia como saber se funcionaria mesmo, mas o que eu tinha a perder agora? Suas memórias me inundaram, onda após onda, dando voltas na minha mente, e tudo o que eu conseguia pensar era *Eu vou fazer isso. Vai funcionar.*

Martin dissera que ele *empurrava* sentimentos para dentro das pessoas, mas minhas habilidades não funcionavam e nunca tinham funcionado dessa forma.

Eu só via imagens. Eu só podia embaralhar, escolher e apagar imagens.

Só que eu nunca tentara fazer nada mais. Nunca quis fazer, até este momento. Se eu não pudesse ajudar esses garotos, se eu não pudesse salvá-los, então para que eu servia? Qual era o sentido de existir? *Faça isso. Só faça isso.*

Imaginei o homem apanhando seu rádio — cada detalhe, desde a forma como ele o manusearia com descuido, sem seus óculos, até a maneira como sua calça jeans se enrugaria. Eu o imaginei cancelando o pedido de reforço. Eu o imaginei caminhando pela colina rochosa que margeava a estrada, em direção à floresta.

E, quando soltei meus dedos do braço dele, um a um, foi exatamente isso o que ele fez. Ele caminhou e cada passo me trouxe um novo solavanco de choque. Eu tinha feito aquilo. *Eu.*

Virei-me para onde uma fumaça preta se derramava sobre a estrada, revestindo a grama da colina e as margens escondidas com um cobertor grosso e feio. Então, lembrei-me.

Zu.

Eu conseguia ver os escombros com clareza agora, conforme caminhava para a frente. A caminhonete, que, num momento, estava estacionada ao lado de Betty, agora estava a centenas de metros de distância, descansando no campo verde vazio. O Volkswagen prateado, menor, estava de lado à sua frente, um amontoado de metal retorcido que eu mal reconheci. Estava fumegando com violência, cuspidor uma fumaça espessa, como se estivesse a uma fagulha de explodir.

Eles se bateram, percebi. A caminhonete o atropelou e o tirou do caminho.

Segui o rastro das marcas de pneu e do vidro, mas só encontrei o motorista da caminhonete. O que havia restado dele.

Seu corpo estava enrolado em si mesmo na grama selvagem; eu não sabia dizer onde começava um membro e onde terminava outro. Nenhum deles parecia estar no lugar certo. Os cotovelos saíam do chão como duas asas quebradas. Ele fora atropelado também.

Algo frio e quebradiço enrolou-se no meu peito, forçando-me a sair da névoa de fumaça após ter confirmado que Zu não estava em nenhum dos carros. Esperei até passar pela fumaça espessa antes de cair de joelhos e vomitar o pouco de comida que havia no meu estômago.

Só quando olhei para cima que a vi, sentada na estrada bem ao lado de Betty, com as costas curvadas para a frente, a cabeça baixa, mas viva — *viva e a salvo*. Minha mente agarrou-se a essas palavras, enquanto eu tentava chamá-la mais uma vez. Zu olhou para cima, resfolegando. Conforme eu tropeçava mais para perto, a fumaça a revelou aos pedaços: olhos vermelhos, um corte na testa, lágrimas correndo por suas bochechas manchadas de sujeira.

Minha cabeça pulsava no ritmo do meu coração enquanto eu ajoelhava na

frente dela e, por diversos segundos agonizantes, foi tudo o que pude ouvir.

— Tu... tudo bem? — perguntei, com a boca empapada.

Seus dentes tremiam enquanto ela acenava afirmativamente com a cabeça.

— O que... aconteceu? — disse baixinho.

Zu curvou-se sobre si mesma, como se estivesse tentando desaparecer da minha visão. As luvas amarelas estavam ao seu lado, no chão, e suas mãos nuas ainda estavam erguidas e voltadas para a frente, como se ela tivesse tocado o carro apenas um segundo antes.

Eu não sabia o que dizer para acalmá-la — eu sequer sabia como me acalmar. Essa garota, essa Amarela — ela destruíra dois carros e uma vida em questão de segundos. E, ao que parecia, ela o fizera com um único toque.

Mas, mesmo sabendo disso, ela ainda era Zu, e aquelas mãos? Eram as mãos que tinham me salvo.

Eu a levei para dentro de Betty com os braços trêmulos. Zu estava quente, muito além do ponto febril. Soltando-a no banco mais próximo, pressionei minhas mãos contra suas bochechas, mas seus olhos não conseguiam se focar em mim. Estava prestes a fechar a porta quando ela agarrou meu punho e apontou para suas luvas no chão.

— Peguei — disse. Atirei-as para ela e, depois, voltei-me para confrontar uma carga mais pesada.

Bolota ainda estava desmaiado no banco do passageiro, seu corpo pendurado para fora da porta aberta. O motorista da caminhonete não fora capaz de manobrar os membros compridos para mais longe do que aquilo. Graças a Deus — caso contrário, Bolota provavelmente estaria na grama com o motorista. Sua pilha de ossos molenga bateu na porta conforme eu a fechava atrás dele.

Tropecei na ponta do tênis ao passar pela frente da van. Com uma nuvem de pontos brancos manchando minha visão, abri a porta do motorista até o fim. Liam ainda estava apagado, e nenhuma chacoalhada seria capaz de trazê-lo de volta à consciência. Zu começou a choramingar, abafando o choro ao pressionar o rosto contra os joelhos.

— Você está bem, Zu — eu disse. — Estamos todos bem. Vamos ficar bem.

Soltei os braços de Liam do cinto de segurança cinza e o empurrei para fora do banco do motorista. Eu não era forte o bastante para colocá-lo num dos bancos traseiros, não naquele momento. Então, ele acabou no chão, enfiado entre os dois bancos da frente. Com o rosto voltado para cima, na minha direção, pude ver seus músculos contorcidos, de vez em quando virando os cantos dos lábios, num sorriso artificial.

Olhei para o volante, tentando trazer à mente os passos certos para fazer a van funcionar. Lembrei-me do que Liam fizera, do que meu pai costumava fazer.

Dezesseis anos, e eu não sabia nem onde o maldito câmbio estava, muito menos se ele estava engatado.

No final, não importava. Eu poderia dirigir com ele engatado ou não, aparentemente, e tudo o que precisava saber era que o pedal da direita era o acelerador e o da esquerda, o freio. Não havia mesmo muito mais além daquilo.

Betty rasgou o centro mais espesso de fumaça e seguiu até a estrada aberta, até que estávamos, enfim, enfim, *enfim*, livres dos escombros, e o ar que entrava pelo ventilador não carregava mais o eco do Ruído Branco para dentro das nossas cabeças ou o cheiro de fumaça para nossos pulmões.



ONZE

ANDEI TALVEZ DEZ QUILOMETROS ANTES QUE OS garotos começassem a despertar. Com Zu ainda chorando no banco de trás e eu sem ter ideia alguma para onde estávamos indo; em primeiro lugar, dizer que eu estava aliviada era pouco.

— Caramba! — Liam coaxou. Ele pressionou a mão contra a lateral da cabeça e tomou um susto, endireitando-se. — Puta merda!

Seu rosto ficara a poucos centímetros dos pés de Bolota, então suas mãos foram primeiro até eles, puxando-os, a fim de se certificar de que ainda estavam presas a algo. Bolota soltou um gemido baixo e disse:

— Acho que vou ficar doente...

— Zu?! — Liam rastejou na direção dela, ganhando outro ganido de Bolota ao chutar a perna dele. — Zu? Você...?

Ela só chorou mais forte, enterrando o rosto nas luvas.

— Ah, meu Deus, me desculpe, me desculpe, eu... — Liam parecia agoniado, como se suas entranhas estivessem sendo arrancadas de seu corpo. Eu o vi pressionar o punho contra a boca, eu o ouvi tentar pigarrear, mas ele não conseguia soltar nenhuma outra palavra.

— Zu — eu disse, soando estranhamente calma até para os meus ouvidos. — Escuta aqui. Você nos salvou. Não teríamos conseguido sem você...

A cabeça de Liam virou-se depressa, como se tivesse acabado de lembrar que eu estava lá. Eu me contorci, mas como eu poderia estar aborrecida por ele checar seus amigos de verdade primeiro?

Senti seus olhos na minha nunca, enquanto ele vinha até mim de novo. Quando ele chegou ao banco do passageiro, jogou-se nele, com o rosto contraído e pálido.

— Você está bem? — ele perguntou, com a voz ríspida. — O que houve? Como você nos tirou de lá?

— Foi a Zu — comecei, já bem ciente da linha estreita na qual eu teria que

caminhar, entre a verdade e o que eu podia, de fato, contar a eles — tanto para o meu bem como para o bem de Zu. Eu não tinha certeza do quanto ela se lembrava, de fato, mas não iria confirmar nenhum dos medos dela. No final, tudo o que eu disse foi:

— Ela fez um carro bater no outro. Derrubou um dos caras e fez o outro sair correndo...

— O que foi... — Bolota estava com dificuldade para respirar — aquele barulho horrível?

Eu o encarei, tentando fazer as palavras passarem pela minha boca.

— Vocês nunca ouviram aquilo antes?

Ambos os garotos balançaram as cabeças.

— Jesus — Liam disse —, foi como ouvir um gato passar pelo liquidificador enquanto é eletrocutado.

— Vocês não tinham mesmo o Ruído Branco? Controle de Calma? — exigi, surpresa pela raiva que crepitava no meu coração. Em que acampamento esses garotos estiveram? Na Terra do Nunca?

— E você já ouviu? — Liam balançou a cabeça, provavelmente tentando se livrar do zunido.

— Eles usavam isso em Thurmond para... nos desabilitar — expliquei. — Quando havia tumultos ou problemas. Impede que você seja capaz de pensar durante muito tempo e usar suas habilidades.

— Por que você está bem? — Bolota ofegou, meio suspeito, meio ciumento.

Essa era a pergunta do dia, não era? Minha longa e sórdida história com o Ruído Branco incluía diversos episódios de desmaios, vômitos e perda de memória, sem contar a mais recente experiência de sangrar muito pelos olhos e nariz. Acho que, quando se tem um gostinho do pior, o muito ruim não é assim tão terrível. Se essa era a primeira vez que eles lidavam com o Ruído Branco, isso podia ao menos explicar por que eles definharam como grama morta após apenas alguns segundos.

Liam estava analisando meu rosto, e imaginei o que ele estava vendo. Tudo? Pensei na sensação da sua jaqueta contra minha bochecha, na curvatura da sua coluna e algo calmo e quente acomodou-se em meu peito.

— Estou acostumada com isso, acho — eu disse. — E Verdes não são tão afetados quanto os Azuis ou os outros. — Lembrei-me de acrescentar isso. Uma verdade e uma mentira.

Liam ofereceu-se para trocar de lugar assim que seu rosto perdeu aquele conhecido olhar esquelético e uma cor saudável começou a voltar às suas bochechas. O garoto merecia uma rodada de aplausos por estar escondendo dos outros tão bem os tremores em suas mãos e pernas, mas eu tinha os olhos treinados. Eu reconhecia os desagradáveis efeitos colaterais do Ruído Branco,

como velhos amigos que éramos. Ele precisava de mais alguns minutos.

— Vamos — ele disse, enquanto o relógio do painel indicava outro minuto. — Você fez... — a voz dele desapareceu.

Olhei para ele e percebi que estava olhando para mim, ou, mais precisamente, para meus joelhos ossudos e detonados. Um instante depois, após retornar meu olhar para a estrada, senti algo quente pairando bem acima da minha perna e a sacodi.

— Ah... desculpa! — Liam sussurrou, tirando a mão. Eu vi as pontas de suas orelhas ficarem vermelhas como cereja. — É que você está toda cortada. Por favor, podemos parar por um instante? Devemos nos reagrupar. Descobrir onde estamos...

Mas eu não queria simplesmente parar ao lado de uma área aleatória de cercas e pastos; esperei até que encontrássemos uma antiga parada de descanso, completa, com seu acabamento de tijolos vermelhos, em estilo colonial, então tirei a van da estrada e entrei no estacionamento deserto.

Bolota aproveitou a oportunidade para esvaziar o conteúdo de seu estômago no chão, mas não conseguiu muito além de uma entusiástica ânsia seca. Liam levantou-se e bateu-lhe nas costas.

— Você vai ajudar a Ruby quando terminar?

Bolota podia ter me odiado, ou ter desejado me espantar, mas ao menos ele reconhecia que eu tinha um pouco de mérito em salvar a sua pele. Porém não disse que sim, somente cruzou os braços sobre o peito e soltou um longo e martirizado suspiro.

— Obrigado — Liam disse. — Você é o melhor, Madre Teresa.

Ele saiu pela porta de correr atrás do meu banco e ziguezagueou pelo pequeno aglomerado de fontes de água prateada que ficavam entre ele e as entradas do banheiro. Zu o seguiu, saltando pelo caminho com uma bolsa de lona cor-de-rosa na mão. Quando voltei minha atenção para ele, Bolota já havia se recuperado o bastante para começar a me cutucar e espetar.

— Cuidado! — arfei, quando o dedo dele passou pelo meu cotovelo. Ele enfiou o dedo numa das luzes do teto, que acendeu ao seu comando. Eu, enfim, vi que a pele do meu cotovelo, até o pulso, tinha sido arrancada pela estrada.

— Vire para mim — Bolota parecia que estava lutando com todas as forças que restaram nele para não revirar os olhos para mim. — *Agora*, Verde, antes que minha barba cresça...

Virei-me para o lado de modo que minhas pernas ficassem de frente para ele no banco de passageiro. Como era de se esperar, elas pareciam quase tão bonitas quanto meu braço. Ambos os joelhos estavam sem pele e já estavam cicatrizando em alguns lugares, mas, tirando alguns arranhões perdidos e machucados que não tinham nada a ver com o ataque, eles estavam em estado muito melhor do que minhas mãos.

Bolota puxou o que parecia ser uma maleta debaixo do seu banco e abriu as presilhas. Eu só consegui dar uma breve olhada dentro dela, antes que ele tirasse quatro pacotes brancos quadrados e a fechasse novamente.

— Deus, como você conseguiu fazer isso? — ele murmurou, enquanto rasgava a embalagem do primeiro. Senti o cheiro do antisséptico e tentei contorcer-me para longe.

Bolota encarou-me com fúria por sobre a armação de seus óculos.

— Se você vai se sentir em casa, poderia ao menos tentar cuidar melhor de si mesma? Já é bem difícil manter os dois outros inteiros sem você se jogando no perigo também.

— Eu não *me joguei* — comecei, depois pensei melhor a respeito. — Sinto muito?

— É, tudo bem — ele bufou. — Você vai sentir *muito mesmo* se um desses cortes infeccionar.

Ele levantou minha mão direita bem perto de seu rosto para poder enxergar melhor e eu tentei não guinchar quando ele começou a limpá-la com um dos lenços desinfetantes, com a gentileza de um lobo dilacerando seu jantar. A ardência que se seguiu tirou-me do torpor nebuloso e dormiente no qual eu estava caindo. Com súbita ciência do seu toque, arranquei minha mão para longe da dele e peguei o pano frio e molhado que ele segurava. Não doeu muito menos quando eu mesma limpei os pequenos pedaços de asfalto de mim.

— Você deveria ver como estão Lee e Zu — disse.

— Não. Eles ficariam bravos por eu não estar cuidando de você. — Depois de um instante, ele admitiu, ainda que um pouco relutante. — Além disso, você parece... bem, você está pior do que o resto de nós, pelo menos. Eles podem esperar — ele deve ter visto o canto da minha boca se contorcer, porque acrescentou: — Mas não pense que você vai ficar com todas as ataduras. Esses ferimentos são, no máximo, superficiais e nem são tão sérios!

— Sim, senhor — eu disse, procurando um lixo para jogar o lenço desinfetante. Ele entregou-me um novo na outra mão, com os olhos ainda estreitos, mas talvez, só talvez, amolecendo nas beiradas. Comecei a relaxar um pouco, mas não iria me iludir, acreditando que começaríamos a fazer pulseirinhas da amizade um para o outro.

— Por que você mentiu?

Minha cabeça ficou alerta com a pergunta dele, de repente, ficando muito leve.

— Eu não... o que você... eu não...

— Sobre Zu. — Ele olhou para trás, sobre o ombro. Sua voz estava calma quando continuou. — Você disse que ela só derrubou aquele cara, mas... não foi esse o caso, não é? Ele morreu.

Eu fiz que sim com a cabeça.

— Ela não queria...

— Claro que não — ele disse, com rispidez — Eu estava imaginando o porquê de ninguém estar vindo atrás de nós e fiquei preocupado, pois sabia o que isso faria com ela... E, bem, acho que você tem um pouco de bom senso, afinal de contas...

Ocorreu-me, então, ao olhar para ele, uma daquelas raras e perfeitas cristalizações de entendimento. Ele queria me expulsar porque me considerou uma ameaça para eles. Ele nunca confiaria em mim até que eu provasse o contrário, e depois do meu descuido, errando a cor da caminhonete, provavelmente isso seria no dia de São Nunca.

— O que é o mundo com um rastreador a menos, de qualquer forma? — ele inclinou-se para pegar a maleta, substituindo os suprimentos não utilizados nela.

Está certo, pensei, endireitando-me no banco, *eu não contei a eles*.

— Eles não eram rastreadores. Eram FEPs.

Com isso, Bolota soltou mesmo uma risada forte.

— E suponho que os uniformes deles estavam escondidos debaixo das camisetas e calças jeans?

— Um deles tinha um distintivo — eu disse. — E, uma vez, vi em Thurmond um dispositivo laranja igual ao que estavam usando.

Bolota não parecia convencido, mas não tínhamos tempo e eu, decerto, não tinha energia para andar em círculos buscando a verdade durante a hora seguinte.

— Olha — continuei —, você não precisa acreditar em mim, mas você devia saber que um deles passou um rádio sobre um número Psi 42755. Esse é o Liam, não é?

Eu dei a minha parte da história e deixei que ele preenchesse o resto com a parte dele. No momento em que descrevi o dispositivo laranja, ele já ouvira o bastante. Ele respirou fundo, juntando os lábios em certo ponto, até se parecer mais com um furão do que com um humano. Segurei a respiração enquanto ele baixava a janela e prosseguia relatando, com as mesmas palavras, o que eu acabara de contar, como se não confiasse em mim para fazê-lo.

— Eu disse *a você* que os FEPs iam nos alcançar! — ele continuava repetindo, como se não o tivéssemos escutado gritar das primeiras dez vezes. — Só temos sorte de não ter sido *ela*.

Lá estava de novo — a misteriosa *Ela*.

Liam o ignorou e continuou de costas para nós, ainda inclinado sobre o bebedouro prateado. Zu estava ao seu lado, segurando com zelo o botão para que ele pudesse usar as duas mãos para limpar o rosto na corrente de água.

Usei o último lenço para limpar a sujeira do meu próprio rosto.

— Eu só quero saber como o FEP o reconheceu, mesmo antes de usar a

coisa laranja. A coisa piscou, mas ele sabia o número de cor. Ele não precisou que a coisa dissesse isso para ele.

Bolota encarou-me por um instante, depois levou uma mão para beliscar a ponta do nariz.

— Todos tiveram uma fotografia tirada ao serem processados. Você não?

Fiz que sim com a cabeça.

— Então, eles montam uma rede para buscar pelas fotos? — perguntei.

— Verde, como é que eu vou saber? — ele disse. — Descreva para mim de novo.

O dispositivo laranja devia ser algum tipo de câmera ou *scanner* — essa era a única explicação à qual eu pude chegar, que Bolota não descartou como sendo idiota.

Pressionei as mãos contra os olhos, tentando lutar contra a vontade de vomitar.

— Isso é uma má notícia, se é só disso que precisam para nos identificar — Bolota disse, esfregando a mão na testa e alisando as rugas dali. — Se já não estivéssemos ferrados... Eles devem saber que estamos procurando pelo East River, o que significa que colocarão mais patrulhas, o que significa que estarão vigiando nossas famílias ainda mais, o que significa que será ainda mais difícil para o Fugitivo...

Ele nunca terminou o raciocínio. Ele não precisava.

Soltei uma risada sem graça.

— Sêrio. Eles vão enviar toda uma armada por causa de umas aberrações?

— Primeiro, armadas são compostas por navios — Bolota disse. — E, segundo, não, eles não mandariam uma patrulha atrás de algumas aberrações.

— Então, qual o...

— Mas eles *iriam* mandar uma atrás de Lee.

Ele não esperou para que eu juntasse os pontos.

— Verde, quem você pensa que foi o cabeça por trás da nossa fuga do acampamento?

Quando os outros já estavam prontos para voltar para a minivan, jogamos uma silenciosa dança das cadeiras. Bolota ficou com o banco do meio do lado do passageiro e Zu, com seu lugar de costume, atrás do motorista. Eu tinha duas opções naquele momento: enfiar-me no banco de trás ou me fazer de durona no banco da frente, enquanto tentava agir como se tudo estivesse ótimo, fingindo que Bolota não tinha acabado de me contar que Liam era o responsável pelo que podia ter sido a única fuga bem-sucedida de um acampamento.

No fim das contas, fui vencida pelo cansaço. Consegui ficar acomodada no banco do passageiro, sentindo-me tão adorável quanto uma cabeça de alface murcha, assim que Liam entrou no lugar do motorista.

Ele deu um sorriso.

— Deve ser cansativo ser a grande heroína.

Eu o desencorajei, tentando aquietar o pequeno e ridículo alvoroço de felicidade no meu peito, que veio junto com suas palavras. Ele só estava tentando ser legal.

— Que bom que tínhamos as garotas lá para dar um jeito em tudo — ele continuou, virando-se para Bolota. — Do contrário, você e eu estaríamos nos revirando na caçamba de uma caminhonete, na metade do caminho para Ohio.

Bolota só grunhiu, com sua cor ainda vagamente cinza.

Liam parecia um pouco melhor, ao menos. Seu rosto estava tingido de rosa pelo choque da água fria do bebedouro, e os dedos ainda pareciam se contorcer de vez em quando, mas ele havia perdido aquele olhar nublado e desfocado. Considerando que fora a primeira vez que tinha sido atacado pelo Ruído Branco, Liam recuperara sua energia rapidamente.

— Muito bem, equipe — ele disse, devagar. — Hora de votação na Betty.

— Não! — Bolota ganhou vida de novo. — Eu sei bem onde você quer chegar com isso, e sei que vou sair perdendo, e eu...

— Todos a favor de deixarem nossa garota maravilha ficar conosco por enquanto, levantem a mão.

Liam e Zu levantaram as mãos na hora. Zu olhou para mim com um sorriso que parecia particularmente brilhante ao lado do rosto carrancudo de Bolota.

— Não sabemos nada sobre ela. Droga, nem sabemos se o que ela *contou* para nós é verdade! — ele rechaçou. — Ela pode ser uma psicopata que vai nos matar enquanto dormimos, ou chamar seus amiguinhos da Liga assim que baixarmos a guarda.

— Nossa, obrigada! — eu disse, com secura, mas meio lisonjeada por ele ter pensado que eu era capaz de chegar a esse nível de conspiração.

— Quanto mais ela ficar conosco — ele acrescentou —, mais provável será de a Liga nos alcançar, e você *sabe* o que eles fazem com as crianças deles!

— Eles não vão nos alcançar — Liam disse. — Já cuidamos disso. Se ficarmos juntos, vamos ficar bem.

— Não, não, não, não, não — disse Bolota. — Quero registrar meu voto contra, mesmo que vocês dois sempre ganhem.

— Ora, não fique emburrado com isso — Liam disse. — É a democracia em ação.

— Tem certeza? — perguntei.

— Claro que sim — Liam disse. — O que eu não tinha certeza era sobre te largar em alguma estação de ônibus em Greyhound, sem dinheiro, sem documento e sem ter certeza de que você chegou sã e salva em algum lugar.

Lá estava de novo aquele sorriso. Pressionei a mão contra o peito, tentando

manter as coisas quietas. Presas lá dentro. Tentando impedir que minha mão se estendesse para roçar na que ele colocara no braço do meu banco. Parecia tão doentio, tão errado, mas tudo o que eu queria era entrar na sua mente e ver o que ele estava pensando. Por que ele estava me olhando daquele jeito.

Você é mesmo um monstro, pensei, apertando o punho contra o estômago.

Eu queria protegê-lo. Naquele momento, de repente estava claro para mim exatamente o que eu queria: protegê-los, todos eles. Eles me salvaram. Eles salvaram minha vida e não esperaram nada em troca. Se aquele confronto com os FEPs disfarçados tinha revelado algo, era que eles precisavam de alguém como eu. Eu poderia ajudá-los, protegê-los.

Não pensei que seria capaz de retribuir por me aceitarem e me deixarem ficar todo esse tempo, mas se eu pudesse me controlar o bastante, seria um começo. Era o melhor que eu podia fazer com o que tinha.

— Para onde você está querendo ir, afinal? — Liam tentou manter a voz casual, mas seus olhos haviam escurecido, obviamente perturbados. — Daria para chegar de ônibus, se tentasse?

Eu contei o débil plano que tinha inventado dentro do posto de gasolina. Enrolei os dedos em meu longo e emaranhado cabelo e fiquei surpresa em sentir que um pouco do aperto em meu peito amenizou o bastante para que eu pudesse respirar fundo.

— O que tem em Virgínia Beach?

— Minha avó, eu acho — disse. — Eu espero.

Sim, a vovó. A vovó ainda era uma opção. Ela lembrava-se de mim, não é? Se eu pudesse ajudá-los a encontrar o Fugitivo e se ele pudesse *me* ajudar, então, haveria uma chance real de eu vê-la mais uma vez! Morar com ela!

Eram muitos *ses*. *Se* encontrássemos o Fugitivo. *Se* ele fosse um Laranja. *Se* ele pudesse me ensinar a controlar minhas habilidades. *Se* ele pudesse nos ajudar com nossas famílias.

Depois que abri a veia das dúvidas, o resto foi inundando.

E se a vovó — o pensamento era devastador — tivesse falecido? Ela tinha setenta anos quando fui levada, o que significa que ela devia estar perto dos oitenta. Eu nunca sequer havia considerado isso como uma possibilidade, porque não conseguia me lembrar de um momento em que ela não estivesse radiante e pronta para conquistar o mundo, com pouco mais que seu cabelo grisalho, uma pochete neon e uma viseira combinando.

Mas se eu não era a mesma pessoa que fora há seis anos, como poderia esperar que ela fosse? Se ela estivesse viva, como poderia pedir-lhe que cuidasse de sua neta, que era uma aberração — proteger-me e esconder-me —, quando havia uma chance de ela não poder cuidar nem de si mesma?

Isso era demais para pensar agora, demais para considerar e ficar agoniada de forma lógica. Meu cérebro ainda pulsava dos efeitos do Ruído

Branco, mas meu coração frágil fez a escolha fácil para mim.

— Tudo bem — eu disse — Eu fico.

E espero que nenhum de nós se arrependa disso.

A ruga profunda que aparecera entre as sobrancelhas de Liam foi amenizada, mas não desapareceu. Eu sabia que ele estava me estudando, com seus olhos claros piscando sobre meu rosto. Tentando entender, talvez, porque eu tinha hesitado em concordar por tanto tempo. Qualquer que seja a conclusão à qual ele chegou, o fez recostar-se com um suspiro, e ajustar os espelhos em silêncio.

Liam tinha o tipo de rosto que você podia ler e instantaneamente saber o que ele estava pensando; ficava mais fácil confiar: fosse lá o que ele estivesse dizendo, devia ser verdade. Mas havia uma qualidade ensaiada em sua expressão agora, uma intensa concentração em manter o rosto em branco. Parecia irreal em alguém que tinha sempre um sorrisinho no canto da boca. Eu recostei-me, tentando ignorar o pulsar na minha cabeça e os ruídos penosos de animais morrendo vindo de Bolota, quando ele se lembrou de quanta dor estava sentindo.

Liam passou-lhe, em silêncio, uma garrafa quase cheia de água por debaixo do banco do motorista. Olhei de volta para Zu do canto do olho, mas o crepúsculo a havia embalado para dormir. Uma fina camada de suor cobria sua testa e a pele sobre seus lábios.

O carro resmungou de volta à vida. Liam expirou ao cortar um caminho diagonal através do estacionamento. Ele não parecia saber para qual direção virar quando, enfim, encontrou a estrada.

— Para onde estamos indo? — perguntei.

Ele ficou em silêncio por um momento, coçando o queixo. — Ainda vamos para Virgínia, se eu conseguir encontrá-la. Acho que cruzamos o estado algum tempo atrás, mas não sei aonde viemos parar. Não estou muito acostumado com essa área, para ser sincero.

— Use o maldito mapa — Bolota resmungou atrás dele.

— Eu posso me virar sem ele — Liam insistiu. Ele continuava girando a cabeça para a frente e para trás, como se esperasse que alguém aparecesse e o guiasse na direção correta, com sinalizadores rodoviários e fanfarra.

Cinco minutos mais tarde, o mapa estava espalhado sobre o volante e Bolota estava vangloriando-se no banco de trás. Inclinei-me sobre o descanso de braço, tentando encontrar sentido nas cores pastéis e linhas cruzadas no papel frágil e rasgado.

Liam apontou para os limites de West Virgínia, Virgínia, Maryland e Carolina do Norte.

— Acho que estamos mais ou menos... aqui — ele mostrou um pequeno ponto que estava cercado por um arco-íris de linhas entrecruzadas.

— Acho que Black Betty não tem um GPS — eu disse.

Liam soltou um suspiro, batendo no volante. Ele decidira que íamos para a direita. — Black Betty pode ir pelo caminho direto e da verdade, mas ela não é envenenada.

— Eu avisei que devíamos ter pegado aquela caminhonete Ford — Bolota disse.

— Aquele monte de... — Liam interrompeu a si mesmo. — Aquele caixa sobre rodas era uma armadilha mortal, sem contar que sua transmissão tinha ido para o inferno.

— Então, naturalmente, a próxima opção era uma minivan.

— Sim, ela me chamou do estacionamento dos carros abandonados. O sol estava brilhando através das suas janelas como um raio de esperança.

Bolota grunhiu.

— Por que você é tão *estranho*?

— Porque minha estranheza foi capaz de cancelar a *sua* estranheza, Senhorita Ponto-Cruz.

— Ao menos, o que faço é considerado uma forma de arte — disse Bolota.

— Sim, na Europa medieval você seria considerado um bom partido.

— Enfim — interrompi, agora de plena posse do mapa —, devemos estar perto de Winchester. — Apontei para um ponto na extremidade ocidental da Virgínia.

— O que te leva a dizer isso? — Liam começou. — Você é dessa área? Porque se...

— Não sou. Só lembrei de ter passado por Keyser e Romney enquanto vocês dois estavam apagados. E, com todas as placas das Trilhas da Guerra Civil, devemos estar perto de um dos campos de batalha.

— Essas são ótimas habilidades de detetive, Nancy Drew, mas infelizmente as tais placas quase não significam nada nesta parte do país — Liam disse. — Você mal consegue andar vinte metros sem encontrar um marco histórico do lugar onde um exército passou, ou que um cara morreu, ou onde viveu James Madison.

— James Madison^[1] morou em Orange — interrompi. — Não estamos nem perto de lá.

A suave luz azul da noite agrupou-se em torno do seu cabelo loiro, esvaziando-o de cor. Ele me estudou por um minuto, coçando o queixo de novo. — Então você *é* de Virgínia.

— Não sou...

Ele ergueu uma mão.

— Por favor. Ninguém de fora desse Estado liga para onde fica a casa de James Madison.

Eu me recostei. *Caí direitinho nessa.*

Era culpa da minha mãe. Sendo professora de História do Ensino Médio,

era sua missão pessoal carregar papai e eu para todos os principais locais históricos da região. Então, enquanto meus amigos faziam festas na piscina e dormiam nas casas uns dos outros, eu tinha que andar de um campo de batalha a outro, posando para fotos com canhões e figurantes coloniais. Tempos divertidos, tornados ainda mais divertidos pelas milhares de picadas de mosquito e queimaduras de sol descascando, com as quais eu sempre aparecia no primeiro dia de aula. Eu ainda tinha cicatrizes de Antietam[2].

Liam sorriu para a estrada escura, mantendo os faróis da minivan apagados. Eu achava que isso era algo muito corajoso — ou estúpido — considerando que o Estado da Virgínia nunca priorizou a instalação de luzes em suas estradas e rodovias.

— Acho que devemos parar durante a noite — Bolota disse. — Você vai encontrar um lugar para estacionar?

— Relaxa, amigo, eu cuido disso — Liam disse.

— Você fica falando isso — Bolota murmurou, sentando para trás —, e então é: *Ai, me desculpe, equipe, vamos nos abraçar para nos aquecermos* enquanto os ursos tentam invadir e comer nossa comida.

— É... sinto muito por isso — Liam disse. — Mas, ei, o que é a vida sem um pouco de adversidade?

Aquilo foi a tentativa mais falsa de otimismo desde que minha professora da quarta série quis nos convencer de que estaríamos melhores sem os garotos mortos da nossa classe, porque isso significaria mais vezes nos balanços do *playground* para o resto de nós.

Parei de acompanhar a conversa depois daquilo. Não era porque não tivesse interesse em ouvir tudo sobre as tradições bizarras e os hábitos que eles formaram nas duas semanas desde que escaparam do acampamento; eu estava exausta por tentar descobrir por que, exatamente, aqueles dois eram capazes de se apegar à fina linha que unia sua amizade.

Enfim, Liam encontrou a Rodovia 81 e Bolota caiu num sono superficial e inquieto. A infundável corrente de velhas árvores, sendo que só algumas estavam totalmente vestidas para a primavera, passava pela minha janela. Íamos muito rápido e estávamos muito além do crepúsculo para que eu conseguisse identificar a colcha de retalhos de folhas que havia crescido. Onde quer que estivéssemos, ainda havia traços de folhas mortas do outono anterior, manchando o cimento da estrada. Era como se fôssemos o primeiro carro a dirigir naquela estrada em muito tempo.

Apoiei a testa contra o vidro frio, estendendo a mão para apontar o ar condicionado direto no meu rosto. A dor de cabeça ainda estava lá, agulhando o espaço atrás dos meus olhos. O ar gélido ajudaria a me manter acordada e, para todos os efeitos, alerta o bastante para pegar a minha mente tentando agarrar às cegas à de Liam.

— Você está bem?

Ele estava tentando olhar tanto para a estrada quanto para mim. No escuro, eu não conseguia fazer muito mais além do que distinguir a curva do nariz e dos lábios dele. Uma parte de mim estava contente por não conseguir ver os machucados e cortes dali. Havia sido apenas alguns dias, um piscar de olhos no total dos meus dezesseis anos de vida, mas eu não precisava ver seu rosto para saber que havia uma suave preocupação ali. Liam era bom em muitas coisas, mas misterioso e imprevisível não estavam inclusos naquele baralho de cartas.

— Você *está* bem? — rebati.

O carro ficou silencioso o bastante para que eu conseguisse escutar seus dedos batucando no volante.

— Só preciso dormir, eu acho — então, após um instante, ele acrescentou: — Eles usavam mesmo aquilo em vocês em Thurmond? Muito?

Não muito, mas o suficiente. Eu não podia dizer aquilo a ele, no entanto, sem sentir as chamas de sua piedade.

— Você acha que os FEPs descobriram para onde estamos indo? — perguntei em vez de responder.

— Talvez. Pode ser que estivéssemos no lugar errado, na hora errada.

Bolota acordou atrás de nós com um alto bocejo.

— Não é provável — ele disse, com sonolência. — Mesmo se eles não estivessem nos rastreando intencionalmente, tenho certeza de que agora estão. Eles devem ter sido forçados a memorizar sua cara feia e seu número Psi. Já sabemos que você é um petisco apetitoso para rastreadores.

— Obrigado, Sr. Raio de Sol e Sorrisos — Liam disse entre os dentes.

— Se isso vale alguma coisa, o cara pareceu surpreso de ser mesmo você — eu disse. — Mas... quem é essa pessoa de quem vocês vivem falando? A mulher?

— Dona Jane — Liam disse, como se explicasse tudo.

— Como assim?

— É assim que chamamos uma das mais... persistentes rastreadoras — ele continuou.

— Primeiro, é assim que *você* a chama — Bolota disse. — E segundo: persistente? Que tal: ela está na nossa cola desde que saímos da Caledônia. Ela aparece em todo lugar, a qualquer momento, como se pudesse adivinhar o que vamos fazer antes de fazermos.

— A moça é boa no que faz — Liam confirmou.

— Será que você pode não elogiar a pessoa que está tentando nos arrastar de volta para o acampamento?

— Por que você a chama de Dona Jane? — perguntei.

Liam encolheu os ombros.

— Ela é uma rara moça britânica no meio de norte-americanos com sede

de sangue.

— Como *isso* aconteceu? — perguntei. — Pensei que tivessem fechado todas as fronteiras.

Liam abriu a boca para responder, mas Bolota chegou primeiro.

— Não sei, Verde, por que você não a chama para bater um papo e tomar um chá da próxima vez em que ela aparecer para nos capturar?

Revirei os olhos.

— Talvez, se você me dissesse como ela é.

— Cabelo escuro preso num coque, óculos — Liam começou.

— ... nariz longo, meio curvado? — terminei.

— Você a viu?

— Em Marlinton. Era ela quem estava dirigindo o caminhão vermelho, mas... — Cate e Rob cuidaram do carro. Ela fora deixada para trás. — Bem, ela não estava lá dessa vez — terminei. — Talvez a tenhamos despistado de verdade.

— Muito improvável — Bolota resmungou. — A mulher é uma exterminadora.

Passamos por uma série de motéis em ruínas, alguns mais ocupados do que outros. Endireitei-me no banco quando Liam virou, entrando no estacionamento de um velho Comfort Inn, somente para me recostar de novo com um assvio baixo. Não havia carros no estacionamento, mas uma dúzia ou mais de homens e mulheres estavam do lado de fora dos quartos, fumando, conversando, brigando.

— Vimos muito disso dirigindo por Ohio — ele explicou, sem que eu precisasse questioná-lo. — Depois que as pessoas perderam suas casas, elas iam para o hotel fechado mais próximo para tentar lutar por quartos. Gangues e essas coisas.

O motel onde ele parou era um Howard Johnson Express, com um quarto do estacionamento preenchido por diferentes modelos e marcas de carros e o sinal azul de VAGAS ligado. Segurei a respiração enquanto ele navegava pelo anel exterior de quartos, tomando cuidado para não passar pelo prédio do escritório. Ele escolheu um lugar bem na ponta do estacionamento, analisando a fileira de quartos à nossa frente. Dois foram logo descartados — podíamos ver o brilho da TV pelas janelas e cortinas — mas os outros não estavam tão obviamente ocupados.

— Esperem aqui um segundo — ele disse, soltando o cinto de segurança. — Vou dar uma olhada na área. Garantir que é segura — e foi assim como antes; ele sequer esperou que qualquer um de nós protestasse. Só saltou do carro, olhou para dentro de cada quarto pelos quais passou, e começou a tentar arrombar a porta à sua escolha.

Bolota e eu tivemos que dividir o resto da comida que tínhamos recolhido no posto de gasolina em Marlinton. Nosso inventário estava reduzido a um pacote

de *Cheetos*, biscoitos de pasta de amendoim, alguns *Twizzlers* e um pacote de *Oreos* em tamanho individual, mais as balas que eu consegui enfiar na minha mochila. Era o banquete dos sonhos de qualquer criança de seis anos de idade.

Trabalhamos em silêncio, evitando o olhar um do outro, como campeões. Os dedos de Bolota eram rápidos e ágeis enquanto ele abria seus biscoitos de pasta de amendoim e começava a comê-los. O mesmo livro roto estava sobre seu colo, com as páginas abertas e sorrindo para ele. Eu sabia que ele não podia estar lendo-o de verdade — não com uma visão tão ruim quanto a dele, pelo menos. Mas, quando ele, enfim, decidiu falar comigo, sequer tirou os olhos do livro.

— Está curtindo sua vida de crimes? O general parece achar que você tem talento.

Estendi a mão para acordar Zu, ignorando o que quer que ele estivesse tentando insinuar. Eu estava muito exausta para lidar com ele e, francamente, nenhuma réplica guerreando na ponta da minha língua no momento seria capaz de vencê-lo.

Antes que eu pudesse sair da van, com a mochila e a comida nas mãos, Bolota estendeu-se e fechou a porta com tudo de novo. Na luz diminuta do hotel, ele olhou... não exatamente com raiva, mas decerto também não de um modo amigável.

— Tenho uma coisa para te contar.

— Você já disse um montão, obrigada.

Ele esperou até que eu olhasse de volta para ele por sobre o ombro para continuar.

— Não vou fingir que você não nos ajudou hoje, ou que não passou anos vivendo num glorificado buraco de merda, mas vou te dizer para usar esta noite para pensar bem sobre sua decisão de ficar, e, se você decidir fugir no meio da noite, saiba que é provável que você tenha feito a escolha correta.

Estendi a mão de novo para abrir a porta, mas ele não tinha acabado.

— Eu sei que você está escondendo algo. Sei que você não foi totalmente honesta. E, se você acha que, por algum motivo insano, podemos te proteger, pense de novo. Teremos sorte de sair vivos dessa bagunça *sem* qualquer que seja a crise que você esteja trazendo para cá.

Senti uma pontada no estômago, mas mantive o rosto neutro. Se ele esperava ler alguma pista em meu rosto, ficaria decepcionado; eu passara a maior parte dos últimos seis anos treinando minha expressão de perfeita inocência sob a ameaça de armas.

Seja lá o que ele suspeitava, não podia ser a verdade, embora, por outro lado, ele não me daria uma última chance de fugir. Ele mesmo teria me enxotado para fora da van, de preferência em alta velocidade, no meio de uma rodovia deserta.

Bolota esfregou o dedão pelo lábio inferior.

— Eu acho... — ele começou. — Espero que você chegue a Virginia Beach, de verdade, mas... — ele puxou os óculos do rosto e beliscou a ponta do nariz — isso é ridículo, sinto muito. Só pense no que eu disse. Faça a escolha certa.

Liam começou a acenar para nós da porta, mantendo-a aberta com seu pé. Zu colocou uma mão no ombro de Bolota. Ele pulou, piscando com surpresa ao toque da borracha amarela. Ela estava tão silenciosa que eu esquecera que ela também estava ali.

— Vamos, Suzume — Bolota disse, deixando cair a mão no ombro dela. — Talvez se tivermos sorte, o general se dignará a nos deixar tomar banho. E, talvez, se tivermos *muita* sorte, ele mesmo possa vir a tomar um.

Zu o seguiu para fora da porta lateral, lançando um olhar ansioso na minha direção. Eu acenei para ela com um sorriso forçado e procurei por minha mochila preta no banco de trás.

Não notei até já estar do lado de fora, com o céu escurecido minando o último bocado de calor da van da minha pele. Uma das minhas mãos se estendeu para deixar a porta de correr aberta enquanto eu me debruçava de novo para dentro da minivan para tirar o livro da bolsa da parte de trás do assento do passageiro. Era a primeira e única vez que eu o vira fora das mãos de Bolota.

O pacote liso e vazio de M&M's que ele usava como marcador de páginas ainda estava no lugar. Eu abri o livro naquela página e não precisei olhar para a lombada para saber no mesmo instante que livro era. *Uma longa jornada*^[3], de Richard Adams. Não me admira que ele tenha se esforçado tanto para esconder o que estava lendo. A história de um bando de coelhos tentando sobreviver no mundo? Liam iria deitar e rolar.

Mas eu amava aquele livro, e, ao que parece, Bolota também. Era a mesma velha edição que Papai costumava ler para mim antes de dormir, a que eu costumava roubar do escritório dele e colocar na minha prateleira para quando não conseguisse dormir à noite. Como ele tinha chegado até mim, logo quando eu mais precisava?

Meus olhos sorveram cada palavra, idolatrando seu formato até que meus lábios começaram a formá-las, e eu estava lendo em voz alta para todos e ninguém ouvir.

— *O mundo inteiro será seu inimigo, Príncipe com Mil Inimigos, e onde quer que te apanhem, eles o matarão. Mas, primeiro, eles devem te apanhar; escavador, ouvinte, corredor, príncipe, com um aviso breve. Seja esperto e cheio de truques e seu povo jamais será destruído...*

Eu imaginava se Bolota sabia como a história terminava.



DOZE

A ÁGUA QUENTE FOI O BASTANTE PARA QUE EU esquecesse que estava no chuveiro de um velho motel, lavando meu cabelo com um xampu que fedia a lavanda falsa. Em todo o banheiro compacto havia só seis coisas: a pia, o vaso sanitário, a toalha, o chuveiro, a cortina e eu.

Eu fui a última a entrar. Quando, enfim, passei pela porta do quarto do motel, Zu já tinha entrado e saído e Bolota tinha se enfiado no banheiro, onde passou a hora seguinte esfregando a si e todas as suas roupas, até que fedessem a sabão rançoso. Parecia inútil tentar lavar roupas numa pia com sabão para as mãos, mas não havia banheira ou sabão em pó para usar. O resto de nós simplesmente sentou-se e não prestou atenção ao seu fervoroso discurso sobre a importância da boa higiene.

— Você é a próxima — Liam disse, virando-se para mim. — Certifique-se de ter limpadado tudo depois que acabar...

Peguei a toalha que ele jogou para mim.

— E você?

— Eu tomo de manhã.

Com a porta do banheiro fechada e trancada, joguei minha mochila na tampa do vaso sanitário e comecei a analisar seu conteúdo. Tirei as roupas que eles me deram e joguei-as no chão. Algo sedoso e vermelho escorreu para o topo da pilha, fazendo-me pular para trás, alarmada.

Levei diversos instantes fazendo uma inspeção minuciosa para descobrir o que era — o vestido vermelho brilhante do *closet* do trailer.

Zu, pensei, passando uma mão cansada sobre o rosto. Ela deve tê-lo apanhado quando eu não estava olhando.

Eu o cutuquei com um dedo, torcendo o nariz ao seu aroma vago de fumaça de cigarro envelhecido. Parecia um tamanho muito grande para mim, sem contar o sentimento meio repugnante que me trouxe por saber onde ele

estivera.

Mas, é claro que ela queria que eu o pegasse e o vestisse; por mais relutante que eu estivesse em admitir, era mais inteligente do que andar por aí no uniforme do acampamento. Eu podia fazer isso por Zu; se a fizesse feliz, valeria a pena o desconforto.

Não havia xampu, mas a Liga das Crianças dera desodorante, uma escova de dentes verde brilhante, um pacote de lenços, alguns tampões e higienizador de mão — tudo em tamanho de viagem e fechado numa sacola plástica. Debaixo disso, havia uma pequena escova de cabelo e uma garrafa de água. E, ali, bem no fundo da mochila, havia outro botão de pânico.

Ele devia estar ali o tempo todo e não percebi. Eu havia jogado fora o primeiro que Cate me dera, deixando-o para trás na lama e nos destroços. Pensar que isso estava em minha mala todo esse tempo — *o tempo todo* — fez minha pele se arrepiar. Por que eu não tinha revistado a mochila por completo até agora?

Eu o apanhei com os dois dedos e o derrubei na pia como se fosse um pedaço de brasa quente. Minha mão estava na torneira, pronta para afogar a coisa estúpida em água e fritá-la de vez, mas algo me impediu.

Não sei por quanto tempo o encarei antes de pegá-lo de novo e segurá-lo contra a luz, tentando ver se conseguia espiar dentro da casca preta exterior. Procurei por uma luz vermelha piscando, que me diria se ele estava gravando. Eu o segurei contra o ouvido, tentando escutar qualquer tipo de zumbido ou bipe que avisaria se estava ativado. Se estivesse ligado, ou se fosse mesmo um rastreador, eles já não teriam nos encontrado?

Seria tão ruim guardá-lo, só por precaução? Só para caso acontecesse algo e eu não pudesse ajudar os outros? Não seria melhor ficar com a Liga do que ser jogada de volta em Thurmond? Ser *morta*. Qualquer coisa não era melhor do que isso?

Quando coloquei o botão de pânico de volta no bolso da mochila, não foi por mim. Se Cate tivesse me visto, ela teria sorrido, e o pensamento só me deixou com raiva de novo. Eu não podia sequer acreditar na minha própria capacidade de ajudar esses garotos.

Entrar debaixo do borrifo morno e perfeito do chuveiro já era surreal o bastante, sem ter que ouvir o *clique-clique-clique-bipe* do cronômetro automático de Thurmond para que meu tempo de banho ficasse em menos de três minutos. Era uma coisa boa, também, já que a sujeira parecia sair de mim em lentas camadas. Após uns bons quinze minutos de esfregação, parecia que eu tinha revirado do avesso cada centímetro da minha pele. Eu até tentei usar a gilete rosa-chiclete que fora incluída no pequeno pacote de sabão e xampu do hotel, abrindo velhas e novas cicatrizes nas canelas e nos joelhos.

Dezesseis anos, pensei, e esta é a primeira vez que eu pude depilar as

pernas.

Era idiota, — tão idiota. Eu não sabia o que estava fazendo e não me importava. Eu tinha idade suficiente. Ninguém iria me parar.

Minha mãe sempre me vinha em *flashes*. Às vezes, eu ouvia a voz dela, só uma ou duas palavras. Outras vezes, tinha uma lembrança tão real que era como reviver o momento. E, agora, enquanto eu ficava ali, tudo o que eu podia pensar era sobre a conversa que tivemos a respeito disso mesmo, e o sorriso dela enquanto repetia várias vezes: “Talvez quando você tiver treze anos”.

Enfim, lavei a lâmina e a joguei na direção da mochila. Não achava que mais alguém iria querer usá-la agora. Com sangue correndo pelas minhas pernas, voltei a atenção para o ninho na minha cabeça. Meu cabelo ainda estava muito emaranhado para que eu passasse as mãos por ele. Eu tinha que trabalhar nele, nó por nó, usando mais xampu do que queria, e, quando terminei, estava chorando.

Tenho dezesseis anos.

Eu não sei o que causou aquilo. Num minuto, eu estava bem, e no seguinte eu sentia que meu peito tinha desmoronado dentro de mim. Tentei respirar fundo, mas o ar ainda estava muito quente. Minhas mãos encontraram primeiro o ladrilho branco da parede, um segundo antes de o resto do meu corpo desabar contra ele. Sentei-me no chão duro de pedra falsa do chuveiro e pressionei as mãos contra o peito, agradecida pelo ruído do chuveiro e do exaustor do teto esconder o barulho que fiz ao desmoronar. Eu não queria que eles me escutassem assim, em especial a Zu.

Era idiota, muito idiota. Eu tinha dezesseis anos — e daí? E daí que eu não via meus pais há seis? E daí que eu podia nunca mais vê-los? Não é como se eles se lembrassem de mim, de qualquer jeito.

Eu devia estar feliz por aquilo ter acabado, por eu estar fora daquele lugar. Mas, dentro ou fora, eu estava sozinha, e começava a imaginar se eu sempre estivera, se eu sempre estaria. A pressão da água fraquejou, com um pico de temperatura, como se alguém no quarto acima tivesse puxado a descarga. Não importava. Eu quase conseguia senti-la explodindo nas minhas costas. Meus dedos desceram até os joelhos sangrando e os pressionaram, mas eu também não conseguia sentir aquilo.

Cate disse-me que eu precisava dividir a minha vida em três atos e encerrar os dois primeiros atrás de mim, mas como se faz isso? Como se consegue apenas *esquecer*?

Houve uma batida na porta. Leve, quase tentadora a princípio, mas mais insistente quando eu não respondi de imediato.

— Ruby? — ouvi a voz de Liam chamar. — Você está bem?

Respirei fundo e estendi a mão para trás, apalpando o ar para procurar a torneira. A água no alto esvaiu-se para uma mera garoa, depois, um gotejo, e,

depois, nada.

— Você pode — hã — abrir a porta? Só por um instante? — ele soava nervoso o bastante para *me* deixar nervosa. Por uma aterrorizante fração de segundo, pensei que algo havia acontecido. Peguei a toalha e a enrolei ao meu redor. Meus dedos moveram-se com rapidez sobre o trinco e estavam girando a maçaneta antes que meu cérebro me impedisse.

Uma rajada de ar gelado foi a primeira coisa a me atingir. Os olhos escancarados de Liam foram a segunda. O par de grandes meias brancas em sua mão, a terceira.

Ele olhou pelo banheiro por sobre meu ombro, com a boca espremida numa linha de sorriso. O quarto de motel estava mais escuro do que quando entrei pela primeira vez. Devíamos estar a altas horas da noite agora. Eu não podia ter certeza, não de uma forma real, mas pensei ter visto um pouco de cor inundando as pontas de suas orelhas.

— Está tudo bem? — sussurrei. Ele olhou para mim, deixando a névoa quente do banheiro inundá-lo. — Liam?

As meias foram impulsionadas na minha direção. Olhei para elas e, depois, para ele, esperando não parecer tão embaçada.

— Só queria... te dar isso — ele disse, dando uma sacodida nelas. Ele as jogou de novo na minha direção. — Você sabe, para você.

— Você não precisa delas? — perguntei.

— Tenho uns pares extras, e você não tem nenhuma, certo? — ele parecia estar com algum tipo de dor agora. — Sério. Por favor. Só as aceite. Bolota disse que as extremidades, ou sei lá, são as primeiras coisas a esfriarem, então você precisa delas, e ...

— Ai, meu Deus, Verde — ouvi Bolota dizer de algum lugar do quarto. — Pegue logo as malditas meias e tire o garoto do sofrimento.

Liam não esperou que eu estendesse a mão. Ele esticou a sua, passando por mim, e depositou as meias no balcão, bem ao lado da pia.

— Ah... obrigada? — eu disse.

— Ótimo, quer dizer, sem problema — Liam virou-se para ir embora, mas parou novamente, como se pensasse em algo mais. — Certo. Ótimo. Legal... então você...

— Use as palavras, Lee — Bolota gritou. — Certas pessoas estão tentando dormir um pouco.

— Ah, certo. Dormir — Liam fez um vago movimento na direção da cama do quarto. — Você e Zu vão dividir. Espero que não se importe.

— É claro que não — eu disse.

— Certo, ótimo! — ele abriu um sorriso anormalmente brilhante no rosto. Eu imaginei o que ele estava esperando que eu fizesse ou dissesse. Esse era um dos momentos para o qual ficar presa numa cabana com dezenas de garotas por

seis anos não conseguira me preparar. Era como se estivéssemos falando em dois idiomas diferentes.

— Sim, ahn, ótimo — repeti, mais confusa agora do que nunca. Isso pareceu funcionar, no entanto. Liam virou-se e foi embora sem outra palavra.

Eu apanhei minhas novas meias do balcão, examinando-as. Pouco antes de fechar a porta, escutei a voz de Bolota, tingida com seu usual *eu te disse*.

— ... espero que esteja feliz consigo mesmo — ele estava dizendo. — Você devia tê-la deixado em paz. Ela estava bem.

Mas eu não estava e, de alguma forma, Liam soubera.

Levei longos instantes para perceber que era o sonho de Zu.

Ela e eu estávamos na cama *queen size* do quarto, aconchegadas para nos aquecermos. Os garotos estavam no chão, com os cobertores, usando toalhas extras roubadas de um carrinho de limpeza como travesseiros. A inteligência coletiva de Liam e Bolota não tinha sido capaz de descobrir como desligar o ar-condicionado, que insistia em cuspir seu bafo gelado toda vez que o quarto ousava ficar nos quinze graus.

Eu rondei pelas doces e leitosas fronteiras do sono por horas, quando senti a coceira no fundo da minha mente. Uma parte de mim esperava por isso; embora meu corpo tivesse se acomodado na cama como uma tábua de concreto, meu cérebro ainda estava correndo em círculos, processando o que acontecera com os FEPs, imaginando se eu podia fazer de novo o que tinha feito com aquele homem, quando os pés de Zu roçaram nos meus, e isso foi o suficiente. Eu fui sugada para o sonho dela, de cabeça.

Eu era Zu e Zu estava numa pequena cama, olhando para cima, para a parte de baixo de um colchão marrom-escuro. A escuridão embaçava o nosso redor, até que, enfim, algumas formas reconhecíveis emergiram. Pilhas de beliches, uma lousa, armários azuis brilhantes que se estendiam do chão até o teto, grandes janelas com tábuas de madeira compensada e estranhas descolorações quadradas na parede, onde, no passado, pôsteres deviam ter sido pendurados.

Eu não conseguia me desvencilhar. Esse era o perigo dos sonhos, o quão depressa você ficava emaranhado em tudo aquilo. As pessoas naturalmente baixavam a guarda quando dormiam, tanto que, às vezes, se os sonhos fossem assustadores o bastante, eu nem precisava de um toque para ser atraída até ele.

Não conseguia sentir o cheiro da fumaça, mas a vi de imediato, deslizando por baixo da velha porta da sala de aula, como leite derramando pelo chão. Um instante depois, eu me arrastei para cima, rolando até ficar fora da cama por completo. Observei com um horror lento e nascente, enquanto dúzias de garotas saltavam para fora de seus próprios beliches e reuniam-se num aglomerado agitado no centro do quarto.

Uma garota, que devia ser uma cabeça mais alta e uns quatro anos mais velha do que as outras, tentou fazê-las agachar em fila abaixo das janelas, sem sucesso. Seus braços acenavam pelo ar, com as mangas longas de seu simples uniforme amarelo-mostarda embaçando.

E, então, os alarmes soaram e a porta na extremidade mais distante do quarto foi aberta.

O som que o alarme soltou foi quase tão excruciante quanto o Ruído Branco, com o tom estendido e distorcido pelo sonho. Eu fui jogada para a frente, enquanto as outras garotinhas tentavam chegar até a porta. Não parecia importar para elas que a fumaça fosse sufocante, ou que não tivesse uma fonte visível.

No lugar de filas arrumadas e ordenadas, havia o caos massivo. Crianças com uniformes verdes, azuis-marinhos e amarelos derramavam-se no corredor de azulejos brancos. As luzes de emergência acenderam, alarmes de incêndio piscavam em vermelho e amarelo pela parede. Fui atirada ao rio esmagador de corpos, todos indo para a mesma direção — a direção da fumaça.

Minha vista ficou embaçada pelas lágrimas e forçou a respiração para fora do meu peito. Uma olhada por sobre meu ombro foi o bastante para ver algumas das crianças mais velhas, tanto garotos como garotas, arrastando os armários azuis de seus quartos e derrubando-os na frente das portas duplas prateadas na outra ponta do corredor.

Não estávamos evacuando. Estávamos escapando.

Minha visão mergulhou em preto no momento em que fomos empurrados pelas outras portas em direção a escadaria apertada. A fumaça era mais espessa ali, subindo não por chamas ferventes, mas por dois pequenos caníços pretos, do tipo que os FEPs deixavam presos a seus cintos, esperando para jogar numa multidão de crianças incontroláveis.

Então, os FEPs os dispararam? Não, isso não era possível. Era muito mais provável que algumas crianças os tivessem surrupiado, para fazer os alarmes dispararem e abrir as portas. Isso devia ser o protocolo de emergência deles.

Estávamos presos na escadaria, com nossos corpos espremidos contra os de todos os outros, numa massa tremente de nervos e júbilo. Tentei manter os olhos para a frente e sentir os degraus sob meus pés, mas era difícil não ver o que a escuridão e as luzes piscando estavam fazendo com as crianças. Algumas gritavam em histeria, outras pareciam prestes a desmaiar, mas havia as que riam. *Rindo*, como se fosse uma brincadeira.

Não sei como encontrei a outra pequena garota asiática por baixo da maré de mãos e cabeças. Ela estava enfiada no canto inferior esquerdo do fim da escadaria, na ponta dos pés, com o uniforme verde quase invisível. Seu cabelo era preto brilhante sob as luzes de emergência, e seu braço estava sobre a cabeça, estendido — na minha direção.

No instante em que fiz contato visual com ela, seu rosto acendeu-se em

reconhecimento. Vi sua boca formar o nome de Zu. Tentei estender as mãos, para apanhar as dela, mas o mar de pessoas à minha volta me empurrou para baixo, empurrando tudo para a frente. Quando me virei, ela tinha desaparecido também.

Não vi nenhum FEP ou controlador de campo — não até estarmos na base da escadaria, pulando, mas, na maior parte, pisando nas três imponentes figuras de preto no chão. Seus rostos estavam engolidos por máscaras machucadas. Havia sangue acumulado no chão debaixo deles.

Alguém, provavelmente um Azul, arrancara as dobradiças das portas e as mandara voando para fora, para o que parecia um terreno baldio de neve branca. O chão tinha um brilho artificial sob o céu sem luar — em parte pelo sonho, em parte pelos holofotes que se acendiam conforme o tom do alarme, que mudava de um trinado para uma sirene de aviso.

Após sairmos por essas portas finais, começamos a correr.

A neve chegou até os joelhos e a maioria das crianças não vestia nada além de seus uniformes finos como papel; a maioria não se lembrara nem de colocar os sapatos. Flocos minúsculos flutuavam nas linhas profundas e entrecruzadas de pegadas e, por um instante, senti-me lenta, observando a forma como a neve não estava voando nem caindo. Apenas pairando ali, como uma respiração presa. Iluminada, como mil vaga-lumes sob os holofotes do acampamento.

E, então, o feitiço quebrou-se, estilhaçado pelo primeiro tiro.

Então, eram balas caindo sobre nós, e não neve.

Os gritos rasgaram-se engasgados e cortantes das gargantas de centenas de crianças. Cinco, dez, quinze, era impossível contar as crianças que, de repente, eram arremessadas para a frente, caindo de cara na neve, gritando e uivando de dor. Um vermelho aterrador começou a deslizar pela neve como tinta derramada, espalhando, expandindo-se, devorando. Ergui a mão até a bochecha, e, quando afastei a mão, meu cérebro, enfim, percebeu que eu corraera direto por uma garoa de chuva. Eu estava coberta de sangue; o sangue de outra pessoa escorria pelas minhas bochechas e pingava pelo queixo.

Corremos com força, mais depressa, em direção ao canto direito da parte de trás da cerca de correntes que cercava a velha escola. Lancei um olhar para trás, por sobre o ombro, para o prédio escolar de tijolos, para as dúzias de figuras pretas no topo do telhado cinza de ardósia, para as outras dúzias que saíam das janelas e portas do primeiro andar. Quando me virei de novo, o campo à minha frente estava coberto por amontoados de todas as cores — amarelo, azul, verde. E vermelho. Muito, muito vermelho. Eles formavam linhas, barreiras despropositais, que os outros tinham que pular para continuar andando.

Caí para a frente, mal conseguindo me apoiar sobre a neve. Algo, ou alguém, apanhara meu tornozelo. Uma garota Verde deitada de barriga,

rastejando na minha direção, com os olhos abertos, a boca tentando engolir o ar. *Ajude-me*, ela estava soluçando, com o sangue borbulhando pelos seu lábios, *ajude-me*.

Mas eu virei e corri.

Havia um portão nessa margem do acampamento; eu podia ver agora que estava a algumas centenas de metros dele. O que eu não podia ver era o que estava afastando as crianças do local, porque elas não saíam correndo pelo portão para alcançar a liberdade. Com um solavanco, percebi que havia quase três vezes mais crianças caídas na neve atrás de mim do que à minha frente.

O aglomerado de crianças explodiu para a frente com um tormento unificado, centenas de mãos estendidas. Meu tamanho permitiu que eu deslizesse pelas pernas e lutasse para abrir caminho até a frente, onde três garotos mais velhos, em uniformes azuis, estavam lutando para manter a multidão longe do portão e da cabine individual do vigia, que atualmente abrigava três pessoas: um FEP inconsciente, Liam e Bolota.

Fiquei tão chocada ao vê-los, que quase perdi um garotinho Verde correndo para a cerca. Ele correu em torno dos adolescentes e atirou-se contra as barras amarelo-vivas que seguravam o portão bem firme no lugar.

Ele mal o tinha tocado, quando todo o cabelo de sua cabeça pareceu ficar em pé, e um clarão de luz piscou por sob seus dedos. Em vez de soltar-se, sua mão parecia agarrar com mais força, congelada no lugar enquanto milhares de volts de eletricidade lançavam seu corpo num ataque frenético de tremedeira.

Meu Deus!

O portão ainda estava ligado. Liam e Bolota estavam tentando desligá-lo.

Senti meu próprio grito borbulhar pela garganta quando ele caiu no chão, enfim, inerte. Liam gritou algo da cabine que não consegui escutar, não por cima dos gritos das crianças ao meu redor. A visão daquele garoto explodiu a bolha temporária de calma num piscar de olhos.

Os FEPs estavam mais próximos agora; eles tinham que estar, pois quando começaram a atirar de novo, foi como tiro ao alvo. Cada camada de crianças caía no chão e para longe, sendo descascada para revelar uma nova e fresca camada para a caçada — eu não conseguia mais ver a neve debaixo deles.

Crianças viravam-se e disparavam em todas as direções, algumas voltando para trás, na direção da escola, outras seguiam beirando a cerca elétrica, procurando por outra saída. Ouvi cachorros latindo e o rosnado dos motores. Combinados, os ruídos soavam como um monstro saído do inferno. Virei-me para olhar o caminho que os animais e as motos de neve estavam trilhando na nossa direção, quando algo duro bateu em mim pela parte de trás, lançando-me até quicar na neve espessa.

Levei um tiro, pensei, meio em choque.

Não, isso não estava certo. O golpe tinha vindo de uma cotovelada na parte

de trás da cabeça. A garota Azul não tinha me visto ao se virar e correr de volta na direção do acampamento. Rolei para a frente, bem a tempo de vê-la com as mãos no alto, claramente se rendendo, e ainda assim — ainda assim — atiraram nela. Ela guinchou de dor e desmoronou no chão.

Não foi só a garota que não me viu na neve — ninguém me viu. Senti meus braços, alfinetados pelo frio, tensos enquanto eu tentava levantar e sair de seu toque petrificante. Mas, toda vez que eu progredia, outro pé pisoteava meus ombros e minhas costas. Tive tempo o bastante para cobrir a cabeça, mas foi só isso. Não havia como levar o ar para o meu peito — eu estava gritando e ninguém podia ouvir.

Raiva e desespero me atravessaram. Os pés de crianças em debandada empurravam-me cada vez mais para dentro da neve e eu continuava pensando: será possível se afogar assim? Será possível sufocar no escuro gelado? Seria melhor morrer assim?

Mãos alcançaram minha cintura. O ar frio encharcou meus pulmões num único e doloroso suspiro enquanto eu era levantada para fora da neve.

O portão estava aberto agora, e as crianças que foram estáveis e calmas o bastante para permanecer — que tiveram sorte suficiente para não ser atingidas — começaram a sair aos montes, correndo para o denso aglomerado de árvores à frente. Devia haver mais de vinte — das centenas de crianças que haviam saído pelos corredores da velha escola — *vinte*.

Eu estava quente, impossivelmente quente. Os braços que me seguravam se apertaram. Quando olhei para cima, foi para os olhos brilhantes de Liam.

Segure-se firme, ok?

Zu acordou arfando, saindo de seu pesadelo para tomar um longo fôlego.

Eu fui jogada para fora do sonho, caindo de volta no congelado quarto de hotel. Pela vertigem trôpega e turva que se chocava contra mim, virei-me na direção de Zu, meus olhos ajustando-se para distinguir sua silhueta.

Quando fui tocá-la, descobri que as mãos de outra pessoa já estavam lá.

Liam balançou a cabeça, tentando soltar-se do domínio prolongado do sono.

— Zu — ele sussurrou. — Ei, Zu...

Eu continuei perfeitamente imóvel.

— Ei — Liam disse, com gentileza — você está bem. Foi só um sonho ruim.

Meu estômago revirou-se quando percebi que ela estava chorando. Ouvi um som de arranhão, madeira contra madeira, como se ele tivesse pegado algo do criado-mudo.

— Escreva — Liam disse. — Não force a si mesma.

Devia ser algum papel do hotel. Fechei os olhos, esperando que ele ligasse o abajur barato do criado-mudo, mas ele manteve sua regra: sem luzes fora do

banheiro.

— Você sente muito pelo quê? — ele sussurrou. — O único que precisa do sono de beleza é o Bolota.

Ela soltou uma risada trêmula, mas seu corpo ainda estava tenso ao meu lado.

— Foi... o mesmo de antes? — a cama afundou quando Liam se sentou.

— Um pouco diferente? — ele repetiu, após um instante. — É?

O silêncio estendeu-se um pouco mais desta vez. Eu não tinha certeza de que ela ainda estava rabiscando na escuridão até que Liam pigarreou e disse, em voz rouca:

— Eu jamais esqueceria isso. Eu estava... eu estava mesmo preocupado que você fosse tentar tocar o portão antes que Bolota descobrisse como desligá-lo.

E, então, da forma mais suave que eu poderia ter imaginado, ele disse:

— Sinto muito...

A culpa e o sofrimento que revestiam suas palavras eram como um chute em meu peito. Senti-me virando para a frente na cama, atraída pela dor que havia ali, desesperada para reconfortá-lo, dizendo que o que acontecera lá no campo nevado não tinha sido culpa dele. Assustou-me saber como eu o compreendia bem naquele momento.

Mas eu não podia. Essa era uma conversa particular, assim como a lembrança dela era particular. Por que eu estava invadindo lugares aos quais não pertencia?

— Bolota não é o único que pensa que é muito perigoso. Mas eu acho que Ruby é durona o suficiente para sobreviver sem nós, se ela quiser. Por quê?

Mais rabiscos.

— A única coisa que Bolota quer é que fiquemos seguros — ele disse, ainda sussurrando. — Às vezes, isso o impede de fazer o bem para os outros, ter a visão completa, sabe? Só faz duas semanas desde que saímos. Tem que dar mais tempo a ele.

Ele soava tão seguro naquele momento, que eu senti que uma pequena parte de mim estava cedendo. Eu acreditava nele.

Eu praticamente conseguia vê-lo passar a mão pelo cabelo dele. — Nunca se envergonhe do que você pode fazer, ouviu? Se você não estivesse lá, nós não estaríamos aqui.

O quarto acalmou de novo, num silêncio pacífico, exceto pelos roncoss e apitos de Bolota.

— Sente-se melhor? — ele perguntou. — Precisa de alguma coisa da Betty?

Ela deve ter sacodido a cabeça, pois senti a cama mexendo-se conforme Liam se levantava.

— Estou bem aqui. Me acorde se mudar de ideia, ok?

Eu não o ouvi dizer boa noite. Mas, em vez de deitar-se, vi que ele sentou-se, com a cabeça apoiada na cama, observando a porta e qualquer coisa que pudesse passar por ela.

Algumas horas depois, com a lua ainda visível no céu azul-cinza da manhã, gentilmente desprendi os dedos de Zu da frente do meu vestido e saí da cama. O brilho vermelho do relógio no criado-mudo queimou o horário na minha mente: 5h03 da manhã. Hora de partir.

Nenhum de nós tinha, de fato, desfeito a mala, por insistência de Liam, mas eu tinha que pegar a escova e a pasta de dente no lugar onde as deixara, ao lado das de Bolota, no banheiro. Havia um conjunto de artigos de toalete HoJo esquecido perto da pia, ao lado da cafeteira mais feia do mundo. Eu o enfiei na minha mochila, junto com uma das toalhas de mão menores.

Do lado de fora, estava apenas alguns graus mais quente do que no quarto. Clima bipolar de primavera, típico da Virgínia. Deve ter chovido na noite anterior também. A fofa névoa branca que a tempestade silenciosa deixara para trás cortava os carros e as árvores próximas. A minivan que, na noite anterior, fora estacionada na ponta mais distante do estacionamento, agora estava parada bem na frente do quarto do hotel. Se eu não tivesse andado ao lado de Black Betty, passando a mão contra a sua lateral machucada, não acho que teria visto Liam de jeito nenhum.

Ele estava ajoelhado ao lado da porta de correr, raspando devagar os resquícios da LAVADORA BETTY JEAN com as chaves do carro. A seus pés estava a placa de Ohio, que, a certa altura, estivera pregada no lugar. Meus pés moveram-se até pararem a alguns metros de distância dele.

Havia círculos pretos sob seus olhos. O rosto dele estava absorto em pensamentos, a boca com um sorrisinho que não combinava nem um pouco com ele. Com o cabelo úmido, penteado para trás, e com o rosto bem barbeado, ele poderia parecer uns bons dois ou três anos mais jovem do que no dia anterior, mas seus olhos contavam uma história diferente.

Meus pés arrastaram-se no asfalto solto, atraindo a atenção de Liam. Ele começou a se levantar.

— O que foi?

— Ahn?

— Você acordou cedo — ele explicou. — Geralmente tenho que arrastar Bolota para o chuveiro e jogar água fria nele para que levante.

Encolhi os ombros.

— Ainda estou com o fuso horário de Thurmond, eu acho.

Ele levantou-se devagar, limpando as mãos na frente da calça. A forma como seus olhos piscavam na minha direção fazia parecer que ele queria dizer

algo, mas, em vez disso, só deu um pequeno sorriso. A placa de Ohio estava jogada no banco de trás e, em seu lugar, havia uma placa de West Virginia. Eu não tive a chance de perguntar de onde tinha vindo.

Joguei minha mochila nos pés para me apoiar na porta da minivan. Liam desapareceu por trás do carro, reaparecendo alguns minutos depois com uma lata de gasolina vermelha e uma mangueira preta mastigada na mão. Com os olhos fechados e o ouvido pressionado contra o vidro gelado, absorvi a música doce do comercial de rádio de alguma mercearia local. Quando a radialista retornou, foi com uma previsão carrancuda do que quer que havia sobrado de Wall Street. A mulher leu o relatório de ações como um discurso fúnebre.

Forcei meus olhos a se abrirem, deixando-os pousar onde Liam estivera um segundo antes.

— Liam? — chamei antes que pudesse me interromper.

— Aqui — veio a resposta imediata.

Com um rápido olhar para a fileira de portas de hotel verde-água, arrastei-me, contornando a parte de trás da van até chegar a alguns metros atrás dele. Fiquei na ponta dos pés, inclinando para a direita, para poder ver melhor o que ele estava fazendo na caminhonete prateada estacionada ao lado da van.

Liam trabalhou em silêncio, com seus olhos claros focados na tarefa à sua frente. Uma extremidade da mangueira estava enfiada bem no fundo do tanque de gasolina da caminhonete. Ele enrolou o excesso do comprimento da mangueira mastigada em volta do ombro e deixou a outra ponta cair na lata vermelha.

— O que você está fazendo? — não me importei em esconder o choque.

Sua mão livre pairava pelo comprimento da mangueira, guiando-a na nossa direção. Era quase como se ele estivesse montando uma fila, ou ao menos indicando para que alguém fosse para a frente. Algumas gotas do líquido pungente começaram a pingar pela extremidade livre da mangueira.

Roubando gasolina, percebi. Eu escutara sobre pessoas que faziam isso durante a última falta de gasolina, mas nunca *vira* alguém fazendo isso antes. O líquido começou a encher a lata num fluxo suave, inundando o espaço entre nós com um odor distinto.

— Crise de gasolina — ele disse, com um encolher de ombros arrependido. — Os tempos estão meio desesperados e dirigimos quase com vapor por um tempo ontem.

— Você é Azul, certo? — eu disse, acenando na direção da mão guiando a gasolina para a lata vermelha. — Você não pode fazer a Betty andar sem isso?

— É, mas... não por muito tempo — Liam pareceu tímido. Quando ele apertou os lábios, eles adquiriram um tom irreal de branco e destacaram uma pequena cicatriz no canto direito.

Quando eu percebi que o estava encarando, agachei-me ao lado dele —

mais para esconder meu constrangimento do que para ajudar, de fato. Roubar gasolina, surpreendentemente, não era assim tão complicado.

— Acho que só estou impressionada por você poder usar suas habilidades.

Uma parte de mim indagou, então, se eu não tinha entendido o contrário durante todo esse tempo. A forma como as coisas eram em Thurmond... Os controladores do acampamento ficavam tão atentos para garantir que tivéssemos pavor de sermos pegos usando nossas habilidades, que fomos levados a entender, desde o início, que o que éramos, e o que podíamos fazer, era perigoso e não era natural. Erros e acidentes não eram desculpas, e a punição não era evitável. Não devia ocorrer nenhum teste curioso, nenhum golpe nos limites para ver se havia uma forma de rompê-los.

Se Liam era tão bem-sucedido com suas habilidades, é provável que ele tenha tido anos para praticar, a maior parte do tempo gasto do lado de fora das paredes do acampamento. Nunca me ocorreu pensar que outras crianças, a salvo em casa, às escondidas — que *outros*, que nunca tinham visto o interior de uma cabana, experimentado o *nada* grave e inerte que era a vida no acampamento —, poderiam ter conseguido ensinar-lhes coisas surpreendentes. Eles não tinham medo de si mesmos; eles não eram aleijados pelo peso do que não sabiam.

Eu tinha a sensação mais estranha, como se eu tivesse perdido algo sem nem mesmo tê-lo, em primeiro lugar; de que eu não era o que havia sido, e que eu não era, de jeito nenhum, o que eu deveria ser. A sensação fez com que eu me sentisse oca até os ossos.

— Tudo é bem direto para nós, Azuis — Liam explicou. — Você olha para algo, concentra-se o bastante para imaginar aquele objeto movendo-se do ponto A para o ponto B, e ele só... se move — ele disse. — Aposto que muitos Azuis em Thurmond descobriram como usar suas habilidades. Eles só escolheram não usar. Talvez tenha algo a ver com aquele ruído.

— Você deve estar certo — eu não tinha interagido o suficiente com crianças Azuis para saber.

Liam sacudiu a mangueira para a frente e para trás conforme a corrente de gasolina diminuía para um gotejar escasso. Olhei para cima, procurando no estacionamento e nas portas do hotel por sinais de vida e não me acomodei até que tivesse certeza de que eu estava sozinha.

— Você aprendeu sozinho? — perguntei, testando minha teoria.

Ele olhou para mim. — É. Fui para o acampamento bem tarde e tive bastante tempo sozinho, entediado, para descobrir as coisas.

Naturalmente, a pergunta seguinte era: Você estava escondido? Mas eu não seria capaz de perguntar isso sem que ele também quisesse saber sobre minha história e sobre como fui pega.

Isso tinha que parar. Minhas mãos estavam tremendo, como se ele tivesse acabado de contar que estava prestes a me estrangular e tirar minha vida. Nada

que ele tivesse feito até agora tinha provado que ele não era um cara legal. Ele não tinha mostrado, repetidas vezes, que estava disposto a ser meu amigo se eu deixasse?

Fazia tanto tempo que eu queria um amigo, que eu não tinha certeza de que me lembrava como se fazia um. Na primeira série, foi estupidamente simples. A professora mandou os alunos escreverem qual era seu animal favorito numa folha de papel e, então, tínhamos que percorrer a sala até encontrarmos alguém com o mesmo animal. Porque, ao que parece, fazer amigos era assim tão fácil — encontrar alguém que gostasse de elefantes.

— Eu gosto dessa música — soltei. A voz de Jim Morrison era suave e mal nos alcançava de onde estava, sendo filtrada pelos alto-falantes de Betty.

— É? The Doors? — o rosto de Liam acendeu. — “*Come on baby, light my fire*” — ele repetiu com uma voz grave, tentando imitar a de Morrison. — “*Try to set the night on fire...*”

Eu ri.

— Eu gosto quando *ele* canta...

Liam apertou o peito, como se eu o tivesse ferido, mas sua recuperação foi rápida. O DJ da rádio anunciou a próxima canção e foi como se Liam tivesse ganhado na loteria.

— Os Allman Brothers? — minhas sobranceiras ergueram-se. Engraçado, achei que ele fosse fã do Zeppelin.

— Essa é a música da alma — ele disse, mexendo a cabeça no compasso da música.

— Você já escutou as letras de verdade? — perguntei, sentindo a ansiedade erguer meus ombros. Minha voz ficava mais estável a cada palavra. — Seu pai foi um apostador na Georgia, que acabou do lado errado de uma arma? Você nasceu no banco de trás de um ônibus Greyhound?

— Pera lá — ele disse, estendendo a mão para mexer no meu cabelo. — Eu disse que era a música da minha *alma*, e não da minha vida. Para sua informação, meu padrasto é mecânico na Carolina do Norte e, até onde eu sei, ainda está vivo e bem. Mas eu *nasci* no banco de trás de um ônibus...

— Você está brincando — eu sinceramente não sabia o que dizer.

— Não estou. Saiu nos jornais e tudo. Fui o Garoto Prodígio do Ônibus durante os meus três primeiros anos de vida e agora estou...

— Tentando sobreviver e fazer o melhor que pode? — terminei.

Ele riu, as pontas de suas orelhas tingidas de um vago cor-de-rosa.

A música continuou, enchendo o ar entre nós com seu rápido pulso e suas guitarras implacáveis. Cada pedaço unia-se sem esforço, não era muito *country* nem muito *rock 'n roll*. Só quente, rápido, sulista.

Eu gostei ainda mais quando Liam começou a cantar junto.

Quando o fluxo de gasolina diminuiu para uma gota, ele retirou a

mangueira com cuidado e recolocou a tampa do reservatório do combustível. Antes de se levantar, Liam bateu o ombro no meu.

— Onde você arranhou esse vestido?

Bufei de leve, beliscando a saia.

— Um presente da Zu...

— Parece que você o quer jogar no fogo...

— Não posso prometer que não haverá um acidente infeliz mais tarde — eu disse, muito séria. Quando ele riu de novo, senti como se fosse uma pequena vitória.

— Bom, Verde, foi legal você vesti-lo — Liam disse. — Mas tenha cuidado. A Zu está com tanta sede de brincar com meninas que ela pode transformar você em sua boneca particular.

— As crianças hoje em dia — eu disse — pensam que o mundo todo pertence a elas.

Ele sorriu.

— As crianças de hoje em dia...

Andamos de carro em carro, caminhando pelo estacionamento. Ele não pediu minha ajuda, e eu não fiz mais nenhuma pergunta. Podíamos ter ficado juntos naquele silêncio confortável por horas e, ainda assim, teria sido o bastante para mim.



TREZE

BOLOTA E ZU NÃO FICARAM FELIZES POR TEREM sido acordados às cinco e meia da manhã, e muito menos entusiasmados por Liam tê-los forçado a fazer a cama enquanto arrumávamos o banheiro e substituíamos as toalhas usadas. Não foi bem organizado da nossa parte, mas era melhor do que alertar a gerência de que eles abrigaram um bando de intrusos durante a noite.

Bolota deu uma olhada para mim ao marchar até a minivan, então parou seco sobre os pés. Ele carregava seus pensamentos claros como o dia no rosto: *Você ainda está aqui?*

Encolhi os ombros. *Conviva com isso.*

Ele balançou a cabeça e soltou outro de seus suspiros.

Depois que nos acomodamos, Zu e Bolota nos bancos do meio, todos observamos enquanto Liam fechava a porta do quarto, com um copo do horrível café do hotel na mão.

Isso mesmo, pensei, olhando para Zu com o canto do olho. Ela se curvara no banco e estava usando as mãos cobertas por luvas como travesseiro. *Ele não dormiu muito, não é?*

Liam passou por sua rotina comum de verificar a posição dos espelhos, ajustar a reclinção de seu banco, apertar o cinto de segurança e colocar as chaves na ignição. Porém, a próxima ordem de serviço de Liam ao retornar à minivan não era responder a quaisquer perguntas que Bolota atirava na direção dele sobre onde estávamos indo. Ele esperou até seu amigo estar bem e roncando antes de me chamar de novo:

— Você sabe ler um mapa?

O constrangimento e a vergonha que tomaram conta de mim pintaram meu rosto de vermelho.

— Não. Desculpa — isso não era algo que seu pai deveria ter ensinado, enfim?

— Sem problema — Liam deu tapinhas no banco vazio do passageiro. — Eu te ensino depois, por enquanto só preciso de alguém para olhar as placas para mim. Venha para a cadeira do copiloto.

Sacudi um dedo na direção de Bolota.

Liam só balançou a cabeça.

— Você está brincando comigo? Ontem ele pensou que uma caixa de correio era um palhaço.

Despreendi o cinto de segurança com um suspiro. Enquanto eu escalava as pernas esticadas de Bolota até a frente, olhei por sobre os ombros, para seus olhos pequenos.

— A visão dele é tão ruim assim?

— Pior — Liam disse. — Então, logo depois de escaparmos da Caledônia, entramos nessa casa para passar a noite, certo? Acordei no meio da noite ouvindo o ruído mais terrível, como uma vaca morrendo, ou algo assim. Segui o som do choro, agarrando o taco de beisebol de um garoto, pensando que eu teria que bater na cabeça de alguém para que pudéssemos escapar ilesos. Então, eu vi que ele estava lá no fundo da piscina drenada.

— Mentira — eu disse.

— Verdade — ele confirmou. — O olho de águia foi se aliviar e, de alguma forma, não viu o buraco gigante no chão. Torceu o tornozelo e não conseguia sair da parte funda.

Tentei muito não rir, mas foi impossível. A imagem mental era simplesmente muito boa.

Liam estendeu o braço e deu um giro pelo rádio, deixando-me escolher a estação. Ele pareceu satisfeito com minha decisão de ficar com o The Who.

Com a janela abaixada até o fim, debrucei para fora, descansando o queixo nas mãos. O ar da manhã estava morno, lambido pelos primeiros raios de sol. Quando olhei para cima, depois do topo das árvores selvagens, não havia nada além de céu azul.

Um breve som, um fantasma de suspiro, foi solto atrás de nós. Tanto Liam quanto eu nos viramos para olhar para o rosto adormecido de Zu.

— Nós acordamos você ontem à noite? — ele perguntou.

— Eu ouvi um pouquinho — eu disse. — Ela tem muitos pesadelos?

— Nas poucas semanas que a conheço, tem sido algo que acontece a cada duas noites. Às vezes, ela sonha com a Caledônia e eu consigo acalmá-la, mas nunca sei o que dizer sobre a família dela. Eu juro, se eu conhecer os pais dela, vou...

A voz dele desapareceu, mas a raiva que a revestia dera ao ar uma carga palpável.

— O que eles fizeram com ela?

— Eles a deram, porque tinham medo dela — ele disse. — Tipo, eu e

Bolota, nossos pais tentaram nos manter escondidos e foi por isso que fomos para o acampamento tarde. Os pais de Zu a *mandaram* embora, na verdade, quando ela fez o carro do pai entrar em curto-circuito no meio da via expressa.

— Ah meu Deus!

— Eles a enviaram durante a primeira coleta oficial. — Ele ergueu o cotovelo ao largo do painel da porta e apoiou o rosto contra a mão. Seu boné dos Redskins escondia os olhos da visão. — Tinha esquecido que você perdeu isso.

Esperei que ele explicasse.

— Foi depois que a maioria das pessoas da nossa idade já tinha sido levada ou estava escondida. O governo emitiu um aviso de que quaisquer pais que não se sentissem seguros ou capazes de cuidar dos filhos podiam enviá-los para a escola numa manhã específica, e as Forças Especiais Psi estariam lá para coletá-los para reabilitação. Mantiveram tudo em segredo para evitar *aborrecer* as crianças ou *incitá-las ao mau comportamento*.

Esfreguei a testa, tentando espantar as imagens que apareciam na minha mente.

— Ela realmente contou isso para você?

— *Contou* — ele manteve os olhos bem à frente, mas vi suas mãos estrangularem o volante. — Não. Ela escreveu aos pedaços. Eu não a escutei dizer uma única palavra desde...

— Desde a fuga? — terminei. Senti um alívio a despeito de tudo o que eu sabia. — É uma escolha então, não algo que fizeram com ela.

— Não, teve tudo a ver com o que fizeram, e não é uma escolha — Liam disse. — Acho que talvez o sentimento mais frustrante do mundo é ter algo a dizer, mas não saber como colocá-lo em palavras. Ter vivido algo, mas não ser capaz de tirar de dentro de você antes que apodreça. Quer dizer, você está certa, ela *pode* falar, e talvez um dia ela fale. Depois de tudo o que a fiz passar, depois do que aconteceu... eu não sei mais.

Era *mesmo* o sentimento mais frustrante do mundo, ultrapassado apenas pela impotência que vinha com o fato de estar presa num acampamento, com todas as decisões já tomadas por você. Depois do que acontecera com Sam, eu não disse uma palavra por quase um ano inteiro; não havia como verbalizar aquele tipo de dor.

O rádio perdeu o sinal da estação, trocando para um canal em espanhol, depois para outro com música clássica, antes de, enfim, parar na voz seca e anasalada de um homem lendo as notícias.

— ... *para lhe informar que relatórios iniciais indicam que quatro diferentes explosões dispararam essa manhã no metrô de Manhattan...*

O dedo de Liam disparou para trocar de canal, mas eu mudei de volta.

— ... *embora a confirmação tenha demorado para sair da cidade, acreditamos que essas explosões não foram de natureza nuclear ou biológica e*

concentraram-se em torno do centro da cidade, onde diziam que o presidente Gray estaria escondido após o mais recente atentado contra sua vida.

— Liga, Costa Ocidental, ou falsa? — a voz sonolenta de Bolota flutuou por trás de nós.

— *Nossas fontes indicam que o presidente Gray e seu gabinete acreditam que esse é um trabalho da Coalizão Federal.*

— Coalizão Federal? — repeti.

— Costa Ocidental — os rapazes responderam juntos. Bolota elaborou. — Com base fora de Los Angeles. Eles são a seção do governo que sobreviveu aos bombardeios em Washington D.C. e não pirou a respeito da ideia de Gray desconsiderar todo aquele limite de dois anos que haviam definido. Eles são, em grande parte, marionetes, desde que o exército tomou partido de Gray, é claro.

— Por que Gray está em Nova Yorke não em Washington? — perguntei.

— Eles ainda estão reconstruindo o Capitólio e a Casa Branca, só que não está dando muito certo, já que, você sabe, eles estão inadimplentes — Liam disse. — Ele espalhou o governo entre a Virgínia e Nova York para a *proteção* deles. Para garantir que nenhum dos grupos Psi fugitivos, ou a Liga, tivessem nenhuma ideia de acabar com eles de uma só vez.

— Então, a Coalizão Federal... eles são contra os acampamentos? O programa de reforma?

Bolota soltou um leve suspiro.

— Odeio decepcioná-la, Verde, mas algo que você vai aprender bem rápido é que não somos bem uma prioridade para *ninguém* agora. Todos estão mais concentrados no fato de que o país está quebrado como uma piada.

— De *quem* nós gostamos, então? — pressionei.

— Gostamos de nós — Liam disse depois de um tempo. — E é isso.

Havia, aparentemente, apenas duas cadeias de restaurantes que sobraram no estado da Virgínia, ou ao menos em sua parte ocidental: *Cracker Barrel* e *Waffle House* — e uma não abria antes das nove horas da manhã.

— Graças a Deus! — Liam disse numa voz solene ao estacionar a uma curta distância da *Waffle House*. — Não sei como poderíamos escolher entre esses dois ótimos estabelecimentos culinários.

Ele havia se encarregado de comprar quanta comida fosse possível com vinte paus, e recusou a minha ajuda quando perguntei se queria que eu fosse com ele.

Zu ergueu um pequeno caderno, acenando-o para obter a sua atenção enquanto ele saía.

— Já acabou?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Por que você não deixa Bolota verificar suas respostas? Não, não faça

essa cara. Ele é melhor em matemática do que eu, de qualquer forma.

— Pode crer que sou — Bolota disse, sem desviar o olhar de seu livro.

Zu abriu o frágil caderno numa página em branco e escreveu algo. Quando ela o ergueu para que ele visse, Liam abriu um amplo sorriso.

— Uau, uau — *divisão longa*? Acho que você está dando um passo maior que a perna, madame. Você ainda não dominou a multiplicação de dois dígitos.

Eu o observei pular da minivan, com uma chama de aborrecimento subindo pela minha coluna. Tudo isso seria muito mais fácil se ele não fosse o único de nós que parecia velho o bastante para passar por um menino de vinte anos de idade — ao menos eu me sentiria melhor sabendo que um de nós poderia estar lá fora dando cobertura para ele. Liam deve ter sentido meu olhar queimando a parte de trás de seu casaco, pois ele parou e virou-se para acenar antes de desaparecer pela esquina.

— Você tem mesmo que parar de encorajá-lo — Bolota dizia para Zu. Eu olhei para trás, observando enquanto ele usava a extremidade sem ponta de um lápis para seguir as linhas de números da página. — Ele precisa aceitar a realidade em algum momento.

O rosto de Zu enrugou-se girando como se um pedaço de caramelo duro de limão estivesse preso em sua língua. Ela deu-lhe um soco no ombro.

— Sinto muito — ele disse, mas é claro que não sentia. — É só uma perda de tempo e energia ensinar essas coisas a você, quando você nunca terá a chance de usá-las.

— Você não sabe — eu disse. Lançando a Zu um sorriso reconfortante, adicionei. — Você estará à frente de todos os outros da sua idade quando as coisas voltarem ao normal.

Quando eu começara a acreditar em “normal” afinal? Tudo o que eu passara até aquele momento só podia ser usado como suporte para o argumento de Bolota. Ele estava certo, mesmo se eu não quisesse admitir.

— Você sabe o que eu estaria fazendo se as coisas estivessem *normais*? — Bolota disse. — Eu estaria escolhendo para qual faculdade eu iria no fim desse outono. Eu teria feito o vestibular, ido a jogos de futebol e ao baile, feito aulas de química...

A voz dele desapareceu, mas eu captei as extremidades esfiapadas de seu pensamento mesmo assim — como eu poderia não fazê-lo? Essas eram as mesmas coisas sobre as quais eu pensava quando eu me deixava chegar àquele lugar escuro do *deveria-ser e poderia-ter-sido*. Minha mãe, uma vez, disse que a educação era um privilégio do qual nem todos podiam dispor, mas ela estava errada — não era um privilégio. Era nosso direito. Tínhamos o direito de ter um futuro.

Zu sentiu a mudança do clima. Ela olhou entre nós, com os lábios movendo-se em silêncio. Precisávamos mudar de assunto.

— Pffff — eu disse, cruzando os braços sobre o peito e recostando no banco. — Como se você fosse mesmo a um jogo de futebol.

— Ei, isso magoou! — Bolota entregou o caderno a Zu. — Toma, você precisa trabalhar nos nove — quando se voltou para mim, foi com um olhar de desaprovação. — Não acredito que você, entre todas as pessoas, acredita nos sonhos encantados dele.

— O que isso quer dizer?

— Você esteve em Thurmond por quanto tempo, cinco anos?

— Seis — corrigi. — E você não está entendendo o ponto. Não é que eu acredite no que Lee está dizendo; é que eu espero que ele esteja certo. Eu espero, mesmo, mesmo, que ele esteja certo, senão qual é a alternativa? Vamos ter que ficar escondidos até a geração deles morrer? Fugir para o Canadá?

— Boa sorte com isso — Bolota disse. — Tanto o Canadá como o México construíram muros para protegê-los lá dentro e nos manter longe.

— Por que pensaram que a NAIA era uma doença contagiosa?

— Não, porque nos odiavam o tempo todo e só estavam esperando a desculpa correta para manter nossas pochetes e bundas gordas bem longe dos países deles, para sempre.

Liam escolheu o momento exato para reaparecer, com quatro recipientes de isopor equilibrados em suas mãos. Ele estava andando rápido, quase correndo. Inclinei-me para a frente e abri a porta para ele, que quase jogou os recipientes no meu colo.

— Ah, Deus, o que houve agora? — Bolota gritou.

— Opa... — tentei impedir que a comida quente derramasse pelas minhas pernas e pelo assento. O motor de Betty começou com um rosnado e, de repente, estávamos disparando para trás. Com o lençol bloqueando a janela traseira, Liam teve que usar o espelho lateral para nos conduzir pela estrada, até o pequeno beco dos fundos que dividia a *Waffle House* de uma loja abandonada de consignação de joias. Prendi um cotovelo contra a porta enquanto ele dirigia a velha minivan, passando pelos latões de lixo até o estacionamento de funcionários abarrotado, enfiado num beco sem saída na esquina. A minivan guinou na parada, jogando nós quatro para a frente.

— Nós... vamos ficar aqui um pouco — ele anunciou para nossos rostos aterrorizados. — Ninguém entre em pânico, mas acho que vi... quer dizer, estaremos mais seguros aqui por um instante.

— Você a viu. — Não era uma pergunta; Bolota já sabia a resposta antes de perguntar. — A Dona Jane.

Liam esfregou a nuca ao inclinar-se para a frente. Ele deixara o nariz da minivan para fora o suficiente para que conseguíssemos espiar pela parede da *Waffle House* e ver até o fim do beco.

— É. Tenho bastante certeza.

Como foi possível ela nos alcançar?

— Que *inferno* — Bolota chiou. — Tem *bastante* certeza ou *definitivamente* tem certeza?

Após um instante, Liam respondeu:

— Definitivamente, tenho certeza. Ela tem um novo meio de transporte — um caminhão branco —, mas eu reconheceria aquele rosto convencido em qualquer lugar.

— Ela te viu? — perguntei.

— Não sei — ele disse. — É provável que não, ou ela e seja lá quem for o seu novo brinquedinho já teriam tentado me atropelar. Eles passaram por nós enquanto eu ia embora.

Estiquei o pescoço para a frente, tentando ver longe o bastante, depois da parede do restaurante até a abertura do beco. Como se recebesse uma deixa, um caminhão branco cintilante passou por nós, com duas figuras sombrias nos bancos da frente. Liam e eu grudamos nos nossos encostos exatamente no mesmo momento, olhando um para o outro, alarmados. Acho que nenhum de nós respirou uma única vez, até termos certeza de que ninguém vinha pelo beco para investigar.

Ele pigarreou.

— Ahn... que tal passar a comida? Só vou checar.

— Liam Michael Stewart — a voz de Bolota trovejou do banco de trás —, se você colocar um pé para fora dessa minivan, eu vou mandar a Verde te atropelar com ela.

— Não pense que não o farei — avisei, sabendo exatamente o que Liam planejava: sair e arriscar o pescoço, caminhando pelo beco para garantir que a barra estava limpa. Quando dei a ele o recipiente de isopor, ele desmoronou para trás em seu banco, aceitando a derrota.

Liam pedira para cada um de nós uma refeição simples de ovos mexidos, bacon e duas panquecas sem melado. Os outros caíram de boca na comida com gosto, engolindo a refeição em cinco colheradas. Dei minhas panquecas para Zu, antes que Liam tivesse a chance de fazê-lo.

Depois de algum tipo de calma se acomodar sobre nós, ele puxou o mapa e o espalhou sobre o volante. O relógio do painel ao lado marcava 7h25 da manhã e, quando ele virou o rosto para nós, foi com uma expressão de determinação que eu nunca vira alguém usar tão cedo na manhã.

— Ok time — ele começou. — Precisamos voltar para o caminho certo. Sei que nosso último East River foi um fracasso total, mas temos que continuar procurando. Então, vamos revisar os fatos que estes Azuis nos deram: Eddo.

Foi só após um instante total de silêncio que percebi que esta era a extensão dos “fatos”.

— Deveríamos ter tentado suborná-los por mais informações — Bolota

disse.

— Com o *quê*? — Liam disse, colocando o mapa para baixo. — Eles não te levariam Bolota, e olha que você é o nosso bem mais precioso.

Bolota, já era de se esperar, não achou aquilo engraçado.

— Eles soletraram Eddo para você? Era com um *d* ou dois? — perguntei. — Porque, se for uma pista de verdade, a forma como está escrita é provavelmente tão importante quanto as próprias palavras.

Os dois garotos dividiram um olhar.

— Bem... merda — Liam disse, enfim.

Senti um puxão afiado no meu braço e virei-me para Zu, que estava segurando seu caderno para vermos. Ela escreveu as letras E-D-O.

— Bom trabalho, Zu — Liam disse. — Que bom que um de nós estava escutando.

— E foi isso? — eu disse.

— A única outra coisa que eles tossiram foi que se chegarmos em Raleigh, é porque fomos muito para o sul. E tivemos que implorar até mesmo por *isso* — Liam confessou. — Foi bem patético.

— Eles podiam estar trapaceando também — Bolota disse. — É isso o que mais me irrita. Se o East River é tão legal, por que eles estavam indo embora?

— Eles estavam indo para casa, lembra — o Fugitivo...

Enquanto eles estavam discutindo, tomei o mapa das mãos de Liam e olhei para ele com os olhos apertados, tentando encontrar sentido nas linhas. Ele me dera uma vaga noção de como direcionar um caminho do ponto A para o B, mas ainda assim era muito difícil.

— O que vocês estão pensando? — perguntei. — Em que teoria estão trabalhando?

— Encontramos com os garotos bem perto da linha estadual de Ohio — Liam disse. — Eles estavam vindo do leste, em direção ao oeste. Se você adicionar isso à outra parte sobre D.C. e Raleigh, os candidatos prováveis são West Virginia, Virgínia ou Maryland. Zu disse que Edo é outro nome para Tóquio, mas parece meio improvável que seja lá.

— E *eu* acho que é um código — Bolota disse. — Algum tipo de criptograma — ele sentou-se mais reto, virando-se para me encarar por completo. A forma como o sorriso se espalhou pelo seu rosto me fez pensar num documentário de natureza que uma vez assistimos na escola, sobre a forma como os crocodilos mostram os dentes enquanto passam os olhos pela água na direção da sua presa. — Falando em códigos, você não disse que a Liga te resgatou porque você era uma das melhores decifradoras de códigos do mundo?

Droga!

— Eu não disse *melhor do mundo*...

— Ah, sim! — o rosto de Liam iluminou-se com a expressão mais dolorosa

de empolgação. — Você pode fazer uma tentativa?

Droga dupla.

— Eu... ahn... acho que sim — disse, com cuidado para manter meu rosto neutro. — Zu, posso ver o caderno de novo?

Eles todos estavam me encarando; podiam estar sentados no meu peito, de tão paralisante que isso era. Estava quase congelando na van sem o aquecimento ligado, mas meu corpo parecia pesado com o pânico quente e pegajoso. Eu estava me segurando aquele *notebook* como se fosse uma oração dos céus.

Eu sabia que havia crianças por aí que podiam conectar algumas dúzias de letras ao cérebro delas e cuspir coordenadas complexas ou visualizar de imediato uma charada escondida num quebra-cabeças, mas eu com certeza não era uma delas.

Bolota rosnou.

— Parece que a Liga escolheu um limão.

— Ei — Liam disse, com o tom agudo. — Nós remoemos a maldita coisa por duas semanas e descobrimos exatamente nada. Você não pode, pelo menos, dar a ela uma hora para pensar sobre isso?

Será que eu poderia substituir as letras EDO por números? 5-4-15? Deus, quais outros tipos de códigos existiam? Um código rodoviário? Não, isso não estava certo. Ou não era um código? Isso faria muito mais sentido, na verdade. A charada tinha que ser algo que as crianças, tanto dentro como fora dos acampamentos, pudessem descobrir, e não poderia ser *muito* difícil, caso contrário ninguém nunca descobriria.

Minta, pensei, estendendo as mãos para tirar um pedaço solto de cabelo do rosto. *Só minta. Faça isso. Diga alguma coisa!* O que números de três dígitos costumavam representar? Um preço, um horário, um código de área.

— Ah! — se eu estivesse certa, *Ah meu Deus* seria o mais correto.

— Ah? — Liam repetiu. — Ah o quê?

— Eu tinha me esquecido, bem — eu me corrigi — posso estar lembrando errado, então não se empolguem muito, mas acho que é um código de área da Virgínia.

— Não existe código de área com quatro dígitos — Bolota disse. — Cinco-quatro-quinze não funciona.

— Mas cinco-quatro-zero *funciona* — eu disse. — As pessoas substituem o O por zero quando falam às vezes, certo?

Liam coçou a nuca e olhou para Bolota.

— Cinco quarenta? Isso te soa familiar?

Virei-me na direção de Bolota, de repente, vendo-o sob nova perspectiva. — Você é da Virgínia?

Ele cruzou os braços e olhou para fora da janela.

— Eu sou da Virgínia *do Norte*.

Bem, já era de se esperar.

— Cinco quarenta é West Virgínia — expliquei para Liam. — Não tenho certeza até quanto ela se estende ao norte e ao sul, mas deve ser em torno dessa área, eu acho — mostrei-lhe no mapa. Eu não *pensei*, apenas, eu sabia. Quinhentos e quarenta fora meu código de área quando vivi com meus pais em Salem. — Existem várias cidades e povoados, mas também há muitas terras não cultivadas, não é um mau lugar para se esconder.

— É verdade? — Liam continuava com os olhos na estrada e a voz estável, mas havia algo talvez muito casual a respeito dela. — Você cresceu perto dali?

Olhei para o caderno em minhas mãos de novo, sentindo um aperto em meu peito.

— Não, não cresci.

— Virgínia Beach, então?

Balancei a cabeça.

— Nenhum lugar onde você já esteve ou do qual ouviu falar.

Ouvi a língua de Bolota estalar conforme ele abria a boca para dizer algo, mas houve uma tosse distinta do banco do motorista. O tópico foi esquecido e ninguém estava disposto a tentar retomá-lo, muito menos eu.

— Bom, é uma pista tão boa quanto qualquer outra, embora eu desejasse que a área fosse um pouco menor — ele olhou em minha direção. — Obrigado, Ruby Tuesday [\[4\]](#).

Um calor não desagradável avançou no meu estômago.

— Não há de quê — *e se eu estiver errada...* Deixei o pensamento se esvaecer. *Era* uma boa pista.

Com um último olhar para o beco, para garantir que a barra estava limpa, Liam dobrou novamente o mapa e o jogou de volta no porta-luvas aberto. Betty voltou à vida com um grunhido baixo.

— Para onde estamos indo? — Bolota perguntou.

— É um lugar que eu conheço — Liam encolheu um dos ombros. — Um lugar onde fiquei antes. O caminho não deve demorar muito, talvez duas horas. Se eu me perder, porém, um de vocês, nascidos na Virgínia, vai ter que entrar na jogada e me ajudar.

Fazia muito tempo que alguém não me rotulava assim, como uma pessoa com lar. Era verdade, eu nascera aqui, mas Thurmond fora meu lar por quase tanto tempo quanto não havia sido. Paredes cinzentas e pisos de concreto apagaram quase toda lembrança da casa dos meus pais, retirando primeiro os pequenos detalhes — o cheiro dos biscoitos de mel da mamãe, a ordem das fotos revestindo a parede da escadaria — antes de devorar as maiores, também.

Eu costumava imaginar, à noite, quando estava quieto o bastante na cabana para pensar, quando eu me permitia desejar um *lar*. Se o *lar* do meu coração devia ser o local onde eu nasci ou se era o local que estava me criando. Se eu

podia escolher, ou se, de alguma forma, eu já tinha sido escolhida.

A verdade era que, quando olhei meu reflexo na janela, não pude ver nem um pouco da Ruby que vivera numa casinha branca no final de uma rua, com mel grudado nos dedos e cabelo com tranças. E isso fez com que me sentisse vazia de certa forma, como se eu tivesse esquecido a letra da minha música favorita. Aquela garotinha se fora para sempre, e tudo o que restara era um produto do lugar que a ensinou ter medo das coisas brilhantes que existiam dentro de seu coração.

Passamos por saídas após saídas para Harrisonburg e pelos retornos para a Universidade James Madison. Dirigir por uma rodovia importante com nada mais do que um desejo de que ninguém nos parasse não era bem a minha ideia de diversão, mas, por enquanto, o risco parecia valer a pena — ao menos pela visão.

Eu adorava o Vale Shenandoah, cada centímetro de sua deslumbrante vastidão. Quando eu era pequena, meus pais costumavam me buscar na escola mais cedo para um fim de semana prolongado de trilhas ou acampamento. Eu nunca levava livros ou videogames para o caminho — não precisava deles. Eu só olhava pela janela e absorvia tudo.

Sabe, como nos filmes, aqueles que acontecem em tempos passados, quando a cena congela no herói ou heroína olhando para a floresta, ou para o rio, e o sol bate nas folhas na inclinação correta e a música começa a aumentar? Era bem isso o que eu sentia quando entrava no Vale Shenandoah.

Eu não percebera até aquele momento, quando o primeiro vislumbre da névoa azul cercava as montanhas, que *estávamos* mesmo na Virgínia Ocidental. Que, se ficássemos na rodovia, estaríamos a duas horas de distância de meus pais em Salem. Duas horas.

Eu não sabia como me sentir em relação a esse fato.

— Putz — Liam rosnou, apontando na direção da placa temporária à frente: 81 FECHADA ENTRE HARRISONBURG E STAUNTON. USE ESTRADAS LOCAIS.

Às nove horas da manhã, enfim, estávamos dentro de Harrisonburg o bastante para encontrarmos seu pulso de vida. Aqui e ali, víamos restaurantes abrindo suas portas para a luz da manhã. Passamos por alguns idosos pedalando suas bicicletas, equilibrando-se precariamente em duas rodas com suas malas ou pastas, com a cabeça pendurada na direção da calçada. Eles sequer olharam para cima quando passamos.

Sem estudantes da JMU, no entanto. Nenhum que eu tivesse conseguido ver.

Bolota suspirou ao vê-los, recostando a testa de novo na janela.

— Tudo bem, amigo? — Liam perguntou. — Precisa parar e sentir o academicismo?

— De que adianta? — Bolota balançou a cabeça. — Está fechada como todas as outras.

Revirei-me no banco.

— Por quê?

— Falta de alunos, em grande parte. Se você tem idade suficiente para ir à faculdade, tem idade suficiente para ser convocado. Mesmo se não fosse o caso, duvido que as pessoas ainda possam pagar por esse tipo de despesa.

— Jesus, isso é deprimente — eu disse.

— A oferta ainda está de pé — Liam disse ao amigo. — Você sabe que ficarei feliz em invadir uma sala de aula para você, se você precisar se sentar numa daquelas carteiras apertadas e olhar para um quadro branco por um tempo. Eu sei o quanto você gosta do cheiro de marcadores secos.

— E agradeço por isso — Bolota disse, unindo as mãos sobre o colo —, mas não é necessário.

Passamos pelo que devia ter sido uma cerca preta de ferro forjado, mas era quase impossível vê-la, tão escondida que estava debaixo do que parecia ser um cobertor esfarrapado de retalhos. Só quando chegamos mais perto que eu percebi para o que estávamos, de fato, olhando: centenas, talvez milhares de folhas de papel que foram amarradas e coladas com fita adesiva na cerca ou presas entre as finas barras.

Liam diminuiu a velocidade do carro, puxando os óculos de sol para baixo, a fim de olhar para elas.

— O que elas dizem? — Bolota perguntou. — Não consigo...

Zu só colocou a cabeça para baixo de novo e fechou os olhos.

Eram pôsteres de “desaparecidos” com os rostos de criancinhas e adolescentes, fotografias, placas cujas palavras haviam sido borradas pela chuva — o maior deles era um cartaz que dizia nada mais do que MATEUS 19:14. Estava pendurado torto, como se tivessem tentado arrancá-lo, só para que alguém viesse e, com má vontade, o pendurasse de volta. A parede de papel desbotado levou uma surra enquanto o vento soprou pelas cercas, arrancando algumas das folhas mais decrépitas e fazendo outras flutuarem como asas de beija-flores. E, onde havia espaço, vimos animais de pelúcia, flores, cobertores e fitas.

Não, não estão desaparecidos, pensei. Essas crianças foram levadas, ou tinham sumido mesmo, para sempre. Se seus pais e familiares estavam procurando por elas, pendurando suas fotos, era porque as queriam de volta. Precisavam delas.

— Deus! — a voz de Liam parecia irritada. — Onde disseram que podíamos pegar a 81 de novo?

As árvores cinzentas que ladeavam a solitária estrada dos fundos de uma pista estavam ganhando sua adorável pele jovem, mas, sob a luz vespertina, suas sombras não podiam ser maiores.



CATORZE

CAÍ NO SONO EM ALGUM LUGAR ENTRE STAUNTON e Lexington, e acordei bem a tempo de ter uma visão perfeita do branco armazém altaneiro que era Roanoke, o antigo Walmart da Virgínia.

É claro, o cartaz azul ainda se agarrava com desespero à lateral do prédio, mas isso era quase a única coisa reconhecível sobre o supermercado. Diversos carrinhos perdidos vagavam pelo estacionamento, sem direção, andando para esse ou aquele caminho, dependendo do humor de cada rajada de vento. Exceto por alguns carros abandonados e caçambas de lixo verdes, o enorme estacionamento coberto de preto estava vazio. Contra o colorido de tangerina do sol da tarde, parecia que o apocalipse já tinha chegado a Virgínia.

E nós estávamos apenas a um passo de Salem. Um caminho de dez minutos. Meu estômago fisgava só de pensar.

Mais uma vez, Liam insistiu em ir sozinho para verificar. Senti a luva de borracha de Zu em meu braço e não precisei olhar para o rosto dela para saber qual tipo de expressão encontraria ali. Ela não queria que ele entrasse sozinho no que parecia, juro por Deus, uma espelunca, assim como eu também não queria.

É por isso que você ficou, lembrei-me. Para cuidar deles. E, naquele momento, a pessoa que mais precisava era a que estava indo embora.

Pulei para fora da Betty, com a mão agarrando a maçaneta.

— Buzine três vezes caso tenha problema — eu disse, e fechei a porta. Liam deve ter ouvido, porque esperou por mim, recostando-se contra uma das coqueiras enferrujadas de carrinhos de compras.

— Existe uma forma de convencê-la a voltar para Betty?

— Não — eu disse. — Vamos.

Ele começou a andar atrás de mim, com os punhos enfiados nos bolsos. Eu não pude ver seus olhos, mas a forma como ele estava caminhando preguiçosamente na direção das portas demolidas já dizia o bastante.

— Você me perguntou antes como eu sabia a respeito desse lugar... — ele disse, quando estávamos quase na entrada.

— Não. Não, está tudo bem. Eu sei, não é da minha conta.

— Verde — Liam disse —, tudo bem. Eu só não sei por onde começar. Você sabe que Bolota e eu estávamos escondidos? Bem, não foi muito prazeroso para nenhum de nós. Ele, ao menos, conseguiu ficar na cabana de seus avós na Pensilvânia.

— Ah, mas você teve o prazer de se esconder nesse ótimo estabelecimento norte-americano.

— Entre outros lugares — Liam disse. — Eu... não gosto de falar sobre este período na frente de Zu. Não quero que ela pense que é assim que vai ser a vida dela.

— Mas você não pode mentir para ela — eu disse. — Eu sei que você não quer assustá-la, mas não pode fingir que a vida dela não será difícil. Não é justo.

— Não é justo? — ele respirou fundo, fechando os olhos. Quando falou de novo, sua voz tinha retornado ao tom suave de costume. — Deixa para lá, esquece.

— Ei — eu disse, pegando o braço dele. — Eu entendo, ok? Estou do seu lado. Mas você não pode agir como se fosse ser fácil. Não faça isso com ela, não a coloque para cima, para ser esmagada. Eu estava no acampamento com milhares de crianças que cresceram pensando que a mamãe e o papai estariam sempre ao lado deles, e eles — *nós* — saímos todos de lá seriamente danificados.

— Ei, ei — Liam disse, sem nenhum vestígio de raiva. — Você não está danificada.

Eu poderia protestar contra isso até ficar com o rosto azul.

Quem quer que tenha desprendido dos trilhos as portas de correr de vidro do Walmart não fez um bom trabalho. Cacos de vidro revestiam o chão de cimento, explodidos a dezenas de metros dos batentes de metal preto. Pisamos sobre eles e suas formas esfaclalhadas, entrando naquele pequeno e estranho espaço onde deveria estar o recepcionista.

Ao meu lado, o pé de Liam escorregou na poeira solta acumulada no chão. Lancei um braço para segurá-lo, enquanto ele grunhia em surpresa. Mesmo com minha ajuda para endireitar-se, os olhos dele continuaram fixos no chão, onde dezenas de pedadas se esvaeciam na poeira.

Cada tamanho e formato, desde o padrão pontilhado da bota de trilhas de um homem até as curvas decorativas deixadas para trás pelo tênis de uma criança, todos estavam estampados ali, como biscoitos cortados numa massa fresca.

— Elas podem ser antigas — sussurrei.

Liam concordou, mas não saiu do meu lado. Eu não enganara nenhum de nós.

A eletricidade da loja fora desligada e, claramente, ela estava ao acaso há muito tempo. Houve apenas um segundo entre a primeira vez que escutamos um ruído agudo vindo das prateleiras próximas e o momento em que Liam pulou à minha frente.

— É... — eu comecei, mas ele me silenciou com o balançar de sua cabeça. Observamos as prateleiras, esperando.

E quando o cervo, uma coisa doce e deslumbrante com pelagem sedosa, cor de caramelo, e grandes olhos pretos, veio saltitando de trás das prateleiras de revistas derrubadas, eu e Liam nos entreolhamos, caindo num riso trêmulo.

Liam pressionou os lábios com os dedos e fez menção para que eu fosse em frente, com os olhos analisando a frota escura de caixas registradoras idênticas à nossa frente. Alguém colocara os carrinhos da loja nos corredores, como se quisesse criar um tipo de barreira fortificada contra visitantes indesejados. Com cuidado, sem perturbar a pilha de cestas plásticas, subimos na esteira da caixa registradora seguinte. Em pé sobre ela, pude ver onde mais prateleiras haviam sido alinhadas na frente da outra saída. Era como se algo enorme tivesse vindo de encontro a ela, em algum momento, irrompendo contra a barricada provisória.

Quem fez isso?

Acho que existe alguma parte, em todo mundo, Psi ou não, que está ligada às lembranças de um lugar. Sentimentos fortes, em especial o terror e o desespero, deixam marcas no ar que ecoam de volta para quem quer que seja infeliz o suficiente para entrar naquele lugar novamente. Parecia que a escuridão estava passando por baixo do meu queixo com um dedo chamativo, sussurrando para que eu me inclinasse e conhecesse seus segredos.

Algo terrível acontecera ali, pensei, sentindo um suor frio escorrer pela coluna. O vento sussurrou pelas portas quebradas, tocando para nós o tipo de música chiada que fazia o cabelo da minha nuca arrepiar.

Eu queria ir embora. Esse lugar não era seguro. Não era um lugar para onde trazer Zu ou Bolota. Então, Liam ainda estava seguindo em frente? Acima, as luzes de emergência acendiam e apagavam, zunindo como caixas de moscas aprisionadas. Tudo abaixo delas estava coberto por uma luz verde nauseante, e, conforme ele se movia mais e mais à frente pelo primeiro corredor, parecia que a escuridão que aguardava ao final iria engoli-lo por inteiro.

Corri para a frente, no mar de prateleiras de metal vazias, metade das quais estava tombada de costas ou apoiada contra as outras em fileiras inclinadas, com suas prateleiras atadas a algum peso invisível. Meus tênis guinchavam enquanto eu caminhava pelo oceano de loções, enxaguantes bucais e esmaltes de unha no chão. Coisas que pareciam necessárias no passado, tão vitais, desperdiçadas e esquecidas.

Quando o alcancei de novo, meus dedos fecharam-se contra o couro suave

e solto da manga de sua jaqueta. Ao mínimo puxão, Liam virou-se, com seus olhos azuis acesos em surpresa. Dei um passo para trás e soltei a mão, levando-a ao meu lado, chocada comigo mesma. Parecia natural fazer isso — eu não estava pensando, apenas sentindo uma necessidade muito aguda e real de estar perto dele.

— Acho que devemos ir embora — sussurrei. — Alguma coisa nesse lugar não parece certa. E não tinha nada a ver com o estranho choro do vento nem com os pássaros bem lá no alto das vigas da velha loja.

— Estamos bem — ele disse. Ele estava de costas para mim, mas tirou a mão do bolso, que vagou para trás, na minha direção, flutuando na escuridão. Eu não sabia se ele queria fazer menção para que eu seguisse na frente ou para que eu a pegasse, mas eu não consegui fazer nenhuma das duas coisas.

Caminhamos, lado a lado, na direção do canto traseiro direito da loja; parecia que essa seção, com todas as suas ferramentas e lâmpadas, fora deixada em paz, ou ao menos não parecera tão útil para as pessoas que haviam saqueado as outras prateleiras até os ossos.

Eu vi para onde estávamos indo de imediato. Alguém montara seu próprio acampamento, usando botes azul-piscina como colchões. Algumas caixas vazias de biscoitos e bolinhos Hostess estavam empilhadas no topo de uma geladeira e, em cima disso, havia um pequeno rádio sem fio e lanternas.

— Uau, não acredito que ainda está aqui — Liam estava um pé atrás de mim, com os braços cruzados no peito. Segui seu olhar até as dezenas de entradas no piso branco rachado. Elas foram o bastante para me distrair do bordado de velhas manchas de sangue no chão, abaixo dos pés dele.

Meus lábios abriram-se.

— Isso é velho — Liam disse, depressa, como se aquilo fosse me fazer se sentir melhor.

Liam estendeu uma mão, forçando um sorriso. Soltei a respiração que estava prendendo e estendi a mão para apanhá-la.

Quase no exato momento em que nossas mãos se tocaram, eu o vi. A luz de emergência acima daquela seção da parede traseira voltou à vida por completo, como um holofote, iluminando o enorme Ψ preto pintado ali, junto com uma mensagem muito clara: VÁ EMBORA AGORA.

As letras grossas e desiguais pareciam estar chorando. A luz crepitou e foi embora com um alto estrondo, mas ainda assim atirei-me para a frente, fora da pegada de Liam, direto até a mensagem pintada em *spray*. Porque aquele cheiro... a forma como as palavras escorriam... Pressionei os dedos contra o símbolo Psi e eles voltaram pegajosos. Pretos.

Tinta fresca.

Liam mal me alcançara quando senti a estranha sensação de queimação, bem no meu peito. Olhei para baixo, esperando ver uma faísca inflamando à

frente do ridículo vestido de Zu e, então, eu estava caindo, e Liam estava tombando sobre mim, como se fôssemos nada mais do que duas margaridas saindo pelas rachaduras no piso.

O ombro de Liam golpeou o meu peito, nocauteando o ar para fora dos meus pulmões. Tentei erguer a cabeça para ver exatamente o que acontecera, mas havia esse peso — uma sólida e invisível prancha de pedra — mantendo-me de costas, e Liam bem contra mim.

O chão estava gelado nas minhas costas, mas todo o meu foco estava na pressão sólida do ombro dele contra minha bochecha. Nossas mãos estavam presas entre nós, e, por um instante, tive a desconfortável sensação de não saber onde um de nós começava e o outro terminava. Ele engoliu com força, o pulsar de sua garganta perto o bastante para que eu o escutasse.

Liam moveu-se para erguer a cabeça, distendendo os músculos que revestiam a forte coluna de sua espinha.

— Ei! — ele gritou. — Quem está aí?

A única resposta foi outro empurrão das mãos invisíveis. De repente, estávamos contra o chão, a jaqueta de couro de Liam guinchando contra o solo empoeirado enquanto deslizávamos. Observei as luzes de emergência atrás da cabeça de Liam acenderem com velocidade vertiginosa, unindo-se como um feixe único. Risadas perturbadoras nos seguiram pelos corredores, parecendo vir de baixo de nós, acima, de ambos os lados. Pensei ter visto uma forma escura mover-se pelo canto do meu olho, mas parecia mais um monstro do que uma pessoa. Passamos por fitas de cortinas de chuveiro rasgadas, pela loção corporal, pelo alvejante, até a linha de caixas registradoras em frente da loja.

— Pare com isso! — Liam gritou. — Nós somos...

Há alguns sons que você escuta uma vez e não esquece nunca. Um osso quebrando. A música de um caminhão de sorvete. Velcro. A trava de segurança de uma arma sendo destravada.

Não, pensei, não agora, não aqui!

Deslizamos até uma parada nos corredores de saída, o impacto com o metal abalando todos os sentidos do meu corpo. Houve um único momento de agonizante silêncio antes das luzes da loja, outrora morta, explodirem em brilho. E, então, a caixa registradora acendeu-se, com a esteira gaguejando e ganhando vida — primeiro um corredor, depois o outro, e o outro. Cada um deles, entrando em formação, como soldados. As placas numeradas acima piscavam entre amarelo e azul, como dezenas de sinais de aviso, mais depressa do que meus olhos conseguiam acompanhar.

Primeiro, pensei que fosse o Ruído Branco; de uma só vez, os alarmes de segurança do prédio, o sistema de interfone e *displays* de televisão dispararam, centenas de vozes diferentes gritando para nós. Bloco após bloco das luzes do teto se acenderam, com a eletricidade vazando através deles após anos de existência

como nada além de veias ocas e empoeiradas.

Liam e eu viramos e vimos Zu, com sua mão direita nua, esticada contra uma esteira de saída. Bolota estava ao lado dela, com o rosto cinzento.

Após apenas alguns segundos da explosão de energia de Zu, as luzes nas caixas registradoras começaram a estalar como fogos de artifício, soltando feixes de faíscas branco-azuladas e vidro no chão.

Ela só queria que isso fosse uma distração, eu acho, um clarão e uma explosão para desviar a atenção de nossos agressores, durante tempo suficiente para uma fuga. Do canto do olho, pude vê-la acenando para nós em sua direção, mas a máquina sob a outra mão de Zu havia aquecido num aterrorizante brilho derretido. Senti o aperto invisível sobre mim afrouxar-se de repente, mas o medo me manteve inerte como os mortos. Ela não estava soltando. Liam e eu devíamos ter tido o mesmo pensamento — o mesmo medo causticante —, pois nos erguemos sobre os pés, gritando para que ela parasse.

— Desligue-a! — alguém conseguiu gritar por sobre os alarmes.

— Zu, solte! — Liam ficou em pé e tropeçou sobre latas de protetor solar e inseticida de uma vitrina próxima. Eu o vi erguer os braços, pronto para arrancar Zu com suas habilidades, mas Bolota foi mais rápido. Ele arrancou a luva da outra mão de Zu e a colocou na dele, e, em seguida, arrancou de uma vez o braço dela para longe do metal.

As luzes apagaram-se. Pouco antes de as lâmpadas ao alto explodirem, eu vi o rosto de Zu ao sair do transe no qual estivera presa. Seus grandes olhos estavam com as bordas vermelhas, seu curto cabelo preto arrepiado, pintas destacadas na pele robusta de seu rosto oval. A escuridão repentina deu a Liam a oportunidade de derrubar ambos, Zu e Bolota, no chão.

E, então, por algum pequeno milagre, as luzes de emergência piscaram de novo.

O primeiro sinal de movimento não veio de nós. Eu via nossos agressores com clareza agora, subindo pelo amontoado de destroços de prateleiras brancas. Quatro deles, todos vestidos em camadas de preto, cada um com uma arma apontada e pronta. Meu primeiro pensamento, assim como quase sempre ocorria quando via alguém vestido de preto, foi correr. Pegar os outros e sair em disparada.

Mas eles não eram FEPs. Sequer eram adultos.

Eles eram crianças, como nós.



QUINZE

CONFORME SE APROXIMAVAM, EU VI SUAS ROUPAS escuras, desproporcionais, e a fuligem em seus rostos. Todos tinham membros esguios e bochechas ocas, como se tivessem sofrido muito num curto período.

Todos garotos, mais ou menos da minha idade.

Todos fáceis de encarar, se fosse preciso.

— Santo Cristo — murmurou o que estava mais próximo de mim, balançando seu emaranhado de cabelo vermelho. — Eu disse que devíamos ter verificado a van primeiro.

A cabeça loira de Liam apareceu dos destroços.

— O que *diabos* os idiotas estão tentando fazer? — ele rosnou. Houve outro som também, como o miado de um gato. Ou uma garotinha chorando.

Escalei uma cesta de DVDs em oferta para chegar até eles. Zu sentou-se no chão, com a palma cor-de-rosa de sua mão virada para cima, na direção dos olhos apertados de Bolota. Sem os óculos empoleirados em seu nariz, ele parecia uma pessoa diferente. — Ela está bem — ele disse. — Sem queimaduras.

Liam, de repente, estava do meu lado, usando meu ombro para equilibrar-se conforme subia sobre uma das prateleiras derrubadas.

— Você está bem? — ele perguntou.

— Bem — eu disse. — Estou fula. E você?

— Bem. Fulo.

Pensei, com certeza, que teria que segurá-lo ao voltarmos para perto do aglomerado de garotos, mas sua fúria parecia desprender-se dele a cada passo. As outras crianças haviam se reagrupado ao lado de uma vitrine derrubada de macarrões de piscina de cor de *neon*. O mais alto, com sua nuvem de cabelo castanho frisado pairando em torno de um pescoço fino como lápis, deu um passo à frente dos outros — o garoto ruivo que falara antes, e dois loiros de ombros largos que pareciam irmãos.

— Olhe, cara, sinto muito — ele disse.

— Vocês sempre fazem merdas como essa? — Liam disse. — Atacam pessoas sem sequer ver se elas estão armadas ou se são como vocês?

O líder ficou eriçado:

— Vocês podiam ser rastreadores.

— E foi a sua Amarela que fez tudo “isto” — o ruivo fez um gesto para as prateleiras. — A garota precisa de coleira.

— Veja bem como fala — Liam explodiu. Os irmãos loiros deram um passo à frente, com os olhos acendendo diante de um desafio. — Ela não teria entrado em pânico se vocês não tivessem sacado as armas para nós.

— Não teríamos que usá-las se vocês tivessem prestado atenção ao nosso aviso lá atrás e tivessem ido embora.

— Porque vocês nos deram muito tempo para ir embora... — Liam retrucou.

— Olhe, podemos ficar indo e vindo para sempre e isso não vai resolver porcaria nenhuma — interrompi. — Esperávamos passar a noite aqui, mas se vocês reclamarem, ou algo assim, então vamos embora. Essa é a única razão pela qual viemos — para buscar abrigo.

— Buscar abrigo — o líder repetiu.

— Desculpe, eu gaguejei?

— Não, mas meus ouvidos ainda estão sangrando por causa do ataque de fúria da sua Amarela — ele rosnou. — Talvez você devesse dizer de novo, querida, só para garantir.

Liam ergueu um braço, interrompendo meu caminho de guerra antes mesmo que pudesse começar.

— Só queremos ficar aqui uma noite. Não estamos procurando encrenca — ele disse, de uma vez.

Os olhos do líder me mediram mais uma vez, divagando até um ponto onde minhas mãos estavam fechadas ao meu lado, enrolando meu vestido.

— Parece que vocês já encontraram.

O nome do líder era Greg e ele era de Mechanicsville, Virgínia. O garoto ruivo nervoso recusou-se a se apresentar, mas os outros o chamavam de Collins. Eu entendi que ele era de alguma cidade na Pensilvânia, mas isso era o máximo que ele iria dividir com qualquer um. Os loiros — que eram, como imaginei, irmãos — chamavam-se Kyle e Kevin. A única coisa que o grupo dilapidado tinha em comum, fora sua piscina de comida e uma alarmante pilha de armas de fogo e facas, era o acampamento deles, em Nova York, ao qual, com carinho, chamavam apenas de “Buraco da Bunda de Satã”.

Eles contaram a história inacreditavelmente dramática — e muito improvável — de sua fuga da custódia do FEP durante nossa refeição partilhada

de petiscos de frutas, batatas *Pringles* murchas e *Twinkies*.

— Deixe-me ver se entendi — disse Bolota, com a descrença entalhada no rosto. — Vocês estavam indo de um acampamento para o outro?

Greg recostou-se contra uma das portas de vidro do *freezer*.

— Eles não estavam nos levando para outro acampamento. Eles empacotaram o máximo de caras que conseguiram e disseram que estávamos sendo levados para uma instalação de testes em Maryland.

— Só homens? — Bolota perguntou.

— Não tínhamos garotas lá — a voz de Greg estava pesada com a decepção. Isso explicava muito, em particular, por que ele ainda parecia se aproximar de mim, não importa para o quão longe eu me afastasse. — Caso contrário, tenho certeza de que elas também teriam sido levadas.

— Estou surpresa de terem contado tudo isso para vocês — eu disse, tentando colocar a conversa de volta nos trilhos. — Você acha que era para esse lugar mesmo que estavam levando vocês?

— Não — Collins interrompeu. — Ficou bem claro que eles tinham ordens para se livrarem de nós.

— E uma tempestade inundou a estrada, virando os ônibus e permitindo que vocês escapassem?

Essa foi a parte da história com a qual tive problemas também. Foi assim tão fácil para eles? Uma simples intervenção da Mãe Natureza e eles foram salvos, desaguados para a liberdade e para uma nova vida, em estilo bíblico? Onde estava a proteção dos FEPs que viajava com eles?

— Estamos escondidos desde então. Levamos quase seis meses para avisar meu pai que eu tinha saído e estava seguro, e outros três para ter algum tipo de resposta dele.

Bolota inclinou-se para a frente.

— Como, exatamente, você entrou em contato com ele? Pela internet?

— Não, cara — Greg disse —, depois daquele assunto de terroristas, não dá nem para buscar receitas *online* sem os FEPs bisbilhotarem e arrombarem sua porta. Eles só precisam de um cheirinho de encrenca.

— Que terroristas? — interrompi.

— A Liga — Bolota disse. — Você não se lembra, ah... — ele pareceu perceber seu erro um pouco tarde, e, com mais paciência do que eu pensei que tivesse, explicou. — Três anos atrás, a Liga entrou nos bancos de dados Psi do governo e tentou postar informações *online* sobre os acampamentos, para todos verem. Outros grupos viram isso como uma chance para invadir bancos, a bolsa de valores, o Departamento do Estado...

— Então, eles acabaram com a internet?

— Isso mesmo. A maioria dos sites de redes sociais já era, e todos os serviços de e-mail precisam monitorar as mensagens que são enviadas em seus

servidores — ele voltou-se para os outros garotos, que estavam me encarando com diversos graus de interesse e curiosidade. Eu não acho que Kevin — ou era Kyle? — tinha parado de me encarar durante todo o tempo em que fiquei ali. — Como, então?

— Fácil — Greg disse, com uma desnecessária piscadela em minha direção. — Usamos o que restou. Coloquei um anúncio no jornal da minha cidade, com uma mensagem que só meu irmão entenderia.

Não precisei olhar para saber que Bolota estreitara os olhos. Ele ficou tenso ao meu lado.

— E quem pagou por esse anúncio? Os editores não o publicaram de graça, não é?

— Não, o Fugitivo publicou — Greg disse. — Ele armou tudo para mim.

Endireitei-me, chutando para o lado algumas das embalagens vazias de alumínio.

— Você entrou mesmo em contato com o Fugitivo?

— Ah, sim. Ele é como... um deus — Collins disse, com a respiração ofegante. — Ele uniu todos nós. Crianças de toda a Nova Inglaterra e do sul. De todas as cores. Crianças mais velhas, mais novas também. Eles dizem que os FEPs ficam longe da área dele na floresta porque têm medo dele. Que ele ateou fogo no acampamento e matou todos os FEPs que foram mandados para buscá-lo de volta...

— Quem é ele? — perguntei.

Os quatro deram sorrisinhos um para o outro, com as sombras saltitantes das luzes de emergência fazendo-os parecer ainda mais presunçosos.

— O que mais? — Bolota disse, engolindo tudo isso de forma ávida. — Como ele conseguiu mandar dinheiro para o anúncio? Como é o East River... onde é?

Olhei para trás, por sobre os ombros, para Liam, que estava em pé atrás de mim, recostado contra o que um dia fora um *freezer* de comida congelada. Ele estivera estranhamente quieto o tempo todo, com os lábios apertados, porém com o rosto perfeitamente desprovido de emoção.

— Eles têm um acampamento bem legal no East River — Collins disse. — Mas se quiserem encontrar o East River, terão que encontrar sozinhos.

— É o que parece — Liam disse, enfim. — Tem muitas crianças lá?

Os quatro tiveram que pensar sobre isso. — Mais de cem, mas não, tipo, aos milhares — Greg disse. — Por quê?

Liam balançou a cabeça, mas eu fiquei surpresa em ver uma pitada de decepção ali.

— Só estava indagando. A maioria nunca esteve em acampamentos, eu suponho?

— Algumas — Greg encolheu os ombros. — E alguns o encontraram

depois de fugir de rastreadores ou da guarda de FEPs.

— E o Fugitivo, ele não tem... — Liam parecia lutar para descobrir como fazer essa pergunta. — Ele não tem planos para eles, tem? Qual o objetivo dele?

Os outros pareceram achar a pergunta tão estranha quanto eu. Só quando Greg disse: “Nada de objetivos. Eles só vivem, eu acho”, que percebi que nunca pensara sobre o motivo pelo qual Liam estaria procurando pelo Fugitivo. Eu só supunha que ele e os outros queriam encontrá-lo para ir para casa e entregar a carta de Jack Mas, se era mesmo esse o caso, o que havia ateadado fogo aos olhos de Liam? Suas mãos estavam enfiadas nos bolsos do casaco, mas eu conseguia ver o contorno de seus punhos se fechando.

— E a direção? — perguntei.

— Ora, vamos — algo mudou na expressão de Greg; um sorriso astuto tomara conta do seu rosto, conforme sua mão livre pousara em meu pé. Os irmãos Kyle e Kevin não falaram uma palavra desde que nos sentamos em seu acampamento improvisado nos corredores dos congelados, mas agora olhavam uns para os outros com expressões idênticas de sapiência. Tentei engolir a repulsa que crescia em mim.

— Tenho certeza de que eles ficarão felizes em ter você — Greg disse, com os dedos deslizando do meu sapato para acariciarem meu tornozelo. Comecei a me afastar, mas parei quando ele acrescentou: — Fica num lugar bem legal perto do litoral, mas só não tem muitas meninas. Seria útil para eles ter algo tão... bonito para admirar.

Seus dedos moveram-se de novo, traçando uma linha até minha panturrilha.

— Você deveria ir. É mais seguro do que ser pega por uma das tribos. Tem um grupo de garotos Azuis, malvados, que anda perto de Norfolk Roubam as roupas do seu corpo. Teve uma tribo de Amarelos perto daqui por um tempo, mas um garoto que esteve com a gente no acampamento diz que eles todos foram levados por FEPs.

Toda essa coisa de tribo era nova para mim. Crianças andando em bandos e perambulando pelos campos, tentando evitar serem pegos, tomando conta uns dos outros? Impressionante.

A palma da mão quente e carnuda de Greg continuou a subir até fechar-se em meu joelho e apertar, e ali era o máximo que ela iria chegar. Senti o comichão em minha mente, o ruído que afastou até mesmo minha raiva, e tive que fechar os olhos ao piscar de imagens que seguiram. Uma olhadela numa carcaça amarela brilhante de um ônibus escolar vindo por uma estrada de terra. O rosto embaçado de uma mulher, sua boca movendo-se numa canção silenciosa. Uma fogueira de acampamento brilhando no céu noturno. Os rostos de Kevin e de Kyle aproximando-se do que parecia ser um rádiorelógio, no meio de uma loja detonada de produtos eletrônicos; os números na frente do

relógio estavam virando, mas não contavam o tempo. Eles irradiavam um brilho verde elétrico no escuro — 310, 400, 460, 500, até, enfim, parar em...

Minha mão fechou-se enquanto eu começava a me desprender de Greg e de seu pântano sedoso de lembranças, mas Bolota já estava lá. Ele estendeu as mãos pelo meu colo e começou a remover os dedos de Greg, um a um, com olhar de puro desdém. De sua parte, Greg só parecia um pouco atordoado, com os olhos vítreos e sem saber o que fizera. Olhei em volta com fúria, meu coração alojado em algum lugar entre minha boca e o peito, mas ninguém parecia ter notado meu deslize. O único que se movera foi Bolota, e só para se aproximar de mim.

Maldição, pensei, fechando os olhos com força de novo. Uma mão desviou-se para se apertar contra minha testa, como se eu pudesse deter à força os dedos invisíveis dali. *Muito perto. Essa passou muito perto.*

— Como era mesmo o nome daquele garoto? O Amarelo que trabalhou com a gente na cozinha? Fred? Frank? — Collins recostou-se em seu saco de dormir, cruzando as mãos sobre o peito.

— Felipe, Felipe Marino? — os olhos de Greg voltaram a pleno foco e continuaram subindo pelas pernas, passando de onde suas mãos podiam.

— Felipe? — Liam interrompera, como se estivesse saindo de um transe. — Você disse Felipe Marco?

— Você o conhece?

Liam acenou.

— Viajamos juntos por um tempo.

— Deve ter sido antes de ele ser apanhado aqui — Greg disse. — Foi ele quem nos contou sobre este lugar. Disse que ele estava aqui com o amigo dele. Era você?

— Era. O que houve com ele? — Liam ajoelhou-se, espremendo-se entre mim e Greg. — Eles nos levaram para acampamentos separados.

Greg encolheu os ombros.

— Ele estava num dos primeiros ônibus que levavam para Maryland. Quem é que sabe?

Então, os Amarelos do acampamento deles também tinham sido removidos. Eles só devem ter sido levados dos acampamentos maiores, não dos pequenos que haviam sido formados mais a oeste.

— Sinto falta daquele garoto. Ele era inteligente. Sabia como usar seus poderes, melhor que sua mascote, pelo menos. Seria melhor levá-la de volta pelo bem de vocês. — Greg fez um movimento com a cabeça na direção de Zu, que estava sentada com as costas voltadas para nós, trabalhando nas diversas páginas de problemas de multiplicação que Liam fizera para ela.

E isso foi o máximo que consegui aguentar.

— Você tem dois segundos para dizer que está brincando — eu disse — ou

vou te dar um soco na cara.

— Faça isso — Bolota chiou ao meu lado.

Mas Liam colocou uma mão firme no meu ombro, acabando mesmo com qualquer chance que eu tinha de cumprir minha ameaça. Ele manteve o rosto passivo, despreocupado, mas a respiração estava emaranhada em sua garganta. Ele estendeu os dedos, passando-os contra os meus no chão. Eu estremeci ao toque, mas não consegui me afastar.

Greg ergueu as mãos.

— Só estou dizendo que tem algo errado nela. Ela não é como os outros, é? — ele aproximou-se. — Ela é retardada: eles fizeram testes nela?

— Ela é muda, não surda — Liam interrompeu com suavidade. — E posso garantir que ela deve ser cinco vezes mais inteligente do que nós sete juntos.

— Não tenho tanta certeza *disto* — Bolota começou. — Eu sou...

Liam o silenciou com um olhar, e baixou os lábios perto da minha orelha.

— Leva a Zu daqui?

Concordei com a cabeça, batendo os dedos nos dele para mostrar que entendi. Ergui-me do chão, sentindo-me mais calma agora.

Quando cheguei até Zu, estendi a mão para ela. Ela ergueu as dela sem olhar para cima, buscando as minhas às cegas. Encarei a luva amarela à minha frente, listrada de poeira e sujeira preta e, a despeito do que ocorrera poucos minutos antes, arranquei-a de seus pequenos dedos.

Não saberia dizer por que fiz isso, talvez estar tão perto de Liam e não perder o controle tinha me tornado estupidamente corajosa ou, talvez, eu estivesse cansada da realidade que a forçava a usá-las. Eu só sabia, com certeza que, se eu nunca mais visse Zu usar aquelas luvas de novo, seria muito bom.

Zu esquivou-se ao sentir a pele morna da minha mão contra a dela e tentou recuar. Seus olhos arregalaram, mas eu não sabia dizer se era de preocupação ou de espanto.

— Vamos — eu disse, apertando sua mão. — Hora das garotas.

Seu rosto brilhou, mas ela não sorriu.

— Não vá muito longe — Liam gritou para nós.

— *Não vá para muito longe* — os outros garotos ecoaram, depois caíram na risada.

O nariz de Zu enrugou de desgosto.

— Eu te entendo — disse, e a levei para o mais longe possível deles.

Passamos mais ou menos os primeiros dez minutos caminhando pela loja, e Zu continuava olhando para nossas mãos entrelaçadas, como se não pudesse acreditar no que estava vendo. De vez em quando, alguma cesta de DVDs indesejados ou uma banca de quinquilharias inúteis chamava a atenção dela, mas seus olhos escuros sempre vagavam de volta para nossas mãos balançando entre

nós. Tínhamos acabado de virar em um dos muitos corredores destruídos de produtos de limpeza, quando ela empurrou o meu braço.

— O que foi? — perguntei, chutando para o lado um esfregão perdido.

Zu apontou para a luva que eu estava girando na minha mão livre.

Ergui nossas mãos entre nós.

— O que tem de tão ruim nisso?

Ela soltou a respiração que estava prendendo e ficou evidente que eu não estava entendendo. Fui arrastada até a outra ponta do corredor, onde ela soltou minha mão para arrancar uma caixa branca da prateleira. Zu começou a se empenhar em abrir a caixa, atirando ao lado a espuma e o enchimento de plástico, para pegar uma antiquada torradeira lá de dentro.

— Não sei se vamos precisar disso — comecei devagar.

Ela me fuzilou com um olhar que, muito claramente, dizia *Quieta, por favor*.

Zu arrancou a outra luva da sua mão e espalhou todos os dez dedos ao longo dos dois lados do aparelho. Após um instante, eu a vi fechar os olhos escuros.

A tubulação de metal, que servia como as entranhas da torradeira, aqueceu-se num vermelho brilhante. Um fio preto e comprido balançava perto dos pés dela, desligado. A coisinha barata só durou mais um minuto antes de suas entranhas começarem a derreter. Eu a fiz largar ao primeiro sinal de fumaça.

Viu? Ela parecia dizer. *Entendeu?*

— Mas você não consegue fazer isso comigo — disse, tomando-lhe a mão de novo. — Você não precisa se preocupar em me machucar, porque você jamais poderia.

Eu sei como você se sente, é o que, de fato, devia estar dizendo. *Eu sei como é ter medo de algo que você mal consegue controlar*.

Eu me forcei a esquecer o que tinha feito com aquele FEP infiltrado. Não quis pensar que poderia fazer isso de novo, muito menos testar. Mas como qualquer um de nós iria aprender a se controlar se não podia praticar? Se não nos arriscássemos e testássemos os limites?

— Vamos ver se encontramos algo útil — eu disse, entrelaçando meus dedos aos dela mais uma vez. Esperei até sentir sua mão bem perto da minha, antes de conduzi-la novamente pelo corredor. — O que você acha...

Não sei bem o que eu estava prestes a pedir para ela, mas ela não estava prestando atenção em mim. Ela parou tão de repente e agarrou minha mão com tanta força, que cambaleei para trás alguns passos. Meus olhos seguiram a linha de seu braço esticado até as prateleiras derrubadas de roupas e sapatos.

Mais especificamente ao solitário vestido rosa-choque pendurado em uma prateleira esvaziada do resto.

Zu saiu em disparada, correndo pelos corredores de extensões e baldes.

Tentei acompanhá-la, mas era como se o vento tivesse se prendido aos seus calcanhares e a estivesse impulsionando para a frente. Ela parou numa prateleira antes. Olhei, fascinada, enquanto uma de suas mãos se estendia para acariciar o tecido, afastando-se no último instante.

— Lindo — disse-lhe. O vestido abria-se a partir da cintura, com um grande laço de fita no lugar onde o *top* sem mangas juntava-se com a saia, estampada com listras cor-de-rosa e brancas. Ela parecia não querer nada além de arrancá-lo, abraçá-lo em seu peito e pressionar o rosto contra o tecido acetinado.

Eu poderia pensar em milhares de coisas das quais senti falta enquanto estava em Thurmond, mas vestidos não estavam na lista. A história que meu pai adorava contar para os estranhos e parentes condescendentes era a do dia em que mamãe e ele tentaram me abotoar dentro de um vestido azul para a festa de aniversário dele, quando eu tinha três anos. Como os botões eram muito pequenos e impossíveis de alcançar, rasguei o tecido com as mãos, pedacinho por pedacinho. Passei o resto da festa desfilando com orgulho, vestindo calcinha do Batman.

— Você vai experimentar? — perguntei.

Ela olhou de volta para mim e balançou a cabeça. Suas mãos caíram de onde estavam, pairando sobre os ombros do cabide de plástico, e levei um instante para reconhecer o que estava acontecendo.

Zu achava que não o merecia. Ela pensava que era muito legal, muito novo, muito bonito. Senti um ódio sufocante crescer em mim, mas não sabia para onde direcioná-lo. Os pais dela, por mandarem-na embora? Seu acampamento? Os FEPs?

Puxei o vestido da prateleira prateada com uma mão e peguei o braço de Zu com a outra. Eu sabia que ela estava olhando para mim de novo, com seus olhos escuros arregalados pela confusão, mas, em vez de explicar — em vez de tentar forçá-la a entender as palavras que eu queria dizer —, eu a levei aos provadores no meio da seção de vestuário, empurrei o vestido nas mãos dela e disse-lhe que o experimentasse.

Era como empurrar um barco para aportar numa linha estreita. As primeiras vezes que lhe entreguei, ela o colocou no chão e tive que pegá-lo de novo. Não sei se o desejo, enfim, venceu, ou se eu conseguira exaurir até mesmo sua cautela, mas, quando ela apareceu, espiando pela porta do provador, fiquei tão aliviada que quase chorei.

— Você está *incrível* — eu a virei, para que ela pudesse se ver no alto espelho da sala. Quando, enfim, a persuadei a olhar, senti seus ombros estremecerem sob minhas mãos, vi seus olhos arregalados e brilhantes, esmorecendo de novo um instante depois. Os dedos dela começaram a cutucar o tecido. Ela balançava a cabeça, como se dissesse: *não, não posso*.

— Por que não? — perguntei, virando-a para que olhasse para mim. — Você gosta dele, certo?

Ela não olhou para cima, mas eu a vi mexer a cabeça.

— Então, qual é o problema? — Com isso, eu a vi olhando-se no canto do espelho. Suas mãos amaciavam o tecido da saia e ela parecia nem estar ciente disso.

— É isso mesmo — eu disse. — Não tem problema. Vamos ver o que mais podemos encontrar.

Em seguida, ela quis achar algo para mim. Como esperado, a seção dos adultos fora dizimada por saqueadores. Minhas opções pareciam estar limitadas a roupas de caça e macacões industriais. Após diversas explicações pacientes sobre por que eu não precisava do vestido de gala azul sedoso ou da saia com margaridas, ela — com olhar de total e completa exasperação — aceitou que eu só ia experimentar jeans e camisetas comuns.

E, então, ela apontou para o cabide de sutiãs e uma parte de mim quis rastejar para baixo da pilha descartada de pijamas infantis e morrer. As letras e os números podiam estar em Chinês, de tanto que eu os estava entendendo, e eu quase esperei que Zu começasse a rir ao primeiro sinal de lágrimas frustradas em meus olhos.

Não houve muitas vezes em que eu pensava: *Queria que a mamãe estivesse aqui*. Eu entendo agora, ao menos, que aquilo que fiz para ela eu jamais poderia consertar. Ela nunca olharia para mim de novo e me reconheceria, e eu nunca seria capaz de pensar em nada além do olhar dela quando me viu naquela manhã. Era estranho como meus sentimentos em relação a ela pareciam mudar a cada minuto; naquele instante, eu podia lembrar como era quando ela penteava meu cabelo, e, no instante seguinte, ficaria furiosa por ela ter me abandonado. Por não ter me ensinado a viver em minha própria pele e ser uma garota, como ela deveria ter feito.

Mas de quem era a culpa na verdade?

Os lábios de Zu enrugaram-se em pensamento, suas sobrancelhas uniram-se enquanto ela examinava o Evereste de *lingeries* à nossa frente. Ela começou a tirar um de cada tamanho, jogando-os na minha direção, até que nós duas estávamos rindo como bobas, sem nenhuma razão.

Enfim, encontrei o que pensei ser o melhor tamanho para mim. Era difícil dizer, eles todos eram tão desconfortáveis, com seus arames e alças pinicantes. Enquanto eu trocava o vestido, Zu, com alegria, montou uma roupa para si mesma, que parecia ter saído de um catálogo de loja — o vestido cor-de-rosa, calça *legging* branca por baixo e uma jaqueta jeans que era um ou dois tamanhos maiores do que ela. O resto das coisas que ela encontrou estava enfiado numa mochila com estampa de flores que eu tirei de uma vitrine para ela. Agora que tinha encontrado suas próprias coisas, ela queria ir até o fim e

pegar coisas para os meninos também.

Quando encontrei para ela um novo par de tênis, com cadarços rosados, ela colocou os braços em torno da minha cintura e me abraçou, de verdade, como se pudesse empurrar o agradecimento para dentro de mim. E, embora Zu não estivesse especialmente impressionada pelo par de botas pretas de cano curto que encontrei para mim na seção masculina, ela não tentou forçar nenhuma das sapatilhas de fita ou saltos altos para cima de mim.

Zu estava dobrando com cuidado uma camisa de botões que escolhera para Bolota, quando lembrei de algo.

— Já volto — disse a ela. — Espere aqui, ok?

Levei alguns minutos para encontrar o corredor de novo. Liam e eu havíamos passado por ele tão depressa ao irmos para o fim da loja, que eu não tinha muita certeza de não tê-los imaginado. Mas eles estavam bem ali, bem acima dos produtos de limpeza — um par de luvas de borracha de cor rosa-choque, penduradas em meio a um mar de luvas amarelas tradicionais.

— Ei, Zu — eu a chamei ao voltar. Eu sacudi as luvas à minha frente e esperei que ela se virasse. Quando ela viu, sua boca literalmente se abriu. Ela estava tão maravilhada com as luvas novas, que caminhou com as mãos esticadas à frente — assim como faria uma princesa examinando a coleção de suas melhores joias nos dedos e no pulso. Eu a observei fazendo reverências e rodopiando em seu vestido novo ao andarmos pela loja, por todo o caminho seus pés dançando sobre as evidências do que ocorrera nos caixas da saída. Olhando para ela, sentindo o júbilo enchendo meu peito, eu não podia dizer que também estava ciente do vidro quebrado e dos monitores piscantes. Viramos pelo corredor mal iluminado de cosméticos, e eu quase não consegui tirar o sorrisinho do meu rosto.

Liam nos encontrou ali, pouco tempo depois, bem quando Zu estava amarrando a trança que fizera em meu cabelo com um elástico brilhante. Sentei no chão e ela ficou na prateleira atrás de mim, como um tipo de rainha das fadas.

— Magnífico! — disse-lhe, quando ela ergueu um espelho quebrado na frente do meu rosto. — Você é incrível.

E minha recompensa por isso foi sentir os ossos de seu braço, como de um passarinho, enrolados em meu pescoço. Vírei-me para poder olhar para ela, pois queria que ela visse meu rosto, queria que ela visse quão séria e sinceramente eu estava falando quando repeti.

— Você é *incrível*.

— Vejo que as duas andaram ocupadas.

Liam recostou-se contra a gôndola do corredor, com as sobranceiras erguidas. Zu saiu correndo na direção dele, levando as blusas e meias que escolhera para ele.

— Obrigado. Ai, meu Deus, o Bolota vai se mijar quando vir isso! — a mão dele descansou no topo da cabeça dela. — Nossa, eu deixo vocês sozinhas por um tempo e vocês limpam a loja. Bom trabalho!

Ergui-me do chão, ajudando-os a recolher as roupas e os suprimentos que havíamos conseguido filar. Feito isso, começamos a nos arrastar, devagar e relutantes, de volta para os outros. Nós três parecíamos saber que, após deixarmos aquele momento de paz, ele ficaria para trás para sempre.

Zu correria apenas alguns passos à nossa frente quando Liam virou-se para mim e disse:

— Obrigado por fazer isso. Que bom que você me entendeu. — ele mexeu de forma divertida na minha trança. — Eu só queria fazer mais algumas perguntas a eles.

— E você não queria... — movi a cabeça na direção de Zu — ... que ela ouvisse?

Ele olhou para os pés e, quando olhou para cima de volta, suas orelhas estavam rosadas.

— É, mas também... você meio que os estava distraindo.

— O quê? Desculpe por tê-los ameaçado, ou sei lá, mas...

— Não, *distraindo-os* — Liam repetiu. — Com seu... rosto.

— Ah — recuperei-me depressa. — Você tirou algo de útil deles?

— Os nomes de algumas tribos mais amigáveis, algumas cidades bloqueadas pela insurreição, coisas assim. Eu só queria ter noção do que está acontecendo na Virgínia.

— Quis dizer sobre o Fugitivo — eu falei, talvez com um pouco de ansiedade demais.

— Nada que já não soubéssemos. Parece que todos fazem um juramento sagrado de não revelar mais informações além disso. Totalmente ridículo.

— Eles não te deram mesmo nenhuma informação?

Liam olhou para o chão.

— Greg nos fez uma oferta, uma troca, mas nós recusamos.

— O que ele queria? — O que era tão valioso que eles não trocariam pela única coisa que os reuniria às suas famílias? Black Betty?

— Não importa — Liam disse e havia finalidade em sua voz. — Se esses nós cegos conseguiram, tenho certeza de que podemos encontrar o East River sozinhos. Um dia.

— É — eu disse, com uma leve risada. — Verdade.

Do canto do olho, eu o vi erguer a pilha de roupas até o ombro, seu olhar nunca desviando de onde Zu estava saltitando e pulando pelo campo de latas e revistas antigas. Eu olhei para o rosto de uma estrela de cinema loira ao passarmos por ela, pousando os olhos nas palavras ELA FINALMENTE CONTA TUDO impressas sobre seu rosto.

— Posso te perguntar uma coisa?

— É claro — ele disse. — O que é?

— Por que você está procurando o Fugitivo? — perguntei. Eu senti os olhos dele sobre mim e sabia qual explicação estava por vir. — Quer dizer, além de ajudar o Bolota e a Zu a chegarem lá, e tentar entregar a carta do Jack. É por que você quer ir para casa ou...?

— Algum motivo em particular para você estar perguntando? — a voz dele estava firme. Testando.

— As perguntas que você fez a eles sobre o acampamento — expliquei. — Parecia que você estava tentando descobrir algo.

Liam não respondeu por um longo tempo, não até que as barracas que montaram para a noite estivessem à vista. Ainda assim, não foi uma resposta.

— Por que *você quer encontrar o Fugitivo?*

— Porque eu quero poder ver minha avó. — *porque eu preciso entender como controlar minhas habilidades antes que destruam todos com quem me importo.* — Mas você não respondeu à minha pergunta.

Zu disparou pela abertura de nossa barraca e a lanterna na tenda iluminou o rosto encantado de Bolota. Quando ela entregou a ele as novas coisas, ele a envolveu num enorme abraço, levantando-a do chão com sua força.

— É... o mesmo que você — ele disse. — Só quero ir para casa.

— E onde fica?

— Olha, é uma coisa engraçada — ele disse. — Costumava ser na Carolina do Norte, mas eu já não tenho mais tanta certeza.

Ficamos olhando um para o outro por um instante, quase cara a cara, e, quando ele ergueu a cortina da cabana para mim, eu não consegui deixar de imaginar se ele percebera minha meia-verdade com tanta facilidade quanto eu notara a dele.



DEZESSEIS

UMA HORA SE PASSOU, TALVEZ MAIS, ATÉ QUE A respiração de Liam começasse a se estabilizar e ele começasse a roncar. Ele dormiu de costas, com as mãos descansando contra a flanela macia de sua camisa. Seu rosto, que antes parecia marcado por sombras velhas e machucadas, parecia jovem de novo. Ele poderia passar por vinte anos, com sua constituição desleixada e sólida, mas não enganava ninguém ao cair no sono.

Seu rosto estava voltado para Zu, que dormia entre nós sob uma montanha de cobertores, e era a única coisa que me impedia de chegar perto dele, de enfiar minha mão sob a sua e conhecer o conteúdo de seus sonhos.

Porém, a distância entre nós tinha um motivo. Imaginar um futuro no qual eu não existia, no qual sem querer eu tivesse me apagado das lembranças dele, manteve minhas mãos presas debaixo da perna e a mente, para variar, em alerta.

Quando ouvi Greg e seus colegas mexendo-se em suas barracas próximas da nossa, enfim desisti de toda pretensão de dormir. As vozes deles começaram como um murmúrio baixo, indistinguíveis umas das outras, e cresceram conforme os minutos passavam. Enfim, eles viraram a lanterna para a iluminação mais fraca, o suficiente para ficarem visíveis através da casca verde de nossa própria barraca.

Saí pelo outro lado da barraca, com cuidado para pisar bem leve no concreto. Seus sussurros aumentavam em volume e urgência conforme eu chegava mais perto.

— ... eles — Greg murmurou. — Não devemos nada a eles.

Apertei as mãos ao meu lado, com toda a ansiedade e desconfiança que engoli dentro de mim nas últimas horas vindo à tona. Por um único instante, desejei ter trazido minha mochila para dentro da loja comigo. O botão de pânico estava lá, esperando para ser usado se a situação explodisse depressa e de uma

forma feia. *Ruby Idiota*, pensei, *idiota*.

Eu não estava preocupada em dar um jeito em Greg e nos amigos dele. Mesmo com suas armas, ainda tínhamos uma chance. Mas se eles tentassem algo enquanto dormíamos ou se chamassem reforços...

Meus pés pararam no meio do caminho.

Bolota ganhara de mim para ficar de guarda.

Ele estava sentado, encarando as barracas, com as pernas de aranha cruzadas à sua frente e o caderno de tarefas de Zu no colo. Ele estava inclinado na direção das barracas dos meninos, concentrando-se tanto para ouvir a conversa deles que não percebeu que eu me aproximava e quase pulou para fora da pele quando apareci.

— Zu? — ele espremeu os olhos na minha direção.

— Zu? — sussurrei de volta. — *Mesmo?* Quer dizer, *mesmo?*

Tirei o caderno e o lápis de Zu das mãos dele e virei a página sem olhar para seja lá o que ele estivesse escrevendo.

O QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO? Escrevi, mostrando-lhe. Ele revirou os olhos e recusou-se a responder quando tentei colocar o lápis de volta em sua mão.

VOCÊ ACHA QUE ELES VÃO TENTAR ALGO?

Após um instante, ele suspirou e, enfim, fez que sim com a cabeça.

EU TAMBÉM, escrevi. VEM COMIGO?

Pela maneira como seus ombros caíram, ele parecia não ter muita escolha. Ele levantou-se depressa e em silêncio, limpando as palmas das mãos na frente da calça cáqui.

— Tenho uma sensação ruim sobre isso — Bolota disse quando saímos do campo de visão. As barracas estavam em nossa linha de visão, mas não estávamos na delas. — Sobre eles.

— Você acha que eles vão tentar roubar a gente?

— Acho que vão tentar pegar a Betty, na verdade.

Houve uma longa pausa. Senti os olhos de Bolota deslizarem sobre mim, mas os meus estavam fixos nas barracas, atentos à encrenca.

— Você devia voltar a dormir — havia um tom rouco em sua voz, enquanto ele cruzava os braços sobre o peito. Mas também havia algo na forma como ele dissera aquilo que me fez pensar se ele estava esperando para ver o que eu diria a respeito. — O que você está fazendo acordada?

— O mesmo que você, eu acho — eu disse. — Garantindo que ninguém seja brutalmente assaltado, espancado ou assassinado enquanto dorme. Observando, para ver se esses garotos são os escrotos que eu penso que são.

Bolota roncou com isso, esfregando a mão na testa. Demorou um tempo em silêncio, mas senti o ar entre nós amenizar, de hostilidade protegida para algo que me pareceu aceitação. Os ombros dele não estavam mais juntos de tensão e,

quando ele inclinou a cabeça na minha direção, interpretei como um sutil convite. Dei um passo mais para perto.

— Já foi ruim o bastante ele ter voltado aqui — Bolota murmurou, mais para si mesmo do que para mim. — Deus...

— Liam? — perguntei. — Foi aqui que ele e os amigos foram capturados, né?

Bolota concordou com a cabeça.

— Ele nunca me contou a história toda, mas eu *acho* que ele e Felipe estavam viajando e encontraram uma tribo de Azuis. Em vez de recrutá-los, como Lee esperava, a tribo os espancou e roubou tudo o que tinham — comida, mochilas, fotos de família, tudo. Eles vieram para cá por uns dias, para se reagruparem, mas estavam tão mal que não conseguiram fugir quando os rastreadores, enfim, apareceram.

Algo duro acomodara-se em minha garganta.

— Lee acha que essa tribo deve tê-los denunciado — Bolota continuou. — Que receberam uma parte da recompensa.

Eu não sabia o que dizer. Pensar numa criança, em qualquer um de nós, voltando-se contra seu próprio tipo, dava vontade de destruir a prateleira na qual estávamos encostados e transformá-la numa pilha de metal.

— Eu confio em Liam — disse, devagar. — Ele é uma pessoa tão boa, mas é muito fácil de ler, e *eles* não têm as melhores intenções.

— É mesmo — Bolota disse. — Ele está tão ocupado olhando para dentro das pessoas para encontrar o que há de bom, que não percebe a faca que seguram na mão.

— E, mesmo assim, ele provavelmente se culparia pela pessoa ter a faca, para começo de conversa, e pediria desculpa por ser um alvo tão tentador.

Era isso o que mais me perturbava em Liam — se ele fosse mais confiante e bonzinho, seria um escoteiro. Era uma incrível proeza de teimosia ou ingenuidade, pensei, para alguém que vira tanta morte e sofrimento, acreditar ainda de forma tão incondicional que os outros eram tão corretos como ele. Era algo que inspirava tanto um sentimento de frustração quanto um senso feroz de proteção dentro de mim — e em Bolota também, ao que parecia.

— Acho que nós dois sabemos que ele está longe de ser perfeito, não importa o quanto se esforce — Bolota disse, acomodando-se no chão e recostando-se contra a prateleira vazia. — Aquele lá nunca foi um grande pensador. Sempre com pressa, pressa, apressado para fazer o que quer que seu instinto dissesse, e, depois, afogando-se na própria autopiedade e culpa quando as coisas explodiam na cara dele.

Concordei, movendo a cabeça, brincando distraidamente com um rasgo na manga da minha nova camisa xadrez, o qual não tinha notado antes de pegá-la. Após ouvi-lo falar com Zu, eu sabia que ele sentia uma intensa culpa pelo que

acontecera na noite de sua fuga, mas parecia algo mais profundo do que isso.

— Posso arrumar isso para você mais tarde — Bolota apontou com a cabeça para o tecido rasgado. Seus dedos longos estavam espalhados sobre os joelhos, batucando contra os ossos. — Só me lembre.

— Quem te ensinou a costurar, afinal? — perguntei. Parece que não era o tipo certo de pergunta a fazer. As costas de Bolota ficaram rígidas e eretas, como se eu tivesse derrubado um cubo de gelo na parte de trás de sua própria camisa.

— Eu não sei *costurar* — ele soltou — Eu sei *dar pontos*. Costura é algo decorativo, dar pontos salva vidas. Não faço isso porque acho legal ou bonito. Faço para praticar.

Ele me encarou por cima da borda de seus óculos. Esperando para ver se eu entendia o que ele tentava dizer.

— Meu pai me ensinou a dar pontos antes de eu ir para o esconderijo — ele disse, enfim. — Em caso de emergências.

— Seu pai é médico? — perguntei.

— Ele é um cirurgião de lesões. — Bolota nem se importou em esconder o orgulho em sua voz. — Um dos melhores na região de D.C.

— O que sua mãe faz?

— Ela trabalhava para o Departamento de Defesa, mas foi demitida quando se recusou a me registrar no banco de dados NAIA. Não sei o que ela faz agora.

— Eles parecem ótimos — disse.

Bolota roncou, mas pude vê-lo acolher bem o elogio.

Os minutos se arrastaram e a conversa se esvaiu. Encontrei-me pegando o caderno de Zu e abrindo-o no início. As primeiras páginas eram, na grande maioria, rabiscos e desenhos, mas estas abriam caminho para páginas e mais páginas de problemas de matemática. A caligrafia de Liam era ordenada e precisa e, surpreendentemente, a de Zu também.

— *Betty viajou 189 quilômetros em três horas. A que velocidade Lee estava dirigindo?*

— *Você tem cinco barras de chocolate Snickers para dividir com três amigos. Você as corta na metade. Quanto cada amigo receberá? Como você pode ter certeza de que as sobras foram divididas igualmente para que Bolota não reclame?*

E, então, cheguei a uma página com caligrafia diferente por completo. Bagunçada e manchada. As letras eram mais escuras, como se o escritor tivesse pressionado com força no papel.

Não sei o que mais pode ser dito sobre esse livro que já não tenha sido dito. Receio não ter nada inteligente para dizer. Jonathan Swift sempre foi um favorito, mas não consigo parar de pensar em como ele é habilidoso em

jogar com as palavras ao longo do romance. Eu não consigo, mesmo, parar de pensar como, às vezes, é parecido com Robinson Crusoe, principalmente quando ele está no navio a caminho de Lilliput. Embora sua interação com os lilliputianos não seja o capítulo mais forte, é fácil de encontrar uma sagaz interação de paródia e originalidade. Posso entender por que o livro foi estudado com tanto cuidado pelos acadêmicos ao longo dos anos. Conhecemos Gulliver como um jovem encantador em busca de aventura, tentando chegar a qualquer lugar que envolvesse viagem marítima e o vemos evoluir com perícia. Se eu tivesse que dizer qual é o melhor capítulo do livro, é provável que eu diria o capítulo dos laputianos, um lugar que eu gostaria muito de visitar, porque minha própria mente está muitas vezes nas nuvens e poder estudar filosofia e matemática o dia todo... é um sonho. Houve um ou dois momentos ao longo do romance que senti que Swift passara dos limites e perdera oportunidades de mostrar qual era sua ideia de sociedade ideal. Você, como leitor, precisa descobrir por si só. Esse livro é perfeito se você ama literatura que provoca os pensamentos, a partir de um ponto de vista objetivo, racional, ou se sonha com, um dia, viajar pelo mundo você mesmo.

— Hummm... — ergui a página para ele ver. — Isso é seu?

— Dê-me isto — ele disse. Seu rosto estava selvagem de pânico. Não só pânico; a propósito, suas narinas abriram-se e as mãos tremiam, era como se eu o tivesse matado de susto. A culpa me atravessou. Eu passei o caderno de volta para ele e observei-o arrancar aquele pedaço de papel.

— Ei, desculpe — disse, preocupada com o tom de verde que corria o rosto dele. — Não quis dizer nada com isso. Só estava imaginando por que você pratica escrever ensaios quando disse que acha que nunca voltaremos para a escola.

Ele continuou a me encarar por diversos segundos, até que algo em sua expressão petrificada, enfim, cedeu. Bolota soltou a respiração que segurava.

— Não estou praticando para a escola. — em vez de enfiar a folha de papel dentro da maleta, ele a colocou entre nós. — Antes... antes do acampamento, meus pais pensaram que os FEPs os estavam investigando, o que, você sabe, eles estavam mesmo. Eles me enviaram para a cabana dos meus avós para me esconder. Você se lembra do que eu disse sobre a internet ser policiada? Tivemos que encontrar uma forma de contornar isso, em especial quando começaram a pressionar a mamãe no trabalho.

Olhei para a folha de papel de novo.

— Então, você enviava resenhas de livros?

— Eu tinha um *laptop* e alguns cartões de internet sem fio — ele disse. — Nós postávamos resenhas de livros *online*. Foi a única forma que pensamos de falar sem eles descobrirem.

Ele inclinou-se, cobrindo o papel de forma que só a primeira coluna de

palavras estava visível. *Eu sei, posso me encontrar em qualquer lugar, diga lugar e hora, saudades, amo vocês.*

— Ah.

— Eu queria escrever agora — Bolota disse. — Caso eu consiga entrar online, mas só tenho alguns minutos.

— Você é bem genial — eu disse devagar. — Toda sua família.

Recebi um ronco em resposta. *Dã.*

A pergunta que eu queria mesmo fazer estava saindo pela minha garganta quando ele tirou um baralho da maleta.

— Quer jogar alguns jogos? — ele perguntou. — Vamos ficar aqui por um tempo.

— Claro... Mas só sei jogar *Old Maid* e *Go Fish* [\[5\]](#).

— Bem — ele pigarreou. — Não temos o baralho certo para jogar *Old Maid* e, para sua infelicidade, eu detono em *Go Fish*. Ganhei o torneio de *Go Fish* no quinto ano.

Dei um sorriso, esperando que ele desse as cartas.

— Você é uma estrela, Bolota, um... — ele torceu o nariz ao ouvir o nome. — Não posso te chamar de outra coisa se não souber seu nome verdadeiro.

— Charles — ele respondeu. — Charles Carrington Meriwether IV, na verdade.

Tentei manter o rosto o mais inexpressivo possível. É claro que ele tinha que ter um nome assim. — Ok, Charles. Charlie? Chuck? Chip?

— Chip?

— Não sei, achei bonitinho.

— Credo. Só me chame de Bolota. Todo mundo chama.

Eu descobri.

Devia ser mais de cinco e meia da manhã, bem depois de diversos jogos de cartas delirantes e charadas, que foram criadas por muitos doces e muito pouco sono. Nós dois estávamos esperando que o outro lado cedesse, para comprovar que estávamos certos sobre os outros garotos. Deixamos o taco de beisebol do nosso lado e não ficamos de costas para as barracas nenhuma vez. Quando a exaustão enfim chegou, fizemos um revezamento, enrolados no chão, tentando roubar uns minutos de sono aqui e ali.

Peguei o caderno de Zu de novo, numa tentativa de evitar ser embalada para dormir pelos roncoss ritmados de Bolota, e acrescentei algumas nuvens e estrelas às primeiras páginas dos rabiscos. As páginas abriam-se sob meus dedos conforme eu o folheava de novo, sem parar, até que eu encontrasse o que procurava.

540

Era um código de área dessa parte do estado, eu tinha certeza disso. Vovó

vivera perto de Charlottesville por um tempo, e eu tinha uma lembrança muito vaga de estar na cozinha da casa dos meus pais, olhando para o telefone dela impresso num bloco de anotações ao lado do aparelho. Mas a área que cobria não era um pedaço pequeno de terra, e não havia garantia real de que deveria representar um código de área, para começo de conversa.

Era mais fácil pensar sobre isso agora, sem três ávidos pares de olhos em cima de mim, mas um pouco complicado pelo fato de que, em termos de sono, eu estava sem combustível. Com mais do que bastante tempo para matar, comecei de novo — reorganizando-os, tentando criar anagramas, substituindo diferentes palavras por outras.

O sentimento veio devagar, rastejando pelas partes lotadas e cansadas do meu cérebro. O outro número — 540 — onde eu o vira? Por que parecia...?

Quando me ocorreu, eu quase ri. Quase.

Eu vira o número no rádio, na memória de Greg, há apenas algumas horas, ardendo fortemente através de seus pensamentos mais obscuros.

Era 540 AM — uma estação de rádio.

Sacudir Bolota para que acordasse não era o bastante para mim, não quando pensei que iria literalmente explodir de empolgação. Quase me atirei nas costas de Bolota, matando-o de susto e dando-lhe uma joelhada no rim nesse processo. Não sei bem o som que ele fez, mas estou certa de que não era humano.

— Acorde, acorde, acorde! — chiei, fazendo-o levantar bufando, lufando e xingando. — Quando disseram EDO, falaram mais alguma coisa?

— Verde, se eu ainda puder andar amanhã, eu juro por Deus...

— Escute! — chiei. — Eles disseram algo sobre ligar ou sintonizar?

Ele me encarou com um olhar dolorido.

— Tudo o que disseram foi para verificar EDO.

— *Verificar?* — repeti. — Esta exata palavra?

— Sim! — ele disse, exasperado. — Por quê?

— Eu estava errada antes — eu disse. — Não acho que o número tenha a ver com um telefone. Estávamos certos antes. A última letra não é mesmo uma letra — ela é um zero. Cinco, quarenta. É um tipo de estação de rádio.

— Como é que você chegou a essa conclusão?

Ah. A parte perigosa nisso tudo. Como enrolar o fato de que eu tinha trapaceado e visto a resposta em vez de possuir capacidade cerebral para, de fato, desvendá-la?

— Eu estava tentando pensar no que mais é utilizado números de três dígitos quando me lembrei de tê-los escutado, Greg e os outros, quer dizer, falando sobre precisarem encontrar um rádio aqui. Eu devia ter mencionado isso a vocês antes, mas eu não achei que fosse nada até agora.

— Ah, meu Deus. — Bolota balançava a cabeça, um pouco atordoado. —

Eu nem acredito nisso. Sinceramente, tivemos tanto azar nessa viagem toda que pensei que, ao menos dois de nós acabariam mortos numa vala, em algum lugar, antes de descobriremos.

— Precisamos de um rádio — eu disse. — Acho que estou certa, mas se não estiver... precisamos testar antes de contar para os outros.

— Betty?

— Não! — eu não deixaria a barraca desprotegida, mesmo se fosse por quinze minutos. — Acho que vi um rádio lá atrás, vou lá pegá-lo.

A loja passava ao meu redor em faixas escuras e cores esvaecidas conforme eu corria, mas eu não tinha medo do que espreitava ali, não agora. Eu não havia imaginado o rádio, afinal de contas. Estava lá no pequeno aglomerado de botes e cobertores que Liam e seu amigo juntaram da última vez em que ele esteve ali.

Bolota estava andando na frente das prateleiras quando voltei. Coloquei o pequeno dispositivo numa prateleira quase ao nível dos olhos e comecei a mexer em seus botões, procurando pelo botão de ligar.

Eu tinha que ser a pessoa a ligá-lo e manusear, sem jeito, o botão de volume quando quase explodiu nossos tímpanos com a estática. Aquilo era pré-histórico, uma caixa prateada destruída, mas funcionava. Os alto-falantes pulavam entre vozes, comerciais e até mesmo velhas canções que eu reconhecia.

— Tem que ser AM — Bolota disse, tomando o rádio nas mãos. — Frequências FM não passam de 180, ou algo assim. Vamos lá...

Meu primeiro pensamento foi o de que Bolota tinha, de alguma forma, sintonizado a estação errada. Eu nunca ouvira um som como o que era cuspidos pelos alto-falantes — um baixo grunhido de estática perfurado pelo que parecia uma banheira de vidro quebrado sendo arremessada para todos os lados. Não era dolorido como o Ruído Branco, mas não era agradável também.

Mas Bolota ainda estava sorrindo.

— Você sabe o que é isso? — ele perguntou, e estava muito feliz por explicar quando balancei a cabeça. — Você já ouviu falar que há certas frequências e tons que só crianças com cérebro Psi conseguem escutar?

Apoiei uma mão na prateleira para evitar cair para a frente. Eu tinha. Cate dissera isso, quando explicara que os controladores do acampamento haviam embutido determinada frequência no Ruído Branco para arrancar pela raiz todos os perigosos que ainda se escondiam nas outras cabanas.

— Não é que os outros não consigam ouvir o ruído, é que o cérebro deles traduz o som de forma diferente do nosso. Uma coisa muito fascinante. Eles fizeram alguns testes com isso na Caledônia, para ver se havia tons sonoros que algumas cores não conseguiam entender e outras conseguiam, e sempre soava assim quando não conseguíamos...

Tão logo as palavras saíram da boca dele, houve outro *clique* agudo, e o ruído foi interrompido por completo, substituído por uma voz masculina suave, sussurrando: *Se você consegue ouvir isso, você é um de nós. Se você é um de nós, consegue nos encontrar: Lake Prince. Virgínia.*

Esta mesma mensagem, três vezes, antes de fazer um clique de novo e alternar para a frequência que ouvimos antes. Por um longo tempo, Bolota e eu só conseguíamos olhar um para o outro, sem palavras.

— Ah meu Deus! — Bolota disse. — *Ah meu Deus!* — e, então, estávamos falando isso juntos, pulando para cima e para baixo, com os braços uns nos outros como dois idiotas, como se nunca, nunca, tivéssemos desejado bater um no outro, diversas vezes, durante diversos dias. Eu o abracei sem nenhum tipo de medo ou peso na consciência; de modo feroz, com uma emoção que quase trouxe lágrimas aos meus olhos.

— Eu podia te beijar! — Bolota gritou.

— Por favor, não! — arfei, sentindo os braços dele apertarem forte minhas costelas, a ponto de quebrá-las.

Por seu relógio interno ou pelos gritinhos empolgados de Bolota, Liam acordou primeiro. Eu o vi com o canto do olho, com sua cabeça de cabelo loiro desgrenhado aparecendo para fora da barraca. Ele olhou para nós uma vez e voltou para a barraca, para voltar um instante mais tarde, parecendo dividido entre confusão e preocupação.

— O que foi? — ele perguntou. — O que está acontecendo?

Bolota e eu olhamos um para o outro, com sorrisinhos idênticos.

— Pegue Zu — eu disse. — Vocês vão querer ouvir isso.



DEZESSETE

DE ACORDO COM **BOLOTA**, **JACK FIELDS** FOI o segundo filho de uma família de sete crianças, e o único a sobreviver à Neurodegeneração Adolescente Aguda Idiopática. Seu pai tinha um restaurante italiano e sua mãe morreu de câncer quando ele era jovem. Jack era pouco notável em sua aparência, do tipo de criança pela qual você passaria no corredor da escola e não notaria duas vezes. Mas, em segredo, ele era legal, o único na sala que sabia do que Liam estava falando quando começava a falar sobre filmes de terror japoneses ou artigos de edições antigas da revista *Rolling Stone*. Aparentemente, ele gostava de contar histórias em vozes estranhas e passar anos riscando uma réplica do horizonte da cidade de Nova York na lousa convertida da sala de aula. Os FEPs designados para a sala deles ficaram tão impressionados com os detalhes do seu trabalho que, na verdade, o deixaram terminar.

Mais importante ainda, Jack sentia grande prazer em antagonizar os controladores do acampamento usando suas habilidades para levantar coisas dos cintos deles e para fora de seus bolsos, ou atirar coisas em seus caminhos para que tropeçassem e caíssem na frente de todo mundo. Ouvindo Bolota falar, você poderia pensar que Jack Fields era um santo caminhando sobre a terra, um discípulo da Maravilha, pregando a forma correta de usar suas habilidades Azuis após passar anos tentando descobrir por si mesmo.

E é provável que, por isso, ele tenha sido o primeiro em quem os controladores do acampamento tenham dado um tiro na cabeça, na noite em que as crianças tentaram escapar.

Liam estava em silêncio ao chegarmos aos limites externos da cidade de Petersburgo, apenas acenando uma ou duas vezes com a cabeça para confirmar que as partes mais malucas da história de Bolota eram verdade. Ele estivera tão empolgado quanto nós dois quando o arrastamos para ouvir a transmissão, mas, devagar, durante o passar de algumas horas, seu humor se deteriorara. Quando

as histórias de Bolota acabaram, o mesmo aconteceu com nossas conversas na van.

— Dizem que é muito bonito por lá — eu disse, de repente, depois me contorci de tão estranho que pareceu. — Lake Prince, quer dizer.

Liam não parecia tão estressado, mas profundamente triste. Era isso o que me preocupava, que ele estivesse afundando em algo de que nem mesmo nossa descoberta pudesse tirá-lo.

— Tenho certeza de que você está certa — ele disse, baixinho. Ele entregou-me o mapa dobrado ao meio. — Você pode colocar de volta no portaluvas?

Decerto não estava procurando por ela quando abri o pequeno compartimento, mas lá estava ela, aninhada no topo de uma pilha de guardanapos amassados.

Para falar a verdade, eu esperava envelopes ou, ao menos, uma folha de caderno pautada. O que era estúpido e não fazia sentido, porque não era como se o acampamento deles tivesse um dia de artes. Não era como se tivessem *dado* a eles papel e canetas. Ainda assim, eu esperava que as cartas fossem mais... pesadas. Que Bolota e Liam as estivessem levando com eles.

A carta de Jack estava no topo, escrita na metade de algo que parecia um rascunho de computador, dobrada diversas vezes. Ele conseguira espremer o nome do pai em letras maiúsculas apertadas no verso do papel, entre as grandes palavras em preto: ÁREA RESTRITA.

Em vez de guardar o mapa, peguei a carta, apenas vagamente ciente da discussão que Bolota e Liam iniciaram sobre o melhor caminho até Lake Prince. Eu não estava pensando em nada quando meus dedos deslizaram sobre a superfície enrugada, alisando-a conforme eu a desdobrava. Nenhuma data no canto superior à direita, apenas um apressado e direto *Querido Pai*.

Não consegui ler nenhuma outra palavra. Liam estendeu a mão e arrancou o papel de mim, amassando-o de leve em seu punho fechado.

— O que você está fazendo? — ele exigiu.

— Sinto muito, eu só...

— Você só o *quê*? — ele latiu. Senti meu corpo sacudir como resposta. — É pessoal! Não é da sua conta o que está escrito.

— Lee... — Bolota disse, soando tão surpreso quanto eu me sentia. — Deixa disso.

— Não, isso é sério. Não lemos as cartas uns dos outros!

— Nunca? — eu disse. — E se você não conseguir encontrar o pai dele e a carta tiver alguma pista de onde ele possa estar?

Liam estava balançando a cabeça, mesmo quando Bolota disse:

— Ela tem razão.

Ele não disse nada, mas as mãos de Liam tremeram no volante. Foi o seu

silêncio que feriu e quando eu não aguentei mais um segundo, estendi a mão e liguei o rádio, rezando para que estivesse tocando uma música dos Allman Brothers. Em vez disso, Betty captou um programa de notícias.

— ... as crianças estão em confinamento para seu próprio bem, não só para a segurança do público norte-americano. Minhas fontes bem posicionadas na administração de Gray informaram que todos os casos em que uma criança foi removida da reabilitação antes do tempo resultaram em sua morte. Não há como reproduzir a rotina de medicação, exercício e estímulos que esses centros de reabilitação usam para manter nossas crianças vivas.

Liam deu um soco no botão de volume, tentando desligá-lo. Em vez disso, o sintonizador pulou para a próxima estação disponível, e, dessa vez, era a voz de uma mulher entregando as más notícias. — *Fontes dizem que dois fugitivos Psi foram encontrados na fronteira de Ohio com West Virginia, viajando a pé...*

Betty virou-se com tanta força e tão depressa no posto vazio, que eu podia jurar que ela o fez em duas rodas. Liam estacionou em diagonal, ao longo de três vagas diferentes, atravessando com um rápido “Já volto”. Num instante ele estava bem ao meu lado, no outro estávamos olhando para a parte de trás de sua camisa vermelha de flanela, enquanto ele pulava sobre uma poça de água parada e caminhava para o prédio de tijolos em estilo colonial e máquinas de refrigerantes.

— Isso foi... dramático.

Virei-me para olhar para Bolota por sobre o banco, mas ele estava tão confuso quanto eu.

— Você devia segui-lo — Bolota disse.

— O que eu devo dizer?

Bolota me deu um de seus olhares.

— Mesmo? Você precisa que eu solete para você?

Eu não tinha ideia do que ele queria dizer, mas fui mesmo assim, trilhando o rastro de raiva e frustração de Liam pelos banheiros, passando pela área abandonada das mesas, até o outro lado do prédio. Onde havia grama alta, árvores e absolutamente jeito nenhum de vê-lo de dentro da Betty.

Ele estava em pé, de costas para mim, soluçando contra a parede do posto. Os braços cruzados no peito, cabelo em pé. Pensei que estava quieta como uma raposa, mas ele soube assim que pisei atrás dele. Sua dor pairava ao nosso redor como umidade, infiltrando-se em minha pele. Senti os dedos invisíveis na minha mente despertarem. Uivando, como um gato selvagem que fora aprisionado por muito tempo.

Mantive a distância.

— Lee?

— Estou bem. Volte para a van — de novo, com a voz animada forçada.

Ele agachou, depois foi para o chão completamente. Mas eu não me mexi, não até ele se inclinar para a frente e enfiar a cabeça entre os joelhos, parecendo

que iria vomitar tudo que havia em seu estômago.

Olhei direto e por muito tempo para o lugar onde seu cabelo claro cacheava contra seu pescoço, no exato lugar onde um velho machucado desaparecia por baixo do colarinho de sua camisa. Minha mão ergueu-se ao meu lado, para afastar o tecido suave. Eu queria ver até onde se estendia essa cicatriz feia. Ver quais outras velhas feridas ele escondia.

Você já o tocou antes, uma voz baixa sussurrou em minha mente, *e nada aconteceu...*

Em vez disso, dei um passo para trás e para longe, então não estava mais em pé logo atrás dele, mas ao lado. Distância. Distância era algo bom.

— Você está certa, sabe? — ele disse baixinho. — Não quero encontrar o Fugitivo só para entregar a carta de Jack. Eu nem quero usá-lo para ajudar a encontrar minha família. Eu sei onde eles estão e como chegar até eles, mas não posso ir para casa. Ainda não.

Em algum lugar atrás de nós, ouvi uma das portas de correr de Betty abrir, mas não rompeu a quietude do momento.

— Por que não? Tenho certeza de que seus pais sentem sua falta.

Liam repousou os braços sobre os joelhos, ainda de costas para mim.

— Bolota te contou... ele disse algo sobre mim e a Liga?

Ele não conseguia ver, mas, ainda assim, balancei a cabeça.

— Harry, meu padrasto, sabia desde o começo que a Liga das Crianças era algo ruim. Disse que nos usariam pior do que Gray já havia usado e não derramariam nenhuma lágrima se morrêssemos ajudando-os. Mesmo depois... depois de Claire. Claire é, era, minha irmãzinha — ele pigarreou. — Mesmo depois que ela se foi, ele costumava me lembrar de que nenhuma luta jamais a traria de volta. Cole já havia se juntado a eles, e ele voltou para me pegar, para ir com eles. Para lutar.

Era. Era minha irmã. Tinha morrido. Outra vítima da NAIA.

— Eu caí nessa. Eu estava com tanta raiva, e odiava tudo e a todos, mas não havia ninguém para quem direcionar isso. Fiquei lá com eles por semanas, treinando, deixando que me transformassem nessa arma. No tipo de pessoa que tiraria a vida de qualquer inocente só porque atendia às necessidades deles, e era o que *eles* queriam. Meu irmão era como um estranho; ele até tinha esse gráfico de mortes no quarto dele. E marcava nele toda vez que matava alguém importante. Sempre que completava uma missão. Eu entrava após treinar o dia todo, olhava para ele e pensava: “Quantas dessas pessoas tinham famílias?” e “Quantas dessas pessoas tinham pessoas que precisavam delas, como precisávamos de Claire?”. E foi isso, todos eles tinham, Ruby. As pessoas não vivem como ilhas.

— Então, você foi embora.

Ele fez que sim.

— Tive que sair correndo durante uma simulação de treinamento externa. Estava tentando voltar para Harry e para mamãe, quando os FEPs me pegaram. — Ele, enfim, virou-se para olhar para mim. — Não posso voltar para eles ainda, não até conquistar isso. Não até consertar tudo.

— Do que você está falando?

— Enquanto eu estava com a Liga, percebi que as únicas pessoas que vão nos ajudar somos nós mesmos. Então, quando descobri uma forma de sair de Caledônia... — a voz de Liam sumiu. Nesse momento, ele disse: Foi horrível. *Horrível*. Eu falhei com eles, mesmo depois de ter prometido que funcionaria no final. Então, por que... — a voz dele ficou presa. — Você ouviu o que o radialista disse. Só alguns de nós saímos e eles continuam nos abatendo como coelhos na temporada de caça. Então, *por que* quero fazer isso de novo? Por que não consigo deixar isso para lá? Tudo o que quero fazer é ajudar mais crianças a saírem de Caledônia, de Thurmond, de cada acampamento, um por um.

Ah, pensei, sentindo-me um pouco amortecida. Ah. Eu só queria encontrar o Fugitivo para ajudar a mim mesma, para descobrir como domar minhas habilidades. Mas, o tempo todo, ele queria encontrá-lo porque tinha certeza de que ele seria capaz de ajudar os outros. De que, juntos, eles poderiam encontrar uma maneira de salvar as crianças que todos fomos forçados a deixar para trás.

— Só é injusto, sabe? A manhã inteira, fiquei pensando, é tão injusto eu estar aqui, tão perto de encontrar o East River, e eles terem morrido — ele apertou as costas da mão contra os olhos. — Fico enjoado com isso. Não consigo esquecer. Não posso. Essas crianças de quem estão falando no rádio, tenho certeza de que são de Caledônia. Eu só... — ele respirou, cansado. — Você acha... você acha que elas se arrependem de terem me seguido?

— Nem por um instante — eu disse. — Escuta, você não as forçou a fugirem. Você só deu a elas o que os FEPs e os controladores de acampamento tiraram delas, uma escolha. Você não pode viver num lugar como esses acampamentos e não saber as consequências que podem surgir. Se essas crianças o seguirem, foi porque *escolheram* seguir. Elas acreditaram quando você disse que todas iriam para casa algum dia.

— Mas a maioria não conseguiu. — Liam balançou a cabeça. — De certa forma, teria sido mais seguro se elas ficassem nos acampamentos, certo? Elas não teriam sido caçadas. Elas não teriam que ver como todos sentem medo delas, ou que sentir que não têm um lugar aqui fora.

— Mas não é melhor dar a elas essa escolha? — perguntei.

— É mesmo?

Minha cabeça pulsava e meus ombros doíam. Quando, enfim, pensei em algo para dizer, Liam estava se levantando, apoiado nos joelhos.

— O que você ainda está fazendo aqui? — sem raiva ou aborrecimento. Não mais.

— Protegendo você.

Ele balançou a cabeça, com um triste sorriso no rosto.

— Você tem coisas melhores com que se preocupar.

— Eu sinto muito — as palavras saíram tropeçando de mim, com pressa e sem fôlego. — Não devia ter aberto a carta dele. Não era da minha conta. Eu não estava pensando.

— Não, *não*, eu é que sinto muito. Não queria explodir com você. Meu Deus, era como se meu pai estivesse falando através de mim. Eu sinto muito mesmo.

Liam olhou para baixo e, quando me fitou novamente, seus lábios estavam bem fechados. Pensei que ele ia chorar ou gritar, e percebi que eu estava indo para a frente no mesmo momento em que ele deu um passo perigoso na minha direção. Encontrar seu olhar direto fez com que me sentisse desossada, mas eu queria a verdade dele, mesmo preocupada que a intensidade desse olhar fosse me queimar.

— Venha, vamos voltar — ele balançou a cabeça. — Eu estou bem. Não devia ter deixado aqueles dois sozinhos de novo.

— Acho que você precisa de mais um minuto — eu disse. — E acho que você deveria aproveitá-lo. Porque, quando voltar para aquele carro, terá pessoas contando com você.

Ele tentou pegar no meu braço, mas dei um passo para trás.

— Não sei o que você é... — ele começou. Deus, eu queria pegar a mão dele quando ele a ofereceu. As minhas estavam congeladas, perfuradas de dor.

— Aqui... — fiz menção para o espaço entre nós. — Este é um lugar onde você não precisa mentir. É verdade o que eu disse antes, mas não posso te ajudar se não me disser o que está mesmo se passando pela sua cabeça. Se precisar falar, desabafar ou gritar, faça isso comigo. Não se levante e *saia* assim de novo, como você sempre faz. Eu sei que você acha que está protegendo a gente, mas, Lee, o que acontece se, um dia desses, você sumir e não voltar?

Ele deu um passo em minha direção, seus olhos escurecendo com algo que eu não reconhecia. Nunca tinha reparado como ele era alto, mas ele parecia crescer sobre mim naquele momento, inclinando-se para baixo até que o rosto dele estivesse nivelado ao meu. Eu pude ver o que faria se nossa situação fosse diferente. Se eu tivesse controle sobre mim mesma. Eu pude ver o que ele queria.

O que *eu* queria.

Meu pé escorregou numa pedra quando me afastei, minhas costas raspam na parede, minha cabeça me fez espiralar em pânico. Ela estava vibrando de ansiedade, saboreando o quão próximo ele estava. Talvez sua raiva tivesse evaporado, mas seja lá o que ele estivesse sentindo agora, era mais forte do que antes, mais forte do que dor, frustração ou fúria. As palavras *saia de perto*

de mim e não estavam entaladas no meu peito apertado, espremidas entre o terror e o desejo. Os lábios de Liam formaram meu nome, mas não houve nada além do sangue correndo nos meus ouvidos.

Tentei, uma última vez, arrancar-me para longe, mas meus joelhos, os traidores, prenderam sob mim. Pontos de todas as cores do arco-íris estouravam e emergiam na frente dos meus olhos.

E foi quando ele me agarrou, só que, dessa vez, foi para me levantar, não para me puxar até ele. Não importava. No momento em que as mãos dele circularam minha cintura, ele se fora.



DEZOITO

MEUS OLHOS ESTAVAM FECHADOS, MAS EU PODIA imaginar o que tinha acontecido. Como as pupilas dele devem ter contraído e depois dilatado, ficando abertas e vulneráveis. Esperando por uma ordem.

A mente de Liam era um borrão de cores e luzes. Num instante, eu estava ao lado de um garoto jovem e loiro usando um sobretudo, apertando a mão de uma mulher. Depois, estava me equilibrando no para-lamas de um carro antigo, enquanto um homem de fisionomia gentil, com braços fortes, apontava para o motor. Eu vi o rosto de um garoto ricochetear para trás quando eu bati no nariz dele, ouvi um rugido de aprovação de um círculo de garotos formado ao nosso redor. Olhei para as longas pernas de Bolota penduradas na borda do beliche de cima e, então, estava em pé na frente de Black Betty, vendo Zu entrar no banco de trás, parecendo frágil e faminta.

E, então, eu me via.

Eu estava me vendo com a luz do sol refletindo em meu cabelo escuro, rindo como boba no banco de passageiros. Eu não sabia que eu podia ter esta aparência.

Não.

Não.

Não! Eu não quero ver...

Eu bati na cara dele. O som ecoou pelos galhos das árvores. A dor surgiu na minha mão, espalhando-se depressa pelo meu braço até o centro do meu peito. Ouvi outra coisa também, um *estalo*, como um ossinho de peru sendo quebrado. Cambaleei para trás, como se fosse eu quem tivesse sido atingida. Eu quase desejei que ele tivesse batido em mim, pois a dor teria me distraído da tontura que veio em seguida.

Entrei em pânico. Eu sabia, por incontáveis experiências em Thurmond, que a melhor forma de romper uma conexão era fazer devagar, com cuidado.

Desatar as linhas invisíveis que nos uniam, uma a uma. Não era bem isso o que acontecera com Sam? Um toque errado e eu saíra tão depressa e com tanta força da mente dela, que arrancara de lá todos os vestígios de mim.

Não era isso?

Não era isso?

A dor diminuiu quanto mais me afastei dele.

— Ruby?

Por que eu sempre tinha que fazer isso? Por que não conseguia me controlar, *uma vez*?

Liam estava me encarando. *Me* encarando, não olhando através de mim. Ele parecia focado, se não totalmente perplexo. Meus olhos pousaram sobre o vergão vermelho que se formava sobre sua bochecha.

Eu tinha ouvido direito? Meu nome?

— Que diabos acabou de acontecer? — ele soltou uma risada abafada. — Parece que fui atingido por um zagueiro.

— Eu escorreguei... — o que eu poderia dizer? A verdade estava na ponta da língua, dançando ali, mas se ele soubesse, se ele soubesse o que eu acabara de fazer com ele...

— E lá estava eu, tentando ser um cavaleiro e tudo o mais, tentando pegar você — ele riu, usando a árvore mais próxima para ajudá-lo a se levantar. — Lição aprendida! Você vai cair da próxima vez, querida, porque, *cara*, você tem uma cabeça dura...

— Desculpa — sussurrei. — Sinto muito, muito mesmo...

Liam parou de rir.

— Verde... você sabe que só estou brincando, certo? Sêrio, só um cara muito especial consegue ser nocauteado pela mesma pessoa que está tentando pegar. Além de trazer à tona algumas memórias humilhantes da educação física da escola, estou bem, mesmo... o quê?

Você sequer se lembra sobre o que estávamos falando?

— Ah meu Deus — ele disse, de repente, percebendo que eu ainda estava no chão. — *Você* está bem? Não acredito que nem perguntei, você está machucada?

Evitei a mão que ele ofereceu. Era muito cedo.

— Estou bem — eu disse. — Acho que devíamos voltar agora. Você deixou Betty ligada.

Minha voz parecia calma, mas por dentro eu era um deserto. Toda a esperança que nascera ali, crescendo e se espalhando, e fluindo como um rio, havia secado num instante. Eu tinha entrado, mas ele não sabia. Eles nunca sabiam.

Isso não podia acontecer de novo, tive sorte dessa vez; ele ainda se lembrava de *mim*, mesmo sem se lembrar do que eu tinha feito. Mas não havia

como garantir que essa sorte ia continuar.

Nada mais de toques. Nada de dedos roçando em braços, ou ombros contra ombros. Nada de pegar na mão dele, não importa o quão quente ou grande fosse.

Só isso já era um motivo para achar esse Fugitivo. Implorar que ele me ajudasse.

— É... é. — ele fez que sim com a cabeça, mas eu não perdi suas sobrancelhas se enrugando quando ele olhou em minha direção de novo, ou a dor lancinante no meu peito quando ele passou e não deixou sua mão procurar pela minha.

Fiquei uns cinco passos à frente dele enquanto voltávamos contornando o posto, passando pelos bebedouros, pelos bancos de prata e mesas sob o toldo. Andei mais rápido, quase correndo ao virar a esquina. Quase esperava ver Bolota e Zu do lado de fora, tentando tombar as máquinas de petiscos para soltarem os que ainda restavam.

Mas não era Bolota esperando por mim lá e, decerto, não era Zu.

Cabelo escuro, olhos mais escuros. Um homem que não devia ter mais do que vinte e cinco anos, com uma cicatriz que começava logo abaixo do seu olho e subia até a linha do cabelo, onde a pele cor-de-rosa brilhante impedia que qualquer pelo crescesse de volta. Meu cérebro processou suas feições, uma a uma, com agonizante lentidão. Observei, enquanto seu rosto se contorcia, virando o nariz para cima, enojado.

Liam gritou meu nome em pânico, com os pés tropejando contra o cimento. *Corra*, eu queria gritar para ele. *O que você está fazendo? Corra!* Virei-me e encarei o homem, o rastreador, com seu casaco azul enrugado bem a tempo de ver a parte de trás de seu rifle voar na direção do meu rosto, nocauteando todo pensamento do meu crânio.

Fiquei cega com a dor, piscando em branco sob minhas pálpebras. Mas eu estava caída, não apagada. Quando o homem tentou me erguer pela parte da frente da camisa, joguei a perna para o lado e o acertei nos tornozelos. Ele caiu no chão com um grunhido, sua arma retinindo contra um monte de pedras ao lado. Eu chutei até fazer contato com algo sólido. Eu sabia que não era o bastante.

Tentei levantar, mas o mundo girava com força e com tudo embaixo de mim. Minha cabeça pulsava e algo quente e molhado verteu sobre meu olho direito. Sangue. Pude sentir seu gosto, então, tanto quanto senti o ar se mover conforme Liam erguia o homem do chão apenas movendo a mão. Ele o jogou como uma boneca de pano contra as bordas afiadas das mesas de piquenique, nocauteando o rastreador num único golpe.

Zu, Bolota, Zu, Bolota, minha mente estava presa num ciclo. Pressionei uma mão na testa, no local onde a arma tinha rasgado a pele numa linha torta.

Não sei o que houve a seguir. Senti como se minha cabeça estivesse

pulando os segundos enquanto nos movíamos. Num momento, acho que Liam deve ter tentado me ajudar a levantar, mas eu o empurrei com mãos desajeitadas e lentas.

Corra! Tentei dizer. Saia daqui!

— Ruby. *Ruby*. — Liam estava tentando chamar minha atenção, pois não tinha visto o que estava à frente.

Zu e Bolota estavam sentados no chão, do lado de fora de Betty. Suas mãos estavam algemadas nas costas e os pés amarrados bem na frente deles com um pedaço de corda amarelo forte. À frente, estava ninguém menos do que Dona Jane.

Essa foi a primeira vez que a vi de perto — perto o bastante, ao menos, para conseguir ver a pinta na bochecha dela e a qualidade afundada de seus olhos por trás da moldura preta dos óculos dela. Seu cabelo escuro estava solto em torno dos ombros e cacheado pela umidade, mas sua pele ainda parecia que tinha sido esticada nos ângulos agudos do rosto. Sua camisa preta estava bem enfiada no jeans, e havia um cinto preto de utilidades ali, para mantê-las no lugar. Reconheci os incontáveis dispositivos pendurados nele. O identificador de Laranjas, um *Taser* [6], algemas...

— Olá, Liam Stewart — a mulher disse, com o sotaque frio e sedoso.

Ao meu lado, Liam fincou os pés e jogou os braços para cima — para jogá-la para trás, eu acho. A mulher só fez *tsc-tsc*, movendo a cabeça na direção de seu braço esquerdo esticado. Meus olhos seguiram o ângulo para baixo, contra a arma apontada para a cabeça de Zu.

— Lee... — a voz de Bolota estava aguda além do normal, mas foi o olhar de Zu que me paralisou.

— Venha aqui — disse a mulher. — Devagar, com as mãos na cabeça. *Agora*, Liam, caso contrário não posso garantir que esse meu dedo não vá escorregar — ela inclinou a cabeça para o lado.

Pânico, pensei, *o botão do pânico, onde?* Minha mochila estava enfiada em algum lugar sob o banco do passageiro. Se eu conseguisse chegar até ela, se pudesse alcançar a porta...

— É? — Liam cuspiu. — E qual é o meu preço hoje em dia? Quanto diminui por você ter demorado três semanas para conseguir nos alcançar afinal?

O sorriso dela titubeou, mas voltou com muito mais dentes do que antes.

— Você ainda vale saudáveis duzentos e cinquenta mil dólares, meu amor. Você devia sentir orgulho disso. Você mal valia dez mil da primeira vez.

Liam estava vibrando de raiva, muito engasgado para falar. Ouvi sua respiração ficar presa na garganta. De repente, entendi como ele sabia tanto sobre ela, essa era a mesma mulher que o capturara antes.

— Você nem imagina minha surpresa quando seu nome surgiu no banco de

dados de procurados... e, com esse tipo de recompensa? Parece que você se meteu em muito mais encrencas desde a última vez em que nos encontramos.

— É, bem... — Liam disse com a voz rouca — eu faço o melhor.

— Mas, querido, como você pôde ser estúpido o bastante para voltar àquele lugar? Você não achou que eu iria procurar lá? — a mulher inclinou a cabeça para o lado. — Seus amigos estavam muito dispostos a me contar para onde estão indo e por que, para eu soltá-los em troca. Lake Prince, não é?

Minha dor deu lugar ao medo, mais uma vez. *Se ela encontrar o East River...* Deus, eu sequer podia imaginar as consequências.

Liam podia, ao que parecia. Seus punhos estavam brancos pelo esforço que fazia para manter os dedos agarrados ao cabelo.

— Se eu consigo esse tanto por você, imagina o que não consigo por um acampamento inteiro de crianças? — ela disse. — O bastante para enfiar comprar minha volta para casa, eu acho, então obrigada por isso. Você não tem ideia do dinheiro necessário para um oficial fazer vista grossa e deixar passar alguém de um país infectado.

O instante seguinte de silêncio que sucedeu foi ensurdecedor, só porque eu sabia exatamente o que ele ia dizer a seguir.

— Se você deixar todos irem embora, você pode me pegar — ele disse, com as duas mãos ainda na cabeça. — Não vou te dar trabalho.

— *Não!* — Bolota gritou. — Não...

A mulher nem precisou de um momento para pensar.

— Você acha que vou fazer algum favor para *você*? Não, Liam Stewart, eu vou levar todos vocês, até mesmo essa sua garota. Talvez você devesse considerar a condição dela antes de tentar barganhar.

Os olhos deles deslizaram na minha direção, olhando para o sangue correndo pelo meu rosto. Tentei manter minha visão reta ao dar um pequeno passo para a frente.

— Não sei de onde você veio, garotinha, mas posso garantir que para onde você vai não será tão agradável.

Não vou voltar.

Nenhum de nós iria. Não se eu pudesse evitar.

— Venha cá — ela disse, com os olhos em mim, mas a arma ainda apontada para Liam. — Você primeiro, garotinha. Vou cuidar bem de você.

Eu fui, um passo por vez, ignorando a respiração forte de Liam e o zumbido em meus ouvidos. Meus olhos alternavam entre Bolota, Zu e o rosto muito satisfeito da mulher. Todos estavam me olhando.

Todos vão saber.

E ninguém estaria disposto a me aceitar depois disso.

— Vire-se — a mulher latiu. Seus olhos piscaram para onde seu parceiro ainda estava escondido, atrás de um emaranhado de mesas de piquenique. Vi sua

pegada relaxar um pouco sobre a arma, com o foco distorcido, e aproveitei a chance.

Meu joelho voou para cima, atingindo-a bem abaixo do peito. A arma estatelou no chão, e eu ouvi Liam dar dois passos correndo em minha direção, mas, de alguma forma, fui mais rápida. O sangue estava vivo e quente na minha testa, pingando pelo queixo. Os olhos da mulher arregalaram, enquanto minhas mãos se fecharam ao redor de sua garganta exposta, batendo-a contra a porta de Betty. Quando o olhar dela encontrou o meu, eu sabia que a tinha. A dor que explodiu atrás dos meus olhos me disse o mesmo.

Entrar na cabeça dela foi tão fácil quanto soltar um suspiro. Vendo suas pupilas encolherem e explodirem de volta ao tamanho normal, parecia que alguém havia enrolado uma linha de arame farpado ao redor do meu cérebro, e a estava apertando a cada segundo que passava.

O rosto de Bolota apareceu no canto da minha visão, os olhos arregalados. Quando ele tentou levantar, eu o derrubei com meu pé. Não. Não era seguro. Ainda não.

A mulher olhou ao redor, com os olhos bem abertos e desfocados. Foi então que o pulsar começou nos meus ouvidos. *Tum-tum, tum-tum, tum-tum, tum-tum...* Eu não sabia distinguir se era meu coração ou o dela.

— Entregue a arma a ele — eu disse, inclinando a cabeça para o lugar onde eu sabia que Liam estava. Quando ela não se moveu, eu empurrei sua imagem, fazendo-o através das formas pretas borbulhantes da sua mente. Eu não conseguia olhar para a reação dele quando a arma foi colocada em sua mão esticada.

— Escute com muita atenção — eu disse. O sangue estava amargo em minha boca. — Você vai se virar e caminhar até a rodovia. Você vai... vai entrar naquela floresta e continuar andando até se passar uma hora... e você vai sentar no meio dela e não vai se mexer. Você não vai comer... ou dormir... ou beber, não importa o quanto você queira. Você não vai se mexer.

Imaginar aquilo na mente dela, empurrar o pensamento dela fazendo exatamente isso, estava tornando-se mais difícil. Não porque o meu controle sobre ela estivesse enfraquecendo, mas porque eu estava perdendo o controle sobre a minha consciência.

Você consegue, eu disse a mim mesma. Não importava que ninguém houvesse me ensinado ou que eu nunca tivesse praticado. No final, tudo era instinto. Como se eu soubesse desde o início.

Fechei os olhos e comecei a trabalhar escolhendo as memórias escurecidas borbulhando atrás dos olhos dela. Encontrei-me dirigindo pela rodovia, com uma mão no volante e a outra apontando para o posto de serviço à frente. Estacionei o carro um pouco antes, meio escondido pelas árvores, e comecei a caminhar até a van preta solitária no estacionamento. Permaneci com essa memória,

absorvendo o cheiro da chuva e da grama, sentindo a leve brisa, até o parceiro dela chegar na van, com o rifle apontado e pronto para atirar.

Forcei a memória para fora da mente dela, imaginando nada além do ar onde Black Betty estivera no estacionamento. Rastreei a linha das lembranças até os garotos no Walmart, até o segredo que revelaram sobre East River. As imagens se esvaíam em manchas de luz, como gotas de chuva correndo pela janela de um carro.

— Agora, você... você não vai se lembrar de nada disso nem de nenhum de nós.

— Eu não vou me lembrar de nada disso... — ela papagaiou, como se o pensamento tivesse apenas passado em sua mente.

Eu soltei o pescoço dela, mas minha dor não passou. Os olhos dela recuperaram algum foco. A dor não passava. Ela virou-se com força sobre o calcanhar e começou a caminhar na direção da rodovia deserta.

A dor não passou.

Não, ela piorou. Uma gota de suor surgiu em minhas têmporas e desceu pela extensão da minha coluna. Eu estava ensopada. O cabelo grudava no meu rosto. Minha camiseta era uma segunda pele. Agachei-me. Se eu fosse desmaiar, era melhor ficar perto do chão.

Deus, eu não quero desmaiar. Não desmaie. Não. Desmaie...

Ouvi Liam dizer algo. O pé dele entrou no meu campo de visão e eu inclinei-me para trás.

— Não... — comecei. *Não me toque. Não agora.*

E foi estranho, porque a última coisa que eu vi antes de fechar os olhos não foi o velho asfalto, não foi o céu ou mesmo meu reflexo nos painéis de Betty. Foi uma de minhas próprias lembranças, tremeluzente. De alguns dias antes, de quando Liam estava no banco do motorista, cantando *Layla*, junto com Derek and the Dominos, a plenos pulmões, tão fora do tom que até mesmo Bolota começou a rir. Zu estava sentada logo atrás dele, dançando no ritmo da música, com todo seu corpo balançando junto com a guitarra elétrica. E era tão fácil naquele instante sorrir e fingir, ainda que por um segundo, que tudo ficaria bem. Que meu lugar era junto deles.

Porque eles não sabiam, nenhum deles sabia, e agora eles sabiam, estava acabado. Tudo estava acabado agora e eu nunca teria aquilo de volta.

Desejei ter ido atrás do botão de pânico. Desejei que Cate pudesse vir e me levar para longe deles e para perto das únicas pessoas que me acolheriam pelo monstro que eu era.



DEZENOVE

QUANDO EU ESTAVA PRESTES A COMPLETAR DEZ ANOS de idade, a coisa mais significativa sobre aquele número era que tinha dois dígitos. Não parecia muito com um aniversário, de qualquer forma. No jantar, sentei-me à mesa no meio dos meus pais, mexendo as ervilhas no meu prato, tentando ignorar o fato de que nenhum deles estava falando, entre si ou comigo. Os olhos da mamãe estavam vítreos e com as bordas vermelhas por causa da discussão que tiveram uma hora antes; ela ainda estava, corajosamente, tentando reunir crianças para uma festa surpresa para mim, mas o papai a forçou a ligar e cancelar. Disse que não era o tipo de ano para comemorar, e, como a última criança viva no meu quarto, seria cruel pendurar o cartaz de aniversário e amarrar o tradicional feixe de balões do lado de fora. Ouvi tudo do topo da escada.

Eu não me importava mesmo com o aniversário, de qualquer forma. Não era como se eu tivesse alguém que quisesse convidar. O que era mais importante para mim era o fato de, com dez anos, eu, de repente, ser *velha*, ou melhor, seria velha *em breve*. Eu começaria a olhar as garotas nas revistas, seria forçada a usar vestidos, saltos altos e maquiagem, iria para o *ensino médio*.

— Dez anos depois de amanhã, eu terei vinte anos. — Não sei por que disse isso em voz alta. Era só uma percepção profunda e tinha de ser partilhada.

O silêncio que se seguiu foi dolorido, de verdade. Mamãe endireitou-se e pressionou o guardanapo contra a boca. Por um instante, pensei que ela ia se levantar e sair, mas a mão de papai desceu e repousou sobre a mão dela, firmando-a como uma âncora.

Papai terminou de mastigar o frango grelhado antes de lançar-me um sorriso que tremia nos cantos. Ele inclinou-se para baixo de uma forma que nossos olhos igualmente verdes encontraram-se. — É isso mesmo, Abelhinha. E quantos anos você terá dez anos depois disso?

— Trinta — eu disse. — E você terá... cinquenta e dois!

Ele riu. — Isso mesmo! A meio caminho do...

Tímulo, minha mente sussurrou. *A meio caminho do tímulo*. Papai percebeu seu erro antes que a palavra saísse por completo de sua boca, mas não importou. Nós três sabíamos o que ele queria dizer.

Tímulo.

Eu sabia o que era a morte. Eu sabia o que acontecia depois que você morria. Na escola, eles trouxeram visitas especiais para falar com as crianças que voltaram. A designada para nossa sala, senhorita Finch, fez sua apresentação duas semanas antes do Natal, vestindo uma camisa de gola olímpica rosa-choque e óculos que cobriam metade do seu rosto. Ela escreveu tudo na lousa, em letras grossas e maiúsculas. MORRER NÃO É DORMIR. ACONTECE COM TODO MUNDO. PODE ACONTECER A QUALQUER MOMENTO. VOCÊ NÃO VOLTA.

Quando as pessoas morrem, ela explicou, param de respirar. Elas não têm que comer, não falam mais e não podem pensar ou sentir saudades de nós como sentimos delas. Elas nunca, *nunca* acordam. Ela continuou dando mais exemplos, como se fôssemos muito idiotas ou pequenos demais para entender — como se nós seis, que restávamos, não tivéssemos ficado ali e visto as luzes de Grace se apagarem. Gatos mortos não podem ronronar e cachorros mortos não brincam. Flores mortas — a senhorita Finch apontou para o feixe de flores secas na mesa da minha professora — não crescem nem florescem mais. Horas disso. Horas perguntando *Vocês entenderam?* Mas, para todas as respostas dela, ela nunca conseguiu responder à única pergunta que eu desejei fazer.

— Como é?

Papai olhou bruscamente para cima.

— Como é o quê?

Olhei para o meu prato.

— Morrer. Dá para sentir isso? Eu sei que não é igual para todo mundo, e que você para de respirar e seu coração para de bater, mas como é?

— Ruby! — pude ouvir o horror na voz da mamãe.

— Tudo bem se doer — eu disse. — Mas você ainda está no seu corpo depois que as coisas param de funcionar? Você sabe que morreu?

— *Ruby!*

As sobranceiras fartas do papai juntaram-se conforme os ombros dele caíram.

— Bem...

— Não se atreva — mamãe disse, usando sua mão livre para tentar erguer a mão grande dele, que estava sobre seus outros dedos trêmulos. — Jacob, não se atreva...

Mantive as mãos apertadas debaixo da mesa, tentando não olhar para o rosto da mamãe, que se empalideceu, de um vermelho profundo para um branco inóspito.

— Ninguém... — papai começou. — Ninguém sabe, querida. Não posso te dar essa resposta. Todos descobrem quando chega a hora. Acho que deve depender...

— *Pare com isso!* — mamãe disse, batendo com a outra mão na mesa. Nossos pratos pularam sincronizados com a palma dela. — Ruby, vá para o seu quarto!

— Calma — papai disse a ela, em voz rígida. — É importante falar sobre isso.

— Não é! Não é mesmo! Como se atreve? Primeiro, você cancela a festa e quando eu falo... — ela ficou tensa com o apertão dele. Eu observei, com a boca aberta, quando ela pegou o copo de água e o atirou na cabeça dele. Esquivando-se, ele levantou a mão da mesa, o bastante para se contorcer e ficar em pé. Sua cadeira caiu com tudo no chão um instante depois de o copo estilhaçar contra a parede atrás da cabeça dele.

Eu gritei — eu não queria, mas escapou. Mamãe veio para o meu lado da mesa e pegou-me pelo cotovelo, erguendo-me, quase levando a toalha de mesa comigo.

— Pare com isso — ouvi papai dizer. — *Pare!* Temos que falar com ela sobre isso! Os médicos disseram que devíamos prepará-la!

— Você está me machucando — consegui dizer engasgada. Mamãe assustou-se com o som da minha voz, olhando para baixo, para onde suas unhas estavam cravadas na pele macia do meu braço.

— Ah, meu Deus... — ela disse, mas eu já estava no corredor, subindo as escadas correndo, batendo a porta do quarto e trancando-a, fechando do lado de fora o som dos meus pais gritando um com o outro.

Mergulhei debaixo do pesado cobertor roxo, derrubando no chão a fileira cuidadosamente organizada de bichos de pelúcia. Não me dei ao trabalho de trocar as roupas que usei para ir à escola ou apagar as luzes, não até eu ter certeza de que eles ainda estavam na cozinha e bem longe de mim.

Uma hora depois, respirando o mesmo ar debaixo da coberta, escutando o chocalhar da entrada de ar, pensei em outra coisa importante sobre completar dez anos.

Grace tinha dez anos. Assim como Frankie, e Peter, e Mario, e Ramona. Assim como metade da minha sala, a metade que não retornou após o Natal. *Dez anos é a idade mais comum para manifestação da NAIA*, eu ouvi por acaso um jornalista falar, *mas a enfermidade pode aparecer entre os oito e catorze anos de idade*.

Estiquei as pernas para fora e espremi os braços ao meu lado. Prendi a respiração e fechei os olhos, ficando o mais inerte possível. *Morta*. A Senhorita Finch descrevera isso como uma série de paradas e negativas. Parar de respirar. Não se mover. Coração parado. Não dormir. Não parecia que devia ser assim tão

simples.

— Quando um ente querido morre, ele não volta a acordar — ela dissera. — Não há retornos ou segundas chances. Você pode desejar que eles voltem, mas é importante entender que eles não podem, e eles não vão voltar.

Lágrimas deslizaram pela lateral do meu rosto, pingando nas minhas orelhas e no cabelo. Virei-me de lado, esmagando um travesseiro contra o rosto, tentando bloquear os gritos de briga lá embaixo. Eles estavam subindo no meu quarto para gritar comigo? Uma ou duas vezes, eu havia escutado passos pesados nas escadas, mas, então, a voz do papai flutuava até mim, explosiva e terrível, gritando palavras que eu não gostava ou compreendia. Mamãe parecia que estava sendo desentranhada.

Levei as pernas até o peito e pressionei o rosto contra os joelhos. Para cada duas vezes que eu inspirava, eu tinha sorte de conseguir expirar uma. Dentro do meu peito, o coração batia rápido durante o que pareciam horas, pulando a cada estilhaço ou barulho que vinha lá de baixo. Coloquei a cabeça para fora da cobertura só uma vez, para garantir que trancara a porta. Isso os deixaria muito mais bravos, caso a forçassem, mas eu não me importava.

Minha cabeça parecia leve e pesada ao mesmo tempo, mas o pior de tudo era a pulsação. O *dum-dum-dum* na minha nuca, como se algo estivesse dentro de mim, batendo no meu crânio, tentando sair.

— Pare com isso — sussurrei, apertando os olhos por causa da dor. Minhas mãos tremiam tanto que eu não conseguia mantê-las sobre as orelhas. — Por favor, por favor, *pare!*

Horas mais tarde, quando meus pés me carregaram lá para baixo, eu os encontrei em seu quarto escuro, dormindo fundo. Fiquei em pé, na fresta de luz entrando pela porta aberta, esperando para ver se acordariam. Cheguei a pensar em me enfiar na cama, no meio deles, como costumava fazer, naquele pequeno espaço entre eles que eu sabia que era quente e seguro. Mas o papai tinha me dito que eu era muito grande para fazer essas coisas tolas.

Então, em vez disso, caminhei até o lado de mamãe na cama e dei-lhe um beijo de boa noite. Sua bochecha estava melecada de creme com cheiro de jasmim, gelada e suave ao toque. No instante em que pressionei os lábios ali, pulei para trás, com um clarão branco queimando dentro de minhas pálpebras. Por um estranho instante, a imagem do meu próprio rosto saltara para a frente de uma longa série de pensamentos embaralhados, depois desaparecera, como uma foto sendo levada pela água escura. O cobertor dela deve ter batido em mim, o choque viajou até meu cérebro, fazendo-o piscar em branco por um segundo.

Ela não deve ter sentido isso, porque não acordou. Nem papai, quando a mesma coisa estranha aconteceu.

Conforme caminhei lá para cima, o aperto em meu peito desapareceu, levantando-se junto com o edredom, enquanto eu o chutava para o chão. A dor

excruciante soltou-se do meu cérebro, fazendo-me sentir como se meu tanque estivesse vazio. Tive que fechar os olhos para bloquear a visão do meu quarto balançando na escuridão.

E, então, veio a manhã. Meu alarme disparou às sete em ponto, mudando para o rádio, bem na hora em que a canção *Goodbye, Yellow Brick Road*, de Elton John, estava começando. Eu me lembro de sentar na cama, mais surpresa do que qualquer outra coisa. Toquei meu rosto, o peito. O quarto parecia ter um brilho irreal para tão cedo, apesar das cortinas estarem fechadas, e, em apenas alguns minutos, a dor de cabeça voltara, com força total.

Rolei para fora da cama, caindo no chão, com o estômago revirando comigo. Esperei até que os pontos escuros parassem de flutuar nos meus olhos e tentei engolir para amenizar a garganta seca. Eu conhecia esse sentimento, sabia o que o nó em minhas entranhas significava. Doente. Eu estava doente no meu aniversário.

Cambaleei para longe da cama, vestindo meu pijama do Batman a caminho da porta. Mamãe ficaria mais brava ainda se soubesse que dormi com minha camisa de botões bonita; estava amarrotada e ensopada de suor, apesar do frio entrando pela janela do quarto. Talvez ela se sentisse mal sobre a noite anterior e me deixasse ficar em casa, para mostrar o quanto estava arrependida.

Eu não estava nem na metade da escada quando vi o estrago na sala de estar. No último degrau, parecia que um bando de animais havia entrado e feito a festa, jogando travesseiros, derrubando uma poltrona e estilizando cada um dos candelabros de vidro que estavam sobre a mesa de centro, agora quebrada. Todas as fotos do parapeito da lareira estavam no chão, assim como a fileira de retratos da escola que mamãe colocara na mesa atrás do sofá. E, então, lá estavam os livros. Dezenas deles. Mamãe deve ter esvaziado todos os livros da biblioteca, de raiva. Eles estavam jogados no chão como balas coloridas.

Porém, por mais assustadora que aquela sala estivesse, só tive vontade de vomitar quando cheguei ao último degrau e senti o cheiro de bacon, e não de panquecas.

Não tínhamos muitas tradições familiares, mas ter panquecas de chocolate nos aniversários era uma delas, e a menos provável de não lembrarmos. Nos últimos três anos, eles haviam esquecido de deixar leite e biscoitos para o Papai Noel; de alguma forma, esqueceram o pacto de que iríamos acampar em todos os fins de semana de Quatro de Julho, e, às vezes, também se esqueciam de comemorar o Dia de St. Patrick. Mas não lembrar das panquecas de aniversário?

Ou, talvez, ela só estivesse brava comigo o bastante para não as fazer. Talvez ela me odiasse depois do que eu disse ontem à noite.

Mamãe estava de costas para mim quando entrei na cozinha, protegendo os olhos da luz do sol que entrava pela janela acima da pia. Seu cabelo escuro estava amarrado para trás, num coque baixo e bagunçado, pousado contra o

colarinho de seu roupão vermelho. Eu tinha um igual; papai os comprara de Natal, no mês anterior. — Vermelho rubi para minha Ruby — ele dissera.

Ela estava cantarolando baixinho, com uma mão virando o bacon no fogão e outra segurando um jornal dobrado. Qualquer que fosse a canção grudada na sua cabeça, era animada, vivaz e, por um instante, eu achei que os astros estavam alinhados a meu favor. Ela havia esquecido a noite passada. Ela me deixaria ficar em casa. Depois de meses com raiva e brava por qualquer coisinha, ela, enfim, estava feliz de novo.

— Mamãe? — depois, de novo, mais alto. — Mamãe?

Ela virou-se tão depressa, que derrubou a frigideira do fogão e quase derrubou o jornal cinza na chama aberta ali. Eu a vi estender a mão para trás e batê-la nos botões, girando um deles até o cheiro de gás desaparecer.

— Não estou me sentindo bem. Posso ficar em casa hoje?

Nenhuma resposta, nem uma piscadela. Sua mandíbula estava funcionando, mastigando, mas eu precisei caminhar até a mesa e sentar-me para que ela encontrasse sua voz.

— Como, como você entrou aqui?

— Estou com muita dor de cabeça e meu estômago dói — eu disse a ela, colocando os cotovelos sobre a mesa. Eu sabia que ela odiava quando eu reclamava, mas eu não achava que ela odiava o bastante para vir até aqui e me pegar pelo braço de novo.

— Eu perguntei como você entrou aqui, menina. Qual é o seu nome? — a voz dela soava estranha. — Onde você mora?

Sua pegada na minha pele ficava mais forte quanto mais eu demorava para responder. Era uma piada, certo? Ela estava doente também? Às vezes, remédio de gripe fazia coisas engraçadas com ela.

Coisas *engraçadas*, no entanto. Não coisas assustadoras.

— Você pode me dizer seu nome? — ela repetiu.

— Ai! — eu gritei, tentando arrancar meu braço para longe. — Mamãe, o que aconteceu?

Ela me arrancou da mesa, forçando-me a ficar em pé.

— Onde estão seus pais? Como você entrou nesta casa?

Algo ficou apertado em meu peito, a ponto de explodir.

— Mãe, mamãe, por que...

— Pare com isso — ela chiou — pare de me chamar assim!

— O que você...? — acho que devo ter tentado dizer algo mais, porém ela me arrastou até a porta que dava para a garagem. Meus pés escorregavam contra a madeira, queimando a pele. — O... o que deu em você? — gritei. Tentei me libertar dela, mas ela sequer olhava para mim. Não até chegarmos à porta da garagem e ela empurrar minhas costas contra ela.

— Podemos fazer isso do jeito fácil ou do difícil. Sei que você está confusa,

mas juro que não sou sua mãe. Não sei como você entrou nesta casa e, para ser sincera, não sei se quero saber...

— Eu moro aqui! — eu disse a ela. — Eu moro aqui! Eu sou a *Ruby*!

Quando ela olhou para mim de novo, não vi nenhuma das coisas que faziam da mamãe a minha mãe. As rugas que se formavam em torno dos seus olhos estavam lisas, e sua mandíbula estava apertada em torno do que ela queria dizer em seguida. Quando olhou para mim, ela não *me* viu. Eu não era invisível, mas não era a Ruby.

— Mamãe — comecei a chorar. — Sinto muito, não queria ser má. Desculpa, desculpa! Por favor, prometo que vou ser boazinha, vou para a escola hoje e não vou ficar doente e vou arrumar meu quarto. Desculpe, por favor, se lembre. *Por favor!*

Ela colocou uma mão no meu ombro e a outra na maçaneta.

— Meu marido é policial. Ele vai poder te ajudar a ir para casa. Espere aqui, e não toque em nada.

A porta abriu e fui empurrada contra uma parede gelada pelo ar de janeiro. Cambaleei até o concreto sujo e manchado de óleo, conseguindo me segurar antes de bater na lateral do carro dela. Ouvi a porta bater atrás de mim, e o barulho do trinco fechando. Escutei-a chamar o nome do papai tão claro quanto ouvi os pássaros nos arbustos do lado de fora da garagem escura.

Ela nem acendeu a luz para mim.

Levantei-me, apoiando nas mãos e nos joelhos, ignorando a ardência do ar gelido em minha pele nua. Atirei-me na direção da porta, vasculhando até encontrá-la. Tentei sacudir a maçaneta, girando-a, ainda pensando, esperando, rezando para que essa fosse alguma grande surpresa de aniversário, que, quando eu voltasse para dentro, haveria um prato de panquecas na mesa e papai traria os presentes e poderíamos — poderíamos — poderíamos fingir que a noite anterior não acontecera, mesmo com as evidências na sala ao lado.

A porta estava trancada.

— Desculpa! — eu estava gritando. Batendo os punhos contra a porta. — *Mamãe, desculpa!* Por favor!

Papai apareceu um instante mais tarde, com sua forma sólida desenhada pela luz de dentro da casa. Vi o rosto vermelho brilhante de mamãe por sobre o ombro dele; ele virou-se para dispensá-la e depois estendeu a mão para ligar a luz do teto.

— Papai! — eu disse, lançando os braços em torno de sua cintura. Ele me deixou mantê-los ali, mas tudo o que consegui em retorno foi um leve tapinha nas costas.

— Você está segura — ele me disse, com sua usual voz suave e estrondosa.

— Papai, tem algo errado com ela — eu estava tagarelando. As lágrimas queimavam minhas bochechas. — Eu não queria ser má! Você tem que

consertá-la, ok? Ela... ela...

— Eu sei, acredito em você.

Com isso, ele retirou meus braços com cuidado de seu uniforme e guiou-me para baixo, e sentamos no degrau, olhando para o sedã marrom de mamãe. Ele procurava por algo nos bolsos, escutando-me enquanto eu contava tudo o que acontecera desde que eu entrara na cozinha. Ele tirou um pequeno bloco de papel de seu bolso.

— Papai — tentei de novo, mas ele me interrompeu, colocando um braço entre nós. Eu entendi — *não me toque*. Eu o vi fazer algo assim antes, no Dia de Levar seu Filho ao Trabalho, na delegacia. A forma como ele falava, como não me deixava tocá-lo, eu o tinha visto tratar outra criança dessa forma, só que aquela tinha um olho roxo e o nariz quebrado. Aquela criança era um estranho.

Qualquer esperança que eu sentia borbulhando dentro de mim explodiu em milhares de pedacinhos.

— Seus pais disseram que você foi má? — ele perguntou, quando conseguiu falar uma palavra. — Você saiu de casa porque estava com medo que eles lhe machucassem?

Ergui-me do chão. *Essa é a minha casa!* eu queria gritar. *Vocês são meus pais!* Minha garganta parecia ter se fechado.

— Você pode falar comigo — ele disse, com muita gentileza. — Não vou deixar ninguém te machucar. Só preciso do seu nome e então podemos ir até a delegacia e fazer algumas ligações...

Não sei qual parte do que ele estava dizendo, enfim, magoou-me, mas, antes que eu pudesse me segurar, lancei os punhos contra ele, acertando-o diversas vezes, como se aquilo fosse lhe devolver a razão. — Eu sou sua *filha!* — gritei. — Eu sou *Ruby!*

— Você tem que se acalmar, Ruby — ele me disse, pegando meus punhos. — Vai ficar tudo bem. Vou ligar primeiro para a delegacia e depois nós vamos...

— Não! — eu guinchei. — Não!

Ele me afastou de si e ficou em pé, caminhando até a porta de novo. Minhas unhas fincaram na parte de trás da sua mão e eu o ouvi grunhir de dor. Ele não voltou ao fechar a porta.

Fiquei sozinha na garagem, a menos de dez metros de distância da minha bicicleta azul, da barraca que usamos para acampar dezenas de vezes, do trenó no qual quase quebrei meu braço. Em toda a garagem e na casa havia pedaços de mim, mas mamãe e papai não conseguiam juntá-los. Eles não pareciam completar o quebra-cabeças que estava bem na frente deles.

Mas, enfim, eles devem ter visto minhas fotos na sala, ou ido até meu quarto bagunçado.

— ... essa não é minha filha, Ruby! — eu conseguia ouvir minha mãe gritando através das paredes. Ela estava falando com a vovó, tinha que estar.

Vovó a endireitaria. — Eu não tenho filha! Ela não é minha, eu já os chamei, não... *pare com isso! Não sou louca!*

Eu tinha que me esconder. Eu não podia deixar que me levassem para a delegacia, mas também não podia discar para 911 para pedir ajuda. Talvez, se eu esperasse lá fora, eles ficariam melhor sozinhos? Corri em direção aos barris de armazenamento do outro lado da garagem, espremendo-me para passar pela frente do carro da mamãe. Um, talvez dois passos a mais e eu teria pulado dentro do barril mais próximo e enterrado-me debaixo de uma pilha de cobertores. A porta da garagem abriu primeiro.

Não até o fim, só o bastante para que eu visse a neve na entrada, a grama e a parte de baixo de um uniforme escuro. Espremi os olhos, erguendo a mão contra o cobertor ofuscante de luz branca que parecia se assentar sobre minha visão. Minha cabeça começou a pulsar, mil vezes pior do que antes.

O homem de uniforme escuro ajoelhou-se na neve, com os olhos escondidos por óculos escuros. Eu nunca o tinha visto antes, mas decerto não conhecera todos os policiais da delegacia do meu pai. Esse parecia mais velho. *Mais bruto*, lembro-me de ter pensado.

Ele fez um gesto para que eu avançasse de novo, dizendo:

— Estamos aqui para te ajudar. Por favor, venha para fora.

Dei um passo incerto, depois outro. Esse homem era um policial, eu disse a mim mesma, mamãe e papai estão doentes, e eles precisam de ajuda. Seu uniforme azul-marinho parecia mais escuro quanto mais eu me aproximava, como se estivesse ensopado de chuva. — Meus pais...

O oficial não me deixou terminar. — Venha aqui, querida. Você está a salvo agora.

Só quando meus dedos descalços roçaram na neve e o homem enrolou meu longo cabelo em seus punhos, que eu percebi que seu uniforme era preto.

Quando, enfim, voltei a mim, na luz cinzenta, eu soube, pela curvatura do meu banco traseiro e pelo cheiro falso de detergente de limão, que estava de volta na Betty.

A van não estava ligada e andando, nem a estrada passava debaixo de mim, mas as chaves estavam no contato e o rádio ligado. Bob Dylan sussurrava o verso inicial de “Forever Young” nos alto-falantes.

A música foi interrompida de forma brusca, substituída pela voz perturbada do DJ.

— ... *desculpem-nos por isso* — o homem soltou uma risada nervosa e ofegante. — *Não sei por que o sistema tocou esta. Está na lista de não tocar. Ah... de volta à... música. Esse é um pedido de Bill, em Suffolk. Fiquem com “We Gotta Get Out of This Place”, dos Animals.*

Abri um olho e tentei sentar, sem sucesso. O pulsar em minha cabeça era

tão brutal que eu tive que cerrar os dentes para evitar vomitar em cima de mim mesma. Uns bons vinte minutos devem ter se passado até que eu me sentisse forte o bastante para erguer a mão e tocar o epicentro da dor na têmpora direita. Meus dedos roçaram contra a superfície pontuda e levantada da minha pele, sentindo cada ponto áspero que a segurava.

Bolota.

Puxei o braço direito à minha frente. Ele balançava, inútil e dormente, até o sangue começar a fluir de novo. A partir daí, senti queimação e agulhadas. Mas a dor era boa. Acordou o resto do meu corpo do sono teimoso.

Não me deixava esquecer.

Eu devia ir embora, pensei. Agora, antes que eles voltassem. A ideia de ver o rosto de qualquer um deles fez o meu peito parecer que ia explodir.

Eles sabem.

Eles sabem.

Eu comecei mesmo a chorar nesse momento. Eu não senti orgulho disso, mas sabia que não podia passar por isso de novo e sair inteira.

Ouvi passos do lado de fora.

— ...falando que é muito perigoso — disse Bolota. — Precisamos pensar em nos livrar dela.

— Não quero falar sobre isso agora. — Liam parecia agitado.

Usei um dos cintos de segurança para me endireitar. A porta de correr estava aberta, dando uma perfeita visão de onde Bolota e Liam estavam, em frente de uma pequena fogueira, rodeada por uma série de pedras designais. O céu estava escurecendo.

— Quando nós *vamos* falar sobre isso, então? — Bolota disse. — Nunca? Só vamos fingir que não aconteceu?

— Zu vai voltar logo...

— Bom! — Bolota gritou. — Bom! Essa decisão é dela também, essa decisão é de todos nós, não é só sua!

O rosto de Liam estava mais vermelho do que eu jamais vira.

— O que diabos devemos fazer, só *largá-la* aqui?

Sim, eu pensei. É isso mesmo o que vocês deviam fazer. E eu começara a subir pelos bancos do meio para dizer isso a eles, quando Bolota se aproximou, atirando Liam de costas sem tocar nele. Destemido, Liam fechou a boca numa linha apertada, ergueu a mão e, literalmente, tirou o chão debaixo dos pés do amigo. Bolota bateu na poeira com uma nítida arfada, muito atordoado para fazer qualquer coisa a não ser deitar ali.

Liam ficou no chão também, pressionando os punhos contra os olhos.

— Por que você está fazendo isso com a gente? — Bolota gritou. — Você *quer* ser pego?

— Eu sei, eu sei — ele disse. — Isso é minha culpa. Eu devia ter tido mais

cuidado...

— Por que você não me *disse*? — Bolota continuou. — Você sabia disso o tempo todo? Por que mentir sobre isso? Você quer mesmo ir para casa ou... ?

— *Charles!*

O nome dele estalou ao sair da minha garganta. Não parecia minha voz, mas os garotos me reconheceram logo. O rosto de Bolota perdeu um pouco do calor ao virar-se para onde eu estava, apertando a moldura da minivan, aquecida pelo sol. Liam levantou-se do chão.

— Eu vou embora, então vocês... não briguem mais, ok? — eu disse. — Desculpe ter mentido para vocês. Eu sei que devia ter ido embora, mas eu queria ajudar vocês a irem para casa, pois vocês me ajudaram, e eu sinto muito, eu sinto muito, muito...

— Ruby — Bolota disse, depois de novo, mais alto — Ruby! Ah, pelo amor de... estávamos falando da Black Betty e não do seu traseiro Laranja.

Eu congelei.

— Eu só... eu pensei... eu entendo porque vocês me deixariam para trás...

— Ahn? — Liam olhou apavorado. — Deixamos o rádio ligado, caso você acordasse, para saber que *não* tínhamos abandonado você.

Deus me ajude, aquilo só me fez chorar ainda mais.

Quando uma garota chora, poucas coisas são menos inúteis do que um garoto. Tendo dois deles, isso só significava que eles olharam um para o outro, sem ação, em vez de olharem para mim. Bolota e Liam ficaram de pé, sem jeito até o pescoço, até que Bolota, enfim, estendeu a mão e acariciou minha cabeça como teria feito com um cachorro.

— Você pensou que iríamos querer nos livrar de você porque você não é mesmo Verde? — Liam soava como se estivesse com dificuldades para entender isso. — Quer dizer, não estou empolgado por você não confiar em nós o bastante para contar a verdade, mas isso era o seu segredo.

— Eu confio em vocês, eu confio — eu disse —, mas não queria que vocês pensassem que eu me forcei ou manipulei vocês. Não queria que tivessem medo de mim.

— Ok, primeiro? — Liam disse. — Por que a gente pensaria que você fez um truque de mente *Jedi* para deixarmos você ficar? Nós votamos, *nós* pedimos para *você*. Segundo, o que, em nome do planeta verde de Deus, tem de errado em ser Laranja?

— Você não faz ideia — ... *do que eu sou capaz*.

— Exato — Bolota interrompeu. — Não temos ideia, mas não é como se fôssemos ganhar prêmios de normalidade em breve. Então, você entra na mente das pessoas? Nós dois podemos jogar as pessoas para todo o lado como brinquedos. Zu uma vez explodiu uma unidade de ar-condicionado, e tudo o que ela fez foi passar por ela.

Não era o mesmo e eles não entendiam isso.

— Não consigo sempre controlar como vocês conseguem — eu disse. — E, às vezes, faço coisas, coisas *ruins*. Vejo coisas que não devia. Transformo as pessoas em coisas que elas não são. É horrível. Quando estou na mente de alguém, é como areia movediça, quanto mais eu tento me libertar, mais danos eu provoco.

Bolota começou a dizer algo e parou. Liam inclinou-se, nivelando o rosto com o meu, tão perto que nossas testas estavam quase se tocando.

— Queremos você — ele disse, com a mão deslizando pelo meu cabelo para segurar minha nuca. — Queríamos você ontem, queremos você hoje e vamos querer você amanhã. Não há nada que você possa fazer para mudar isso. Se você está com medo e não entende suas habilidades malucas, então vamos ajudar você a entender, mas não pense, nem por um segundo, que simplesmente abandonaríamos você.

Ele aguardou até que eu olhasse nos seus olhos antes de continuar.

— Foi por isso que você agiu daquele jeito quando eu disse que o Fugitivo podia ser um Laranja? É por isso que você quer encontrá-lo, ou você só quer ir para a casa da sua avó? Porque, de qualquer forma, querida, vamos chegar lá.

— As duas coisas — eu disse. Era muito errado querer ambos?

Eu tinha parado de chorar, mas meus pulmões pareciam grudentos, pesados, e fazer entrar um pouco de ar já era muito esforço. Não sei por que meu cérebro estava parado daquele jeito, mas eu estava tentando não pensar sobre isso. Liam e Bolota pegaram um braço cada um. Eu fui erguida da van, direcionada até o fogo crepitante.

— Onde estamos? — perguntei, enfim.

— Em algum lugar entre a Carolina do Norte e o Great Dismal Swamp [\[7\]](#), espero — Liam disse, ainda com a mão nas minhas costas, agora fazendo círculos ali. — Sudeste da Virgínia. Agora que você está acordada, preciso olhar a Zu. Vocês dois, fiquem quietos, ok?

Bolota fez que sim. Nós o observamos ir em silêncio, depois ele se virou para mim.

— Ruby — ele começou, com a voz bem séria. — Pode me dizer quem é o presidente?

Eu pisquei.

— Pode me dizer por que está fazendo essa pergunta?

— Você se lembra do que aconteceu?

Eu lembrava? A lembrança era leitosa e distorcida, como se eu estivesse olhando o sonho de outra pessoa.

— Homem bravo — eu disse. — Rifle. Cabeça da Ruby. Ai.

— Pare com isso, estou falando sério!

Eu guinchei, tocando os pontos na minha testa de novo.

— Pode falar baixo? Parece que minha cabeça vai afundar.

— É, bem, bem feito por ter matado todos nós de susto. Tome, continue bebendo isso — ele disse, entregando-me o que restava da nossa garrafa de água. Não importava que a água estivesse velha ou quente, eu a terminei num gole. — Quero dizer, meu pai costumava falar que os machucados na cabeça parecem pior do que são na verdade, mas eu cheguei a pensar que você era um cadáver.

— Obrigada por me costurar — eu disse. — Estou parecendo um pouco com o Frankenstein, mas acho que é apropriado, considerando tudo.

Bolota soltou um suspiro cansado.

— Frankenstein é o nome do médico que *criou* o monstro, não o monstro em si.

— Não podia deixar passar, não é?

— Não pegue no meu pé por isso. É você que não conhece a literatura clássica.

— Engraçado, não acho que tinham esse na biblioteca de Thurmond. — Eu não queria que tivesse saído tão afiado como saiu, mas não era uma experiência prazerosa ser lembrada de que seu nível de educação igualava-se ao de uma criança de dez anos.

Ele teve a decência de parecer arrependido ao soltar um suspiro profundo.

— É que... pega leve, tá bom? Meu coração não aguenta tanto estresse.

O tempo todo, enquanto escutava Bolota e Liam tentarem me convencer do contrário, alguma parte de mim tentara entender a discussão que escutara. Eu podia entender, por mais aterrorizante que fosse, a necessidade de deixar Betty para trás. Os FEPs e rastreadores, todos eles pareciam saber que deviam procurar por ela agora. Mas havia algo implícito nas palavras deles — algo que fizeram eles se estranharem. Eu tinha a sensação de que sabia bem o que era, mas não podia perguntar a Liam. Eu queria a verdade, não uma versão dela coberta com açúcar. A versão da Equipe Verdadeira. Só Bolota podia me dar isso.

Mas eu hesitei, porque, ao lado do pé dele, no chão entre nós, estava a cópia de *A Longa Jornada*, de Bolota. E eu ficava pensando sobre essa frase, aquela que me deixara tão brava da primeira vez que li este livro quando criança.

Coelhos precisam de dignidade e, acima de tudo, da vontade de aceitar seu destino.

No livro, os coelhos depararam-se com essa toca — essa comunidade —, que aceitava sobras de comida dos humanos em troca de se conformar de que alguns deles seriam mortos pelos humanos. Esses coelhos pararam de lutar contra o sistema, pois era mais fácil aceitar a perda da liberdade, esquecer-se de como era antes da cerca mantê-los lá dentro, do que saírem pelo mundo lutando para encontrar abrigo e comida. Eles decidiram que a perda de alguns valia a pena pelo conforto temporário de muitos.

— Sempre vai ser assim? — perguntei, levando os joelhos até o peito e

pressionando o rosto contra eles. — Mesmo se encontrarmos o East River e conseguirmos ajuda, sempre vai ter uma Dona Jane na esquina, não vai? Será que vai valer a pena?

A vontade de aceitar seu destino. Em nosso caso, esse destino era nunca ver nossas famílias de novo. Sempre sermos caçados e perseguidos até qualquer canto escuro da terra dentro do qual tentássemos nos esconder. Alguma coisa tinha que acontecer, não podíamos viver assim. Não fomos feitos para isso.

Eu o senti largar uma palma da mão pesada na minha nuca, mas demorou muito tempo para que eu conseguisse juntar as peças dos pensamentos dele.

— Talvez nada, nunca, mude para nós — ele disse. — Mas você não quer estar por aqui, caso mude?

Não sei se foi a fumaça da fogueira que me acalmou, ou a repentina reaparição de Zu, que voltara após espiar um local de acampamento próximo, para garantir que estava deserto. Enquanto ela enrolava os braços ao meu redor, os garotos começaram a reunir o que sobrara da comida dentro de Betty.

— Então, foi assim que você desvendou a pista — Liam disse. — Você viu uma lembrança dela?

Fiz que sim com a cabeça.

— Não é tão impressionante agora, né?

— Não... *não*, não foi isso que eu quis dizer — Liam falou, acrescentando depressa. — É que só estou tentando imaginar como era o interior da cabeça daquele garoto, e o máximo que eu consigo pensar é num pântano cheio de crocodilos. Deve ter sido horrível.

— Não tão terrível quanto entrar na mente de alguém de quem eu gosto mesmo — admiti.

— Você fez isso? — Bolota disse, depois de quase dez minutos de silêncio. Liam estava ocupado testando se conseguia ou não usar a chave de Betty para abrir as tampas das latas de fruta e sopa.

— Eu fiz o quê?

— Já entrou nas nossas mentes? — ele terminou. A maneira como ele perguntou me lembrou a forma como uma criança perguntaria pelo fim de uma história de ninar. Ávido. Era de surpreender, em todos os meus pesadelos sobre eles descobrindo a verdade, eu imaginara Bolota aceitando de uma forma pior.

— É claro que ela está nas nossas mentes — Liam disse, forçando os braços para abrir a tampa da lata. — Ruby é uma de nós agora.

— Não foi isso que eu quis dizer — Bolota bufou. — Só queria saber como funciona. Nunca conheci um Laranja. Não tínhamos nenhum em Caledônia.

— Deve ser porque o governo apagou todos eles — eu disse, largando as mãos no colo. — Foi isso o que aconteceu com eles em Thurmond.

Liam ergueu os olhos, alarmado.

— Como assim?

— Nos primeiros dois ou três anos em que estive lá, tínhamos todo tipo de cor, até mesmo Vermelhos e Laranjas — eu disse. — Mas... ninguém sabe bem por que ou como aconteceu. Algumas pessoas pensaram que eles foram mandados embora porque davam muito trabalho, mas havia boatos de que estavam sendo levados a um novo acampamento, onde poderiam fazer mais testes neles. Então, acordamos numa manhã e os Vermelhos, Laranjas e Amarelos tinham sumido. — E foi tão aterrorizante, para mim, pensar sobre isso agora quanto foi naquela época.

— E você, então? — Bolota perguntou. — Como evitou ser levada?

— Fingi ser Verde desde o começo — eu disse. — Eu vi como os FEPs tinham medo dos Laranjas e confundi o cientista que estava fazendo o teste de classificação. — Foi uma luta conseguir empurrar para fora o resto das palavras. — Aquelas crianças eram... elas eram tão perturbadas, sabe? Talvez fossem assim antes de conseguirem suas habilidades, ou se odiassem por tê-las, mas eles faziam coisas terríveis.

— Como o quê? — Bolota pressionou.

Ah, meu Deus, eu nem podia falar nisso. Eu fisicamente não conseguia falar. Não sobre os milhares de jogos mentais que os vi fazer com os FEPs. Nada a respeito da lembrança de ter que esfregar o chão da Sala de Cerimônias, depois de um Laranja mandar um FEP entrar lá e abrir fogo contra todos os outros soldados que visse no local. Meu estômago revirou-se com violência e, eu conseguia sentir o gosto, a amargura metálica do sangue. Senti o cheiro. Lembrei-me do que senti ao esfregá-lo de baixo das minhas unhas, onde estava aglomerado de forma dolorosa.

Bolota abriu sua boca, mas Liam estendeu a mão para calá-lo.

— Eu só sabia que tinha que me proteger.

E, na verdade, porque eu tinha medo dos Laranjas também. Não havia nada de errado com eles. Conosco. Era o constante falatório, a enxurrada dos sentimentos e pensamentos de todo mundo, eu acho. No fim, você aprende a bloquear um pouco disso, a erguer uma fina parede entre sua mente e a dos outros, mas não antes dos pensamentos venenosos dos outros entrarem ali, manchando os seus próprios. Alguns passam tanto tempo fora de suas mentes que não conseguem funcionar direito quando, enfim, precisam voltar para as próprias.

— Então, agora vocês veem — eu disse, enfim —, o erro que foi me deixar ficar.

Zu balançava a cabeça, parecendo consternada com a sugestão. Bolota esfregou os olhos, escondendo sua expressão. Só Liam estava disposto a olhar bem nos meus olhos. E não havia nojo, medo, ou qualquer uma das milhares de outras emoções feias às quais ele tinha direito, apenas compreensão.

— Tente imaginar onde estaríamos sem você, querida — ele disse, baixinho —, e, então, você vai ver como demos sorte.



VINTE

NAQUELA NOITE DORMIMOS NA VAN, CADA UM esparramado num banco. Deixei Zu ficar com o do fundo e deitei no da frente, ao lado de Liam. Senti-me incomodada com o silêncio e o sono não veio fácil, mesmo quando eu clamei por ele.

Em algum momento, perto das cinco da manhã, logo que eu estava prestes a ceder à névoa que cobria meu cérebro, senti alguém passar um dedo leve na minha nuca. Virei-me para o outro lado, e Liam estava ali, meio acordado.

— Você estava murmurando consigo mesma — ele sussurrou. — Tudo bem?

Ergui-me sobre um cotovelo, limpando o sono dos meus olhos. A chuva se condensara nas janelas, cobrindo o para-brisa rachado como uma camada fina de renda. Toda vez que uma gota de chuva se desalojava e corria pelo vidro, parecia um rasgo no tecido.

Olhar para fora, para dentro da floresta, era como procurar nos sonhos de alguém, desorientador e perturbante, mas, dentro da van, tudo era distinto. As linhas dos bancos reclináveis, os botões do painel, eu até conseguia ler o pequeno nome da marca impresso nos botões da camisa de Liam.

Sob aquela luz, eu conseguia ver cada machucado e corte no rosto dele, alguns começando a se curar, e outros que estavam cicatrizados há tempos. Mas o que chamou minha atenção não foi o machucado em sua bochecha, o mesmo que eu causara a ele há alguns dias, mas a forma como seu cabelo estava quase todo em pé, enrolando em torno das orelhas e do pescoço. A tempestade transformara a cor dele num tom mais escuro de mel, mas ele não perdeu nem um pouco da suavidade. Não me fazia perder a vontade de estender a mão e tocá-lo.

— O quê? — ele sussurrou. — Por que você está sorrindo?

Meus dedos roçaram no cabelo dele, tentando abaixá-lo. Eu percebi o que

estava fazendo durante um minuto inteiro, depois que Liam fechara os olhos e se apoiara ao meu toque. O constrangimento cresceu no meu peito, mas ele apanhou minha mão antes que eu pudesse puxá-la e a enfiou debaixo do queixo.

— Não — ele sussurrou, quando tentei arrancá-la. — É minha agora.

Perigoso. Isso é perigoso. O aviso foi transitório, banido para os cantos esquecidos da minha mente, onde não iria interromper o quanto era bom tocá-lo — o quão certo.

— Eu vou precisar dela de volta em algum momento — eu disse, deixando-o passá-la pela barbicha de seu queixo.

— Azar o seu.

— ... *biscoitos*... — uma voz exalou atrás de nós — *simmmmm...*

Nós dois nos viramos, observando enquanto Bolota se contorcia no banco e acomodava-se de novo, ainda no sono profundo.

Pressionei uma mão na boca para impedir que eu risse. Liam revirou os olhos, sorrindo.

— Ele sonha com comida — ele disse. — *Muito*.

— Ao menos são bons sonhos.

— É — Liam concordou. — Acho que ele tem sorte. — Olhei para trás, para a forma enrolada de Bolota, e, pela primeira vez, percebi como estava frio sem o calor do aquecedor da Betty.

Liam deslizou a cabeça para descansar em seu outro braço, entrelaçando os dedos nos meus. Ele parecia estudar o formato que eles faziam, a forma como meu dedão parecia descansar naturalmente em cima do dele.

— Se você quisesse — ele começou — você conseguiria ver com o que ele está sonhando?

Eu afirmei com a cabeça.

— Mas estas coisas são particulares.

— Mas, você já fez isso antes?

— Não de propósito.

— Comigo?

— Com as garotas na cabana do acampamento — eu disse. — Com a Zu, naquela noite no motel. Eu já entrei na sua cabeça, uma vez. Mas não nos seus sonhos.

— Há dois dias — ele disse, juntando as peças. — No posto.

Foi instintivo querer me afastar, soltar-me antes que ele o fizesse primeiro, mas ele não deixou.

— Não — ele disse. — Não estou bravo.

Ele levou nossas mãos até sua testa, sem olhar para mim ao perguntar:

— Isso piora? Tocar alguém, quer dizer. É mais fácil de controlar?

— Às vezes — admiti. Eu não sabia como explicar, pois nunca quis. — Às vezes, quando estou cansada ou chateada, eu capto os pensamentos de alguém,

ou uma lembrança em que estão pensando, mas posso evitar ser envolvida se não tocar a pessoa. Se encosto nelas quando minha cabeça está assim... é uma conexão automática.

— Foi o que eu pensei — Liam suspirou, fechando os olhos de novo. — Sabe, quando nos conhecemos, você costumava sair do seu caminho para evitar nos tocar. Eu ficava imaginando se era algo que você tinha sido treinada a fazer no acampamento, porque sempre que um de nós tentava tocar você ou falar com você, você pulava, como se tivéssemos te dado um choque.

— Eu não queria machucar nenhum de vocês — sussurrei.

Os olhos dele abriram-se de novo, mais brilhantes do que antes, de alguma forma. Ele moveu a cabeça na direção de nossos dedos entrelaçados.

— Tudo bem?

— *Você* está bem? — devolvi. Eu reconhecia o olhar no rosto dele, era quase idêntico à dor que ele demonstrou no posto, falando sobre seu próprio acampamento. — No que você está pensando?

— Eu estava pensando como é estranho que a gente tenha acabado de se conhecer, há apenas duas semanas, porque parece que eu conheço você há muito mais tempo que isso — ele disse. — E estou pensando que é frustrante sentir que eu conheço algumas partes suas tão bem, mas outras... nem sei como era sua vida antes de você ir para o acampamento.

Como eu poderia contar para ele? O que eu poderia dizer sobre o que eu fizera com meus pais e com Sam, para não assustá-lo e fazê-lo fugir?

— Esse é um lugar onde não precisamos mentir — ele disse, indicando o espaço entre nós. — Você não me disse isto?

— Você se lembra?

— É claro que sim — ele disse. — Porque fico esperando que seja recíproco. Que, se eu perguntar por que você não quer voltar para os seus pais, você vai dizer a verdade, ou se eu perguntar como realmente era em Thurmond, você vai parar de mentir. Mas, então, percebi que isso não é justo, porque não é como se eu quisesse falar sobre a minha família. É tipo... aquelas...

Virei-me para olhar para ele, esperando enquanto ele tentava colocar o pensamento em ordem.

— Não sei se consigo explicar — ele disse. — É difícil colocar em palavras. Essas coisas, essas memórias, são minhas, sabe? São as coisas que o acampamento não levou embora quando fui para lá, e que não tenho que compartilhar se não quiser. Acho que isso é estúpido.

— Não é estúpido — eu disse. — Não é nem um pouco estúpido.

— E eu quero falar sobre tudo com você. Tudo. Mas não sei o que contar sobre Caledônia — ele disse. — Não sei o que posso contar sem fazer você me odiar. Eu fui idiota, sinto vergonha e fico constrangido, e eu sei, *eu sei*, que Charles e Zu me culpam pelo que aconteceu. E eu sei que Cole, a essa altura, já

contou isso para mamãe e ela contou para o Harry, e só de pensar nisso, fico enjoado.

— Você fez o que achava certo — eu disse. — Tenho certeza de que eles entendem isso.

Ele balançou a cabeça, engolindo com força. Estendi a outra mão para tirar o cabelo dos seus olhos. A maneira como ele virou o rosto na minha direção, fechando os olhos e inclinando o queixo, me deu coragem suficiente para fazê-lo de novo. Meus dedos seguiram a ondulação natural do seu cabelo, acompanhando as mechas até sua orelha.

— O que você quer fazer? — sussurrei.

— Tenho que acordar os outros — ele disse. — Temos que continuar andando. Apê.

Minha mão ficou imóvel, mas estava claro que ele tinha tomado sua decisão.

— Pra quê a pressa? — perguntei, com suavidade.

Lá, no canto direito de sua boca, onde a cicatriz se encontrava com os lábios, um sorriso tímido.

— Acho que podemos deixá-los dormir pelo menos algumas horas mais.

— E depois?

— A gente cai na estrada.

Duas horas passaram-se ao nosso redor. Nós dois devemos ter adormecido em algum momento, pois quando abri os olhos, a condensação do vidro estava encolhendo e alguns raios da luz matinal haviam chegado ao chão da floresta.

Quando me mexi, Liam também o fez. Por um instante, não dissemos nem fizemos nada, além de endireitar as câimbras e os torcicolos por causa das posições estranhas nas quais dormimos. Quando chegou a hora de, enfim, soltar a mão dele, senti o primeiro toque do ar gelado abrir caminho de lá de fora.

— Acordando, equipe — ele disse. Seu ombro estalou quando ele estendeu a mão para trás para bater no joelho de Bolota. — Hora de um tremendo *carpe diem*.

Menos de uma hora depois estávamos na frente da minivan preta, observando enquanto Zu verificava debaixo dos bancos pela última vez. Abotoei minha camisa de flanela até a garganta e enrolei um cachecol vermelho que encontrei três vezes em volta do pescoço, não porque eu estava com tanto frio assim, mas porque ajudava a esconder a mancha de sangue perturbadora, espalhada na minha fronte.

— Credo. — Liam tinha uma expressão emburrada ao inclinar-se para tirar meu cabelo que ficou preso embaixo do colarinho. — Prefere usar a minha?

Eu sorri e fechei o zíper para ele. Minha testa ainda estava sensível ao toque e os pontos estavam feios como o pecado, mas eu me sentia melhor. —

Estava assim tão ruim?

— Ruim tipo *Uma noite alucinante II*[8]. — Liam abaixou-se para acrescentar algumas roupas suas à minha mochila. Algo vermelho apareceu na mão dele. — Quase me deu um ataque cardíaco, Verde.

— Não dá mais para chamá-la de Verde, na verdade — Bolota observou. Ele estava tomando a difícil decisão sobre quais livros iria abandonar e quais levaria com ele, e parecia ter decidido ficar com *A longa jornada, O coração é um caçador solitário*[9] e um livro que eu nunca tinha ouvido falar, chamado *Howards end*[10]. Deixados para trás: *O espião que saiu do frio*[11] e *O som e a fúria*[12], os quais Bolota passara a chamar de *O ronco* e *Mate-me logo*.

— É — eu disse. — Chega de Verde...

— Tudo certo? — Liam chamou Zu. Quando ela mostrou-lhe um sinal de positivo, ele jogou a mochila cor-de-rosa dela sobre um ombro e a minha no outro. — É para hoje, Maria da Biblioteca? Pensei que era você que queria ir embora.

Bolota mostrou-lhe o dedo, inclinando-se para a frente para usar todo seu peso e fechar a maleta. Encostei-me sobre ela para ajudá-lo, tentando evitar o olhar no rosto de Liam enquanto ele ficava lá, vendo a carcaça preta destruída de Betty. Zu chorava sem emitir som; Liam tinha as mãos nos ombros dela, segurando-a firme. Até mesmo Bolota olhava para o carro com uma rara suavidade, com os dedos cutucando o tecido da calça.

Entendi por que estávamos nos separando de Betty agora; o outro rastreador, que acompanhava Dona Jane, ainda estava solto por aí. E havia alguma chance de a mulher ter relatado o carro para alguma rede de procurados que os rastreadores utilizavam. Mas, eu também entendia por que Liam relutara tanto em fazê-lo. Diferentemente das cidadezinhas abandonadas e definhadas pelas quais passamos em West Virgínia, as cidades e populações próximas dali ainda resistiam, o que significava que haveria mais pessoas na estrada, e Betty, com seus buracos de bala e janelas rachadas, não era lá muito discreta. Então, havia o fato de que não tínhamos mais gasolina e nenhuma maneira fácil de encontrar o produto, além de andarmos para cima e para baixo roubando combustível de carros abandonados pelas rodovias dos arredores. Havia muito tráfego, muitos olhos em potencial passando pela estrada para arriscar.

Liam nos trouxera o mais perto que pôde de Lake Prince, mas ninguém sabia dizer quanto tempo levaríamos para caminhar até lá.

— Parece que devíamos fazer alguma coisa — ele disse. — Tipo, mandá-la para o mar numa barquinha e colocar fogo nela. Abandoná-la envolta em glória.

Bolota ergueu uma sobranceira. — É uma minivan, não um viking.

Zu soltou-se dele e caminhou até as árvores à sua esquerda. Liam esfregou a nuca, olhando perplexo. — Ei — ele começou —, está tudo bem, vamos...

Mas quando Zu reapareceu em nosso campo de visão, ela não voltou de mãos vazias. Apertadas entre seus dedos havia quatro pequenas flores amarelas, mato, ao que parecia. Do tipo que sempre costumávamos ter que arrancar no jardim de Thurmond, toda primavera.

Ela caminhou até a van, ficou na ponta do pé e ergueu o limpador de para-brisa mais próximo. Com dedos delicados, posicionou cada flor numa fileira, mantendo-as retas contra o vidro rachado.

Algo frio e molhado ficou preso em meus cílios. Não eram lágrimas, mas uma chuva de névoa, do tipo que molhava devagar e de forma certa, provocando calafrios. E eu percebi, então, como era injusto não podermos mais simplesmente rastejar para dentro do carro; que, mesmo se chegássemos ao East River, ficaríamos ensooados e doloridos por dias.

Esse carro tinha sido um lugar seguro para eles. Para nós. Agora, tínhamos perdido aquilo também.

Enfie as mãos nos bolsos e virei para o outro lado, indo para as árvores. Meus dedos roçaram em algo duro em meu bolso e eu não precisava puxá-lo para saber que aquele era o botão de pânico. No início, eu o tinha guardado porque não sabia se poderia protegê-los sozinha, e agora... estava quase decidida a soltá-lo e deixar o chão engoli-lo. Liam confirmara tudo o que eu suspeitava, mas parecia tolice largá-lo naquele momento, quando havia a chance de usá-los como eles nos usaram. Se um FEP ou rastreador nos alcançasse agora, eu podia apertar o botão e os agentes que aparecessem seriam uma distração mais do que suficiente para termos uma chance de fugir.

Mas isso não me fazia sentir menos envergonhada do quão aliviada eu me sentia por ainda encontrá-lo ali, por saber que Cate, com todas as promessas de cuidar das coisas, ainda estava por aí, a um toque de distância.

Liam pensou que o caminho mais fácil e rápido para nosso pequeno bando até East River seria viajar pelas margens das mesmas estradas que teríamos usado, caso ainda estivéssemos com Betty. Estávamos perto o bastante da rodovia para escutar, caso um carro passasse, ou ver o farol de algum caminhão comprido e com as entranhas prateadas com o canto dos olhos, mas, ele nos garantiu, fora do campo de visão deles. Foi assim que ele fez após escapar da Liga, como tinha andado por boa parte da Virgínia, como ele esperava voltar para casa.

Estávamos discutindo se Bolota tinha ou não quebrado o dedo batendo contra a raiz exposta de uma árvore quando o lamento da buzina de um semirreboque rompeu o silêncio. As explosões que vieram em seguida foram infinitamente piores, o trovejar de algo pesado caindo de lado e o estalo ressoante de metal partindo-se.

Todos nós pulamos, larguei a mão de Zu para cobrir as orelhas. O modo como os pneus guincharam pouco antes da batida, era como um sinal de aviso do

Ruído Branco.

Liam estendeu a mão e, com gentileza, retirou as mãos dos meus ouvidos.

— Venha comigo por um segundo. — ele virou-se para os outros. — Vocês, vigiem as malas.

Antes do som sequer acomodar-se no ar, ouvimos os gritos. Não do tipo desesperado, do tipo que você ouviria se alguém estivesse apavorado ou machucado, ou mesmo louco de tristeza. Era um grito de guerra. Um grito de rebeldia em ascensão. Depois disso, não havia chance de Zu e Bolota irem conosco. Eles ficaram para trás, para vigiar as malas, enquanto Liam e eu caminhávamos até a linha de árvores que nos separava do asfalto da rodovia, ensoado pela chuva.

O semirreboque estava tombado de lado, no meio da estrada, como se tivesse sido arremessado lá, tal qual um brinquedo. O cheiro de borracha queimada e fumaça reviraram meu estômago ao agacharmos, e eu estava preocupada com o fato de que a trilha de faíscas na nossa frente pudesse se transformar numa parede de chamas.

Liam levantou-se e estava quase na beira da estrada antes da minha mão pegar no seu cotovelo.

— O que você está fazendo? — eu tive que gritar por sobre o som da chuva caindo contra o corpo prateado e ondulado da carreta que o caminhão estava puxando.

— O motorista...

Precisava de ajuda, sim, eu sabia disso, e talvez isso fizesse de mim uma desalmada e horrorosa, mas eu não deixaria Liam fazê-lo. Caminhões não caem de lado, assim, sem razão. Ou havia outro carro com motorista, os quais não conseguíamos ver, ou...

Ou a gritaria e o acidente estavam conectados.

Liam e eu ainda estávamos em pé, a céu aberto, quando as figuras de preto começaram a jorrar de trás das árvores do lado oposto. Cada pedaço delas estava coberto de preto, desde as máscaras de esqui sobre os rostos até os sapatos pretos. Havia uma rodovia inteira entre nós e, ainda assim, vê-los foi o bastante para me fazer estender a mão e agarrar o braço de Liam, apertando-o até ter certeza de que ele ficaria com uma impressão permanente dos meus dedos.

Havia ao menos duas dúzias de pessoas de preto; elas moviam-se em uníssono, com facilidade ensaiada. E foi muito estranho, mas observá-las lotar a estrada e dividir-se em dois grupos — um que foi para a frente do caminhão e o outro para a parte de trás, onde seu conteúdo encaixotado estava esparramado — fez com que eu lembrasse de um time de futebol durante uma jogada. Os quatro deles, mandados até a cabine da frente, escalaram e arrancaram a porta. O motorista, que estava gritando algo num idioma que não compreendi, estava preso ao chão.

Uma das figuras de preto — um grandalhão, com ombros do tamanho do Kansas, puxou uma faca do cinto e, sinalizando para os outros segurarem o motorista, pressionou sua lâmina prateada contra a palma da mão do homem.

Ouvi um grito e não percebi que pertencia a mim até aquela mesma cabeça preta monstruosa girar na nossa direção. Liam pulou por causa dos dez canos de armas que se viraram para nós. A primeira bala passou perto o bastante, beijando a orelha dele ao passar assoviando. Não havia nem tempo para virar e correr. Os tiros pararam, dando tempo suficiente para três das figuras saírem correndo para a frente, gritando:

— De joelhos!

— Cabeça no chão!

Eu queria correr. Liam deve ter sentido isso, pois se agarrou ao meu ombro e me forçou para baixo, pressionando a lateral da minha cabeça contra o asfalto frio e duro. A chuva aumentou, enchendo meu ouvido, meu nariz, minha boca, enquanto eu tentava engolir outro grito.

— Não estamos armados! — ouvi Liam gritar. — Calma, *calma!*

— Pode parar, otário — alguém chiou.

Eu estava intimamente acostumada com a sensação de ter o cano de uma arma enfiado na minha pele. Seja lá quem estivesse fazendo isso dessa vez, não teve receio de enfiar o joelho nas minhas costas, junto com todo seu peso. A boca de metal da arma estava gelada contra a minha bochecha e eu senti alguém enrolar a mão no meu cabelo e girá-lo com força. Foi então que me desconectei da dor e ergui a mão, tentando girar o meu corpo o suficiente para agarrar quem quer que estivesse me segurando. Eu não era impotente — a gente *não* ia morrer aqui.

— Isso não! — ouvi Liam dizer. Ele estava implorando. — *Por favor!*

— Oh, não quer que seus preciosos papeizinhos se molhem? — a mesma voz de antes. — Que tal se preocupar com você e com a sua garota aqui, hein? Hein? — Ele parecia um jogador de futebol, sob o efeito de anabolizantes e adrenalina do jogo.

Alguém pisou na mesma mão que eu estava tentando manobrar na direção da pele do meu agressor. Soltei um choro engasgado, desejando que eu pudesse virar a cabeça para ver o que estava causando o mesmo em Liam.

— Doutor Charles Meriwether — a voz leu — 2775 Arlington Court, Alexandria, Virginia. George Fields...

As cartas.

— Pare com isso — Liam disse. — Não fizemos nada, não vimos nada, só...

— Charles Meriwether? — outra voz disse. Também era masculina, esta com um sotaque sulista pesado. Eu quase não o ouvi debaixo da chuva. — George Fields, como Jack Fields?

— Sim! — Liam fez a conexão um segundo antes de mim. Essa era uma tribo, eles eram crianças. — Sim, somos Psi, por favor! somos Psi como vocês!

— Lee? Liam Stewart? — houve uma confusão de pés correndo na nossa direção.

— Mike? É você? — isso veio de Liam.

— Ah meu Deus... parem, parem! — a arma foi erguida do meu rosto, mas eu ainda estava pregada no chão. — Eu conheço ele, esse é Liam Stewart! Parem! Hayes, sai de cima dele!

— Ele viu, você conhece as regras!

— Jesus, você é surdo? — Mike gritou. — As regras se aplicam a adultos, eles são crianças, seu imbecil!

Não sei se Liam enfim conseguiu empurrá-lo, ou se as palavras de Mike funcionaram, mas eu senti Liam levantar-se ao meu lado, e abri os olhos a tempo de ver Liam lançar os ombros na figura de preto em cima de mim. Engoli em seco, enchendo o peito de ar.

— Você está bem? — ele perguntou. Ele colocou as mãos em cada lado do meu rosto. — Ruby, olhe para mim, você tá bem?

Minhas mãos tentaram apanhar as dele. Movi a cabeça.

Dos seis caras reunidos ao nosso redor, só dois tiraram os gorros de esqui do rosto: o garoto grandão — grande, num jeito meio Hércules — com a pele corada e tinta preta debaixo dos dois olhos, e outro, com uma coloração verde-oliva, cabelo castanho desgrenhado preso num rabo de cavalo curto. O último era Mike. Ele estendeu a mão e puxou as cartas da mão de Hércules e a apertou contra o próprio peito.

— Lee, cara, sinto muito. Nunca pensei... — Mike engasgou. Liam soltou uma das minhas mãos para dar-lhe um tapinha nas costas. — O que diabos você está fazendo aqui?

Liam pegou as cartas e voltou-se para trás para me levar para a frente de novo.

— Estamos bem agora — ele disse. Parecia ser verdadeiro o bastante. Os outros garotos perderam o interesse em nós assim que Mike entrou em cena.

— Meu Deus, Lee — ele disse, limpando a chuva do rosto. — Ah, meu Deus, não acredito que você escapou mesmo.

A voz de Liam estava firme.

— Pensei que estivesse com Josh quando...

— Eu estava, mas atravessei o campo — ele acrescentou. — Graças a você.

Outro garoto, com a pele tão branca quanto a de Bolota, sacudiu o dedão na direção de Liam. — Esse é o Lee Stewart? — ele exigiu. — Da Caledônia?

— Da *Carolina do Norte* — Liam disse, com malvadeza surpreendente.

Mike pegou na mão de Liam, balançando o corpo inteiro.

— Os outros, você viu se algum dos outros conseguiu escapar?

Liam hesitou. Eu sabia o que ele estava pensando, e imaginava se diria a verdade para Mike sobre quantas crianças escaparam mesmo naquela noite.

Então, os relógios deles dispararam de uma vez, com um bipe agudo.

— Está na hora — Hércules disse aos outros. — Peguem os suprimentos e vamos voltar. Os uniformes vão chegar aqui a qualquer segundo.

Um único tiro pontuou a ordem como um ponto de exclamação, tropejando pela estrada aberta. Liam e eu pulamos para trás, para longe deles.

Os garotos na parte de trás do caminhão estavam atirando toda a carga do caminhão: caixas e engradados de frutas com cores brilhantes. Meus lábios abriram-se ao ver bananas verdes, a apenas alguns dias de estarem maduras.

Quando saíram de lá e começaram a voltar na direção das árvores, tive a clara visão do motorista sendo enrolado, inconsciente e amarrado, para a vala na margem da estrada.

— Então, vocês estão fazendo o quê? — Liam esfregou a nuca. — Atacando qualquer pessoa idiota o bastante para passar por aqui?

— É uma batida de abastecimento — Mike disse. — Só estamos tentando levar um pouco de comida para comermos, e essa é a única maneira que funciona para a gente. Só temos que fazer isso rápido, entrar e sair antes que alguém perceba e nos siga até em casa.

— Casa?

— É. Para onde vocês estão indo? — Mike teve de gritar mais alto do que as pessoas gritando por ele. — Vocês deviam vir com a gente!

— Nós já temos nossa própria tribo, valeu — Liam disse.

As sobranceiras escuras de Mike juntaram-se. — Não somos uma tribo. Pelo menos não desta forma. Estamos com o Fugitivo. Já ouviu falar dele?



VINTE E UM

EAST RIVER ERA, APÓS TODA AQUELA ESPECULAÇÃO, nada mais do que um local de acampamento. Um local grande, é claro, mas nada que eu não vira antes uma dúzia de vezes com meus pais. Depois da reforma que Mike e os outros fizeram nele, seria possível pensar que estávamos entrando nos portões perolados do Paraíso, e não num velho ponto de *camping*, chamado de Trilha de Chesapeake em sua vida passada.

Como fora Mike quem convencera os outros de levar-nos com eles, ele ficou preso, tomando conta de nós, enquanto escalávamos a enlameada estrada de terra, carregados de caixas de fruta que eram tão pesadas quanto tentadoras.

— Nós fazemos essas coisas, que chamamos de batidas, para recolher suprimentos para o acampamento. Coisas como comida, remédios, o que for. Também fazemos batidas em lojas de vez em quando.

Liam deu seu casaco para eu vestir e me proteger da chuva. Embora tenha se transformado numa garoa débil enquanto caminhávamos, o dano já tinha sido feito nas frágeis caixas de papelão em nossos braços. De vez em quando, o fundo de uma delas cedia por completo, e a criança que a estivesse carregando era forçada a enfiar as pilhas empapadas de frutas nos bolsos, ou carregá-las aninhadas em suas camisas. Crianças estavam retornando para recolher a trilha brilhante e esparramada que deixávamos atrás de nós. De vez em quando, eu me pegava distraída pelos rastros brilhantes que deixávamos para trás.

Quando Mike estava de costas para nós, Liam enfiou uma mão na caixa de cima e segurou uma laranja na frente do meu rosto, com um tímido sorriso nos lábios. Quando a largou no bolso do meu casaco, inclinou-se, com o capuz do moletom escorregando da cabeça, e deu um leve beijo na minha bochecha

machucada. Depois disso, o gotejar frio na minha pele pareceu ter evaporado.

— Uou, uou, uou, uou — Bolota cantou atrás de nós. — Uou, uou, uou, uou.

— Sabe — Mike disse —, tenho esperança de que, depois de tudo o que ele tenha passado, o Bolota ainda seja o mesmo Bolota que todos conhecemos e amamos.

— Ah, isso não é verdade — Liam disse. — Esse é o Bolota dois ponto zero. Ele não chorou nenhuma vez nessa caminhada inteira.

— Dê alguns minutos — Greg roncou. — Tenho certeza de que ele não vai nos decepcionar.

— Ei — eu disse, num tom baixo e de advertência. — Não foi engraçado.

Bolota ainda caminhava lá atrás, o espaço entre nós aumentava a cada marcador de quilômetro pelo qual passávamos. Eu parei e esperei por ele, sem querer que ele sentisse que estava sendo deixado para trás.

— Precisa de ajuda? — perguntei, enquanto ele mancava na minha direção. — Minha caixa não está tão pesada — e a dele estava, eu podia notar. Ele estava carregando toranjas.

Pude ver em seus olhos que ele queria desesperadamente trocar, ainda que só por alguns minutos. Em vez disso, ele ergueu o queixo e disse, por sobre a aba do papelão:

— Estou bem, mas obrigado por perguntar.

Liam e Mike explodiram em risos a respeito de algo — até mesmo Zu olhou para trás, para sorrir para eles, com o chapéu de Liam caindo sobre seus olhos. Era incrível quão melhor Liam parecia após apenas algumas horas; seu rosto estava animado com um tipo de energia que eu não tinha visto... bem, nunca.

— Como ele era? — perguntei baixinho. — Quando estava no acampamento?

Bolota soltou um longo suspiro.

— Bem, uma coisa é certa, ele era muito mais irritante com essa baboseira de Poliana, de *vamos conseguir, galera, vamos sair um dia*. Isso tem morrido aos poucos, agora que ele percebeu como tudo é uma droga, na verdade.

Ele parou para mudar a caixa de posição nos braços.

— Quer dizer, o que você quer que eu diga? O Lee é o Lee. Todo mundo adorava ele, até alguns dos FEPs. Eles o escolheram, entre todos os Azuis, para ser o corredor do centro de controle do nosso acampamento.

— É? E como você era no acampamento? — perguntei, sorrindo.

— Ignorado pela maioria — ele disse. — A menos que estivesse com Lee.

Como se ouvisse seu nome, Liam virou-se.

— Apertem o passo, Senhoras! Vamos ficar para trás!

Mike estava no meio da explicação de como tinha pegado carona, de Ohio até Virgínia, após fugir de Caledônia, quando Bolota e eu finalmente os

alcançamos. Zu puxou a manga do meu casaco e apontou para as árvores à nossa esquerda.

Eu estava tão envolvida com minha conversa com Bolota que não tinha reparado no lago azul sedoso que, de repente, surgira. As nuvens retrocederam, revelando o sol bem lá no alto. A água cintilava sob seu toque, lançando sua luz em torno das árvores que se alinhavam por todos os lados. Através delas, eu podia ver uma pequena doca de madeira na outra ponta, e, depois disso, diversas cabanas também de madeira.

— Então, é mais um lugar para se esconder, né? — Liam dizia. — Ele pode nos ajudar a encontrar nossos pais?

Mike fez uma careta.

— Acho que sim, mas ele costuma pedir para ficar e ajudar no acampamento por algumas semanas em troca. Além disso, por que você iria querer ir para casa agora? É muito mais seguro aqui.

Dava para perceber que Bolota queria pressionar esse assunto, mas Liam o atacou com mais uma pergunta.

— Há quanto tempo o Fugitivo tem esse grupo?

— Dois anos, mais ou menos, eu acho — Mike respondeu. — Cara, mal posso esperar até você conhecê-lo. Você vai ficar maluco.

Bolota revirou os olhos na direção do céu, e eu tive a distinta impressão de que os dois não gostavam tanto assim um do outro.

— E há centenas de crianças aqui, só andando por aí, sem supervisão? perguntei. — Como ele conseguiu ficar neste lugar por tanto tempo sem os FEPs o alcançarem?

Mike já tinha explicado como o acampamento funcionava. Todas as crianças agrupadas ali — algumas tinham escapado de acampamentos ou de uma captura, outras haviam conseguido se esconder tempo o bastante para evitar tudo isso — tinham responsabilidades.

— Ah, olha, essa é a beleza de estar sob a proteção do Fugitivo — Mike disse. — Os FEPs não podem atacá-lo, por causa do que ele é e do que pode fazer com eles. Até o velho Gray morre de medo dele.

— Eu sei quem ele é! — Liam estalou os dedos. — Papai Noel!

Zu deu uma risadinha.

— Você não passou muito longe — Mike disse. — Isso vai soar superfeliz, então, fique à vontade para me zoar com isso, mas todos os dias aqui parecem Natal.

Eu vi o que ele quis dizer logo de cara. Assim que chegamos à clareira, que, supus, costumava ser usada pelos campistas para montarem as barracas, fomos cercados por dúzias de crianças. À nossa direita, adolescentes jogavam vôlei — com uma rede de verdade. Ouvi alguns guinchos de risadas, parando para deixar algumas garotas correrem na minha frente, brincando de pega-pega.

Foram elas que chamaram a atenção de Zu.

Todos pareciam felizes. Para cima, brilhantes e sorridentes. E limpos. Não cobertos de machucados, cortes e lama como nós, mas com roupas e sapatos decentes. Alguns garotos, descansando sob as árvores, interromperam seja lá o que estivessem fazendo e nos ajudaram a carregar as caixas de fruta até um prédio branco marcado como ESCRITÓRIO DO ACAMPAMENTO/LOJA, sem que pedíssemos ou fossem ordenados.

O Escritório do Acampamento/Loja era a estrutura mais robusta pela qual tínhamos passado até agora, construída num estilo mais permanente do que as pequenas cabanas de madeira com suas portas verde-escuras.

— É aqui que guardam a comida — Mike disse, como se fosse a coisa mais empolgante que fôssemos ouvir na vida. — É de onde o Fugitivo comanda todo o show. Vou apresentar vocês e conseguir permissão para ficarem por uns tempos.

— Precisamos de permissão? — Bolota disse. — O que acontece se ele disser que não?

— Ele nunca disse não antes — Mike disse, movendo a caixa para o ombro, para que pudesse colocar um braço em torno do ombro de Bolota. Vendo que conseguiu minha atenção, ele sorriu de uma orelha a outra.

— Bem, não é possível que você tenha estado em Caledônia. Eu me lembraria de um rosto como o seu. — Acho que ele pensou que estava sendo charmoso, com aqueles olhos escuros e covinhas. Ele olhou para Lee, que estava lutando contra um sorriso ao observar minha reação. — De onde ela veio, e onde posso encontrar uma?

— Era a última, sinto muito.

Mike riu de novo, apertando o ombro de Bolota antes de pular pelos degraus, agachando sob um lençol branco que fora pendurado sobre a pequena varanda do prédio. Olhei para ela, depois tive que olhar de novo.

O enorme Ψ preto pintado ali fizera Zu congelar os passos com tudo, e transformou seu rosto num tom de enfermidade. Eu não conseguia me mover nem parar de olhar também. Liam pigarreou, com a mandíbula funcionando, como se tentasse soltar as palavras.

Foi o bastante para fazer Zu e eu grudarmos no chão, pelo menos. O susto acendeu o rosto dela como uma vela. Liam olhou confuso para o amigo.

— Que foi? — Mike perguntou, vendo nossas reações.

— Algum motivo em particular para vocês decorarem esse belo estabelecimento com o símbolo de nossos inimigos mortais? — Liam disse.

Foi a primeira vez que vi a expressão de Mike cair durante todo o tempo que estivemos com ele, o que fazia quase duas horas. Algo endureceu em seus olhos, algo tencionou os músculos de sua mandíbula. — Esse é o nosso símbolo, não é? É o Psi. Deve representar a gente, e não eles.

— Como você explica o preto, então? — Liam pressionou. — As faixas nos

braços, as camisetas...?

Ele tinha razão. Todos, de uma forma ou de outra, tinham a cor neles. A maioria parecia satisfeita em amarrar uma faixa preta em torno do braço, mas outros, e não só os que tinham atacado o caminhão para buscar suprimentos, estavam de preto, da cabeça aos pés.

— O preto é a ausência de todas as cores — Mike disse. — Não nos separamos por cor aqui. Todos nós respeitamos uns aos outros e nossas habilidades, e *ajudamos* uns aos outros a entendê-las. Pensei que, se alguém fosse embarcar nisso, seria você, Lee.

— Ah, não, não, eu embarco. Sou, tipo, capitão do barco. — Liam disse. — Só fiquei... confuso, só isso. O preto é a cor, entendi.

A porta de tela abriu-se de novo. Mike a prendeu com o pé.

— Vamos?

Lá dentro, fiquei surpresa ao sentir uma onda de calor bater no meu rosto e ver as luzes do teto ligadas. Eletricidade — lembrei-me de Greg ter mencionado algo sobre os Amarelos fazendo o sistema funcionar, mas será que tinham água corrente também?

Os quartos da frente estavam cheios de pilhas de cobertores e roupas de cama, alguns colchões empilhados e diversos barris de plástico cinza não identificáveis. A sala dos fundos — a Loja no combo Escritório do Acampamento/Loja — ficava à direita de uma pequena cozinha de azulejos brancos. Mike acenou para as crianças lá dentro, que estavam mexendo suas criações deliciosas dentro das panelas com colheres de madeira compridas.

As prateleiras de madeira da velha loja eram pintadas de um verde austero, mas recheadas com um sortimento multicolorido de comida enlatada e pacotes de petiscos, macarrão e até mesmo *marshmallows*. Liam soltou um assvio baixo ao ver as caixas de cereais empilhadas lá no alto, sobre nossas cabeças.

Pensei que Bolota ia chorar.

Deixamos as frutas no chão, num canto da sala com sombra, perto de uma garota com cabelo loiro curto, vestindo uma camiseta preta com a barriga de fora. Ela ainda estava batendo palmas, encantada, pulando na ponta dos pés. Ela não tinha mais do que catorze ou quinze anos e parecia ter o mesmo número de brincos na cartilagem de cada orelha.

— Sabia que você ficaria feliz, Lizzie — Mike disse, jogando uma toranja para ela.

— Há *séculos* não comemos frutas — ela disse, com o tom mais agudo a cada palavra. — Espero que isso dê para algumas semanas.

Mike nos levou para fora da sala, deixando Lizzie arrulhando por causa dos abacaxis e das laranjas. — Vamos lá para cima. Ele já deve ter encerrado a reunião com a equipe de segurança. Hayes cuida das batidas, mas Olivia —

vocês vão conhecê-la — coordena as tarefas de vigia no perímetro do acampamento. Se você quiser, posso falar com ela para colocar vocês lá.

Ele olhou para Zu.

— Mas, infelizmente, você não, minha querida. Todos com menos de treze anos têm que participar das aulas.

Isso chamou a atenção de Bolota.

— Que tipo de aula?

— Coisas de escola, eu acho. Matemática, um pouco de ciência, leitura — depende dos livros que conseguimos filar. O chefe acha importante que todo mundo saiba o básico. — Mike parou no topo da escada e olhou sobre o ombro. — Eu sei que vocês nunca gostaram de usá-las, mas temos aulas sobre como usar as habilidades também.

Bolota pigarreou atrás de mim.

— Estou bem com o que Jack me ensinou.

— *Jack...* — a voz de Mike sumiu. — Cara, sinto falta daquele garoto.

Durante o caminho, ele explicara que havia cinco garotas da Caledônia vivendo no acampamento do Fugitivo. Mike era o único do velho quarto de Liam, mas havia duas garotas Azuis, um garoto Amarelo e um Verde, que, de alguma forma, conseguiu chegar até West Virgínia.

O segundo andar do prédio era mais como um sótão, todo o andar era uma sala aberta, bonita. Mike bateu na porta, esperando pelo “entre” antes de ousar girar a maçaneta. Ouvi Bolota soltar um suspiro nervoso e fiquei surpresa por meu próprio coração estar agitado.

A porta abriu para o meio da sala. À direita, havia uma cortina branca, puxada até o final do que eu achava que devia ser a área de convivência. A janela atrás da cortina deixava atravessar luz vespertina suficiente para sugerir o formato de uma cama e uma penteadeira.

A outra metade da sala estava montada como um escritório. Havia duas estantes cheias de fichários e livros de todos os formatos e tamanhos. Uma velha escrivaninha de metal, com tinta preta descascada, ficava no meio. Havia duas cadeiras simples em frente à escrivaninha, e uma mesa comprida empurrada contra a parede do fundo à esquerda, com todos os tipos de aparelhos eletrônicos. Uma TV estava ligada nos canais de notícias. O rosto do presidente Gray enchia a tela, flanqueado por duas bandeiras dos Estados Unidos. Sua boca movia-se, mas a TV estava no mudo. O único som, além da forte respiração de Bolota, era o dos dedos de Clancy Gray batendo nas teclas do fino *laptop* prateado.

Eu o teria reconhecido mesmo se ele tivesse raspado a cabeça de seu cabelo grosso e ondulado, ou tatuado as bochechas e colocado um *piercing* em seu nariz comprido e reto. Eu passara seis anos olhando para cada um de seus retratos em Thurmond, memorizando cada pinta, o formato de seus lábios finos. Eu estava até intimamente familiarizada com o topo da cabeça dele. Mas não se

comparava a vê-lo cara a cara. Aqueles retratos não capturaram seus olhos escuros e, decerto, não teriam sido capazes de prever o quão admirável ele se tornaria ao envelhecer.

— Só um segundo — ele olhou de relance por cima da tela, na nossa direção, e, logo de imediato, olhou de novo.

— Chefe? — Mike disse. — Tudo bem?

O filho do presidente levantou-se devagar, fechando a tampa do *laptop*. As mangas arregaçadas de sua camisa branca deslizaram pelos braços bronzeados.

Esse é o Fugitivo? Pensei. *Ele?* Surpresa era pouco. Um choque amortecedor no cérebro, do tipo que reduziu minha linha de pensamento a um lento engatinhar, era pouco. Eu sequer tive um instante para me recompor antes que as três palavras seguintes passassem pelos lábios dele. Eu não poderia ter conseguido, porque Clancy Gray olhou direto para mim e disse a última coisa que eu esperava no mundo.

— Ruby Elizabeth Daly.

Minha reação foi muito forte, para algo tão inocente como meu nome completo. Ele não cuspiu três xingamentos vis ou gritou: “Mate-os agora!” ou “Prenda-os!”. Eu não devia ter cambaleado para trás, tropeçando nas minhas próprias botas, mas eu estava quase na porta antes mesmo de perceber.

Clancy deu um passo à frente, mas Liam o empurrou, com força.

— Lee! — Mike parecia escandalizado.

Clancy ergueu as mãos.

— Desculpe, desculpe! Foi mal. Eu deveria ter percebido como isso soaria. Eu só fiquei surpreso em vê-la — ele contornou Liam com um sorriso arrependido, e eu estacionei na porta, momentaneamente chocada por quão brancos e retos seus dentes eram.

— Eu li seu arquivo tantas vezes, em tantas redes diferentes, que sinto que já nos conhecemos. Tem muita gente por aí procurando por você agora.

— E para qual delas você planeja entregá-la? — Bolota soltou.

Fiquei em pé, deixando Zu manter seu braço em torno da minha cintura. O rosto de Clancy ficou ruborizado com a acusação, com seus olhos escuros piscando de volta para mim.

— Nenhuma delas. Eu só coletei informações, observo as redes para ver sobre o que todos estão falando. E acontece que é sobre você, senhorita Daly — ele pausou, passando a mão de forma distraída sobre o ombro. — Vamos ver se me lembro de tudo: nascida em Charlottesville, Virgínia, mas criada em Salem pela mãe, Susan, professora, e pelo pai, Jacob, policial. Frequentou a Escola de Ensino Fundamental de Salem até o décimo aniversário, quando seu pai ligou para a delegacia para reportar uma criança desconhecida em sua casa...

— Pare — murmurei. Liam olhou por sobre o ombro, tentando dividir a

atenção entre mim e o garoto recitando a sórdida história da minha vida.

— ... mas, por azar, os FEPs chegaram antes da polícia em sua casa. Por sorte, alguém deixou a peteca cair ou tinham outras crianças para recolher, porque eles não esperaram o bastante para interrogar seus pais e, assim, não pré-classificaram você. E, então, você foi para Thurmond e conseguiu evitar que detectassem que você é Laranja.

— *Pare!* — eu não queria ouvir isso. Não queria que ninguém ouvisse.

— Qual é o seu problema? — Liam gritou. — Não vê que está chateando ela?

Clancy, talvez antecipando outro empurrão forte, moveu-se para o outro lado da mesa.

— Estou empolgado em conhecê-la, só isso. Não é todo dia que encontramos outro Laranja.

Uma centelha se iluminou no centro do meu peito, espalhando-se depressa até o cérebro. *Ele é um Laranja. Os boatos eram verdadeiros. Ele pode, de fato, me ajudar.*

— Mas... você não foi reformado? — perguntei, devagar. — Não foi por isso que soltaram você?

— Você, mais do que qualquer pessoa, devia saber que eles não podem reformar porcaria nenhuma em Thurmond, Ruby — ele disse. — Como vai o velho Thurmond, por falar nisso? Tive a questionável honra de ser o primeiro interno a conseguir acompanhar a construção da Sala de Cerimônias, tijolo por tijolo. Eles penduraram mesmo minha foto em todos os lugares?

Uma pergunta melhor: ele achava realmente que eu ia puxar uma cadeira e papear sobre os velhos tempos?

Clancy suspirou.

— Enfim... se você é Ruby, então *você* deve ser Lee Stewart. Eu li seu arquivo também.

— Alguma coisa boa nele? — Mike perguntou, com uma risada nervosa.

— Os FEPs estão seguindo todos os seus passos — Clancy disse, reclinando em sua cadeira. — O que significa que você precisa de um lugar para descansar por um tempo, certo?

Liam hesitou por um instante, antes de consentir movendo a cabeça.

— Vocês fizeram uma boa escolha ao virem para cá. Podem ficar o quanto precisarem. — Clancy repousou as mãos no peito. — Agora que eu consegui chatear todo mundo, Mike, pode levá-los para uma cabana e colocá-los nos revezamentos?

Mike fez um gesto com a cabeça.

— Só para constar, você não me chateou, chefe.

Ele riu, forte e devagar.

— Ok, que bom. Obrigado por todo seu trabalho duro hoje, aliás. Parece

que foi uma boa batida.

— Você nem iria acreditar — Mike disse, movendo-se até a porta. Ele acenou para o seguirmos, mas não nos olhava mais com o mesmo acolhimento. — A cabana dezoito está vazia, certo?

— É, Ty e os caras dele viraram uma tribo — Clancy disse. — Não sei se alguém entrou lá para limpar depois que eles foram embora, então peço desculpas se estiver uma bagunça.

E, então, ele estava me encarando de novo, um canto dos lábios se erguendo, depois o outro. Uma sensação quente e sibilante encheu a minha mente, acelerando minha pulsação. Virei-me e rompi o contato visual, mas a imagem ainda inundava minha cabeça, derramando-se até eu pensar que iria engasgar. No olho da minha mente, vi Clancy e eu sozinhos no mesmo quarto, ele ajoelhado, oferecendo uma rosa na minha direção.

Perdoe-me? Sua voz era alta em meus ouvidos, ecoando enquanto eu tropeçava pelas escadas.

Como ele fez aquilo? Derrubou cada uma das minhas defesas naturais. E por que meu cérebro estava, de repente, vivo e tentando tocar quem estivesse mais próximo, quem fosse estúpido o bastante para me deixar entrar?

Ergui meu rosto de onde eu o tinha enterrado, no ombro de Liam. Quando eu tinha feito aquilo? Quando tínhamos saído, quando tínhamos caminhado até a cabana?

Os olhos de Liam tentaram encontrar os meus, enquanto eu me afastava. Minha cabeça doía, *fisicamente* doía para entrar na dele. Era muito perigoso ficar tão perto dele.

— Não agora — sussurrei.

As sobrancelhas de Liam uniram-se e seus lábios abriram-se, com algo que ele queria dizer. Após um instante, ele apenas fez um gesto com a cabeça e voltou em direção da cabana, arrastando-se pelos degraus.

Eu tinha que ficar o mais longe possível deles, pelo menos até a vibração da minha mente se esvaír. Não havia plano ou mapa envolvido; eu só parti num caminho próximo. Alguns garotos, todos estranhos, gritaram para mim, preocupados, mas eu os ignorei, seguindo o cheiro de lama e folhas em decomposição, até encontrar o lago pelo qual passamos.

As árvores e os arbustos haviam crescido sobre a trilha até a doca em formato de T e, onde não havia plantas no caminho, havia uma corda, junto com uma placa que avisava: NÃO ENTRE.

Passei por baixo dela e continuei descendo, sem parar, até sentar na borda da velha doca manchada pelo sol e colocar a cabeça entre os joelhos, escutando os sons de crianças sorrindo e gritando a distância, imaginando quando os sentidos voltariam às minhas pernas o bastante para que eu ficasse em pé, e quando a impressão da voz de Clancy Gray desapareceria.

Sozinha, eu pensei, deitada na velha madeira, *enfim sozinha*.

O jantar foi servido às sete em ponto naquela noite. Não havia interfone ou sistema de alarme no acampamento, mas havia sinos. Ao que parece, esse era um sinal internacional para comida, porque, assim que a primeira badalada tocou, outras ecoaram de volta, espalhando o barulho pelas cabanas e trilhas, até chegar onde eu estava sentada, estudando meu reflexo na água escura.

Foi bem fácil encontrar a ação — duzentas crianças estranhas reunidas em volta de uma fogueira furiosa para comer não era lá muito sutil. Meus pés diminuíam o passo quanto mais perto eu chegava, observando enquanto alguns dos garotos mais velhos atiravam troncos nos dedos da fogueira. Anéis de troncos antigos faziam as vezes de bancos improvisados para aqueles que já tinham sua comida e não queriam jantar sozinhos nas cabanas.

As crianças que vimos na cozinha tinham posto a mesa com o que pareciam pequenos fogareiros, e iam do prédio do escritório até a fogueira para reabastecê-los. Dúzias de crianças esperavam na fila por sua vez nas panelas, com suas tigelas plásticas pressionadas contra o peito, com ansiedade.

Eu identifiquei Liam logo de cara, em pé, em vez de sentado num dos troncos. Ele tinha uma tigela de chili em cada mão e estava procurando por algo ao redor. Bolota teria passado direto por ele se Liam não o tivesse cutucado enquanto passava. Ele perguntou algo a Bolota, mas só peguei parte da resposta.

— Ah, não, obrigado. Eu li *O senhor das moscas* [\[13\]](#). Sei como isso funciona, todos começam a dançar em volta da fogueira e pintar seus rostos e adorar uma cabeça de porco decapitada e, então, alguém é atingido por um pedregulho e mergulha para a morte e, surpresa, é o gordinho de óculos. — Liam começou a rir, mas até mesmo eu podia ver como Bolota estava desconfortável.

— Acho que vou me resguardar e vou ler e, ei, olha lá a Ruby! Vocês dois podem apreciar a degeneração da decência humana sem mim.

Liam virou-se tão depressa que seu pé de apoio deslizou e ele passou perigosamente perto de derrubar as duas tigelas nas garotas com cabelo de arbusto sentadas ao lado dele.

— Divirta-se — Bolota disse, ao passar com pressa por mim. Peguei na sua manga e o virei de volta para a frente.

— O que foi? — perguntei.

Ele encolheu os ombros, com um sorriso triste, curvando as extremidades de seus lábios.

— Só não estou a fim esta noite, eu acho.

Eu conhecia esse sentimento. Depois de estarmos apenas nós quatro sozinhos por tanto tempo, de repente estarmos cercados de tanta gente, mesmo sendo crianças como nós, era um pouco estressante. Se ele não tinha gostado quando uma nova pessoa — eu — invadiu seu mundo, eu só podia imaginar o que

isso estava fazendo com seus nervos. — Bem, se mudar de ideia, estaremos aqui.

Bolota me deu um tapinha carinhoso na cabeça e continuou a subir a trilha de terra, de volta à nossa cabana.

— O que deu nele? — Liam perguntou, oferecendo-me a tigela fumegante de comida.

— Acho que ele só está cansado — eu disse, e parei por aí. — Onde está Zu?

Ele apontou com a cabeça para a esquerda, onde, com certeza, o rosto sorridente de Zu apareceu no centro de um pequeno grupo de garotos e garotas da sua idade. Quando ela me viu, acenou. Eu indaguei como era possível que o rosto dela fosse tão vibrante. A garota asiática sentada ao seu lado moveu a cabeça quando Zu fez um gesto para ela, como se soubesse todos os seus pensamentos sem ter que sussurrar uma palavra. Quando Zu estendeu a mão para tirar o capuz do moletom da garota, onde havia a frase *Virginia é para os Amantes*, ela revelou uma trança preta longa e brilhante.

— Ah, meu Deus — eu disse, fazendo a conexão instantaneamente.

— O que foi?

— Aquela criança estava no seu acampamento — eu disse. — Eu a vi no pesadelo de Zu. Elas se separaram.

— É mesmo? — a percepção que nasceu e se espalhou no rosto dele foi adorável. — Acho que isso explica por que elas se atiraram no chão, uma em cima da outra, mais cedo.

Eu ri.

— Elas fizeram isso?

— É, elas rolaram no chão como cachorrinhos na grama — ei, Zu! — ela olhou para nós de novo. — Vem aqui um minuto. Não, traz sua amiga...

Quando as duas garotas se levantaram, fiquei surpresa ao ver que a outra menina era uns bons centímetros maior do que Zu, embora ela parecesse não ser mais do que um ano mais velha.

Zu pegou na mão da menina e saracoteou até nós, sorrindo. Ela estava usando o vestido rosa-choque de novo.

— Olá — Liam disse, estendendo a mão para a garota. — Meu nome é Liam, e esta é...

— Eu sei quem vocês são — a garota interrompeu. — Liam e Ruby — ela cruzou os braços sobre o peito. — Suzume me contou tudo sobre vocês.

— *Contou*, contou, ou...

— É claro que ela não me *contou* — a garota bufou, exibindo um cotovelo pontudo ao lado. Ela virou-se e disse algo para Zu em japonês, que, por sua vez, balançou a cabeça e estendeu a mão para puxar a trança da menina.

— Ok, está bem! — a garota alta virou-se para nós, flanqueada pela fogueira. — Sou Hina. Suzume é minha prima.

— Ah, nossa! — eu disse. — Você está falando sério? Isso é incrível!

Ela estava pulando nas pontas dos pés, ainda sorrindo.

— E vocês estavam em Caledônia juntas — Liam disse, devagar. — Zu, por que você não disse isso? Podíamos ter tentado encontrá-la. Você é Amarela também?

— Sou Verde — Hina disse, apontando para a cabeça cheia de cabelo. — Dã.

Zu encolheu os ombros para nós de forma arrependida, antes de empurrar Hina para longe, de volta ao círculo de crianças mais jovens que estavam absortas em algum tipo de jogo de cartas. Liam virou-se para mim com um olhar de puro espanto.

— Eu acabei de ser humilhado por uma garota de doze anos?

— Acho que é de família — eu disse, girando a colher pela tigela. O chili estava morno, com um tempero maravilhoso. Acho que não comia nada além da gororoba que serviam em Thurmond e porcaria há quase sete anos, e o fato de alguém ter tido o mínimo de trabalho em fazer isso... Eu tinha que voltar e pegar um segundo prato, um terceiro, até , fisicamente, eu não conseguir me empanturrar mais.

Estar tão perto do fogo, com a barriga cheia de comida deliciosa, estava me deixando sonolenta e segura. Deslizei do tronco para sentar no chão, reclinando contra as pernas de Liam.

— Isso me lembra... — Liam disse — Você acredita que Zu começou a pular para cima e para baixo e bater palmas quando disse a ela que teria que acordar às sete para fazer uma obsoleta leitura de livros com os Filhotes?

— Filhotes?

— Aulas diárias. Escola. — ele bateu no meu nariz com a parte limpa de sua colher. — Fique por perto, Ruby Tuesday, e você vai começar a pegar as gírias descoladas também.

Quando terminamos de comer, Liam colocou as nossas tigelas em um dos muitos barris de plástico que flutuavam por ali. O Azul que controlava o que estava mais perto de nós era um garoto magrelo, que parecia pesar quase metade daquele barril. Pisquei uma, duas vezes, pensando porque estava imaginando isso. Foi a primeira vez que vi crianças usando suas habilidades de forma tão... frívola. Era um estranho contraste com o que, do contrário, seria o retrato da normalidade. Ao menos o que eu supunha parecer com a realidade. Algumas crianças tocavam violões ou usavam os troncos como percussão. A maioria estava falando baixo, ou jogando baralho.

Liam deslizou devagar para o meu lado, encontrando espaço suficiente entre minhas costas e o velho tronco. O ar tremeluzente em torno das chamas combinava com o delicioso calor, o que fez meus músculos transformarem-se em papa. A mão dele ergueu-se para tirar as mechas soltas de cabelo da minha

nuca. Meu corpo seguiu o caminho para trás, até que eu estava encostada no peito dele, aninhada entre seus joelhos.

— Você está bem agora, querida? — ele sussurrou no meu ouvido. Afirmei, movendo a cabeça, com meus dedos encontrando a pele nua do seu antebraço, contornando os músculos e as veias saltadas ali. Numa missão de descoberta, buscando por algo que eu não tinha percebido que queria até agora. A pele dele era tão macia, suas mãos eram quentes e grandes, as juntas machucadas e rasgadas com casquinhas quebradiças. Pressionei minha própria mão sobre a dele, entrelaçando nossos dedos.

— Tive que ficar sozinha por um tempo, mas estou bem agora.

— Tudo bem — ele sussurrou. — Mas, da próxima vez, não vá aonde eu não possa encontrá-la.

Eu não cochilei, e, sim, relaxei. Parecia que, quanto mais eu ficava ali, mais quieta minha cabeça se tornava, mais as dores e os nós no meu corpo se resolviam, deixando-me tão suave quanto a terra abaixo de nós.

Enfim, alguém trouxe uma caixa de som antiga e até mesmo as crianças com os violões pararam de tocar em respeito aos Beach Boys. Eu parecia ser a única em todo o acampamento que não dançava, mas foi divertido observar os outros. Zu, em particular, enquanto ela contorcia os quadris e lançava os braços para o alto — ao menos até correr até nós e começar a puxar nossos braços. Eu consegui me desvencilhar, mas Liam não teve tanta força de vontade.

Eles dois estavam rindo quando a trilha pulou para “Barbara Ann”, girando quando começou “Fun, Fun, Fun”. Eu devia saber que havia algo quando os dois se viraram para mim com idênticos olhares tortuosos.

Liam ergueu um dedo na minha direção, chamando-me para ir até ele. Eu ri e balancei as mãos na minha frente.

— Não!

Ele sorriu — seu primeiro sorriso verdadeiro em dias. Senti algo cutucar o meu umbigo. A sensação era quente, pinicante e familiar. Liam fingiu que estava puxando uma fila e Zu até parou de saltitar para atuar com ele. Seus rostos estavam ruborizados e brilhantes com uma camada de suor. Com nada além de uma fina poeira e lama entre nós, eu deslizei até eles, bem nas mãos esticadas de Liam.

— Não é justo — choraminguei.

— Vamos lá, Verde — ele disse. — Você está precisando de uma boa dança.

Zu girou ao nosso redor, agitando os braços no ritmo de “Wouldn’t It Be Nice”. Coloquei minha mão sobre as de Liam, deixando-o colocá-la sobre um de seus ombros. Ele tomou minha outra mão sem pedir e a segurou de leve na sua.

— Pise nos meus pés.

Eu olhei para ele com olhar incrédulo.

— Confie em mim — ele disse. — Vamos, antes que acabe nossa música.

Contra todo meu bom senso, coloquei os pés sobre os dele, esperando que ele guinchasse com meu peso. Ao menos seus ossos pareciam robustos abaixo dos meus.

— Um pouco mais perto, Verde; não vou te morder.

Inclinei-me para a frente, tão perto que minha bochecha estava repousada no ombro dele. A mão de Liam apertou-se contra a minha e eu notei que minha outra mão estava beliscando o tecido de sua camisa. E eu fiquei sem graça, porque tinha certeza de que ele podia sentir meu coração batucando no peito.

— Sem girar — eu disse. Não tinha certeza se minha cabeça ou meu coração aguentariam. De perto, ele era tão quente e tão lindo. Eu já estava tonta o bastante.

— Sem girar — ele concordou.

Quando começamos a nos mover, não foi bem uma dança — só um balanço glamoroso. Para a frente e para trás, gostoso e devagar. Pela primeira vez, meu cérebro estava perfeitamente satisfeito em guardar suas mãos para si. Meus músculos moviam-se devagar, como mel. Estávamos fora do ritmo da música, por completo, e, então, não estávamos sequer nos mexendo. Minha bochecha descansou no ombro dele. A mão na minha lombar escorregou por baixo da minha camisa e se aninhou na pele dali.

Quando os sinos tocaram de novo, dessa vez sinalizando que as luzes se apagariam em todo o acampamento, houve um gemido audível, alto o bastante para Liam gargalhar. Eu não tinha percebido como estava cansada até nos separarmos.

— Hora de ir para cama — ele gritou, acenando para Zu. Ela ficou em pé, limpando-se, indicando algo para o grupo de crianças do qual estava saindo.

O fogo estalou e chiou, dando-se por vencido sob um fluxo de água de uma mangueira próxima. O som que ele emitiu foi como um animal tendo sua vida espremida. E, quando a luz, enfim, apagou-se, acomodando-se numa pilha de brasas insignificantes espalhadas entre as cinzas, nada além de uma tela de fumaça me separava de onde Clancy Gray estava sentado, do outro lado do buraco, observando-me com olhos escuros.



VINTE E DOIS

PARCE QUE, FICAR ME OBSERVANDO ERA ALGO QUE Clancy Gray gostava de fazer.

Observar-me enquanto eu estava sentada na varanda, ajudando Zu a amarrar os novos tênis, antes de caminhar com ela e Hina até a cabana que funcionava como sala de aula.

Observar-me ao provocar Bolota, por ser o primeiro e único a ser mordido por um carrapato.

Observar-me enquanto eu esperava com Lee, ao lado do buraco da fogueira, a chegada de Mike, trazendo os deveres que tínhamos que cumprir durante nossa estada em East River.

Tudo isso observado da janela do segundo andar do escritório, de onde ele parecia controlar tudo e não fazer nada.

Mike mencionara que todos acima de treze anos seriam responsáveis por algum tipo de trabalho, eu só não percebera que as tarefas eram escolhidas por ele. Eu não me importava de ajudar na despensa, organizando e contando os suprimentos —, mas eu preferia ficar com Bolota no pequeno jardim do acampamento, ou correndo pela floresta com Liam, como escolta de segurança. Era estranho não passar o dia todo com eles.

Os garotos com os quais eu trabalhava eram bem legais, mais do que legais, na verdade. A maioria nunca tinha visto o interior de um acampamento, mas, também, eu nunca tinha cozinhado, então nenhuma das partes estava ganhando no quesito experiência de vida. O que eu mais gostava era da determinação deles. Lizzie, por exemplo, estava escondida em East River há quase dois anos, tendo escapado por pouco de ser capturada por FEPs quando pararam o carro dos seus pais em Maryland.

— Você simplesmente saiu e correu? — perguntei.

— Como o vento — ela confirmou. — Não tinha nada comigo, só a roupa do corpo. Tentei encontrar meus pais de novo, mas eles nunca voltaram para nossa antiga casa. Uma tribo de Verdes me apanhou e me trouxe para cá.

Isso era mais um ponto: a maioria das crianças dali era Verde ou Azul, com um pequeno grupo de Amarelos que não socializava muito fora do próprio círculo. Lizzie dizia que costumava haver mais, mas o Fugitivo lhes dera permissão de sair e formar sua própria tribo.

— Ele deu permissão? — eu repeti, anotando quantas caixas de cereais ainda restavam.

— É, e tem outros requisitos também. — quem disse isso foi Dylan, um garoto de ossos pequenos, que acabara de terminar suas aulas com os Filhotes. Ele disse que o apelido veio das prateleiras de madeira que Clancy havia construído para armazenar todos os seus livros e trabalhos da escola.

— Você tem que ter um grupo de pelo menos cinco — ele continuou. — E, então, Clancy tem que determinar se é seguro, e você tem que jurar pela sua vida que não vai revelar nada sobre o acampamento, a não ser para outra criança em apuros, e aí você só pode revelar a pista. Isso é para manter todos em segurança. Ele morreria se alguma coisa acontecesse a uma criança por causa dele.

Eu amoleci um pouco naquele momento. Não é que eu não confiasse nas motivações de Clancy, ele só me enervava. Quando alguém se interessa tanto por você, é preciso se perguntar o que é que essa pessoa está buscando no seu rosto.

— O que vocês estão *fazendo*?

Nós três olhamos para a porta, onde Clancy estava parado e duro, olhando para mim. O vento da porta aberta atrás dele chocava-se contra seu cabelo escuro, deixando-o em pé. Algo dentro de mim revirou com a expressão dele, mas não era medo.

— Estamos contando — Lizzie disse, confusa. — Algo errado?

Clancy saiu do atordoamento em que estava.

— É, desculpe, é que... Ruby, se importa de vir comigo um instante? Acho que houve alguma confusão com suas tarefas.

Passei minha prancheta para Lizzie, indagando por que os olhos dela se estreitaram ao olhar para mim.

— Fui indicada para o Armazenamento — eu disse, quando estávamos do lado de fora, na varanda.

— Eu não te indiquei a nada — ele disse. — Eu fui bem específico com o Mike.

Eu gostava de pensar que era o tipo de pessoa que não se intimidava por outras crianças com facilidade — mesmo as que eram mais altas, mais fortes, ou mais bem armadas do que eu. Então, não sei por que me dei conta, ali, de que

estava falando com *Clancy Gray*. O filho do homem mais poderoso do país. Um príncipe norte-americano de sangue azul, que vestia sua camisa polo com a gola debaixo de um suéter de tricô combinando. Ele até usava um cinto de couro.

Cruzei os braços sobre o peito.

Na luz do sol, ele era muito menos intimidador do que na sombra. E mais baixo. Era possível que sua reputação tivesse acrescentado alguns centímetros imaginários, mas ele era só um pouco mais alto do que eu, o que significava que Liam e Bolota tinham quase uma cabeça inteira de vantagem sobre ele. Não que isso tirasse dele o título de *Pessoa mais atraente que eu já vira*.

Clancy era esbelto, mas não magricela, bem arrumado, mas não afetado, sereno, mas não tranquilo. Pensei, enquanto o vento soprava contra nós, que ele talvez estivesse usando uma colônia apimentada, mas isso parecia ridículo.

Fiquei contente por estarmos na varanda, onde todos perto do buraco da fogueira pudessem nos ver. Não achava que ele iria me machucar ou algo do tipo. Por que o faria? Senti minhas mãos fechando-se, depois movendo-se para o lado, até se levantarem para apoiar meus cotovelos, como se não pudessem descobrir o que queriam fazer.

Eu não esquecera de todo o propósito de ter vindo para cá, mas não conseguia pedir a ajuda dele. Ele claramente tinha um bom controle sobre suas próprias habilidades; se estava entrando nas mentes das pessoas de forma voluntária, a pergunta deveria ter surgido tão natural quanto uma respiração.

Se ele fazia essas crianças seguirem todos os seus caprichos e ordens, tinha que ser porque ele era um cara legal, certo? As pessoas não ajudam as outras só para o seu bem. Clancy tinha o tipo de segurança que o transformava no sol do centro da galáxia do East River. Tudo e todos orbitavam ao redor de sua luz.

Então, por que eu não conseguia perguntar? Por que minhas mãos ainda estavam trêmulas?

— Sei que é provável que você nunca venha a gostar de mim, depois da nossa apresentação — ele disse —, mas sinto muito. Não me ocorreu que você estava mantendo essa informação em segredo.

— Tudo bem — eu disse. — Mas o que isso tem a ver com minha nomeação para as tarefas?

Por alguns momentos ele não disse nada. Só... olhou.

— Quer parar? — murmurei, sentindo-me tanto ruborizada quanto irritada, de uma só vez. — Se eu disser que perdoo, você vai parar de fazer isso?

Sua boca ergueu-se num lindo sorriso.

— Não.

Clancy que, aparentemente, nunca aprendera a respeitar o espaço de alguém, deu um passo à frente, e eu dei um passo para trás, afundando os pés na lama pegajosa. Em vez de se afastar, ele pareceu ter encarado isso como um desafio e veio na minha direção de novo. Por qualquer motivo que seja, em

grande parte pela palpação nos nervos das minhas entranhas, eu deixei.

— Escute — ele disse, enfim. — O motivo pelo qual pedi para Mike não dar nenhuma tarefa a você é porque quero que venha trabalhar comigo.

— Como assim?

— Vamos, você me ouviu — a mão dele se fechou sobre meu braço de novo e foi como se uma abelha tivesse se soltado dentro do meu crânio. Meu cérebro parecia ter ganhado vida a todo vapor, inundando-se com imagens esbranquiçadas de nós dois sentados à frente da escrivaninha dele, olhando um para o outro enquanto um fogo devorava tudo ao nosso redor.

As imagens que *ele* estava enfiando na *minha* cabeça.

Eu não sei como ele fez aquilo, mas foi tão *real*. A imagem estava me queimando de dentro para fora, inchando meus pulmões. Bolhas de fumaça pungente borbulhavam sob minha pele, até eu sentir como se fosse explodir. Minha visão se esvaia em preto nas beiradas. O fogo surgia nas minhas roupas, chamuscando meu cabelo.

Isso não é real, isso não é real, isso NÃO É REAL...

Clancy deve ter soltado, ou eu devo ter descoberto uma forma de me soltar, porque, tão rápido quanto veio, o fogo se apagou, dispersando-se em três exaladas trêmulas.

— Você não pode me bloquear — ele disse, com os olhos arregalados. — Você sequer sabe como usar suas habilidades? O arquivo que a Liga tinha sobre você fez parecer que você sabia controlá-las.

Não era óbvio? Balancei a cabeça. *É por isso que estou aqui*, eu queria dizer. *É por isso que preciso de você*.

O olhar dele movia-se depressa sobre mim, da cabeça aos pés, e de volta. Quando ele falava, sua voz era suave. Compassiva.

— Olha, eu sei como é. Você acha que não lutei com isso também? Como é solitário não poder tocar alguém da maneira que você quer, como é aterrorizante ficar preso na cabeça de alguém sem saber como sair? Ruby, tudo o que aprendi tive que ensinar a mim mesmo, e foi horrível. Quero te salvar disso. Posso te ensinar coisas, truques, como usar seus talentos da forma como devem ser usados.

Espero que ele não tenha conseguido ver como minhas mãos tremiam. Ah, meu Deus, ele tinha oferecido, eu nem tive que pedir, e, ainda assim, eu não conseguia falar nada.

A postura de Clancy relaxou e, quando ele me tocou de novo, jogando minha trança sobre o ombro, não houve má intenção por trás disso.

— Pense nisso, ok? Se você decidir que sim, basta vir para o escritório. Eu abro um espaço na agenda para você.

Fechei bem os lábios, mordendo minha língua com força.

— Não há nada de errado em querer saber como usar suas habilidades —

Clancy acrescentou. — Essa é a única forma de conseguirmos derrotá-los.

Derrotar quem?

— Sobraram tão poucos de nós — ele disse. — Até você aparecer no sistema, eu cheguei a pensar que eu era o único.

— Bem, tem pelo menos mais um. O nome dele é Martin.

— E ele está com a Liga das Crianças — ele terminou. — Eu sei. Eu acessei o relatório deles sobre ele. Garoto assustador. Quando eu disse *nós*, quis dizer os Laranjas não psicóticos.

Eu bufei.

— Vou pensar nisso — disse, enfim. Fiquei presa por seu olhar escuro mais uma vez, com os pelos dos braços arrepiados, como se um sussurro de eletricidade tivesse passado sobre eles. Dei um passo involuntário na sua direção.

— Escute seus instintos — Clancy disse, virando-se para o escritório. Um aglomerado de crianças o chamou de onde estavam, arrumando a mesa do almoço perto do buraco da fogueira e, como eterno filho do presidente, ele sorriu e acenou para eles de uma forma bem bonita.

Escute seus instintos.

Então, por que eles não concordavam com a minha cabeça?

Caminhei em zigue-zague até a doca de madeira, que descobrira na tarde passada, precisando encontrar uma forma de tirar o nervosismo que corria no meu peito. Minha mente parecia emaranhada com as possibilidades.

Clancy Gray oferecera tudo o que eu poderia desejar. Uma forma de evitar que se repetisse o que aconteceu com meus pais e com Sam. Uma forma de estar com Liam, encontrar vovó, não viver em constante medo do que eu podia fazer com eles. Então, porque meu *sim* não saiu de uma vez?

Passei por baixo da corda que interrompia o caminho até o lago e caminhei até o fim da trilha, quando percebi que havia algo errado.

— *Merda* — eu disse quando o vi.

— Ah, não! Não, não, não — Bolota disse. O sorriso tolo sumiu do seu rosto e ele parou de atirar migalhas de pão aos patos agrupados na água. — Esse é o *meu* esconderijo secreto. Rubys não são permitidas.

— Eu o encontrei primeiro! — bufei, pulando ao lado dele.

— Não encontrou nada.

— Que tal, uma semana atrás, enquanto vocês estavam desfazendo as malas?

Ele ficou empacado com isso.

— Bem... certo. Mas eu cheguei aqui primeiro hoje.

— Você não devia estar trabalhando no Jardim?

— Fiquei cansado de ouvir uma garota arrulhando sobre como o Fugitivo é esperto por fazê-los plantarem cenouras. — Ele inclinou-se para trás. — Você

não devia estar trabalhando no Armazenamento?

Olhei para baixo, para onde minhas mãos haviam se fechado em punhos. Como não respondi, Bolota colocou de lado o saco de pães e endireitou-se.

— Ei, você está bem? — ele colocou a mão gelada em minha testa. — Parece que você vai vomitar. Está com enxaquecas ou tonturas?

Isso era pouco. Soltei uma risada coaxada.

— Ah — ele tirou a mão. — *Esse* tipo de problema na cabeça.

Deitei-me na madeira dura e joguei o braço sobre os olhos, esperando que a escuridão ajudasse a afogar a dor de cabeça.

— Você disse que Jack te ensinou a usar as habilidades?

— De certa forma — ele disse. — Só assim eu iria aprender... se outro garoto me ensinasse, quero dizer. Só demorei um pouco para decidir.

— Por quê?

— Porque eu achava que, se não as usasse, elas iriam desaparecer alguma hora — Bolota disse, baixinho. — Pensei que tudo fosse voltar ao normal. Há evidências científicas de que, se pararmos de usar partes de nosso cérebro, essas seções deixam de funcionar, no fim das contas, sabe. — Depois de um momento, ele perguntou — Clancy se ofereceu para ajudar você com suas habilidades?

Fiz que sim com a cabeça.

— Eu disse a ele que ia pensar.

— E o que tem para pensar? — Bolota bateu com o livro na minha barriga. — Você não disse que não sabia como controlar?

— É, bem, mas, *tenho medo do quanto não sei*.

— Você precisa ser capaz de controlá-las, se não elas sempre vão te controlar — ele disse. — Elas vão assustá-la e manipulá-la até você enlouquecer, morrer, ou eles encontrarem a cura. E adivinha qual dessas coisas é mais provável de acontecer primeiro?

O sino do almoço tocou — dois toques, para a segunda refeição. Bolota ficou em pé e se alongou, jogando o resto do pão na água.

— Você acha mesmo que vão descobrir a cura? — perguntei.

— Meu pai costumava dizer que tudo é possível quando você deseja — sua boca se contorceu num sorriso sem graça. Quando mencionou seu pai, meu estômago contraiu.

— Você ainda não teve chance de mandar uma mensagem para eles.

— Eu perguntei por aí, mas só tem um computador em todo esse fim de mundo, e só uma pessoa pode usá-lo.

É isso mesmo. O *laptop* prateado na escrivaninha de Clancy.

— Você perguntou se podia usá-lo por alguns minutos?

— Claro — Bolota disse, conforme o buraco da fogueira apareceu na paisagem. Parecia que eles estavam distribuindo sanduíches e maçãs. — Ele disse que não. Parece que é um “risco de segurança” se alguém o tocar além

dele.

Balancei a cabeça.

— Vou perguntar amanhã. Quem sabe não consigo convencê-lo.

— É sério? — Bolota agarrou meu braço, com um considerável brilho no rosto. — Você diz a ele que temos uma carta muito importante para entregar, mas que precisamos procurar o novo endereço do pai de Jack. Diz que a gente faz qualquer coisa — não, diz que eu mesmo vou limpar todos os pares de sapatos dele com a língua.

— Que tal se eu só disser que esse é o motivo de termos vindo para cá, em primeiro lugar? — eu falei. — E deixar sua língua fora dessa?

Bolota esperou até que eu pegasse meu sanduíche da mesa para me puxar de lá. Pensei que ele quisesse comer na cabana, ou mesmo na doca, mas vagamos até encontrarmos Liam.

Ele e alguns dos outros garotos da equipe de segurança estavam no intervalo da ronda, e haviam encontrado uma bela clareira nas árvores. Era ampla o bastante para se dividirem em dois times para uma partida rápida de *hoverball* [14], também conhecida como futebol sem as mãos. Bolota e eu encontramos um velho tronco de árvore para dividirmos, ignorando o pequeno grupo de espectadoras femininas que havia se reunido para torcer pelos times.

Um ruído alto, com uma explosão de sardas no rosto, levitou a velha bola de futebol ao início da partida. Ele correu ao lado dela, tentando manter tanto ele quanto a bola longe do alcance dos outros. Liam, num momento, esteve com a bola de futebol um centímetro à sua frente, mas suas mãos eram muito lentas e seus passos muito ruins para apanhá-la quando foi jogada para ele.

— Fique de olho na bola, dedo mole! — gritei. A cabeça de Liam virou na nossa direção. Assim que o olhar dele conectou-se ao meu, Mike, que estava com a bola naquele momento, o massacrou para chegar à improvisada linha final.

Bolota e eu nos encolhemos quando Liam bateu no chão, batendo a cabeça nas raízes de uma das velhas árvores.

— Uau — eu disse. — Ele não estava brincando sobre ser péssimo em esportes.

— Seria engraçado se não fosse tão triste.

Os outros garotos estavam muito preocupados, rindo para manter a bola no ar. Liam ficou no chão, com o rosto ruborizado, mas todo o corpo tremendo de rir. Ele ergueu a camisa para limpar o suor do rosto, mostrando para mim, e todas as outras garotas presentes, um pouquinho de pele.

Dessa vez, era eu que estava ruborizada.

Um dos garotos que eu não reconhecia, correu até Liam e o ajudou a se levantar, dando-lhe um tapinha no ombro. Eles riram juntos, como se conhecessem um ao outro desde a pré-escola.

Mas esse era o Liam — ele brincava sobre Zu fazer amigos num piscar de

olhos, porém ele era igual. Bolota e eu estávamos bem contentes em sentarmos sozinhos, observando, esperando, mas não mergulhando os dedos no oceano. Talvez estivéssemos muito acostumados a ficarmos sozinhos daquela forma, e, talvez, isso precisasse mudar.

Na manhã seguinte, às nove e vinte e um em ponto, encontrei-me parada do lado de fora do escritório de Clancy Gray, com a mão erguida e pronta para bater. A única coisa que me impedia, além dos nervos brincando de bambolê nas minhas entranhas, era a conversa que se desenrolava do outro lado da porta.

— ... claro que temos os números para fazer isso. Se eu mandar o número de crianças que precisamos, não sobraria o bastante aqui para manter guarda. — Era a voz de uma garota, suave, porém não doce. Olívia, provavelmente, se eles estivessem falando sobre segurança.

— Eu entendo o que você está falando, Liv, mas seria um desperdício perder essa oportunidade — Clancy dizia. — Estamos ficando sem suprimentos médicos e a Leda Corp parou de passar com a maioria dos caminhões por nossa área.

— Você vai sair numa de suas viagens? — ela pressionou. — Não é assim geralmente quando você pega dicas sobre remessas?

— Por que você está perguntando?

— É que... você não faz nenhuma há quase um ano — Olívia disse. — E você costumava ir o tempo todo. Eu sei que não estamos desesperados por suprimentos, mas, talvez, se você se encontrasse com a sua fonte...

— Não — Clancy disse, com finalidade. — Não posso mais abandonar o acampamento. Não é seguro.

As tábuas do chão rangeram.

— Apareceu alguma coisa no *scanner* do FEP? — a voz áspera de Hayes surgiu.

— Eles ficaram sabendo do golpe das frutas, é óbvio — Clancy disse. — Teria sido difícil não notar, levando em conta que vocês mutilaram aquele motorista.

— Por que você precisa falar desse jeito?

— Porque vocês deviam só tê-lo deixado lá, como eu mandei. Agradeço por vocês quererem divulgar o símbolo, mas não podiam só tê-lo pintado no caminhão?

— Você está preocupado que isso seja ruim para sua *imagem*? — a voz de Olívia vertia irritação.

— A maioria das pessoas vai achar difícil aceitar que não somos monstros sem relatos de que mutilamos pessoas inocentes — Clancy disse. — Então, por favor, continuem espalhando o preto. Continuem usando o símbolo. Só... tentem algo um pouco mais sutil.

— O tio de quem? — Hayes perguntou.

— Desculpe encurtar nossa reunião, mas parece que vocês têm tudo sob controle e tem alguém esperando por mim — Clancy disse. Afastei-me da porta. — Liv, planeje o ataque. Deixe que eu me preocupo com os números.

Dei alguns passos para trás, descendo a escada, mas de nada adiantava fingir que eu não estivera escutando. A porta se abriu e a garota, Olívia, foi a primeira a aparecer. Ela era alta e esbelta, com pernas enormes e um bronzado que fazia sua pele brilhar.

Balancei a cabeça e virei-me para permitir que ela e Hayes passassem. Olívia devia ter a minha idade, mas parecia muito mais velha. Ela se parecia com o que eu imaginava que seria ter vinte anos de idade. Quando olhei para cima de novo, Clancy estava encostado contra o batente, sorrindo.

— Você veio — ele fez sinal para que eu entrasse e guiou-me até sua escrivaninha. Ao sentar numa das cadeiras, dei uma olhada furtiva para o outro lado do seu quarto, onde a cortina havia sido recolocada.

Clancy sentou-se no lugar de costume, atrás da escrivaninha, balançando a cadeira para trás enquanto sorria. — O que fez você mudar de ideia?

— É... como você disse — murmurei. — Restaram tão poucos de nós. *e eu quero saber como posso ficar perto das pessoas que amo e não morrer de medo de apagar a mim mesma.*

— Eu li na rede da Liga que eles não conseguiram encontrar nenhum outro Laranja além de você e Martin — Clancy disse. — A maioria dos Vermelhos foi morta, ao que parece. Isso nos coloca no topo do bando.

— Acho que sim — eu disse. Outro pensamento me ocorreu. — Como você tem acesso à rede da Liga? E aos FEPs? — apontei para a sala toda. — *Tudo isso?*

— Tenho amigos em todos os lugares — Clancy disse, simplesmente. Seus dedos batucavam na mesa. — E meu pai me deixa em paz porque ele não seria capaz de aguentar o ultraje, caso eu expusesse o fato de que não existe programa de reabilitação, não para pessoas como eu e você.

— Você e eu — repeti.

Clancy passou a mão no cabelo.

— A primeira coisa que você precisa entender, Ruby, é que não somos como os outros. Você e eu... todos classificados como Laranjas. Somos diferentes. Especiais. Não, não, espera, eu estou vendo você revirar os olhos, mas você tem que escutar, ok? Porque a segunda coisa que você precisa entender é que todo mundo — meu pai, os controladores de acampamento, os cientistas, os FEPs, a Liga das Crianças — mentiu para você esse tempo todo. Somos especiais não por causa do que somos, mas por causa daquilo em que não podem nos transformar.

— Você não está falando coisa com coisa — eu disse.

Ele levantou-se e deu a volta na mesa, para sentar-se ao meu lado.

— Ajudaria se eu contasse minha história primeiro? — meus olhos piscaram para encontrar os dele. — Se eu fizer isso, você tem que prometer que isso ficará entre nós.

Manter segredos. Isso eu podia fazer.

— Muito bem — ele disse — me dê a sua mão. Vou ter que te mostrar.

Quando eu entrei em outras mentes, sempre envolvia a sensação enjoativa de estar afundando. Com mais frequência, eu me encontrava jogada no meio de um pântano de memórias à meia-luz e sentimentos irrestritos, sem um mapa, sem lanternas e sem uma maneira fácil de encontrar a saída.

Porém, não havia nada de assustador na mente de Clancy. As lembranças dele eram brilhantes e nítidas, cheias de imagens e cores vívidas. Parecia que ele tinha me tomado pela mão também, guiando-me por um longo corredor de janelas até o seu passado. Só paramos o bastante para que eu desse uma espiadela em cada uma delas.

O escritório que se configurava ao meu redor era comum, repleto de arquivos de metal cinza, sem muito mais. Podia ser qualquer lugar, a tinta estava tão fresca que borbulhava na parede. Mas eu reconheci as pontas da máquina em formato crescente no canto de trás e o homem que me olhava do outro lado da mesa de cartas que servia como sua escrivaninha. Ele era rechonchudo e careca na linha do cabelo, e uma peça permanente na enfermaria. Observei seus lábios movendo-se numa explicação sem som, e meus olhos desviaram para a nítida pilha de papéis na mesa à frente dele. Meus olhos continuaram desviando até a mão dele, que descansava sobre a mesa, alisando um pedaço de papel outrora dobrado, que tentava enrolar-se em si mesmo. Ali, no topo dele — o timbre da Casa Branca. As palavras ganharam um foco cristalino e eu senti meus olhos saltarem sobre elas, sorvendo-as em descrença. *Prezados, vocês têm minha permissão para realizar testes e tratamentos experimentais no meu filho, Clancy Gray, desde que estes não deixem cicatrizes visíveis.*

As luzes no escritório ficaram mais brilhantes, apagando a memória. Quando elas se esvaíram de novo, eu estava numa sala muito diferente da enfermaria, repleta de azulejos azuis e monitores sonoros. *Não!* pensei, tentando me soltar das amarras de velcro que me seguravam na mesa de metal. Eu sabia qual era esse lugar.

As luzes no alto foram trazidas para perto do meu rosto por uma mão coberta por luvas. No canto da minha visão, vi os cientistas e médicos em seus aventais brancos, configurando máquinas e computadores ao meu redor. Minha mandíbula estava cerrada em torno da mordaca de couro que amarraram na minha nuca, e mãos seguravam minha cabeça parada, enquanto os fios e monitores eram conectados. Lutei de novo, virando o pescoço o suficiente para ver o pedaço de uma mesa forrada de bisturis e pequenas brocas. Vi meu reflexo

numa janela de observação próxima — jovem, pálido de terror, uma imagem espelhada dos retratos que, mais tarde, seriam pendurados por todo o acampamento.

A luz forte do alto aumentava e diminuía, engolindo a cena. Quando ela se esvaiu, a lembrança mudou mais uma vez. Meus olhos pousaram primeiro na mão que eu estava sacudindo, depois deslizou para os olhos desfocados do mesmo cientista que eu vira antes. Os homens pairando ao nosso redor tinham, todos, aquela qualidade obscura em suas expressões — sorrisos vazios, olhos mais vazios ainda. Endireitei os ombros, com uma leve sensação de vitória passando por mim enquanto eu caminhava através do portão principal até o carro preto que aguardava. O homem de terno que me acolheu com um superficial tapinha no ombro não era o presidente, mas aparecia em quase todas as memórias que se sucederam, acompanhando-me em palcos de auditórios de escolas, fora de edifícios nas capitais dos estados, em frente às câmaras nos centros de pequenas cidades. Todas as vezes, eu recebia os mesmos cartões para ler, era encarada com as mesmas expressões de esperança e profundo pesar vindas da multidão. Sempre meus lábios começavam a formar as mesmas palavras: *Meu nome é Clancy Gray e estou aqui para contar como o programa de reabilitação do acampamento salvou minha vida.*

Outra luz, dessa vez do *flash* de uma câmera. Quando seu choque diminuiu, eu estava olhando para um rosto que era uma versão mais velha e desgastada do meu. O fotógrafo virou o monitor para vermos o retrato e eu não me via mais como um garoto, mas como um jovem — quinze anos, talvez dezessete. Enquanto o fotógrafo montava seu equipamento de novo, dessa vez ao longo da sala, coloquei uma mão nas costas do presidente, guiando-o pelos sofás, até a grande mesa de madeira escura. Os arbustos de rosas arranhavam atentamente as janelas, mas eu direcionei o foco para a folha de papel que estava ali esperando por ele, e o impeli a pegar a caneta. Quando ele terminou de assinar, virou-se para mim com um olhar desfocado e um sorriso amortecido e insuspeito.

Semanas devem ter se passado, meses, talvez anos — eu senti o cansaço me acometer, enrolando-se como uma corrente pesada ao meu redor. Estava escuro agora, eu não conseguia discernir a hora da noite, embora tenha visto que era um quarto de hotel, e não era um hotel bom. Eu estava olhando para o teto, meio enterrada no cobertor, quando uma figura pareceu se destacar nas sombras do armário. Foi rápido, quase demais para eu acompanhar. Um homem de máscara preta, o brilho metálico de uma arma; atirei o cobertor para longe de mim e chutei para fora, fazendo o agressor cambalear para trás. O tiro foi disparado da arma dele, com uma combustão de luz e pouco som. O cheiro chamou minhas narinas.

Fui virado para trás, com os antebraços de um dos homens escorados ao

meu pescoço, esmagando os frágeis anéis de cartilagem. Minhas mãos soltaram-se, batendo no carpete áspero, no criado-mudo, e, enfim, no rosto dele. Nem mesmo o terror que pulsava através de cada centímetro em mim evitava que eu entrasse na mente dele.

PARE! Eu senti meus lábios formarem a palavra, mas não podia me escutar. *PARE!*

E o homem parou, com o olhar vazio de alguém cujo crânio acabara de ser esmagado e exposto ao ar gélido. Ele reclinou-se, com a arma no chão ao seu lado.

Eu estava tossindo e pigarreando, tentando levar ar para os meus pulmões, mas peguei a arma e a enfiei no elástico do pijama. Parei para pegar meu casaco de onde estava, jogado sobre a cadeira da escrivaninha do quarto e, em seguida, estava do lado de fora, no corredor, olhando para o lugar onde um homem deveria estar posicionado do lado de fora da porta para me vigiar. E eu sabia, eu *sabia* o que estava acontecendo. Eu sabia o que aconteceria comigo se alguém me encontrasse viva pela manhã.

Eu estava correndo, descendo as escadas do hotel, saindo pela cozinha, passando pelas caçambas de lixo e atravessando o estacionamento. Correndo, com o peito pegando fogo, ouvindo o som das vozes gritando atrás de mim, as botas batendo no asfalto. Correndo para as árvores, a escuridão...

— Ruby, Ruby!

Voltei a mim, no escritório de Clancy, pouco a pouco, com uma dor de cabeça tão severa, que tive que colocar o rosto entre as pernas para não vomitar.

— Eles tentaram te matar — eu disse, quando, enfim, encontrei minha voz. — Quem?

— Quem você acha? — a voz de Clancy estava seca. — Aquele homem era um dos agentes do Serviço Secreto que deveriam me vigiar.

— Mas isso não faz nenhum sentido — pressionei as costas da mão contra a testa, espremendo os olhos por causa da tontura. — Se eles estavam te carregando por aí e te usando para explicar o programa de reabilitação, então, por que...?

— Porque ele descobriu que eu não tinha sido reabilitado coisa nenhuma — ele disse. — Meu pai, quero dizer. Ele só me deixou sair de Thurmond porque eu o fiz pensar que *tinha* sido curado. Mas eu fiquei muito ambicioso. Tentei enganar meu pai, influenciando-o, mas fui pego. — Clancy perdeu-se por um instante. — Ele temia que a verdade sobre os acampamentos fosse divulgada, tenho certeza, mas ele não podia simplesmente me tirar dos olhos do público, não quando foi ele quem me colocou nessa posição. Não, acho que, na mente dele, era mais fácil só se livrar de mim de uma vez por todas, antes que eu causasse encrenca. Eu só posso imaginar o tipo de mentira que ele criou em cima do meu assassinato para cair de novo nas graças de seus companheiros norte-americanos.

Eu o encarei por um longo instante, sem palavras.

Como você sobreviveu a essa vida? Eu queria perguntar. *Como você é você e não o monstro no qual eles queriam lhe transformar?*

— Depois que escapei naquela noite, conheci Hayes, e em seguida Olívia, e depois os outros. Encontramos esse lugar e começamos a trabalhar, e, o tempo todo, meu pai não pode colocar uma recompensa para mim, não sem expor a verdade sobre mim e seu programa de reabilitação. Ele tinha que inventar alguma mentira sobre minha ida à faculdade, para tirar a imprensa do pé dele. — Clancy, então, sorriu. — Ai, você sabe, eu ganhei, no final.

Ele levantou da cadeira, estendendo a mão. Eu a peguei, sem ter consciência disso, sentindo uma calma tomar conta de mim, enquanto ele apertava meus dedos. Minha mente estava em silêncio. Eu senti que inclinava para a frente.

— Quando ouvi sua história, eu sabia que precisava conhecer você. Eu tinha que garantir que você soubesse a verdade sobre o que está acontecendo, para que não fosse pega de surpresa, como eu fui.

— A verdade? — olhei para cima, assustada. — O que você quer dizer?

Clancy não soltou minha mão, ele apenas sentou-se na beirada da mesa à minha frente.

— A mulher que te soltou de Thurmond, a agente da Liga? O que ela disse sobre o Ruído Branco que usaram naquele dia?

— Que os controladores do acampamento tinham embutido uma frequência nele que só os Laranjas, Vermelhos e Amarelos podiam detectar — eu disse. Ele devia saber disso, já que eles usaram o mesmo método para transmitir a localização do acampamento. — Que eles estavam tentando descobrir os perigosos que ainda estavam escondidos.

Clancy soltou minha mão e a virou para trás, para girar seu *laptop* de modo que estivesse voltado para nós. Na tela, havia uma foto do meu rosto, na manhã em que nos levaram para o acampamento, mas o texto ao lado dela não era a minha história.

— Leia o segundo parágrafo em voz alta.

Eu olhei para ele, confusa, mas fiz o que ele pediu.

“O Controlador de Acampamento Harris encontrou a discrepância no Controle de Calma às 5h23 da manhã seguinte, após notar uma frequência implícita que fora acrescentada sem o seu consentimento” — pausei, lambendo meus lábios secos. — “Após investigações posteriores dos dispositivos de gravação na Sala de Cerimônias, ele chegou à conclusão de que o surto de violência ali, que resultara no uso do Controle de Calma, em torno das 11h42, foi diretamente provocado por agentes disfarçados do grupo terrorista da Liga das Crianças. Ele acredita que os mesmos agentes plantaram uma frequência de identificação no Controle de Calma. Acredita-se agora que os sujeitos Psi 3285 e

5312, que foram levados das fronteiras do acampamento em torno das 3h32min, por um agente da Liga das Crianças, tenham sido identificados como Verdes por equívoco, em sua classificação inicial...”

— Continue — Clancy disse, quando minha voz sumiu.

“Acredita-se que os sujeitos 3285 e 5312 sejam altamente perigosos. Ordens foram emitidas para sua recaptura imediata e reprocessamento” — *reprocessamento*? — meus olhos ergueram-se de novo. — Mas a forma como está escrito... eles não sabiam... eles não... Você está tentando me dizer que eles não tinham ideia de que eu era Laranja até *depois* que eu saí?

Clancy moveu a cabeça em afirmação.

— É o que parece.

— Então, eu não estava em perigo, no fim das contas? Eles não teriam me matado?

— Ah, você estava em perigo, com certeza — ele disse. — Eles tinham todas as peças e só precisavam de uma mente curiosa para juntá-las. Mas se você está perguntando se teria sido pega ou não se a Liga não tivesse plantado a frequência — então, a resposta para isso é não, provavelmente não.

— Então, por que eles fizeram isso? — exigi. — Parece um risco enorme a correr só para pegar umas crianças.

— Crianças extremamente valiosas e *raras* — ele corrigiu. — Crianças que teriam sido mortas, caso contrário.

Ao ver minha expressão, ele adicionou, sem ser indelicado.

— Você não achou mesmo que eles deixaram as crianças como nós viverem, não é? Não os Laranjas. Os Amarelos, sim, pois a ameaça deles pode ser contida, mas não a dos Laranjas.

Passei a mão no rosto.

— E os Vermelhos, então? Eles foram mortos também?

— Não — Clancy disse. A voz dele tornou-se baixa, hesitante. — Eles tiveram um destino muito pior.

Esperei que ele continuasse, torcendo as mãos sobre meu colo.

— O programa confidencial do presidente — Clancy cruzou os braços no peito, recostando-se. — Projeto Jamboree. O bom e velho papai está treinando um exército especial para ele, usando todos os Vermelhos que tiraram dos acampamentos. Então, dá para entender por que... — ele pigarreou. — Entender por que a Liga estaria interessada em encontrar qualquer criança particularmente perigosa para o exército deles.

Balancei a cabeça, soltando o rosto nas mãos. De todos os cenários que eu imaginara, de todas as coisas que eu pensei ter acontecido com essas crianças, eu jamais teria sonhado com algo tão insano.

— Como eles podem forçá-los a fazer isso? — perguntei, com a voz soando oca até para os meus próprios ouvidos. — Por que eles concordaram?

— Que outra escolha eles têm? — Clancy perguntou. — Eles devem ter sido induzidos a pensar que, se não cooperassem, algo aconteceria com suas famílias. Eles passaram por um programa especial de condicionamento para fazê-los pensar que eram absolutamente necessários e queridos. Antes de meu pai e seus assessores descobrirem que eu os estava influenciando, consegui supervisionar o programa o suficiente para garantir que eles *seriam* bem tratados — melhor do que se estivessem nos acampamentos, pelo menos — ele balançou a cabeça. — Não tenha medo deles. Eles vão se libertar do controle do meu pai um dia.

E não estão mortos, pensei, pelo menos isso.

— Ruby.

Olhei para cima, sentindo um frio profundo nas minhas entranhas.

— Deixe-me mostrar o que eu sei — ele sussurrou, erguendo a outra mão para tirar o cabelo do meu rosto. A massa aglomerada de nervos no meu estômago se afrouxou com o toque e eu senti que as poucas suspeitas que eu tinha sobre ele estavam se desfazendo. Éramos iguais no que era importante. Ele queria me ajudar, embora eu não tivesse nada para oferecer em troca.

— Ninguém poderá machucar ou modificar você se puder lutar com eles — ele disse, baixinho.

Não foi a depressão que me levou em frente, tampouco autopiedade. Era uma linha pura e destilada de ódio, que se tecia no meu interior. Pensei que o Fugitivo fosse capaz de ajudar a recuperar minha vida antiga, mas agora eu sabia que isso não era o bastante. Eu precisava dele para ajudar a proteger o meu futuro. Quando eu falei, minhas palavras queimaram o ar entre nós.

— Ensine-me.



VINTE E TRÊS

SÓ PORQUE CLANCY TINHA TODO AQUELE PODER, não significava que ele o usava de fato. Eu achava estranho alguém que podia influenciar os pensamentos dos outros ter nascido com uma personalidade que naturalmente atraía as pessoas. Eu testemunhei isso em primeira mão, quando ele sugeriu que déssemos um passeio pelo acampamento.

Clancy acenou para alguns garotos de preto ao redor do buraco da fogueira. A presença dele lançava energia no ar. Sorrisos desabrochavam em todos os rostos pelos quais passávamos e não havia uma pessoa sequer que não acenasse para nós ou gritasse algum tipo de cumprimento, mesmo que fosse um rápido “Ei!”.

— Você fala com eles sobre o que você passou? — perguntei.

Ele olhou para mim com o canto do olho, como se a pergunta o tivesse assustado. Observei, enquanto ele enfiava as mãos nos bolsos traseiros das calças, deixando os ombros caírem com os pensamentos.

— Eles confiaram em mim — ele disse, com um leve e triste sorriso. — Não quero que se preocupem. Eles têm que acreditar que eu posso cuidar deles, se não nosso sistema não vai funcionar.

Esse “sistema” era de outro mundo. Uma coisa é entalhar o símbolo Psi nas paredes dos prédios e pendurar bandeiras nas varandas, mas conseguir internalizar a mensagem de verdade...

Meu primeiro exemplo real disso surgiu quando a garota encarregada dos jardins do acampamento veio pisando duro até nós no caminho principal e exigiu que Clancy punisse três crianças que, segundo ela, poderiam estar roubando frutas debaixo do nariz dela.

Demorei dois segundos, escutando Clancy dissuadi-la, para perceber que o modo de vida em East River não se baseava em regras rígidas e rápidas, mas repousava quase que por completo em seu bom senso e no que todos abaixo dele percebiam como justo.

Os acusados eram três garotos Verdes, que tinham saído dos Filhotes há alguns meses. A garota no comando dos jardins os deixara sentados na terra escura como patinhos enfileirados. Todos vestiam camisetas pretas, mas suas calças jeans estavam em diferentes estados de desgaste. Fiquei de lado, enquanto Clancy ajoelhava na frente deles, sem se incomodar com a terra úmida que manchava suas calças passadas.

— Vocês roubaram aquela fruta? — Clancy perguntou com gentileza. — Por favor, digam a verdade.

Os três garotos trocaram olhares. Sobrou para o maior, sentado no meio, responder.

— Sim, roubamos. Sentimos muito.

Eu ergui as sobrancelhas.

— Obrigado por serem honestos — Clancy disse. — Posso perguntar por quê?

Os garotos ficaram em silêncio por alguns minutos. Enfim, em meio a um burburinho, Clancy conseguiu a verdade de novo.

— Pete esteve muito doente e não pôde comparecer nas refeições. Ele não queria que ninguém soubesse, porque ficaria encrencado por não ir ao Trabalho de Limpeza essa semana e ele... ele não queria decepcionar você. Sentimos muito, sentimos *muito mesmo*.

— Eu entendo — Clancy disse. — Mas, se Pete está mesmo doente, vocês deveriam ter me falado.

— Você disse na última reunião do acampamento que tinha poucos remédios. Ele não queria tomar nenhum remédio, caso alguma outra pessoa precisasse.

— Parece que ele precisa mesmo tomar remédios, se não está indo nas refeições — Clancy indicou. — Vocês sabem que, quando pegam comida do jardim, há uma chance de estragar as refeições que planejamos para todo mundo.

Os garotos balançaram a cabeça, parecendo arrasados. Clancy ergueu os olhos para as crianças reunidas ao nosso redor e perguntou:

— O que vocês gostariam que eles fizessem por terem roubado a fruta?

A garota encarregada abriu a boca, porém um garoto mais velho aproximou-se e encostou o ancinho que tinha nas mãos contra a cerca simples que delimitava o jardim.

— Se eles quiserem ajudar a remover as ervas daninhas por alguns dias, alguns de nós podem se revezar para cuidar de Pete e garantir que ele receba

comida e medicamentos.

Clancy consentiu.

— Isso parece justo. O que todo mundo acha?

Pensei que a encarregada fosse bater o pé de raiva quando todos concordaram com aquela “punição”. Ela estava profundamente descontente com o resultado, se o rubor em seu rosto era alguma indicação.

— Esse não é um problema isolado, Clancy — ela disse, acompanhando-nos para fora do jardim. — As pessoas acham que podem vir aqui e pegar o que quiserem, e a gente não pode simplesmente trancar as coisas na despensa!

— Prometo que vou colocar na pauta da nossa reunião do acampamento do próximo mês — Clancy disse, com um de seus sorrisos. — Estará bem acima dos novos assuntos.

Isso pareceu satisfazê-la, ao menos por enquanto. Com um olhar curioso na minha direção, a Imperatriz dos Vegetais virou-se sobre o calcanhar e marchou de volta para seu domínio.

— Uau — eu disse — ela é uma preciosidade.

Ele encolheu os ombros, mexendo na orelha direita sem perceber.

— Ela tem um argumento válido. Se começarmos a ficar sem comida na despensa, temos que depender dos jardins, e, se tiver sido colhido, teremos problemas. Acho que todos aqui passaram a entender como a vida está interligada em East River. Ei, você se importa se eu fizer uma visita para o Pete?

Eu sorri.

— Claro que não.

O garotinho estava enterrado sob uma montanha de cobertores. Se os colchões vazios ao redor serviam de indicação, os outros garotos tinham doado os deles com prazer para a sua pilha. Quando seu rosto ruborizado enfim emergiu dos cobertores, eu disse olá e me apresentei. Clancy ficou falando com ele por uns bons quinze minutos, mas eu esperei do lado de fora, no ar fresco, observando o ir e vir do acampamento. As crianças acenavam e sorriam para mim, como se eu estivesse ali há anos, não há alguns dias. Eu acenava de volta, com um leve aperto no peito. Não sei quando me ocorreu, ou se foi uma percepção lenta e rastejante, mas eu começara a entender que o preto — a cor que eu me treimara a temer e odiar — era a mesma coisa que permitia a essas crianças sentirem um pouco de orgulho e solidariedade.

— Você nunca vai se sentir sozinha aqui — Clancy disse, fechando a porta da cabana atrás dele. Caminhamos até o prédio da lavanderia em seguida, depois fizemos uma parada nos lavatórios para testar as torneiras e nos certificar de que as luzes ainda estavam funcionando. De vez em quando, alguém parava Clancy para fazer uma pergunta ou expor uma reclamação, mas ele nunca agia de outra forma se não com paciência e compreensão. Eu o observei resolver um mal-entendido entre colegas de cabana, anotar sugestões para o jantar e dar sua

opinião sobre se a equipe de segurança precisava ou não de mais garotos.

Quando chegamos à cabana que servia como sala de aula dos Filhotes, eu estava morta de cansaço. Clancy, no entanto, estava pronto para dar sua aula semanal de história dos Estados Unidos.

A sala era pequena e estava lotada, mas bem iluminada e decorada com pôsteres e desenhos coloridos. Eu visualizei Zu e suas luvas cor-de-rosa antes mesmo de ver a adolescente à frente da sala traçando com o dedo o comprimento do Rio Mississípi num velho mapa dos Estados Unidos. Hina estava sentada ao lado de Zu, é claro, tomando nota de forma frenética. Acho que não devia ter me surpreendido, mas as crianças animaram-se mesmo quando Clancy apareceu na porta. A garota desocupou a frente da sala para ele na mesma hora.

— Tuuudo bem, tuuudo bem — Clancy começou. — Quem pode me dizer onde paramos?

— Os Peregrinos! — dúzias de vozes ressoaram.

— *Peregrinos*? — ele continuou. — O que são eles? Que tal você, Jamie? Você se lembra quem foram os Peregrinos?

Uma garota, mais ou menos da idade de Zu, endireitou-se.

— As pessoas na Inglaterra estavam maltratando eles por causa da religião deles, então eles navegaram até a América e chegaram em Plymouth Rock.

— Alguém sabe me dizer o que eles fizeram depois de chegarem aqui?

Um dez mãos lançaram-se no ar. Ele escolheu um garotinho perto — ele devia ser um Verde, mas poderia também ser Amarelo ou Azul. Meu método usual de distinguir crianças umas das outras estava falhando, agora que estávamos todos misturados. O que, eu acho, era o propósito.

— Eles montaram uma colônia — o garoto respondeu.

— Isso mesmo. Foi a segunda colônia inglesa depois da que foi montada em Jamestown, em 1607, não muito longe de onde estamos agora, na verdade! — Clancy pegou o mapa que a professora estava usando e apontou ambos os locais. — Enquanto estavam no *Mayflower*, eles criaram o Mayflower Compact, que era um acordo que garantia que todos iriam cooperar e agir de uma forma que fosse benéfica para a colônia. Quando chegaram, enfrentaram muitas adversidades. Mas todos trabalharam juntos e criaram uma comunidade onde estavam livres das regras da coroa inglesa e onde podiam praticar sua crença abertamente. — Ele parou de andar por um instante, lançando seus olhos escuros sobre a plateia. — Parece familiar?

Ao meu lado, Zu tinha os olhos arregalados. Eu estava sentada perto o bastante para ver as sardas no seu rosto, mas, ainda mais importante, sentir a felicidade que irradiava dela. Senti meu próprio coração levitar. Hina inclinou-se para sussurrar algo no seu ouvido e seu sorriso só aumentou.

— Parece com a gente! — alguém gritou do fundo da sala.

— Pode apostar — Clancy disse, e falou durante a próxima hora e meia

sobre como os peregrinos interagiram com as tribos nativas, sobre Jamestown, sobre todas as coisas que minha mãe costumava ensinar no colégio dela. E, quando ele terminou de usar todo o tempo, pegou uma pequena tigela e fez menção para que o seguisse para fora, em meio aos gemidos e reclamações dos Filhotes. Estávamos os dois ainda gargalhando, quando chegamos ao buraco da fogueira, onde começavam a preparar o jantar. Senti diversos olhos agarrarem-se a nós de imediato, mas não me importei. Na verdade, senti uma leve sensação de orgulho.

— Então? — Clancy disse, enquanto estávamos ao lado da varanda do Escritório, escutando os sinos chamando todos para o jantar — O que você acha?

— Acho que estou pronta para minha primeira aula — eu disse.

— Ah, senhorita Daly — um sorriso surgiu nas bordas dos seus lábios. — Você já teve sua primeira aula. Só não percebeu.

Duas semanas passaram como uma página rasgada de um velho livro.

Fiquei tantas horas, de tantos dias, trancafiada na sala de Clancy, enfiando imagens em sua mente, bloqueando-o quando ele tentava fazer o mesmo, falando sobre a Liga, Thurmond e o Ruído Branco, que estávamos fora de sintonia com a programação do acampamento. Ele tinha suas reuniões diárias, mas, em vez de pedir para eu sair, fazia eu esperar do outro lado da cortina branca, onde, agora, conduziâmos a maioria de nossas aulas práticas.

Havia momentos em que ele precisava sair e inspecionar as cabanas, ou cuidar de alguma discussão, mas eu quase sempre ficava naquele velho quarto mofado. Havia livros, música e uma TV a meu dispor, o que significa que eu nunca tive a oportunidade de ficar entediada.

Eu ainda via Bolota em algumas de nossas refeições, mas Clancy geralmente mandava trazer comida para nós. Zu era ainda mais difícil de encontrar, porque, quando não estava em aula, estava com Hina ou uma das Amarelas mais velhas. O único momento que eu passava, de fato, com os dois era à noite, antes de as luzes do acampamento se apagarem. Bolota, na maioria das vezes, era um fantasma — sempre trabalhando, procurando maneiras de chamar a atenção de Clancy, costurando uma criança que tinha rachado o lábio ou sugerindo uma forma mais eficiente de fazer a colheita do jardim. Sentei-me com ele por mais tempo quando ele tirou os meus pontos.

Zu, de sua parte, deleitava-se em me mostrar o que aprendera na escola, e os truques que os outros Amarelos ensinavam-lhe.

Após alguns dias, ela parou de usar as luvas. Eu só percebi, de fato, numa noite, enquanto ela penteava meu cabelo. Eu me afastara para desligar as luzes, mas ela foi mais rápida do que eu: estalou os dedos e a luz no teto piscou e apagou.

— Isso é incrível — eu soltei, mas seria uma mentira terrível dizer que eu

não senti uma pontinha de inveja pelo tanto de progresso que ela tinha feito. Eu só tinha conseguido bloquear Clancy uma vez da minha mente, e não antes de ele descobrir o que acontecera com Sam.

— Interessante — foi o único comentário dele.

Embora eu visse Bolota e Zu todos os dias, Liam era um assunto bem diferente. A equipe de segurança o colocou no segundo turno — das cinco da tarde às cinco da manhã — bem na extremidade, mais a oeste do lago. Ele geralmente estava muito cansado para cambalear até a cabana após o turno, e passava a maior parte dos dias dormindo nas barracas montadas perto daquela entrada. Eu o vi uma ou duas vezes falando com animação para um aglomerado de pessoas no café da manhã ou visitando Zu nos Filhotes, mas era sempre da janela da sala de Clancy.

Eu sentia saudades dele, a ponto de sentir dor real e física, mas eu entendia que ele tinha responsabilidades. Quando eu tinha um pensamento sobrando, quase sempre era para ele, mas eu estava tão focada em nossas lições, que era difícil deixar minha mente se distrair com qualquer outra coisa por muito tempo.

Clancy riu, chamando minha atenção de volta para ele da janela, e, de repente, eu não sabia *como* tinha deixado meus pensamentos vaguearem. Ele estava vestindo uma camisa polo branca, que enfatizava o brilho natural de sua pele, e calças cáqui passadas e dobradas até o tornozelo de forma casual. Sempre que ele estava lá fora, com os outros, sua camisa estava abotoada, suas roupas limpas e passadas com perfeição, mas não comigo.

Aqui, não precisávamos usar uma máscara. Não um com o outro.

Quando começamos as aulas, elas aconteciam em um dos lados de sua ridícula escrivaninha. Eu sentia como se estivesse sendo enquadrada pelo diretor de uma escola, e não sendo orientada durante uma lição Psi por meu guru bizarro. Depois, tentamos o chão, mas, após algumas horas sentada, minhas costas pareciam estar prestes a desmoronar. Foi ele quem sugeriu sentarmos em sua cama estreita. Ele ficara com uma ponta e eu, com a outra. Então, começamos a nos aproximar. Delimitando a distância em sua colcha vermelha, aproximando-nos um do outro a cada aula, até que um dia, eu saí do feitiço que os olhos de Clancy colocaram sobre mim e percebi que nossos joelhos estavam pressionados um contra o outro.

— Desculpe — murmurei, quando me virei na direção dele. — Podemos voltar para o começo?

Ao que parece, ele achava graça em tudo a meu respeito.

— Voltar para o começo? Estamos ensaiando uma peça? Devo chamar o Mike para construir os cenários?

Não tenho certeza do que eu ri, nem era assim tão engraçado. Talvez, tentar atirar o meu cérebro no dele pelos últimos vinte minutos tivesse me deixado maluca. A única certeza que eu parecia ter era quão grande e

reconfortante a mão dele parecia ao pegar a minha e apertá-la.

— Tente de novo — ele disse. — Dessa vez, tente imaginar que as mãos invisíveis das quais você estava falando, são, na verdade, facas. Atravesse a névoa.

Era mais fácil falar do que fazer. Eu movi a cabeça e fechei os olhos, tentando lutar contra a inundação de cor em minhas bochechas. Toda vez que ele usava minha péssima maneira de explicar como meu cérebro parecia funcionar, sentia-me constrangida, até mesmo um pouco envergonhada. Ele riu da primeira vez que fiz a comparação, agitando os dedos na frente do meu rosto como se estivesse lançando um feitiço sobre mim.

Ele experimentara diversos métodos para demonstrar como fazê-lo. Fomos até a despensa para que eu o observasse entrando na mente de Lizzie e, por motivo algum, além de me fazer rir, pedir que ela cacarejasse como uma galinha. Clancy tentara me mostrar como era fácil influenciar o humor de diversas pessoas de uma só vez, resolvendo uma discussão entre duas crianças sem dizer uma única palavra. Houve um momento em que sentamos no sopé do escritório e ele leu para mim os pensamentos de todos que passavam — incluindo o da pobre Hina, que, aparentemente, nutria uma paixõite desesperada por Clancy.

A verdade era que ele podia fazer tudo e qualquer coisa. Bloquear a mim, empurrar uma imagem, um sentimento, um medo. Certa vez, tenho certeza de que ele até passou um sonho para mim. Eu não queria sentir que o estava decepcionando, não quando ele estava me oferecendo tanto do seu precioso tempo — pensar nisso fazia tudo dentro de mim encolher de medo. Ele me disse para pegar leve, que ele levava diversos anos para dominar tudo isso, mas era impossível *não* querer correr com as aulas, poder controlar minhas habilidades o mais rápido possível. Parecia-me que a melhor maneira de retribuir sua gentileza era dominar a mim mesma a ponto de poder ficar ao lado dele e sentir orgulho, e não vergonha, do que eu podia fazer.

Até que eu pudesse desvendar os segredos dele, nunca seríamos iguais. Ele me chamara de sua “amiga” diversas vezes, durante nossas aulas e na frente de outras crianças, e fiquei surpresa por ter recuado ao ouvir o termo. Clancy tinha centenas de amigos. Eu queria ser mais do que isso — queria que ele confiasse em mim.

Às vezes, eu só queria que ele chegasse mais perto, que prendesse meu cabelo atrás da orelha. Era um pensamento repugnante de menininha, no entanto, e eu não tinha certeza de qual canto escuro da minha mente ele saíra rastejando. Acho que minha mente estava me pregando peças, porque eu sabia que, o que eu queria mesmo, era que *Liam* fizesse isso — que fizesse mais do que isso.

Mas, toda vez que eu tentava entrar na mente de Clancy, era repudiada. Clancy tinha tanto controle sobre seus poderes que eu nem tinha tempo de sentir

a usual afobação desconcertante de pensamentos e lembranças. Toda santa vez parecia que ele tinha baixado uma cortina branca em torno do seu cérebro. Nem todos os rasgos do mundo podiam cortá-la.

Porém, isso não significava que eu não tenha tentado.

Clancy sorriu, aproximando-se para tirar o cabelo por cima do meu ombro. Sua mão permaneceu ali, deslizando para aparar a minha nuca. Eu sabia que ele estava me encarando, mas não conseguia erguer os olhos para encontrá-lo, mesmo conforme ele se aproximava.

— Você consegue. Eu sei que consegue.

Travei os dentes até sentir minha mandíbula estalar. Um músculo se contraiu na minha bochecha direita. Tentei aproximar as centenas de milhares de dedos, focando-os em algo afiado e letal o bastante para penetrar sua parede. Apertei sua mão, aumentando a força até ter certeza de que ele sentira dor, e atirei a adaga invisível na sua direção, enfiando-a o mais rápido e o mais forte que pude. E ainda assim, no instante em que me encostei àquela parede branca, senti como se ele tivesse estapeado o meu rosto. Ele suspirou e deixou a mão cair.

— Desculpe — eu disse, odiando o silêncio que se seguiu.

— Não, eu é que sinto muito — Clancy balançou a cabeça. — Sou um péssimo professor.

— Acredite, você não é o problema nessa equação.

— Ruby, Ruby, Ruby — ele disse —, isso não é uma equação. Não dá para resolver em três etapas simples, senão você não teria aceitado minha ajuda, certo?

Olhei para baixo enquanto ele começou a esfregar o dedo na palma da minha mão, virada para cima. Um lento e preguiçoso círculo. Era estranhamente calmante e quase hipnotizante de assistir.

— Isso é verdade — comecei. — Mas você deve saber que eu não fui muito... honesta.

Isso chamou a atenção dele.

— Os outros... eles estavam à sua procura porque achavam que você era um tipo de mágico que poderia levá-los para casa. Mas eu queria encontrar você porque eu estava acreditando nos boatos de que você era um Laranja, e que poderia estar disposto a me ensinar.

As sobrancelhas escuras de Clancy uniram-se, mas ele não soltou minha mão. Em vez disso, repousou a palma de sua outra mão na brecha entre nossas pernas cruzadas.

— Mas isso foi antes de eu te contar o que a Liga estava planejando — ele disse. — Com o que você queria que eu ajudasse? Não, deixe-me adivinhar. Alguma coisa sobre o que houve com os seus pais, certo?

— Como eu me apaguei — confirmei. — Como evitar que aconteça de

novo.

Clancy fechou os olhos por um breve instante, e, quando, enfim os abriu, seus olhos pareciam mais escuros do que antes, quase pretos. Eu me aproximei, captando uma estranha mistura de tristeza, culpa e algo mais que parecia transbordar de seus poros.

— Queria poder ajudar com isso — ele disse —, mas a verdade é que eu não consigo fazer o que você faz. Não tenho ideia de como ajudá-la.

Não tenho ideia de como ajudá-la. É claro. É claro que ele não tinha. Martin também era Laranja, mas ele não tinha as mesmas habilidades que eu. Não imagino por que supus que o Fugitivo teria.

— Se você... me falar sobre isso, e explicar como acha que funciona, eu... então posso conseguir descobrir alguma coisa.

Não era bem o fato de eu não conseguir falar sobre isso, mas, sim, de não querer. Não ali. Eu me conhecia bem o bastante para prever as palavras engasgadas e a explicação chorosa que viria a seguir. Sempre que eu me permitia pensar sobre o que acontecera, eu saía exausta e trêmula, sentindo-me tão assustada, horrível e sem esperança, como quando esses momentos aconteceram de fato.

Ele fitou-me por baixo de seus cílios escuros, com um olhar de entendimento que surgia depressa. Com o dedão pairando sobre o ponto do pulso em meu punho.

— Ah. É um Benjamin. Eu deveria ter esperado isso, me desculpe. — Vendo meu olhar confuso, ele explicou: — Benjamin era meu velho tutor, antes... bem, antes de tudo ir para o diabo. Ele morreu quando eu era muito jovem, mas ainda não consigo falar sobre ele. Ainda machuca — um lado de sua boca curvou-se num sorriso pesaroso. — Talvez você não precise falar nada. *Podemos* tentar outra coisa.

— Como o quê?

— Como você me bloquear dessa vez, e não o contrário. Aposto que será mais fácil para você.

— Por que diz isso?

— Porque você não é má o suficiente para aguentar uma boa ofensa, e acredite, isso é um elogio — ele esperou que eu sorrisse antes de continuar. — Mas você está protegida. Você não mostra suas cartas para ninguém. Em alguns momentos, é impossível ler você.

— Eu não faço de propósito — interrompi. Clancy só fez um gesto de repreensão.

— Não é algo ruim — ele disse. — Na verdade, vai te ajudar.

Bem, decerto não tinha me ajudado a bloquear Martin.

— Você consegue perceber quando alguém está tentando entrar na sua cabeça? — ele perguntou. — Dá uma sensação de formigamento...

— É, eu sei do que você está falando. O que devo fazer quando sentir isso?

— Você tem que empurrar isso contra eles, atirá-los da trilha em que estavam. Na minha experiência, as coisas que você quer muito proteger, como lembranças ou sonhos, elas têm suas próprias defesas naturais. Você só precisa acrescentar outra parede.

— Toda vez que tentei entrar na sua mente, era como se uma cortina branca estivesse bloqueando meu acesso.

Clancy concordou com a cabeça.

— É assim que eu faço. Quando tenho a sensação, empurro a imagem daquela cortina e não a deixo subir, não importa o que aconteça. Então, o que quero que você faça é trazer à mente algum tipo de segredo ou lembrança — algo que não queira necessariamente que eu ou alguém veja, e eu quero que você baixe sua própria cortina para protegê-lo.

Eu não devia estar fazendo um bom trabalho em esconder minha hesitação, porque ele pegou as minhas duas mãos nas dele mais uma vez, entrelaçando nossos dedos.

— Vamos lá — ele disse. — Qual a pior coisa que pode acontecer? Eu ver algum momento embaraçoso? Acho que somos bons amigos o suficiente, agora que você pode confiar quando digo que não vou contar para ninguém a respeito de nenhum tropeção ou vômito em público.

— E correr pelada e comer terra do parquinho?

Ele fingiu pensar sobre o assunto por um instante, sorrindo.

— Acho que posso me abster de partilhar isso com o acampamento inteiro no jantar.

— Que líder justo e razoável você é — eu disse. Após um instante, acrescentei — Você me considera mesmo uma amiga, ou só diz isso porque quer ver os meus dentes da frente caírem quando eu tentar jogar futebol?

Clancy balançou a cabeça e riu. Suas histórias favoritas sempre pareciam ser aquelas que envolviam minhas tentativas de fingir ser um garoto, ou as comilanças de *fast-food* para as quais meu pai costumava me levar, quando minha mãe estava fora da cidade numa conferência de professores. Percebi que elas eram tão estranhas à experiência dele, que eu devia parecer um alienígena.

— Claro que eu considero você como *amiga*. Na verdade — ele começou, com a voz baixa. Quando olhou para mim de novo, seus olhos escuros estavam ardendo com um tipo de intensidade que me fez sentir como se minha cabeça estivesse cheia de ar, pronta para sair flutuando. — Eu considero você muito mais do que isso.

— O que quer dizer?

— Você podia estar procurando por mim, mas, digamos que eu estava esperando por você. Há muito tempo não sinto que alguém entende pelo que estou passando. Ser um Laranja... não dá para comparar com o que os outros

são. Eles não nos entendem ou o que podemos fazer.

Somos só nós, uma vozinha surgiu na minha mente, *somos só nós dois*.

Eu apertei as mãos dele.

— Eu sei.

Ele pareceu ter desviado a atenção, levando os olhos até o outro lado da sala, na direção do computador e da TV. Pensei ter detectado um vislumbre de tristeza nos seus olhos, um tipo verdadeiro de dor, mas sumiu com a mesma rapidez, substituído por sua expressão confiante de costume.

— Pronto para tentar?

Fiz um gesto com a cabeça.

— Prometo que estou tentando. Por favor... por favor, não desista de mim.

Fiquei surpresa quando senti suas mãos libertarem-se das minhas. Atordoada, quando as senti deslizando pelos meus braços nus e para os meus ombros. Eu não o impedi. Era assim com Clancy — coisa que eu estava aceitando depressa. Com ele, eu não precisava ter medo, não do que eu podia fazer, de propósito ou por acidente. Eu não tinha que erguer todas as defesas que possuía para manter paradas as mãos perambulantes do meu cérebro, porque Clancy era mais do que capaz de me manter longe de sua cabeça.

Mas Liam... ele era algo precioso, algo que eu poderia quebrar com um único deslize. Alguém com quem eu não podia estar, não agora, não do jeito que eu era.

Clancy inclinou-se para a frente, para começar seu trabalho. Eu também me inclinei para a frente, contra o peito dele, onde era quente e cheirava a pinho e livros antigos e milhares de possibilidades que eu jamais soubera.

Eu não o bloqueei na primeira tentativa nem o bloqueei na quinta tentativa. Foram necessários três dias e ele testemunhando quase todas as lembranças amargas e constrangedoras em minha mente para que eu, enfim, conseguisse usar algum tipo de defesa.

— Pense mais a fundo — ele me disse. — Pense algo que você não quer que ninguém saiba. Essas memórias vão provocar as defesas mais fortes.

Não restava nada mais que ele não tivesse visto. Eu juro, o garoto podia ser um neurocirurgião, de tão precisos que eram seus cutucões e suas espetadas. Toda vez que eu colocava em mente um pensamento ou lembrança, e tentava colocar uma parede invisível em torno disso, minhas defesas caíam por terra, frágeis como papel de seda. Ainda assim, ele não ficou frustrado.

— Você consegue — Clancy continuava repetindo. — Eu sei que consegue. Você é capaz de mais do que se permite.

Foi sua constante busca por algum tipo de lembrança suculenta que, enfim, produziu meu primeiro resultado real.

— Tem que ser uma lembrança? — perguntei.

Ele pareceu considerar isso.

— Talvez você deva tentar outra coisa. Algo que você imagina. — Podia ser minha mente me pregando peças, mas o rosto dele, de repente, parecia muito mais perto do meu. — Algo que você queira. Ou... alguém?

A forma como ele disse isso me fez imaginar que era uma pergunta, uma pergunta séria revestida por uma voz casual, desinteressada. Mantive a expressão impassível.

— Ok — eu disse. — Acho que estou pronta.

Clancy não parecia tão certo. Mas eu estava. Essa fantasia em particular fazia parte dos meus sonhos há semanas, invadindo os espaços de tempo em que eu não estava entocada, praticando minhas habilidades.

Ela aconteceu no meio da nossa terceira noite em East River, bem na hora que separava o dia da noite. Eu acordei assustada na cama, confusa enquanto ouvia Bolota roncá-lo e Zu revirar-se. Cada centímetro da minha pele formigava, enquanto eu tentava processar o que acabara de ver, se qualquer parte daquilo tinha acontecido, se qualquer parte daquilo *podia* acontecer, de fato.

Esse era um sonho que eu jamais poderia partilhar, o qual eu levava bem no fundo do coração, enfiado tão lá no fundo que sequer percebera que estava lá, até que se libertou de mim, formado por completo.

Eu devo ter sonhado que estávamos na primavera. As árvores de cerejeira no final da rua dos meus pais, em Salem, estavam todas floridas. Passamos por elas na Black Betty — Liam e eu, sentados juntos na frente, escutando uma canção do Led Zeppelin que podia não ser real. Fora da casa dos meus pais, havia balões brancos, amarrados em cada um dos lados do portão de cerca branca, setas flutuantes que nos apontavam para a porta da frente que estava aberta. Liam pegou minha mão, vestindo exatamente o que ele vestira no dia em que o conheci, e, juntos, caminhamos direto pelo corredor principal da casa, passando pela cozinha amarela pálida, até encontrarmos a porta para o jardim e todos esperando do lado de fora.

Todos. Meus pais. Vovó. Zu. Bolota. Sam. Todos sentados em volta de um cobertor que meus pais haviam espalhado sobre a grama, comendo o que quer que meu pai estivesse grelhando. Mamãe estava correndo por aí, amarrando mais balões, com as mãos ainda manchadas pela terra escura, após plantar todas as flores novas e pálidas que inundavam o que antes fora um jardim de grama comum. Dissemos olá a todos, eu abracei Sam, apontei os pássaros nas árvores para Zu e apresentei Bolota à minha mãe.

E, então, Liam curvou-se e beijou-me, e não havia palavras para descrever aquilo.

A invasão de Clancy veio como todas as outras de antes, primeiro com um formigamento, depois com um rugido. Eu me perderei tanto pensando sobre o sonho que nem o sentira tomar a minha mão e começar aquela rodada de testes.

Eu gostava muito de Clancy. Mais do que jamais esperara. Mas ele não tinha um lugar nesse sonho. Não havia nada ali que eu quisesse partilhar com ele.

Apertei sua mão duramente, para trás, lançando para fora de mim tudo o que eu tinha, como um empurrão.

A estratégia dele, da cortina, não funcionara comigo, mas essa? Usar um ataque como uma defesa? Essa talvez fosse eficiente demais. Mesmo depois que abri os olhos, senti Clancy balançar para trás, engolindo um chiado que parecia de dor.

— Ah, meu Deus — eu disse, quando, enfim, liberei-me da névoa em minha mente. — Sinto muito!

Mas quando Clancy olhou para cima, estava sorrindo.

— Falei para você — ele disse. — Falei que você ia dar um jeito.

— Podemos fazer de novo? — perguntei. — Quero ter certeza de que não foi um golpe de sorte.

Clancy massageou a testa.

— Podemos dar um tempinho? Sinto como se você tivesse nocauteado meu cérebro.

Mas Clancy não deu um tempo. Tão logo as palavras deixaram sua boca, nós dois ouvimos um tipo diferente de aviso. Houve um gemido estridente do outro lado do quarto, um que eu jamais ouvira antes, quase como um alarme de carro. Ele guinchou, encolhendo a cabeça para escapar do ruído, mesmo ao pular da cama.

Ele caminhou até a escrivaninha, abrindo a tampa do *laptop*. Seus dedos voavam, enquanto ele digitava sua senha, com a tela branco-azulada do *laptop* iluminando seu rosto pálido. Fiquei em pé, atrás dele, assim que ele clicou para abrir um novo programa.

— O que está acontecendo? — perguntei. — Clancy?

Ele não olhou para cima.

— Um dos alarmes do perímetro do acampamento foi disparado. Não se preocupe, pode não ser nada. Alguns animais já pisaram muito perto dos fios em outras vezes.

Levei um minuto para perceber para o que eu estava olhando. Quatro diferentes vídeos coloridos, um em cada canto da tela; quatro diferentes pontos de vista das fronteiras do acampamento. Clancy inclinou-se para a frente, prendendo as mãos em cada lado do *laptop*.

Clancy passou por mim para pegar o rádio preto sem fio que estava do outro lado de sua escrivaninha. Ele não tirou os olhos da tela uma só vez.

— Hayes, você me escuta?

Houve um momento de silêncio antes da voz rouca de Hayes:

— Sim, o que foi? — estalou pelo alto-falante.

— O alarme do perímetro sudeste foi acionado. Estou olhando para o vídeo

agora, mas... — acho que o que ele ia dizer era *não vejo nada nem ninguém*, mas suas palavras seguintes me fizeram agachar sob seu braço para eu mesma dar uma olhada na tela. — É, eu vejo um homem e uma mulher. Os dois camuflados, não amigáveis, ao que parece.

E ali estavam eles. Pareciam ser de meia-idade, mas era difícil ter certeza. Ambos usando o que só poderia ser descrito como trajes de caça, com camuflagem dos pés à cabeça. Até mesmo o rosto deles parecia pintado de marrom.

— Entendi. Vou cuidar disso.

— Obrigado... faça-os recuarem, ok? — Clancy disse com cuidado, depois diminuiu por completo o volume do rádio.

Perímetro sudeste — bom, não era a área do Liam. Soltei um suspiro de gratidão.

Meus olhos ainda estavam na tela quando Clancy fechou a tampa do *laptop*.

— Vamos voltar ao trabalho. Desculpe pela distração.

Eu podia sentir minha surpresa me trair.

— Você não precisa ir lá? — perguntei. — O que Hayes vai fazer com eles?

Clancy só me dispensou. De novo.

— Não se preocupe com isso, Ruby. Está tudo sob controle.

Uma brecha pode não ser o bastante para derrubar as defesas de uma fortaleza, mas era o bastante para dividir em duas brechas, depois três, depois quatro. Após a invasão inicial, tornou-se minha missão encontrar maneiras diferentes de entrar na mente de Clancy. Eu nunca conseguia ficar por muito tempo antes de ser enxotada sem cerimônias, é claro, porém cada pequena vitória era um incentivo para conquistar outra, e depois outra. Eu podia pegá-lo quando seus pensamentos estavam focados em outra coisa, enganá-lo para tentar proteger uma lembrança quando eu estava, na verdade, indo atrás de outra. Isso surpreendeu Clancy, mas eu também acho que isso, de uma forma secreta, também o excitava. O bastante, ao menos, para me fazer começar a praticar com os outros.

De certa forma, era como correr ladeira abaixo. O ímpeto me conduzia através de todos os tipos de experimentos, grandes e pequenos. Eu fiz uma bagunça espetacular no jantar, uma noite, quando puxei de lado cada um dos seis garotos que trabalhavam ali e plantei seis ideias muito diferentes sobre o que eles deveriam fazer para a refeição, todas ao mesmo tempo. Convenci tão bem uma garota de que o nome dela era Theodore, que ela começou a chorar sempre que alguém lhe dizia o contrário. Ficou tão fácil, na verdade, convencer alguém a fazer o que eu pedia, ou sugerir que tinham feito algo que, na verdade, não tinham, que Clancy me disse que era hora de começar a tentar isso sem antes ter

que tocar a cobaia inocente.

Eu estava chegando lá, devagar, e talvez sem ter muita certeza, mas havia algo quase delicioso em sentir as mesmas ondas poderosas de habilidades, que antes me aterrorizavam, contidas e controladas. Cada aspecto delas tornava-se mais nítido, mais fácil.

Mas, na terça-feira seguinte, fomos interrompidos de novo.

Um dos Amarelos mais velhos, uma garota chamada Kylie, veio batendo com força na porta de Clancy. Ela não esperou ser chamada para entrar, eu literalmente caí da cama com a força da entrada dela.

— Que história é essa de você negar nosso pedido para ir embora? — emaranhados de cachos escuros voavam em torno do rosto dela. — Você deixou Adam ir embora, deixou o grupo de Sarah ir, até deixou Greg e os garotos dele irem, e nós dois sabemos que eles têm inteligência coletiva de uma mosca.

O piso guinchou conforme eu dei um passo na direção da cama. Clancy deixara a cortina aberta quando foi atender à porta, de modo que Kylie tinha visão total de mim. Ela virou-se para trás na direção de Clancy, que colocara duas mãos pacificadoras sobre os ombros dela.

— Ah, meu Deus! Vocês estão namorando? Você nem *olhou* para minha proposta? Gastei dias naquilo!

— Eu a li três vezes — disse Clancy, fazendo menção com sua mão para que eu fosse para a frente. Ele olhou para ela com o mesmo sorriso calmanete e paciente que demonstrara desde que nossas aulas começaram. — Mas eu fico feliz em discutir o motivo pelo qual tive que recusar agora. Ruby, amanhã?

E, bem assim, eu me vi do lado de fora, no sol da manhã.

O clima da primavera ainda era esporádico — frio e triste num dia, perfeitamente quente no outro. Passar duas semanas enfiada com Clancy me fizera acompanhar ainda mais suas tendências bipolares. Tirei meu moletom e preendi o cabelo num coque bagunçado. Meu primeiro pensamento foi ver como Zu estava, mas não queria interromper as aulas dela. Tentei encontrar Bolota no jardim, mas a garota encarregada disse — com sua voz mais mandona — que ela não o via fazia uma semana, e que ela iria dedurá-lo para Clancy, para ter a punição que merecia.

— Punição? — repeti, irritada, mas ela não entrou em detalhes.

Eu o encontrei no próximo lugar mais lógico.

— Sabe — eu gritei ao pisar na doca — pão, na verdade, faz mal para os patos.

Bolota sequer ergueu os olhos. Eu sentei ao lado dele, mas isso só o instigou a se levantar e sair de fininho, deixando para trás sua sacola e o livro.

— Ei! — eu gritei. — Qual é o seu problema?

Nenhuma resposta.

— Bolota! *Charles!*

Ele virou-se de novo.

— Você quer saber qual é o meu *problema*? Por onde começo? Que tal pelo fato de que faz quase um mês e ainda estamos aqui? Que tal pelo fato de que você, Lee e Suzume estão todos por aí, fazendo amigos, e saltitando, enquanto devíamos estar trabalhando para conquistar uma forma de ir para casa?

— De onde você tirou isso? — perguntei. Talvez ele não tenha se encaixado com tanta naturalidade quanto Liam e Zu, mas eu o vi falando com outras crianças enquanto trabalhava. Ele parecia bem, talvez não feliz, mas, em todo caso, quando é que ele esteve feliz? — Esse lugar não é tão ruim assim.

— Ruby, é horrível! — ele explodiu. — *Horrível!* Controlam quando devemos comer, quando dormir, o que vestir, e somos forçados a trabalhar. Como isso é diferente do acampamento?

Eu respirei fundo.

— Foi você que quis vir para cá! Sinto muito por não corresponder às suas grandes e supremas expectativas, mas funciona para nós. Se você tentasse, poderia ser feliz aqui. Estamos a salvo! Por que está com tanta pressa de ir embora?

— Só porque seus pais não queriam você, não significa que os nossos não queiram. Talvez você não esteja com pressa de voltar, mas eu *estou*!

Foi o mesmo que me dar um tiro bem no peito. Eu senti todo o sangue sair do meu coração quando uma das mãos dele se ergueu para prender seu cabelo escuro.

— Tenho me esforçado, tenho *tentado*, e, Deus, você nem perguntou para ele, perguntou?

— Perguntar a ele... ? — Mas eu sabia. Assim que as palavras saíram da minha boca, e sabia exatamente o que prometera e fora negligente em cumprir. A raiva se esvaziou de mim. — Sinto muito, fiquei tão envolvida com as aulas que me esqueci.

— Bem, eu não — ele disse, e me deixou ali sozinha sob a luz do sol.

Uma hora mais tarde, eu estava sob um fluxo de água morna, com as mãos pressionadas no rosto.

Os vestiários do acampamento — um para meninas, outro para meninos — eram tão glamorosos quanto uma edícula. O piso era de esquadros de concreto, as cabines dos chuveiros eram tábuas de madeira e cortinas de plástico repletas de mofo preto. Usávamos as dependências todas as noites para escovar os dentes e lavar o rosto e, uma ou duas vezes por semana, tomar banho. Mas, hoje, sem xampu floral e condicionador perfumando o ar, eu notei que a sala cavernosa cheirava a serragem.

Eu fiquei ali dentro até ouvir os sinos indicarem o fim do almoço. Ainda não tinha formulado um plano para o resto do dia e quando saí dei de cara com a

única pessoa a qual eu não percebera que estava desesperada para ver.

Liam cambaleou alguns passos para trás com o impacto, com o cabelo molhado grudando no rosto, mais comprido do que eu me lembrava.

— Ah, meu Deus — eu disse, com uma risada, apertando a mão no peito.
— Você me deu um baita susto.

— Desculpe por isso — ele sorriu, estendendo a mão na minha direção. — Ei, acho que não tivemos a chance de nos conhecermos. Sou Liam.



VINTE E QUATRO

NÃO SEI POR QUANTO TEMPO FIQUEI ALI, OLHANDO para a mão dele, com a bile subindo pela minha garganta, tão rápida e firme como um grito.

Ah, meu Deus, não, pensei, dando um passo para trás. *Não, não, não, não não não...*

— Sabe, você parece muito uma amiga minha, Ruby, mas eu não a vejo há séculos, então eu... — a voz dele sumiu. — Ok, a piada foi tão ruim assim?

Virei-me, pressionando o rosto contra a toalha, para que ele não visse minhas lágrimas.

— Ruby? — ele enrolou sua toalha em torno da minha cintura e levou-me para o lado dele. — Essa foi a maneira Liam Stewart de dizer, *ei, querida, senti uma baita saudade de você*. Ah, nossa, foi tão ruim assim que te fez chorar?

Ele amaciou meu cabelo com as mãos.

— Ok chega — ele abaixou-se e, antes que pudesse impedi-lo, levantou-me sobre um dos ombros.

Liam não me soltou até estarmos de volta à cabana dezoito. Ele me soltou no colchonete dobrável que eu e Zu dividíamos, fazendo uma parada rápida em sua cama para pegar um cobertor.

— Não estou com frio — eu disse, quando ele o enrolou em volta dos meus ombros.

— Então, por que está tremendo? — Liam sentou-se ao meu lado. Eu me virei, de modo que meu rosto repousasse na curva do pescoço dele e eu estivesse respirado seu cheiro limpo e amadeirado.

— Só estou fula comigo mesma — eu disse, quando encontrei minha voz. — Eu disse para o Bolota que perguntaria para o Clancy se ele podia usar o

laptop, mas me distraí e esqueci.

— Hmmm... — os dedos de Liam estavam ocupados desembaraçando meu cabelo molhado. — Não acho que ele esteja bravo com você. Acho que está bravo porque estou nos mantendo aqui. Isso está reforçando os medos dele, de não voltar para casa.

— Como eu posso me redimir com ele?

— Bem, para começar, você podia perguntar sobre o computador — ele disse, com a outra mão pegando a minha. — Embora eu não entenda bem como você está em posição de pedi-lo emprestado. Parece que não te vejo há séculos.

— Você não me vê — eu disse. — Você sempre está de guarda.

Ele riu.

— É solitário sentar no topo de uma árvore sem você.

— Quero ouvir sobre o que você faz a noite toda — eu disse. — Você já tentou falar com alguém sobre libertar os acampamentos?

— Eu comentei com alguns caras do meu turno e Olívia. Ela está tentando marcar uma reunião com Clancy sobre isso. Eu acho... eu acho que vai ser ótimo, acho mesmo. *Pode* funcionar.

— Clancy disse que o portão ocidental é que costumava dar mais trabalho para eles — eu falei, virando-me para olhar para ele. — Você está tomando cuidado, né?

Liam ficou bem parado ao meu lado, tão inerte que parecia se esquecer de respirar.

— Clancy, hein? — ele disse, com uma voz artificialmente leve. — Acho que você *está* em posição de pedir favores.

— O que isso quer dizer?

Liam suspirou.

— Nada, desculpe. Não queria que sáísse assim. É ótimo vocês serem amigos. — Tentei olhar para ele, mas ele estava olhando para a outra ponta da cabana, onde uma cômoda com nossas coisas repousava contra a parede. — Então, ele está dando aulas para você?

— É — eu disse, imaginando o quanto eu deveria omitir, se é que devia omitir algo. — Ele está me ensinando como evitar que outros entrem na minha mente.

— E truques para evitar que você entre na mente dos outros? — Liam perguntou. — Ele está ajudando com isso também?

— Ele está tentando — eu disse. — Ele disse que se fortalecesse meu controle sobre as habilidades, isso viria naturalmente.

— Bom, você pode sempre praticar comigo — ele disse, descansando a testa contra a minha. Eu senti o gotejamento começar na minha mente, o aviso antes da enxurrada. Clancy havia me dito que, quando eu sentisse isso, deveria romper todo o contato físico e imaginar uma cortina branca descendo entre mim

e quem quer que estivesse comigo.

Mas eu não queria fazer nenhuma das coisas.

Senti seus olhos viajando pela minha testa, sussurrando algo contra minhas pálpebras, minhas bochechas, meu nariz. Seus dedos acariciaram o meu maxilar, mas até mesmo eles ficaram inertes quando eu me afastei e virei para longe.

— Do que você tem tanto medo? — ele sussurrou, com a voz enredada em dor.

Esse garoto já tinha sido um estranho, de verdade?

Eu pensara, alguma vez, que seria capaz de viver uma vida sem ele?

— Não quero perder você.

Ele fez um som de frustração, com os olhos limpos e brilhantes ao falar.

— Então por que é sempre você quem se afasta?

Nunca tive a chance de responder. Um instante depois, Hina entrou correndo pela porta da cabana, carregando Zu, e disse-nos que elas estavam indo embora.

— Ok, calma — Liam disse. Zu estava correndo pela cabana, recolhendo suas coisas, enquanto a boca de Hina corria um quilômetro por minuto. Eu não sabia ao certo em quem deveria prestar atenção — na minha amiga ou na garota que ela, ao que parece, elegera para falar por ela. Cada vez que Hina abria a boca para falar, Liam e eu voltávamos ao mesmo estado de choque.

Zu. Indo embora.

Indo embora.

Eu a apanhei a caminho da cômoda, guiando-a até o colchonete e forçando-a a se sentar. Ela não deve ter notado nosso choque, pois seu rosto estava claro e reluzente. Eu o estudei, a forma como o sorriso dela parecia estalar com sua própria fonte de eletricidade, e senti algo dentro de mim se encolher em derrota.

— Nós e outros três — Hina disse, sem fôlego. Eu imaginei se ela correria desde a sala de aula. — Dois Azuis e um Amarelo. Kylie *finalmente* conseguiu permissão para sair do acampamento.

Liam virou-se para olhar para Zu, quando disse:

— E ir... fazer uma trilha?

Zu fez sua expressão de *está falando sério?*

— Me ajude aqui. Me diga o que *você* quer dizer.

Hina, enfim, ficou em silêncio e, por um instante maluco, de verdade, pensei que Zu iria mesmo abrir a boca e colocar tudo para fora. Todo o corpo de Liam estava tenso, como se esperasse a mesma coisa. Mas Zu só tirou o caderno de sua mochila de lona cor-de-rosa e escreveu com sua caligrafia impecável e arredondada. Quando ela o virou, estava olhando para ele direto nos olhos.

Quero ir com eles para a Califórnia.

Eu sei que devia ter ficado feliz por ela. Devia ter comemorado o fato de que ela, enfim, seria capaz de se soltar e dizer o que queria. Eu só nunca imaginei que o que ela queria era um futuro sem nós.

— Pensei que Clancy tinha recusado o pedido de Kylie para ir embora? — perguntei para Hina.

— Ele recusou, mas ela disse que conseguiu convencê-lo no fim das contas.

— O que tem na Califórnia? — Liam perguntou, apoiando-se na parede da cabana.

— Meus pais têm uma casa lá — Hina explicou — e estão esperando por nós. O governo da Costa Oeste não vai nos entregar para os acampamentos.

— E os pais de Zu? — perguntei. — Eles...

Por si só, Hina sabia o que eu estava tentando perguntar, sem ter que fazer perguntas.

— Meu pai não está falando com meu tio há algum tempo.

— Zu, é uma longa viagem — Liam começou, incerto. — E se algo acontecer? Quem mais está indo? Aquele tal de Talon?

Ela concordou, e, de repente, seus olhos estavam em mim. Tentei dar-lhe um sorriso encorajador, mas estava com medo de cair no choro em vez disso. Todos nós esperamos enquanto ela rabiscava um bilhete apressado e mostrava para Liam de novo.

Vocês não têm mais que se preocupar comigo. Isso não é bom?

— Eu gosto de me preocupar com você — Liam colocou a mão na cabeça dela. — Quando vocês vão embora?

Hina ao menos teve a decência de parecer culpada.

— Na verdade, temos que partir agora. Kylie está com medo de Clancy mudar de ideia. Ele não estava... muito feliz.

— Isso é um pouco rápido — eu me engasguei para dizer. — Vocês pensaram mesmo sobre isso?

Zu olhou bem para mim quando afirmou com a cabeça. O próximo bilhete era para nós dois. *Quero ficar com a minha família. Só não quero que fiquem bravos comigo.*

— *Bravos?* — Liam balançou a cabeça. — Nunca. Nunquinha. Você é minha garota, Zu. Só queremos que você esteja segura. Eu morreria se algo acontecesse com você.

Alguém bateu à porta. Talon, um Amarelo mais velho, com o cabelo tecido em *dreads* intrincados, apareceu primeiro, seguido por Bolota, com olhos arregalados. Liam se levantou.

— Bom — ele disse — estava querendo falar com você.

Talon concordou.

— Imaginei. Kylie e Lucy estão aqui também — ela enfiou a cabeça para dentro e acenou. — Quer falar lá fora?

Liam estendeu a mão e tocou a minha lombar.

— Ajuda ela a fazer a mala?

— Tá maluco? — ouvi Bolota dizer. — Você mal conhece essas pessoas!

— Com licença — Hina protestou, com as mãos nos quadris. — Caso você não se lembre, ela é minha *prima*.

Também vou sentir sua falta. Zu parou de enfiar as coisas dentro da mochila e arrancou a folha de papel para Bolota guardar. Ele sentou-se tão de repente que quase errou o colchonete. Por diversos minutos, ele não pôde fazer nada além de encará-la. Eu conhecia a sensação.

— Kylie disse que vocês têm que partir esta noite? — perguntei, em pé, ao lado de Bolota.

Zu só encolheu os ombros.

— Quer dizer... vocês vão *andar* até a Califórnia? — Bolota disse, elevando a voz a cada palavra. — Vocês têm algum tipo de plano?

— Talvez vocês encontrem uma nova Betty — eu disse, mas no instante em que pronunciei seu nome, Zu parou de fazer as malas e balançou a cabeça. Ela demorou um tempo para escrever o próximo bilhete.

Não, só existe uma Betty.

— E, ao que parece, ela não foi suficiente para você — Bolota disse, com uma chocante carga de mágoa. — Acho que tudo é substituível, até mesmo nós.

Zu respirou fundo, caminhado até ele com sua mochila rosa ao lado. Ele tentou desviar o olhar, mas ela estava bem na sua frente, com os braços envoltos em seu pescoço. Tudo o que ele podia fazer era abraçá-la de volta, com o rosto escondido no tecido do casaco dela.

Os sinos do acampamento começaram a soar, um som enlouquecido que não parou até levar todos para fora. Deixei Zu e Hina nos conduzirem, abrindo caminho através das crianças reunidas. Essa foi a primeira vez que as vestes pretas deles pareceram quase que apropriadas.

Kylie entregou um pedaço de papel a Lee e ele moveu a cabeça ao que quer que ela estivesse lhe dizendo. Lucy estava ao lado deles, tão pequenina e quieta como sempre, mas ela estendeu o braço e acariciou o ombro de Liam, de uma forma que deveria parecer reconfortante, eu acho. A única forma de descrever o olhar no rosto dele era que estava baqueado.

— ... empresta a caneta? — ele perguntou ao Talon. O garoto começou a vasculhar suas calças cargo pretas, procurando nos bolsos, até tirar uma caneta de tampa azul. Com ela em mãos, Liam ajoelhou-se na frente de Zu e rasgou metade da folha de papel que Kylie dera a ela.

Eu queria poder ter visto o que ele escreveu ali, mas não era para os meus olhos. Quando terminou, ele dobrou o papel diversas vezes e o pressionou na mão

dela.

O sino silenciou. Os olhos de todo mundo voltaram-se para a direita, onde Clancy apareceu no topo do caminho, com Hayes imponente ao seu lado. O rosto dele, o qual eu me acostumara a ver relaxado e orgulhoso, mostrava um pouco do que era irritação ou raiva.

— Kylie decidiu formar uma tribo e nos deixará imediatamente.

Um murmúrio de surpresa irrompeu na multidão.

— Ela só levará esses quatro com ela — ele gritou, por sobre o ruído. — Pedidos para ir embora não serão atendidos até que nossos números estejam completos. Vocês entenderam?

Silêncio.

— *Vocês entenderam?*

Bolota pulou ao meu lado por causa dos gritos e ruídos confirmando que sim, entendemos.

Clancy virou-se com força sem outra palavra, voltando na direção do escritório. Assim que ele chegou ao prédio branco, as crianças ao nosso redor pareceram exalar a respiração que seguravam, virando-se umas às outras com sussurros confusos.

— Isso foi estranho.

— Por que ele não deu malas a eles, como costuma fazer?

— Ele está preocupado, porque se os números ficarem muito baixos, não vai ter gente suficiente para proteger o acampamento.

Meus olhos flutuaram até o escritório, até se fixarem em Zu, que acenava para mim.

Sem luvas, pensei, observando a mão dela cair ao lado. Tomara que nunca mais.

— Você tem mesmo que ir embora agora? — perguntei, quando cheguei onde ela e Liam estavam. Os aglomerados de crianças enxamearam Kylie e os outros, desejando-lhes boa sorte e oferecendo cobertores e sacolas de comida.

Zu abriu um sorriso corajoso, enrolando os braços em mim.

— Por favor, se cuide — disse a ela.

O próximo bilhete foi para mim, e só para mim. *Quando tudo isso acabar, você vai me procurar? Eu preciso contar uma coisa, mas ainda não sei como dizer.*

Meus olhos passaram sobre cada centímetro do rosto dela. Era tão diferente da garota que eu conhecera há apenas algumas semanas. Se ela tinha mudado tanto assim, em tão pouco tempo, como eu poderia ter certeza de que a reconheceria daqui a alguns anos, depois que a poeira desse inferno todo, enfim, se assentar?

— É claro — sussurrei. — E vou sentir saudades todos os dias até lá.

Pouco antes de saírem da trilha e entrarem na floresta indomada, Zu virou-

se e nos deu um último aceno. Ao lado dela, Hina fez o mesmo. Então, elas se foram.

— Ela vai ficar bem — eu disse. — Eles vão cuidar dela. Ela deve ficar com a família. A família de verdade.

— Ela devia ficar *conosco* — Liam balançou a cabeça, com a respiração presa na garganta.

— Então, talvez devêssemos ir atrás dela.

Liam e eu nos viramos. Bolota estava atrás de nós, com os olhos escondidos, pois a luz do sol esmorecente refletia nos seus óculos.

— Você sabe que não podemos — Liam disse. — Ainda não.

— Por que não? — Bolota avançou em nossa direção, com a voz perdendo toda a semelhança de calma que possuía antes. Sentindo os olhos curiosos sobre nós, tirei os dois do caminho principal.

— Por que *não*? — Bolota repetiu. — Está claro que não vamos conseguir a ajuda que precisamos para encontrar nossos pais *ou* os de Jack. Seria melhor para nós irmos agora, antes que alguém dê por nossa falta. Ainda podemos alcançá-la.

— E fazer o quê? — Liam perguntou. Ele passou uma mão frustrada em seu cabelo já bagunçado. — Vagar por aí até trombarmos neles por acaso? Esperar não sermos pegos e jogados de volta no acampamento? Bolota, é *seguro* aqui. Aqui é o lugar onde devemos estar, podemos fazer muitas coisas boas daqui.

Eu vi, talvez até mesmo antes de Liam, que essa era a coisa errada a dizer. Alarmes de aviso dispararam na minha mente ao ver as narinas de Bolota se abrindo e fechando e seus lábios contorcidos de raiva. Eu sabia que, seja lá o que fosse sair da boca de Bolota, não seria apenas afiado, mas cruel.

— Eu entendo, eu entendo, Lee, ok? — Bolota balançou a cabeça. — Você quer ser o grande herói de novo. Quer que todos adorem você, acreditem em você, sigam você.

Liam ficou tenso.

— Isso não é... — ele começou, com raiva.

— É, e as crianças que te seguiram antes? — ele deu tapinhas no bolso da calça antes de puxar um pedaço familiar de papel dobrado. A pegada de Bolota sobre a carta quase a esmagou. — E Jack, e Brian, Andy e todos eles? Todos eles seguiram você também, mas é fácil esquecer deles quando não estão por perto, não é?

— Bolota! — eu disse, entrando no meio deles, quando Liam avançou, com o punho direito no ar.

Eu nunca o vira assim tão furioso antes. Uma onda vermelha subia da garganta de Liam até seu rosto.

— Você não pode só admitir que está fazendo isso para se sentir melhor, e

não para ajudar os outros? — Bolota exigiu.

— Você pensa... — Liam quase não conseguia fazer as palavras saírem. — Você pensa que eles não estão na minha cabeça em cada maldito segundo de cada maldito dia? Você acha que eu posso simplesmente esquecer algo assim? — em vez de bater no amigo, Liam bateu em si mesmo, lançando o punho contra a testa, até que eu, enfim, peguei seu braço. — Jesus Cristo, Charles! — ele disse, com a voz falhando.

— Eu só... — Bolota passou de fininho por nós, apenas para parar e virar-se de novo. — Eu nunca acreditei em você, sabe — ele disse, com a voz trêmula —, quando você falou em sairmos do acampamento e irmos para casa em segurança. Foi por isso que concordei em escrever minha carta. Eu sabia que a maioria não ia conseguir com você no comando.

Dei um passo à frente no mesmo momento em que Liam o fez, erguendo as mãos para evitar que ele fizesse algo de que eu sabia que iria se arrepender. Ouvi Bolota sair correndo atrás de mim, voltando na direção da nossa cabana. Liam tentou dar outro passo para a frente, mas o pressionei para trás contra seu peito. Liam estava respirando com força, os punhos enrolados ao seu lado.

— Deixe-o ir — eu disse. — Ele só precisa se acalmar. Talvez você devesse pensar em fazer o mesmo.

Liam parecia estar prestes a dizer algo, mas, em vez disso, soltou um grunhido frustrado, virou-se depressa e caminhou até as árvores próximas, na direção exatamente oposta à que Bolota tomara. Reclinei-me contra o tronco da árvore mais próxima e fechei os olhos. Meu peito estava muito apertado para fazer qualquer coisa, além de respirar curto e raso, enquanto esperava.

Estava quase escuro quando ele emergiu, esfregando o rosto. A pele em ambas as mãos estava rasgada e sangrando por ter esfaqueado algo sólido. Seu rosto estava contraído no crepúsculo, como se a descarga de raiva tivesse sido arrancada dele, e ele tivesse sido abandonado com nada além de uma tristeza cinzenta. Estendi um braço para ele, conforme ele se aproximou, enrolando-o em torno do calor sólido de sua cintura. Seu braço descansou sobre meus ombros e me puxou para perto, pressionando o rosto contra meu cabelo. Respirei fundo o seu perfume reconfortante — fumaça de madeira, grama e couro.

— Ele não falou sério — eu disse, acompanhando-o até um tronco caído. Ele ainda tremia e parecia instável.

Liam praticamente atirou-se nele, inclinando-se para apoiar os cotovelos nos joelhos.

— Nem por isso deixa de ser verdade.

Ficamos sentados por um bom tempo, o bastante para o sol desaparecer por trás das árvores, e, depois, abaixo do horizonte. O silêncio e a quietude entre nós tornaram-se insuportáveis. Ergui a mão e a dirigi com leveza pela extensão dos ossos pontudos entre suas omoplatas.

Liam sentou-se devagar, virando-se para olhar para mim.

— Você acha que ele está bem? — ele sussurrou.

— Acho que devemos dar uma olhada — eu disse.

Não sei como conseguimos chegar à cabana, só sei que, quando chegamos, Bolota estava sentado na varanda, com lágrimas silenciosas rolando pelo rosto. Eu podia ver o pedido de desculpas escrito ali, a culpa deplorável, e fiquei surpresa em descobrir que meu coração podia se partir um pouco mais.

— Acabou — ele disse, enquanto sentávamos um a cada lado dele. — Está tudo acabado.

Não nos movemos por um longo tempo.



VINTE E CINCO

EU NÃO DEVIA TER FICADO SURPRESA POR LIAM atirar-se de novo na tarefa de vigiar o acampamento, mas foi necessária uma quantidade generosa de persuasão dos outros para que sua mente voltasse a se concentrar nos acampamentos. Sentei-me ao lado dele mais de uma vez, enquanto ele e Olivia conversavam sobre possíveis formas de invadir as defesas dos acampamentos, oferecendo sugestões aqui e ali, enquanto discutiam como levar suas ideias até Clancy.

Essa coisa de entusiasmo — em especial o tipo do de Liam — era cativante. Havia noites em que eu só ficava sentada, observando, conforme ele ficava mais animado com as mãos enquanto falava, como se tentasse dar forma às suas ideias no ar, para que todos nós vissemos. Suas palavras eram revestidas de uma esperança tão obstinada que visivelmente inflava todos ao seu redor. Ao final da primeira semana, o interesse no projeto tinha crescido a um nível que tivemos que mudar nossas reuniões para fora de nossa pequena cabana, até o buraco da fogueira. Agora, quando Liam ia a qualquer lugar, sempre estava com um bando leal de crianças ao seu redor, tentando atrair sua atenção.

Bolota e eu estávamos menos entusiasmados em voltar ao andamento das coisas. Ele me perdoou, talvez porque uma pessoa deprimida não consegue ficar sozinha com sua tristeza por muito tempo. Ele nunca voltou a trabalhar no Jardim, mas aquela garota, a mandona, também nunca o delatou.

Voltei para as aulas com Clancy. Ou ao menos tentei.

— Onde está sua cabeça hoje?

Não estava invadindo a dele, com certeza. Nem mesmo abrindo uma brecha.

— *Mostre sobre o que você está pensando* — ele disse, quando abri a boca.

— Não quero ouvir. Quero *ver*.

Ergui os olhos da poça de sol que se derramava da janela até o chão. Clancy me nivelou com um olhar de irritação que eu só o vira usar uma vez, após perceber que um dos Amarelos restantes não conseguia ligar de volta uma das poucas máquinas de lavar do acampamento.

Nunca para mim, no entanto.

Fechei os olhos e busquei sua mão novamente, trazendo à mente a lembrança da mochila de Zu desaparecendo no matagal de árvores da floresta. Ao longo das últimas semanas, muito poucas das nossas conversas envolviam palavras. Quando queríamos transmitir uma ideia, nós a partilhávamos à nossa maneira, falávamos em nossa própria linguagem.

Mas não hoje. A mente dele podia muito bem estar envolta em concreto e a minha podia muito bem ser feita de gelatina.

— Desculpe — murmurei. Eu sequer conseguia reunir forças para me sentir desapontada. Eu podia me sentir entrando num desânimo estranho, no qual cada pequeno ruído ou visão fora da janela era o bastante para me distrair. Eu só me sentia cansada. Confusa.

— De fato eu tenho outras coisas a fazer — ele continuou, com algo em banho-maria por trás de suas palavras. — Tenho que fazer rondas e falar com pessoas, mas estou tentando ajudar *você*. Estou aqui com *você*.

Com isso, meu estômago revirou-se de forma estranha. Sentei-me bem reta contra a cabeceira dele, pronta para pedir desculpas de novo, quando ele saiu da cama e caminhou pelo quarto até sua escrivaninha.

— Clancy, eu sinto muito mesmo. — Quando fiquei em frente de sua escrivaninha, ele já estava digitando no *laptop*. Ele me deixou ficar ali, numa preocupação silenciosa e de revirar o estômago, pelo que pareceu quase uma hora antes de se dar ao trabalho de erguer os olhos de seja lá o que ele estivesse fazendo. Ele parecia cansado de fingir agora também. A irritação se transformara em raiva.

— Sabe, eu pensei mesmo que deixar a sua Amarela ir embora ajudaria você a se concentrar, mas acho que eu estava errado — Clancy balançou a cabeça. — Parece que eu estava errado sobre muitas coisas.

Eu me irritei, mas não tenho certeza se foi por causa da forma como ele disse *sua Amarela* ou pela implicação de que eu não era capaz de dominar as coisas que ele tentava me ensinar.

Eu precisava ir embora. Se eu ficasse mais um segundo, podia dizer algo que arruinaria nossa amizade. Eu podia dizer a ele que Zu tinha um nome, que é claro que eu estava preocupada com ela, lá fora no mundo, sem ter a mim para protegê-la. Ele deveria ter percebido que eu podia ter passado as últimas semanas com *ela*, mas, em vez disso, concordara em trabalhar com *ele*. Passar tempo com *ele*. Confortando e dando suporte a *ele*.

Talvez eu tivesse aprendido bastante, e talvez tivesse maior controle sobre minhas habilidades, mas olhando para ele, com os punhos fechados e trêmulos, eu não conseguia justificá-lo. De que adiantava ficar enfiada com alguém que não acreditava em mim, quando eu tinha pessoas lá fora que acreditavam?

Virei-me com força e segui até a porta. Conforme eu a abri, Clancy gritou: — Isso mesmo, Ruby, fuja de novo. Veja até onde consegue chegar dessa vez!

Eu não olhei para trás e não parei, embora alguma parte de mim reconhecesse que esse podia ser o fim — que eu estava abandonado a única chance que tinha de aprender a lidar com minhas habilidades. Em algum momento, nos últimos dez minutos, minha cabeça desconectara-se do músculo teimoso que batia no meu peito e, para ser sincera, eu não tinha certeza do que estava me guiando para fora e para longe dele. Mas o que eu sabia, de fato, com certeza total e absoluta, era que eu não queria que ele visse como meu rosto se enrugara, ou que conseguisse espiar sussurros de culpa e tristeza que circulavam dentro da minha cabeça.

Eu não podia esconder nada dele, mas essa foi a primeira vez que eu quis fazê-lo.

Levei alguns dias para perceber que a partida de Zu não fora o único evento que alterara a rotação da Terra. Após Bolota apontar as similaridades do East River com a vida num acampamento, eu não pude voltar. Onde eu vira crianças vestindo jeans e camisetas pretas, agora eu via uniformes. Onde eu vira crianças na fila para a comida, agora eu via a Sala de Cerimônias. Quando as luzes se apagavam nas cabanas às nove da noite em ponto, e eu observava alguns membros da equipe de segurança passarem por nossa janela, eu estava de volta à Cabana 27, olhando para as entranhas do colchão de Sam.

Comecei a imaginar se as câmeras de segurança, supostamente desligadas, no escritório e nas instalações não estavam, de fato, ligadas.

Tentei falar com Clancy algumas vezes, para pedir desculpas, mas ele sempre me mandava embora com um severo “não tenho tempo para você hoje”. Tive a sensação de que ele estava me punindo, mas não sabia ao certo o que eu fizera ou dissera para merecer isso. De qualquer forma, rapidamente ficou claro que eu precisava mais dele na minha vida do que ele precisava de mim. Isso, combinado com meu orgulho pungente, fez com que me sentisse ainda pior.

Era uma quarta-feira, só uma hora antes de Liam e os outros se reunirem para discutir uma nova estratégia de libertação dos acampamentos, até Clancy, enfim, estar pronto para me ver.

— Eu volto daqui a pouco — disse a Liam, apertando sua mão no café da manhã. — Vou me atrasar alguns minutos.

Mas quando entrei no escritório de Clancy e vi o estado dele, indaguei se devia ter aparecido lá.

— Ei, entre. Cuidado onde pisa. E, desculpe pela bagunça.

Bagunça? *Bagunça*? Parecia que alguém tinha detonado uma bomba no escritório dele e soltado uma matilha de lobos selvagens para pilhar os restos aproveitáveis. Havia pilhas de papel por toda parte, impressões, mapas rasgados, caixas... e, também, havia o próprio Clancy, com o cabelo caindo no rosto, vestindo a mesma camiseta amassada com a qual eu o vi um dia antes.

Nas semanas em que convivi com ele, eu nunca tinha visto Clancy de outra forma a não ser impecável. Era até mesmo um pouco assustador o quão bem colocado ele era. Tenho certeza de que, parte disso, tinha a ver com a forma como ele fora criado. Que, mesmo se seu pai não o ensinara, alguma velha babá vestida em crochê havia poetizado sobre o valor de enfiar a camisa para dentro da calça, polir os sapatos e pentear o cabelo. Ele parecia estar esfarrapado.

— Você está bem? — perguntei, fechando a porta atrás de mim. — O que está acontecendo?

— Estamos tentando coordenar uma batida para suprimentos médicos. — Clancy acomodou-se em sua cadeira, mas estava de pé um instante depois, quando o *laptop* começou a soar. — Espere um segundo.

Mexi com o pé numa das pilhas de papel no chão, tentando espiar o que estava escrito nele.

— Esses são relatórios da atividade noturna usual de uma parada de caminhão aqui perto — Clancy disse, como se lesse meus pensamentos. Seus dedos voavam sobre o teclado. — E as informações da Liga sobre FEPs naquela área. Parece que a Leda Corporation agora está empregando o governo para proteger seus carregamentos.

— Por que os FEPs? — perguntei.

Clancy encolheu os ombros.

— Eles são a maior força militar que o governo possui agora e, graças ao bom e velho papai, a mais organizada.

— Acho que isso faz sentido — recostei-me, mas, ao encarar o símbolo brilhante na tampa do *laptop*, lembrei-me de Bolota. — Posso pedir um favor?

— Só se você me deixar pedir desculpas antes.

Sentei para trás na cadeira e estudei minhas mãos.

— Não podemos só esquecer o que aconteceu?

— Não, não dessa vez — ele disse. — Ei, pode olhar para mim?

A expressão no seu rosto fez meu coração inflar para o dobro do tamanho normal. Era perigoso o quão bonito ele era, mas hoje seu olhar de dor era absolutamente letal.

Ele se importa, sim, uma pequena voz na minha mente sussurrou. *Ele se importa com você.*

— Desculpe por perder a paciência — ele disse. — Não queria dizer as coisas que disse sobre sua amiga Suzume, e, com certeza, não quis insinuar que você não está tentando.

— Então, por que disse isso?

Clancy passou a mão sobre o rosto.

— Porque sou um idiota.

— Isso não é uma resposta — disse-lhe, balançando a cabeça. *Você me magoou de verdade.*

— Ruby, não é óbvio? — ele disse. — Eu gosto de você. Eu só a conheço há, o que, um mês? E você provavelmente é a única amiga de verdade que eu tive desde que fiz dez anos e descobri o que era. Sou um idiota por ter ficado tão aborrecido por você estar focada em outra pessoa, quando queria que você estivesse focada em mim.

Eu estava atordoada demais para me mover.

— Eu não deixei Suzume e os outros irem embora porque pensei que ajudaria você a se concentrar. Eu a deixei ir embora porque pensei que isso fosse deixá-la feliz. Eu nem parei para pensar que, é claro, você se preocuparia com ela, principalmente depois de ter se esforçado tanto para protegê-la.

Ele se importa muito com você.

Eu tinha que desviar o olhar agora. Jogar com a situação. Meu cérebro transformara-se em mingau e meu coração não estava muito melhor.

— Eu *acho* que posso te perdoar...

— Mas só se eu fizer aquele favor? — eu podia ouvir o sorriso na voz dele.
— Claro. O que é?

— Bem... eu sei que você não permite, mas eu esperava que você abrisse uma exceção nesse caso — eu disse, enfim, olhando de volta para ele. — Meu amigo... ele precisa usar o computador para tentar entrar em contato com os pais dele.

Clancy parou de sorrir.

— Seu amigo Liam?

— Não, Bo... Charles Meriwether?

— O que está faltando no trabalho do Jardim?

Ok, ao que parece, a garota *tinha* delatado ele.

Clancy ficou em silêncio ao fechar o *laptop* e ficar em pé.

— Eu sinto muito, Ruby, mas pensei ter deixado claro que ninguém mais iria embora.

— Ah, não! — eu disse, forçando uma risada. — Ele só quer falar com os pais, para ver se estão bem.

— Não — Clancy disse, caminhando até sentar na borda da escrivaninha, à minha frente. — Ele quer fazer preparativos para sair e levar você com ele. Não tente acobertá-lo, Ruby. É o mesmo com todo mundo. Não duvido, por um

segundo, que ele esteja desesperado o suficiente para contar aos pais a localização desse acampamento.

— Ele não faria isso — eu disse, ficando aborrecida em nome do Bolota.
— Mesmo.

— Você estava aqui quando chegaram intrusos há algumas semanas. Você viu como pode ser fácil alguém passar por nossas defesas. E se não tivessem disparado o alarme? Podíamos ter tido sérios problemas — o rosto de Clancy estava escuro, preocupado. — Se Charles quer entrar em contato com os pais, diga a ele que deve preencher uma solicitação com instruções sobre como fazer isso, assim como todo mundo. Tenho que basear minhas decisões no que pode ameaçar a segurança do acampamento, não importa o quanto eu queira apoiar você a ajudar seu amigo.

Não era bom. Bolota preferiria não entrar em contato com seus pais de jeito nenhum do que conceder a um estranho o acesso ao seu único meio de comunicar-se com eles de forma segura.

— *Porém* — Clancy disse, após um instante, sentado ao meu lado e atirando as pernas sobre a mesa. — Tem algo que pode me persuadir.

Eu não conseguia olhar para ele.

— Quinze minutos, Ruby. Você *me* ensina.

O que eu podia saber, que ele não sabia?

— Você acha que pode me ensinar como apagar a memória de alguém? Sei que não é algo de que você se orgulhe e que causou muita dor no passado, mas parece um truque útil, e eu estaria interessado em aprender.

— Bem... acho que sim? — eu disse. Como se eu pudesse negar algo a ele, depois de tudo o que ele fizera por mim. Mas não era algo que eu sabia como ensinar. Eu mal tinha conseguido entender por mim mesma.

— Acho que entender como você faz isso também irá me ajudar a descobrir como evitar que você faça isso sem querer de novo. Parece bom?

Isso soava ótimo, na verdade.

— Se você me deixar — ele continuou. — Eu gostaria de entrar nas suas lembranças e ver se posso encontrar pistas. Só quero confirmar uma suspeita que tenho.

Não acho que ele esperava que o pedido me desse uma pausa, mas deu. Ele estivera na minha mente diversas vezes, vendo coisas das quais eu nunca falara com ninguém. Mas eu fora capaz de impedir que ele visse as coisas que de fato importavam, os sonhos que eu queria proteger.

Fiquei pensando sobre o que Liam dissera antes, quando me contara sobre sua irmã. *Essas lembranças são minhas.*

Mas se eu queria um futuro com minha família — com Liam — então, eu tinha que renunciar ao controle. Tinha que deixar Clancy entrar, se isso significava que eu poderia evitar que acontecesse o mesmo no futuro.

Você pode confiar nele, disse a mesma voz no fundo da minha mente. *Ele é seu amigo. Ele nunca ultrapassaria os limites.*

— Ok — eu disse. — Mas só estas e, depois, Charles vai poder usar o seu computador.

— Feito.

Clancy ajoelhou-se na minha frente, com as mãos envolvendo minha mandíbula, os dedos enrolados em meu cabelo. Tentei não me contorcer com a proximidade dele e por ele supor que eu não me importaria com isso. Já havíamos sentado perto um do outro, mas, de alguma forma, isso parecia diferente.

— Espere — eu disse, encostando-me. — Eu disse a Liam e aos outros que encontraria com eles para falar sobre algo. Podemos fazer isso mais tarde? Ou então amanhã?

— Só vai levar um segundo — Clancy prometeu, com a voz tranquilizante e baixa. — Só feche os olhos e pense sobre a manhã na qual você acordou no seu décimo aniversário.

Vamos lá, a mesma voz disse, *vamos lá, Ruby...*

Eu engoli com força e fiz o que ele pediu, imaginando que eu estava de volta em meu antigo quarto, com suas paredes azuis e sua enorme janela. Pouco a pouco, o quarto se remontava. Paredes em branco floresciam com quadrinhos de ponto cruz que vovó bordara, fotos dos meus pais e um mapa do sistema de metrô de D.C. Eu podia ver todos os seis bichinhos de pelúcia com os quais eu dormia no chão, ao lado do meu edredom azul-claro. Até mesmo as coisas das quais me esquecera por completo — o abajur na pequena escrivaninha, a forma como a prateleira do meio da minha estante se vergava — de repente, voltaram a pleno foco.

— Bom. — Clancy soava distante, mas eu o sentia perto, mais e mais perto. Sua respiração era quente em minha bochecha, um toque inesperado. — Continue... — ele parecia sem fôlego. — Continue pensando...

Eu vi seu rosto através de uma fumaça brilhante, seus olhos escuros queimando o ar tremeluzente. Eu vi apenas ele, porque, naqueles instantes que se passavam, ele era a única coisa que parecia existir no meu mundo. Cada pedaço de mim parecia lento e quente, como mel. Clancy piscou uma vez, depois de novo, como se quisesse limpar sua própria névoa, para lembrar o que ele deveria estar fazendo. — Só continue...

E, então, seus lábios... seus lábios estavam tão próximos, sorrindo contra os meus. Dedos entrelaçados no meu cabelo comprido, os dedões deslizando pelas minhas bochechas.

— Você — ele começou, com a voz rouca. — Você está...

Com uma pequena pressão, algo quente e escuro nasceu ali, enviando uma onda de desejo para o meu âmag. Suas mãos deslizaram para baixo, pelo meu

pescoço, meus ombros, pelos meus braços, para baixo...

E então não havia nada de gentil nisso.

Seus lábios pressionaram forte contra os meus, com força suficiente para abri-los, para roubar a respiração, o sentido e a sensação da cama debaixo de mim. A pele do seu rosto era suave e fria contra a minha, mas eu estava quente, muito quente. A febre que tomou conta de mim fez meu corpo ficar mole, e fui pressionada contra a cama, afundando nos travesseiros, como se estivesse caindo através de nuvens. O sangue sumira da minha cabeça, e tudo o que sobrou foi um pulsar baixo e pungente. Minhas mãos ergueram-se para se enroscar na camisa dele — eu precisava segurar algo, me agarrar antes que caísse para muito longe.

— Sim — eu o ouvi expirar, e, então, sua boca estava na minha de novo, suas mãos na bainha da minha blusa, subindo-a para cima do estômago.

Você quer isso, uma voz sussurrava, você quer isso.

Mas não era a minha voz. Eu não estava dizendo isso — estava? Naquele instante, um piscar de seus olhos escuros abriu caminho para um azul-claro. Isto era o que eu queria, o que eu queria de verdade. Minha mente pareceu lenta, drogada com o fluxo de pensamento. *Liam*. Mas era Clancy que estava aqui. Clancy, que me ajudara, meu amigo, belo, numa forma que me fazia perder a linha de raciocínio, Clancy que gostava muito de mim...

Que também era um Laranja.

Meus olhos abriram-se depressa quando as mãos dele deslizaram até o meu pescoço, com os dedos apertando de leve em torno da pele. Tentei me afastar, mas parecia que ele tinha inundado minhas veias com concreto. Eu não podia me mover. Não podia sequer fechar os olhos.

Pare, tentei dizer, mas, quando sua testa encontrou a minha, a dor que explodiu atrás dos meus olhos foi o suficiente para me fazer esquecer de tudo.



VINTE E SEIS

O BIPE FRENÉTICO DO COMPUTADOR ME ACORDOU de um sono sem sonhos, cutucando-me até que meus olhos se abriram. Eu estava deitada no escuro.

Meu corpo parecia pesado, e, embora alguém tivesse tirado meu suéter, minha camiseta estava colada na pele com uma fina camada de suor. Se eu estivesse sozinha, poderia tê-la tirado ou, ao menos, chutado o jeans para fora das pernas para deixar meu corpo respirar, mas eu sabia que não podia. Eu ainda estava no quarto dele, e, se eu estava ali, ele também estava.

A luz na escrivaninha de madeira escura de Clancy estava ligada e eu podia escutar as vozes das crianças lá embaixo, no buraco da fogueira. Já era noite? Era insano que o meu sangue pudesse fluir tão frígido como o inverno no mesmo instante em que meu coração começou a bater num ritmo de pânico.

O rangido do velho colchão foi afogado pela TV. Por um instante, não fiz nada além de escutar a voz de barítono do presidente Gray, fazendo seu discurso noturno. Minhas pernas pareciam ser a última parte do meu corpo disposta a acordar.

— ... garanto a vocês que a taxa de desemprego caiu de trinta por cento para vinte por cento só no ano passado. Eu dei a minha palavra de que eu teria sucesso onde o falso governo não teve. Por mais que eles quisessem fazer vocês acreditarem que têm influência no cenário mundial, eles mal podem controlar sua facção terrorista, essa tal de Liga das Crianças...

A TV foi desligada com um chiado de estática. Passos.

— Você está acordada?

— Sim — sussurrei. Sentia a garganta dolorida, minha língua inchada.

A cama abaixou quando Clancy sentou-se ao meu lado. Tentei não guinchar.

— O que aconteceu? — eu perguntei. O som das vozes lá embaixo ficou mais alto, preso entre minhas orelhas.

— Você desmaiou — ele disse. — Eu não percebi... Eu não devia ter forçado tanto.

Eu me ergui apoiada nos cotovelos, numa tentativa vã de me afastar do toque dele. Meus olhos estavam fixos em seus lábios, nos dentes brancos brilhando. Eu tinha imaginado isso, ou ele tinha... ?

Meu estômago revirou.

— Você descobriu alguma coisa? Provou sua teoria?

Clancy recostou-se, com o rosto indecifrável.

— Não — ele levantou-se de novo, e começou a caminhar entre a janela e a cortina branca. Dei uma espiada do outro lado do chão e fiquei surpresa em ver que estava inundado pela luz azul do *laptop* aberto.

— Não, sabe, eu estive repassando isso várias vezes na minha cabeça — Clancy disse. — Pensei que você talvez tivesse apagado as lembranças deles de propósito, porque estava com raiva ou chateada, mas você não apagou todas as memórias deles, só... *você*. E, de novo com aquela garota, Samantha. Samantha Dahl, dezessete anos, de Bethesda, Maryland, filha de Ashley e Todd. Verde, memória fotográfica... — a voz dele desapareceu. — Fiquei pensando, pensando, pensando, em círculos, tentando entender como você faz isso, mas caminhar nas suas lembranças não me diz o que se passa na sua cabeça. Não existe a causa, só o efeito.

Imaginei se ele ao menos notava que estava divagando, ou que eu tinha conseguido sair da cama, pensando só em sair daquele quarto e ir para bem longe dele. A dor voltou em pedaços.

O que ele fez comigo? Levei a mão até a testa. Minha cabeça doía como nas outras vezes em que ele esteve lá dentro, mas a dor estava mais afiada. Ele não tinha só olhado lá dentro, ele me fizera desejá-lo, fez com que eu quisesse beijá-lo.

Não fez?

— Está tarde — eu disse, interrompendo-o. — Preciso... preciso encontrar os outros...

Clancy virou as costas para mim.

— Encontrar *Liam Stewart*, você quer dizer.

— Sim, Lee — eu disse, dando alguns passos lentos para trás, até a porta. — Eu devia me encontrar com ele. Ele vai ficar preocupado — a cortina branca ficou presa no meu cabelo quando passei por ela.

Clancy balançou a cabeça.

— O que é que você sabe sobre ele, Ruby? Você o conhece há, o que, um mês? Um mês e meio? Por que você está perdendo tempo com ele? Ele é um *Azul*, e não só isso, mas ele, ele tinha um histórico, mesmo antes do

acampamento. Mesmo antes de matar todas aquelas crianças. Cento e quarenta e oito. Mais da metade do acampamento deles. Então, pode parar com toda essa besteira de adoração ao herói, porque ele não merece isso. Você é muito preciosa para ficar brincando com ele.

Ele virou-se assim que minha mão tocou na porta e a fechou com força.

— Qual é o seu problema? — eu gritei. — E daí que ele é Azul? Não é você que vive falando sobre como somos todos Pretos e devemos respeitar uns aos outros?

O sorriso que enrolava seus lábios era tão arrogante quanto lindo.

— Você precisa aceitar o fato de que você é Laranja e que sempre ficará sozinha por causa disso — um pouco de calma retornara para a voz de Clancy. As narinas dele abriram-se quando tentei virar a maçaneta de novo. Ele bateu as duas mãos contra a porta para impedir que eu fosse a qualquer lugar, crescendo sobre mim.

— Eu vi o que você queria — Clancy disse. — E não são os seus pais. Nem mesmo seus amigos. O que você quer é estar com ele, como estava na cabana ontem ou naquele carro na floresta. *Não quero perder você*, você disse. Ele é assim tão importante?

A raiva ferveu no meu estômago, queimando minha garganta.

— Como *você se atreve*? Você disse que não iria... você disse....

Ele soltou uma risada latida.

— Meu Deus, você é ingênua. Acho que isso explica como aquela mulher da Liga conseguiu enganar você e lhe fazer pensar que você é algo além de um monstro.

— Você disse que ia me ajudar — sussurrei.

Ele revirou os olhos.

— Muito bem, está pronta para a última lição? Ruby Elizabeth Daly, você está sozinha e sempre estará. Se não fosse tão burra, já teria chegado a essa conclusão, mas, já que isso está além do seu alcance, deixe-me soletrar: *você nunca será capaz de controlar suas habilidades*. Você nunca será capaz de evitar ser sugada para a mente de alguém, porque tem uma parte de você que não quer saber como controlá-las. Não, não porque isso significaria ter que aceitá-las. Você é muito imatura e tem o coração muito mole para usá-las da forma como devem ser usadas. Você tem medo de saber no que isso a transformaria.

Eu desviei os olhos.

— Ruby, você não entende? Você odeia o que é, mas recebeu essas habilidades por alguma razão. Nós dois recebemos. É nosso *direito* usá-las, temos que usá-las para ficarmos à frente, para colocar os outros em seus lugares.

O dedo dele apanhou o colarinho esticado da minha camiseta e o empurrou.

— Pare com isso — eu me orgulhei de como minha voz estava firme.

Quando Clancy se inclinou, ele colocou uma imagem nublada por trás de meus olhos fechados, nós dois, pouco antes de ele entrar nas minhas lembranças. Meu estômago ficou amarrado, enquanto eu olhava meus olhos se abrirem aterrorizados, seus lábios pressionados contra os meus.

— Estou tão feliz que encontramos um ao outro — ele disse, com a voz estranhamente calma. — Você pode me ajudar. Eu pensei que sabia tudo, mas você...

Meu cotovelo voou e o acertou debaixo do queixo. Clancy cambaleou para trás com um uivo de dor, pressionando as duas mãos no rosto. Eu tive meio segundo para dar o fora, e o aproveitei, girando a maçaneta com tanta força que a própria fechadura pulou para fora.

— Ruby! Espera, eu não quis... !

Um rosto apareceu no fim da escada. Lizzie. Eu vi os lábios dela se abrirem em surpresa, seus muitos brincos balançando enquanto passei por ela com um empurrão.

— Só uma discussão — ouvi Clancy dizer, com fraqueza. — Está tudo bem, deixei-a ir.

Saí correndo para fora, totalmente sem fôlego. Meus pés foram atraídos na direção do buraco da fogueira, mas eu me forcei a parar e repensar. Havia tantas pessoas ainda lá fora, reunidas em torno das mesas de comida. Eu queria encontrar Liam e explicar por que não fui lá, contar-lhe o que aconteceu, mas eu sabia que estava muito confusa. Eu precisava me acalmar, e não tinha como fazer isso ali. Havia muitas perguntas em potencial. Eu precisava ficar sozinha.

Então, é claro, quando me afastei alguns passos, consegui trombar justo com Mike.

— Ei, aí está você! — o cabelo dele estava preso num rabo de cavalo, com uma bandana preta amarrada em torno da cabeça. Eu podia sentir o cheiro de gasolina nele, e algo metálico. — Ruby, você está bem?

Eu saí correndo, passando pelo escritório, descendo o caminho até as cabanas. Por fim, encontrei o que pensei ser o caminho até o qual levamos Zu, mas, no fim, não era nada além de uma velha trilha lateral, coberta de mato e inclemente à pele nua. Tudo bem. Isso servia. Não havia ninguém por perto. Esse era meu único critério.

Eu caminhei até perder a luz da fogueira, agarrando minha camiseta, tentando puxá-la para longe da minha pele. Tinha o cheiro do quarto dele. De sempre-vivas, tempero e coisas velhas e decadentes. Eu a puxei para cima da cabeça e a atirei o mais longe e forte que pude e ainda, ainda assim — ainda assim — eu não conseguia espantar o cheiro. Estava em todo lugar: nas minhas mãos, no meu jeans, no meu sutiã. Eu deveria ter corrido direto para o lago, ou até mesmo para o chuveiro. Eu deveria ter tentado lavar o veneno dele.

Acalme-se, eu pensei. Acalme-se! Mas eu não conseguia distinguir bem o

que estava pulsando em mim. Raiva, com certeza, por ter sido enganada, por ter acreditado nisso. Nojo, pela forma como ele me tocara e invadira até mesmo os poros da minha pele. Mas algo a mais também. Uma dor dentro de mim, que expandia e se revirava, petrificando-me.

Liam estava bem na minha frente, e eu nunca me sentira tão sozinha.

— Ruby? — o cabelo dele estava claro e prateado nessa luz, cacheado e emaranhado, como de costume. Eu não podia me esconder dele. Eu nunca fora capaz de fazê-lo.

— Mike veio e me pegou — ele disse, dando um passo cuidadoso em minha direção. Suas mãos estavam estendidas, na frente dele, como se tentassem acalmar um animal selvagem para permitir que ele se aproximasse. — O que você está fazendo aqui fora? O que está acontecendo?

— Por favor, vá embora — implorei. — Preciso ficar sozinha.

Ele continuou vindo direto até mim.

— *Por favor* — gritei — *vá embora!*

— Não vou a lugar nenhum até você me dizer o que está acontecendo! — Liam disse. Ele olhou bem para mim e engoliu com força, com seu pomo de adão aparecendo. — Onde você esteve esta manhã? Aconteceu alguma coisa? Bolota me disse que você sumiu o dia todo e agora você está aqui... *assim*... ele fez alguma coisa com você?

Eu desviei o olhar.

— Nada que eu não tenha pedido.

A única resposta de Liam foi andar alguns passos para trás. Dando-me espaço.

— Não acredito em você, nem por um segundo — ele disse, com calma. — Nem por um maldito segundo. Se quiser se livrar de mim, terá que se esforçar mais.

— Não quero você aqui.

Ele balançou a cabeça.

— Isso não significa que eu vou deixar você aqui sozinha. Você pode levar o tempo que quiser, o quanto precisar, mas você e eu... Nós vamos acertar isso esta noite. Agora mesmo. — Liam tirou o suéter preto pela cabeça e o jogou na minha direção. — Coloque isso, ou você vai pegar um resfriado.

Eu o peguei com uma mão, e o pressionei contra o meu peito. Ainda estava quente.

Ele começou a caminhar, com as mãos nos quadris.

— Sou eu! Você não consegue falar comigo sobre isso? Quer que eu chame o Bolota?

Eu não consegui responder.

— Ruby, você está me assustando para caramba.

— Bom. — Eu enrolei o casaco dele e o joguei na escuridão, o mais forte

que pude.

Ele soltou um suspiro trêmulo, apoiando-se na árvore mais próxima.

— *Bom?* O que tem de bom nisso?

Eu não entendera bem o que Clancy tentara me dizer naquela noite, não até então, quando Liam olhou para cima e seus olhos encontraram os meus. O formigamento de sangue nas minhas orelhas se transformou num rugido. Eu espreguei os olhos para fechá-los, cravando os punhos contra minha testa.

— Não consigo mais fazer isso — chorei. — Por que você só não me deixa em paz?

— Porque você jamais me deixaria.

Os pés dele embaralharam-se pelos arbustos, conforme ele dava alguns passos mais para perto. O ar ao meu redor ficou quente, ganhando uma carga que eu reconhecia. Cerrei os dentes, furiosa com ele por chegar tão perto, quando ele sabia que eu não poderia lidar com isso. Quando ele sabia que eu poderia machucá-lo.

Suas mãos ergueram-se para tirar as minhas do rosto, mas eu não iria deixá-lo ser gentil. Eu o empurrei para trás, com todo o meu peso. Liam cambaleou.

— Ruby...

Eu o empurrei de novo, e de novo, e de novo, com mais força a cada vez, porque essa era a única forma de dizer-lhe o que eu estava desesperada para dizer. Eu vi explosões de suas lembranças reluzentes. Vi todos os seus sonhos brilhantes. Só quando eu o fiz bater com as costas numa árvore percebi que estava chorando. Assim tão perto, eu vi um novo corte abaixo de seu olho esquerdo e a contusão que se formava em torno dele.

Os lábios de Liam abriram-se. Suas mãos não estavam mais estendidas à sua frente, mas pairando sobre meus quadris.

— Ruby...

Eu acabei com a pouca distância que ainda restava entre nós, deslizando uma mão por seu cabelo macio, a outra reunindo a parte de trás de sua camisa no meu punho. Quando meus lábios, enfim, tocaram os dele, eu senti algo se revirar bem dentro de mim. Não havia nada além dele, nem mesmo o ranger das cigarras, nem mesmo as árvores de corpo cinzento. Meu coração trovejava no peito. *Mais, mais, mais.* Uma batida firme. Seu corpo relaxou sob minhas mãos, tremendo com o meu toque. Respirá-lo não era o bastante, eu queria inalá-lo. O couro, a fumaça, a doçura. Senti seus dedos contando minhas costelas nuas. Liam moveu as pernas ao meu redor, para me puxar mais para perto.

Perdi o equilíbrio na ponta dos pés, o mundo girava perigosamente sob mim, conforme seus lábios viajavam pela minha bochecha, até minha mandíbula, até onde meu pulso vibrava no meu pescoço. Ele parecia tão seguro, como se já tivesse planejado esse caminho.

Não senti acontecer o deslize. Mesmo se tivesse, eu estava tão envolta nele que eu não conseguia pensar em me afastar ou soltar sua pele quente, ou aquele momento. O toque dele era leve como pluma, acariciando minha pele com um tipo de reverência, mas, no instante em que seus lábios encontraram os meus de novo, um único toque foi o bastante para me sacudir da névoa doce como o mel.

A lembrança do rosto de Clancy, enquanto ele se inclinava para fazer exatamente o que Liam estava fazendo agora, de repente, inundou minha mente, contorcendo-se dentro de mim até eu não conseguir ignorar. Até eu vê-la passando, brilhante e queimando, como se fosse a lembrança de outra pessoa, e não a minha.

E, então, eu percebi — eu não era a única que estava vendo isso. Liam estava vendo, também.

Como, como, como? Isso não era possível, era? As lembranças fluíam para mim, e não de mim.

Porém, senti que ele ficou paralisado, depois se afastou. E eu sabia, eu sabia, pelo seu olhar, que ele vira aquilo.

Meu peito encheu de ar.

— Ah, meu Deus, me desculpe, eu não queria — ele...

Liam pegou um dos meus pulsos e puxou-me de volta para ele, envolvendo minhas bochechas com as mãos. Pensei em qual de nós dois estava respirando mais forte, enquanto ele tirava o cabelo do meu rosto. Tentei contorcer e soltar meu corpo, envergonhada do que ele tinha visto, e com medo do que ele pensaria de mim.

Quando Liam falou, o fez com uma voz comedida e com pretensa calma.

— O que ele fez?

— Nada.

— Não minta — ele implorou — por favor, não minta para mim. Eu senti... todo o meu corpo, meu Deus, como se estivesse virando pedra. Você estava assustada, eu *senti*, você estava assustada!

Os dedos dele subiram e enrolaram-se no meu cabelo, trazendo meu rosto para perto do dele novamente.

— Ele... — comecei — ele pediu para ver uma lembrança, e eu o deixei entrar, mas quando tentei me afastar... não consegui sair, não conseguia me mover, e, depois, apaguei. Não sei o que ele fez, mas doeu, doeu muito.

Liam afastou-se e pressionou os lábios contra minha testa. Senti os músculos no braço dele ficarem tensos, tremerem.

— Vá para a cabana — ele não me deixou protestar. — Comece a fazer as malas.

— Lee...

— Vou procurar o Bolota — ele disse. — E nós três vamos dar o fora daqui.

Esta noite.

— Não podemos — eu disse. — Você sabe que não podemos — mas ele já estava voltando pelo caminho escuro. — Lee!

Voltei para encontrar o suéter dele e o vesti, mas nem assim consegui afastar o frio enquanto eu o seguia para fora da floresta, de volta para a direção da cabana e da fogueira.

Quando cheguei à cabana, Bolota já estava lá, sentado na cama, lendo. Ele olhou para mim e fechou o livro com força.

— O que diabos aconteceu?

— Estamos indo embora — disse-lhe. — Arrume suas coisas. O que você está olhando? Anda logo!

Ele pulou da cama.

— Você está bem? — ele perguntou. — O que está acontecendo?

Eu acabara de contar-lhe tudo o que acontecera com Clancy quando Liam entrou com tudo pela porta. Ele olhou para nós dois juntos e expirou, trêmulo.

— Fiquei preocupado quando não consegui encontrar você — ele disse a Bolota. — Estão prontos?

Vesti uma camiseta folgada e peguei a jaqueta de Liam quando ele a atirou para mim. Bolota amarrou o sapato, fechou a mala e nem soltou uma palavra de protesto quando apagamos as luzes da cabana e saímos na escuridão.

O cheiro de fumaça do buraco da fogueira nos seguiu pelo caminho principal por mais tempo do que a luz ou as vozes que vinham de lá. Flagrei Bolota olhando para trás, na direção dela, por cima do ombro, só uma vez. O brilho cor de laranja distante refletiu nas lentes de seus óculos. Eu sabia que ele queria perguntar o que faríamos em seguida, mas Liam nos calou e começou a descer uma trilha lateral que eu nunca vira antes.

Era bem desgastada, mas bem estreita, de modo que tínhamos que caminhar em fila única. Mantive os olhos nos ombros de Liam, até ele virar para trás e pegar minha mão. O caminho ficava mais escuro quanto mais caminhávamos para dentro das espessas camadas de jovens árvores.

E, então, estávamos do lado de fora, e havia luz, tanta luz, que, por um instante, tive que erguer uma mão para cobrir os olhos. Senti Liam ficar tenso e parar, apertando a mão contra a minha até machucar.

— Eu disse — ouvi Hayes dizer. — Falei que ele ia tentar fugir por aqui.

— É, boa sacada.

— *Maldição* — ouvi Bolota xingar atrás de mim, mas eu estava muito chocada para fazer qualquer coisa além de sair de trás de Liam e ver onde Clancy, Hayes e o aglomerado de garotos da Segurança estavam em pé, bloqueando nossa saída.



VINTE E SETE

HOUVE UM ÚNICO MOMENTO EM QUE NINGUÉM SEQUER SE MOVEU.

Eu reconheci onde estávamos, agora que a área estava acesa com lanternas e lamparinas. Eu a vira antes, na tela do computador de Clancy. Foi aqui que, dias antes, os rastreadores tinham tentado invadir as cercas de arame do acampamento e Hayes tinha “dado um jeito” neles. Muito semelhante a como ele estava pronto para dar um jeito em nós agora.

Os garotos à nossa frente estavam onde o caminho se encontrava com o arame prateado, delimitando as fronteiras de East River. Clancy estava no centro, infinitamente mais arrumado do que há poucas horas.

— Acho que precisamos ter uma conversa — Clancy disse, com a voz agradável. — Parece que algo perigoso está prestes a acontecer.

— Estamos indo embora — Liam disse, mal contendo a raiva em sua voz. — E não queremos encrenca.

— Vocês não podem simplesmente *ir embora*. — Hayes abriu caminho até a frente do grupo, avultando ao lado de Clancy como um canhão esperando para ser apontado. — Temos um sistema aqui e vocês não conquistaram seu lugar ainda.

As palavras mal saíram da boca dele quando ouvimos o som de passos e vozes esmagando as folhas secas do outro caminho maior atrás deles. Olivia apareceu primeiro, acompanhada por Mike e quatro dos outros garotos, junto dos quais Liam trabalhara no último mês. Eles reagiram da mesma maneira que nós — primeiro, encolhendo-se para longe da luz, depois parando com tudo em choque.

— O que está acontecendo? — Olivia exigiu, contornando a fileira de garotos de preto até estar bem na frente de Clancy. — Por que não me passou

um rádio?

— Hayes e eu temos tudo sob controle. — Clancy cruzou os braços no peito. — Vocês deviam voltar para seus postos.

— Não até você me dizer o que está havendo — ela se virou para nós, olhando para nossas malas. — Vocês estão indo embora?

— Lee — Mike disse, fazendo a conexão ao mesmo tempo. — O que você está fazendo?

— Parece que Liam Stewart está arranjando outra fuga — Clancy disse. — Ou, ao menos, tentando. Parece que terá tanto sucesso quanto a última.

— Vá para o inferno — eu interrompi, pegando os braços de Liam antes que ele se jogasse sobre Clancy. Ele tremia de raiva, mas estávamos em menor número, ele não via isso?

— Ruby — Clancy disse baixinho, com toda a familiaridade do garoto que eu pensara ser meu amigo. — Vamos, não podemos, pelo menos, tentar conversar?

Sim, uma voz sussurrou no meu ouvido. *Isso não seria melhor?* A raiva tecida com força no meu peito começou a desatar, devagar no início, depois com uma estranha e fria pressa. Meus dedos se soltaram dos de Liam. De repente, isso parecia mesmo ser a melhor opção, a única opção. Eu senti tanta raiva e tive tanto medo antes, mas esse era o Clancy.

Era o *Clancy*.

Dei um passo na direção dele, na direção daquele sorriso. Eu podia... eu podia perdô-lo, não é? Seria mais fácil. Tudo com Clancy era mais fácil. Meus pés se moveram sozinhos, sabendo exatamente para onde eu precisava ir. Para onde eu deveria ir.

Mas Liam não me deixou e Bolota também não deixaria. Senti as mãos do último agarrando minha mochila. Assim que Liam pisou na minha frente, Clancy desapareceu da minha visão e eu não conseguia me lembrar do porquê parecera tão importante ir até ele, deixar que me levasse de volta ao acampamento.

— *Pare com isso!* — Liam gritou. — Seja lá o que esteja fazendo com ela, *pare com isso!*

— Ele não está... — Mike começou, olhando entre seu amigo e Olívia. Eu a vi logo atrás dos ombros de Liam, seu rosto numa máscara sombria. Atrás deles, os outros garotos da equipe de vigia de Liam estavam agitados, incertos para onde olhar.

— Não estou fazendo nada — Clancy disse, com a voz ganhando um tom gelido. — Você é que está com ciúmes da relação que eu e ela temos.

Os garotos em volta dele começaram a mover as cabeças, concordando, com os rostos estranhamente inexpressivos.

— Você é que está tentando quebrar as regras aqui — ele continuou. — Porque é uma regra, não é, Liv? Se quiser ir embora, tem que pedir para mim,

certo?

Ela hesitou, mas concordou.

O braço de Liam soltou-se da minha frente, devagar. Suas sobrancelhas uniram-se, e ele pareceu inclinar a cabeça na direção de Clancy, como se escutasse algo que o resto de nós não podia ouvir. Eu senti, mais do que vi, a tensão soltando-se da linha de seus ombros. Ele deu um passo para trás, e depois outro, para longe de mim, dirigindo uma mão para a testa.

— Desculpe... eu só... eu não queria...

— Você está feliz aqui, não está? — Clancy perguntou, de forma agradável. — Não tem motivo para você não voltar a sentir isso de novo. Temos regras aqui. Você as conhece agora, e não vai quebrá-las de novo, vai?

— Não — Liam disse, com a voz rouca. Ele estava me encarando, mas seus olhos haviam ganhado uma qualidade leitosa que eu reconheci de cara. E, ao que parece, Bolota também. Seus olhos espremeram-se, deixando Clancy com uma fúria pura e afiada.

— Deixe-me dizer o que eu penso das suas *regras* de merda — Bolota disse, com a voz escorrendo veneno, enquanto ele empurrava Liam para passar. — Você fica sentado no seu quarto e finge que quer o melhor para todo mundo, mas você mesmo não faz trabalho nenhum. Não sei dizer se você é só um merdinha mimado, ou se tem muito medo de sujar suas mãozinhas de princesa, mas é uma droga, você é horrível e com toda certeza você não *me* engana — a força total do olhar frio de Clancy caiu sobre Bolota, mas ele continuou, destemido. — Você fala sobre nós sermos iguais, como se fôssemos um grande arco-íris feliz de paz e toda essa baboseira, mas você não acreditou nisso uma única vez, não é? Você não deixa ninguém entrar em contato com os pais e não se importa com as crianças que ainda estão presas nos acampamentos que *seu pai* montou. Você nem escutou quando os garotos da Vigia falaram no assunto. Então, o que quero saber é, por que não *podemos* ir embora? — ele deu outro passo à frente, interrompendo Clancy antes mesmo que ele pudesse começar a falar. — Qual é o sentido desse lugar a não ser você se divertir sobre como você é ótimo e brincar com as pessoas e seus sentimentos? Eu sei o que você fez com a Ruby.

Os outros ficaram em silêncio, mas, quanto mais Bolota falava, mais claros os olhos deles tornavam-se. Mike, em particular, soltou-se da influência de Clancy com um olhar que parecia que ele ia vomitar. Os olhos dos outros garotos moviam-se depressa, nervosos e incertos.

Clancy ficara inerte durante todo o tempo em que Bolota o atacara, mas, agora que Bolota havia terminado, Clancy aproximou-se, como se estivesse prestes a sussurrar um segredo para ele. Porém, quando ele falou, sua voz foi alta o bastante para todos nós ouvirmos. — Eu brinquei com mais do que os sentimentos dela — os olhos dele correram até o rosto de Liam. — Não é,

Stewart?

O arrebatamento de fúria carmim que subiu pela garganta de Liam até seu rosto foi o bastante para me dizer exatamente o tipo de imagem que Clancy plantara na mente dele.

— Não! — eu gritei, mas era tarde demais para isso.

O que aconteceu em seguida passou tão rápido que metade de nós, reunidos ali, devemos ter perdido. Liam ergueu o punho, pronto para lançá-lo no rosto presunçoso de Clancy, mas sua mão não foi além do ombro dele. Cada parte dele — cada músculo, cada junta, cada tendão — tornou-se rígida, como se ele tivesse recebido um grande choque elétrico. Ele congelou e, um instante depois, Liam estava no chão, e os punhos de Hayes estavam batendo contra o rosto dele.

— Pare! — implorei, soltando-me de Bolota. Eu sabia o que Clancy fizera com ele, e por que ele não conseguia sequer erguer a mão para proteger o rosto. Vi um jorro de sangue bater na terra e isso foi mais do que eu podia aguentar.

Foi mais do que qualquer um de nós podia aguentar.

— Clancy — ouvi Olívia dizer — já chega. Você já mostrou a que veio. *Hayes*, você vai matá-lo!

Mais uma vez, e outra vez, e outra vez, em qualquer superfície de pele que pudesse encontrar, Hayes descia o braço em Liam, como se pudesse enfiar sua fúria nele. Os golpes não pararam até que Clancy colocou uma mão no ombro dele, e, mesmo assim, Hayes certificou-se de dar um último soco no rosto. Ele ergueu Liam pela frente da camisa, e, quando Clancy acenou para ele, Hayes jogou Liam de volta no chão e levantou-se, deixando-o como uma desordem molenga de carne viva com o rosto na terra.

Assim que os dois saíram de cena, Bolota e eu nos lançamos para a frente, abrindo caminho pelo círculo de crianças que se fechou ao redor dele. Demos talvez dois passos antes que Mike nos impedisse de ir adiante.

— Não — ele disse. — Vocês só vão piorar as coisas.

— O que vão fazer com ele? — Bolota disse.

— Voltem para sua cabana — ele disse. — Vamos cuidar dele.

— Não — eu disse — Não vamos embora sem ele.

Mike me rodeou.

— Não sei o que diabo você disse para ele ou o fez pensar, mas Lee estava contente aqui. Era disso que ele precisava, e você acabou com ele....

— Não ouse — Bolota surtou. — Não *ouse* culpá-la por isso. Sua cabeça está tão enfiada na lama deste lugar que você não consegue ver nada do que está acontecendo à sua volta!

Mike mostrou os dentes.

— Todos nós aturamos você em Caledônia porque Liam pediu, mas não tenho que fazer isso aqui.

— Tanto faz — Bolota disse. — Você acha que eu me importo? A única coisa com que me importo é o que vai acontecer com Lee. Você sabe, aquele que organizou tudo para nos tirar de lá, para começo de conversa. — As palavras dele pareceram ter o efeito desejado. Mike ficou pálido na escuridão. — Você pode ficar com seu Fugitivo idiota, mas não espere que a gente deixe você ficar com o Lee.

Atiramo-nos para a frente de novo, tentando abrir caminho para chegar até ele. Um par de braços enrolou-se no meu peito, outro em torno das minhas pernas, e não importava quão forte ou alto estivéssemos gritando, as crianças nos arrastaram para longe dele mesmo assim.

Bolota e eu nos sentamos no beliche de Liam, sem falar, sem nos mexermos, sem fazer nada além de observar a porta da cabana. Pelas janelas, vimos rostos curiosos — garotos pasmos e guardas, todos tentando descobrir o que acontecera de fato. O sinal de luzes apagadas fora e voltara, mas nenhum de nós iria conseguir dormir. A julgar pelas duas figuras em preto em pé, bem à frente da nossa porta, também não parecia provável que conseguíssemos ir embora. Não após nossa fracassada tentativa de fuga e, decerto, não depois que Bolota soltou uma chuva de granizo verbal sobre Clancy.

— Onde você aprendeu a falar daquele jeito? — perguntei, enfim, mas ele só encolheu os ombros.

— Tentei imaginar o que Lee teria dito, e parti daí — Bolota esfregou o topo da cabeça. — Eu falei mesmo que ele tinha mãos bonitinhas de princesa?

Soltei uma risada estrangulada.

— Isso e muito mais.

Os segundos se passavam com a metade da velocidade dos meus pensamentos.

— Por que você não foi afetado? — indaguei, em voz alta. — Ele tentou com você, não tentou?

— Ele *tentou*, eu bem que senti. Mal sabe ele... — Bolota bateu na testa. — Armadilha de aço. Nada sai *ou* entra.

Tive um pensamento passageiro de que o que ele dizia podia muito bem ser verdade, e que poderia até explicar por que a cabeça dele foi a única na qual eu conseguira evitar entrar, mas ouvimos um arrastar de pés alto no caminho, e tudo o mais saiu voando da minha própria cabeça.

Olivia e outro garoto entraram tropeçando, um dos braços de Liam sobre o ombro de cada um deles. O rosto dele estava virado para baixo, e dava para ver onde a lama havia grudado no seu cabelo. A chuva começara cerca de uma hora após o deixarmos.

— Lee — Bolota dizia, tentando fazê-lo se levantar. — Lee, consegue me ouvir?

Nós ajudamos a deitá-lo no colchonete. Estava tão escuro na sala que eu não vi a gravidade da surra, até que Olívia colocou uma lanterna no chão ao lado dele.

— Ah, meu Deus — eu disse.

O rosto de Liam virou-se na minha direção, e, pela primeira vez, notei que ele estava, de fato, acordado — seus olhos estavam fechados pelo inchaço. Deixei minha mão repousar no braço largado ao lado do colchonete, e o movi para que ficasse sobre o seu peito. A respiração escapava dos seus lábios em suspiros resfolegantes. Havia uma camada de sangue seco, espesso e pegajoso acumulada em volta do seu nariz, na boca, descendo até o queixo. A luz do dia revelaria o resto dos machucados.

— Ele precisa de um antisséptico — Bolota disse — ataduras, alguma coisa...

— Se vocês vierem comigo — Olívia respondeu — acompanho vocês até a sala de suprimentos. Ninguém vai sair para nos incomodar.

— Não vou deixá-lo — eu disse, ainda agachada ao lado de Liam, ajoelhada.

— Tudo bem — eu mal senti a mão de Bolota no meu ombro quando ele me tocou.

A porta de tela guinchou para abrir e fechou-se atrás de nós. Esperei até ouvir os passos arrastados do outro garoto segui-los para fora, antes de olhar para baixo, para o rosto de Liam. Movi os dedos com leveza por todo seu rosto, da maneira mais gentil que pude. Quando cheguei ao nariz, ele soltou um chiado agudo, mas não tentou desviar até que eu acariciasse seu lábio inchado e partido.

Não sei se eu já chorara tanto quanto chorei no último mês. Eu nunca fora como as outras garotas na minha cabana, em Thurmond, que choravam toda noite e, depois, de novo, todas as manhãs, quando notavam que o pesadelo tinha sido real. Eu não chorava muito quando era criança. Mas não havia como segurar o choro agora.

— Eu... pareço tão bonito quanto me sinto? — a voz dele parecia grogue, bêbada. Tentei fazê-lo abrir a boca, para me certificar de que todos os seus dentes ainda estavam ali, mas sua mandíbula estava muito sensível para que eu a tocassem. Inclinei-me para pressionar os lábios onde minhas mãos estavam.

— Não — ele disse, com um olho mal aberto. — Não, a menos que seja verdadeiro.

— Você não devia ter ido atrás dele.

— Eu tinha que ir — ele conseguiu murmurar.

— Eu vou matá-lo — eu disse, com a raiva explodindo dentro de mim. — Eu vou *matá-lo*.

Liam começou a rir de novo.

— Ah... aí está ela. Essa é a Ruby.

— Vou tirar você daqui — prometi. — Você e o Bolota. Vou falar com Clancy, vou...

— Não — ele disse. — Pare, só vai piorar as coisas.

— Como as coisas podem ficar piores? — perguntei. — Estraguei tudo para você. Arruinei tudo.

— Deus — ele balançou a cabeça, contorcendo a boca numa sombra de sorriso. — Sabia... que você me faz tão feliz que, às vezes, até me esqueço de respirar? Eu fico olhando para você e meu peito fica tão apertado... e o único pensamento na minha cabeça é sobre o quanto eu quero me aproximar e beijar você — ele soltou uma respiração trêmula. — Então, não fale sobre me tirar daqui, porque eu não vou embora, só se você também fizer parte do pacote.

— Não posso ir com você — eu disse. — Não vou colocar você nesse tipo de perigo.

— Besteira — ele disse. — Nada será pior do que ficarmos separados.

— Você não entende...

— Então, me *obrigue* — Liam disse. — Ruby, me dê uma razão para não podermos ficar juntos, e vou dar cem razões para podermos. Podemos ir aonde você quiser. Não sou os seus pais. Não vou abandonar você ou mandar você embora, nunca.

— Eles não me abandonaram. O que aconteceu com eles foi minha culpa — o segredo escorregara de mim como um longo exalar, e eu não sei ao certo quem de nós dois ficou mais surpreso com a confissão.

Liam ficou em silêncio, esperando que eu continuasse. Percebi que esse era o fim. Esse era mesmo o momento em que eu iria perdê-lo. E eu só conseguia pensar em quanto eu desejava tê-lo beijado uma última vez, antes que ele comesse a me temer pelo que eu era.

Recostei a cabeça na almofada ao lado da dele. Num sussurro, porque eu não era corajosa o bastante para falar mais alto, eu contei a ele sobre quando fui dormir na noite antes do meu aniversário de dez anos, sobre como acordei esperando minhas panquecas de aniversário, como de costume. Sobre a forma como me trancaram na garagem como um tipo de animal selvagem. E, quando essa história terminou, contei a ele sobre Sam. Como eu fora o Bolota dela, até eu deixar de ser, até eu me tornar nada mesmo.

Minha garganta estava queimando quando terminei. Liam virou o rosto na direção do meu.

— Nunca — ele disse, após um instante. — Nunca, nunca, nunca. Eu nunca vou me esquecer de você.

— Você não vai ter escolha — eu disse. — Clancy disse que eu nunca vou conseguir controlar isso.

— Bom, ele se acha o máximo — Liam disse. — Escute, o que eu vi na floresta, quando você...

— Quando eu te beijei.

— Sim. Aquilo... aquilo aconteceu mesmo, não é? O que ele, o que aquele babaca fez. Aquilo aconteceu com você. Ele te deixou ali, congelada, como fez comigo.

Sim, mas, também, não. Porque uma pequena parte de mim queria que ele fizesse isso. Ou, ele só tinha me feito desejá-lo, brincado com as minhas emoções com um único toque? Eu concordei, enfim, com minhas entranhas ainda se contorcendo com repulsa, ao lembrar da pele dele contra a minha.

— Venha aqui — Liam disse baixinho. Senti o leve toque dos seus dedos percorrerem o topo da minha cabeça, suaves como pluma ao descerem para apoiar minhas bochechas. Quando, enfim, ergui meu rosto, ele me encontrou no meio do caminho e me beijou. Tomei cuidado para não tocá-lo no rosto, só no ombro e no braço. Quando ele se afastou, eu parecia acompanhar, meus lábios procurando os dele.

— Você quer ficar comigo, certo? — ele sussurrou. — Então *fique* comigo. Vamos dar um jeito. Se nada mais funcionar, eu confio em você. Você pode olhar dentro da minha cabeça, e isso é tudo o que vai ver.

Sua respiração quente espalhou-se pela minha bochecha como outro beijo.

— Mike vai dar um jeito. Ele vai pensar em uma maneira de nos ajudar a fugir, e então, você, eu e Bolota vamos colocar o pé na estrada. Vamos encontrar o pai de Jack, vamos descobrir um jeito de Bolota reencontrar os pais dele, e, então, vamos falar sobre o que queremos fazer...

Eu me inclinei e beijei a testa dele.

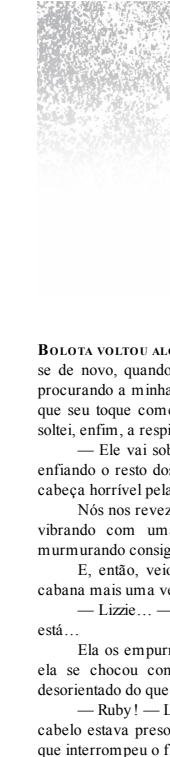
— Você não me odeia mesmo? — perguntei. — Você não está com medo, nem mesmo um pouco?

O rosto espancado dele contorceu-se com o que eu pensei que devia ser um sorriso.

— Eu morro de medo de você, mas por um motivo totalmente diferente...

— Eu sou um monstro, você sabe. Eu sou uma das perigosas.

— Não, você não é — ele prometeu. — Você é uma de nós.



VINTE E OITO

BOLOTA VOLTOU ALGUNS MINUTOS APÓS LIAM CAIR num sono agitado. Ele mexeu-se de novo, quando começamos a limpar os cortes e os sulcos em seu rosto, procurando a minha mão ao primeiro toque do antisséptico ardido. Quando senti que seu toque começou a relaxar e vi suas pálpebras fechando-se novamente, soltei, enfim, a respiração que estava prendendo.

— Ele vai sobreviver — Bolota disse, vendo minha expressão. Ele estava enfiando o resto dos suprimentos na minha mochila. — Ele vai ter uma dor de cabeça horrível pela manhã, mas vai viver.

Nós nos revezamos para dormir, ou ao menos fingimos. Meu corpo estava vibrando com uma energia ansiosa acumulada, e eu podia ouvir Bolota murmurando consigo mesmo, como se tentasse refletir sobre os eventos da noite.

E, então, veio o som de pés batendo contra os degraus de concreto da cabana mais uma vez, e nós paramos de fingir de uma vez por todas.

— Lizzie... — ouvi um dos garotos do lado de fora da porta dizer. — Você está...

Ela os empurrou para passar, abrindo a porta de tela com tanta força que ela se chocou contra a parede. Liam acordou assustando, mais confuso e desorientado do que antes.

— Ruby! — Lizzie estava olhando direto para mim, com o rosto pálido. Seu cabelo estava preso em suas dúzias de *piercings*, mas foi o sangue na sua mão que interrompeu o fluxo de sangue até a minha cabeça.

— É o Clancy — ela arfou, agarrando meus braços. — Ele... caiu e começou a tremer como louco e a sangrar, e eu não sabia o que fazer, mas ele me disse para chamar você, porque você sabia o que estava acontecendo. —

Ruby, por favor, por favor, me ajude!

Eu olhei para as mãos dela, para o sangue molhado.

— É um truque — Liam coaxou do colchão. — Ruby, não se atreva...

— Se ele está mesmo machucado, *eu* é que deveria ir — Bolota disse a Lizzie.

— Ruby! — ela chorou, como se não pudesse acreditar que eu estava ali.

— Havia tanto sangue! Ruby, por favor, *por favor*, você tem que ajudá-lo!

Ele achava mesmo que eu era idiota, não é? Ou ele só achava que a influência dele ia tão longe, que eu poderia esquecer o que ele fizera com Liam e correr para o lado dele? Balancei a cabeça, com raiva rasgando a minha pele. Eu era muito *imaturo e coração mole* para usar minhas habilidades, não era?

Isso é o que veríamos.

Liam ergueu-se numa posição sentada.

— Você o conhece — ele dizia — não faça isso, não...

— Mostre onde ele está — eu disse, por sobre os protestos de Bolota. Virei-me para ele. — Você tem que ficar com o Liam, entendeu? — *Você tem que ficar de olho nele, por que eu não posso.* — Vou cuidar de tudo.

Eu tiraria a gente dali. Não Mike, não por um surto de sorte aleatória — *Eu* tiraria nós três dali, e ver o rosto de Clancy afrouxar-se sob minha influência valeria muito a pena o esforço que seria necessário para entrar na mente dele. Ele não havia me ensinado tudo o que eu precisava saber para fazer isso?

— Ruby... — ouvi Liam dizer, mas tomei o braço de Lizzie e a guiei para fora, passando pelos garotos confusos, para depois das cabanas. Lá fora, a temperatura caíra quase vinte graus.

Lágrimas gordas pingavam pelo queixo dela.

— Ele está no armazém, estávamos falando sobre, sobre...

— Tudo bem — eu disse a ela, colocando uma mão desajeitada nas suas costas. Passamos correndo pelo jardim e subimos pelos degraus atrás do escritório. Ela se embaralhou para colocar a chave na fechadura, deixando-a emperrada. Tive que arrombá-la, já que Lizzie estava muito absorta para fazer qualquer coisa além de sair correndo para dentro. O corredor e a cozinha estavam vazios. Todo o prédio cheirava a alho e a molho de tomate. Todos deviam estar fora, preparando-se para jantar.

Todos menos Clancy, que estava no meio da sala de armazenamento, encostado contra uma prateleira de caixas de macarrão.

Lizzie correu para o canto direito da sala e caiu de joelhos. Ela apalpava o chão, com as mãos trêmulas agarrando apenas o ar.

— Clancy — ela gritou. — Clancy, consegue me ouvir? Ruby está aqui agora. *Ruby*, venha aqui!

Meu estômago revirou-se com violência e eu fiquei surpresa por ter ficado tão triste em confirmar minhas piores suspeitas.

Por que tem que ser assim? Pensei, olhando para ele. Por quê?

— Você veio, você veio mesmo — Clancy disse, com a voz entediada e estável. Parecia que ele estava recitando as palavras de um roteiro. — Obrigado, Ruby. Aprecio sua ajuda na hora da minha necessidade...

— Por que você está aí parada? — Lizzie gritou. — Ajude ele!

— Você é doente — disse, balançando a cabeça. Clancy veio na minha direção, mas eu caminhei para o lado oposto da sala, onde Lizzie estava com o rosto enterrado no chão. — Pare com isso. Eu estou aqui. Não precisa continuar torturando ela.

— Não estou torturando ela — Clancy disse. — Só estou brincando — e, então, para provar que estava certo, ele gritou. — Lizzie, cale a boca!

Ela parou meio engasgada. Uma gota de sangue escapou do seu lábio, onde ela mordera. Peguei suas mãos, virando-as para cima. O sangue vinha *dela*, de dois cortes precisos das palmas das mãos dela.

— O que você quer? — perguntei, virando-me. — Eu disse tudo a você, e, o que eu não disse, você foi em frente e viu!

Só então notei o que Clancy estava vestindo. Belas e bem passadas calças pretas, uma camisa branca de botões sem um pontinho sequer de poeira nela, e uma gravata vermelha, descendo pela barriga dele da mesma forma como o sangue pingava do queixo de Lizzie.

— Eu só estou mantendo você aqui por um tempinho — ele disse — Depois, podemos ir.

— E, para onde, exatamente, estamos indo? — meus olhos estavam fixos na prateleira atrás da cabeça dele, repleta de colheres de metal e tigelas de misturas.

— Onde você quiser — ele disse. — Não foi isso que o Azul prometeu a você?

Tentei ficar calma, mas a forma como ele cuspiu a palavra “Azul” irritou os meus nervos já fragilizados. Não sei se Lizzie sentiu a brusca mudança no meu humor, mas Clancy sentiu. Ele estava sorrindo, o sorriso perfeito dos Gray, o mesmo que me seguira nas instalações de Thurmond.

Bom, eu pensei, deixe-o pensar que estou indefesa. Deixe-o pensar que não havia ameaça real vinda de mim, não até que ele esteja deitado no chão, incapaz de lembrar seu próprio nome.

— Você tem uma oferta melhor? — perguntei.

— E seu eu tiver?

— Acho difícil de acreditar — eu disse, aproximando-me, tentando distraí-lo. — Considerando que você se importa tão pouco comigo. Se essa situação fosse inversa, você não teria vindo correndo, teria?

Ele encolheu os ombros.

— Eu teria vindo. Só teria caminhado.

— Por favor, deixe Lizzie ir embora — eu disse. Assustava-me a forma como ela estava agindo, como uma garotinha. O que havia de errado em ser Laranja, que transformava as pessoas em monstros desse tipo?

— Por quê? Se ela ficar, você não vai pensar em fazer nada, porque isso poderia machucá-la ou pior? — ele disse isso de forma tão casual que cheguei a pensar que ele estava brincando.

— Como você pode ter certeza? — esperei que minha voz soasse mais forte do que eu a sentia na garganta. — Não a conheço tão bem.

— Eu vi suas lembranças. Você é o que os psiquiatras chamam de “excessivamente empática”. Você não faz nada que signifique machucar os outros, não de propósito, pelo menos.

Ele disse isso com extrema segurança, o que causou o choque no seu rosto quando investi em sua direção com muito mais doçura. Pela primeira vez, ele não previra minha resposta, não tinha me puxado sob sua influência. Eu cortei o rosto dele, e o ouvi grunhir enquanto minhas unhas mordiam seu rosto.

A conexão foi instantânea e poderosa. Parecia que alguma parte do que ele dissera era verdade, afinal de contas. Eu precisava *querer* usar minhas habilidades. Eu tinha que *querer* ter controle sobre elas. E, Deus, como eu queria. Eu queria rasgar o cérebro dele em pedacinhos.

As imagens que se agitaram das águas escuras da mente dele eram muito diferentes das que eu vira antes. Em vez do clarão brilhante e dos contornos nítidos e controlados, elas eram rabiscadas com um tipo de carvão aguado. Desfocadas, confusas. Eu vi rostos, inchados e destorcidos, emergirem da superfície turva. Sua mente ficara mole, e parecia que eu podia estender as duas mãos e remodelá-lo.

— Solte-a — eu disse, apertando as mãos em sua garganta. Lancei a imagem dele mandando Lizzie embora, e, um instante depois, ele estava murmurando as palavras

— Lizzie, vá... lá para fora.

Ela saiu correndo pela porta, e eu senti uma excitação tomar conta de mim. Ele tremia sob minhas mãos, com os olhos piscando, mas eu continuei segurando-o.

— Agora — eu disse — você vai nos deixar ir embora também.

Mas, assim que as palavras saíram da minha boca, eu senti o desembaraço. Eu o apertei com mais força, cravando os dedos na pele dele. *Ainda não, implorei, ainda não, eu preciso, eu preciso...*

Tão rápido quanto eu entrara, eu fui jogada para fora, e aquela maldita cortina branca baixou entre nós. Tentei me atirar para dentro de novo, mas Clancy jogou a mão para agarrar meu pulso e eu senti cada músculo do meu corpo duro como pedra.

— Bela tentativa — Clancy fez com que eu caísse no chão como uma

tábua e literalmente pisou em mim para examinar sua bochecha arranhada na superfície refletora de uma panela.

— Nem saiu sangue.

Eu não consegui nem mexer a mandíbula para repreendê-lo.

— É bom ver que minhas aulas trouxeram algum benefício para você — Clancy rosnou, passando a mão sobre o cabelo desganhado. Ele virou-se de novo, ficando de frente para as prateleiras, escondendo o rosto, mas eu vi suas mãos fechando-se ao lado, agarrando o tecido da calça. Eu não o tinha arruinado, mas o deixara aturrido. — Gosto de ver meus alunos esforçando-se, mas não confunda algumas semanas de treinamento com anos de prática.

Concentrei-me para tentar me desvencilhar do bloqueio mental que ele lançara sobre mim. Comecei com os dedos dos pés, imaginando-os se mexendo, um por um. E... nada.

Talvez eu conseguisse apagar as lembranças das pessoas, mas ele podia transformá-las em pedras vivas.

O primeiro grito só veio um segundo depois que eu escutei os primeiros motores zumbindo. Um vento irreal agitava as árvores do lado de fora. Os galhos raspavam contra a lateral do prédio, insistentes, como se quisessem chamar nossa atenção. Vi Clancy contrair-se ao som agudo e estridente das sirenes também, mas ele endireitou-se. Seu rosto estava aceso com entusiasmo e foi isso que me assustou mais, acima de tudo.

— É isso, então — ele disse, limpando o casaco. — Eles finalmente estão aqui.

Eu não conseguia fechar meus olhos. O ar os estava queimando, e, então, o próprio ar estava queimando. O revelador cheiro de fumaça entrou pelas janelas abertas. Disparos, mais gritos, mais luta. Eu imaginei que estava me movendo, de pé e correndo para a porta, até os outros, para me proteger, mas eu não fui além de uma piscadela. Mas aquilo era algo. Eu podia trabalhar com aquilo.

— Você está bem? — Clancy disse ao sentar-se ao meu lado. Um dos seus pés começou a batucar um ritmo no banco. — Não vou deixar que nada aconteça com você.

O sangue rufava nas minhas orelhas. O tipo de grito que vinha de fora não parecia humano, e sim com animais tendo a pele arrancada dos ossos. Parecia dor, terror e desespero. O som do gemido metálico que vinha das paredes aumentava sua intensidade conforme os minutos passavam.

Os coelhos precisam de dignidade e, acima de tudo, a vontade de aceitar seu destino.

Eu senti, em vez de escutar, as pegadas trovejando pelo corredor. Não sabia dizer quantos eram. Eles estavam todos movendo-se em perfeita sincronia. A porta da sala de armazenamento se abriu com força, numa explosão de fumaça e calor.

Eu nunca fora tão grata por algo na vida quanto me sentia ao olhar para o rosto dele quando os FEPs invadiram. A ansiedade nele abriu caminho para uma incompreensão vazia e, então, para pura e inalterada raiva. Seja lá o que Clancy estava esperando, não era os dois soldados das Forças Especiais Psi.

Ele sequer precisou tocá-los.

— Calem a boca! — Clancy chiou, lançando a mão na direção deles. — Saiam! Digam ao seu superior que não havia ninguém aqui!

O homem à frente, com o corpo escondido sob camadas de tecido e armadura, ergueu uma mão coberta de luva contra o dispositivo em sua orelha e disse, em voz monótona “Prédio vazio!”. O sinal que ele deu aos outros dois foi um aceno simples e mecânico. Enquanto eles corriam para fora da sala, percebi que eram eles que estavam soltando a fumaça.

Que os disparos tinham começado por eles.

— Maldição! *Maldição!* — Clancy estava balançando a cabeça. Ele soltou um dos punhos e o atirou contra a prateleira próxima, com o impacto afogado pelos disparos do lado de fora. — Onde estão meus Vermelhos? Por que não os enviou?

Ele levou as juntas machucadas até os lábios e começou a sugá-los, caminhando pelo curto espaço da sala. Sua respiração saía em curtos estouros e parecia refletir a rápida transformação de seus pensamentos.

Meus Vermelhos. Eram dele — a forma como falou sobre eles não deixou dúvidas na minha mente do que estava implícito ali. O Projeto Jamboree, o programa do pai dele.

Não, eu pensei, não do pai dele.

Eu podia ver os diferentes cacos da imagem completa à minha frente agora. Quando ele explicara o programa pela primeira vez, eu não o conhecia tão bem, nem vira o que ele era capaz de fazer, não o bastante para juntar as pistas que ele, sem querer, deixara para eu desvendar.

De fato, não havia uma única pessoa no mundo imune às habilidades dele, nem mesmo o presidente Gray.

Clancy ainda estava caminhando pela sala como uma pantera enjaulada, com os músculos das costas ondulando a cada jato de tiros. Então, ele parou, olhando para as janelas e para a fumaça.

— Quem contou para você, seu desgraçado? — ele disse, com a voz tão baixa que eu não tinha certeza de que ele sabia que estava falando em voz alta. — Qual deles saiu da minha influência e descobriu? Eu tomei *tanto* cuidado. Tanto cuidado...

Ele se virou e arrastou-se na minha direção, e eu vi toda a verdade escrita no seu rosto. A mesma mão que sangrava com a pele recém-partida era a que persuadira seu pai, seus conselheiros, todos que fossem necessários, para considerar o Projeto Jamboree. Clancy não disse que, antes que seu pai

percebesse que o estava controlando, ele deu um jeito de garantir que o programa corresse sem problemas, e que os garotos estavam sendo bem tratados?

Ele podia muito bem ter feito mais que isso. Se ele tinha todo o East River sob sua influência, quem diria que não podia controlar um pequeno exército de Vermelhos também?

Clancy deve ter visto a percepção em meus olhos, porque soltou uma risada baixa e sem graça.

— Eu me esqueço, às vezes, sabe, que ele não é idiota. Mesmo depois que ele, enfim, descobriu que eu o estava manipulando, ele nunca percebeu que o Projeto Jamboree tinha vindo de mim. Eu garanti isso, depois que escapei. Eu até saía do East River para verificá-los, de tempos em tempos, para garantir que minha influência ainda estava ali. Eu sincronizei *perfeitamente* o momento em que a informação do local de East River vazaria com o fim do programa de treinamento deles.

Uma mão transformou-se em punho em seu cabelo, e havia algo falando em sua voz quando ele falou de novo.

— Eu cresci idolatrando-o, mas quando eu vi o que ele era de verdade, o que ele podia fazer com seu *próprio* filho... — suas palavras engasgaram um pouco. — *Quem* foi? Quem deu a dica a ele? Como é que ele sabia que deveria mandar os FEPs em vez disso? Eu deveria estar controlando meus Vermelhos agora, e nós todos deveríamos estar marchando até Nova York para acabar com ele...

Clancy curvou-se de repente, agarrando a frente da minha camisa e erguendo-me do chão. Ele me sacudiu, forte o bastante para que eu quase mordessem e arrancasse fora minha língua, mas ele não disse uma única palavra. As balas e os gritos do lado de fora não tocaram sua expressão de pedra, ou seus pensamentos. A fumaça começou a rastejar pelo chão, rolando, arremessando-se, tomando conta de tudo em seu caminho. Sem aviso, as mãos de Clancy soltaram minha camisa e deslizaram pelos meus ombros, numa carícia de amante, seus dedos se fecharam em torno do meu pescoço e eu tive muita certeza, uma maldita certeza, de que ele ia me beijar, em sua fúria, ou me matar.

Mais passos, mais leves do que antes, mas não menos urgentes. Clancy olhou para cima, enrugando a testa com irritação.

Não vi o que aconteceu a seguir, apenas o resultado. Clancy saiu voando pelas prateleiras com tanta força que houve um estalo audível quando sua cabeça fez contato com a parede dos fundos. Seu corpo destruiu as prateleiras de macarrão e farinha, pousando numa pilha bagunçada no chão.

O rosto invertido de Bolota apareceu sobre o meu. Seus óculos estavam arranhados e entortados, e seu rosto e a camisa estavam manchados de fuligem,

mas ele não parecia estar ferido.

— Ruby! Ruby, consegue me ouvir? Precisamos correr — por que ele parecia tão calmo? Os tiros rufavam nos meus ouvidos, um fluxo infinito de pequenos estalos e explosões. — Consegue andar?

Eu ainda estava muito dura para fazer algo além de balançar a cabeça.

Bolota cerrou os dentes e deslizou os braços debaixo das minhas axilas, certificando-se de ter segurado bem.

— Segure-se, vou tirar a gente daqui. Mexa-se quando puder.

Fora da segurança do escritório não havia como escapar dos ruídos. Meu coração ganhou vida, batendo contra minhas costelas.

O gás lacrimogênio e a fumaça revestiam o ar em camadas espessas. Por todos os lados havia fogo, no chão, subindo pelas árvores, pingando sobre os telhados das cabanas. Meu rosto e meu peito pareciam ter pegado fogo também. O vento soprou o fogo para tão perto de nós, que Bolota teve que bater nos meus jeans para que eu não ardesse em chamas. Ele grunhiu e eu sabia que ele estava lutando para continuarmos andando com o meu peso. Eu queria dizer-lhe para me largar, para pegar as cartas no casaco de Liam e correr.

Liam. Onde está Liam?

Através da cinza rodopiante, eu vi as fileiras de uniformes pretos conduzindo as crianças do acampamento pelo caminho até as cabanas. Vi uma garota ser arrancada de sua cabana e atirada na terra, para ser puxada pelo cabelo. Dois garotos que reconheci da equipe de segurança do acampamento ergueram as armas para os Vermelhos, que os explodiram numa nuvem de fogo.

— PAREM ONDE ESTÃO!

O ar foi arrancado do meu peito quando Bolota me largou para atirar aquele mesmo soldado em cima da árvore. Quando seus braços circundaram meu peito de novo, estávamos caminhando mais rápido do que antes.

E, então, estávamos caindo, tropeçando para baixo da colina. Bolota soltou um coaxado surpreso conforme rolávamos, batendo em arbustos e brasas no caminho. As costas da minha mão bateram numa árvore, mas eu não conseguia ver para onde estávamos indo. A fumaça me cegou.

Parei devagar na base da colina, afundando de cara na margem enlameada. Minhas mãos e pernas convulsionavam conforme os sentidos voltavam a elas.

Senti mãos nas costas do meu casaco. Bolota me arrastou de costas, engasgando e tossindo.

Vamos morrer. Vamos morrer. Vamos morrer.

Os coelhos precisam aceitar seu destino, os coelhos precisam de dignidade e, acima de tudo, a vontade de aceitar seu destino, seu destino, seu destino, seu destino...

A água estava muito gelada e me engoliu por inteiro. O choque atravessou os meus membros, acordando-os com um tapa. Eu lutei contra a água, batendo

os braços para sair pela superfície. O céu manchado de laranja estava esperando, conforme eu irrompia na noite, tossindo água e ar envenenado.

Bolota encontrou-me de novo. Uma mão agarrada a um poste de madeira, a outra estendida para mim. *A doca*, pensei, *nessa doca*. Dei um chute na direção dele e deixei Bolota me arrastar para baixo da cobertura da velha madeira. Os helicópteros voando no alto agitaram o lago num frenesi de ondas e padrões. Eu mal conseguia manter a cabeça acima da borbulhante água gelada, mas estava alerta o bastante para ver os holofotes lá em cima, dançando sobre a superfície da água.

Mantive um braço em torno dos ombros de Bolota e usei minha mão livre para alcançar e agarrar os suportes da doca, escorregadios como alga. Ele fez o mesmo, e esperou até que o som de botas e armas sumisse do alto, antes de sussurrar:

— *Ah, meu Deus!*

Movi meu braço para ficar mais próxima dele e o abracei o mais forte que meus músculos moles conseguiram. Não ousamos falar, mas eu sentia que ele balançava a cabeça. Ele sabia o que eu estava tentando dizer, eu sabia o que ele queria perguntar, e nenhum de nós conseguia encontrar as palavras que estavam engasgadas em meio à fumaça e aos gritos.



VINTE E NOVE

MINHAS PERNAS ESTAVAM MEIO CONGELADAS quando finalmente tivemos coragem suficiente para nos movermos. Estava silêncio há algum tempo, desde que o sol começou a aquecer o céu. Os helicópteros desapareceram primeiro, depois o som dos disparos. Entre nós dois, havia só respiração e medos sussurrados sobre o que acontecera com os outros — com Liam.

— Não sei — ele disse. — Nós nos separamos. Ele pode estar em qualquer lugar.

Eu queria ter nos tirado da água duas horas antes, mas continuávamos ouvindo o som de árvores caindo e os remanescentes estalos da terrível tempestade de fogo.

Meus músculos estavam tão rígidos que demorei três vezes mais para subir na doca do que teria demorado normalmente. Bolota desmoronou ao meu lado, tremendo a cada brisa fria que cortava nossas roupas molhadas. Subimos de volta rastejando pelo caminho, abaixados no chão até termos certeza absoluta, além da medida, de sermos os últimos remanescentes.

A maioria das cabanas tinha sumido — só havia pilhas de madeira chamuscada e pedra. Algumas ainda estavam de pé, queimadas e ocas, ou com os telhados faltando. Cinzas voavam ao nosso redor como neve, acumulando nos nossos cabelos e grudando em nossas roupas molhadas.

— Devíamos ir para o Escritório — eu disse. — Entrar lá. Podemos recolher suprimentos e então tentar sair e procurar Lee...

Os pés de Bolota desaceleraram ao meu lado e eu vi, pela primeira vez, como os olhos dele estavam vermelhos.

— Ruby...

— Não diga isso — eu avisei, com a voz afiada. Não era uma opção. — Não.

Eu não queria pensar em Lee. Não queria pensar em Zu ou nas outras crianças que haviam saído do acampamento. Tínhamos que continuar andando. Se eu parasse agora, eu sabia que jamais seria capaz de começar de novo.

Os quartos da frente estavam livres. As caixas e os barris haviam sido removidos. Eu forcei Bolota a caminhar atrás de mim quando entrei na sala de armazenamento, mas ela estava vazia.

— Talvez eles o tenham capturado — Bolota disse, esfregando a cabeça. Fiz uma careta.

— Quando é que tivemos tanta sorte?

Lá em cima, o quarto estava perfeito. Antes de sair, Clancy arrumara a cama, guardara as pilhas de papéis e caixas e, ao que parecia, tinha tirado o pó. Puxei a cortina branca para trás com força, unindo as duas metades do quarto enquanto Bolota mexia com a TV, clicando no botão de liga e desliga.

— Eles cortaram a eletricidade — ele disse. — Quer apostar que cortaram a água também?

Desmorenei na cadeira do escritório de Clancy e pressionei o rosto contra a madeira escura. Bolota tentou arrancar o casaco molhado de Liam dos meus ombros, mas eu não o deixei.

— Obrigada por ter vindo me procurar — eu disse, fechando os olhos.

— Sua imbecil — disse Bolota com carinho. Ele me deu um tapinha nas costas. — Sempre entrando em encrenca.

Quando não me movi, senti sua mão ainda no meu ombro.

— Ruby?

— Por que ele fez isso? — sussurrei. Tudo nesse quarto lembrava Clancy, desde o cheiro até a forma como ele organizara os livros por cor nas prateleiras. — Ele simplesmente atirou todos aos lobos...

Bolota agachou-se ao meu lado, com os joelhos estalando como os de um velho. Sua mão nunca saiu do meu braço, mas ele parecia lutar com o que queria dizer em seguida.

— Longe de mim sequer chegar perto de desvendar aquela mente infernal — ele disse, com cuidado. — Mas eu acho que ele só gostava de estar no controle. No comando. Ele se sentia poderoso ao manipular as pessoas, porque ele sabe que, fora desse lugar, ele é tão vulnerável quanto nós. Existem pessoas assim, sabe? As mentes mais sombrias tendem a se esconder por trás dos rostos mais improváveis. Ele interpretava o papel de bom líder, mas ele não era como... não era como Lee, ou Jack. Ele não queria ajudar as crianças porque acreditava que todos mereciam sentirem-se fortes e protegidos. Clancy só pensava nele mesmo. Ele nunca teria pulado na frente de outra pessoa e... ele nunca teria tomado uma bala.

Com isso, eu me sentei.

— Pensei que Jack tinha levado um tiro ao escapar.

Bolota balançou a cabeça.

— Jack levou um tiro para me proteger e ele me protegeu porque... — ele respirou fundo. — Porque ele achava que eu não conseguia me proteger sozinho. Ele não percebeu o quanto tinha me ensinado.

— Sinto muito — eu disse, sentindo as lágrimas pinicarem os meus olhos. — Por tudo.

— Eu também — ele disse, após um instante, e eu não precisei olhar para trás para ver que ele estava chorando também.

O *laptop* estava guardado na gaveta de cima da escrivaninha dele, com uma nota amarela ofuscante grudada na tampa dele.

Ruby,

Eu menti. Eu teria fugido.

— CG

— Bolota! — gritei, chamando-o. O som inicial era estranhamente doce. Sininhos.

— Ele simplesmente o deixou aí? — Bolota perguntou, batendo os dedos contra a escrivaninha. — O cartão de internet sem fio dele ainda está aí?

Estava, mas Clancy tinha tomado o cuidado de limpar todo o resto do computador. Só restava o ícone da internet, bem no meio da tela.

— Por que o relógio no canto está marcando quinze? — Bolota perguntou, sentando-se na cadeira. Inclinei-me para ver para onde ele estava apontando. A bateria. Só tínhamos quinze minutos.

— Aquele *babaca* — enfureci-me.

Bolota balançou a cabeça. — É melhor que nada. Contanto que a conexão funcione, podemos usá-lo para tentar descobrir uma forma de sair daqui. Podemos até olhar o novo endereço do pai de Jack.

— E postar sua mensagem para seus pais — eu disse, sentindo uma frágil onda de felicidade me atravessar.

— Tudo bem, eu prefiro usar esses... catorze minutos para encontrar o pai do Jack — ele disse. — Talvez, eu até consiga ligar para ele se o computador tiver um microfone.

Ele não ousou ligar para os próprios pais.

— Sério? — comecei. — Você vai demorar dois segundos para postar a mensagem. Você se lembra?

— O bastante para fazer funcionar — ele disse.

Caminhei pela sala de forma apática, escutando-o digitar, absorvendo o odor rançoso da sala. Meus pés levaram-me até o lado da cama de Clancy, onde,

enfim, parei, minha raiva por ele sobrepujando até a ansiedade que eu sentia.

A janela estava coberta de fuligem e protestou com amargura quando eu tentei abri-la. O fluxo de ar fresco que entrou fez valer a luta. Inclinei-me para a frente, apoiando os braços no peitoril. O acampamento espalhava-se à minha frente em pilhas de cinzas e terra chamuscada, mas era muito fácil imaginar onde o aglomerado de crianças costumava ficar, esperando para pegar sua comida perto da fogueira. Quando fechei os olhos, deu para ouvir a risada e o rádio subindo até mim, sentir o gosto do tempero de chili e fumaça de madeira no ar. Eu vi Liam lá embaixo, o holofote transformando seu cabelo em puro ouro, enquanto ele se curvava numa conversa silenciosa com os outros.

E, quando meus olhos se abriram, eu não estava mais só imaginando-o.

Saí correndo da sala, ignorando a maneira como a voz de Bolota me seguiu. Desci a escada tropeçando, tentando dar muitos passos de uma vez, voei pela entrada e saí pela porta que estava pendurada por pouco no batente.

Ele estava lá embaixo na trilha, na direção das cabanas, lutando para sair do labirinto de árvores e prédios caídos. Seu rosto espancado estava contorcido de dor e medo e ele mal conseguia mancar através dos destroços.

— Lee! — a palavra explodiu para fora de mim. Ele derrubou a madeira chamuscada de suas mãos e lutou para subir a árvore, atravessando cegamente pelas folhas e pelos galhos. Vendo-me. Acreditando e não acreditando, tudo de uma vez — Ah, meu Deus! — atirei os braços em volta do seu pescoço e quase derrubei nós dois.

— Obrigado — ele estava sussurrando — obrigado, obrigado... — E, então, ele estava beijando meu rosto, cada centímetro que conseguiu encontrar, limpando as lágrimas e a fuligem, cantando meu nome.

Liam não foi o único que escapou, mas ele foi o único que voltou.

Ele revivera a noite para nós, enquanto estávamos sentados no escritório de Clancy, comendo as comidas que restaram na sala de suprimentos. Bolota tinha o *laptop* ao seu lado, checando a cada dois minutos esperando por uma mensagem de seus pais, ou verificando de novo o endereço que encontrara do pai de Jack.

Quando a luta iniciara, a surpresa foi tanta, que a maioria das crianças da Guarda não conseguiu chegar às cabanas a partir dos portões externos, a tempo de fazer uma diferença verdadeira. Os que estavam fora do turno vieram à nossa cabana e o forçaram — ... ou melhor, me carregaram — Liam disse, com amargura — para fora, correndo para uma das trilhas laterais escondidas que haviam sido marcadas para este fim. Eles caminharam até amanhecer, sem parar, até chegarem naquele mesmo trecho da rodovia no qual fomos encontrados.

— Havia talvez vinte de nós, no máximo — ele disse, agarrando minha mão. — Todos em más condições. Liv e Mike encontraram um carro que estava

funcionando e empilharam os que estavam muito mal atrás, para procurar um hospital, mas...

— E o resto deles? — perguntei.

— Eles fugiram — Liam esfregou os olhos e se contraiu. A pele ainda estava macia, ficando preta.

— E por que *você* não fugiu? — Bolota exigiu. — O que você tem na cabeça em voltar aqui, sabendo que ainda poderia haver FEPs?

Liam só roncou.

— Você acha que isso importava para mim, por um segundo, quando havia uma chance de vocês dois ainda estarem aqui também?

Não tínhamos tempo a perder, todos conhecíamos os FEPs bem o suficiente para saber que havia uma chance de retornarem para procurar sobreviventes. Os dois começaram a trabalhar imediatamente no armário de suprimentos, tentando descobrir quanta comida podíamos levar conosco. Tentei ser útil também, mas podia sentir minha atenção desviando-se lá para cima, para a escrivainha de Clancy.

Enfim, cedi à minha inquietude e deixei os dois absortos numa discussão sobre comida enlatada. Voltei lá para cima, batendo na parte de dentro do casaco de Liam para garantir que as cartas ainda molhadas de Jack e de Bolota estavam ali.

Restavam dois minutos de bateria do *laptop*. O ícone de força estava piscando, avisando que as reservas estavam baixas. A tela perdeu a luminosidade e as luzes do teclado apagaram. Digitei o mais rápido que pude, buscando nas Páginas Amarelas *online* por Ruby Ann Daly, Virgínia Beach.

Nenhum resultado.

Tentei de novo, só com o nome dela. Uma lista apareceu, mas era para Salem. Eu não vivia lá há quase uma década, mas reconheci o endereço dos meus pais quando o vi.

Um minuto e quinze segundos. Procurei no histórico de sites pelo site sobre o qual Bolota falara, aquele que permitia fazer ligações, e digitei o número de telefone. Perdi dois segundos com cada toque.

Não acho que eu queria falar com ela, tanto quanto ouvi-la falar. Procurá-la não era mais uma opção para mim. Havia coisas mais importantes para cuidar. Mas eu precisava saber que ela ainda estava lá — que havia mais uma pessoa no mundo que se lembrava de mim.

Ouvi um clique. Meu coração pulou na garganta, meus dedos se curvaram contra a mesa.

A voz da minha mãe.

Olá, você ligou para a residência de Jacob, Susan e Ruby Daly...

Não sei por que comecei a chorar naquele instante. Talvez eu estivesse exausta. Talvez estivesse cansada de como tudo tornara-se difícil. Eu estava feliz

pelos três estarem juntos, por mamãe e papai terem consertado a família e substituído uma Ruby pela outra. O que eu mais percebera, ao longo dos últimos dias, foi o quanto era importante para nós cuidarmos uns dos outros e ficarmos juntos. E eles estavam cuidando uns dos outros. Bom.

Bom.

Mas isso não significava que eu não iria fechar meus olhos e fingir, ainda que só por alguns minutos, que eu era a Ruby que ainda vivia em Millwood Drive.



TRINTA

HORAS DEPOIS, QUANDO HAVIA APENAS NÓS TRÊS de volta na estrada, enfim tivemos uma chance de contar a Liam o que acontecera conosco na noite anterior.

— Graças a Deus que Bolota encontrou você — Liam disse, balançando a cabeça. — Você o conhecia melhor do que qualquer um de nós e, ainda assim, você foi.

— Eu pensei mesmo que podia controlá-lo — eu disse, encostando a cabeça contra a janela gelada. — Sou uma idiota.

— Sim, você é — Bolota concordou. — Mas você é *nossa* idiota, então tome mais cuidado da próxima vez.

— Assino embaixo — Liam disse, entrelaçando os dedos nos meus sobre o descanso de braço.

Encontramos um carro abandonado ao largo de uma estrada lateral, alguns quilômetros a oeste do East River, e o pegamos porque ainda tinha um quarto de tanque de gasolina. Andar naquele carro não era nada como andar na Betty. As longas pernas de Bolota ficavam cravadas nas costas do meu banco, e o carro cheirava a comida chinesa velha. Ainda assim, ele funcionava. Depois de um tempo, tornou-se nosso.

— Lá está outro — Bolota disse, batendo na janela.

Abri os olhos e entortei o pescoço para trás, dando uma rápida olhada para o poste branco. Acima dele, havia uma caixa branca e, acima dela, uma pequena antena. Câmeras, por todos os lados.

— Talvez devêssemos sair da rodovia — Liam sugeriu.

— Não! — Bolota disse. — Vimos só dois carros desde que entramos na sessenta e quatro, e vamos demorar o dobro de tempo para chegar a Annandale se sairmos da estrada de novo. De qualquer forma, eles estão procurando por Betty, e não por esse carro.

Liam e eu partilhamos um olhar.

— O que a mensagem da sua mãe dizia mesmo?

— Ela disse para fazer uma reserva no restaurante da minha tia e esperar por eles na cozinha — Bolota disse. — Eu fiz isso lá do East River, então acho que está tudo pronto para encontrarmos com eles lá, esta noite. Pode ser que minha tia até nos alimente.

— Vamos deixá-lo lá primeiro, então — Liam disse.

— Não — Bolota disse. — Quero entregar a carta do Jack

— Bolota...

— Não me venha com *Bolota* — ele lançou. — Eu devo muito ao Jack. Quero fazer isso.

O endereço do pai de Jack era um motel Days Inn, bem longe da vizinhança de casas de Annandale. Liam parecia achar que tinha sido convertido num complexo residencial para trabalhadores que estavam reconstruindo D.C., mas não havia como provar sua teoria, até que um velho ônibus dilapidado parou ao lado do nosso carro no estacionamento e descarregou uma dúzia de homens cobertos de poeira, segurando roupas chamativas e capacetes.

— Quarto um zero três — Liam disse, inclinando sobre o volante. Ele fez força com o olho bom. — O cara de camisa vermelha. É, é ele, Jack se parecia muito com ele.

O homem era baixo e quadrado, com um bigode grisalho e nariz largo.

Bolota enfiou a mão no nosso meio e arrancou a carta amassada da minha mão.

— Calma, Turbo — Liam disse, trancando o carro. — Nem verificamos para garantir que ele não está sendo observado.

— Estamos aqui há quase uma hora, você está *vendo* alguém? Os únicos carros no estacionamento estão vazios. Ficamos quietinhos, como você queria, e funcionou. — ele abriu a fechadura com a mão. Liam o encarou por um instante, antes de ceder.

— Tudo bem, só tome cuidado, por favor?

Nós o observamos correr pelo estacionamento, olhando para os lados. Certificando-se de que, na verdade, não tinha ninguém observando o quarto 103. Ele lançou um olhar de *eu não disse?* por sobre o ombro.

— Legal — Liam disse. — Muito legal.

Estendi a mão e acariciei seu ombro.

— Você sabe que vai sentir falta dele.

— É loucura, não é? — ele disse, com uma leve risada. — O que vou fazer sem ele me dizendo como é perigoso abrir comida enlatada da forma errada?

Liam esperou até Bolota erguer a mão e bater na porta para soltar o cinto de segurança e inclinar-se para me dar um leve beijo.

— Para que foi isso? — eu disse, rindo.

— Para colocar a sua mente na direção certa — ele disse. — Depois de

levá-lo para casa, temos que descobrir como encontrar Zu e os outros, antes dos FEPs.

— E se...

A porta do quarto 103 abriu e o rosto do Sr. Fields apareceu, cansado e suspeito. Bolota ergueu a carta enrugada e a estendeu para ele. Queria que Bolota estivesse num ângulo que nos permitisse discernir o que ele estava falando. O rosto do homem ficou vermelho, tão escuro que combinou com sua camisa de trabalho. Ele gritou algo, tão alto, que os vizinhos abriram as cortinas para ver o que estava acontecendo.

— Isso é ruim — Liam disse, destravando a porta. — Eu sabia que deveria ter ensaiado com ele antes.

A porta fechou na cara de Bolota, abrindo-se de novo até o fim. Eu vi um brilho prateado, vi Bolota erguer as mãos e dar um passo para trás.

O tiro rasgou o pôr do sol e, quando gritei, Bolota já estava no chão.

Corremos na direção do quarto, gritando por ele. Todos os moradores do conjunto agora estavam do lado de fora, a maioria homens, algumas mulheres. Seus rostos eram borrões monstruosos.

O pai de Jack ergueu a arma trêmula em nossa direção, mas Liam o atirou de volta para o quarto e fechou a porta com um movimento de sua mão. Meus joelhos deslizaram pelo asfalto solto enquanto me jogava ao lado de Bolota.

Seus olhos estavam abertos, olhando para mim, piscando. *Vivo*.

Ele tentou dizer algo, mas eu não consegui entender por sobre os gritos de dentro do 103.

— *Malditas aberrações! Saiam daqui, suas aberrações do inferno!*

Sangue vermelho brilhante borbulhou bem debaixo do ombro direito de Bolota, espalhando-se pela sua camisa com centenas de dedos deslizantes. Eu não consegui fazer nada, a princípio. Não parecia real. Liam tomou a arma do homem, apontando para o 104 e o 105.

— Está tudo bem — ouvi alguém dizer atrás de nós. Liam virou-se, com o dedo no gatilho, o rosto petrificado. O homem ergueu as mãos, estava segurando um pequeno telefone. — Só vou ligar para a emergência, está tudo bem, vamos chamar ajuda.

— Não deixe ele ligar — Bolota arfou. — Não deixe me levarem — ele engasgou com as palavras. — Preciso ir para casa.

Liam olhou para trás, por cima do ombro.

— Pegue as pernas dele, Ruby.

— Não mexa nele — o homem do 104 disse. — Você não pode mexer nele!

O pai de Jack apareceu atrás de nós de novo, mas o homem com o celular o empurrou para dentro do quarto e chutou a porta atrás dele.

— Pegue ele — Liam disse, enfiando a arma na cintura do jeans.

Enfie os braços debaixo dos de Bolota, carregando-o da mesma forma que ele me carregara. Um dos outros homens entrou na frente, talvez para nos impedir, talvez para ajudar.

— Não toque nele! — gritei. Eles se afastaram, mas por pouco.

Bolota pressionou a própria mão contra o ferimento, com os olhos arregalados e sem piscar. Liam pegou as pernas dele e, juntos, o carregamos. Os homens gritaram atrás de nós, dizendo que a ambulância chegaria a qualquer minuto. A ambulância, junto com todos os FEPs. Os soldados não o salvariam, eles não faziam isso. Eles prefeririam ver uma aberração morrer.

— Não deixe eles me levarem — Bolota soltou. — Mantenha minhas pernas abaixo do peito, Lee, não levante tanto, não para feridas no peito, respiração difícil.

Não foi o falatório que mandou os picos de medo direto para o meu coração, mas o pulso infinito de sangue vazando por trás das mãos dele. Ele estava tremendo, mas não chorando.

— Não deixe eles me levarem...

Subi no banco de trás primeiro, puxando Bolota para dentro atrás de mim. Seu sangue ensopou a parte da frente da minha camisa, queimando a minha pele.

— Mantenha... pressão sobre ele — Bolota me disse. — Mais forte... Ruby, mais forte. Vou tentar... segurar com...

Suas habilidades, eu acho. O sangue pareceu diminuir um pouco quando suas mãos o cobriram de novo. Mas quanto tempo isso podia durar? Minhas mãos cobriram as dele, tremendo tanto que devem ter feito mais danos do que bem.

— Deus — eu dizia. — Ah, meu Deus, não feche os olhos, fale comigo, continue falando comigo, me diga o que fazer!

O carro guinchou ao virarmos para sair do estacionamento. Liam pisou no acelerador o mais forte que pôde, batendo com as mãos contra o volante.

— *Merda, merda, merda!*

— Me leve para casa — Bolota implorou. — Ruby, faça ele me levar para casa.

— Você está indo, você vai ficar bem — eu disse a ele, inclinando para que ele pudesse ver meus olhos.

— Meu pai...

— Não, Lee, *hospital!* — eu não estava falando em frases, e Bolota também não, não mais. Ele fez um som, como se estivesse engasgando com a própria língua.

Quando os vislumbres vieram, estavam banhados no mesmo vermelho brilhante que o sangue dele. Um homem sentado numa poltrona grande, lendo. Uma bela mulher, apoiada numa mesa de cozinha. Um padrão de ponto-cruz, uma placa de sala de emergência. O preto no canto da minha visão estava se

curvando. Alguém pegara uma faca e a enfiara bem no meu cérebro.

— Alexandria fica a meia hora daqui — Liam gritou, virando-se sobre o ombro. — Não vou levar você lá!

— Hospital Fairfax — Bolota apitou. — Meu pai... falem para bipar o papai...

— Onde fica? — Liam exigiu. Ele olhou para mim, mas eu também não fazia ideia. Ocorreu-me que havia uma chance de estarmos andando há tanto tempo que Bolota iria morrer. Ele sangraria até a morte bem aqui, bem agora, no meu colo. Depois de tudo.

Liam girou o carro com tanta força que tive que segurar a mim e a Bolota para não voarmos do banco. Mordi a língua, esforçando-me para evitar gritar de novo.

— Continue falando com ele! — Liam disse. — Bolota, *Charles!*

Não sei quando e onde ele perdera os óculos. Seus olhos estavam vermelhos nas bordas, olhando para meu rosto. Tentei segurar seu olhar o máximo que pude, mas ele estava tentando me dar alguma coisa. Bolota ergueu a mão, de onde caíra sobre seu estômago.

A carta de Jack As beiradas ensopadas de sangue molhado e pegajoso, mas aberta. Pronta para ser lida.

A caligrafia era pequena e amarrotada. Cada letra tinha um halo fantasmagórico ao redor, do tempo em que ficaram submersas conosco no lago, e algumas tinham sumido por completo.

Querido papai,

Quando você me enviou para a escola naquela manhã, pensei que você me amava. Mas, agora, eu vejo quem você é de verdade. Você me chamou de monstro e aberração. Mas foi você quem me criou.

— Fale para ele ler... — Bolota lambeu os lábios. Tive que me curvar para ouvir a voz por causa do vento lá fora. — Fale para o Lee ler minha carta. Eu escrevi... foi para ele.

— Charles — eu disse.

— *Prometa* — seja lá o que havia se alojado na minha garganta, tornou impossível falar. Eu movi a cabeça. Um fluxo de sangue borbulhou debaixo de nossas mãos, vindo mais rápido do que antes.

— Onde é? — Liam estava gritando. — Bolota, onde é o hospital? Você tem que, você tem que me dizer onde é!

O carro começou a tremer, depois a uivar, soando mais como uma fera do que uma máquina. Liam bateu num buraco na estrada que abriu com tudo o capô da frente, junto com uma nuvem de fumaça azul-cinza. Andamos mais uns dez, talvez vinte metros, até que o carro chacoalhou e morreu.

Olhei para cima, encontrando o olhar dele.

— Eu posso consertar — Liam jurou, com a voz falhando. — Eu posso consertar... só... só... continue falando com ele, ok? Eu posso consertar isso. Eu

posso.

Eu esperei até ouvir a porta bater atrás dele, antes de fechar os olhos. Bolota ficara tão inerte, tão pálido, gritar ou sacudi-lo não o traria de volta. Senti o sangue vazar pelas minhas mãos, escarlate sob o céu encoberto, e pensei no que ele dissera na noite em que Zu nos deixou. *Está acabado. Está tudo acabado.*

E estava. A calma irreal que tomara conta de mim me disse isso. O tempo todo, estivemos lutando. Eu batalhei desde que saí de Thurmond, lutando contra as amarras que todos queriam enrolar em volta de mim, chutando e me defendendo do inevitável. Mas eu estava tão cansada agora. Tão cansada. Eu não podia negar o que um pedaço de mim sabia desde o momento em que os FEPs destruíram o meu mundo. O que um pedaço de mim sabia o tempo todo.

O que a Srta. Finch dissera, há tantos anos? Que não havia recomeços ou retornos? Que, uma vez que alguém partia, partia para sempre. Flores mortas não floresciam e não cresciam. Um Bolota morto não podia sorrir, não podia cuspir frases aleatórias, não ficaria amuado. Um Bolota morto era unimaginável.

Enfie a mão no bolso do casaco de Liam e apertei o botão do pânico. Vinte segundos se passaram, cada um parecendo mais demorado do que o último. Ele vibrou um pouco, como um reconhecimento, e eu o soltei.

Lá fora, Liam batia metal contra metal, ficando mais desesperado e nervoso a cada segundo. Eu queria chamá-lo de volta, para que ele ficasse ao lado de Bolota, porque eu tinha certeza de que esse era o fim. Tinha certeza de que ele ia morrer ali nos meus braços, menos de vinte e quatro horas depois de ter me salvo. E eu não podia fazer nada por ele, a não ser segurá-lo.

— Não morra — sussurrei. — Você não pode morrer. Você tem que ter aulas de cálculo, e ir a jogos de futebol, e ir à formatura, e fazer matrículas nas faculdades, e não pode morrer de jeito nenhum. Você não pode... *não pode.*

Eu saí de mim. Uma dormência familiar tomou conta de todo o meu corpo. Estava vagamente ciente de Liam gritando algo do lado de fora. Meus braços apertaram-se contra o peito de Bolota. Ouvi passos arrastados contra o asfalto do lado de fora, e eu só conseguia sentir o cheiro de fumaça e sangue. Eu só conseguia ouvir a batida do meu próprio coração.

Foi quando a porta à minha frente abriu e o rosto de Cate apareceu.

E foi quando comecei a chorar, de verdade.

— Ah, *Ruby* — ela disse, angustiada. — *Ruby.*

— Por favor, ajude-o — soluzei. — Por favor!

Dois pares de mãos tentaram me levar para fora. Meus braços ainda envolviam Bolota. Eu não podia mover as mãos. Havia tanto sangue. Eu chutei e bati contra seja lá quem estivesse tentando nos separar.

— Ruby, querida — Cate disse, de repente ao meu lado. — Ruby, você precisa soltar agora.

Eu cometera um erro. Isso fora um erro. Um ruído terrível encheu o ar e

só quando Liam estava lá, me segurando, com os braços em torno dos meus ombros, que eu percebi que estava gritando o tempo todo.

Havia três carros cercando nosso pedaço de metal inútil e fumegante. Todos eram caminhonetes.

— Se você buscar ajuda para ele, iremos com você — ouvi Liam dizer a Cate. — Vamos com você. Vamos fazer o que você quiser.

— Não — gritei — *não!*

Liam estava me segurando firme, mas senti como os braços dele tremiam. Nós os observamos colocando a forma rígida de Bolota na parte de trás de uma das caminhonetes e a porta sequer havia se fechado quando ela disparou pela rodovia. O sangue de Bolota ainda estava quente na minha pele, ficando mais frio a cada segundo, e eu quis rastejar para fora dele.

— Por favor — Liam disse, com a voz falhando. — Fique calma. Você tem que ficar calma. Estou com você. Estou bem aqui.

Senti uma picada na nuca, que surgiu e desapareceu, mais rápida do que uma respiração. Todos de uma vez, senti os músculos relaxarem. Eu estava sendo arrastada para a frente, com as pernas molengas, com a imagem da caminhonete mais próxima entrando e saindo do foco. *Lee?* Eu queria dizer, mas minha língua estava muito pesada. Alguém colocou um capuz preto no meu rosto e eu estava sendo erguida — para o alto, para o ar, como meu pai costumava fazer quando eu era criança. Quando eu pensava que podia crescer e voar.

E, então, a verdadeira escuridão chegou.

TRINTA E UM

FOI A ÁGUA FRIA QUE ME ACORDOU, MAIS DO QUE A VOZ suave da mulher.

— Você está bem — ela disse. — Ruby. Você vai ficar bem.

Não sei ao certo quem ela pensava que estava enganando com aquela baboseira doce, mas não era a mim.

O cheiro de jasmim estava de volta, enchendo meu nariz com uma lembrança que parecia tanto accidental como nova. Qual seria?

Quando senti a pressão da sua mão contra a minha, forcei meus olhos a se abrirem, piscando contra a luz do sol. O rosto de Cate entrava e saía da minha visão. Ela ficou em pé e atravessou o quarto, fechando as cortinas transparentes. Isso ajudou um pouco, mas eu ainda estava tendo dificuldade em fixar a visão em qualquer coisa. Eu tinha relances de superfícies brilhantes e reluzentes. Uma cômoda branca, papel de parede roxo-claro, um despertador piscante, um espelho na parede oposta e nossos reflexos ali.

— Isso é real? — sussurrei.

Cate sentou na beirada da cama, da mesma forma que fizera em Thurmond, só que agora ela não estava sorrindo. Atrás dela, Martin estava encostado à parede vestindo calças e botas camufladas. Ele parecia uma pessoa completamente diferente. Eu não o reconhecera por completo à primeira vista. Seu rosto rechonchudo tinha emagrecido, afundando os olhos dele mais ainda no crânio. Alguém fora burro o bastante para dar-lhe uma arma.

— Estamos num abrigo seguro fora de Maryland — ela disse.

— Lee?

— Está seguro aqui também.

Não estou segura, pensei, com você, nunca é seguro.

Senti o ímpeto de me levantar do fundo dos ossos, era instinto agora. O

cansaço e a dor tinham arrancado todas as outras sensações de mim. Meus olhos analisavam o quarto — duas janelas, a única outra saída além da porta. Eu poderia quebrar o vidro. Eu forçaria Cate a se afastar com um único toque da minha mente contra a dela, pegaria Liam e poderíamos sair antes que alguém percebesse. Poderia dar certo.

— Nem tente — Cate disse, seguindo meus olhos. Ela tirou um pequeno objeto prateado do bolso traseiro de sua calça e o estendeu para mim, com o padrão áspero do alto-falante virado para cima. — Mesmo que conseguisse passar por mim, cada um dos agentes lá de baixo carrega um desses. A julgar pela última vez que você foi pega pelo Controle de Calma, você não seria muito útil para o Liam quando eles o levarem lá para fora e atirarem nele por causa de sua insubordinação.

Balancei o corpo.

— Eles não fariam isso —, mas eu vi a verdade disso nos olhos dela. Eles fariam. Eles arriscaram tudo para me tirar de Thurmond. Lutaram com rastreadores para me recuperar. Eu já vira na mente de Rob que, a despeito do que eles alegavam ser sua missão, eles não tinham receio em acabar com alguns garotos, se isso significasse pegar os que eles queriam.

— Como você pode chegar a pensar nisso? — Martin chiou. — Sabe quanto tempo ela perdeu procurando por você?

Cate acenou para que ele parasse. Quando ela se inclinou na minha direção de novo, vi que havia respingos de sangue na frente da camisa dela. Escuros. Secos.

A lembrança entrou em foco dolorosamente nítida.

— Bolota, o que aconteceu com Bolota?

Cate olhou para as mãos e algo em mim se apertou.

— Para ser sincera — ela disse — não sei bem. Não conseguimos entrar em contato com o grupo de agentes que o levou, mas sei que chegaram ao hospital. — Cate buscou as minhas mãos, mas eu não a deixei pegá-las. Pensar nisso revirou meu estômago. — Ele está seguro. Eles vão garantir que seja cuidado.

— Você não sabe disso — eu falei. — Você mesma disse.

— Mas eu acredito nisso — Cate disse.

Eu queria dizer a ela que suas crenças não valiam de nada, quando ela falou de novo. — Passei o mês passado procurando por você. Fiquei nessa área, esperando que você fosse aparecer, mas, Ruby, onde você estava? Para onde foi? Você parece... parece...

— East River — eu disse.

Cate respirou com força. Então a Liga ouvira sobre o que aconteceu.

— Ah, isso é perfeito — Martin disse, afastando-se da parede com um empurrão. Ele deslizou a alça do rifle por sobre o ombro e caminhou até mim. —

Ficou com a bunda sentada por semanas sem fazer nada? Já imaginava. Eu, enquanto isso, estou fazendo a diferença. Faço parte de algo.

Ele fez menção de tocar na minha perna, mas eu agarrei primeiro seu punho com força em minha mão. Eu queria ver pelo que ele passara com meus olhos, o treinamento, os instrutores gritando. Lancei-me à mais forte de suas lembranças e a desenrolei na minha mente. Eu queria dar uma olhada no nosso futuro.

A lembrança de Martin borbulhou como piche quente, formando-se e moldando-se até que eu estava onde ele esteve. O pacote que estava nas mãos dele agora pesava nas minhas. Senti seu peso dar câimbra em meus dedos, mas meus olhos estavam focados apenas nos números que subiam no display do elevador: 11, 12, 13... O sino tocava ao passar por cada andar, chegando ao 17.

Lancei um olhar astuto para a garota ao meu lado, vestida com um terno e saía, seu jovem rosto coberto por maquiagem o bastante para envelhecê-la muito além de sua idade. Ela segurava a valise de couro ao lado, como um escudo, e só quando ela a soltou, notei que suas mãos tremiam.

Eu usava um uniforme da FedEx, e podia me ver através dos olhos de Martin, refletida nas portas prateadas do elevador enquanto se abriam.

Estávamos num tipo de edifício comercial. Estava escuro lá fora, mas ainda havia homens e mulheres trabalhando, enfiados em seus cubículos, com os olhos colados às telas dos computadores. Eu não parei, no entanto, nem a garota ao meu lado. O rosto dela irrompera em suor, o suficiente para borrar sua maquiagem e eu senti uma ponta de irritação me atravessando ao ver isso.

O escritório maior estava localizado no canto mais longe ao fundo do prédio, e era para lá que eu estava indo. A garota apenas soltou um suspiro quando a deixei perto dos bebedouros. Ela estava ali para dar reforço. Essa era *minha* missão.

A porta do escritório estava fechada, mas eu podia ver o contorno de alguém por trás do vidro jateado. *Ele ainda está aqui.* Assim como, por sorte, sua assistente executiva. Ela pareceu confusa ao olhar para o pacote, mas bastou apenas um toque na parte de trás de sua mão. Os olhos dela ficaram vidrados, desfocados e eu sabia que a tinha. A mulher idosa levantou-se da cadeira e virou-se na direção da porta do escritório. Deixei o pacote ali em cima da mesa.

Livre daquele peso, apressei-me de volta para o labirinto de cubículos, avistando o olho da garota perto do bebedouro. Quando movi a cabeça na direção dos elevadores, ela acompanhou, olhando para a frente e para trás, entre o fosso do elevador e o andar do escritório, com o lábio preso entre os dentes.

Porém, ela não fez nada estúpido até estarmos do lado de fora. Desci os degraus correndo, dirigindo-me até a van da FedEx que aguardava e até o homem de cabelos escuros que estava sentado no banco do motorista. Eu já estava na porta, quando notei que ela não estava atrás de mim. A garota estava

congelada no topo dos degraus de mármore, com os olhos arregalados e o rosto pálido como a pedra sob seus pés.

Ela ia voltar correndo para dentro do prédio para avisá-los sobre o explosivo, para preveni-los. *Fraca.* As palavras atravessaram minha mente, nítidas como se tivessem sido escavadas ali. *Vá embora e morra. Traia a Liga e morra.*

Peguei a arma debaixo do banco e inclinei-me para fora da janela aberta. Mas não dei nenhum disparo. Lá em cima, no alto do décimo sétimo andar, uma explosão lançou uma chuva de vidro e concreto, e ela desaparecera sob seu peso.

A mão de Martin permaneceu ao meu lado e ele parou de se mexer. É isso o que significa ser um deles, pensei. É nisso que vão nos transformar. Eu entrara na mente dele para confirmar minhas suspeitas, mas até eu fiquei surpresa de como fora fácil. Semanas atrás, quando tínhamos acabado de sair, eu não tinha conseguido detê-lo. Agora, bastou ele esbarrar em mim e eu o dominei. Com um único toque.

Clancy ensinara bem.

Olhei para Martin de novo, sentindo um estranho tipo de pena por ele. Não pelo que eu estava prestes a fazer, ou pela forma como eu o estaria usando, mas porque ele pensava saber como era ser poderoso e estar no controle. Ele ainda acreditava mesmo que era mais forte do que eu.

Coloquei um dedo na parte de trás da mão dele, apenas um.

— Qual é seu nome? — perguntei-lhe.

A reação dele foi impagável. Não havia nem um pingão de cor em suas bochechas, e seus lábios começaram a tocar um no outro, tentando formar a palavra, tentando resgatar uma lembrança que não estava mais ali.

— De onde você é?

Eu podia ver o pânico agora, fazendo seus olhos saltarem. Mas eu ainda não tinha terminado.

— Você sabe onde está agora?

Eu quase me senti culpada — *quase* — quando vi a umidade começar a se juntar no canto dos seus olhos. Mas também lembrei de como ele *me* fizera sentir impotente e com medo, e até me arrependi de não ter feito mais. Um plano se formava na minha mente, e era quase terrível demais reconhecê-lo como vindo de mim.

— Eu não — ele arfou, ao dizer as palavras. — Eu não...

— Então, talvez, você devesse ir embora — eu disse, com uma voz fria.

Eu mal precisei empurrar a imagem dele fazendo isso. Ele saiu correndo do quarto, batendo a porta atrás dele. Correndo do monstro assustador.

Cate o encarou, com uma expressão ilegível no rosto.

— Impressionante.

— Pensei que ele precisava de um ajuste de atitude — eu disse. Mantive a

voz fria e estável, da forma como eu achei que ela quisesse. Eu vira o bastante para saber a crueldade que essas pessoas exigiam, e eu precisava que elas me quisessem. — Já que parece que vamos passar bastante tempo juntos agora.

Seu longo e pálido cabelo loiro caiu sobre os ombros, mas Cate não o negou. Estávamos presos aqui. Ela aceitara o trato de Liam.

— Acho que nunca foi uma escolha, para começo de conversa — continuei. — Alguma hora você teria que me trazer para cá.

— Você é um bem valioso para a resistência. — Cate ergueu a mão na minha direção, só para soltá-la antes que pudesse tocar meu rosto. Moça esperta. Ela sabia o que eu podia fazer. — Esperava que você fosse perceber isso sozinha.

— E quanto a Lee?

— Ele é um risco de segurança agora que viu esse abrigo e os agentes aqui. Ele está mais seguro conosco, Ruby. O presidente o quer morto. Tenho certeza de que ele perceberá isso... em algum momento.

Minhas mãos torceram os lençóis pálidos. Uma arma. Liam era uma arma. Liam, que mal conseguia perder a paciência sem se sentir culpado. Ele lutara tanto para escapar dessa violência, e eu... eu o virara bem na direção dela. Eles colocariam suas mãos nele e o moldariam bem à forma deles, e ele sairia como a mesma criatura sombria na qual ele lutara para não se transformar.

Eu estava respirando com força agora, embora por dentro eu estivesse calma como as águas do lago em East River. De uma só vez, a peça final se encaixou e eu sabia o que ia fazer.

— Ok — eu disse. — Eu vou ficar e não vou lutar com você ou manipular você. Mas se você quer que eu faça o que você diz... se quer usar minhas habilidades, ou fazer testes em mim, tenho uma condição. Você tem que soltar Lee.

— Ruby — ela começou, balançando a cabeça. — É muito perigoso, para todos os envolvidos.

— Ele é Azul. Você não precisa dele. Ele nunca será um lutador, não como você quer.

E se ele ficar aqui, vocês vão matá-lo.

Vocês matarão todas as partes boas dele.

— Eu posso fazer isso agora — eu disse a ela —, mas você não verá mais nada disso até soltá-lo. Até jurar que nunca vai atrás dele.

Cate me observou por um instante, com a mão pressionando a boca. Eu podia ver a indecisão no seu rosto. Eu usara Martin para mostrar-lhe exatamente o que podia oferecer a eles, e ele, ao que parece, já tinha provado a eles o Laranja valioso que podia ser. Esses não eram, no entanto, os termos que ela teria escolhido.

— Tudo bem — ela disse, enfim. — Tudo bem. Ele pode ir.

— Como sei que você vai manter sua promessa? — perguntei.

Cate parou e enfiou a mão de novo no bolso. O dispositivo prateado de Controle de Calma, a única coisa que evitava que eu entrasse na mente dela, ainda estava morno quando ela o pressionou na palma da minha mão. Meus dedos se fecharam ao redor dos dela.

— Eu juro por Deus — disse, devagar, com clareza, quando Cate olhou para mim. — Se você voltar atrás na sua palavra, eu acabo com você. E não vou parar, nunca, até ter destruído a vida de cada pessoa dessa organização. Acredite, você pode não cumprir suas promessas sempre, mas *eu* cumpro.

Ela acenou com a cabeça uma vez para mim, e havia algo quase que como orgulho nos olhos dela.

— Combinado — Cate disse, e nós estávamos entendidas.



Eles mantiveram Liam no quarto, na outra ponta do corredor, numa sala pintada de azul-claro. Da cor que você só encontrará no céu pouco antes do nascer do sol, talvez. Podia ter sido um berçário no passado. Havia nuvens pintadas no teto, e os poucos móveis restantes pareciam muito pequenos para um adulto comum.

Liam estava sentado na pequena cama, com as costas voltadas para mim. Primeiro, assim que fechei a porta atrás de mim, pensei que ele estivesse olhando para fora da janela. Conforme me aproximei, eu vi que, na verdade, ele estava com o olhar fixo no pedaço de papel enrugado em sua mão.

A cama afundou quando me arrastei sobre ela, enrolando os braços por trás do peito dele. Pressionei o rosto contra o dele, deixando minhas mãos vagarem até encontrarem a estável batida do coração dele. Ele fechou os olhos e recostou.

— Para o que você está olhando? — sussurrei.

Ele me entregou o papel sem falar nada, enquanto eu me movia para sentar-me ao lado dele. A carta de Jack Fields.

— Você estava certa — Liam disse após um instante. — Você estava muito certa. Devíamos ter lido. Saberíamos que não devíamos incomodar.

Foi a forma morta como ele falou, tão murcha, tão coberta de dor, que me fez amassar a carta e atirá-la do outro lado do quarto. Ele só balançou a cabeça, pressionando uma mão sobre os olhos.

Mexi no bolso interno do seu casaco, onde eu enfiara a carta de Bolota há tantos dias. Liam me observou puxando-a para fora e curvou-se ao meu lado.

— Ele me contou que não escrevera para eles — eu disse. — Ele a escreveu para você. Ele queria que você lesse.

— Não quero.

— Sim, você quer. Porque quando você sair daqui, vai querer dizer algo quando o vir de novo.

— Ruby — agora ele parecia nervoso. Ele tirou o braço de volta dos meus ombros e ficou em pé. — Você acha mesmo que, se ele sobreviver, eles vão nos deixar vê-lo? Você acha que eles vão deixar *a gente* ficar junto? Não é assim que essas pessoas trabalham. Eles vão controlar todos os nossos movimentos, até quem encontramos e o que comemos. Acredite, será muita sorte se ao menos descobrirmos que ele está vivo, o que dirá saber se o trouxeram para treinamento.

Liam caminhou pelo quarto uma, duas, três vezes, e pareceu que uma hora havia passado antes que eu tivesse coragem de abrir a carta de Bolota.

O quarto ficou em silêncio por um bom tempo.

— O que? — Liam perguntou, enfim. A voz dele estava envolta em medo. — O que diz?

Estava em branco. Não havia nada escrito na folha de papel, além do nome e do endereço dos pais de Bolota, e nunca houvera. Nem uma gota de tinta sequer.

— Não entendo... — eu disse, passando-a para ele. Isso não podia estar certo. Talvez ele tenha perdido a carta original, ou estava carregando a verdadeira consigo mesmo. Quando olhei para cima de novo, Liam estava chorando. Destruindo a carta numa mão, com a outra pressionada contra os olhos. E, então, eu percebi que ele já sabia a resposta.

Bolota não escrevera nada porque ele não achou que precisaria. Ele pensou que seria capaz de dizer aos pais tudo o que queria dizer pessoalmente. Ele acreditava que iria para casa.

Os joelhos de Liam pareciam ter afrouxado debaixo dele quando ele sentou de novo na cama. Ele baixou a testa para descansá-la no meu ombro, e eu enrolei ambos os braços em volta dele. *Ele acreditou em você*, eu queria dizer. *O tempo todo, ele acreditou em você*.

Senti-me muito mais velha naquele momento. Não com dezesseis anos, nem com sessenta, nem mesmo cem, mas com mil anos de idade. Mais velha, mas não frágil. Eu me senti como uma das árvores de carvalho que ladeavam a rodovia acima do Vale Shenandoah, com raízes profundas e tronco forte.

Ele vai embora, pensei, ele vai para casa.

Durante muito tempo, não fiz nada além de abraçá-lo. Eu queria memorizar a forma como o cabelo dele cacheava nas pontas, a cicatriz na ponta dos seus lábios. Eu nunca sentira o corte do tempo tão forte quanto naquele instante. Por que ele só parecia congelar ou andar em alta velocidade?

— O mais louco é que eu tinha todos esses planos — ele sussurrou. — O que iríamos fazer. Todos os lugares para os quais eu ia levar você. Eu queria mesmo que você conhecesse Harry — a janela deixou entrar a luz da tarde. Senti suas mãos caminharem pela extensão do meu braço. — Vamos ficar bem. — Liam disse. — Só não podemos deixar que nos separem.

— Eles não vão — sussurrei. — Eu estava pensando... sei que isso vai soar brega, mas... se houve alguma coisa boa nisso tudo, foi o fato de eu ter te conhecido. Eu passaria por tudo isso de novo... — lágrimas pinicavam meus olhos. — Eu passaria, contanto que significasse que eu ia te conhecer.

— Você acha isso mesmo? — Liam sentou-se e pressionou os lábios no meu cabelo. — Porque, francamente, como eu vejo você e eu? É inevitável. Digamos que não tivéssemos ficado presos nesses acampamentos horríveis... não, só escute. Vou contar a incrível história de nós dois.

Liam pigarreou de novo e virou-se para olhar para mim por completo.

— Então, é verão e você está em Salem, sofrendo durante outro mês de julho, entediante e quente, e trabalhando meio período numa sorveteria. Naturalmente, você sequer percebe o fato de que todos os garotos do seu colégio que visitam o lugar todos os dias estão mais interessados em você do que nos trinta e um sabores. Você está concentrada na escola e em suas dúzias de clubes, porque quer entrar numa boa faculdade e salvar o mundo. E bem quando você pensa que vai morrer se tiver que fazer outro simulado de vestibular, seu pai pergunta se você quer visitar sua avó em Virgínia Beach.

— É? — encostei a testa no peito dele. — E você?

— Eu? — Liam disse, enfiando uma mexa de cabelo atrás da minha orelha. — Estou em Wilmington, sofrendo durante outro verão entediante e quente, trabalhando uma última vez na oficina do Harry antes de ir para alguma universidade chique — onde, devo acrescentar, meu colega de quarto será um chatinho-sabe-tudo-coração-de-ouro chamado Charles Carrington Meriwether IV, mas ele não faz parte dessa história, ainda não — seus dedos enroscaram-se no meu quadril, e eu podia senti-lo tremer, mesmo com a voz firme. — Para comemorar, mamãe decide nos levar para Virgínia Beach por uma semana. Estamos lá, só há um dia, quando começo a olhar de relance essa garota de cabelo escuro andando pela cidade, com o nariz enfiado num livro, com fones de ouvido e música alta. Mas não importa o quanto eu tente, nunca consigo falar com ela. Então, por obra do nosso amigo Destino, em nosso último dia na praia, eu a avisto. Você. Estou no meio de um jogo de vôlei com Harry, mas parece que todo mundo desaparece. Você está andando na minha direção, com grandes óculos de sol, com um vestido verde-claro e, de alguma forma, eu sei que combina com seus olhos. E, então, porque, sejamos sinceros, eu sou quase um deus do Olimpo quando se trata de esportes, eu consigo mandar a bola bem no seu rosto.

— Ai — eu disse com uma leve risada. — Parece dolorido.

— Bem, você pode imaginar como eu reagiria a essa situação. Eu me ofereceria para carregá-la até a estação do guarda-vidas, mas você pareceria querer me assassinar só de ter sugerido isso. No fim, graças ao meu charme ofuscante e à minha sagacidade — e porque eu sou tão patético que você fica

com pena de mim — você me deixa pagar um sorvete para você. E, então, você começa a me contar que trabalha numa sorveteria em Salem e como se sente frustrada por ainda faltarem dois anos para a faculdade. E, de alguma forma, *de alguma forma*, eu pego seu e-mail, ou seu apelido, ou talvez, se eu tiver muita sorte, seu telefone. Então, conversamos. Eu vou para a faculdade e você volta para Salem, mas mantemos contato o tempo todo, falamos sobre tudo e, às vezes, fazemos aquela coisa estúpida, quando não temos mais nada para dizer e só paramos de falar e escutamos a respiração um do outro até um de nós dormir.

— ... e Bolota tira sarro de você por isso — acrescentei.

— Ah, sem piedade — ele concordou. — E seu pai me odeia, porque ele acha que estou corrompendo sua linda e doce filha, mas, ainda assim, me deixa visitá-lo de vez em quando. É aí que você me conta sobre estar dando aulas a uma garota chamada Suzume, que vive a algumas cidades de distância...

— ... mas que é a garotinha mais legal do planeta... — consegui soltar.

— É — Liam disse. — Quer tentar o final?

Nesse instante, não consegui me segurar. Levei as duas mãos até o rosto, pressionando os dedos contra os olhos.

Eu tinha que fazer agora, ou nunca faria. Não conseguiríamos nos esconder aqui para sempre. Eles podiam mudar de ideia sobre ele ir embora, tão rápido quanto fizeram da primeira vez.

Sentei-me e limpei as lágrimas do rosto, cerrando os dentes. Liam ergueu-se para sentar-se ao meu lado na beirada da cama, com um olhar preocupado em seu rosto. Por um instante, eu fiquei aterrorizada que ele soubesse o que eu estava prestes a fazer.

Ele inclinou a cabeça para o lado, com um leve sorriso curvando o canto dos lábios. Tentei sorrir de volta, mas, por dentro, eu estava desmoronando. — O quê?

Quando nos levaram para os acampamentos, tiraram tudo. Arrancaram nossos amigos e nossa família, tiraram nossas roupas, tiraram nosso futuro. A única coisa que conseguimos manter foi nossa memória, e agora eu estava prestes a tirá-la dele também.

— Feche os olhos — sussurrei. — Vou terminar a história.

Senti o formigamento na minha mente, e deixei que se transformasse num rugido. E, quando o beijei, quando meus lábios tocaram os dele uma última vez, entrar na mente dele foi tão fácil como tomar sua mão.

Eu o senti mover-se para trás, eu o escutei dizer meu nome em alarme, mas não o deixei escapar. Arranquei-me da mente dele, dia a dia, parte por parte, memória por memória, até não sobrar nada da Ruby para deixá-lo triste ou amarrado ao meu lado. Foi uma sensação estranha de rebobinagem, uma que eu jamais sentira, ou talvez uma que eu jamais reconheceria até aquele momento.

O problema de Bolota surgiu no fundo da minha mente, e eu tive um meio-segundo para tomar uma decisão. Se ele estivesse vivo — e ele devia estar, não havia alternativa para mim — a Liga o traria para cá. Mas se Liam soubesse disso, ele voltaria para achar uma forma de tirá-lo dali, e o trato valeria para nada.

Eu tomaria conta de Bolota. *Eu* iria ajudá-lo a fugir da Liga. Não havia motivo para Liam não pensar que seu amigo havia voltado para casa, para seus pais, não havia razão para ele precisar de outra distração para chegar em casa. Era um simples ajuste, um curativo rápido numa lembrança feia...

E, então, eu estava sem ar e sem tempo. A porta atrás de mim foi aberta e eu me afastei de Liam. Ele permaneceu duro como tábua, com as mãos pousadas nos joelhos, os olhos bem fechados. O olhar de Cate foi e voltou entre nós, juntando as sobancelhas. Fiquei em pé e fui para o lado dela.

Um instante depois, os olhos azuis brilhantes de Liam abriram-se e ele estava me vendo. Ele só não estava vendo a Ruby.

— O que aconteceu? — ele perguntou, olhando entre Cate e eu. Ele estendeu as mãos para tocar o rosto, que ainda estava inchado e espancado.

— Você sofreu um acidente de carro — eu disse. — A Liga te pegou.

Cate ficou imóvel ao meu lado, e eu notei a repentina compreensão nas feições dela, com o canto do olho.

— A Liga... — ele repetiu, encolhendo os olhos.

— Sim, mas se você estiver bem o suficiente, pode ir embora — Cate disse, quando se recuperou. — Seu irmão pediu que te dêssemos dinheiro para a passagem de ônibus.

— Aposto que sim — Liam grunhiu ao procurar os sapatos no chão. — Por que não me lembro do acidente?

Não sei se Cate percebeu como estava mostrando com clareza o choque no rosto. A mão dela flutuou na direção do meu ombro — para me estabilizar, ou a ela mesma, não tive certeza — mas eu me afastei.

— Sua cabeça ainda dói? — consegui dizer, engasgada. Eu ainda usava o casaco dele. Eu não conseguia tirá-lo. — Você bateu bem forte.

— Um pouco — ele admitiu. Eu não gostei da forma como ele olhou para mim, unindo as sobancelhas para concentrar-se. — E a Liga simplesmente vai me deixar ir embora?

Cate afirmou com a cabeça e atirou-lhe um envelope. Liam jogou-o de volta para ela.

— Não quero seu dinheiro.

— O procedimento para entrar em contato com seus pais também está aqui — ela disse.

— Não quero — ele disse. — Não preciso disso.

— O que eu devo dizer ao Cole?

Liam ergueu-se sobre pernas instáveis.

— Fale para ele ir para casa, e, então, podemos conversar. — ele voltou-se para mim. — E você? Você é mesmo um deles? Você parece ter muito mais bom senso do que isso.

Sem palavras, peguei o envelope de Cate. Quando o apertei na mão dele, ele não jogou de volta para mim.

— É melhor você ir andando.

— Não vou agradecer — ele nos disse. — Não pedi a ajuda de vocês.

Cate o conduziu para o corredor.

— Você não precisa, e nunca vai precisar.

Ele começou a descer as escadas.

— Ei — gritei. Liam parou, virando-se para cima de novo, para olhar para mim. — Tome cuidado.

Seus olhos azuis piscaram para a frente e para trás, entre mim e Cate.

— Você também, querida.

Eu o observei partir através da janela que dava para a rua, acompanhando sua figura familiar, enquanto ele saía e fechava a porta atrás de si. Sem carro, sem ninguém para cuidar, ninguém para ajudar. Ele estava livre, por completo.

E ele parecia feliz. Seguro de si, ao menos. Seus pés sabiam, por instinto, a direção da sua casa. Agora nada mais o impedia de chegar lá.

Liam passou pela cerca branca que rodeava a casa e pisou na calçada. Ele puxou o capuz do moletom para cima e olhou para os dois lados antes de correr pela rua. Eu o observei ficar cada vez menor, e menor, a cada passo.

O mundo inteiro será seu inimigo, Príncipe com Mil Inimigos, pensei, e onde quer que te apanhem, eles o matarão. Mas, primeiro, eles devem te apanhar, escavador, ouvinte, corredor, príncipe, com um aviso breve.

Seja esperto e cheio de truques e seu povo jamais será destruído.

Cate veio por trás de mim, passando a mão pelo meu cabelo.

— Você será feliz com a gente — ela disse. — Vou cuidar de você.

Fechei as cortinas transparentes, deslizando os dedos sobre sua superfície sedosa. Eu a observei por um instante, procurando a pista que revelaria sua mentira. Imaginei se ela ainda pensava que eu era a garota que ela carregara para fora de Thurmond, que chorara da primeira vez que vira as estrelas.

Porque ela não sabia que havia duas de mim agora, divididas entre tudo o que eu queria e tudo o que agora eu deveria ser. Uma delas, a parte mais dura, mais revoltada, ficaria com esses monstros e veria a si mesma, devagar, transformando-se na figura deles. Mas havia outra e secreta Ruby. Essa era fina como uma brisa e havia lutado por muito tempo apenas para ser. Era essa que Liam carregara com ele, sem saber. Aquela que viajaria em sua mochila, sussurraria palavras de encorajamento, lhe diria que ele nasceu para ir onde a luz está.

Pela primeira vez em meses, eu ouvi a voz de Sam sussurrar em meu ouvido: *Não tenha medo. Não os deixe ver.*

Afastei-me da janela e não olhei para trás.

AGRADECIMENTOS

COMO DIZ A VELHA CANÇÃO “EU VOU LEVANDO COM uma ajudinha dos amigos”[\[15\]](#), e esse é definitivamente o caso. Meus agradecimentos para:

Minha família, é claro, por toda uma vida de amor e suporte. Vocês me inspiram todos os dias.

Merrilee Heifetz, minha maravilhosa agente, que trabalhou sem descanso em nome desse projeto e esteve por trás dele, de uma forma incrível, desde o início. Igualmente, devo meus agradecimentos para Genevieve Gagne-Hawes, por seu *feedback* inicial, que ajudou a moldar a história no que ela é hoje.

Toda a equipe da Disney Hyperion, em especial minha editora, Emily Meehan. Tanto ela quanto Laura Schreiber tomaram conta dessa história de forma incrível, e não há um dia em que eu não pare e pense como tenho sorte por trabalhar com tamanho talento.

Meus primeiros leitores, em especial Sarah J. Maas, que gritou e riu em todos os momentos certos, e Carlin Hauck, que ajudou a dar suporte à minha imaginação com ciência de verdade.

Todos da RHCB, por seu apoio inabalável, pelo interesse e pela compreensão.

E, enfim, não há palavras adequadas no mundo para expressar como sou grata por Anna Jarzab, por amar essa história tanto quanto eu. Sou abençoada por tê-la como defensora, mas ainda mais privilegiada por poder chamá-la de amiga.

*Para Stephanie e Daniel,
que estiveram comigo em todas
as minivans.*

SOBRE A AUTORA

ALEXANDRA BRACKEN tem apenas 26 anos e já foi indicada ao prêmio de Melhor Autora Estreante no ano de 2010 GoodReads Choices Awards.

Ficou em terceiro lugar, abaixo de dois best-sellers adultos do The New York Times. Depois de se formar na Universidade de William & Mary, em 2009, ela mudou-se para Nova York, onde agora trabalha com publicações infantis e prepara a continuação desta trilogia. Visite-a online em www.alexandrabracken.com

Saiba mais sobre esta série no site:

www.editoraid.com.br

NOTAS

- [1] James Madison foi o quarto presidente dos Estados Unidos, de 1809 a 1817, e o Condado de Orange faz parte do Estado da Virgínia. (N.E.)
- [2] Antietam National Battlefield, em Maryland, é um parque nacional localizado na cidade onde ocorreu a batalha de Antietam, também conhecida como batalha de Sharpsburg, em 17 de setembro de 1862. (N.E.)
- [3] Original em inglês *Watership Down*, clássico livro da literatura britânica.
- [4] Ruby Tuesday é uma canção dos *Rolling Stones*.
- [5] *Old Maid* e *Go Fish* são jogos de cartas populares com regras simples.
- [6] Taser é uma arma de eletrochoque.
- [7] Reserva Ecológica Nacional do Pântano de Great Dismal, localizada na fronteira da Virgínia com a Carolina do Norte.
- [8] Em inglês, *Evil dead 2*, filme de horror clássico da cultura pop dos anos 1980.
- [9] Em inglês, *The heart is a lonely hunter*, de Carson McCullers, publicado em 1940.
- [10] *Howards end*, livro de Edward Morgan Forster, publicado em 1910.
- [11] Em inglês, *The spy who came in from the cold*, livro de John Le Carré publicado em 1963.
- [12] Em inglês, *The sound and the fury*, de William Faulkner.
- [13] *Lord of the flies*, livro de William Golding, escrito em 1963.
- [14] NT: tradução literal: “bola flutuante”.
- [15] “I get by with a little help from my friends”, trecho da canção *With a little help from my friends*, dos Beatles (John Lennon/Paul McCartney).

Publicado originalmente com o título: *The Darkest Minds*

Copyright © 2012 por Alexandra Bracken

Criação e ilustração da capa © Sammy Yuen.

Usada com permissão da Disney - Hyperion Books.

Todos os direitos reservados.

Tradução: Mariana Zambon

1ª edição digital 2013

ISBN 978-85-16-08818-7

Reprodução proibida.

Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Todos os direitos reservados.

Editora Moderna Ltda.

Rua Padre Adelino, 758 - Belenzinho

São Paulo - SP - Brasil - CEP 03303-904

Atendimento: tel. (11) 2790 1258 e fax (11) 2790 1393

www.editoraid.com.br

DE ACORDO COM
AS
NOVAS
NORMAS
ORTOGRÁFICAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bracken, Alexandra
Mentes sombrias [livro eletrônico] / Alexandra
Bracken ; tradução de Mariana Zambon. -- 1. ed. --
São Paulo : Moderna, 2013.
6 Mb ; e-PUB

Título original: The Darkest Minds

1. Ficção - Literatura brasileira I. Título.

13-06969

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93